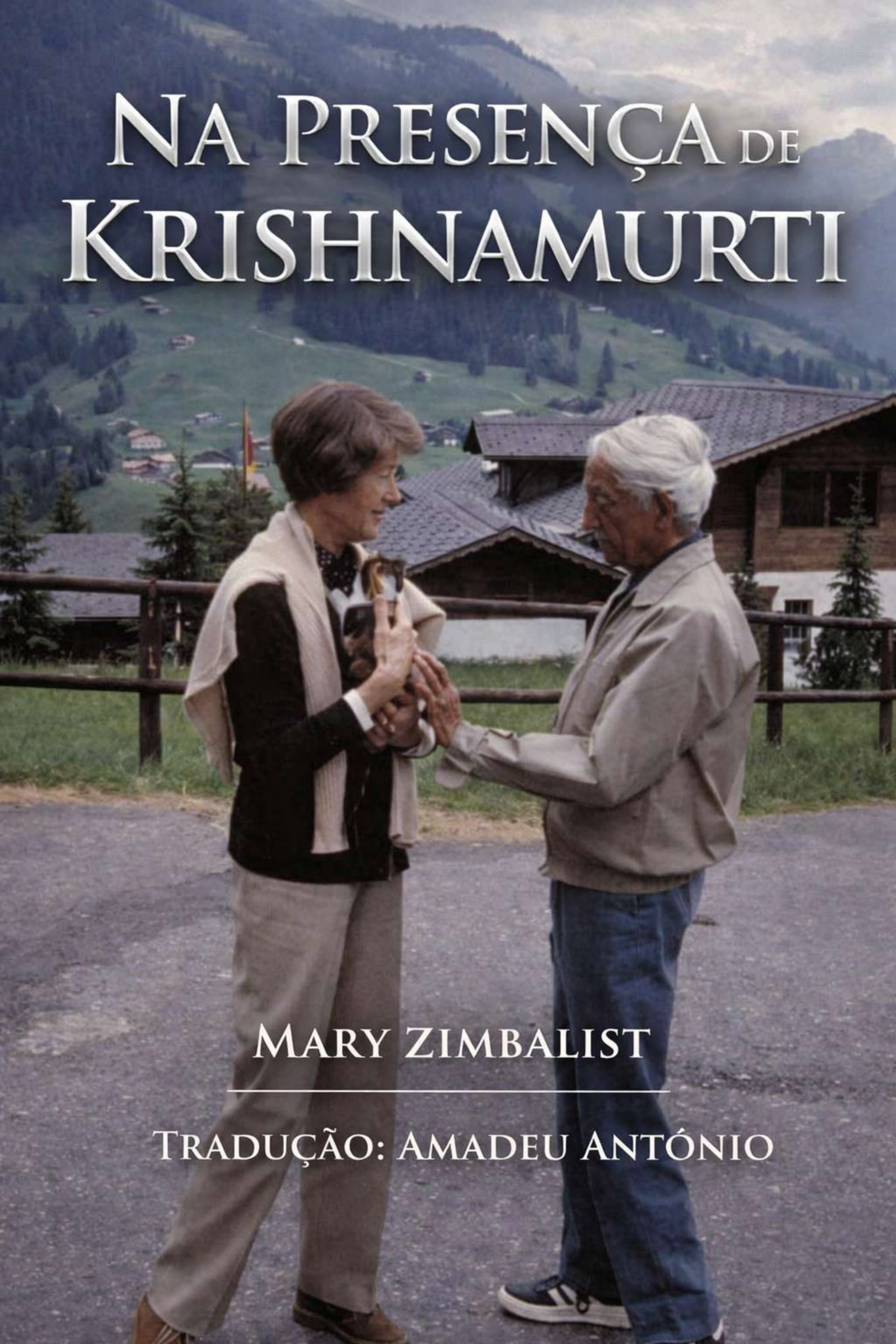
# Na Presença de Krishnamurti

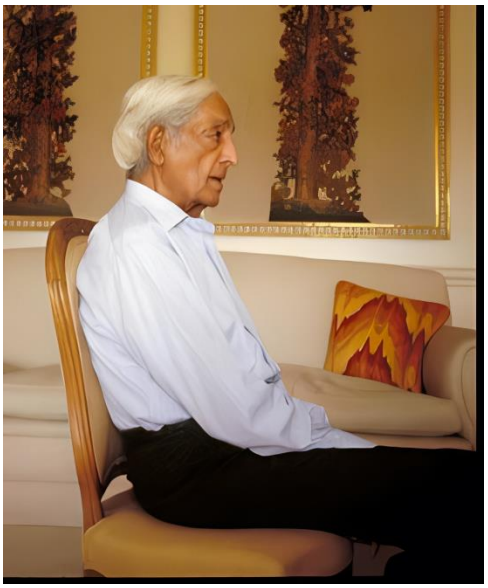


Mary Zimbalist

Tradução: Amadeu António

# NA PRESENÇA DE KRISHNAMURTI

O LIVRO INACABADO DE MARY ZIMBALIST



Editado por Scott H. Forbes, 2016

## PREFÁCIO

Krishnamurti pediu a Mary Zimbalist que escrevesse um livro sobre como era estar com ele, tarefa para a qual Mary estava singularmente apta. Mary começou a escrever este livro em 1986, pouco depois da morte de Krishnaji, e trabalhou diligentemente nele até cerca de 2007, durante vinte e um anos. Em 1994, após oito anos de escrita, tornou-se claro que Mary tinha dificuldades em transmitir tudo o que desejava, e preocupava-se com a possibilidade de nunca terminar o seu livro e, consequentemente, falhar o pedido de Krishnaji. Assim, em 1994, pensando que isso a ajudaria, sugeri-lhe que discutíssemos as nossas memórias de Krishnaji, enquanto eu gravava essas conversas em fita áudio. Ela gostou desta abordagem para transmitir as suas recordações e, para minha surpresa, começou a ler-me os diários que mantivera como base para as nossas conversas. Os diários tinham sido sempre mantidos estritamente privados. As nossas conversas continuaram quase até à sua morte, em 2008, e a transcrição dessas conversas constitui as suas memórias, que muitos de vós já leram.

Mary queria que o seu livro se intitulasse *Na Presença de Krishnamurti*, pelo que acrescentei o subtítulo *As Memórias de Mary Zimbalist* às suas memórias. Parece apenas correcto utilizar também o título que ela criou para o seu livro, pelo que chamamos ao livro *Na Presença de*

*Krishnamurti: O Livro Inacabado de Mary*, esperando que isso não cause demasiada confusão.

Mary interrompeu a escrita em parte porque sentia que as nossas conversas gravadas tornavam desnecessárias as suas continuadas tentativas de escrever um livro, mas também porque tinha então noventa e dois anos e escrever era penoso; contudo, é uma pena que nunca tenha terminado o livro. As nossas conversas são, de facto, mais detalhadas do que o livro — aquilo a que Mary chamava os dois primeiros capítulos do seu livro ocupa sete páginas, enquanto o mesmo material nas suas memórias requer trinta e sete páginas. Mas as diferenças entre as memórias de Mary e o seu livro não se resumem aos detalhes, e esclarecer essas diferenças talvez explique porque acredito que tanto as memórias de Mary como o seu livro inacabado funcionam bem em conjunto para cumprir a intenção de Krishnaji: transmitir como era estar com ele.

*O Livro Inacabado de Mary* destina-se claramente a um público geral de pessoas que nunca conheceram nem Mary nem Krishnamurti. As memórias de Mary, por outro lado, são conversas suas com um amigo próximo, familiarizado com a maior parte das pessoas da história. Consequentemente, existe nas memórias uma intimidade que não está presente no livro. Mas a maior objetividade traz algumas vantagens.

*O Livro Inacabado de Mary* também não sofre da intrusão de um entrevistador; é verdadeiramente apenas Mary a falar com o seu público, e isso tem valor. A minha participação aumentou à medida que as memórias de Mary avançavam, porque Mary queria que eu contribuísse para as nossas discussões sobre acontecimentos em que eu estivera presente; ela insistia que as nossas conversas para as suas memórias tinham uma natureza colaborativa. *O Livro Inacabado de Mary*, contudo, está felizmente livre de qualquer voz que não seja a de Mary, e por isso a sua narração possui uma fluidez e continuidade que uma colaboração não permite.

Outra diferença entre as memórias de Mary e o seu livro é que, nas nossas conversas, Mary dizia frequentemente certas coisas e depois acrescentava que aquilo que acabara de dizer teria de ser retirado de qualquer versão pública dessas conversas até que as pessoas envolvidas morressem e, assim, já não pudessem ser magoadas. Essas secções foram retiradas das suas memórias, mas isso dá-nos uma pista sobre uma

diferença de propósitos que Mary via entre as suas memórias e o livro que estava a escrever: as memórias são o registo histórico completo, a apresentação integral, "com todas as imperfeições", daquilo que Mary testemunhou. Quando todos nós, os envolvidos na história, tivermos desaparecido (o que já não está assim tão distante) e os nossos sentimentos já não puderem ser feridos, nem as imagens que temos de nós próprios necessitarem de proteção, então existirá para o mundo o relato completo dos últimos vinte anos de Krishnaji. *O Livro Inacabado de Mary* não se destinava a isso.

Existe também a inevitável diferença entre aquilo que é falado e aquilo que é cuidadosamente escrito. A escrita de Mary é muito bela e profundamente evocativa, e nela ela toma tempo para descrever acontecimentos, lugares e coisas. Infelizmente, tudo o que possuímos é o primeiro rascunho de Mary, e podemos ter a certeza de que, se tivesse tido energia e tempo para concluir e aperfeiçoar esta obra, ela seria ainda mais bela e evocativa. Ainda assim, parece apenas justo que as pessoas interessadas possam ver o resultado do esforço de Mary, por mais inacabado e por polir que esteja.

Naturalmente, leitores já familiarizados com as memórias de Mary reconhecerão as pessoas, lugares e acontecimentos que Mary descreve no seu livro inacabado, ainda que de forma abreviada, mas isso provavelmente agradará a muitos que não desejavam todos os detalhes das suas memórias. Tenho também a certeza de que, sendo o livro inacabado apenas a doce voz da própria Mary, muitos leitores sentirão que passam a conhecê-la melhor, e isso, por si só, é maravilhoso.

**Scott Forbes, Janeiro de 2016**

---

## PARTE 1: 1944 – 1967

### Capítulo Um

Isto é algo que nunca planeei escrever. Depois, um dia, na Primavera de 1972, Krishnamurti pediu-me que registasse diariamente notas sobre "como era estar com o homem de Madanapalle"[1], e mais tarde, ao longo dos anos, repetiu essa instrução. Desde a minha primeira ida à Índia, em 1965, eu mantivera, de forma intermitente, um registo de acontecimentos e

de coisas que ele dissera, e continuei a fazê-lo enquanto viveu. Depois da sua morte, durante algum tempo, escrever sobre ele pareceu-me uma tarefa esmagadora; o extraordinário privilégio que tive em estar com ele não me parecia algo que me pertencesse para usar de qualquer modo, e eu hesitava em introduzir-me a mim própria em qualquer relato. Mas, lentamente, comecei a perceber que esse mesmo privilégio também não me pertencia para guardar; que a história das vidas ou dos acontecimentos é um mosaico composto pelos testemunhos de testemunhas ou participantes em acontecimentos que atravessaram o tempo. E há também o facto incontornável de ele me ter pedido que escrevesse.

Uma pista adicional surgiu mais tarde, quando um convidado à mesa do almoço me perguntou como conhecera Krishnamurti. Descrevi como isso acontecera e Krishnaji, sentado do outro lado da mesa mas não participando na conversa, disse subitamente: "É aí que começa a tua história." E assim começo.

Tudo começa em 1944, em Los Angeles. Eu passara para ver um médico, que também era amigo, e com quem frequentemente discutia psiquiatria, e em particular psicanálise. Não era essa a sua especialidade, mas interessava-lhe e, como eu acabara de concluir uma longa análise, costumávamos falar sobre assuntos da mente. Nesse dia específico, ele acabara de regressar de uma visita a um colega, também médico, que, ao descobrir que sofria de um grave problema cardíaco, surpreendera família e amigos ao partir para a Califórnia "para aprender a morrer com um homem chamado Krishnamurti". Intrigado com isto, o meu amigo conduzira até Ojai e, enquanto visitava o amigo, conhecera Krishnamurti. "É o homem mais extraordinário e sabe mais sobre a mente humana do que qualquer pessoa viva ou morta", relatou o meu amigo.

Devo ter lido algo sobre ele, porque o nome Krishnamurti não me era desconhecido, mas significava pouco mais do que a história de um rapaz na Índia, descoberto e educado para ser uma espécie de messias, mas que mais tarde renunciara a tudo isso. Pouco tempo depois desse encontro com o médico, ouvi, por coincidência, que esse mesmo Krishnamurti iria dar uma série de palestras públicas em Ojai, e fui por mera curiosidade. O encontro realizou-se em Maio, ao ar livre, num bosque de carvalhos. Um público relativamente numeroso estava sentado na relva. Pouco depois apareceu um homem que parecia mover-se silenciosa e simplesmente, com graça, grande

dignidade e silêncio à sua volta. Ficou de frente para a multidão, olhando durante alguns momentos para os rostos, e então começou a falar. Não tinha notas. O seu sotaque era inglês, mas com uma cadência própria. As suas palavras alcançavam profundamente a atenção de quem o escutava. Hoje recordo pouco dessa palestra longínqua, exceto que ele disse que o autoconhecimento é o começo da sabedoria.

Comprei algumas palestras impressas, levei-as para casa e passei os dias seguintes a discutir com elas. A minha formação psicanalítica foi desafiada, mas felizmente depressa percebi que, se queria compreender o que Krishnamurti estava a dizer, devia ir ouvi-lo. No fim-de-semana voltei a Ojai, ouvi-o e saí de lá com aquilo que, desde então, se tornou o interesse central da minha vida.

Soube que Krishnamurti por vezes recebia pessoas em entrevistas privadas e, depois de lhe escrever a pedir uma, foi-me dada uma marcação. O endereço era uma casa em Hollywood e, quando toquei à campainha, a porta foi aberta pelo próprio Krishnamurti. Disse-lhe o meu nome, e ele assentiu com uma ligeira vénia e grave cortesia. Sentou-se diante de mim numa cadeira direita e esperou que eu falasse. Já não me lembro quanto tempo ali permaneci, mas a qualidade da sua atenção total permitiu-me abrir-lhe completamente a minha vida. A sua perceção ia mais longe, mais fundo, sem necessidade de fazer muitas perguntas, e quando saí senti como se a minha cabeça tivesse sido esvaziada e colocada de novo em ordem.

O ensinamento de Krishnamurti surgiu num momento da minha vida em que a psicanálise já resolvera muitas coisas, mas eu sentia agora necessidade de compreender questões mais amplas e fundamentais: O que é a vida humana? O que existe para além da perceção individual? Existe algo real que não seja projeção minha ou projeção de outra pessoa? Durante o meu crescimento, sentira-me atraída por aquilo que pareciam sentimentos religiosos, mas era incapaz de aceitar as crenças da religião organizada formal, tal como apresentadas pela Igreja. Creio que aquilo que inicialmente me atraiu no ensinamento de Krishnamurti foi o seu iconoclasmo absoluto. Parecia arrancar completamente o tapete debaixo de todas as certezas confortáveis sobre as quais vivemos e das quais dependemos. Isso pareceu-me maravilhoso e exaltante.

No período que se seguiu, fui convidada a integrar um pequeno grupo de discussão ao qual Krishnamurti vinha ocasionalmente. Uma ou duas

vezes sentei-me ao lado dele em jantares na casa de amigos, mas na verdade não o conhecia. Nesses momentos era silencioso, muito tímido e extremamente educado, mas distante. Continuei a assistir às suas palestras sempre que podia, mas o meu marido, que comparecera a algumas reuniões mais pelo meu interesse do que pelo dele, estava muito ocupado com o trabalho, tanto na Califórnia como no estrangeiro, pelo que foi através das obras publicadas que mantive contato com as palestras de Krishnamurti.

Alguns anos depois, o meu marido morreu muito subitamente de um ataque cardíaco. Foi uma morte também para mim, mas algures no choque da dor havia algo que insistia, como se tentasse fazer-se ouvir através da finalidade da morte, dizendo-me, mostrando-me, que existia uma tarefa que eu tinha de cumprir, uma única importância — ver, compreender a realidade de algo sem nome que eu pressentira no ensinamento de Krishnamurti. Essa insistência era curiosa, como alguém a bater a uma porta, passando para além da emoção pessoal.

Essa convicção permaneceu, mas eu desconfiava de agir por reação ou de procurar refúgio. Precisava de enfrentar aquilo que sentia e não desviar o olhar nem procurar ajuda. Isso significava não ir escutar Krishnamurti em estado de fragilidade, mas apenas quando fosse capaz de ouvir com compreensão.

Em 1960, após vários anos sem falar em Ojai, Krishnamurti regressou para dar uma série de palestras no final de Maio. Tinham sido anunciadas oito palestras, mas à terceira foi dito que haveria apenas quatro devido ao seu estado físico. Apesar disso, concordara em conceder um número limitado de entrevistas pessoais, e o meu pedido foi um deles. O tema era a morte, e ele pareceu compreender até que ponto eu já percebera que o sofrimento pode ser autopiedade pela própria privação, e que a necessidade de compreender a morte não surgia apenas da perda pessoal. Seguiu-se uma conversa extraordinária, mas a essência do que ele me disse foi que morrer deve fazer parte do viver, que é preciso morrer para tudo todos os dias. Só então se vive plenamente, de novo e fresco a cada instante.

Krishnamurti não regressou a Ojai, pelo que, para o ouvir novamente, fui no Verão de 1964 a Saanen, na Suíça. Foi para mim um período intenso. Krishnamurti deu dez palestras, seguidas de oito discussões diárias com o público que assistira às palestras. Tudo isto teve lugar numa grande cúpula geodésica concebida por Buckminster Fuller[2], montada num campo junto

ao rápido e cinzento rio Saanen. Caminhei muito, imersa naquilo que ouvia e na beleza do Verão alpino. Um dia, uma amiga, Iris Tree[3], levou-me ao Chalet Tannegg, onde conheci pela primeira vez a Signora Vanda Scaravelli[4]. Krishnamurti, que a conhecia há muitos anos e ficara hospedado na casa da sua família em Florença, era então seu hóspede em Gstaad enquanto dava as palestras na vizinha Saanen. Recordo a sua graça nesse dia e os seus olhos tranquilos.

Poucos dias depois disseram-me que regressasse ao chalé porque teria uma entrevista com Krishnamurti. Foi, mais uma vez, para mim, uma exploração intensa, um desfazer de nós e uma descoberta, e no final, após uma hora e meia, perguntou-me se partiria depois das palestras, dizendo que haveria discussões privadas para algumas pessoas, às quais eu poderia assistir se pudesse permanecer em Gstaad. Houve oito dessas discussões, com cerca de trinta pessoas reunindo-se diariamente. Essas discussões foram gravadas, tal como todas as reuniões públicas, e quando alguns do grupo disseram como gostariam de as rever, ofereci-me para as transcrever. Recebi então a informação de que Krishnamurti não podia dar autorização para isso, que apenas o Sr. Rajagopal[5] o podia fazer. Isso pareceu-me surpreendente, mas nada mais disse até mais tarde, quando regressei à Califórnia.

Conhecera Rajagopal alguns anos antes, pois ele fazia parte dos pequenos grupos de discussão a que eu assistira inicialmente em Los Angeles, sendo também amigo de alguns dos meus amigos. Durante muitos anos fora associado de Krishnamurti e responsável pela organização chamada *Krishnamurti Writings, Inc.*, que tratava de todos os preparativos das palestras, publicações, angariação de fundos e, em geral, dos assuntos administrativos. Escrevi-lhe dizendo que assistira às reuniões na Suíça e que apreciaria muito poder ouvir as gravações das discussões em que participara. Inicialmente respondeu-me que isso não seria possível, pois toda a gente desejaria ouvi-las e ele não podia permitir tal coisa. Depois, após várias conversas telefónicas, disse que, se eu escolhesse uma das oito discussões, a passaria para mim, mas teria de ir num dia em que os seus vizinhos, o Sr. e a Sra. Vigeveno, não estivessem em Ojai, e eu deveria estacionar o carro de modo que, caso regressassem, não o pudessem ver. Além disso, teria de levar quaisquer notas que tivesse tomado e não deveria revelar a ninguém que ouvira a gravação. Este estranho arranjo teve lugar na presença de Rajagopal e da sua esposa Annalisa. Mais tarde ocorreu-me

que a sua curiosidade estava em jogo, pois embora reconhecesse algumas das vozes na gravação, queria que eu identificasse outras.

---

**Notas**

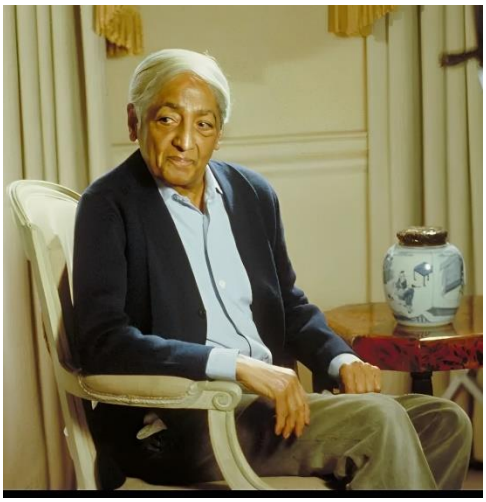
[1] **Madanapalle** — Cidade no actual estado de Andhra Pradesh, Índia, local de nascimento de Jiddu Krishnamurti.

[2] **Buckminster Fuller** — Richard Buckminster Fuller (1895–1983), arquitecto, inventor e pensador norte-americano, conhecido pelas cúpulas geodésicas.

[3] **Iris Tree** — Poetisa, actriz e modelo britânica (1897–1968), ligada aos círculos artísticos e intelectuais europeus.

[4] **Vanda Scaravelli** — Professora italiana de ioga (1908–1999), conhecida pela abordagem intuitiva e profundamente física ao ioga.

[5] **D. Rajagopal** — Associado próximo e administrador de Krishnamurti durante muitos anos, responsável pela gestão das publicações e organizações ligadas ao seu trabalho.



**Capítulo Dois**

Eu decidira que, no ano seguinte, 1965, seguiria todo o programa de palestras de Krishnamurti, começando pelas europeias, após o seu regresso da Índia. Perguntara a Rajagopal onde estas teriam lugar, e ele disse não saber. Por razões nunca explicadas, estas palestras públicas pareciam ser mantidas em segredo, mas acabei por descobrir que começariam em

Londres, no final de abril. Fui à primeira, realizada numa pequena sala em Wimbledon. Depois, Krishnamurti permaneceu por pouco tempo no exterior, cumprimentando pessoas que conhecia. Também lá estava Alain Naudé, que eu conhecera no verão anterior, em Saanen. Pianista talentoso, que dera muitos recitais na Europa e na África do Sul, onde nascera, sentira-se atraído pela investigação religiosa e, após ouvir Krishnamurti na Suíça, seguira para a Índia. Em janeiro de 1965 tornara-se secretário de Krishnamurti e acompanhá-lo-ia agora nas suas viagens. Poucos dias depois desse primeiro encontro em Wimbledon, Alain almoçou comigo e, quando o deixei em Wimbledon, fui convidado para almoçar na semana seguinte.

A casa em Wimbledon onde Krishnamurti se encontrava hospedado era um aluguer temporário sob os cuidados da Sr.ª Doris Pratt, secretária do escritório inglês da Krishnamurti Writings.[1] Também ali ajudava a Sr.ª Anneke Korndorffer, da Holanda, que participara no trabalho holandês desde os primeiros tempos em Ommen. Era a primeira vez que encontrava ambas. Durante o almoço, Krishnamurti bombardeou-me de perguntas sobre os Estados Unidos: Qual era o estado atual da mente americana? Qual era o ambiente do país? Era o período das lutas pelos direitos civis, e interessou-se pela minha descrição de ter ido ao Alabama para participar na marcha do Dr. Martin Luther King, de Selma até à capital do estado, Montgomery.

No final do almoço, quando me despedi, Krishnamurti sugeriu que talvez fosse agradável se nós os três — ele, Alain e eu — fôssemos ao cinema, e que eu escolhesse o que ver. Regressei de carro a Londres, perguntando-me que filme no mundo poderia ser apropriado para um homem assim, mas isso mudou no dia seguinte, quando Alain telefonou a dizer que Krishnamurti preferia ir dar um passeio pelo campo. Mais uma vez, cabia-me decidir para onde ir e, mais uma vez, não fazia a mínima ideia; mas, após alguma pesquisa, fui fazer reconhecimento do terreno, conduzindo primeiro até aos Jardins de Kew e depois até ao Jardim Real de Horticultura, em Wisley, decidindo-me por este último.

Depois de trocar o pequeno carro alugado por outro melhor, cheguei na segunda-feira seguinte, às três da tarde. Krishnamurti, acompanhado de Alain, entrou no carro.

— Para onde vamos? — perguntou, expectante.

Mencionei Wisley com grande hesitação.

— Ah, Wisley! — disse ele, satisfeito.

Ao que parecia, conhecia o lugar, e partimos, não sem antes a Sr.ª Pratt me dizer com bastante severidade que teria de o trazer de volta exatamente às seis da tarde, pois tinha um compromisso.

Wisley foi um êxito. Era maio, com um esplendor de flores, e pareceu-me que Krishnamurti via cada uma delas. Caminhava com o passo vigoroso que eu viria a conhecer tão bem e com uma liberdade que parecia fazer parte dos campos de vegetação e beleza. Quando finalmente regressámos ao carro, disse:

— Vamos conduzir para outro sítio.

Felizmente, lembrei-me de que estávamos na direção de um lugar onde eu já estivera — Box Hill. Assim, fomos até lá e, durante algum tempo, contemplámos o sul de Inglaterra antes de regressarmos. Àquela altura, aproximavam-se as seis horas, o trânsito intensificava-se e eu ainda não estava totalmente habituado a conduzir pela esquerda, mas, concentrando-me, consegui chegar à casa de Wimbledon exatamente às seis. Krishnamurti agradeceu-me com extrema cortesia, e eu regressei a Londres, onde, uma vez no meu quarto, a enormidade da responsabilidade de ter conduzido Krishnamurti pela primeira vez abalou-me de tal forma que tive de cancelar um jantar combinado.

De Londres, as palestras prosseguiram em Paris. Pouco depois, Alain telefonou a dizer que Krishnamurti gostaria de fazer outro passeio pelo campo. Tendo descoberto que ele apreciava bastante os automóveis Mercedes, aluguei um, e novamente os três conduzimos até Versalhes, onde caminhámos na floresta, fazendo o mesmo em Saint-Germain. Uma semana depois, fomos até Chartres e percorremos cuidadosamente a catedral, cuja beleza comoveu visivelmente Krishnamurti. Almoçámos num restaurante próximo e seguimos até Rambouillet para outra caminhada na floresta. Nessas excursões, ele parecia completamente descontraído, por vezes um pouco distante, mas a divertir-se, observando tudo calmamente. Alain era um companheiro agradável e, embora por vezes a conversa fosse séria, ríamos muito.

Após cinco palestras em Paris, chegou o momento da Suíça. Viajei sozinho de comboio até um pequeno hotel em Gstaad, mas pouco depois aluguei um apartamento num edifício chamado *Les Caprices*. Krishnamurti chegou a Genebra, e Alain telefonou-me dizendo que seria agradável, já que eu tinha carro, se os pudesse levar até Gstaad. Almocei com eles no Hôtel du Rhône, e Krishnamurti reparou que eu estudava atentamente o menu. Tornara-me vegetariano apenas alguns dias antes.

— De que tens vivido no hotel? — perguntou.

Tinham sido omeletas de queijo, e eu começara a perguntar-me se o resto da minha vida seria uma infinidade de omeletas de queijo.

— Nós ensinar-te-emos o que comer — disse Krishnamurti, com certa firmeza.

Em Gstaad, estavam instalados no Chalet Tannegg, alugado, como nos verões anteriores, pela Signora Scaravelli para uso de Krishnamurti. Ela não se encontrava lá, mas enviara uma cozinheira para tomar conta de tudo. Era início de junho e Gstaad estava tranquila. As palestras só começariam em julho. Com o meu carro, pude transportá-los montanha acima e abaixo para locais destinados à caminhada da tarde e, na maior parte das vezes, era convidado para as refeições. Falava-se do inverno seguinte na Índia e, quando Krishnamurti soube que eu também estaria lá, disse a Alain:

— Temos de cuidar da Sr.ª Zimbalist.

Achava que Alain e eu devíamos alugar uma casa em Madrasta, para podermos cozinhar as nossas próprias refeições. Seria mais saudável, disse ele.

Certa manhã, subi ao Chalet Tannegg e, na entrada, encontrava-se um pequeno Mercedes prateado de dois lugares. Um velho amigo de muitos anos, Enrique Biascoechea, de Porto Rico e antigo teosofista, sabendo da predileção de Krishnamurti pelos Mercedes, oferecera este reluzente automóvel novo ao Comité do Encontro de Saanen para uso dele. Krishnamurti mostrou-mo em grande detalhe e depois levou-me num passeio até ao próximo Château-d'Oex. Usava luvas de condução, parecia muito elegante, era exímio ao volante e limpou cuidadosamente o carro ao regressar. A partir daí, sempre que o carro saía, ele próprio o lavava depois, e não apenas o exterior: também o motor era cuidadosamente limpo.

Tanto o Sr. Biascoechea como a sua esposa Isabel estavam hospedados junto ao rio, em Gstaad. Um dia, quando Krishnamurti lá estava para almoçar, mostraram-lhe uma fotografia dele e do seu irmão mais novo, Nityananda, tirada quando ambos eram muito jovens. Krishnamurti ficou a olhar longamente para a imagem, absorvido nela. Sobre si mesmo perguntou:

— O que fez aquele rapaz ser daquela maneira? O que o manteve vazio?

Falou desses tempos: como o rapaz era vago e sonhador; nada parecia deixar marca nele. Porquê? Mais tarde, quando o levei de carro colina acima, perguntei-lhe o que na fotografia lhe chamara a atenção.

— Se pudéssemos saber o que manteve o rapaz daquela maneira, talvez pudéssemos ajudar os jovens de hoje a serem menos condicionados — respondeu.

Era costume de Krishnamurti fazer a sua caminhada diária durante a tarde, depois de acordar de uma sesta e quando o sol já não era tão forte. Por vezes íamos de carro até locais junto ao rio, mas mais frequentemente caminhávamos pela encosta atrás do Chalet Tannegg, atravessando o campo e entrando na floresta. Numa dessas ocasiões, com várias pessoas a acompanhá-lo, deixou-se ficar um pouco atrás ao meu lado e perguntou, com certa timidez:

— Conheci-te alguma vez na Califórnia?

Naturalmente, não guardava qualquer memória da primeira entrevista, anos antes, que fora um marco na minha vida. Isso divertiu-me e agradou-me ao mesmo tempo. Era inteiramente apropriado.

No dia quatro de julho, a Signora Scaravelli chegou ao Chalet Tannegg e, como não havia espaço para Alain, ofereci-lhe um quarto extra em *Les Caprices*. Por essa altura, o conhecido professor de ioga B. K. S. Iyengar veio a Tannegg supervisionar os exercícios de Krishnamurti e também os de Yehudi Menuhin, que tinha uma casa em Gstaad. Vanda Scaravelli era velha amiga de Iyengar e bastante avançada na sua própria prática de ioga. Comecei então aulas pela primeira vez na minha vida.

Além das suas palestras públicas, Krishnamurti realizou uma série de discussões com jovens. Nisso, Alain tivera um papel muito importante,

empenhando-se para que eles entrassem em contato com Krishnamurti e os seus ensinamentos. Era uma época em que vagas de jovens se movimentavam em busca de novas compreensões e novos entusiasmos, e enchiam a tenda onde Krishnamurti falava. Após dez palestras e cinco discussões diárias, o programa público terminou. Krishnamurti realizou então algumas pequenas discussões de grupo, às quais assistiram o professor David Bohm e a sua esposa, Saral. Houve seis dessas reuniões, e os dias passaram-se entre aulas de ioga, caminhadas, uma viagem de carro com Krishnamurti e Naudé até Genebra para visitas ao dentista e, frequentemente, refeições no Chalet Tannegg graças à calorosa hospitalidade da Signora Scaravelli. No primeiro de setembro, parti para os Estados Unidos.

No dia vinte e seis de outubro, voei para Roma, onde um amigo me recebeu e levou até ao meu hotel. Nessa tarde fui à casa nos arredores de Roma onde Krishnamurti e Alain estavam hospedados com a Signora Scaravelli. Conversámos. Alain preparou chá e, às cinco horas, cerca de trinta pessoas chegaram para a última de três discussões com aquele grupo. Krishnamurti falou do inconsciente e de como ele pode ser visto totalmente, mas apenas após muito autoconhecimento e a disciplina que surge sem motivo e sem a ação do prazer. O prazer é geralmente a semente do inconsciente.

No dia seguinte, ao almoço, Krishnamurti voltou a fazer-me muitas perguntas sobre os Estados Unidos, especialmente a Califórnia, e perguntou acerca da discussão do dia anterior. Parecera-me aquilo sanidade ou insanidade? O que achava eu que aquilo significaria para um público universitário norte-americano? Teria algum significado? Eu refletia sobre essa visão do inconsciente que ele descrevera, em contraste com a visão predominante na psicanálise. Perguntou novamente o que os Estados Unidos compreenderiam disso e assentiu quando sugeri que talvez dependesse de conseguirem ultrapassar a tentativa de encaixar o que ele dizia nos compartimentos já existentes nas suas mentes.

A conversa mudou então para o assunto de uma proposta que lhe fora feita por alguém que desejava providenciar um lugar central para ele viver quando não estivesse a viajar, que pudesse também servir para reuniões de pequenos grupos e como residência caso alguma vez se retirasse da vida pública. Onde poderia ser? Consideraram-se Inglaterra e França. Itália não,

porque a casa da Signora Scaravelli seria sempre a sua residência ali, e a Igreja poderia não ver o projeto com bons olhos. Inglaterra era demasiado fria e escura no inverno, por isso França e a região em torno de Saint-Paul-de-Vence eram uma possibilidade. Poder-se-ia encontrar uma casa, e o benfeitor concordara em administrá-la.

— Quero envolver-te nisso, se estiveres disposto — disse-me.

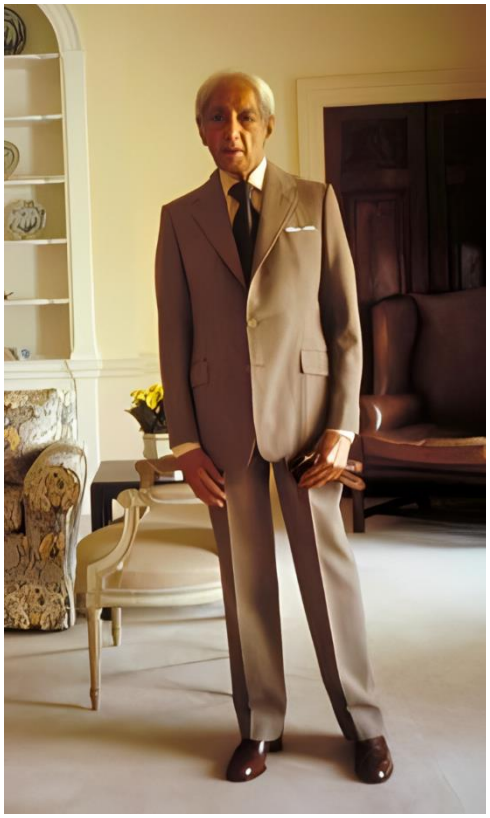
Queria que eu integrasse um comité em cujo nome a propriedade seria mantida e que assumisse responsabilidade caso o benfeitor deixasse de querer geri-la. Disse-lhe que, naturalmente, o faria, se ele assim o desejasse, embora, para comigo mesmo, não conseguisse perceber o que poderia eu fazer nesse contexto.

---

**Notas**

**Footnotes**

1. *Krishnamurti Writings* — organização editorial responsável pela publicação e gestão das obras de Jiddu Krishnamurti.



## Capítulo Três

No dia um de novembro de 1965, com Krishnamurti e Alain Naudé, voei de Roma para Nova Deli. Ao embarcarmos no voo, Krishnamurti, que viajava em primeira classe, enquanto Alain e eu íamos em turística, voltou atrás e tentou persuadir-me a usar o seu lugar, o que eu não podia aceitar. Aterramos ao meio-dia em Nova Deli, num dia quente e luminoso. A senhora Shiva Rao e a senhora Pupul Jayakar — amigas que ele conhecia há muitos anos — estavam lá, e fomos rapidamente conduzidos pela alfândega até à casa do senhor e da senhora Shiva Rao, onde Krishnamurti estava hospedado, e depois ao India International Centre, onde a senhora Shiva Rao gentilmente reservara um quarto para mim. Tomei banho, mudei de roupa e, depois, Krishnamurti, a senhora Jayakar e Alain vieram buscar-me para irmos passear de automóvel.

Krishnamurti vestia agora roupas indianas — uma camisa branca de algodão engomada chamada *kurta*, calças brancas de algodão chamadas *pajama trousers* e um casaco sem mangas de tom creme-escuro chamado *bundi*.[1] Eram roupas belíssimas, como as de um anjo de Natal.

A primeira palestra de Krishnamurti realizou-se uma semana depois, no jardim do Constitution Club. Tapetes vermelhos e azuis estavam estendidos no chão; sob um dossel de cores vivas havia uma pequena plataforma sobre a qual fora colocada uma mesa baixa coberta de branco para ele se sentar. O gravador Nagra estava pousado no chão junto à extremidade da plataforma, e Alain e eu sentámo-nos ali, descalços e de pernas cruzadas. A assistência era numerosa, com mais homens presentes nestas reuniões do que na Europa.

Às cinco e meia da tarde, Krishnamurti entrou pela parte de trás da tenda. Tirando as sandálias, sentou-se de pernas cruzadas sobre a mesa e fez o gesto de saudação com as palmas unidas — *namasté* — gesto que o público retribuiu. No seu habitual silêncio, olhou lentamente em redor. Sentado daquela maneira, numa impecável pureza e extrema graça, era um ser humano totalmente belo.

"Belo" não é uma palavra estranha para descrever este homem — e um homem de setenta anos; é a única palavra. Sexo e idade não tinham significado. Era uma beleza humana tão essencial que qualquer qualificação se tornava irrelevante. Quando começou a falar com uma

intensidade de precisão e quase paixão, havia nele uma autoridade, uma majestade, como se tivesse entrado no estado histórico do grande mestre, visto apenas raramente ao longo dos séculos.

Falou sobre guerra, violência e ordem. Não suavizou nada. A um país então próximo da guerra disse: "Não existe guerra justa." Falou da razão subjacente à violência, que é o medo; de que não existe segurança e a sua procura é inútil; de que apenas através da consciência desse medo, dessa insegurança, se pode chegar a uma condição em que haja paz e ordem. Então pode ocorrer uma revolução total no ser humano.

Após uma visita a Agra e Jaipur com Alain Naudé, Krishnamurti pediu-me que viesse discutir o lugar em França, mas primeiro perguntou acerca do Taj Mahal — seria assim tão romântico, tão belo? — e depois acerca da pobreza das aldeias. À primeira questão tentei descrever a estranha aparição nevada que parecia mais algo imaginado do que um edifício, lendária mas muito além de qualquer preconceção. Flutuava ao luar, uma eloquência desencarnada de beleza.

A longa viagem poeirenta de regresso a Deli atravessava aldeias de total miséria, sujidade, odores, crianças doentes, uma visão horrível — cegueira e deformidades eram a outra realidade entorpecedora deste tremendo país. Krishnamurti escutou tudo e assentiu.

Falou então dos vários factores relativos a uma casa em França. Possíveis dificuldades em relação à Krishnamurti Writings, Inc. (isto é, Rajagopal). Tivemos uma longa conversa sobre isso. Planeava ir para Ojai no outono, e surgiria a questão da manutenção de um lugar desses. Perguntou-me se eu considerava um bom plano. Disse que me parecia bem, porque deveria existir um lugar para onde ele pudesse ir sempre que quisesse, uma alternativa sempre disponível caso estivesse cansado ou não lhe apetecesse falar ou viajar, e que me parecia responsabilidade da KW, Inc. contribuir para a manutenção; mas que nós angariaríamos o dinheiro se houvesse dificuldades.

Houve uma longa conversa sobre isto, e mais tarde continuou a ocupar-me o pensamento que parecia haver tão pouco amor ou verdadeiro cuidado por este homem em tantos dos que o rodeavam. Ou que se importavam com ele, mas apenas da maneira como achavam que ele deveria ser — sem verdadeira sensibilidade para com ele.

No dia vinte de novembro voámos todos para Benares, e no avião Krishnamurti apontou para os picos dos Himalaias, rosados de neve à luz da manhã, a sua tremenda altura, intemporal e austera. Krishnamurti comeu a sua papa de aveia, transportada num recipiente, e depois leu a revista *Time* — difícil de encontrar então na Índia — sobre a grande falha elétrica na cidade de Nova Iorque. Assim voámos sobre a paisagem ressequida da Índia central.

Membros da escola Rajghat estavam no aeroporto para receber Krishnamurti, colocar-lhe grinaldas de malmequeres e levá-lo rapidamente dali. O resto de nós seguiu de autocarro pela estrada acidentada. Enquanto avançávamos, senti uma impressão mais forte da Índia do que em Deli. Pessoas, animais, galinhas e patos caminhavam concentrados nos seus próprios propósitos; mulheres com *saris* brilhantes equilibravam sem esforço potes de água de latão sobre a cabeça; cabras esquálidas procuravam qualquer coisa comestível. Havia búfalos pesados e outras mulheres agachadas junto de montes de excremento de búfalo, moldando-os nas paredes para secarem. Camiões pintados com cores vivas apinhavam-se uns aos outros, apitando; o ar estava cheio de cheiros a fritos e gases de escape diesel. A vida parecia pulsar através de tudo aquilo.

Em Rajghat, Frances McCann e eu fomos instaladas em quartos do Krishna Ashram, no topo de uma falésia sobre o Ganges, partilhando um quarto grande, um pequeno quarto e uma casa de banho. Parecia que não eram ocupados há muito tempo, pois havia um deserto de pó no chão, e o único mobiliário consistia em estruturas de camas de madeira entrelaçadas com cordas, sem colchões. Pessoas iam e vinham, exprimindo surpresa pelo facto de os quartos não estarem preparados. O senhor Madhavachari, responsável pelo local, também veio e expressou surpresa, deu ordens, mas nada aconteceu durante bastante tempo.

Finalmente chegaram empregados da limpeza, despejaram baldes de água no chão, e um homem foi incumbido de raspar o lavatório, cuja negrura singular eu só conseguia imaginar ter sido alcançada despejando alcatrão sobre ele. O infeliz homem raspou com uma lâmina durante quatro horas nesse dia e ainda continuava pacientemente a raspar quando partimos três semanas depois. Chegaram uma mesa e algumas cadeiras, mais tarde colchões, dois lençóis, cobertores e, finalmente, redes mosquiteiras.

De repente ouviu-se uma batida à porta. Era Krishnamurti, que recebera um relato de Alain acerca das condições e viera ver-nos. Estava perturbado, e nós perturbadas por ele se envolver. As pessoas da escola ficaram em alvoroço pelo facto de ele vir preocupar-se com o bem-estar dos seus hóspedes. Uma visita papal em Roma não poderia ter causado maior agitação. Era enormemente atencioso e voltou mais três vezes para verificar tudo. À noite já tínhamos bagagem e alguma ordem. Até um tapete azul foi enviado pelo diretor por ordem de Krishnamurti.

Rajghat cobre cerca de cem acres acima do rio e a jusante da cidade. O Ganges, largo, verde e de corrente lenta, tinha um ar antigo, movendo-se, parecia, através dos séculos e das lendas do seu povo. Nas primeiras horas da manhã, pequenos barcos de pesca flutuavam na sua vasta superfície, lançando redes em silêncio até que comboios de mercadorias atravessavam ruidosamente uma ponte de ferro.

No dia vinte e dois de novembro, Krishnamurti deu a sua primeira palestra pública num grande salão com tapetes no chão onde todos se sentavam — estudantes e adultos. Falou do nacionalismo, das seitas religiosas e da guerra — os factores que dividem a humanidade, destruidores da ordem e da paz. Qual era a nossa resposta a isto?

Uma pergunta da assistência foi: "Qual é a utilidade de falar da verdade?" Ele respondeu que não se pode utilizá-la; ela não serve qualquer utilidade. É como o vento; não se pode agarrá-lo e segurá-lo na mão.

Perguntou:

"Como pode um ser humano que ouviu durante quarenta anos com um coração seco, sem uma lágrima nos olhos, que vê tudo isto e não faz nada, cujo coração está destruído, vazio, cuja mente está cheia de palavras e teorias, cheia de si próprio — como pode ele tornar o seu coração vivo de novo? Essa é a verdadeira questão."

Krishnamurti estava preocupado com as escolas. Chamou o senhor e a senhora Moorhead, Mark Lee, da escola de Rishi Valley, Alain Naudé e eu para falarmos sobre o que deveria ser feito em Rishi Valley.

"Vou falar com muita franqueza."

E falou, trazendo à tona todas as críticas à escola e dizendo que, se pessoas da Europa fossem fornecer dinheiro:

"O que irão fazer desse lado? Têm de garantir uma mudança. Nunca me perguntei se fazia sentido continuar a vir e preocupar-me com a escola, mas estou a colocar essa pergunta agora. É a vigésima quinta hora."[2]

No dia seguinte voltou a chamar-nos e bombardeou-nos com perguntas: sobre o que era ou deveria ser a escola, e disse que deveria ser redigido um manifesto segundo o qual a escola funcionaria. As crianças deveriam florescer em bondade, com um espírito religioso na relação com as pessoas, com a vida, com a aprendizagem, etc.

Depois reteve-me e mostrou-me uma carta da School for Social Research, em Nova Iorque, convidando-o a dar nove palestras ali a partir de setembro.
— "Devo aceitar?", perguntou.

Respondi que tudo o que sabia da escola era que Paul Tillich integrara o corpo docente no ano anterior e isso fazia-me sentir que era uma escola séria, e que eu achava que ele devia aceitar.
— "Então aceitarei", disse ele.
— "Ficarei em casa do senhor Pinter. O que pensa sobre Naudé?"

Disse-lhe que o meu irmão e eu tomaríamos conta dele.

Continuou as suas palestras. Falou do conflito, da dor, da morte e do amor. As minhas notas registam:

"Só na compreensão da dor se pode aprender; só morrendo para tudo pode haver amor. Só quando o conflito não é tolerado, mas visto, compreendido e, portanto, dissolvido numa única ação, pode haver vazio, quietude e verdade. A única ação total que conhecemos é a morte."

As suas palavras eram como um rio inundando todos os níveis da consciência.

Falou da dor do tempo:

"A admissão do tempo é a maior dor."

E:

"Uma mente em sofrimento nunca pode conhecer o amor."

E:

"Quando uma mente não tem problemas, nem tensões, nem direção, então essa mente está num estado de amor; e quando existe amor, existe um sentido de beleza, e nesse vasto espaço há criação."

E:

"Para compreender o amor é preciso começar muito perto — que é em si próprio — e esse primeiro passo é o último passo; então pode ir-se muito longe, muito mais longe do que foguetes para a Lua, para Vénus ou para Marte. Tudo isto é a mente religiosa."

Para mim houve expedições a Benares, onde senti que não se esteve realmente na Índia sem estar em Benares. Parecia uma torrente de pessoas, bicicletas apinhadas, autocarros com buzinas impacientes, vacas errantes, búfalos pesados, por vezes um camelo e até um elefante. A pé, ao virar uma esquina, por pouco não colidi com um cadáver magro, envolto em pano, atravessado sobre a traseira de uma bicicleta a caminho dos *ghats*.[3] Ali, as piras fumegantes alimentavam esse antigo destino dos piedosos.

**Footnotes**

1. *Kurta*, *bundi* e *pajama* são peças tradicionais do vestuário indiano.

2. Expressão idiomática que significa um momento extremamente crítico, quando já quase não resta tempo para agir.

3. *Ghats* são escadarias de pedra junto ao rio Ganges, usadas para banhos rituais e cremações.

...Uma tarde, a senhora Shiva Rao levou-me consigo quando foi comprar *saris* de noiva para a Cottage Industries, em Deli. Caminhámos por vielas imundas com esgotos a céu aberto até uma loja muçulmana de seda. No interior do que parecia uma fortaleza havia corredores caiados, pequenas salas onde tecelões estavam sentados de pernas cruzadas diante dos teares, na penumbra. Sentámo-nos em almofadas enquanto *saris* de uma delicadeza requintada eram colocados diante de nós. Beleza e trabalho minucioso eram produzidos naquela miséria envolvente. Tudo parecia coexistir lado a lado — a miséria humana e a beleza sublime, e sempre muito perto, a morte e a vida.

Krishnamurti realizava encontros com as crianças da escola de Rajghat. Falava com elas como se estivessem juntos a partilhar questões, como amigos. Falava do nacionalismo, do que fariam das suas vidas e de que deveriam fazer aquilo que amavam na vida. Perguntava acerca da relação delas com as pessoas, com os animais. Noutras reuniões no grande salão, as crianças entoavam cânticos com Krishnamurti sentado entre elas e participando nos cânticos.

Frances, Alain e eu fomos convidados para almoçar na sala de jantar de Krishnamurti com ele e o senhor Madhavachari. A comida era deliciosa e delicada, preparada pelo seu cozinheiro do sul da Índia, R. Parameshwaram.

Houve mais discussões em pequenos grupos com cerca de quinze pessoas. Numa delas questionou o valor do que fora visto ou escrito no passado. Disse:

"Não me preocupo com isso, não tenho tempo para isso. Preciso de descobrir imediatamente. Se estou em conflito, pergunto como posso terminá-lo imediatamente; o conflito é mortal."

A certa altura perguntou a Achyut Patwardhan porque tinha mencionado algo acerca do Buda. Parecia que a sua rejeição do conhecimento e dos ensinamentos passados fazia parte do facto de a aprendizagem ser nele um processo constante; que prestar atenção ao que fora escrito ou dito era desviar-se da perceção viva.

Falou de ver a totalidade das coisas, de ouvir na noite o chamamento dos pescadores no rio — a beleza disso. E nas minhas notas escrevi que sentia conhecer algo desta experiência de beleza "com amor", como ele dizia. Mas o que é ver a totalidade do sofrimento? O que teria sido uma visão total daquela criança moribunda naquela aldeia do Punjab? Fui atingida pela dor, horror e compaixão até ser demasiado, e fechei os olhos.

Num fim de tarde desci até ao pequeno riacho, o Varuna, que desagua no Ganges, atravessei a ponte vacilante e subi pela margem até à pequena aldeia. Havia uma luz pálida e enevoada; as pequenas cabanas tinham a mesma cor arenosa do solo e pareciam feitas por mãos de crianças, como castelos de areia: paredes não perpendiculares nem direitas, janelas aqui e

ali, e algumas decoradas com cruzes ou pontos brancos, como se uma criança estivesse a brincar. Rapidamente fiquei seguida por uma fila de crianças verdadeiras.

"Namasté! Namasté!" era tudo o que conseguíamos compreender uns dos outros, mas o riso e os gestos eram linguagem. Em olhos e rostos abertos podia encontrar-se a criança.

Uma tarde, Alain e eu fomos de riquexó até Banaras para comprar bengalas para Krishnamurti usar a fim de afastar chacais raivosos. Um estudante da faculdade agrícola fora mordido, não tomara o tratamento Pasteur e morrera. Encontrámos bengalas resistentes. Ao regressarmos à escola, Krishnamurti mandou chamar Frances e eu para estarmos presentes enquanto fazia cânticos védicos com o professor de música, o senhor Sarmon.

Sentámo-nos no chão do quarto de Krishnamurti, ouvindo-o a ele e a Sarmon entoarem os cânticos — belos, antigos, austeros e profundamente comoventes. O seu canto era profundo e conhecedor. Sentado de pernas cruzadas, cantava de olhos fechados, com extraordinária beleza de rosto e gesto, rindo por vezes.

"Existe até um sobre embriaguez!", disse.

O quarto tinha vazio, austeridade e ordem perfeita: uma bela cama de madeira, impecavelmente feita, com uma toalha sobre a almofada, a rede mosquiteira esticada e alinhada como a vela de um navio. Havia um relógio de viagem dobrável sobre a mesa-de-cabeceira, flores do outro lado do quarto, um armário metálico, o gravador Nagra sobre uma cadeira e pouco mais além do tapete onde estávamos sentados. Os cânticos pareciam recuar no tempo, na mente, até algo conhecido, esquecido e extraordinário.

No dia quinze de dezembro, Krishnamurti e o resto de nós deixámos Rajghat rumo a Nova Deli. Enquanto esperávamos no aeroporto, alguns de nós fomos colocados a intercetar uma mulher que, havia vinte anos, sofria da ilusão de ser esposa de Krishnamurti. Estivera presente nas palestras em Rajghat e fizera tentativas impetuosas de lhe tocar. Aproximou-se muito no aeroporto e ele disse:

"Não me toque."

Mais tarde descreveu-a encontrando-o certa vez numa rua de Bombaim quando estava sozinho. Tentou andar mais depressa, mas ela acompanhou-o. Disse:

"Se não se for embora chamarei a polícia."

Ela respondeu:

"Força, eu sou a sua mulher!"

Nesse preciso momento viu um elétrico, saltou para dentro dele e escapou.

Durante o voo para Deli, Krishnamurti estava sentado com aparência solene e majestosa como um santo, lendo um romance de Perry Mason. O senhor e a senhora Shiva Rao e a senhora Jayakar receberam-no no aeroporto de Deli. Alain e eu voltámos ao International Centre, e a senhora Shiva Rao gentilmente convidou-me a fazer as refeições em sua casa.

Durante a breve estadia em Deli, numa caminhada, Krishnamurti falou muito seriamente sobre o que daria continuidade ao ensinamento quando ele morresse. O que poderia fazer para acelerar a mudança em Alain e em mim? Queria falar connosco sobre isso em Madrasta e que Alain deveria lembrar-se de que as pessoas em redor de "K" na Índia não o escutariam. Ressentir-se-iam de Alain, e ele deveria falar noutros lugares.

No dia dezoito de dezembro voámos para Madrasta. Na sala de espera do aeroporto de Deli havia um homem arredondado, de gorro, camisa de lã e casaco largo. Um brâmane com a testa coberta de cinzas. Krishnamurti, elegante e vestido com requinte, circulou pela sala observando aquela visão espantosa e regressou dizendo:

"Desisto!"

O ar em Madrasta era quente, tropical e suave depois do norte árido e poeirento. Amigos com grinaldas receberam Krishnamurti. O senhor Madhavachari e outros levaram-no para Vasanta Vihar, enquanto Alain e eu fomos recebidos por uma senhora alta e tranquila de grande dignidade, a

senhora Jayalakshmi, que, a pedido de Alain, alugara uma casa para ele, Frances e mim. Levou-nos de automóvel para a ver: uma casa muito limpa e caiada, num pequeno jardim. Não apenas isso: também alugara todo o mobiliário e equipamento necessários e emprestava temporariamente o seu cozinheiro brâmane. Fiquei espantada com tamanha hospitalidade e gentileza.

Depois do chá, a senhora Jayalakshmi levou-nos até Vasanta Vihar, uma casa formal bastante grande. Krishnaji mostrou-ma. Havia uma sala muito ampla no rés-do-chão onde se realizavam reuniões e vários outros quartos e escritórios ao lado. Os seus aposentos ficavam no andar superior, consistindo num grande quarto, uma casa de banho e outra divisão onde uma esteira de palha e uma almofada estavam colocadas no chão.

"Às vezes durmo aqui. Habituamo-nos depois de duas noites."

Disse que Rajagopal comprara dezasseis acres no início da década de 1930,

"quando nos expulsaram da TS".[1]

Pensara em duas pequenas casas,

"mas depois construíram isto".

Estava inquieto e queria ir caminhar.
— "Gosta deste clima?"

Eu gostava. A senhora Jayalakshmi levou-nos até um parque onde fizemos uma caminhada vigorosa, vendo veados malhados de olhar tímido. Krishnamurti bombardeava a senhora Jayalakshmi com perguntas, como parecia fazer sempre que reencontrava alguém após longa ausência. Perguntas sobre guerra, medos, interesse pela verdadeira religião.

Pouco depois Krishnamurti começou as suas palestras públicas, realizadas no jardim de Vasanta Vihar ao fim da tarde, sob as árvores altas. O público começava a chegar cedo, subindo a entrada para se sentar no chão o mais perto possível do orador. Para as palestras de Madrasta, Krishnamurti usava um *dhoti*, caminhava com imensa dignidade desde a casa, subia ao estrado baixo, fazia a saudação com as palmas unidas — que

o público retribuía — e, após permanecer algum tempo sentado em silêncio, começava a falar.

Havia discussões em pequenos grupos de manhã. Fui convidada para elas, mas acabei por não conseguir assistir a todas, pois adoeci com sintomas semelhantes aos da gripe. Permaneci na cama exceto para o indispensável relacionado com a casa.

No meio disto, a polícia chegou para prender o nosso criado, acusado de ter roubado um cabrito na véspera de Natal. Escrevi uma nota acerca do seu emprego mas pouco mais pude fazer. Alain acabou por ter de ir à esquadra para desfazer a história do cabrito.

Na manhã seguinte a febre desapareceu e senti-me fraca mas melhor. Alain partiu para Vasanta Vihar como habitualmente, mas voltou dizendo que Krishnamurti desejava ver-me imediatamente. Fiquei surpreendida mas vesti-me rapidamente e apanhei um táxi para Vasanta Vihar.

Alain disse que Krishnamurti perguntara como eu estava e que, ao saber que a febre tinha desaparecido, dissera:

"Tragam-na até mim. Quero curá-la."

Entrei, e ele disse:

"Sabe, durante toda a minha vida fui capaz de fazer isto; às vezes resulta e outras vezes não."

Puxou uma cadeira para mim e colocou-se atrás, pousando as mãos muito levemente sobre os meus ombros.

"Tem de relaxar", disse.

Eu mostrara-lhe a zona dolorosa sob as maçãs do rosto e ele colocou ali os dedos muito, muito levemente, segurando-os por alguns momentos e afastando-os como se estivesse a limpar a dor e a doença. Fez o mesmo com os meus olhos, tocando-os muito levemente, em silêncio; depois uma mão sobre um olho e a outra na base do pescoço, e finalmente ambas as mãos deslizando pelos ombros.

Depois afastou-se, entrou na casa de banho e reapareceu poucos segundos depois para perguntar se ajudara. Eu sentira a dor desaparecer e disse-lho.

"Óptimo. Volte amanhã e farei outra vez", disse.

Senti-me quase em lágrimas perante a sua bondade.

**Notas:**

1. "TS" refere-se à Sociedade Teosófica (*Theosophical Society*), organização da qual Krishnamurti se desligou oficialmente em 1929.

As palestras e discussões continuaram em Madrasta até ao dia treze de janeiro, quando Krishnamurti partiu para Rishi Valley. Frances, Alain e eu seguimos depois num automóvel alugado com motorista. Eram quatro da manhã mas, apesar disso, o calor e a humidade eram intensos. Conduzimos pela noite enevoada em direção ao oeste, ultrapassando lentas carroças puxadas por bois carregadas de legumes para a cidade. Krishnamurti dissera-me para procurar a Cruz do Sul, que eu nunca vira.

O nosso carro ficou para trás em determinado momento e, quando amanheceu, chegámos a uma barreira onde se verificou que o nosso veículo não possuía os documentos adequados para prosseguir. Tivemos de regressar à cidade mais próxima, Vellore, onde alugámos outro táxi e finalmente chegámos a Rishi Valley. Krishnamurti estava do lado de fora da casa de hóspedes, depois de ter tomado um pequeno-almoço de piquenique junto à estrada, onde tinham esperado por nós em vão.

O vale era muito diferente de Madrasta. Desaparecera o abafamento tropical; o ar era claro e seco; as colinas de ambos os lados erguiam-se como ombros, não muito altas mas curiosamente encimadas por enormes rochedos que pareciam ter sido ali colocados, como se uma criança gigante tivesse brincado e deixado os brinquedos para trás. O fundo do vale era plano, com a estrada atravessando-o e campos de ambos os lados; aldeões passavam sozinhos ou aos pares e um rapaz conduzia um rebanho de cabras. Havia algo de antigo e silencioso, distante do resto do mundo.

Deram-nos quartos no rés-do-chão da casa de hóspedes. Frances e eu partilhávamos uma casa de banho bastante grande onde a habilidade adquirida em Rajghat — lavar-nos e lavar roupa à mão com um único balde de água quente — era facilmente aplicada. A água despejada escorria por um buraco no canto e havia a possibilidade de outra coisa entrar pelo mesmo caminho. A possibilidade de uma cobra-cobra[1] durante a noite tornava prudente acender a luz antes de entrar.

Os quartos de Krishnamurti ficavam no piso superior. Havia uma pequena cozinha e sala de jantar onde tomava o almoço, e éramos frequentemente convidados. Como noutros lugares, fazia a sua caminhada ao fim da tarde, quando o sol já enfraquecera, e aqui também eu era por vezes incluída.

A escola situava-se mais ou menos no centro do vale, com pequenas aldeias dispersas aqui e ali. Em alguns dias subi as colinas, deitei-me ao sol, sentindo-me suspensa na paz daquele lugar longínquo. Ao final da tarde, os estudantes reuniam-se numa pequena colina para ver o sol pôr-se atrás da montanha Rishi Condo, que se erguia na extremidade do vale, onde outrora vivera um eremita perto do cume. Krishnamurti sentia-se profundamente tocado pela sua presença e acreditava que havia ali algo sagrado.

Houve conversas com os professores nas quais falou da necessidade de criar nas crianças um sentido simultâneo de liberdade total e disciplina. Em certas assembleias escolares, os estudantes entoavam cânticos com Krishnamurti. A beleza do som unia os jovens à figura erecta sentada de pernas cruzadas entre eles.

No dia catorze de janeiro celebrou-se o festival de Pongal.[2] Gado ornamentado com flores chegou acompanhado de aldeões que dançavam ao som de flauta e tambor. As crianças da escola juntaram-se-lhes, e Krishnamurti veio observar, debaixo do seu grande guarda-sol. Pediu-me que me juntasse a ele nessa caminhada com o seu sobrinho G. Narayan, mas começou a chover e tivemos de esperar no salão de assembleias.

Krishnamurti usava *churidars*, umas calças de algodão muito apertadas na parte inferior das pernas, e receava que encolhessem se se molhassem, obrigando a cortá-las. Alain foi buscar umas calças largas do

Panamá, e fomos ver um vitelo recém-nascido, regressando depois no escuro junto da gigantesca figueira-da-índia.

No dia vinte de janeiro, Krishnamurti falou aos estudantes. Depois disse-me para ir receber um tratamento. No clima seco e temperado de Rishi Valley, a minha doença de Madrasta desaparecera, mas ele mantinha-se atento, e desta vez disse-me que no futuro deveria ir vê-lo sem esperar que fosse ele a pedir.

À noite, Alain e eu ouvimos discos de Mozart e Richter tocando um concerto para dois pianos de Bach. Krishnamurti apareceu durante Bach, ficou de pé a ouvir, depois desejou-nos boa-noite e disse que o escutaria lá em cima, no seu quarto.

Numa noite tomei cacau com Narayan e a sua mulher, Shakuntala, e mostraram-me algumas fotografias antigas de Krishnamurti. Narayan contou-me que, dez anos antes, fora levado pelo pai — irmão mais velho de Krishnamurti por três anos — para o ver em Madrasta. Quando se encontraram, o pai perguntou a Krishnamurti:

"Sabes quem eu sou?"

Krishnamurti respondeu que não.

"Kitu, eu sou o teu irmão."

**Notas:**

1. "Cobra-cobra" refere-se à cobra indiana (*Naja naja*), espécie venenosa comum no subcontinente indiano.
2. Pongal é um festival tradicional do sul da Índia, especialmente celebrado no estado de Tamil Nadu, relacionado com as colheitas e agradecimento pela abundância agrícola.

No dia trinta de janeiro, Krishnamurti fez aos professores uma palestra que me pareceu extraordinária sobre como conduzir uma criança para além do condicionamento, de modo a ver o facto através da sensibilidade e da inteligência; e sobre como prepará-la para o mundo em que os computadores dariam aos seres humanos um enorme tempo livre. Iriam eles procurar formas de entretenimento ou, pelo contrário, tornar-se

conscientes do desperdício de tal ação e, desse modo, abrir-se à possibilidade de algo real? «O desenvolvimento total do homem consiste em descondicionar a mente. Tornar-se incondicionado é atenção; ver, ouvir e, portanto, aprender não em termos de condicionamento. Isso acontece instintivamente, instantaneamente, quando se vê o movimento (interior e exterior). A imagem é o movimento.»

Eu tinha perguntado a Krishnamurti se poderia ter outra entrevista, e ela ocorreu no dia seguinte. Perguntou-me se preferia receber o seu tratamento de cura antes ou depois de falarmos. Respondi que depois e, aparentemente, escolhera bem, pois ele acenou com a cabeça e indicou-me uma cadeira. Senti-me muito descontraída nesta entrevista, em contraste com as anteriores. Disse-lhe que queria falar sobre relação, especificamente as relações humanas, e questionei se, em alguns casos em que há muito pouco contato, existia de facto qualquer relação. Perguntou se eu podia ser mais específica e dar um exemplo. Falei-lhe de uma criança com quem eu estava preocupada, mas que raramente via, e descrevi as circunstâncias. Fez algumas perguntas e disse, em suma, que, como havia pouco que eu pudesse fazer para alterar as coisas, então não, eu não tinha relação. Mas onde há comunicação pode haver uma relação contínua. Falámos sobre a relação no casamento, que ele disse ser infinitamente mais complicada, e finalmente afirmou que só existe relação quando não se tem imagem da outra pessoa. Então existe uma relação direta e real. Enquanto houver uma imagem, está-se a tentar aproximar algo para que corresponda a uma ideia e, portanto, há irrealidade e conflito. Perguntei também sobre a relação com as crianças doentes que eu vira nas aldeias da Índia, e ele contou-me acerca de um homem doente e faminto nos degraus de um edifício em Bombaim. Perguntou a alguém se não se podia fazer alguma coisa, e a pessoa levou K aos bairros de lata e mostrou-lhe incontáveis pessoas na mesma miséria. Ainda assim, o homem foi levado para um hospital e, quando recuperou, voltou a sentar-se nos degraus do edifício onde K o tinha visto. «Que pode fazer-se, exceto ser sensível e não fechar os olhos?»

Falámos de várias coisas, e mencionei brevemente ele próprio ter-me falado anos antes, na entrevista em Ojai, sobre a morte e o morrer para tudo todos os dias. Naturalmente, ele não se lembrava de nada disso, e eu disse que, como ele se esquecera de tudo o que eu lhe tinha contado, sentira que, uma vez que parecia ter-me tornado uma presença mais constante à sua

volta, devia de algum modo abrir-lhe a cabeça para que ele olhasse para dentro dela, se assim o quisesse. E também que, se no decorrer das coisas observasse aspetos que eu devesse conhecer, poderia por favor apontá-los? Sorriu e disse que tinha vergonha de dizer algo dessa maneira. Respondi que também eu tinha vergonha de bater à sua porta e perguntar; que não o procurava desde dois anos antes, em Saanen, porque não tinha qualquer crise e não queria ocupar-lhe o tempo e a energia, a menos que deles necessitasse realmente. Ele disse: «Bem, agora falámos desta maneira e conhecemo-nos melhor; será mais fácil.» Acrescentou: «Posso perguntar-lhe uma coisa?» Eu disse: «O que quiser.» «Sente um núcleo no fundo de tudo isto?» Respondi que estava num estado de mudança desde dois anos antes, em Saanen, e que deliberadamente não tentara avaliá-lo nem medi-lo porque tinha tendência, erradamente, para perguntar para onde ia e onde estava e, portanto, seguira com as coisas sem medir. «Faça isso», disse ele. Mas acrescentei que desconfiava de certas coisas: uma, o anseio pela mudança — ao que ele assentiu — e também da equação mental segundo a qual teria de haver problemas ou eu teria mudado mais. Sorriu e perguntou se eu tinha medo das coisas. Respondi que não conscientemente e que desconfiava disso e, por isso, criava uma espécie de medo de não ter medo. «Não, não faça isso», disse ele. «Deixe simplesmente em paz.» Houve mais naquela hora e um quarto em que lá estive e, como antes, sabia-se quando terminara. Ele lançou um olhar ao relógio dobrável sobre a mesa-de-cabeceira. Levantei-me instantaneamente e ele fez o mesmo, puxando a cadeira da secretária para eu me sentar. Foi à casa de banho lavar as mãos e regressou; depois de uma pausa bastante longa, colocou levemente as mãos sobre os meus olhos.

Nos dias que se seguiram, Krishnamurti falou aos estudantes sobre o que o computador faria às suas vidas e sobre como utilizariam o tempo livre que ele lhes proporcionaria. Uma jovem perguntou-lhe o que faria ele com todo esse tempo livre. «Faria exatamente o que estou a fazer agora, porque adoro isto; quando se ama aquilo que se faz, isso é lazer.» Noutra manhã falou com professores sobre imagens e relação, e eu senti o eco e a profundidade do que aprendera na entrevista.

Numa noite, as crianças apresentaram um espetáculo de marionetas sobre Ulisses e o Ciclope. Tinham sido feitos enormes bonecos de papel-machê. Shakuntala Narayan emprestou-me um sari branco, ajudou-me a

vesti-lo, e fomos ao espetáculo, onde nos sentámos na primeira fila. Krishnamurti entrou, reparou imediatamente que eu usava um sari e ergueu as sobrancelhas, divertido. Mais tarde, ao despedir-se, disse-me: «Vejo que tem um vestido novo.»

**Conversando com os estudantes em Rishi Valley**

Houve longos passeios e subidas pelas colinas onde eu me deitava ao sol acima do vale silencioso; por vezes, o único som era o de um rapaz tocando flauta enquanto guardava o seu rebanho de cabras. O tempo parecia suspenso, e o centro do mundo parecia estar ali concentrado — uma sensação de presença. Às vezes caminhava ao fim da tarde e encontrava Krishnaji na estrada, regressando com ele na luz imóvel e límpida, com o céu dourado-limão por trás das colinas ocidentais. Falava, como frequentemente fazia, em francês: «Vous avez l'air rajeunis. Ça vous fait du bien ici.»[1]

No dia nove de fevereiro deixámos Rishi Valley. Eu estava acordada às cinco da manhã e de pé fora do meu quarto quando ouvi meio arquejos, meio gritos vindos do quarto de Krishnaji, por cima. Encontrei Alain e disse-lhe que aquilo parecia preocupante. Respondeu-me para não prestar atenção, pois acontecia muitas vezes. Foi a minha primeira consciência do curioso fenómeno a que chamavam o «processo».

Às seis da manhã, Alain e eu partimos de carro para Bangalore. O céu ainda estava escuro, mas pálido atrás das montanhas orientais. Todas as estudantes, vestidas de branco, corriam ao longo da estrada da escola, gritando «Adeus!» e agitando as mãos pela janela do carro. O vale era infinitamente belo e pacífico. Atravessámos Madanapalle, onde Krishnamurti nascera, e seguimos por um território desértico e rochoso. Era bom estar novamente em movimento.

## Capítulo Quatro

Fui convidada para a casa de Pupul Jayakar, em Bombaim, dois dias depois de lá chegar, em 1966. Krishnaji encontrou-me no átrio, perguntou pela minha saúde e guardou algumas das minhas coisas em segurança. Perguntou-me sobre o hotel onde eu estava hospedada. «Como é? Que horrível esta cidade.» Fazia os seus passeios num parque, mas achava-o

feio. Mencionei Elephanta, onde se encontra o Mahesh Murti, a grande escultura numa gruta com as três faces de Shiva, e ele disse: «Gostaria de a voltar a ver.» Sugeri um barco rápido para o levar até à ilha onde se encontrava, mas respondeu que seria demasiado longo e cansativo. Disse-lhe que talvez pudéssemos encontrar um helicóptero, mas ele limitou-se a acenar com as mãos. Alguns dias depois consegui encontrar um, mas ele decidiu que seria demasiado cansativo. Fui eu com Alain, numa viagem de uma hora de barco através do enorme porto, passando por navios fundeados. Estava calor na subida até às grutas, mas, apesar das multidões ruidosas e desatentas e das crianças com rádios transístor colados aos ouvidos, permanecemos muito tempo diante das grandes e meditativas três faces de Shiva. Toda a vida humana parecia refletida ali e algo muito para além dela.

Nessa tarde fui com Krishnaji, Madhavachari e Alain passear no pequeno parque de Malabar Hill. Falámos de Elephanta, da beleza da escultura, do ruído das multidões. «Não sei no que este país se está a tornar», disse Krishnamurti, indicando um homem e uma rapariga sentados num banco com os braços despreocupadamente à volta um do outro. «Nunca teria visto isso há pouco tempo.» Falámos sobre a sua primeira palestra em Bombaim, e perguntou-me se eu achava que as pessoas a tinham compreendido ou se lhes passara acima da cabeça. O que pensava eu do público, etc. Houve um pôr do sol brilhante, e corvos voavam por entre as flores e as sebes de topiária. O céu estava cor de marfim quando partimos.

No dia dezoito de fevereiro, Krishnamurti realizou a primeira discussão pública às oito e meia da manhã, no Khareghat Hall. Depois, Alain, Frances e eu fomos com Krishnaji discutir o projeto da casa em França. Alain iria procurar um lugar. Krishnamurti queria que fosse propriedade da Krishnamurti Writings, mas controlada por um comité composto por Alain, Gérard Blitz, Frances e eu. Durante a discussão, a pequena neta de Nandini Mehta entrou a correr e atirou-se para Krishnaji, que se levantou de um salto, beijou-a nas duas faces e ergueu-a bem alto no ar.

No dia seguinte houve a primeira discussão privada na casa de Pupul Jayakar. Cerca de quinze pessoas estiveram presentes. Perguntou-se o que

um indivíduo pode fazer perante a desintegração da sociedade. Krishnamurti abordou a questão dizendo que a mudança de cada indivíduo por outro é impossível; a mudança pela evolução, pela ação social, não o conseguira e implicava tempo. Depois perguntou se haveria algo totalmente diferente. Fez a distinção entre o indivíduo e o ser humano, isto é, o indivíduo tem o seu condicionamento separado, mas o ser humano possui o condicionamento de toda a consciência humana. Colocou a questão e depois voltou a insistir na inutilidade dos outros caminhos. Muitas vezes, nas discussões, dava um grande passo em frente, oferecendo uma sugestão, um vislumbre, e depois alguém dizia: «Mas, Krishnaji, nós não vemos isso.» Então seguia-se um catálogo de todas as nossas insuficiências, e foi assim nesse dia.

No dia seguinte teve lugar a primeira discussão privada em casa de Pupul Jayakar. Estiveram presentes cerca de quinze pessoas. Perguntou-se o que pode um indivíduo fazer perante a desintegração da sociedade. Krishnamurti abordou a questão, dizendo que a mudança de cada indivíduo por intermédio de outro é impossível; a mudança pela evolução, pela ação social, não o tinha conseguido e implicava tempo. Perguntou então se existiria algo totalmente diferente. Fez a distinção entre o indivíduo e o ser humano, isto é, o indivíduo possui o seu condicionamento separado, mas o ser humano possui o condicionamento de toda a consciência humana. Colocou a questão e depois voltou a insistir na inutilidade de outras vias. Muitas vezes, nas discussões, dava um grande passo em frente, oferecendo uma sugestão, um vislumbre, e então alguém dizia: «Mas, Krishnaji, nós não vemos isso.» Seguia-se então um catálogo de todas as nossas limitações, e assim foi nesse dia.

No dia vinte deu a sua terceira palestra em Bombaim, sobretudo acerca do tempo e do pensamento conduzindo ao conflito e à dor — uma palestra tremenda, proferida com o máximo poder e uma energia que parecia surgir nos momentos mais intensos da sua fala. Também um espectáculo extraordinário, uma majestade de expressão e de gesto.

Outro lado revelou-se na discussão privada seguinte, quando chegou ligeiramente atrasado, por ter estado a conversar com um guru. Entrou a rir, como se tivesse escapado de alguma coisa.

— O guru acusou-me — disse ele. — Disse que eu era arrogante por afirmar que os gurus são prejudiciais.

Usava uma kurta de algodão que, de certo modo, lhe dava o aspecto de uma criança. Tinha as mãos e os pulsos esguios de um rapaz novo; até a forma como se sentava numa cadeira, ligeiramente com os pés virados para dentro, era a postura de um rapaz. Mas nesse dia sentou-se de pernas cruzadas no chão e voltou a falar do pensamento como estando no tempo e, portanto, não estando fora da consciência. Se alguém vê isso como vê que uma estrada não conduz a casa, então pára e deixa de seguir por essa estrada. Do mesmo modo, quando alguém vê que o pensamento e o tempo conduzem apenas ao conflito e à dor, então fica em silêncio. Aqui devo ter parecido hesitante, porque ele disse:

— O que diz, Sra. Zimbalist?

Respondi que a enormidade de ver isto fazia a maioria das mentes recuar.

— Porque faz alguma coisa quando o vê? — perguntou ele.

— Porque o desafio se lhe impõe — respondi.

— Porque é desafiada?

— Porque as implicações dessa visão são tão esmagadoras que a mente ergue todas as suas defesas contra o ato de ver.

Foi aqui que senti os cabritos separarem-se das ovelhas.[1] A visão dele tinha de ser total e, portanto, ação. Para mim, até mesmo o vislumbre da perceção ameaçava de tal modo a mente pensante que esta se fechava. Não podia permanecer aberta a isso, porque isso significava a sua própria destruição completa. Sentia que, tal como somos organicamente contrários à morte e confundimos isso com o pensamento, a perceção fecha-se abruptamente, o contato é quebrado e aquilo que foi momentaneamente percebido é filtrado em segurança para o pensamento como um conceito intelectual. Parecia-me que, para Krishnaji, a perceção abria uma porta, e a abertura da porta era o atravessá-la. Para os outros, a porta aberta é tão ameaçadora para o processo de pensamento, que consideramos tão vital quanto a respiração, que fechamos a porta violentamente. Existe uma aversão ao vazio. Uma mente pode parar por um instante, mas a

consciência, não transitando para um estado diferente e incapaz de existir num vazio, regressa aos seus velhos mecanismos.

O tempo terminou para esse encontro, mas a discussão prosseguiu no dia seguinte. Entrou numa metáfora em que eu caminhava por uma estrada que não levava a lado nenhum (o pensamento) e, contudo, não conseguia deixar de caminhar (o pensamento não consegue parar).

— Então continue a caminhar — disse ele. — Porque parar?

— Porque isso resulta em dor.

— Porque insiste que não consegue parar?

Ao longo desta troca, que foi bastante longa e ocupou quase uma hora, existia uma curiosa sensação de comunicação a ocorrer num nível diferente. Eu estava sentada directamente em frente dele e, quando dizia algo ou fazia uma pergunta, continuava a sentir que ele prosseguia a falar comigo sem palavras, através de um olhar.

Quando a discussão terminou, falei-lhe, dizendo que ouvira haver alguma incerteza quanto ao projeto da casa em França e implorei-lhe que o considerasse.

— Entre, entre — disse ele.

Quando entrei no quarto, perguntou:

— Não se importou que eu a tenha atacado há pouco?

Respondi que, evidentemente, não. Quanto à casa, estava preocupado com a despesa.

— Quando podemos conversar? Venha ao passeio da tarde.

Assim fiz, ficando sentada à espera com Pupul Jayakar e Nandini Mehta. Quando entrou, colocou provocadoramente a mão na cabeça de Nandini, desalinhando-lhe ligeiramente o cabelo. Disse-me:

— Veja, conheço-a há vinte anos. Quando a conhecer há vinte anos, poderei fazer o mesmo.

— O que o senhor não sabe é que me conhece há vinte anos.

— Conheço? — disse ele, avançando como se fosse fazer o mesmo.

Afastei-me e acrescentei:

— Mas tem de saber que me conhece há tanto tempo.

Nesta nota de brincadeira, ele, Alain, Madhavachari e eu fomos de carro até aos Hanging Gardens[2] e caminhámos às voltas. Depois perguntou-me de novo qual era a minha impressão do público das palestras.

— Sentam-se tão silenciosamente — disse ele. — Posso perguntar-lhe o que tudo isto significa para si?

Falei de um processo de mudança e de uma relutância em avaliá-lo, mas, olhando para trás, via um passado diferente. Ele assentiu, e continuámos a caminhar. Passado um pouco, disse que nunca possuíra nada — um chez-soi[3] — mas fora sempre hóspede. Porque sentia eu que ele deveria aceitar aquela oferta em França? Reiterei a razão de ele ter uma alternativa ao seu antigo horário — um lugar para estar à sua disposição, se e quando escolhesse utilizá-lo. Disse que poderia ir para um hotel, mas rapidamente concordou que não gostaria disso. Falei da minha própria surpresa pelo facto de a Krishnamurti Writings não providenciar isso; que Rajagopal deveria apoiá-lo, especialmente porque seria um grande acréscimo para a KW Inc.

— E se Rajagopal recusar? — perguntou.

— Então espero que aceite na mesma e nós arranjaremos outra forma de o gerir.

Pareceu entusiasmar-se e falou de Alain encontrar um lugar, e depois ele, Vanda e eu irmos vê-lo. Continuámos a caminhar, e um jovem juntou-se ao passo dele e fez algumas perguntas. Após seis voltas, parámos e regressámos de carro a Dongersey Road.

— Vejo-a amanhã na arena — disse ele.

A cidade de Bombaim era para mim um contraste devastador de condições humanas. Mais do que em Benares, onde a vida parecia um todo fervilhante, aqui havia símbolos ocidentais de riqueza em edifícios modernos e altíssimos, e no passeio por baixo uma lona estendida sobre dois postes inclinados era o local de habitação de uma família. Uma amiga em Roma dera-me algum dinheiro, pedindo-me que o entregasse directamente a alguém necessitado na Índia. Um jovem esfarrapado dormia numa rua perto do hotel. Por impulso, coloquei o dinheiro ao lado dele, mas depois, pensando que lho poderiam roubar, toquei-lhe no ombro e

entreguei-lho. Acordou com uma expressão de perplexidade e medo, pelo que me afastei em direção à avenida principal, onde a miséria estava por toda a parte. Um mendigo leproso jazia na estrada, cego, sem braços, impulsionando-se ao rolar repetidamente na sarjeta.

No dia três de Março realizou-se a sexta e última discussão privada. Voltou ao eterno impasse de não conseguir abandonar o pensamento, de ouvir interminavelmente, de ver intelectualmente que o pensamento é a origem do conflito e da miséria, mas permanecendo tudo superficial. Qualquer esforço vindo do pensamento era apenas a sua continuação. K perguntou quando é que alguém se apercebe de que está a pensar. Descrevi-o como uma actividade que mede constantemente o eu em relação a tudo, em todos os momentos de vigília e até no sono. Ignorou isto e fez a pergunta a outra pessoa. Utilizou a metáfora de um tambor que está afinado quando está silencioso, mas o pensamento é o desafinar desse tambor.

— O que acontece quando põe o pensamento de lado, quando lhe volta as costas?

Respondi que não conseguia fazê-lo; como pode alguém afastar-se dele, mesmo quando vê a sua inutilidade?

Disse:

— Está no pensamento e não consegue sair dele; porque insiste nisso?

Nesse momento eu apenas conseguia ver uma parede de pensamento atrás da qual estava aprisionada sem esperança.

De repente disse-me:

— Sra. Zimbalist, a beleza é pensamento? O pensamento está a operar quando existe beleza?

— Não, senhor.

— Então conheceu a beleza, momentos que não pertencem ao pensamento. Porque diz isso?

E eu vi e disse que a beleza está fora do pensamento e é suficientemente forte para romper a prisão do pensamento. E embora não o tenha dito, o amor, que talvez seja o mesmo que a beleza, também possui essa força.

— Então — disse ele — consegue ver a beleza do tambor, vazio, afinado, e que a ação nasce daí?

Eu vi. Houve mais um pouco com outras pessoas, e depois o encontro terminou.

— Vejo-a esta noite — disse ele quando saí. — E agarre-se a esse tambor!

Nessa noite Frances, Alain e eu jantámos com a Sra. Mehta, mãe de Pupul Jayakar e de Nandini Mehta, num encontro familiar com Krishnamurti presente; um jantar encantador, com comida deliciosa, flores e incenso. Ele estava descontraído e a desfrutar do momento.

No dia seis de Março fui buscar as coisas que deixara à guarda de Krishnaji. Havia pessoas sentadas em círculo no chão com um trovador barbudo e moreno que segurava um instrumento de uma só corda e castanholas. Passado um momento, Krishnaji entrou e a música começou — canções melancólicas, tristes e belas. No final, Krishnamurti agradeceu ao cantor e colocou uma oferta de roupa no chão, ao lado dele. Mais tarde contou-me que ouvira o homem cantar na rua.

— As pessoas ricas daqui não o escutam; apenas os criados lhe dão algum dinheiro. É do sul, fala telugu.[4]

Mandara chamar o homem para que fosse ouvido.

Nessa noite Krishnamurti e alguns de nós partiríamos da Índia para Roma, mas o voo atrasou-se para as quatro da manhã. Devotos tinham vindo ao aeroporto despedir-se dele; numa sala de espera especial estavam sentados, olhando-o intensamente. Por fim levantou-se e saiu. A senhora parsesa a quem chamávamos «Moonlight» disparou atrás dele, e eu fui também, mantendo-me entre ele e ela até Madhavachari intervir. Disse-me:

— Não consigo suportar estar sentado ali a ser encarado.

Descolámos às quatro e meia da manhã, Krishnaji em primeira classe e Alain, Frances e eu em classe turística. Continuava a vir visitar-nos.

— A visitar os pobres — dizia ele.

Foi estimulante estar novamente em Roma. Krishnaji estava hospedado em casa de Vanda Scaravelli, tal como Alain, e eu num pequeno hotel perto da Piazza Navona. Jantei com um amigo na primeira noite, num

restaurante onde tudo parecia simultaneamente familiar e espantoso, brilhante e cheio de bons aromas e cores quentes. O gato do restaurante olhou-me como um igual. Era um gato próspero, não uma criatura esfomeada e miserável. A comida deliciosa trazia bem-estar, e dentro de mim permanecia a sensação luminosa daquilo que Krishnamurti dissera alguns dias antes.

Permaneci em Roma dois dias. Havia recados a tratar e depois fui à Via del Casaletto almoçar com Vanda Scaravelli. Krishnaji usava agora calças cinzentas e uma camisa azul, mas ainda trazia as sandálias de Madrasta.[5] Num estado de espírito enérgico, pediu-me que resumisse as minhas impressões da Índia e «daquele homem que fala». Depois começou a imitar a maneira como alguém poderia descrever as suas palestras:

— Oh, foi maravilhoso! Toda a gente ficou simplesmente sentada. Foi extraordinário. Que dignidade! Claro que não lhe consigo dizer o que ele disse, mas foi maravilhoso, e eu compreendi.

No dia seguinte, depois do almoço, fomos todos ao cinema ver um filme de James Bond. O enredo tomava tantas voltas que Alain, que lera o livro, tinha de continuar a explicar o que estava a acontecer.

— Quantos problemas e quanta engenhosidade se gastam para nos entreter — disse K durante algumas cenas submarinas.

E:

— Oh, valha-me Deus — em tom de repugnância durante algumas cenas amorosas.

Reparou em todos os carros e penso que gostava das partes com engenhocas do filme. No regresso de carro, perto da Piazza Navona, quando o semáforo ficou vermelho, saltei para fora do carro e eles despediram-se acenando:

— Fique bem, volte em breve.

Voei para Paris e depois para os Estados Unidos.

**Capítulo Cinco**

Krishnamurti deveria falar em Londres a vinte e seis de Abril. Regressei aí dos Estados Unidos no dia anterior, e Alain telefonou para o local onde eu estava hospedada, pedindo-me que encontrasse K e ele na

Huntsman, o alfaiate de Krishnamurti. Isto fez-me rir porque, no Verão anterior, em Gstaad, Vanda Scaravelli convidara-me para almoçar e eu ficara sentada ao lado de K. Um amigo dele à minha esquerda usava um facto feito por um alfaiate londrino recomendado por Krishnamurti, e eles conversavam por cima de mim acerca do corte do facto. Após algum tempo disto, eu disse:

— Estão a falar da Huntsman, não estão?

— Huntsman — o que sabe sobre a Huntsman? — perguntou Krishnamurti, muito surpreendido.

— O meu marido ia à Huntsman — respondi.

Krishnamurti olhou para mim como se eu tivesse acabado de entrar no seu campo de visão. Mais tarde acompanhou-me educadamente até ao carro e, quando me afastei a conduzir, ergueu a mão numa espécie de saudação e disse, de forma cúmplice:

— Huntsman!

Senti que acabara de adquirir uma identidade para ele — uma mulher que conhecia a Huntsman.

Anteriormente eu comprara um carro novo e, quando conduzi perto da Kingston By-pass, onde Krishnamurti, Alain e Anneke Korndorffer estavam hospedados numa casa alugada, Krishnamurti viu o carro pela janela e saiu para o inspeccionar. Não era um Mercedes, por isso disse pouco.

Nessa noite deu a sua palestra inaugural em Londres, no Friends Hall, em Euston Road. No dia seguinte levei-o de carro, com Alain, a uma ronda de compromissos. No carro, falando de assuntos diversos, a certa altura disse:

— Importa-se que diga algo sério? Estava a pensar esta manhã — foi bastante extraordinário — a meditação pode ser maravilhosa quando se sabe fazê-la — o que é a humildade? É estar sem conteúdo, sem qualquer movimento em direção a algo.

Noutra viagem para Londres começou muito cedo:

— Importa-se que conversemos seriamente? Isso interfere com a sua condução? Quero discutir o que é a seriedade. O que é para si?

Disse que, para mim, era não haver retirada; um compromisso que não seria abandonado quando o interesse próprio fosse ameaçado. Disse que existia decisão nisso, que no dia anterior David Bohm afirmara que ele próprio não era suficientemente decisivo, e que essa palavra o impressionara. Naudé citou algo que Krishnamurti dissera três anos antes sobre a seriedade, mas K afastou o comentário. Raramente se interessava por ouvir as suas próprias palavras repetidas. A sua atenção parecia concentrar-se na ação fresca que estava viva na sua mente. Perguntou-me subitamente se eu achava que alguém que ambos conhecíamos era sério. Fiz uma longa pausa antes de responder que não.

— Porquê?

— Deixe-me responder dizendo aquilo que sinto ser falta de seriedade: não estar disposto a ir até ao fim com algo, onde quer que isso conduza; não escolher por interesse próprio; não estar dividido.

— Porque fazem as pessoas isso?

Disse que pensava tratar-se, em parte, do medo de colocar todos os ovos no mesmo cesto.[6] A multiplicidade parecia mais segura.

Ele disse:

— Mas na verdade as pessoas teriam muito mais, mas não o vêem. Seria séria se casasse — Deus nos livre — e tivesse uma família?

Respondi que isso dependeria do casamento, da relação.

— Mas as pessoas dizem que são sérias quanto ao trabalho, quanto às pessoas com quem casam. Eu sou sério quanto ao facto que vou vestir. Tem interesse próprio neste carro?

Respondi que sim, mas seriam essas coisas a medida da seriedade? Ou seria aquilo que uma coisa dessas significava para mim?

Ao longo de toda esta conversa, ele orientava-me no trânsito como orientara o ajuste do facto pelo alfaiate, a escolha dos tecidos. Esta última era claramente uma fonte de prazer para ele. Mais tarde almocei com ele e Anneke Korndorffer. A conversa à mesa incidiu sobretudo sobre dieta, LSD e gatos que conhecêramos. Anneke trouxe à conversa o tema do LSD, lembrando-se de o termos discutido no ano anterior. Krishnaji, que se esquecera disso, mostrou-se surpreendido por eu conhecer o assunto e

voltou a falar-nos do soma na Índia antiga.[7] Disse que Aldous Huxley lhe dissera:

— O LSD não era exactamente a coisa real — a experiência da verdade — mas era parecido.

— Não consigo acreditar nisso — disse K. — Não pode ser parecido com a coisa real; isso não pode ter sombra.

Na manhã de trinta de Abril, Krishnamurti deu uma palestra no Wimbledon Town Hall. À tarde apeteceu-lhe sair para o campo, e conduzimos sob um sol quente em direção a Wisley, onde tínhamos ido no ano anterior, mas o parque de estacionamento estava cheio e ele disse:

— Vamos continuar.

Seguimos então para sul, mais profundamente pelo campo. Falou de Mary Lutyens e do marido dela, Joe Links. Conhecia-a desde bebé, a mais nova da família Lutyens, que se tornara uma segunda família para ele e para o irmão quando os dois rapazes chegaram pela primeira vez a Inglaterra. Os Links tinham uma casa perto de Haslemere, e dirigimo-nos nessa direção, atravessando a beleza da Inglaterra naquela estação do ano. Em Haslemere perguntámos o caminho e, por estradas sinuosas, encontrámos a casa, mas não havia ninguém. Um agricultor disse que eles estariam a passear, por isso caminhámos também pela estrada e encontrámo-los. Krishnaji pareceu muito satisfeito com a surpresa, e eu tive o prazer de conhecer pela primeira vez duas pessoas que se tornaram amigas próximas. Caminhámos todos de regresso através de bosques cobertos de jacintos-silvestres[8] e tomámos chá — ou melhor, Alain e eu tomámos chá, e K, como habitualmente, apenas água. Foi um momento descontraído e muito agradável, e ele parecia jubiloso por reencontrar velhos amigos.

---

**Notas**

1. Expressão bíblica inglesa (“to separate the goats from the sheep”), usada para distinguir os que compreendem dos que não compreendem verdadeiramente.

2. Jardim público famoso em Bombaim (actual Mumbai), situado em Malabar Hill.

3. Expressão francesa que significa «um lar», «uma casa própria».

4. Telugu: língua falada sobretudo nos estados indianos de Andhra Pradesh e Telangana.

5. "Madras" é o antigo nome colonial da actual cidade de Chennai, no sul da Índia.

6. Expressão idiomática equivalente a «arriscar tudo numa única opção».

7. Soma: substância ritual mencionada nos textos védicos da Índia antiga, frequentemente associada a estados alterados de consciência.

8. "Bluebells": flores silvestres muito comuns nos bosques britânicos na Primavera.

Nas viagens de carro, Krishnaji recordava lugares onde tinha ficado por toda a Inglaterra. Falou de nunca o deixarem sair sozinho quando era novo. Dava qualquer dinheiro que tivesse, e a Sra. Besant dizia: «Pelo amor de Deus, não o deixem sair sozinho.»

«O meu irmão nunca me deixou», disse ele, com o que pareceu ser gratidão. No carro, no regresso, referiu-se à palestra da manhã em Wimbledon e perguntou-nos o que significavam para nós o observador e o observado, e daí passou a perguntar se o amor é uma questão de pensamento. Assim regressámos a Kingston no que pareceu pouco tempo. O carro comportou-se eficientemente, e Krishnaji parecia apreciá-lo. Anneke tinha a ceia preparada, e assim terminou um dia feliz.

A dois de Maio, outro dia claro e quente. Fui a Kingston munida de mapas e de um itinerário para uma viagem até aos Cotswolds, mas isso pareceu demasiado longe, por isso seguimos em direção a Winchester, passando sem saber pelo lugar que, alguns anos mais tarde, viria a tornar-se a escola de Brockwood Park. Almoçámos em Winchester, no Wessex Hotel, e visitámos a catedral. Continuámos pela região dos Wallops, onde parámos e, num campo de erva verde-profunda, estendemos uma grande manta vermelha e os três dormimos uma curta sesta. Um vento de Verão limpo e claro soprava através da terra e das árvores. Seguimos então para

Stonehenge, onde Krishnaji nunca tinha estado. As grandes pedras mantinham o seu silêncio apesar das pessoas a dispararem máquinas fotográficas.

No carro, no regresso, K disse que uma pergunta feita por alguns jovens lhe voltara à mente. Disse que o tempo é como um rio a fluir, mas que o dividimos em passado, presente e futuro. Em vez disso, dever-se-ia ver o todo, e quando se faz isso, o tempo tem de parar. «Sim, vejo!» disse ele. «Mas não devo falar disso agora.» Durante todo o regresso, parecia que a sua mente voltava constantemente a isso, mas não o interrogámos por receio de retirar frescura à palestra do dia seguinte. A espontaneidade da perceção parecia fazer parte intrínseca do seu modo de falar.

Disse subitamente: «Quando o meu irmão morreu, esta pessoa desmaiou, entrou em coma durante vários dias — foi o que Shiva Rao me contou — e quando recuperou, todos lhe asseguraram que estava bem, mas embora gritasse e tivesse sido um grande choque, nunca passou desse facto para perguntar: "O que significa tudo isto?"»

Estava intenso e exaltado pela perceção do tempo e disse: «Gostava de poder dar a palestra agora mesmo!» e quando mais tarde nos sentámos para a ceia que Anneke preparara, disse: «Estou pronto para falar agora mesmo!» Estávamos preocupados que lhe fosse difícil dormir num tal estado de espírito, especialmente porque não dormira o suficiente na noite anterior. Vimos televisão como soporífero. Funcionou, e desejei-lhes boa-noite e fui para Londres.

No dia quatro de Maio encontrei Saral e David Bohm em Londres e conduzi-os até casa de Krishnamurti para uma conversa. Nela, ele afirmou que, na realidade, nada há a fazer senão escutar — escutar com afeição. Se se faz uma afirmação verdadeira, ela tem a sua própria ação, se escutarmos. Ilustrou isto com uma história de que gostava: uma família de ladrões passava diante de um mestre e tapava os ouvidos para evitar ouvi-lo. O mais novo pisou um espinho, baixou as mãos e ouviu as palavras «roubar é mau». Mais tarde, deixou de conseguir roubar. Depois, os cinco fomos caminhar em Richmond Park.

Na manhã seguinte conduzi Krishnaji e Alain até Londres para provas de roupa e, no caminho, K falou da conversa. Perguntei se não existe outra

ação além de escutar. «É tudo o que se pode fazer», respondeu. Subitamente disse: «Quando esta pessoa era rapaz, era vago, estúpido, um atrasado sem capacidade para estudar quando o encontraram. Sabe, os Teosofistas diziam ver uma aura, que este rapaz tinha o mínimo de eu. Estava sujo, com piolhos no cabelo, nas sobrancelhas; tiveram de lhe rapar a cabeça. Foi ensinado, e contudo nada disso o modificou. Porque não foi condicionado?»

As palestras continuaram em Wimbledon, e todos os dias havia caminhadas em Richmond Park. Num domingo, embora estivesse a chover, levámos um almoço de piquenique e partimos em direção a Haslemere, onde tínhamos sido convidados pelo Sr. e pela Sra. Links. Conduzimos o mais possível por pequenas estradas rurais e parámos numa vereda para o nosso piquenique. Alain tinha preparado uma ratatouille e, como estava demasiado húmido para sair do carro, comemos lá dentro, descontraídos e brincando acerca de várias coisas. A chuva parou quando chegámos à casa dos Links, e todos fomos dar um passeio e regressámos para um agradável chá.

Krishnamurti deu a sua quinta e última palestra em Londres no dia dez de Maio. No dia doze cheguei à casa em Wimbledon às sete e meia da manhã e, com Alain, arrumámos toda a bagagem no carro. Os três conduzimos até Lydd, no Canal da Mancha, e atravessámos o Canal até Le Touquet, levando connosco o carro. Sentíamo-nos exaltados por estar em França e seguimos para sudoeste sob um céu limpo. Krishnaji dormia e por duas vezes despertou com aquele grito que me alarmara em Rishi Valley. De Rouen seguimos para sul até Louviers, depois para um pequeno lugar que eu encontrara no Guia Michelin chamado Vironvay. Tinha reservado quartos para nós em Les Saisons, que afinal era uma quinta convertida, com pequenos chalés em redor de um jardim perfumado. Fomos dar um passeio e, como o chalé em que eu estava tinha uma pequena sala de estar, serviram-nos lá o jantar diante de uma lareira acesa. Krishnaji pareceu agradado com tudo aquilo.

## Capítulo Seis

No dia seguinte, dezasseis de Maio, o sol brilhava, todos se sentiam muito bem, e deixámos Vironvay perto do meio-dia. No carro, Krishnaji

voltou a falar daquele «rapaz», dele próprio em criança; de como era espancado na escola por ser lento; de como todo o treino e educação que recebeu depois de a Sra. Besant o adoptar, de algum modo não condicionaram o rapaz num sentido psicológico; de como amadureceu muito tarde. Contou-nos a história de quando esteve no sul de França ao cuidado de um americano que «andava atrás de raparigas», deixando-o sozinho no hotel. Na sala de jantar, um casal da mesa ao lado discutira; o marido embriagara-se e perdera os sentidos, e a mulher começara a falar com o rapaz, levara-o para o quarto dela, fechara a porta e tentara fazer amor com ele. «Eu não percebia do que se tratava.» Ela percebeu isso, pediu desculpa, e ele saiu. «Conseguem imaginar o que teria acontecido se o marido aparecesse?» A Sra. Besant ficou horrorizada, e nunca mais o deixaram sozinho; iam sempre devotos com ele, de preferência dois. Perguntei-lhe se em Paris ia alguma vez a museus, teatros, ou simplesmente vagueava pelas ruas.

Nada de passeios sozinho; o Louvre, sim; alguma ópera; frequentemente concertos; mas era sempre «levado». Parecia ter ido tomar chá com pessoas numa imensa formalidade, sem liberdade.

Chegámos à hora de almoço ao Coq Hardi, onde eu reservara uma mesa num jardim cercado de hortênsias cor-de-rosa. A gerência lidava naturalmente com o vegetarianismo, e pedimos a partir de uma lista tentadora de possibilidades. Tudo estava excelente, e tive o prazer de os ver apreciar aquilo. O apreço de Krishnaji pelo melhor e o interesse que mostrava em tudo era divertido de observar. Observava discretamente os outros hóspedes e fazia conjecturas sobre eles. Parecia ter a curiosidade de um rapaz que raramente sai para o mundo. Comemos morangos silvestres e melão, depois salada, depois espargos com molho holandês, corações de alcachofra, queijos, e finalmente Krishnaji comeu uma tarte aux poires. Alain comeu oeufs à la neige, mas eu desisti. Quando a conta chegou, ficaram horrorizados. Eu sabia que seria tão cara? Sabia, e paguei-a com satisfação pelo prazer que proporcionara. «Meu Deus, Madame!» repetia K. Seguimos então para Paris e para a Avenue de La Bourdonnais, onde eles ficaram em casa do Sr. e da Sra. Suarès.

Krishnamurti começou as suas palestras em Paris a dezasseis de Maio, na Salle Adyar. Havia compras a fazer e depois passeios diários no Bois e

em Bagatelle, onde, como noutras excursões, K começou subitamente a falar de novo «do rapaz». Contou-nos como Leadbeater o descobrira; como outro rapaz fora escolhido e estava a ser educado para ser o Instrutor do Mundo.[1] O pai de K pedira um emprego na Sociedade Teosófica e fora aceite, mas vivia fora de Adyar.[2] K e Nitya frequentavam uma escola onde K era espancado. Os irmãos iam para a praia, onde foram vistos por Leadbeater. Aqui K explicou a teoria das auras — uma espécie de algo visível, geralmente colorido, que rodeia a pessoa; quanto mais espiritual, mais ampla a aura. Dizia-se que a do Buda era tão vasta quanto o universo. A aura de Krishnamurti fora vista como possuindo o mínimo de individualidade. Mandaram informar a Sra. Besant acerca do rapaz; ela veio, e foi ela quem disse que K seria o Instrutor do Mundo. O rapaz americano foi afastado e proibido de se aproximar de K e Nitya. Perguntei o que fora feito dele, e K disse que julgava que se tornara advogado nos Estados Unidos. Descreveu a complacência do jovem rapaz (ele próprio) e como ficava a olhar pela janela de boca aberta. Isso irritava Leadbeater, que um dia se aproximou por trás de K e lhe fechou violentamente a boca. A partir desse dia, K voltou-se apenas para a Sra. Besant e fechou-se a Leadbeater, embora continuasse a responder «o que quiser» às suas ordens.

Depois K explicou-nos a ordem teosófica das coisas: os sete mestres, uma espécie de supermestre, depois o Senhor Maitreya, o Buda e o Senhor do Universo. Acreditava-se que o Senhor Maitreya era um ser vivo no Tibete que periodicamente deixava o seu próprio corpo e entrava no de outra pessoa. Por causa do sofrimento da humanidade, ainda não avançara para o estado de Buda. Dizia-se que entrara na forma de Jesus. Perguntei a K se conseguia ver auras. Disse que antigamente conseguia. Perguntei-lhe se a sua extraordinária perceção nas entrevistas vinha desse tipo de faculdades. «Provavelmente», respondeu, e contou a história de um homem que o procurara. K fora capaz de lhe dizer tudo sobre si mesmo, e o homem ficara irritado. Enquanto descrevia estas coisas, parecia saber como aconteciam.

Algumas tardes mais tarde, Krishnaji e Alain foram comigo até Saint-Germain-en-Laye, onde demos um longo passeio na floresta e pelas alamedas de tílias. No caminho de regresso, de novo subitamente, K falou do passado. «Conhecem a história de como esta pessoa viveu em Ojai, no princípio, com o irmão numa casa vazia? Foi lá que começaram, de

repente, ataques de inconsciência, coma, que surgiam à noite durante meses. Ele gritava. O irmão estava lá, assim como Rosalind e o Sr. Warrington, um Teosofista. Nunca lhe tocaram no corpo.»

Repetiu isto várias vezes. Perguntei-me se havia algum propósito em contar-nos tudo isto. O irmão escreveu tudo: como K dizia poesia maravilhosa e coisas estranhas aconteciam. Perguntámos o que acontecera.

«Uma estrela apareceu», disse hesitante.

«Onde?»

«Sobre a cabeça dele.»

Não tinha memória de tudo isto, nem então nem depois.

«Tinha consciência do que estava a acontecer?», perguntei.

«Provavelmente devia ter», respondeu.

Disse que escreveram a Leadbeater, e este respondeu que tinham experiência de certos fenómenos, mas nada semelhante àquilo. As experiências continuaram, e em 1947 Pupul Jayakar e a irmã, Nandini Mehta, testemunharam-no nesse estado, mas Rajagopal obrigou-as a guardar segredo.

«Pensei que sabiam tudo isto.»

Alain: «Não, senhor.»

«Tentarei conseguir-vos o relato disso.»

Krishnaji não queria pedir a Rajagopal, que perguntaria porque queria K vê-lo e só lho mostraria na sua presença. Madhavachari tinha-o, e K pedir-lho-ia. Disse-lhe que tudo o que eu sabia vinha da leitura do livro de Lady Emily Lutyens, *Candles in the Sun*.[3]

Perguntei-lhe durante quanto tempo esta experiência ocorrera antes de ele começar a falar à sua maneira e não dentro do contexto teosófico. Disse que acontecera por volta de 1922 e que o seu modo próprio de falar surgira por volta de 1925. Perguntei-lhe se, em retrospectiva — não como memória

— compreendia o significado da experiência, e respondeu: «Não. Mas seria interessante saber.» Continuou então o assunto que explicara no outro dia: o conceito dos Mestres, do Maitreya, do Buda e do Senhor do Universo no topo. E o conceito do corpo de um homem vivo ser tomado como veículo para o Instrutor do Mundo — os conceitos de avatar e de Instrutor do Mundo. Alain mencionou a distinção de um avatar ser alguém que altera a ordem social, e eu perguntei acerca de Deus tornar-se homem versus o homem tornar-se Deus. Nesta conversa ele nunca disse que estas coisas fossem verdadeiras; falou da crença hindu e teosófica, mas falou do rapaz ter experiências com mestres.

Pupul Jayakar chegou a Paris e manifestou o desejo de ir a Chartres. Krishnamurti pediu a Alain que me perguntasse se podíamos ir de carro até lá, e assim fizemos. Passámos bastante tempo na catedral e depois almoçámos nas proximidades. Ao regressarmos a Paris, deixámos a Sra. Jayakar no hotel e fomos passear no Bois. K disse: «Gosto mais de florestas do que de catedrais.» Mas parecera apreciar mais os vitrais desta vez do que no ano anterior. «Que idolatria!» disse ele acerca de uma estátua da Virgem com aspecto de boneca.

Krishnamurti deu a sua terceira palestra em Paris, na Salle Adyar, e à tarde encontrou-se com um grupo de jovens, reunidos por Alain, para uma discussão numa sala que alugáramos no Hotel Pont Royal. A pergunta mais frequente era sobre o medo.

Na tarde seguinte os três fomos de carro até Bagatelle para tomar chá e passear, e ali ouvi o meu primeiro rouxinol. Cantava os seus belos sons num ramo sobre as nossas cabeças. Ficámos muito tempo a ouvi-lo e a observá-lo, e então Krishnaji disse em italiano: «Grazie e arrivederci», e o rouxinol silenciou-se. Fomos ver as rosas, mas K parecia cansado — talvez das muitas entrevistas que concedera.

Numa tarde fomos ao cinema ver *Ten Little Indians*, e depois caminhámos pelos Champs-Élysées. Perguntou: «O que é o espaço para si?»

Respondi: «Neste momento é o lugar onde estacionámos o carro», e ele sorriu.

Encontrámos o carro, falámos durante todo o caminho de regresso, e depois permanecemos muito tempo sentados dentro dele, continuando a conversa.

«O que é viver? Já alguma vez perguntou a si própria o que realmente é? O homem precisa de quê? Liberdade, isso é essencial! Liberdade e espaço.» Perguntou a Alain: «Você é músico. Precisa de espaço entre as notas, não precisa? O homem não pode estar numa prisão física nem numa prisão de ideias. Sim! É isso, liberdade e espaço.» Agitou os dedos, como fazia quando algo se tornava claro, e disse: «Não devo falar mais sobre isso. Faremos isso amanhã.»

O dia seguinte era vinte e nove de Maio, e Krishnamurti deu a quinta e última palestra em Paris, e à tarde realizou outro encontro com jovens. Enquanto o levava de volta à Avenue de La Bourdonnais, o carro começou a comportar-se estranhamente e apenas conseguiu chegar à esquina onde consegui estacionar. Seguiu-se uma noite miserável em que tentei encontrar alguém que o reparasse, mas além de ser domingo, a segunda-feira era também o feriado de Pentecostes. Quando K saíra da reunião, o rosto iluminara-se por as palestras terem terminado. «Vous êtes en vacances, monsieur!»

«Sim! Não, ainda não, só terça-feira.» Era imperativo partirmos na terça-feira para uma viagem de automóvel até à Suíça.

A segunda-feira foi um dia miserável. O local de dépannage que eu convencera a recolher o carro e repará-lo não atendia o telefone, por isso apanhei um táxi até à morada num bairro oriental de Paris onde parecia haver apenas carros mortos e garagens fechadas. Andei de um lado para o outro até encontrar o suposto dono da garagem onde o meu carro devia estar. Acabou por concordar em acompanhar-me até ao lugar onde dizia que ele estava. Com outro homem e um rapazito, chegámos a um pátio fechado onde começaram a escalar a vedação e regressaram dizendo: «Elle est là!» Depois rebentaram o cadeado do portão, enquanto eu ficava de vigia do lado de fora caso aparecesse a polícia e desaprovasse. Ele conseguiu pôr o carro a trabalhar, e seguimos lentamente até ao seu estabelecimento, onde disse ter trabalhado três anos para a Jaguar e que o conseguiria reparar. Perguntando-me se teria ajudado a roubar o meu

próprio carro, fui-me embora. Tentar telefonar para empresas de aluguer de automóveis, no caso de o Jaguar ter de permanecer em Paris, foi inútil. O Pentecostes era inflexível. Todo o objectivo do carro, que era possibilitar passeios de campo para K, parecia prestes a desmoronar-se.

Acordei na manhã seguinte, trinta e um de Maio, perguntando-me onde terminaria o dia. O homem do carro não conseguira repará-lo e estava a levá-lo para a concessionária Jaguar. Alain acompanhou-me gentilmente até lá, pediu para falar com o diretor, entrou confiantemente no gabinete e explicou-lhe educadamente que era da maior importância que o carro fosse examinado imediatamente e reparado, pois estávamos prestes a acompanhar uma pessoa muito distinta numa viagem de automóvel. Chamaram alguém, fizeram-se coisas e, entretanto, Krishnaji e Alain juntaram-se a mim para almoçar num excelente restaurante italiano. «Porque não comemos aqui todos os dias?», disse K, satisfeito. Observava um casal noutra mesa. Alain disse que a mulher era sustentada pelo homem. «Oh, não!», disse K. «Ela podia ser minha irmã — o que será dela?»

Às quatro da tarde, com a bagagem a bordo, saíamos finalmente de Paris. Eu sentia-me exausta, mas aliviada por o carro funcionar e funcionar bem. Quando entrámos na auto-estrada, K disse: «Não se devem preocupar se o corpo desfalecer; às vezes acontece, não significa nada. Eu compreendo o que é; continuem a conduzir ou parem calmamente, mas deixem-no em paz. O corpo está cansado de falar e de tudo isso.» Respondemos que sim, compreendíamos.

Pouco antes da estrada para Versalhes, Krishnaji desmaiou muito lentamente para o lado, pousando a cabeça no banco ao meu lado. Alain disse: «Não devemos tocar-lhe.» Conduzi o mais devagar possível no meio do trânsito intenso até conseguirmos sair da auto-estrada e parar junto a uma estrada secundária. Poucos minutos depois recuperou os sentidos e disse: «Continuemos», o que fizemos. Aconteceu de novo, e continuámos a conduzir. Eu pedira-lhe que colocasse o cinto de ombro e de cintura, mas o lento desmaio inclinava-se para a esquerda e o ombro escorregava do cinto. Depois da segunda vez, improvisámos uma almofada com o meu casaco para o apoiar. Desmaiou uma terceira vez e foi despertado pela buzina de um carro que passava, recuperando com um grito e um gesto para a frente,

como se afastasse algo. Depois disso disse: «Penso que é melhor vomitar, e isso acabará com isto.» Conduzimos então até encontrar uma estrada secundária deserta. Foi para trás de uns arbustos e regressou dizendo: «A erva é bastante purificadora se a mastigarmos.»

Alain perguntou se não deveria contar este sintoma ao médico homeopata que iam consultar em Genebra. Krishnaji respondeu que não era um sintoma físico. «Ele deixa o corpo. Acontece frequentemente, geralmente depois de muito trabalho.» Havia uma estranha qualidade naquilo, diferente de qualquer desmaio que eu tivesse visto. Como a lenta inclinação de uma flor; uma enorme delicadeza. Nenhum colapso; apenas um lento e gracioso repousar. Perguntámos se tinha algum aviso antes de acontecer. Disse que sim, que por vezes era precedido por uma dor intensa na cabeça. «Tive isso ontem.» Se acontecesse na cama, permanecia nesse estado durante bastante tempo.

---

**Notas**

1. **Instrutor do Mundo (World Teacher)** — conceito central da Sociedade Teosófica segundo o qual surgiria uma figura espiritual destinada a orientar a humanidade.
2. **Adyar** — sede internacional da Sociedade Teosófica, localizada em Chennai (antiga Madras), Índia.
3. *Candles in the Sun* — obra memorialística de Lady Emily Lutyens, amiga próxima de J. Krishnamurti.

Nessa noite, depois do jantar no hotel em Montbazon, Krishnaji voltou a referir-se aos desmaios e à razão pela qual não eram um sintoma físico. Disse-me:

— «Sabe o que significa kundalini?»

Respondi que tinha apenas uma ideia vaga.

Ele disse:

— «Os antigos hindus acreditavam em formas de energia que entravam no corpo ou eram enviadas pelos gurus, e que emergiam através

dos chakras [centros do corpo], idealmente saindo pela cabeça. Se se movessem para baixo, a pessoa tornava-se uma espécie de maníaco sexual e enlouquecia. Magia e poderes psíquicos, leitura da mente e tudo isso. Existe yoga tântrica, que faz uso disso e o explora, mas não se deve permitir que isso aconteça.»

Os desmaios eram alguma manifestação de tudo isso e estavam ligados ao que ele nos contara sobre o rapaz e a sua inconsciência em Ojai, anos antes, quando o irmão ainda era vivo. Nessa altura, ele gritava e falava em poesia.

No dia seguinte, a caminho de Amboise e Chenonceau, Krishnaji perguntou-nos:

— «Se nunca tivessem ouvido falar de meditação, o que significaria para vocês?»

— «Um voltar-se para dentro sem qualquer objectivo.»

— «Por onde começariam?»

— «Pelo facto de estar vivo — o único facto que tenho.»

— «Pelo facto de comer, respirar, etcétera?»

— «Algo anterior a tudo isso.»

— «É preciso passar por todas essas coisas? Não haverá algo primordial que inclua todas elas? É isso que é a meditação.»

Como acontecia frequentemente, parecia querer colocar a questão, sondá-la um pouco e depois deixá-la.

Chegámos a Chenonceau, passeámos algum tempo à sua volta e depois continuámos através da bela paisagem até que, por uma estrada sinuosa, alcançámos o Château de Mimont, onde iríamos ficar. Era remoto, tranquilo e belo. O proprietário e anfitrião recebeu-nos calorosamente, e deram-nos quartos enormes com vista sobre o vale. O jantar respondeu excelentemente às nossas necessidades vegetarianas.

A manhã seguinte trouxe um dia radioso e uma bendita sensação de paz: sem pressa, sem ansiedade, e, para mim, o conhecimento de que os tinha levado a um lugar agradável. Houve passeios antes do almoço, descanso à tarde, outro passeio antes do jantar. À mesa, Krishnaji contou-nos histórias sobre Sir Edwin Lutyens e o senhor Baillie-Weaver, que tinham levado uma vida muito mundana mas a abandonaram subitamente ao tornarem-se teosofistas. Ele ensinara os dois jovens irmãos a vestir-se, a engraxar os sapatos e a cuidar da aparência.

Ao jantar, quando K falava dos seus primeiros tempos, havia uma curiosa sensação de silêncio na sala. Algo nesse silêncio tinha uma qualidade quase tangível, lisa como âmbar. K estava consciente disso e perguntou-me se eu o sentira antes. Eu já o tinha sentido quando ele falava da sua vida nesses tempos. Trazia uma sensação de escuta interior, um sentido de presença.

No dia seguinte seguimos até Genebra e passámos a noite no Hôtel du Rhône. Havia vários afazeres a tratar, incluindo aquilo que era um ritual anual: uma visita à Patek Philippe, onde K mandava regular o relógio. Interessava-se muito por isso, dando-lhe corda cuidadosamente à mesma hora todas as manhãs, verificando que mantinha a hora exacta ao segundo. O relógio era a sua única posse verdadeiramente estimada, além da roupa. Era um relógio de bolso, ao qual estava presa, por uma corrente entrançada, uma antiga moeda grega com a cabeça de Atena. Tinha-lhe sido oferecida anos antes por Robert Logan.

## Capítulo Sete

No dia quatro de Junho chegámos a Gstaad, onde fiquei no mesmo apartamento de antes, em Les Caprices, mas desta vez havia também um pequeno estúdio ao lado para Krishnaji. O aluguer de Vanda Scaravelli no Chalet Tannegg só começava em Julho e, entretanto, K ficou comigo e com Naudé. Nos primeiros dias, descansava de manhã e passeava à tarde. Eu cozinhava. À noite ouvíamos discos, em especial cantos gregorianos, de que ele gostava e que sentia terem qualidades semelhantes aos cânticos em sânscrito.

Uma noite falou do jogo de nomear objectos após apenas um relance. Depois fez-nos jogar um jogo de associações livres (a associação dele para

«primavera» era febre dos fenos) e, em seguida, repetir a sequência ao contrário, de memória.

Perguntei-lhe se aquele estado de reparar em tudo era constante.

— «Sempre foi», disse ele, «exceto quando estou vazio. Quase não olho pela janela do meu quarto. Estou vazio. É por isso, meu senhor, que às vezes, quando entra, eu salto da pele.»

Depois perguntou-nos — sobretudo a Alain — se tínhamos a resposta para o que nos perguntara, começando no carro a caminho de Amboise: se nunca tivéssemos ouvido definições de meditação, o que significaria? Tínhamos dito: uma preocupação com a vida. Perguntou então como se olha para si mesmo — não para cada coisa individual — mas de um modo em que todas as coisas estejam incluídas.

Continuou:

— «É como estar lá em cima», disse, apontando para o topo de uma montanha. «Quando se olha dali para baixo, vê-se tudo no seu devido lugar. Então como se vê dali? Não "como", mas percebe o que quero dizer. Essa é a questão.»

E depois:

— «Lembra-se daquele silêncio… onde foi?»

Alain: — «No Château de Mimont.»

K: — «Sim, havia silêncio e todos os sons dentro dele.»

Disse que isso voltara a acontecer desde então, e ele assentiu rapidamente.

— «Sim, várias vezes nesta sala. De onde começa a olhar? Não lá de cima. De onde está. Tem de ser muito sensível, fazer tudo o que puder para isso — alimentação correcta, sono suficiente, banhos de assento [disse-o rindo-se de mim]. Esteja consciente de tudo o que faz. Já experimentou essa atenção?»

Alain respondeu que sim.

K continuou:

— «Não há atenção se existir um centro a observar para corrigir; enquanto existir, não está a observar. Não deve haver centro; então as coisas corrigem-se por si mesmas. Essa é a lição desta noite.»

Depois mudou de assunto e disse que queria que falássemos apenas francês durante todo o jantar.

No dia seguinte, dez de Junho, fomos de carro até ao vapor e apanhámos o pequeno barco do lago mesmo a tempo. O Eiger e a Jungfrau estavam brancos e brilhantes acima do lago verde e quente. Saímos em Beatus e almoçámos na esplanada do hotel, regressámos a Thun num barco de retorno e fomos ao local onde o Mercedes de K passava o Inverno. Estava à espera, e ele conduziu-o até Gstaad enquanto eu os seguia. Tinha sido um dia dourado, maravilhoso, bastante quente, e a neve nas montanhas fazia parte daquele verão radioso.

Ao almoço, K dissera:

— «Não há descoberta no pensamento; apenas na observação.»

No dia quinze de Junho partimos os três de manhã para Genebra, passando pelo Col des Mosses, descendo a montanha, contornando o lado mais distante do lago, entrando e saindo de França. Era uma manhã encantadora. Os campos estavam cheios de erva e flores silvestres; lá no alto brilhava a neve e abaixo reluzia um verde luminoso.

Leváramos um almoço de piquenique e estendêmo-lo sobre uma manta nova de carro, debaixo das árvores. Depois seguimos para Genebra, deixámos as coisas no hotel e fomos ver um filme de Hitchcock, *Dial M for Murder* [*Crime Perfeito*]. Quando, no filme, o assassino concorda em matar por mil dólares, K exclamou:

— «Oh, não faça isso, meu senhor! Não vale a pena!»

No dia seguinte, tanto Krishnamurti como Alain tinham consultas com o médico homeopata Pierre Schmidt. Alain ficou em Genebra para se

encontrar com Desikachar, e eu conduzi Krishnaji de volta a Gstaad. Almoçámos novamente com os Biascoechea e, ao fim da tarde, passeámos ao longo do rio junto ao pequeno aeródromo. Fiz-lhe o jantar e depois pus uma gravação do chamamento à oração de um muezim, que ele achou comovente.

Na manhã seguinte saiu sozinho para um passeio no Mercedes e regressou com um ar ansioso e satisfeito.

— «Foi para meditar», disse.

Uma tempestade à tarde dissipou o calor, e estava frio e chovia levemente quando fomos passear, atravessando os campos até ao rio e ao caminho junto dele.

A conversa tornou-se séria quando perguntou:

— «Pergunto-me se haverá uma maneira de as pessoas não estarem tão envolvidas com as famílias. Porque precisa alguém tanto da relação? Posso gostar de uma pessoa, mas porque deve haver necessidade?»

Seria talvez parte de um instinto inato em direção a encontrar algo para além do nível comum da consciência, um movimento mal interpretado como objectivo sexual mas que não prossegue até à liberdade total?

Voltámos ao chalet, e ele disse:

— «Falaremos disso ao jantar.»

Mais tarde continuou, dizendo que no sexo existe um momento fora do eu, mas que, ao recordá-lo, entram em cena a sensação e o desejo de repetição. É mal utilizado.

Eu disse que não conseguia imaginar a vida sem a experiência do amor. Poderia ser o amor por uma pessoa ou pela beleza do céu, mas era um estado de amor. A perda do meu marido não destruíra em mim esse estado; tinha ido além da troca entre duas pessoas, e contudo o sentido dele permanecia.

Ele disse:

— «Penso que é uma pergunta errada falar disto ou daquilo — dividir. Enquanto houver um centro, faz-se isso. Quando não há centro, pode-se ter todas estas coisas, mas, quando o centro existe, estas coisas impedem a outra.»

Depois perguntou:

— «Porque está aqui no meio disto tudo? Vê a razão?»

Não compreendi a pergunta.

— «Para a senhora Zimbalist estar aqui, a fazer todas estas coisas, algo teve de acontecer. Porque está a ajudar, a fazer tudo isto?»

Respondi que era necessário fazê-lo e que eu, estando ali, podia ajudar.

— «Oh não, isso seria fazer uma coisa e depois voltar-se para outra», disse Krishnaji.

— «Quer dizer que, quando o meu casamento terminou, me voltei para outra coisa?»

— «Não. Vê algo predestinado? Essa é uma palavra errada.»

Disse:

— «Quer dizer algum tipo de destino? Se sim, não faço ideia disso, de uma maneira ou de outra.»

— «Não estaria aqui se o seu marido estivesse vivo?»

Respondi que provavelmente não.

Falámos um pouco e mencionei a entrevista que tivera com ele em Ojai, em 1960.

— «Usava um casaco cor de gamo?» perguntou subitamente.

Depois falou «daquele rapaz» e de como viam nele as vidas passadas e o seu rosto nelas; de como parecia existir uma espécie de direção.

— «Não por mim, mas as coisas pareciam arranjar-se, um desenvolvimento.»

Parecia dizer que o facto de eu estar ali, fazendo o que podia, não era acidente algum, mas de algum modo predestinado.

Uma conversa curiosa.

Havia novamente aquele silêncio.

— «Ouviu-o?» disse ele.

Levantou-se e, com a extrema cortesia e doçura que lhe eram próprias, agradeceu-me, perguntou se podia lavar a loiça e foi para o quarto, levando um tabuleiro com cubos de gelo para pôr sobre os olhos e reduzir a inflamação causada pela febre dos fenos.

Desikachar chegou a Gstaad com Naudé e ficou perto dali, mas vinha fazer as refeições ao chalet. Era a sua primeira vez na Europa. Ao jantar, Krishnaji parecia expansivo e contou algumas das suas histórias.

Uma delas era sobre o discípulo que estudou quinze anos com o guru, sentiu que nada alcançara, partiu e estudou noutro lugar durante mais quinze anos. Regressou ao primeiro guru e disse que agora alcançara; era maravilhoso; conseguia andar sobre a água.

O guru respondeu:

— «Mostre-me um pouco.»

Assim fez, e o guru disse:

— «Demorou quinze anos para fazer isso? Se me tivesse dito, eu podia mostrar-lhe que existe um ferry.»

Outra história era sobre um sanyasi que foi ter com o deus Vishnu e disse:

— «Senhor, ensina-me o que é a verdade.»

Vishnu respondeu:

— «Está um dia muito quente. Traga-me um copo de água.»

O sanyasi foi com um copo e bateu à porta da cabana de um aldeão. Uma bela rapariga abriu a porta; ele apaixonou-se, casou com ela e tiveram filhos. Depois veio uma grande chuva e uma inundação, e a casa foi arrastada. O homem agarrou a família e rezou:

— «Senhor Vishnu, ajuda-nos!»

Vishnu respondeu-lhe:

— «Onde está o meu copo de água?»

Depois:

Dois sanyasis chegaram à margem de um rio e encontraram uma bela rapariga a chorar.

— «O que se passa, irmã?»

Ela respondeu:

— «O rio subiu. Moro do outro lado e não consigo voltar.»

Então o primeiro sanyasi, aquele que fizera a pergunta, levou-a ao colo através do rio e deixou-a do outro lado. Os dois sanyasis caminharam vários quilómetros e então o segundo disse ao primeiro:

— «Irmão, e aquilo? Fizemos votos de nunca tocar numa mulher; levou-a nos braços — não sentiu nada?»

O primeiro respondeu:

— «Eu deixei a mulher na margem do rio, mas você continua a carregá-la todo este caminho.»

Desikachar acompanhava os exercícios de yoga de Krishnaji todas as manhãs. Eu também tinha lições e, às refeições, K dava-lhe meticulosas lições de boas maneiras ocidentais à mesa, com as quais Alain e eu também aprendíamos uma coisa ou duas.

Nos dias seguintes, Krishnamurti, Naudé e eu fomos a Genebra. A conversa no carro passava dos motores de automóveis para perguntas súbitas sobre o que é o amor.

— «Nem tudo é a troca entre duas pessoas. Para haver amor tem de haver meditação. Não deve haver memória.»

E depois:

— «O amor é inocência.»

Nesse momento perguntou-me se gostaria de ter vinte e cinco anos novamente.

— «Não voltar ao tempo em que tinha vinte e cinco anos, mas ser isso agora, tendo vivido todo o resto da sua vida.»

Respondi que, nesse caso, sim.

— «Foi o que pensei», disse ele.

Mais tarde advertiu-nos sobre a alimentação e sobre o bem ou mal de tomar vitaminas. Estava num turbilhão de energia e voltava constantemente ao assunto para nos dizer mais. Dizia que era preciso tornar o corpo muito sensível, aprendendo quais os alimentos mais adequados para cada um.

Durante uma viagem, falando de relações, disse:

— «Sempre fiz o que queria. Uma das razões pelas quais Rajagopal ficava tão perturbado era que, se eu queria oferecer alguma coisa, oferecia-a.»

Falou de ver as coisas instantaneamente. Porque não tinha eu visto, no passado, tanto a morte como o prazer e «saído disso»?

Respondi que o tinha feito.

— «Não, não, Madame, porque não o viu então?»

Falava veementemente, como frequentemente fazia nas discussões quando algo não era percebido.

Continuou:

— «A paixão é a sua própria ação. Nisso existe disciplina.»

E, tendo dito isso, acrescentou também:

— «É isso!»

com o entusiasmo que demonstrava em tantas conversas quando descobria algo.

Parecia quase dizer que deveria haver paixão, intensidade sem qualquer necessidade de expressão.

Disse também, enquanto regressávamos de carro, que todo o esforço é erro.

Perguntei se isso acontecia porque o esforço é dirigido para um fim ou objectivo e, portanto, afastado do facto ou da realidade.

Respondeu:

— «Sim. A paixão é a sua própria ação.»

O ato de sair de algo fazia parte do ato de ver; era essa intensidade para mim na conversa.

Na manhã seguinte, quando entrou para o pequeno-almoço, perguntou-me se eu sentira algum efeito do que fora dito e, ao almoço, olhou de soslaio para mim e riu-se consigo mesmo. Perguntei porquê, e ele respondeu que estava a pensar nas máscaras e em como as usamos, perguntando-se o que se passava por detrás da minha máscara anos antes.

No dia seguinte, Krishnaji disse que não dormira bem, mas queria ir passear de manhã, já que não havia sol. Isso interferiria com o meu preparo do almoço? Chovia muito delicadamente, e descemos entre o aeródromo e o rio. Ele queria ir para onde não houvesse pessoas. Muitos estavam a chegar para as palestras.

— «Nem me atrevo a olhar para a esquerda ou para a direita», disse enquanto descíamos a estrada principal.

— «Importa-se que caminhemos depressa?»

Partimos, e ele regressou imediatamente às conversas que tínhamos tido e ao efeito delas.

Disse que aquele «sair das coisas» vinha acontecendo, e perguntei se isso era válido em questões imediatas ou apenas quando se saía de todo o mecanismo. Tinha receio de evasão.

Ele disse que não era evasão nem repressão se estivéssemos conscientes do todo e víssemos o mecanismo. Essa consciência e o sair do problema eram uma só coisa.

Eu tivera um sonho curioso e extremamente vívido no qual entrava num rio vasto e caudaloso, onde sabia que tanto me afogaria como seria salva eram possibilidades iguais. Ao acordar, soubera instantaneamente que o rio representava mudança, e a sua cor cinzenta era a do rio Saanen, mas infinitamente mais largo.

Descrevi o sonho enquanto caminhávamos ao longo do rio; ele sorriu e disse que era um sonho simbólico.

Respondi que sim, podia ser interpretado de várias maneiras — tanto como salvação como destruição.

— «Oh não», disse ele, perguntando em seguida: «Como veria um psicanalista todas estas coisas?»

Descrevi o processo.

— «Oh, isso leva uma eternidade», disse ele.

Perguntei em que pensara ao falar das máscaras no dia anterior, e respondeu que todos as usamos, mas que deveria ser possível viver sem máscara, sem defesas, directamente em contato e sem objectivos.

A chuva era quase névoa, e a terra e as árvores pareciam respirar. Era belo e intensamente vivo. Caminhámos até ao fim do aeródromo, até ele se sentir cansado, e regressámos.

Ao almoço houve uma batalha provocadora sobre o casamento, tendo Desikachar como audiência, K e Alain atacando e eu defendendo. Disse que Alain colocava o casamento ao lado da lepra, e que o tom de K ao usar a palavra «casamento» com as crianças em Rishi Valley bastava para lhes

incutir terror. Fazia um comentário e depois olhava de lado para ver quanto tinha provocado. Concordámos que todo o sistema precisava de ser revisto e sugerimos que reinventasse o seu significado.

À tarde, Vanda Scaravelli chegou de Roma ao Chalet Tannegg e veio jantar connosco. Foi muito bom vê-la. Conheceu Desikachar pela primeira vez.

No dia seguinte, tanto Krishnaji como Alain mudaram-se para Tannegg. Krishnaji agradeceu-me tudo e perguntou maliciosamente se ele e a Signora, como lhe chamava, discutissem, se poderia voltar e ficar comigo.

Levei a maior parte das suas coisas para o chalet e, ao sair, Vanda disse-me com grande doçura:

— «Tem de vir a todos os almoços e jantares.»

Krishnaji acompanhou-me até ao carro e voltou a agradecer-me.

As palestras públicas começaram no domingo, dez de Julho. A tenda estava cheia. K teve alguma dificuldade com a tosse no início, mas passou.

Entre dois dias de palestras, Alain e eu fomos a Divonne ouvir Sviatoslav Richter tocar. Para mim era uma grande expectativa, porque já o ouvira, mas Alain não. Como músico, Alain começou a sorrir passados apenas alguns minutos da sonata inicial de Mozart e, no fim, disse que ele era o único pianista do mundo, um gigante entre anões.

Alguns dias depois, quando eu terminava uma aula de yoga, a campainha tocou: era Krishnaji, trazendo o Mercedes para o guardar na minha garagem.

— «Pode levar-me de carro até à colina?» perguntou. E acrescentou: «Ela talvez a convide para almoçar.»

Podia, e ela convidou-me.

Estávamos K, Vanda, Alain e Desikachar. Houve uma grande discussão sobre em que país deveríamos todos viver e ter uma casa em conjunto, para onde ir no Junho seguinte e para onde ir naquele ano entre o fim das palestras em Agosto e Nova Iorque em Setembro.

A certa altura do almoço, K virou-se para mim e disse:

— «Estou muito contente por a ver.»

Esteve cheio de energia e animação durante todo o almoço e também depois.

— «Temos de viver na Europa, num lugar não demasiado remoto, e devemos arranjar maneira de não haver "cozinha nem lavagem de loiça" no campo, em Itália, França ou Inglaterra.»

Depois de ele ir descansar, fiquei a conversar com Vanda sobre várias coisas — em particular os seus desmaios.

Na tarde seguinte houve a primeira discussão entre K e os jovens. Vieram cerca de sessenta a setenta pessoas. O Chalet Tannegg estava a abarrotar. Krishnaji entrou pela sala de jantar dizendo a Vanda e a mim:

— «Sono timido.» [«Sou tímido.»]

Vanda e eu sentámo-nos no chão a ouvir. As perguntas eram sobretudo sobre o medo, e a sessão durou uma hora e meia.

No dia dezanove de Julho, depois da quinta palestra e do almoço em Tannegg, K chamou-me de lado e disse que recebera notícias de que talvez a senhora Pinter, com quem deveria ficar em Nova Iorque, não estivesse suficientemente bem para o receber. Eu tinha dito que arranjaria maneira de Alain ficar onde quer que eu ficasse, e K perguntava agora se haveria espaço para ele também.

Disse que, claro, o arranjaria. Pensei em pedir ao meu irmão que me emprestasse o apartamento e, mais tarde, quando Vanda me pediu para acompanhar K enquanto conduzia o Mercedes, falei-lhe da minha sugestão.

Durante o passeio perguntou-me o que as pessoas diziam depois das palestras — se as discutiam.

Respondi que não sabia, porque evitava discuti-las com qualquer pessoa exceto Alain.

— «Essas perguntas ajudam?»

Respondi que sim e descrevi como, numa palestra como a dessa manhã, se produz um tal estado de absorção que, quando ele parava ou alguém se levantava de repente com uma pergunta, isso era quase um choque físico.

"Se eu tivesse dito algo errado ou cometido um erro, terias consciência disso nesse estado?"

Respondi que sim, claro; tratava-se de estar profundamente atento. Mas, depois, havia uma incapacidade de falar, um esgotamento durante bastante tempo.

"O que retiraste da palestra desta manhã?"

"Uma sensação de capacidade de parar, de estar vazio sem a pergunta: 'O que farei então?'"

Falámos também sobre sonhos. Perguntei porque se sonha tantas vezes em símbolos e não directamente. Ele disse: "Sonhas muito?"

Respondi que não muito. Estava a pensar no sonho recente de que lhe tinha falado, o meu afogamento e o facto de ter sido salvo ao ser arrastado contra uma sequoia, em como o rio era para mim um símbolo de mudança e a árvore era, naturalmente, ele próprio. Ele acenou com a cabeça.

"Não se deveria precisar de sonhar", disse.

"Por favor, não respondas se eu estiver a ser indiscreta, mas tens sonhos?"

"Raramente, mas às vezes tenho pesadelos. Na outra noite tive um sobre um precipício, mas sei sempre no sonho que é apenas isso."

"Enquanto o sonho está a decorrer?"

"Sim."

"Isso dissipa-o?"

"Vai-se embora."

Várias vezes durante a viagem agradeceu-me por ter ido e esperou que não tivesse sido um incómodo. Por minha vez, disse que esperava que a minha presença não fosse uma intrusão.

"Oh, não", disse ele com um sorriso.

Chovia e havia, por vezes, nevoeiro ondulante. Era belo e eu sentia-me muito quieta por dentro e em paz.

Uma amiga, Marcelle Bondonneau, uma das francesas do grupo que conhecia Krishnamurti há muitos anos, vinha dizendo-me que, quando K

falasse em Paris, deveria ter um lugar só seu onde pudesse ficar, sem ter de ser hóspede de alguém. Embora fosse velha amiga dos Suarès, sentia que já não lhes era fácil serem seus anfitriões e que também não seria conveniente para Madame Annette Duché, que normalmente poderia oferecer-se para o alojar. Marcelle sugeriu que eu alugasse um lugar para Krishnaji durante o período das palestras e o administrasse para ele. No início senti que estaria a intrometer-me, mas ela insistiu que seria mais confortável para K. Conversei sobre isso com Vanda, que também me incentivou a fazê-lo, e finalmente falei brevemente com K. Ele disse que falaríamos sobre o assunto. Vanda sugeriu que eu avançasse e alugasse um lugar, "e eles virão". Também teve a gentileza de me pedir que ficasse para jantar e disse: "Porque não vens sempre aqui?"

No dia vinte e sete de Julho, eu deveria levar Krishnamurti e Naudé de carro até Genebra. Pelo caminho decidiu-se que ele não daria mais entrevistas, que tinham continuado quase diariamente durante todo o período das palestras. A sua voz estava muito rouca devido à bronquite. Enquanto descíamos para Aigle, cumprimentou os dois altos ciprestes à beira da estrada em italiano: "Buona giornata, amici!" Pouco depois de atravessarmos o Ródano, tive a sensação de que ele poderia estar prestes a desmaiar — não por estar a olhar para ele; simplesmente surgiu-me esse pensamento. Alguns minutos depois, tombou lentamente para o lado. Não levava o cinto de segurança; antes tentara apertá-lo a meu pedido, mas não servia e ele dissera: "Fingirei que o estou a usar." Assim, quando desmaiou, estendi instintivamente o braço para o segurar e proteger a sua cabeça de tocar no volante. Reduzi a velocidade do carro mas continuei a conduzir; Alain estava no banco de trás a ler e não viu o silencioso desmaio. Chamei-o duas vezes pelo nome para captar a sua atenção sem despertar K.

"Consegues conduzir?" perguntou Alain rapidamente.

Disse que sim, e aquilo continuou durante quatro ou cinco minutos — mais tempo do que o desmaio em França. Depois K soltou um som sobressaltado e acordou, endireitando-se ao fazê-lo. Passado pouco tempo disse: "Espero que não te tenhas importado com a minha cabeça no teu colo." Parecia estar bem e voltei a acelerar.

Pouco antes de Evian, virou-se subitamente e perguntou: "Em que estavas a pensar naquele momento?" Respondi tão subitamente quanto ele perguntara: "Estava a pensar em ti" — o que era verdade, com preocupação

e o pensamento de não conduzir demasiado depressa para que, se ele desmaiasse outra vez, eu estivesse pronta para o proteger. Disse que tivera subitamente a sensação de estar a ler pensamentos e que não devia fazê-lo, que era como ler a correspondência das pessoas. Perguntei-lhe o que tinha visto e ele disse que eu estava a pensar nele, mas não o conteúdo do pensamento. Mais tarde perguntei se conseguia fazê-lo deliberadamente, e ele respondeu que simplesmente acontecia, mas que, quando era rapaz, conseguia dizer o que estava dentro de cartas quando estas lhe eram encostadas à testa e que, certa vez, num comboio, disse a Rajagopal o nome de um homem sentado em frente deles, que ele vinha de Chicago e que iria receber um telegrama. Nesse momento, o revisor trouxe um telegrama para aquele homem vindo de Chicago, e Rajagopal disse: "Pelo amor de Deus, não faças isso."

Quando Alain entrou nos correios em Evian, disse a K que eu soubera que ele ia desmaiar.

"Sabias?"

Perguntei-lhe se ele também sabia que isso aconteceria.

"Sabia que algo ia acontecer. Não teria acontecido se eu estivesse com estranhos."

Em Genebra tinha uma consulta com o Dr. Schmidt e saiu de lá satisfeito. Tinha feito acupunctura pela primeira vez. No regresso pela auto-estrada pediu-me que atingisse as cem milhas por hora, o que fiz algumas vezes por breves momentos. Parámos para almoçar em Lausana. Disse que a acupunctura lhe fizera bem e que estava cheio de energia. Falámos sobre a KW Inc., a necessidade de dinheiro e os assuntos relacionados com Rajagopal. Disse que Alain devia ver o máximo possível da Califórnia, mencionou todos os lugares que ele deveria visitar e que não precisava de estar em Ojai durante as palestras. Tanto Alain como eu discordámos disso.

Houve outra discussão com jovens que o ouviam fascinados. A bronquite continuava a incomodá-lo, mas ao almoço e depois da reunião estava cheio de vontade de brincar com Vanda acerca da construção da sua casa em Florença. Ela era, como sempre, encantadora, gentil e também firme quanto à maneira como as coisas deviam ser. Iyengar deveria chegar dentro de alguns dias para a sua visita anual a fim de dar aulas de ioga e,

como sempre ficara no andar de baixo do Chalet Tannegg, parecia que seria uma convivência bastante dramática. Iyengar não estava satisfeito por o sobrinho, Desikachar, estar ali e ser ele quem fazia ioga com Krishnamurti.

No domingo, trinta e um de Julho, K deu a sua décima e última palestra na tenda. Falou da loucura da procura e de que apenas quando não existe espaço entre o observador e o observado pode haver liberdade, uma relação verdadeira.

No dia três de Agosto começaram as discussões públicas diárias na tenda e a maior parte da assistência permaneceu para elas. Entretanto, recebera um telegrama do meu irmão dizendo que queria que todos nós ficássemos no apartamento dele em Nova Iorque. Disse isto a K, que também recebera um telegrama da senhora Pinter, que achava melhor que ele ficasse comigo. Pediu-me para irmos dar uma volta de carro e disse que parecia que ficaria comigo tanto em Nova Iorque como em Paris. Disse-lhe rapidamente que, com a ajuda de Marcelle Bondonneau e da sua amiga Miss Elmenhorst, se encontraria um apartamento em Paris para a primavera seguinte.

No dia seguinte, K disse aos Suarès que não ficaria com eles no ano seguinte e Madame Duché afirmou que ele deveria fazer o que preferisse quando ele disse que tinha a oferta de outro lugar. Assim ficou decidido que se hospedaria onde quer que eu encontrasse. Depois da discussão pública da manhã, reuniu-se com Vanda, Alain e comigo para falar sobre a possibilidade de construir uma estrutura permanente para as palestras de Saanen em substituição da tenda alugada. Decidiu-se provisoriamente não o fazer, mas o que ficou estabelecido foi uma nova política de não visitar ninguém exceto Vanda, alugando-se locais temporários quando necessário. Avancei então e falei com Marcelle Bondonneau e Gisela Elmenhorst sobre encontrar algo adequado em Paris. Mais tarde, K pediu-me que discutisse com Anneke Korndorffer o aluguer de um lugar em Amesterdão para as palestras que se seguiriam às de Paris.

No Chalet Tannegg tinha chegado Alberto Scaravelli, filho de Vanda, e David e Saral Bohm também estavam lá. Durante o almoço, Krishnaji interrogou David sobre o estado da ciência. David estava deprimido pela falta de interesse dos jovens cientistas em perceberem as implicações e a direção da investigação genética, sem qualquer preocupação pelos

resultados. Krishnamurti insistiu intensamente para que ele se pronunciasse contra isso.

"Vi que estavas deprimido [na tenda]", disse Krishnaji.

Ficou sentado à mesa a conversar até depois das três e meia da tarde.

A sétima e última discussão pública em Saanen realizou-se a nove de Agosto. Para mim, era como se ele estivesse a falar connosco a partir de uma perceção longínqua que alcançava o coração das nossas vidas e me deixava num silêncio sem palavras.

Alain telefonou a dizer que K queria ver-me às três e quarenta e cinco. Estava a dormir quando cheguei. Sentei-me por instantes com Vanda e os seus convidados e depois entrei no quarto dele e sentei-me no chão, como na Índia, enquanto ele me contava que tinha falado com Leon de Vidas, responsável pelas questões em França e em Saanen. K disse-lhe que já não queria ser hóspede de pessoas. O senhor de Vidas aprovou. Depois K contou-lhe que queria avançar com os planos para falar em Paris e Amesterdão e que também queria partilhar comigo as despesas. Respondi que, se as coisas corressem bem em Ojai, tanto melhor, mas que, se não corressem, eu estava preparada e esperava pagar todos os custos. K protestou e disse que eu estava a entrar no capitalismo. Respondi que ainda não.

"Mas podes suportar tudo isto?" perguntou ele.

Disse que não o poderia fazer durante cinquenta anos, mas que tinha dinheiro poupado que utilizaria e pedi-lhe que, por favor, não pensasse nisso e me deixasse assumir essa preocupação. Perguntei-lhe que zona de Paris preferiria e ele respondeu que cabia a mim decidir.

Na manhã seguinte levei Anneke Korndorffer de carro colina acima para discutirmos os planos de Amesterdão. Krishnaji estava na cama, muito cansado mas também excitado. Analisámos as possibilidades em Amesterdão, que ele conhecia muito bem. Anneke disse que seria difícil, mas que trabalharia nisso. Depois chegou o senhor de Vidas e comecei a sair, mas Alain veio atrás de mim dizendo que Krishnaji iria querer ver-me outra vez.

Quando a reunião com de Vidas terminou, voltei a entrar e ele pediu-me que puxasse uma cadeira para a frente dele; Alain entrou também e teve

lugar uma conversa bastante desconcertante na qual ele queria certificar-se de que eu não me arrependeria do que estava a fazer e do que tudo aquilo me custaria, e de que a minha família poderia criticar-me. Tentei dizer-lhe que não me iria arruinar financeiramente, mas ele não me deixava falar. Quanto à minha família, eu não tinha de prestar contas a ninguém senão a mim própria, e como poderia assegurar-lhe que estava tudo bem? Disse que Vanda cuidara dele durante anos e que, quando ele lhe perguntou quanto lhe custara, ela respondeu: "Não tens nada a ver com isso." Repetiu o que dissera a Naudé sobre a associação deles — que cada um era livre de partir ou ficar, e agora eram amigos. Agora eu estava envolvida em tudo aquilo, éramos todos amigos, e ele queria que isso durasse. Nenhuma das minhas garantias era ouvida; segurava-me a mão e fazia-me calar abanando-a quando eu tentava falar.

Num momento particularmente exaltado disse que talvez viesse a casar-se, e Alain entrou na brincadeira dizendo que talvez também se casasse, ao que respondi que, nesse caso, organizaria casamentos maravilhosos para ambos, e todos nos rimos. Mas durante a maior parte da conversa era difícil fazê-lo ouvir. Senti que queria certificar-se de que não se estava a impor a mim, e esse era o ponto essencial.

Por fim tudo serenou. Alain saiu do quarto para ir buscar qualquer coisa e eu disse que queria esclarecer-lhe, porque era relevante, que ele devia saber acerca de duas pessoas próximas dele: nunca existira entre Alain e mim nada para além de amizade. Nesse momento ele colocou a mão sobre a minha boca e disse que nunca tivera tais pensamentos, pensamentos tão monstruosos!

Respondi que não era monstruoso e que ele devia saber.

"Não quero confissões!"

Respondi: "Não há confissões a fazer, mas quero que saibas isto."

Foi bastante difícil, mas fora ele quem levantara toda aquela questão e eu esperava que tivesse escutado, porque tinha todo o direito de conhecer as pessoas que permitia aproximarem-se dele. Quando tudo terminou, beijou-me a mão e eu saí, exausta.

Durante alguns dias Alain e eu fomos a Paris para examinar onde seria melhor encontrar um apartamento para a estadia de Krishnamurti durante

as palestras do ano seguinte. Também fomos brevemente a Londres. Quando regressámos a Gstaad, K parecia descansado e bem. Iyengar tinha partido e o ioga continuava com Desikachar. K recebera um convite para falar na Universidade de Harvard no Outono e queria discutir se o deveria aceitar. Tanto Alain como eu esperávamos que aceitasse e Alain trataria dos preparativos para Harvard quando estivéssemos em Nova Iorque.

O assunto do dinheiro e da KW Inc. surgiu quando Enrique Biascoechea disse que K devia ter uma quantia definida e regular para as suas necessidades. Perguntou-me o que pensava e respondi que naturalmente devia ter, uma vez que eram enviadas doações para ele. K não fazia ideia do custo de vida e, quando perguntava a Rajagopal sobre os fundos da KW Inc., não recebia resposta, exceto uma vez em que lhe enviaram uma cópia de uma declaração fiscal na Índia; Rajagopal sabia que K não seria capaz de a decifrar. Disse como detestava discutir dinheiro, e Rajagopal sabia disso. Respondi, com alguma veemência, que a KW Inc. só existia por causa de Krishnamurti e para Krishnamurti, e que toda aquela situação era insana. Ele bateu levemente no topo da minha cabeça como se quisesse impedir uma explosão.

Houve uma discussão sobre a que dentista deveria ir na Califórnia — o de Ojai ou um em Los Angeles. K inclinava-se para o de Los Angeles.

"Assim posso escapar-me, o que talvez seja uma boa coisa."

Os Bohm vieram tomar chá. Krishnaji achava que David devia regressar aos Estados Unidos.

"Há lá um mundo científico mais vivo."

No dia vinte e nove de Agosto saí cedo para Thun para deixar o meu carro lá durante o Inverno e regressei a Gstaad no pequeno comboio de montanha, através da suavidade do ar do fim do Verão e de campos de flores silvestres, onde se trabalhava no terceiro corte do feno. Alain esperou-me na estação e encontrámos K a caminhar em direção a Saanen. Os três fomos buscar os Biascoechea para os levar a Tannegg para almoçar. Isabel, Krishnaji e eu íamos no banco de trás. Estendi o braço para trás para segurar um saco de compras e K disse:

"Uma senhora está a pôr o braço à minha volta."

Respondi:

"Sim, o embrulho é apenas um pretexto para isso."

Ele tinha aquela expressão de alegria divertida que lhe surgia quando estava amusado e disse:

"Ela pode beijar-me!"

Respondi:

"Oh, sim, mas sou tímida e tenho de avançar devagar para isso."

Isto fê-lo rir e dizer:

"Isso mesmo — devagar."

Mais tarde, quando fui despedir-me, Krishnaji estava na cama e disse:

"Estou a ter um bebé."

E era realmente isso que parecia — um grande volume sobre o ventre, um cataplasma de algum tipo de erva, cozida e envolvida à sua volta todas as noites, um qualquer preparado homeopático para o fígado. Parecia feliz e alegre como uma criança, beijou-me a mão e disse:

"Vejo-te em Nova Iorque. Boa viagem, boa aterragem!"

Saí de Gstaad e voei para Nova Iorque e depois para Malibu.

Capítulo Oito

No dia vinte de Setembro de 1966, Krishnamurti e Naudé chegaram de avião a Nova Iorque, onde os fui buscar e levei para o apartamento do meu irmão, que ele disponibilizara. A bagagem deles desapareceu no aeroporto, mas mais tarde foi encontrada e entregue no apartamento. Pouco depois da chegada de Krishnaji, recebeu um telefonema de Rajagopal, da Califórnia. Passados alguns minutos, Rajagopal começou a repreender Krishnaji por ter concordado em falar em Nova Iorque, com tanta raiva e veemência que eu conseguia ouvi-lo do outro lado da sala. Foi um começo chocante para a chegada de Krishnamurti aos Estados Unidos.

Instalámo-nos no apartamento, tratámos dos assuntos do dentista e caminhámos em volta do reservatório no Central Park durante a tarde. Ao pequeno-almoço, numa manhã, K falou de ter acordado durante a noite e sentido que "o quarto estava cheio de pessoas. Não era subjectivo. Perguntei-me se seriam anjos." No dia anterior estivera a pensar sobre o

que iria falar na sua primeira palestra. Ficou acordado durante pouco tempo e mais tarde, quando voltou a despertar, estava tudo decidido. Mais tarde, ao almoço, falou do assunto como se se interrogasse sobre o que teria sido. Perguntei-lhe se tinha visto alguma coisa visualmente.

"O quarto estava escuro."

Parecia tratar-se mais de uma sensação do que de uma visão. Em qualquer caso, parecia pronto para falar como resultado daquela noite. As palestras realizaram-se na New School for Social Research. A senhora Pinter enviou um carro para ele e, exactamente à hora marcada, saiu do quarto vestido impecavelmente com um facto azul-escuro e sapatos reluzentemente engraxados.

"Pareço uma estrela de cinema?" perguntou maliciosamente.

E lá fomos. A sala estava repleta de pessoas. Entrou pelo corredor vindo da parte de trás e subiu ao palco. Falou com força e eloquência. No final saiu pelo mesmo caminho e entrou rapidamente no carro, mas não antes de um seguidor indiano do Dr. Timothy Leary lhe agarrar o braço dizendo que Leary queria vê-lo.

No dia seguinte Alain foi a Boston tratar da possibilidade de Krishnamurti falar lá. K e eu almoçámos em casa com Yolande de Manziarly como convidada. Depois fomos visitar a senhora Pinter e mais tarde caminhámos ao longo da orla do Central Park. Quando nos aproximávamos do prédio do apartamento, K disse:

"Naudé vai chegar."

E segundos depois, quando chegámos à porta, Alain estava a sair de um táxi. Tudo correra bem em Cambridge.

No dia vinte e nove, o poeta Allen Ginsberg, o seu amigo Peter qualquer coisa e Timothy Leary vieram falar com K, que pediu a Alain e a mim que estivéssemos presentes. Ginsberg fez inicialmente a maior parte da conversa e disse que não ficara satisfeito com a resposta de Krishnamurti à sua pergunta sobre LSD. Disse que procurava repetir uma experiência espontânea que tivera uma vez. O LSD proporcionava-lhe algo semelhante, mas não tão intenso. Perguntou a K qual era o seu próprio estado.

K respondeu:

“Comigo é diferente”,

mas recusou descrições. Indicou o processo de condicionamento da procura e que não se pode chegar ao outro através de tais meios. Enquanto Ginsberg falava, Leary permanecia sentado com uma espécie de sorriso afectado, numa atitude de atenção estudada. De repente interrompeu Ginsberg e anunciou que estava prestes a mudar a consciência do povo americano em quatro anos — algo previsível num gráfico — acabar com a guerra do Vietname e pôr fim aos conflitos raciais, tudo com LSD. K disse que os hindus utilizavam meios de alteração da mente há milhares de anos e que isso não tinha nada de novo. Descreveu a busca dos sanyasis[1] com quem falara; tinham passado cinquenta anos a experimentar austeridades, drogas, vários tipos de ioga, meditação, etc., e depois de ouvir Leary falar, K disse-lhe que tudo aquilo fora ilusão.

A certa altura K disse:

“Sabes qual é o símbolo da cruz? A negação do eu.”

E fez o gesto. Leary levantou-se de um salto, abriu os braços e trovejou:

“Sim! Nós subimos ao palco, arrancamos os pregos das mãos e atiramo-los ao chão!”

Tudo isto aparentemente fazia parte de uma representação que dava nalgum teatro. K disse-lhe que o verdadeiro “outro” tinha de ser alcançado pelo indivíduo sozinho, sem auxílio de nada. Leary afirmou então que concordava com ele, o que evidentemente não era verdade, e foram-se embora.

No dia três de Outubro, no carro a caminho da New School, durante um percurso em silêncio, K virou-se para mim e disse:

“Sobre o que vou falar? Não faço ideia.”

Repetiu-o alguns minutos depois. Hesitei em dizer alguma coisa. À terceira vez que perguntou, senti um impulso para falar e lembrei-lhe que dissera ao público que falaria sobre a morte. O que se seguiu foi, para mim, uma das maiores palestras sobre o tempo, a morte e o amor.

Durante os dias em Nova Iorque entre palestras, Krishnaji recebia pessoas ao almoço, ia algumas vezes ao cinema e caminhava diariamente

no parque. Falou da necessidade de Alain tirar férias e eu sugeri que ambos precisavam delas. K mudou então de assunto para considerar o que aconteceria quando morresse ou se retirasse. Quem continuaria o trabalho? Disse que Alain era a única possibilidade. K respondeu então que não deveria ser apenas uma pessoa, mas alguns jovens. Como encontrá-los? Como moldar os anos seguintes, enquanto ainda estivesse activo, para o pôr em contato com essas pessoas? Quais seriam os melhores usos do seu tempo e da sua actividade? Voltámos a falar da possibilidade de viver num lugar onde pudesse receber pessoas, onde pudesse trabalhar tanto quanto desejasse, mas sem estar preso ao pesado calendário de palestras e viagens.

[1] Ascetas ou renunciantes hindus dedicados à busca espiritual.

Depois da sexta e última palestra na New School, a atenção de K voltou-se novamente para Ojai e para os problemas ali existentes. Se Rajagopal se mostrasse hostil ou deteriorado, o que deveria ele fazer? Como poderiam as coisas continuar? Parecia haver uma escassez de pessoas úteis e inteligentes que pudessem ser integradas na organização. Havia as finanças, a conservação dos arquivos, a edição, as negociações com editores, a organização das palestras e o uso futuro de todas essas questões.

“Não consigo fazer nada disto ou, se o fizer, não consigo fazer o outro”, disse K.

A senhora Besant colocara Rajagopal na função de tratar de tudo isso. O dinheiro da KW Inc. fora dado para que Krishnamurti fosse cuidado e nunca dependesse de ninguém.

“E agora não consigo comprar uma camisa”, disse K.

Continuou a conversa ao pequeno-almoço no dia seguinte. Perguntou-me se eu estaria no comité da KW Inc. e se enfrentaria Rajagopal. Parecia preocupado com o que deveria ser feito ao dinheiro depois da sua morte. Fiz-lhe notar que, se Alain e um pequeno grupo fossem continuar o trabalho, algo teria de os sustentar. Depois do pequeno-almoço Rajagopal telefonou com todo o tipo de perguntas. Era evidente que falar com ele deixava Krishnaji nervoso. A possibilidade de discussões fazia-o tremer. E disse que aquele era um dos bons humores de Rajagopal.

Noutro pequeno-almoço interrogou-nos sobre qual seria o efeito da sua presença numa audiência. Teria ela algum efeito hipnótico e distractivo que interferisse com aquilo que dizia? E se falasse por detrás de uma cortina?

"O que vêem eles quando esta pessoa fala?"

Tanto Alain como eu dissemos que, qualquer que fosse a razão que levava as pessoas a ouvi-lo, a sua presença criava um nível de atenção que abria as pessoas às suas palavras. Voltou a falar da teoria do Instrutor do Mundo e de como tudo aquilo fora planeado.

"Foi isto que eles [os teosofistas] disseram. Eu não sei."

Durante um passeio no parque perguntei-lhe sobre os níveis de comunicação e como, por vezes, me parecia que ele comunicava num plano não verbal. Fazia-o conscientemente?

"Não no sentido de intencionalmente, à vontade", disse. Simplesmente acontecia. Não sabia como acontecia, exceto que sabia que acontecia. Falei também das projecções que todos fazemos por vezes: que ele conhecia o futuro, conseguia ler os nossos pensamentos, tinha um conhecimento total da realidade. As suas respostas pareciam implicar que os vislumbres do futuro eram apenas isso, vislumbres; a leitura de pensamentos acontecia por vezes, não à vontade. O conhecimento da realidade talvez não estivesse implícito na experiência dela. Isto ele não o disse, mas quando formulei essa possibilidade, o seu silêncio pareceu deixá-la permanecer. Aqui é difícil distinguir entre o que poderia ter sido imaginação minha e um forte sentimento de algo comunicado mas não dito. O meu instinto dizia-me fortemente que era a segunda hipótese, mas verbalmente não era um facto.

No dia dezasseis de Outubro, Krishnamurti, Naudé e eu voámos para Boston onde, em Lowell House, em Harvard, K falou perante um auditório cheio de estudantes e professores durante dois dias. As perguntas que lhe foram colocadas eram mais penetrantes do que o habitual. Regressámos a Nova Iorque depois de uma discussão com estudantes no dia dezassete e, no dia dezoito, voámos para a Califórnia.

## Capítulo Nove

Fomos recebidos em Los Angeles, conduzimos até Malibu e foi uma sensação feliz tê-los ali ambos, preparar o jantar na minha própria cozinha

e ver Krishnaji de roupão, sentado graciosamente à mesa da sala de jantar, olhando para a oliveira e para o Oceano Pacífico.

Na manhã seguinte fomos à cidade para consultar o dentista. K tinha um pequeno quisto no lábio inferior que precisava de tratamento. Voltámos e demos um longo passeio na praia antes do jantar.

Ao pequeno-almoço da manhã seguinte, K estava algo tenso ao falar do encontro com Rajagopal. Depois disse que Rajagopal também devia estar nervoso com a sua chegada, o que o fez rir com uma nota de ligeira histeria.

"Antigamente era ao contrário — eu é que tremia; agora é ele quem se preocupa."

Mas o que era perturbador para Alain e para mim eram os nervos evidentes dele, mesmo enquanto falava do assunto. Depois do pequeno-almoço telefonou a Rosalind Rajagopal para dizer que iríamos lá almoçar; depois pediu-me que telefonasse a Rajagopal, após o que falou ele próprio com ele. Saímos de Malibu e seguimos para Ojai, onde K me guiou até Arya Vihara, onde Rosalind preparara o almoço. Ela e K conversaram e, depois, levei K e Alain de carro até Pine Cottage, onde Rajagopal estava à espera. Os dois homens abraçaram-se; Rajagopal parecia comovido mas desviou a cabeça, como se evitasse olhar para K. Tiramos a bagagem do carro e Rajagopal quis primeiro levar-me ao lugar onde eu ficaria, no antigo apartamento dele por cima do escritório, ao lado de Pine Cottage. Havia uma pequena cobra junto à porta da frente.

"Espero que não pense que a pus aqui de propósito", disse.

Os quartos estavam impecáveis e curiosamente vazios. Abriu a casa de Krishnaji e o apartamento ao lado, onde Alain ficaria. Também estavam vazios, limpos e eficientes, como se fossem mantidos num vácuo. Depois foi falar brevemente com K e combinaram encontrar-se no dia seguinte. Rajagopal perdeu os óculos e procurou-os durante algum tempo. Quando saiu, K e Alain vieram ao meu apartamento. K disse que nunca tinha posto os pés no apartamento onde eu estava hospedada, porque Rajagopal uma vez o repreendera por entrar com lama nos sapatos. Dei-lhe as boas-vindas e ele olhou em redor e para algumas pinturas, feitas por Rajagopal, nas paredes.

“Ele está muito pior”, disse K.

Mostrou-nos a árvore-da-pimenta sob a qual estivera inconsciente muito tempo antes, em 1922, quando tudo começara. A senhora Besant dissera que a árvore devia ser sempre preservada; agora estava alta e majestosa, com os ramos abertos protegendo a casa.

Guiou-nos através do pomar de laranjeiras até Arya Vihara, onde Rosalind e o seu caniche branco se juntaram a nós para um passeio. Ela e eu seguimos pela estrada enquanto K e Alain atravessaram os pomares para evitarem devotos que tinham dito a Rosalind que sentiam a presença dele havia dois dias. Caminhámos perto da Thacher School e mais tarde jantámos com ela.

À mesa começava um constante importunar. Sentia-se a dominação dos dois R sobre K ao longo de anos. Surgiu uma discussão sobre se Timothy Leary estivera presente na morte de Aldous Huxley. Rosalind disse que fora a Hollywood por intuição, pensando que Huxley estaria pior, e que a sua mulher, Laura Huxley, lhe dissera para ir porque ele estava a enfraquecer. Também lhe pedira que não lhe contasse que o presidente Kennedy tinha sido assassinado nesse dia. Rosalind disse que massajara o braço e o abdómen de Huxley, o que lhe trouxe alívio. O médico assistente chegara e pedira-se a Laura Huxley que lhe administrasse LSD por injecção, dizendo que Huxley o queria. Ela pedira a Aldous Huxley que apertasse a sua mão se desejasse recebê-lo e sentira que ele o fizera. O médico permitira-o. Mais tarde Laura Huxley quis dar-lhe mais; Rosalind olhou interrogativamente para o médico, que parecera indicar que pouco importava, que Aldous já estava para além de tudo aquilo. O pulso dele estava tão fraco que era difícil ter a certeza da hora da morte, mas terá sido perto das cinco horas. Demonstrara uma coragem enorme, nunca se queixando. K disse que Aldous lhe contara, três anos antes em Roma, que tinha cancro na língua e que até então não o revelara a mais ninguém.

K guiou Alain e eu de volta através da escuridão e das árvores até às casas. Mostrou-nos um pequeno compartimento do aquecimento onde passara uma noite quando se esquecera da chave e não quisera incomodar nenhum dos dois R.

“Ficariam demasiado zangados”, disse.

Foi chocante pensar nele de pé toda a noite naquele espaço estreito junto a um aquecedor de água para se manter quente, a fim de evitar ser repreendido por duas pessoas a quem fora concedido o privilégio e a responsabilidade de cuidar dele. Disse que aquilo devia ter feito parte do que o adoecera em 1960, quando tivera de cancelar parte das palestras. Disse que fora o rim, mas também aquilo.

"Isso não pode interferir com as tuas palestras agora", disse Alain.

"Oh, não interferirá. Naquela altura não tinha ninguém com quem falar. Agora tenho-vos a vocês os dois."

Era como se ainda fosse, em parte, a criança tímida que nunca amadurecera através das relações humanas habituais e que, por isso, permanecia por vezes sob o domínio daqueles que dirigiam os seus assuntos.

No dia seguinte, sexta-feira, vinte e um de Outubro, levei Alain ao Oak Grove e trouxe Rajagopal de volta para ver K. Conversaram a sós nos aposentos de K e, por vezes, a voz insistente e tensa de Rajagopal atravessava a parede até ao lugar onde Alain e eu estávamos sentados na sala dele. Depois do almoço em Arya Vihara, K, Alain e eu regressámos de carro a Malibu, depois seguimos para Beverly Hills para o médico observar o quisto no lábio de K e para Alain ir ao dentista, regressando depois a Malibu.

Na manhã seguinte conversámos longamente sobre o que fazer em Ojai. K redigiu uma carta sobre o que queria ver realizado: o conselho da KW Inc. deveria ser ampliado e tornar-se activo; propunha que eu integrasse o conselho como início dessa ampliação; ninguém deveria ser a figura central; deixaria de haver controlo exclusivo de Rajagopal ali ou de de Vidas em Saanen; deveria haver divulgação dos bens; a KW Inc. deveria fornecer doze mil dólares anuais para sustento de K; Alain deveria receber um salário anual entre seis mil e sete mil dólares e uma pensão após a morte de K. Demos um longo passeio na praia durante a tarde, K caminhando à frente sozinho, parecendo absorvido num estado distante.

O dia seguinte foi quente e encantador. K permaneceu na cama toda a manhã a escrever a carta para Rajagopal e, à tarde, os meus amigos Amanda e Phil Dunne, juntamente com a filha mais nova, vieram visitar-nos. Já era pôr-do-sol quando fomos caminhar pela praia.

No dia vinte e quatro de Outubro, K e eu fomos ao médico em Beverly Hills, que removeu o quisto do lábio inferior de K usando novocaína. Saiu um pedaço do tamanho de uma ponta de dedo e levaram três pontos. Seguimos directamente para casa e, no início da San Vicente Boulevard, K desmaiou, tombando para a esquerda. Segurei-o com o braço direito e continuei a conduzir lentamente. Recuperou em cerca de um minuto, mas desmaiou mais duas vezes, emitindo um ligeiro gemido. Parei o carro ao chegar à estrada costeira, mas ele recuperou e disse para continuarmos para casa. Lá foi para a cama e pusemos gelo no lábio, que estava bastante inchado. Descansou o resto do dia na cama e telefonei ao médico, que disse que o relatório do laboratório estaria pronto no dia seguinte. Alain e eu fomos nadar à tarde e Krishnaji insistiu em vir à mesa para jantar. Reflectira sobre "se o corpo estaria a protestar e a sentir pena de si próprio quando gritava ao desmaiar. Tornou-se muito mais sensível."

No dia vinte e sete regressámos a Ojai, almoçámos em Arya Vihara e depois levei Alain ao Oak Grove para um ensaio de microfone. Quando isso terminou, Alain e Rajagopal ficaram no carro numa longa conversa enquanto eu permanecia no Grove. Acabei por sentir tanto frio que tive de os interromper, mas tinham conversado durante duas horas. Alain não devia saber o conteúdo da carta de K, mas Rajagopal disse que concordava com grande parte dela.

O Oak Grove era o lugar preferido de Krishnamurti para falar. Afastado da estrada, sob carvalhos selvagens nativos, havia simultaneamente sombra e luz do sol no lugar onde ele se sentava diante da assistência, quase toda sentada no chão que subia suavemente pela colina. Fazia seis anos desde a última vez que ali falara. A primeira palestra ocorreu no sábado, vinte e nove de Outubro, num dia quente, e reunira-se uma grande multidão. Muitos tinham vindo por curiosidade, demasiado prontos a rir e a tirar fotografias, mas outros eram sérios e atentos. No final saiu rapidamente e tive de correr para alcançar o carro e tirá-lo dali.

No dia seguinte voltou a estar muito calor e novamente uma grande multidão compareceu para a segunda palestra. Depois, K e Alain almoçaram em Arya Vihara enquanto eu limpava a casa. Tentava evitar as refeições com Rosalind porque a tensão à mesa era insuportável, um ataque incessante a K:

"Come isto, come aquilo. Porque não acabas a comida? Suponho que não vais gostar disto..."

e assim sucessivamente. Regressámos de carro a Malibu e, como o horário de Verão terminara, a praia estava escura, mas fresca e bela. K caminhava à frente sozinho. Alain estava muito perturbado com as constantes críticas de Rosalind, as acusações de Rajagopal e o facto de Krishnaji suportar tanto de ambos. Sentia a frustração justificada de Alain e, ao mesmo tempo, comovia-me a visão daquela figura frágil avançando pela areia. Vivera setenta anos segundo o calendário, mas parecia ainda "aquele rapaz" em momentos assim.

Fomos à cidade para lhe retirarem os pontos do lábio. Estava tudo bem e regressámos a tempo de um passeio muito longo na praia, quase todo no escuro. K descreveu uma perceção que tivera na praia:

"Para olhar é preciso ver num instante; a continuação do olhar é pensamento e, portanto, deixa de ser visão. O condicionamento, a interferência, entram no momento em que há prolongamento. No instante pode-se ver o todo."

Disse que algo acontecera na praia, mas não queria pô-lo em palavras.

Filomena Renzi era uma mulher italiana gentil e muito querida, que me ajudava em casa e estivera com a minha família quase toda a vida. Krishnaji reparou que parecia cansada e, quando lhe falei das dores artríticas no pescoço, perguntou se deveria pôr as mãos sobre ela e tentar ajudá-la. Foi o que fez, pedindo-me que permanecesse na sala. Ficou de pé atrás dela, de olhos fechados, enquanto ela estava sentada numa cadeira, e colocou as mãos sobre os seus ombros. Filomena permaneceu sentada durante muito tempo depois de ele terminar e sair da sala.

"Ha le mani di un santo [Tem mãos de santo]", disse ela.

Fez o mesmo no dia seguinte e ela contou-me que a dor desaparecera.

Regressámos a Ojai, onde K falou aos estudantes da Thacher School, e depois ele e Alain almoçaram comigo no terraço. No dia seguinte levei K ao dentista e Alain almoçou comigo, pois achava Rosalind tão desagradável que mal a suportava. K pediu-lhe que tivesse paciência com ela durante o tempo restante. Nessa tarde K realizou a primeira discussão pública no Oak Grove.

No sábado, cinco de Novembro, pela primeira vez foi filmado um discurso de Krishnamurti. Foi realizado pela National Public Television Films Company, a preto e branco. O equipamento discreto consistia em duas câmaras de 16 mm, uma luz e uma folha reflectora na cobertura sobre a sua cabeça, e dois gravadores de voz Nagra. Krishnaji, cansado de toda a disputa com Rajagopal, disse:

"Sobre o que vou falar?"

no carro a caminho do Grove. Depois, com o mais leve olhar para o equipamento, começou a falar; o cansaço desapareceu e o seu rosto irradiou um poder e uma iluminação interiores.

No dia seguinte a palestra foi filmada, mas no dia sete, depois de uma noite de chuva intensa, uma discussão no Oak Grove tornou-se impossível, pelo que K falou na Happy Valley School e de lá seguimos para Malibu. A chuva parara e havia arco-íris no vale quando partimos. No carro, K permaneceu muito tempo em silêncio e depois disse a Alain:

"Toma nota desta frase: A meditação é o esvaziamento da mente do conhecido."

Tratou novamente Filomena e a dor não regressara.

De novo em Ojai, no dia nove, Alain e eu fomos convidados pelos Blackburn a ouvir uma gravação de uma palestra de 1964 e depois compará-la com o texto impresso, editado por Rajagopal. Havia alterações consideráveis em relação ao original: omissões, acrescentos, reorganizações e substituições das palavras de K. K ficou preocupado. Mais tarde nesse dia foi à Thacher School para uma discussão com os estudantes mais velhos.

No dia dez de Novembro, ao fim da tarde, Rajagopal veio falar com Krishnamurti. A atmosfera em Ojai tornara-se então semelhante à de um filme de Hitchcock. Estávamos quase certos de que as casas tinham escutas. Os dois encontraram-se no pequeno escritório ao lado do cofre dos arquivos e, pouco depois, ouvimos Krishnaji regressar ao quarto. A luz da outra casa permaneceu acesa durante algum tempo e depois apagou-se, e K veio ter connosco, onde Alain e eu esperávamos. Fez-nos sinal para sairmos a fim de nos contar, longe de possíveis microfones, o que

acontecera. K perguntara a Rajagopal o que fizera em relação à carta que lhe enviara. Rajagopal respondera:

"Nada. Porque haveria eu de fazer? Não recebo ordens tuas."

K pedira-lhe que prestasse muita atenção e dissera-lhe que estava muito sério em relação ao conteúdo da carta; se Rajagopal nada fizesse, as consequências recairiam sobre a sua cabeça. Ao ouvir isto Rajagopal dissera:

"O que estás a fazer? Isto é uma maldição brâmane?"

K respondera:

"Rajagopal, o que estás a dizer? Estou a explicar que as consequências seguem-se, tal como um dentista diz que, se não se fizer algo, isto acontecerá aos teus dentes."

Rajagopal disse:

"Eu também sou brâmane e amaldiçoo-te muito mais do que tu me podes amaldiçoar!"

Depois disse a K que ele já não era aquilo que fora, isto é, o Instrutor do Mundo, e aparentemente algo mais, que K não repetiu para nós, mas disse que Rajagopal estava a atacar "o outro". Finalmente K disse:

"Rajagopal, terminei. Vou-me embora."

E levantou-se e saiu.

Na manhã seguinte levei K ao dentista e depois levei Alain brevemente a casa de Rajagopal para lhe dizer que Krishnamurti recusava qualquer dinheiro adicional da KW Inc. e, portanto, não queria salário algum, e que, dali em diante, K conservaria as gravações. Ao regressarmos a Pine Cottage, K mandou chamar James Vigeveno, recebeu-o sozinho e, sendo ele vice-presidente da KW Inc., leu-lhe uma cópia da carta enviada a Rajagopal, carta que Rajagopal recusara mostrar a Vigeveno. Também lhe disse que estava a abandonar a KW Inc. Mais tarde houve uma discussão pública no Oak Grove.

Na manhã seguinte, enquanto estava no mercado de Ojai, Annalisa, a segunda mulher de Rajagopal, aproximou-se de mim para perguntar se poderíamos conversar de mulher para mulher. Disse que Rajagopal ficaria

zangado se soubesse, mas perguntou-me se diria a K que Rajagopal estivera preparado para concordar com os pontos da carta se K não o tivesse ameaçado. Disse que sabia como Rajagopal era difícil, mas que o conhecia havia nove anos, amava tanto Rajagopal como K, e esperava que K o ouvisse sem reagir. Nesse momento Alain apareceu e a conversa terminou. Evidentemente ela desconhecia as coisas terríveis que Rajagopal dizia a K e acreditava na falsidade de que K o ameaçara.

A quinta palestra em Ojai realizou-se nessa tarde e, depois, de volta à casa, houve uma longa e angustiante conversa telefónica entre Rajagopal e K, com Rajagopal a discursar e a gritar com K, enquanto K tremia perante a violência e o choque da situação. Rajagopal bateu o telefone. Tanto Alain como eu nos sentimos mal ao assistir àquilo. Seguiu-se outro jantar sombrio em Arya Vihara. Quando Krishnaji, que dormira cerca de três horas na noite anterior, disse que não dormira muito, Rosalind atacou-o imediatamente:

"Oh! Porque não?"

como se ele fosse uma criança que quebrara uma regra. O efeito combinado dos dois Rajagopal ao longo de todos aqueles anos era nauseante. Tinha sido um dia exaustivo.

No dia seguinte, outra vez depois de dormir muito pouco, a caminho do Oak Grove, K disse-me:

"Que vida!"

Depois deu a sua sexta palestra em Ojai, e foi uma palestra extraordinária sobre beleza, meditação e o esvaziamento da mente do conhecido. Enquanto falava, o esgotamento e os sinais daqueles dias terríveis desapareciam, e aquela extraordinária beleza do rosto e da voz, a profundidade e qualidade do outro, apoderavam-se dele.

O último encontro ocorreu a catorze de Novembro, uma discussão pública. Falou sobre a mente superficial. Foi filmada como as anteriores. Partimos imediatamente para Malibu, mudámo-nos de roupa e descemos para uma longa caminhada na praia. O sol já se pusera e a rebentação era suave. Encontrámos um corvo-marinho na areia, possivelmente doente. Permaneceu imóvel enquanto K se aproximava a menos de um metro e soltou duas vezes um longo grito melancólico.

Durante a viagem de carro, Krishnaji disse que tinha de revogar qualquer procuração que pudesse ter concedido a Rajagopal. Pensava que talvez tivesse sido sob a forma de uma carta — um acordo de cavalheiros — mas disse que precisava de a revogar legalmente e queria entregá-la a mim, se eu aceitasse. Respondi que faria o que ele quisesse, mas precisava de me dizer explicitamente o que queria que fosse feito e até onde deveria ir. Continuámos a falar disso ao jantar.

No dia dezasseis de Novembro regressámos a Ojai para que Krishnamurti pudesse ir ao dentista. Em Pine Cottage telefonou a Rajagopal para lhe dizer que aquele era o último dia para resolverem as coisas. Seguiu-se uma conversa violenta e ultrajante da parte de Rajagopal, voltando a acusar K de o amaldiçoar:

"Quem és tu para me dizeres o que devo fazer?"

e assim por diante. Krishnaji pediu as gravações das palestras de Ojai. Rajagopal respondeu:

"Terás de obter uma ordem judicial para as conseguires!"

Ignorou também o pedido de K relativamente ao manuscrito que ele escrevera alguns anos antes. A voz de Krishnaji tinha agora um primeiro tom de severidade e ele não se colocava tanto na defensiva, mas tremia perante a violência do ataque. A voz de Rajagopal atravessava o telefone como uma britadeira, de tal forma que Alain e eu, sentados do outro lado da sala, conseguíamos ouvir toda a sua fúria. Finalmente desligou o telefone na cara de K — pela terceira vez ali em Ojai e uma vez em Nova Iorque. Era feio, chocante e insano.

K enviou então Alain e eu para pedir pessoalmente as gravações e o manuscrito. Fomos de carro até à casa de Rajagopal, tocámos à campainha e, nesse momento, Annalisa chegou no carro dela. O que queríamos? Não acreditava que Rajagopal nos recebesse. Alain transmitiu a mensagem de K. Ela entrou e regressou dizendo que R recusava entregar as gravações, o manuscrito e também recusava ver-nos. Partimos e regressámos junto de K. Preparei o almoço, pois Rosalind fora a Los Angeles "ouvir uma palestra do melhor orador do mundo". K descansou e mais tarde fomos dar um longo passeio, quase todo no escuro. Falámos sobre o que fazer com as futuras gravações. K guardá-las-ia e faria a edição que entendesse, mas seria isso bom para ele em relação às palestras? Tanto Alain como eu

pensávamos que isso lhe retiraria frescura ao falar e seria um peso demasiado grande. Estávamos preparados para fazê-lo ou formar um grupo editorial. Se uma secretária as transcrevesse, corrigindo apenas minimamente a sintaxe, isso bastaria.

Quanto à procuração, senti que, se K o desejasse, enfrentaria Rajagopal em tribunal, mas precisava de instruções claras de K sobre até onde deveria ir. Estava preparada para fazer tudo o que ele quisesse, embora aquilo parecesse um pesadelo. Não existia qualquer consideração de recusar fazê-lo. Tinha a estranha sensação de ser instrumento de alguma outra força nisto tudo. Enquanto caminhávamos pela estrada no escuro, havia uma sensação de liberdade e completude após um dia terrível. Jantámos no apartamento onde eu estava hospedada. Estávamos todos muito cansados.

Quinta-feira, dezassete de Novembro, foi um dia em que Rosalind quis levar K a visitar a filha, Radha Sloss, em Santa Barbara, pelo que Alain e eu tivemos o dia livre. Conduzimos ao longo da costa e entrámos no vale de Santa Ynez, uma região ampla, bela e vazia. Regressámos a Santa Barbara para comprar livros para a viagem a Roma, fomos ao cinema, voltámos para Ojai e jantámos no restaurante Ranch House.

No dia seguinte deixámos Ojai definitivamente pelas nove horas. K disse que caminhara sozinho na praia de Hope Ranch no dia anterior e tivera "uma meditação maravilhosa". Depois falou sobre o significado de estar "fora da KW Inc." para si. Não queria mais nada com aquilo; que Rajagopal ficasse com o dinheiro, com tudo. Não conseguia travar uma batalha; não fora feito dessa maneira. Simplesmente afastar-se-ia. Falava sobre isto como se nenhum dos horrores dos últimos dias tivesse acontecido. A sua atitude de desafio e depois a decisão de deixar tudo a Rajagopal pareceram a Alain e a mim uma completa capitulação perante Rajagopal. Senti-me simultaneamente atónita e nada surpreendida, como se no fundo não tivesse acreditado que ele fosse até ao fim no confronto com a agressividade de Rajagopal. Alain ficou abalado e exprimiu o que sentia. Eu via tudo a desmoronar-se.

Chegámos a Malibu no meio da discussão. A equipa de televisão devia chegar, mas felizmente ainda não tinha aparecido. Ficámos sentados no carro a conversar e depois entrámos em casa e continuámos até que eles chegaram e montaram o equipamento no relvado. Tratava-se de uma

entrevista para acompanhar as filmagens feitas das palestras em Ojai. Dick Moore, o produtor-realizador, sentado fora do enquadramento, fazia perguntas a K. Quando terminou, fomos directamente para a praia dar um passeio antes de anoitecer. Quando regressámos a casa, entrei para falar a sós com K. Repetiu que queria sair da KW Inc., afastar-se do Encontro de Saanen e da organização na Índia. Disse-lhe que só tinha um interesse — os seus ensinamentos e fazer o que pudesse por ele pessoalmente — e que evitava envolver-me em tudo o resto. Que mais poderiam Alain ou eu fazer para chegar à realização do seu ensinamento? Esse era o interesse profundo de cada um de nós. K disse que Alain precisava de descansar; talvez devesse ficar ali comigo e não ir para a Índia. Respondi que, naturalmente, seria bem-vindo. Chamei Alain e K falou-lhe sobre tirar algum tempo de descanso. Alain respondeu que queria e precisava de férias, mas não naquele momento — apenas quando as coisas estivessem tranquilas. Não se sentia capaz de descansar naquela altura.

K disse que faria um último telefonema a Rajagopal. Fizemos a chamada, sentados no quarto dele, e atendeu Annalisa. Rajagopal tinha saído. Ela aproveitou a oportunidade para falar com K e abriu o coração, chegando a perguntar-lhe se ele achava que Rajagopal talvez estivesse desequilibrado. K falou-lhe de forma tranquilizadora e evasiva, mas ficou surpreendido por a própria mulher de Rajagopal fazer tal pergunta. Nessa altura fui preparar o jantar e, enquanto Alain fazia as malas, K voltou a telefonar e conseguiu falar com Rajagopal. Contou-nos que lhe dissera que não iria contratar um advogado, como Rajagopal pensava, mas que estava fora da KW Inc., que não sabia ainda que forma as coisas tomariam, mas que estava fora. Rajagopal respondeu que aquele era um dia abençoado.

Quando o jantar ficou pronto sentámo-nos à mesa e K disse a Alain:

"Se alguma vez ficares desiludido comigo, basta dizeres-mo."

Alain respondeu-lhe da mesma forma. Pressenti uma certa tensão nisto, mas desapareceu num instante.

Depois de Krishnamurti se deitar, tive uma longa conversa com Alain e, no final, senti que as coisas estavam mais calmas. No dia seguinte, dezanove de Novembro, levei-os ao aeroporto de Los Angeles, de onde voaram para Roma. Dez dias depois chegou uma carta de Alain dizendo que iria passar férias na África do Sul em vez de seguir para a Índia.

No dia primeiro de Dezembro, Rosalind Rajagopal veio visitar-me. Disse que queria contar-me certas coisas e que tinha provas do que dizia. Remexeu num monte de papéis e depois leu-me uma carta. O que ela não sabia era que a "prova" que apresentava era na verdade uma carta que ela própria escrevera e enviara a K, que ma mostrara. Era evidente que queria falar de Alain. Disse-lhe que falaria sobre qualquer assunto que desejasse, mas que Alain era meu amigo e que não o discutiria. A conversa terminou pouco depois.

No dia três de Dezembro recebi uma carta muito simpática de Krishnaji dizendo esperar que toda a disputa em Ojai não me tivesse perturbado, agradecendo-me e acrescentando:

"Isto é mais do que uma carta de cortesia."

Falei tanto com K como com Alain no dia quatro. Ambos pareciam bem. K deveria partir para Nova Deli no dia onze e, nesse mesmo dia, Alain seguiria para Pretória. No dia treze chegou uma carta de Alain, escrita em Roma, dizendo-me que K gostaria de ficar em Les Caprices, em Gstaad, no mês de Junho. A quinze de Dezembro Krishnamurti começou as suas palestras em Deli e, no dia dezoito, escreveu-me de lá.

## Capítulo Dez

O ano de 1967 começou com Krishnamurti na Índia, visitando Nova Deli, Benares, Madras, Rishi Valley e Bombaim. Alain encontrava-se na África do Sul, mas regressou à Europa em Fevereiro e, entre outros lugares, foi a Paris ajudar a encontrar um local onde Krishnamurti pudesse ficar em Abril. Ambos me escreveram enquanto eu permanecia em casa, em Malibu.

No dia cinco de Março Krishnaji voou para Roma, onde ficou em casa de Vanda Scaravelli, e eu voei para Londres. Alain estava lá e falou-me de uma casa que encontrara e alugara para nosso uso na zona de Boulogne-Billancourt, em Paris. Telefonámos a Anneke Korndorffer, na Holanda, e soubemos que ela também encontrara um lugar para nós.

No dia dezassete de Março estava em Paris e fui ver a casa na rue de Verdun, número 11; tratei de tudo com o proprietário e Alain foi para Roma juntar-se a Krishnamurti. No dia vinte e dois de Março também voei para Roma, fiquei instalada no Hotel Raphael e depois fui a casa de Vanda, na Via del Casaletto, onde os quatro almoçámos juntos. Mais tarde fui

passear com Krishnaji e conversámos sobre tudo o que acontecera na Califórnia.

Nos dias seguintes Krishnaji deu palestras no Istituto di Pedagogia, realizou discussões com jovens que Alain reunira, foi comprar tecido para camisas e fazia sempre passeios à tarde.

No dia cinco de Abril voei para a Suíça e fui buscar o meu carro, que ficara guardado durante o Inverno. Conduzindo através de uma tempestade de neve primaveril, parei em Gstaad para recolher algumas coisas deixadas no sótão de Les Caprices, comprei provisões vegetarianas e continuei para França, passando a noite em Avallon.

Ao meio-dia do dia seguinte estava em Paris, verifiquei o inventário da casa na rue de Verdun e instalei-me nela. No dia onze fui à Salle de la Chimie, onde K falaria, e depois, com o senhor de Vidas, fui a Orly buscar Krishnaji. Pareceu satisfeito com a pequena casa. Ficava numa esquina de uma rua tranquila, tinha um pequeno pátio, um ar de tempos passados e situava-se a apenas alguns quarteirões do Bois de Boulogne. Estávamos a jantar quando Alain chegou no seu Volkswagen.

Os dias antes do início das palestras passaram agradavelmente preenchidos com longos passeios no Bois e algumas compras rituais — as camisas Charvet e os sapatos da Lobb. Fomos ao cinema e recebemos pessoas para almoçar. No dia dezasseis K deu a sua primeira palestra em Paris. A Salle de la Chimie era muito melhor do que a antiga Salle Adyar e estava bem cheia. Falou sobretudo sobre violência e sofrimento.

Passámos a caminhar à tarde em Bagatelle. Os caminhos sinuosos entre árvores floridas e canteiros de tulipas traziam-me vislumbres da infância e uma sensação sorridente de estar ali novamente com Krishnamurti. Depois de uma segunda palestra, a vinte de Abril, no dia seguinte falou num centro quaker na rue Vaugirard diante de um grupo de jovens. Deu o que recordo como uma palestra extraordinária no dia vinte e três e realizou outra discussão com jovens. Vários amigos franceses de muitos anos vieram almoçar e Krishnaji, Alain e eu fomos também almoçar com Marcelle de Manziarly e o irmão, Sacha, no apartamento deles na rue Jacob. Foi um almoço alegre; ambos eram velhos amigos de K e profundamente dedicados a ele. Sacha fazia-o rir com inúmeras histórias.

A última palestra em Paris foi a trinta de Abril e, a três de Maio, K, Alain e eu voámos para Londres para que Alain pudesse consultar o médico e Krishnaji experimentar roupa no alfaiate. Ficámos no Claridge's, tratámos dos assuntos necessários, vimos um filme de James Bond e regressámos de avião a Paris.

Os dias continuaram na pequena casa. Um grupo de jovens veio falar com K, almoçámos com os Suarès, almoçámos também com o meu pai, que vivia em Paris, passeámos diariamente no Bois e finalmente, a dez de Maio, depois de fazer as malas e tratar de tudo relativo à saída da casa, carregámos ambos os carros e partimos para a Holanda, Alain na sua carrinha e K e eu no meu carro. Seguimos para nordeste e encontrámo-nos em Arras para almoçar num restaurante chamado Changy, continuando depois para a Bélgica, onde passámos a noite em Gand, no Hotel St. Georges.

Na manhã seguinte saímos de Gand às dez horas e seguimos através de Antuérpia para a Holanda. K parecia gostar de estar novamente naquele país onde passara tanto tempo no passado. Havia algo estranhamente familiar para mim. A paisagem plana e ordenada estendia-se sob um céu baixo com nuvens que me pareciam familiares até perceber que as tinha visto em pinturas holandesas. Perdi-me ligeiramente em Utrecht, mas encontrei o caminho para Huizen, onde nos cruzámos com Alain num entroncamento. Juntos encontrámos a nossa casa, uma antiga quinta com telhado de colmo e uma grande sala central que devia ter sido o celeiro. Havia um fogo crepitante e um leve mas agradável cheiro a celeiro. Anneke Korndorffer estava lá com o almoço pronto e sentámo-nos todos com prazer à mesa. Mais tarde mostraram-nos onde K poderia passear num bosque próximo; um lugar muito reservado com árvores grandes e pequenos canais sinuosos cheios de patos. Parecia que ninguém ali aparecia e havia apenas a vida do bosque, enquanto o passo rápido de Krishnaji mostrava que estava no seu elemento.

Instalámo-nos na agradável casa. Uma vizinha, senhora Maurenbroker, amiga de Anneke, mostrou-me onde comprar comida em Bussum. Depois do almoço do segundo dia, Alain levou Anneke de carro de volta à sua casa em Oosterbeek enquanto K e eu voltávamos a passear no bosque e, mais tarde, os três jantámos junto ao fogo na grande sala. No dia seguinte fomos almoçar com Anneke e regressámos para um longo

passeio antes de outro jantar tranquilo. O dia seguinte era feriado, Pentecostes, e ficámos em casa a conversar sobre onde poderíamos viver no futuro — uma especulação agradável.

No dia dezassete a senhora Rukmini Arundale telefonou e veio tomar chá, num encontro algo formal. Lançou um olhar avaliador sobre os dois recém-chegados: Alain e eu. Krishnaji, como anfitrião, mostrava-se formal, educado como sempre, mas o encontro parecia frio. No pequeno-almoço seguinte, K, Alain e eu discutimos se a mente crítica pode existir sem condenação e depois fomos de carro até à margem do Zuiderzee. O tempo estava frio e invernal. Regressámos para almoçar junto ao fogo e, após um descanso, K e eu caminhámos no bosque próximo. Anneke regressou. Eu precisava de saber como conduzir K até ao Congress Hall, onde as palestras teriam lugar, por isso Alain e eu fomos a Amesterdão. Depois de reconhecer o percurso, almoçámos e passámos a tarde no Rijksmuseum entre Rembrandts e Vermeers. Voltei com os olhos cheios dessas imagens e fui caminhar com K.

No dia vinte de Maio K deu a sua primeira palestra em Amesterdão. Alain foi mais cedo preparar o gravador Nagra e eu, calculando cuidadosamente o tempo, levei K até ao salão, que estava cheio e transbordava para salas adjacentes onde tinham sido instalados ecrãs de televisão. Regressámos os três para um almoço tardio e, à tarde, Mary e Joe Links, acompanhados de um casal holandês amigo deles, vieram ver Krishnaji. Depois do chá todos fomos passear conversando. Quando partiram, K, que não considerava um passeio como exercício, disse-me:

"Vamos, vamos dar uma verdadeira caminhada",

e partimos a passo rápido pelo belo bosque.

Era estimulante caminhar assim com ele, conversando, no ar puro da Primavera; havia entusiasmo no seu passo, como se estivesse ligado à vida do bosque. Os caminhos seguiam o riacho e parámos para observar uma pequena pata-de-crista conduzindo a sua ninhada de patinhos alinhados atrás dela. Nos dias seguintes observaríamos cada vez menos patinhos na fila — talvez vítimas de raposas. A recordação disto regressaria mais tarde a Krishnaji, quando a sua própria vida se aproximava do fim. Disse-me certa manhã em Pine Cottage, perto do fim da vida:

“Lembras-te dos pequenos patos e de como cada dia faltavam alguns?”

Eu chorei então, mas a voz dele era sonhadora, meditativa.

No dia seguinte Krishnamurti deu uma segunda palestra no Congress Hall e mais tarde gravou uma entrevista radiofónica. À noite começou novamente a tratar da minha perna cronicamente doente. Nos dias entre palestras concedia algumas entrevistas, encontrava-se com grupos de sessenta jovens que vinham para discussão e caminhávamos sempre, às vezes duas vezes por dia, Alain também. Num desses passeios Alain desenvolveu a ideia de encontrar alguém em África que viajasse connosco e ajudasse com questões práticas — planos visionários.

Quando Anneke estava presente, ela cozinhava ou dividíamos as tarefas. De manhã eu preparava o pequeno-almoço e K aparecia depois dos exercícios para conversar comigo. Era uma forma encantadora de começar o dia.

A quinta e última palestra em Amesterdão realizou-se a trinta de Maio. Começou sobre a mente religiosa e avançou com uma clareza que me parecia, como tantas vezes, uma extraordinária onda atravessando a consciência e deixando um silêncio de revelação.

Terminadas as palestras, chegou o momento de deixar Huizen, o nosso celeiro acolhedor de telhado de colmo, e sobretudo o bosque silencioso. Fizemos as malas e, a dois de Junho, despedimo-nos de Anneke e seguimos para sul nos dois carros. Depois de atravessar a fronteira alemã, Krishnaji e eu encontrámo-nos com Alain em Colónia, onde almoçámos, visitámos a catedral e seguimos por Bona até Königswinter, onde passámos a noite no Hotel Petersberg, no alto de uma colina sobre o Reno. Na manhã seguinte percorremos o Reno até Oestrich, onde almoçámos no Hotel Schwan. Decidimos seguir para além de Heidelberg nessa noite, por isso entrámos na autobahn de Wiesbaden até Karlsruhe e Ettlingen, onde ficámos no Hotel Erbprinz. Estávamos todos cansados, por isso, depois de uma pequena caminhada, K jantou na cama enquanto Alain e eu fomos para a sala de jantar.

Na manhã seguinte entrámos na Suíça e, ao almoço em Basileia, decidimos não parar em Berna, prosseguindo até Gstaad, onde chegámos ao fim da tarde. Fiquei no meu habitual apartamento em Les Caprices, onde

Krishnaji se instalou comigo enquanto Alain tinha um pequeno estúdio. Deixámos as coisas e fomos jantar ao Olden. Era agradável estar de volta.

Desfazer malas, fazer compras e cozinhar ocuparam-me o dia seguinte, enquanto Krishnaji e Alain foram a Thun buscar o Mercedes de K, guardado lá durante o Inverno. Soube-se então que tinham começado combates entre Israel e o Egipto.

No dia oito de Junho fomos de carro a Genebra, onde K e Alain foram consultar o Dr. Pierre Schmidt para exames de rotina. Encontrei-me com eles ao almoço no restaurante Amphitryon do Hotel des Bergues e regressámos passando por Evian, no lado francês do Lago Léman. As notícias da guerra indicavam que Israel estava a vencer e, a dez, assim era. De volta a Gstaad falávamos, caminhávamos e começámos a gravar conversas ao almoço.

No dia doze Alain foi a Genebra buscar Desikachar, que chegava da Índia para acompanhar a prática de ioga de Krishnaji. Os dias seguintes decorreram de forma relaxada e agradável: ioga, sestas, refeições em casa acompanhadas de longas conversas e sempre longos passeios à tarde. Num deles, K e eu caminhávamos junto ao rio perto do aeródromo e eu descrevia-lhe algo que não sabia como resolver. Enquanto caminhávamos, K ouviu e depois disse calmamente:

"Porque não sais simplesmente disso?"

E aconteceu instantaneamente, tão depressa quanto a luz deslumbrante toca o olho; o conflito desapareceu como se nunca tivesse existido. Não acrescentara mais nada, nenhuma explicação sobre os mecanismos do pensamento, nenhuma perceção minha. Algo dele alcançara a minha mente e a mudança fora instantânea.

No dia dezanove de Junho levei o meu carro a Thun para algumas reparações. Krishnaji, Alain e Desikachar juntaram-se a mim e seguimos no carro de Alain ao longo do lago de Thun até Beatenberg, almoçámos e continuámos até Interlaken e em redor do lago até Gstaad. K começou a pensar que eu deveria trocar o meu carro por um Mercedes.

David Bohm esteve em Gstaad durante alguns dias e almoçou connosco, tal como o Sr. e a Sra. Gérard Blitz. K nomeou o Sr. Blitz para o Comité do Encontro de Saanen.

No dia vinte e nove de junho, Krishnaji teve febre durante a noite e, de manhã, esta atingiu os 101,8 graus. Alain telefonou ao Dr. Schmidt; foram prescritos remédios homeopáticos e Alain foi a Thun buscá-los. Durante a tarde, Krishnaji entrou num estado que, noutra pessoa, poderia ser chamado de delírio. Começou a falar com voz de criança e olhou para mim com grandes olhos, como se não me conhecesse. Falou de Krishna estar a partir e perguntou-me se eu o tinha questionado. Respondi que não.
"Ele não gosta de ser questionado", replicou.

A atitude infantil continuou, e o seu olhar vagueava pela divisão. A voz prosseguiu:
"Mesmo depois de todos estes anos, ainda não estou habituado a ele."

Quando Alain regressou, a febre continuava alta, mas ele já não estava em delírio. Dormiu tranquilamente.

No dia seguinte, trinta de junho, uma quinta-feira, K mantinha praticamente o mesmo grau de febre durante a maior parte do dia e estava muito fraco, mas não havia alteração da consciência. Dei-lhe os cuidados necessários na cama e administrei-lhe o que o Dr. Schmidt receitara. Durante a tarde estava melhor e disse não querer cancelar uma reunião dominical do Comité do Encontro de Saanen. Vanda chegou de Itália durante a tarde, e o Dr. Schmidt disse que estaria tudo bem se K fosse transferido para o Chalet Tannegg no dia seguinte, sábado. Nessa manhã a temperatura estava normal; servi-lhe o almoço e, após a sesta, levei-o de carro até Tannegg no seu Mercedes.

Como previsto, estava bem, e realizou-se a reunião do Encontro de Saanen. Fui nomeado membro. Os outros membros eram Alain, o Sr. de Vidas, o Sr. Fresia, o Sr. Perizonious (da Holanda), Doris Pratt e Mary Cadogan. Gérard Blitz seria acrescentado mais tarde. Fiquei para almoçar com Vanda e conversámos longamente. O mesmo programa repetiu-se no dia seguinte, estando Sacha de Manziarly presente ao almoço. Vanda falou comigo sobre tomar conta das coisas em Tannegg durante a sua ausência, uma vez que partiria no dia seguinte. K já estava suficientemente bem para descer e caminhar junto ao rio.

Vanda partiu no dia quatro e, no dia seis, K e eu, no meu carro, e Alain e um amigo da África do Sul, no dele, conduzimos até Evian, onde almoçámos agradavelmente na esplanada do Hotel Royal. Depois seguimos

para Genebra e passámos a noite no Hôtel du Rhône. K e Alain foram consultar o Dr. Schmidt na manhã seguinte. Almoçámos com Sacha de Manziarly no Hotel Richmond, e eu conduzi K de regresso a Gstaad. Alain permaneceu em Genebra para encontrar ali o Dr. Balasundaram no dia seguinte.

No dia nove de julho começaram as primeiras das dez palestras de Saanen. A tenda estava completamente cheia. Levei K até lá de carro, calculando o tempo para que pudesse entrar diretamente e subir à plataforma. No final, saía e caminhava rapidamente para fora e pelo caminho acima em direção a Gstaad. As pessoas seguiam-no em massa, e era necessário manobrar o carro por entre multidões distraídas para o recolher. No chalet, descansava antes do almoço e depois juntava-se aos convidados desse dia. Balasundaram veio; também Narayan e outros. Pupul Jayakar veio por uma noite e, na manhã seguinte, dia quinze, Alain levou-a a Genebra e regressou com Nandini Mehta e a sua filha, Devi Mangaldas, que vieram de visita e ficaram no apartamento do rés-do-chão em Tannegg.

Como habitualmente, K falava aos domingos, terças e quintas-feiras. Com uma energia fluida, abordava a necessidade de estar sem autoridade; de ser livre de todas as estruturas psicológicas; de ver o efeito paralisante da dependência e do conflito; e da questão sempre premente do medo. Falava de uma liberdade que não é liberdade de algo, mas liberdade completa em si mesma, "um estado interior da mente que não depende de qualquer estímulo, de qualquer conhecimento; não é o resultado de nenhuma experiência ou conclusão".

Durante um passeio à chuva, falou com Alain e comigo sobre umas longas férias em 1968 e disse também que deveríamos alugar a mesma casa em Paris para as palestras. Nessa noite, Marcelle Bondonneau e Gisela Elmenhorst jantaram comigo e concordaram que a mesma casa em Boulogne-Billancourt deveria ser mantida.

No dia vinte e cinco, após a oitava palestra de K, Dorothy e Montague Simmons estiveram presentes ao almoço. Depois, K discutiu a criação de uma escola, provavelmente na Holanda. No dia seguinte realizou uma reunião na tenda com um grupo ligado à educação e anunciou planos para uma escola na Holanda. Durante a tarde, Nandini e Devi vieram comigo num passeio de carro até Interlaken e, no dia vinte e oito, ambas, juntamente com K e Alain, viajaram comigo até Genebra, onde K e Alain

consultaram o Dr. Schmidt. Depois de almoçarmos no Amphitryon, regressámos por Evian, parando para chá no Hotel Royal. Era um período movimentado; várias pessoas almoçavam em Tannegg ou vinham tomar chá. Alberto Scaravelli, filho de Vanda, chegou; um grupo de cinquenta pessoas veio de Espanha para falar com K; e realizou-se outra reunião dos interessados numa escola na Holanda.

Houve passeios mais curtos com Nandini, Devi e Krishnaji e, no dia cinco de agosto, mãe e filha partiram para Genebra e Roma.

Durante este período agitado, K sentia cada vez mais a pressão da atenção das pessoas concentrada sobre si no Chalet Tannegg. Para, de algum modo, descansar ou evitar ser alvo dessa atenção, tentou passar as noites no seu quarto no Caprices e, por vezes, também aí jantava. Esta sensação surgia-lhe frequentemente quando permanecia demasiado tempo num mesmo lugar. Um dos prazeres que sentia ao viajar lentamente de automóvel através de França, a caminho da Suíça, era o facto de seguirmos calmamente por paisagens rurais silenciosas, onde ninguém o conhecia e ninguém sabia exatamente onde ele estava. Mais tarde, em Ojai, falava frequentemente de ter uma cabana algures nas montanhas, onde pudesse afastar-se da sensação da consciência concentrada das pessoas. Era algo que eu planeava encontrar.

Também durante este período recebeu vários telefonemas de Rajagopal, sempre fonte de tensão. Contudo, apesar de toda esta atividade superficial, Krishnamurti falava àqueles que vinham ouvi-lo — e, parecia-me, à humanidade inteira — sobre aquilo que está no âmago da vida, para lá daquilo que a maioria de nós não se dava ao trabalho de ver ou sequer questionar.

No dia vinte e sete de julho, na sua nona palestra, perguntou o que é a mente; se seria possível colocar essa questão sem desejar um resultado. Com uma mente "extraordinariamente tranquila", capaz portanto de investigar as origens do pensamento.
"Pode-se colocar esta questão se se é livre, se não se tem opinião, conclusão nem crença, e no próprio ato de a colocar existe austeridade… está-se a pôr tudo de lado exceto essa questão, que pode abrir a porta para uma visão imensa, para profundidades enormes."

"Só posso observar os primórdios do pensamento em silêncio. Só então, quando a minha mente está completamente tranquila depois de ter colocado essa questão — qual é o princípio do pensamento? — quando está completamente tranquila, em todo o meu ser, posso começar, a partir desse silêncio, a ver como o pensamento toma forma."

E ainda:
"Só se pode estar consciente do princípio do pensamento quando há silêncio, quando não existe fronteira para a consciência. Tudo isto exige uma enorme disciplina em si mesma, não disciplina para alguma coisa; e se tivermos ido tão longe, podemos perguntar: o que é o amor?… É necessário investigar se o amor está dentro do campo da consciência, que é pensamento… ou se o amor está para além desta turbulência do pensamento. Quando se esteve fora desse campo da consciência… então saber-se-á o que é o amor, amor em que não há pensamento, nem amanhã e, portanto, nem tempo. Mas ouvirão isto — agradados e provavelmente mesmerizados e encantados — porém, ir efetivamente além do pensamento, além do tempo — porque o tempo é pensamento e o pensamento é sofrimento — ir além disso é estar consciente de que existe uma dimensão diferente chamada amor. A partir daí, pode-se agir, pode-se ser."

No dia dois de agosto, K iniciou uma série de seis discussões públicas e, quando terminaram, começou no dia oito outras seis reuniões de discussão, desta vez com professores sobre educação. Nessa mesma tarde vieram os interessados em fundar uma escola e, provisoriamente, considerou-se que ela poderia situar-se na Suíça. Vanda regressou no dia vinte e dois. Saral e David Bohm vieram almoçar.

No dia vinte e quatro, Desikachar despediu-se antes de partir. K, Alain e eu fomos até Lausana, onde eles foram ao dentista e eu tratei de recados. Almoçámos no Grappe d'Or e regressámos a Gstaad. Num passeio no dia seguinte, K falou de um lugar ali. Alguns dias depois fomos com Edgar Graf ver chalets e terrenos em Gstaad, mas nada nos agradou, pelo que seguimos no carro de K até Gsteig e caminhámos. Depois do almoço em Tannegg, no dia vinte e sete, o Sr. e a Sra. Walter Lippmann vieram tomar chá e mais tarde acompanharam-me a um concerto de Menuhin. Falaram de um moinho que possuíam perto de Fontainebleau e que desejavam vender.

No dia vinte e nove, Krishnaji desceu antes do almoço para ir buscar o seu Mercedes à minha garagem. O carro não pegava, por isso levei-o até Tannegg no meu automóvel, e ele mostrou-me o que escrevera nessa manhã sobre meditação e êxtase. Continuou a escrever no apartamento enquanto esperava que o carro fosse reparado. Mais tarde caminhei com ele e Alain, e falámos sobre Fontainebleau. No dia seguinte, em Tannegg, ao almoço, estava presente Sacha de Manziarly, que chegara com Vanda, e mais tarde fizemos outro passeio com K, Alain e os Lippmann, que novamente vieram tomar chá.

No dia dois de setembro conduzimos até Thun, onde K deixou o seu Mercedes guardado para o inverno e eu encomendei um para entrega em abril. Regressámos com Alain para almoçar com Vanda e, mais tarde, K desceu para arrumar as coisas que tinha no Caprices. No dia seguinte, o Sr. e a Sra. Charles Lindbergh estiveram presentes ao almoço em Tannegg. Eram amigos de Vanda e K conhecia-os havia alguns anos.

No dia quatro de setembro deixei o Caprices, subi para falar com Vanda acerca dos planos para Tannegg no ano seguinte e depois conduzi até Lausana, onde encontrei Alain, que tinha ido buscar o gravador. Em seguida conduzimos ambos até Paris e ficámos no Hotel Westminster. Na manhã seguinte fomos a Orly encontrar Krishnaji, que voara de Genebra. Houve recados a tratar e, no dia seguinte, depois de almoçarmos no Vert Galant, os três conduzimos para ver o moinho dos Lippmann perto de Fontainebleau. Isto fazia parte do então possível plano de partilhar um lugar algures na Europa, mas embora atraente, o moinho não nos agradou particularmente; regressámos então e passeámos nos Jardins das Tulherias, onde, por coincidência, encontrámos os Lippmann. Jantámos nos nossos quartos no hotel. Na manhã seguinte Gérard Blitz veio ver K. Mais tarde, K, Alain e eu almoçámos no Pré Catelan, caminhámos no Bois, fomos à Lobb e ao cinema. Blitz convidou-nos para almoçar com ele e Desikachar no dia seguinte no Drouant, e mais tarde houve o passeio da tarde no Bois.

## Capítulo Onze

No dia nove de setembro de 1967 deixei Paris e conduzi sozinho até Le Touquet, onde embarquei o meu carro no ferry aéreo através do Canal da Mancha até Lydd. Depois conduzi até Kingston Vale, a sul de Londres, até uma casa alugada para a estadia de Krishnamurti por Mary Cadogan. Ela e Jane Hammond estavam lá. Verificámos tudo e instalei-me. Na tarde

seguinte, K chegou de avião vindo de Paris; fui buscá-lo a Heathrow e seguimos para a casa em Kingston. Ficava perto de Richmond Park e fomos dar um longo passeio antes do jantar. Cervos pastavam e, como sempre, árvores, relva e espaço eram elementos essenciais do dia.

Alain chegou no seu Volkswagen a tempo do almoço do dia seguinte, e eu fui a Heathrow buscar Adriana, a jovem italiana que trabalhara em Tannegg e que vinha ajudar na casa durante a estadia em Kingston. No dia seguinte almoçámos com Mary e Joe Links no apartamento deles e regressámos para caminhar em Richmond Park. Rosalind Rajagopal encontrava-se em Londres e telefonou a Krishnaji. Veio no dia seguinte, com uma hora de atraso, para falar com ele e, quando partiu, K, Alain e eu seguimos para o parque.

K disse que talvez pudéssemos tentar meditar juntos; assim, ele, Alain e eu sentávamo-nos de pernas cruzadas no chão do quarto de K, nas primeiras horas da manhã. Havia silêncio e durava cerca de meia hora. No sábado, dezasseis de setembro, K deu a sua primeira palestra, realizada no Wimbledon Town Hall, e uma segunda no domingo.

No dia dezanove, K realizou uma discussão com jovens no Wimbledon Community Centre. Mary Links almoçou connosco nesse dia, e Iris Tree foi convidada de K no dia seguinte. Quando a levei de volta a Londres, contou-me que o seu cancro regressara.

A terceira palestra ocorreu no dia vinte e três e, durante o passeio da tarde no parque, Krishnaji advertiu-me de que eu já não era responsável apenas por mim mesmo, que devia ter cuidado, não fazer coisas possivelmente perigosas, manter-me atento. Compreendia eu? Sim, compreendia. A responsabilidade não era para com ele, disse, mas para com outra coisa, e eu devia cuidar disso.

A quarta palestra no Wimbledon Town Hall teve lugar no dia vinte e quatro. Doris Pratt veio almoçar e, mais tarde, K, Alain e eu fomos tomar chá com Robert Lutyens e a sua esposa, na casa deles em Mansfield Street. Aquela fora a residência dos Lutyens durante muitos anos, e Krishnaji conhecia-a bem. Contudo, não via Robert havia muito tempo e só naquele dia conheceu a mulher e a filha pequena dele. Foi um encontro agradável e ambos os homens pareciam felizes por se reverem.

No dia vinte e seis houve uma segunda discussão para jovens durante a manhã; David e Saral Bohm vieram almoçar e, depois, K, Alain e eu fomos de carro ver uma casa perto de East Grinstead, que estava à venda e me fora recomendada por um amigo. A viagem foi agradável, mas, mais uma vez, a casa não nos inspirou vontade de ali viver.

Naqueles dias havia escassez de fotografias de Krishnaji. Ele resistia a ser fotografado, mas eram necessárias algumas imagens contemporâneas para futuros livros. Assim, com a sua autorização, telefonei a um velho amigo, Cecil Beaton, que ficou encantado, e fomos à sua casa em Londres para uma sessão fotográfica. Cecil utilizava uma Rolleiflex com luz natural do dia e mantinha um fluxo constante de conversa, o que tornou tudo fácil e rápido. Dois dias depois fui ver as provas e escolher as fotografias que mais tarde seriam usadas em livros.

Mary Links veio a casa para tomar chá e, depois, todos conversámos e passeámos em Richmond Park. Às sete da tarde, ela, K e eu fomos ao Wimbledon Community Centre para uma discussão e regressámos depois para jantar. A Sra. Bindley e George e Nelly Wingfield Digby almoçaram com K após a quinta palestra. Nessa noite K e eu jantámos sozinhos e conversámos.
"A mudança é total inação", disse ele.

A sexta e última palestra da série realizou-se no primeiro dia de outubro. Mary Links voltou para almoçar e, às quatro da tarde, houve outra discussão. Depois Richmond Park. No dia seguinte K teve uma prova da Huntsman[1], e regressámos a tempo de receber a Sra. Pamela Travers e Mary Cadogan para o almoço. Nessa tarde, K, Alain e eu fizemos um passeio diferente em Cannizaro Park, em Wimbledon, lugar conhecido de K desde os seus primeiros tempos nas proximidades da West Side House de Miss Dodge.

No dia seguinte, três de outubro, fizemos as malas, levei o meu carro para ser embarcado e K, Alain e eu demos o nosso último passeio em Richmond Park. Na manhã seguinte deixámos Kingston Vale, K e eu num táxi e Alain a seguir-nos com Adriana, a cozinheira. Krishnaji e ela voaram para Roma, enquanto Alain e eu conduzimos até Lydd, voámos para Le Touquet e seguimos de carro até Paris, onde fiquei em casa do meu pai e Alain num hotel. Depois continuou viagem para se juntar a Krishnamurti

em Roma. No dia sete de outubro voei para Nova Iorque e, uma semana depois, para Malibu.

## PARTE 2: 1968 – 1971

### Capítulo Doze

1968 começou com Krishnamurti e Alain Naudé na Índia. Eu encontrava-me em Malibu. Cartas iam e vinham. No dia catorze de fevereiro ambos voaram de Bombaim para Roma e, nesse mesmo dia, James Vigeveno telefonou perguntando se ele e a esposa, Annie, poderiam vir falar comigo. Chegaram durante a tarde para propor que eu me tornasse administrador da Krishnamurti Writings Inc. Perguntei se tinham consultado Krishnamurti acerca disso. A Sra. Vigeveno pareceu surpreendida e respondeu que não. Disse então que, nesse caso, nem sequer poderia discutir o assunto, e a reunião terminou.

No dia seguinte conduzi até Claremont para me encontrar com o Sr. William Rempel, do Blaisdell Institute, que convidara Krishnamurti a falar nos colégios dali no outono. Também examinei possíveis locais para ficarmos durante a visita.

Em março fui durante uma semana para Nova Iorque e depois voei para Londres, chegando no dia dez, instalando-me no White House Hotel, perto de Regent's Park, onde me aguardavam cartas de Krishnaji e de Alain. No dia dezoito voei para Paris e fiquei em casa do meu pai. Almoçámos um dia em Barbizon, onde procurei um lugar para Krishnamurti permanecer durante um breve descanso entre Londres e o aluguer da casa em Paris. Alain Naudé chegou a Paris com o seu carro e tivemos uma longa conversa durante o chá.

No dia vinte e dois estava de volta a Londres, no White House Hotel, e, com Mary e Joe Links, fui ao aeroporto, onde Krishnaji chegou vindo de Roma. Alain já chegara com o seu automóvel quando alcançámos o White House Hotel, e os três jantámos juntos na nossa sala privada. Na manhã seguinte Gérard Blitz chegou. Tivemos discussões durante todo o dia e muito foi realizado. Isto continuou na manhã seguinte; almoçámos no Savoy Grill e regressámos ao hotel para encontrar Mary Cadogan e Michael Rubinstein, um advogado distinto e muito conhecedor de assuntos editoriais, para discutir os direitos de autor de Krishnamurti. Depois disto Gérard Blitz partiu.

No dia seguinte, Kitty Shiva Rao e Sunanda e Pama Patwardhan, todas em visita a Londres, vieram ver K, e ele contou-lhes sobre a sua ruptura com Rajagopal. No dia vinte e seis, David e Saral Bohm, Mary Cadogan e Dorothy e Montague Simmons vieram discutir uma escola em Inglaterra. Decidiu-se avançar. Um lugar perto de Canterbury parecia uma possibilidade. Krishnaji, Alain e eu fomos ao cinema durante a tarde, após o qual regressámos a pé ao hotel, havendo depois conversa entre K, Alain e David Bohm.

No dia vinte e oito K reuniu-se com o comité editorial e foi ao escritório de Michael Rubinstein, em Gray's Inn, onde fez testamento. Nessa noite, depois do jantar na nossa sala privada, apanhei o comboio-barco para Paris.

Chegando a Paris a trinta de março, tomei o pequeno-almoço com o meu pai e depois fui a Orly encontrar Krishnaji. Num carro alugado seguimos para Barbizon, onde eu reservara quartos na Hôtellerie du Bas-Bréau. Desfizemos as malas e fomos caminhar na floresta. K ficou satisfeito — a solidão da floresta, os quartos relativamente isolados e tranquilos que tínhamos e a sensação de estarmos completamente afastados e em repouso durante algum tempo. Esta qualidade eu já aprendera ser uma necessidade recorrente para ele. Grande parte da sua vida, desde a infância, fora passada rodeado de pessoas; mesmo quando não estavam fisicamente presentes, encontravam-se por perto — ali — prontas a intrometer-se. Muitas vezes pareciam uma pressão psíquica, concentrando a atenção nele. Era algo que considerava desgastante e, quando se afastava disso, podia sentir-se leve, descansado e livre. Nos anos seguintes, quando viajávamos tranquilamente de automóvel por França rumo a Saanen, costumava exclamar com felicidade que ninguém sabia onde ele estava.

A semana em Barbizon foi passada em longos passeios e conversas na floresta, geralmente de manhã e novamente à tarde, depois das sestas. Um dia conduzimos até Fontainebleau e observámos o exterior do palácio, mas não entrámos. Começou a nevar, mas ainda assim fizemos um longo passeio noutra parte da floresta. As conversas abrangiam muitas coisas. Uma questão que levantou foi por que motivo suportara aquilo a que chamou "a brutalidade" de Rosalind Rajagopal, e por que razão a maturidade lhe chegara tão tarde.
"O que é a maturidade?"

Talvez a maturidade tardia servisse para mantê-lo jovem e permitir-lhe continuar o seu trabalho.

Napoleão surgiu na conversa. Surpreendeu-me que o considerasse uma personagem de certo modo admirável. Lera sobre ele quando muito novo e conservara a impressão de alguém que surgira do nada até atingir alturas consideráveis. Falou sobre a morte e sobre o que a sua significaria para mim.

Ao regressarmos de carro, desmaiou subitamente.
"Agora começa outra vez", disse.

Sempre que relaxava e descansava, isso acontecia. Disse:
"Significa que alguma coisa está a acontecer."

Mas parámos e voltámos a caminhar, e enquanto caminhava a dor na cabeça desapareceu. Disse que, quando aquilo acontecia, não se devia tocar na parte de trás da sua cabeça.

Na manhã seguinte não havia dor. O rosto extraordinário aparecera-lhe durante a noite. Era algo de que falava quando acontecia e que o acompanhara durante grande parte da vida. O rosto era como uma presença recorrente, que surgia raramente mas de forma constante.
"Faço parte dessa outra coisa", disse. "Nunca me deixes. Eu não sou nada, mas nunca deves abandonar essa outra coisa."

Falámos sobre estilo na escrita e ele perguntou como o rapaz aprendera tais coisas.

Numa manhã retomou o ditado. Escreveu:
"A meditação é ver instantaneamente todo o movimento da palavra; ver é agir. No intervalo entre ver e agir encontra-se toda a miséria do homem."

Falou novamente do rapaz nunca ter sido contaminado; alguma coisa o mantinha assim.
"Quem é aquele homem que fala na plataforma? Claro que sou eu", disse, "mas como consegue ele falar de coisas pelas quais nunca passou: ciúme, ódio, etc.?"

O jantar era geralmente cedo e nos quartos, mas por vezes almoçávamos no excelente restaurante do hotel. Durante um desses almoços, entrou um homem vendendo jornais. A manchete dizia que

Martin Luther King fora assassinado.
"O mundo é selvagem", disse K.

Observando os outros a lançarem apenas um olhar ao jornal, comentou:
"Isto não significa nada para eles."

No dia cinco de abril deixámos Barbizon e conduzimos até Paris e à casa da Rue de Verdun, número 16. A pequena casa parecia acolhedora e familiar; passámos os dias seguintes tratando de recados e caminhando no Bois. O Sr. de Vidas passou por lá; Yo e Mar de Manziarly vieram almoçar, e fomos ver o filme *High Noon*, de que K gostou. Alain chegou de Londres no seu carro no dia dez. A Sra. Porter, irmã dos de Manziarly, também veio almoçar.

O dia catorze de abril foi Domingo de Páscoa. K, Alain e eu fomos a Notre-Dame ouvir música, apesar da multidão compacta. No dia dezasseis conduzimos às sete da tarde até à Salle de la Chimie, onde Krishnamurti deu a primeira das suas palestras em Paris perante uma sala cheia. Nesse dia soubemos que Iris Tree morrera no dia treze.

No dia dezassete, o Sr. Moser, o representante da Mercedes em Thun, onde Krishnaji, Alain e eu guardávamos os carros durante o inverno, trouxe o meu novo Mercedes 280SE — cinzento, como habitualmente, elegante e do agrado de K. Todos fomos dar um passeio nele pelo Bois e mais tarde caminhámos por lá.

K deu cinco palestras em Paris, e os dias intermédios foram passados a encontrar pessoas, a realizar discussões com jovens, a caminhar e a ir ao cinema. K falara com Mima Porter e dissera-lhe, enquanto secretária da KW Inc., da gravidade da situação com Rajagopal, e que teria de receber uma resposta aos seus pedidos até primeiro de julho ou seria compelido a desligar-se da KW Inc. Ela prometeu falar com Rajagopal ao regressar a Ojai.

No dia três de maio deixámos Paris — K e eu no Mercedes e Alain no seu carro. Enquanto seguíamos para norte pela autoestrada, ignorávamos que naquele mesmo momento uma revolta estudantil e uma greve estavam a eclodir em Paris. Antes de partirmos já havia sinais de descontentamento, e um amigo falou de estudantes que tinham ocupado uma sala na Sorbonne, onde uma citação de Krishnamurti fora escrita a giz no quadro; mas

naquela manhã, enquanto conduzíamos, não sabíamos que pedras da calçada estavam a ser lançadas contra a polícia em Paris.

Encontrámo-nos com Alain em Arras para almoçar no Le Changy, seguimos para a Bélgica e passámos a noite no Château des Brides, em Oostkamp, a sul de Bruges. Na manhã seguinte fomos até Bruges ver os Memlings e uma estátua de Miguel Ângelo; depois atravessámos a Holanda por Middleburg, Roterdão e Leiden e, com alguma confusão, chegámos a Noordwijk, onde encontrámos Anneke à espera numa casa situada sobre uma duna, que alugara para o período das palestras de K em Amesterdão. Era uma casa inquietante; soprava um vento frio vindo do Mar do Norte, e caminhar na praia fazia estremecer. Encontrámos um pequeno bosque atrás das dunas como substituto. A nossa cozinheira temporária de Paris chegou, mas a casa continuou inadequada. Tentei encontrar quartos de hotel sem sucesso.

**Notas**

1. Huntsman — célebre alfaiataria londrina de Savile Row, conhecida pelos seus factos feitos por medida.

Fomos, contudo, aos jardins de Keukenhof e caminhámos entre as tulipas. Noutro dia conduzimos até Bussum, onde a televisão holandesa gravou quarenta minutos de perguntas colocadas a Krishnamurti. Ele não conhecia previamente as perguntas, e foi impressionante observá-lo escutar e, sem hesitação, responder imediatamente diretamente para a câmara em grande plano com um profissionalismo que poucos atores conseguiriam alcançar.

Houve cinco palestras em Amesterdão, no RAI, e quatro encontros ali com jovens. Depois, no dia vinte e cinco de maio, despedimo-nos de Anneke e, às oito da manhã, deixámos Noordwijk, atravessámos a Holanda de carro e, em Arnhem, cruzámos a fronteira para a Alemanha. Na autobahn, com automóveis a ultrapassarem-nos velozmente, assustei-me ao olhar para o velocímetro e ver que seguíamos a mais de 100. Por volta da hora de almoço saímos da estrada e fizemos um piquenique num bonito bosque. Continuámos viagem e, cerca das três da tarde, chegámos a Ettlingen, perto de Karlsruhe, onde encontrámos Alain no Hotel Erbprinz. Tínhamos reservado quartos ali, mas percebi que K desejava alcançar o nosso destino, pelo que decidimos continuar. Eu conduzira até ali, exceto

durante uma hora antes de Karlsruhe, em que K conduzira, mas disse que, com algum café, tudo correria bem. Trouxeram uma tisana para Krishnaji e também um grande bule do melhor café que alguma vez provei, acompanhado de pequenos bolos. Bebi o bule inteiro e senti que poderia conduzir até Espanha, se fosse necessário.

Por acaso encontrámos Alain na fronteira suíça, seguimos até Berna e finalmente chegámos a Gstaad às dez da noite, após 600 milhas e cerca de doze horas de condução efetiva. Infelizmente, como éramos esperados apenas no dia seguinte, as chaves não estavam nas portas do Les Caprices e tivemos de esperar que Mme. Duperrex, a governanta, nos abrisse; mas às onze da noite estávamos verdadeiramente instalados.

**Capítulo Treze**

Foi agradável estar de novo em Gstaad e, na manhã de vinte e seis de maio de 1968, tudo parecia descontraído e tranquilo. Distúrbios e crises continuavam a acontecer em Paris, mas, embora isso fosse acompanhado nas notícias, aquele era um espaço e um tempo para K descansar, manter o seu regime ordenado e simples de ioga pela manhã, depois o pequeno-almoço, por vezes leitura, almoço em casa, sesta e sempre um passeio ao fim da tarde, fizesse chuva ou sol. As nuvens atravessavam as montanhas como se procurassem o vale para descarregar o peso da chuva, encher os riachos impetuosos e seguir caminho. Havia a brilhante luz alpina do início do verão, ofuscando os olhos nas floreiras luminosas, no verde das colinas, nos pinheiros escuros e, acima de tudo, na neve cintilante dos picos. A aldeia estava tranquila. Havia poucos visitantes; chegariam mais tarde. Agora existia o luxo dos dias simples.

Chegaram ótimas notícias de Londres: Michael Rubinstein concluíra que Krishnamurti poderia recuperar os seus direitos de autor da KW Inc. Isto representava um primeiro passo para desfazer o nó das dificuldades legais.

Mas no dia cinco de junho soubemos que Robert Kennedy, logo após ouvir que vencera as primárias da Califórnia como candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, fora assassinado a tiro. Mais uma vez, choque e violência.

No dia trinta de junho chegaram Mary e Joe Links; vieram almoçar e passaram a tarde connosco, incluindo um longo passeio. Tanto K como

Alain sofriam de febre dos fenos intensa, e fazia muito calor. No dia seguinte chegou Vanda Scaravelli e instalou-se no Chalet Tannegg, enquanto o Sr. C. V. Narasimhan trouxe a Sra. Jayalakshmi, que vinha de visita. Arrumei algumas coisas para Krishnaji, e ele subiu a colina.

Os Links partiram para Itália no dia três de julho e, durante a tarde, K desceu ao Caprices. Tinha febre de 101 graus e pulsação a 98, mas insistiu em ir a Genebra conforme planeado. Fiz-lhe as malas, e ele deitou-se no banco traseiro enquanto Alain e eu conduzíamos até Genebra e ao Hôtel du Rhône. Passou a noite febril, mas de manhã já estava sem febre, e os três apanhámos o voo das nove para Londres. Mary Cadogan, Jane Hammond e Gérard Blitz foram receber-nos e seguimos até Ayot Place, em Hertfordshire, para ver uma casa como possível local para uma escola. Dorothy e Montague Simmons, bem como Saral e David Bohm, encontraram-se connosco lá. Percorremos toda a propriedade e fizemos um piquenique no relvado; depois regressámos ao aeroporto e apanhámos o voo das cinco da tarde de volta a Genebra. O torneio de ténis de Wimbledon enchera os hotéis de Londres, por isso passámos uma segunda noite no Hôtel du Rhône e regressámos a Gstaad na manhã seguinte.

Dois dias depois, K deu a palestra inaugural de Saanen, desta vez num novo abrigo de plástico em vez da tenda habitual. Michael Rubinstein estava presente. K recebera pouco antes uma carta de Mima Porter em que, em vez de lhe dar a resposta prometida acerca da situação da KW Inc. e uma resposta razoável de Rajagopal, ela apenas repetira a já familiar evasiva de que, quando K regressasse a Ojai no outono, discutiriam tudo e resolveriam a situação. Como Krishnamurti lhe dissera que, se não recebesse uma resposta satisfatória de Rajagopal até ao início de julho, seria forçado a desligar-se da KW Inc., esse momento chegara. K realizou uma reunião com Rubinstein, Mary Cadogan, Gérard Blitz, Doris Pratt, Alain Naudé e comigo presentes, e a decisão foi tomada. Na manhã seguinte, nove de julho, na segunda palestra de Saanen, Michael Rubinstein leu ao público o seguinte comunicado:

"Krishnamurti deseja tornar público que se desligou completamente da Krishnamurti Writings Incorporated de Ojai, Califórnia. Espera que, como resultado deste anúncio público, aqueles que desejam associar-se ao seu trabalho e ensinamentos apoiem a nova Fundação Internacional Krishnamurti de Londres, Inglaterra, cujas atividades incluirão uma escola.

O documento que estabelece a Fundação garante que as intenções de Krishnamurti serão respeitadas."

Isto levou a reuniões com os vários comités Krishnamurti para explicar a decisão de K e o que estava previsto para o futuro do trabalho. Também se fizeram planos para a publicação regular de um Boletim. No dia dezoito de julho, após a sua sexta palestra, Krishnaji realizou uma reunião especial em Tannegg com todos os americanos presentes em Saanen — muitos deles particularmente vindos de Ojai — e, portanto, os mais diretamente interessados na sua separação da KW Inc. Queria que compreendessem o que o levara àquela decisão. Não por instrução de K, mas Albert Blackburn, de Ojai, gravou a reunião em fita magnética. Outra reunião semelhante realizou-se alguns dias depois.

Entretanto, as palestras continuavam. K encontrava-se com jovens. De vez em quando vinha buscar-me para um passeio de carro e conversa, ou para caminhadas. Após dez palestras públicas, no dia trinta e um de julho, K iniciou uma semana de discussões públicas diárias na tenda.

No dia dois de agosto, Vanda regressou a Roma depois de me pedir que cuidasse das coisas em Tannegg durante a sua ausência. Na maioria dos dias havia amigos ao almoço. Alain ausentou-se por algum tempo para ir a Paris; enquanto lá esteve encontrou-se com Gérard Blitz, que acabara de se reunir com James Vigeveno em Los Angeles. Entretanto, K encontrara-se e conversara com o Coronel Frank Noyes, residente em Ojai, que esperava alguma resolução para a situação com Rajagopal. K também discutia a escola em Inglaterra com Dorothy e Montague Simmons e encontrava-se com David e Saral Bohm. Tinha ainda o prazer de conduzir o seu pequeno carro prateado, que passara o inverno guardado em Thun. Como sempre, cuidava dele meticulosamente, limpando-o após cada saída. Um dia fomos até Lausana nesse carro e, na autoestrada, chegou brevemente às 115 milhas por hora.
"Como um pássaro!", disse.

Alain regressou e todos fizemos longas caminhadas, muitas vezes à chuva, montanha acima, através dos bosques e pela estrada de Turbach, onde o rio nessas ocasiões se transformava numa torrente. O clima estava fresco, e a linha da neve encontrava-se baixa nas montanhas. No dia vinte de agosto levámos os três carros para Thun, para serem guardados durante

o inverno, regressámos para terminar as malas e jantámos cedo após um último passeio.

Na manhã seguinte recebemos a notícia chocante de que o exército russo ocupara a Checoslováquia durante a noite. Krishnaji, Alain e eu deixámos Tannegg rumo a Genebra e passámos a noite no Hôtel du Rhône antes de apanhar, ao meio-dia do dia vinte e dois, um avião para Londres, onde ficámos no White House Hotel. Mais uma vez tínhamos quartos com sala e cozinha, e preparei o jantar. Vimos na televisão a visão sombria dos tanques russos em Praga. A ocupação estava consumada.

No dia seguinte Michael Rubinstein veio para uma longa reunião e, mais tarde, caminhámos no vizinho Regent's Park. No outro dia, K, Alain e eu fomos a uma reunião com os Wingfield Digby, os Links, os Simmons e Doris Pratt durante a manhã e, depois de almoçarmos fora, fomos ao cinema. No dia vinte e cinco fomos com Mary e Joe Links até Epping Forest para uma caminhada. Joe perguntou a K sobre o futuro e, entre outras coisas, K falou em nomear Mary e eu seus executores literários. Almoçámos com eles em Londres e, após um descanso durante a tarde, K, Alain e eu fizemos outro longo passeio em Regent's Park.

Pareceu uma boa ideia voltar a ver Ayot Place como possível escola; assim, no dia seguinte, após o almoço, K, Alain, Mary Links e eu fomos até lá de carro e juntámo-nos aos Simmons e aos Wingfield Digby. Examinámos cuidadosamente a casa mais uma vez, mas, de algum modo, não despertava entusiasmo. Regressámos, parámos em casa de Mary e Joe e, mais tarde, Sacha de Manziarly jantou com K e comigo.

No dia vinte e oito de agosto chegou um telegrama ameaçador de Rajagopal para K, pouco antes de irmos ao escritório de Michael Rubinstein em Gray's Inn, onde a nova Fundação Krishnamurti foi legalmente constituída e estruturada de forma a que uma situação semelhante à de Rajagopal nunca pudesse voltar a acontecer no futuro. Krishnamurti nomeou os administradores da Fundação, que estavam presentes, e realizou-se a primeira reunião. Eram eles o Conde Hugues van der Straten-Ponthoz, George Wingfield Digby, Gérard Blitz, Alain Naudé, Dorothy Simmons e eu. Também estavam presentes Mary Cadogan, que K convidara para secretária da Fundação, e Mary Links, que convidara para administradora mas que recusara devido à idade, tornando-se então, juntamente com Doris Pratt, associadas da Fundação, com a função de

ajudar na reeleição dos administradores, dois dos quais, além de K, seriam submetidos a reeleição anualmente.

Na reunião, K falou sobre o telegrama que acabara de receber de Rajagopal. Parecia que as conversas em que K explicara a alguns americanos em Saanen as razões da sua separação da KW Inc., e que tinham sido gravadas por Albert Blackburn, haviam chegado a Rajagopal, que agora ameaçava avançar judicialmente contra K. Michael Rubinstein aconselhou Krishnamurti a procurar aconselhamento jurídico próprio na Califórnia.

A escola foi longamente discutida, apesar de Gérard Blitz afirmar que, naquele momento, era financeiramente impossível. Depois partiu para o aeroporto, e K continuou a conversar com Dorothy Simmons sobre iniciar a escola assim que fosse encontrado um edifício. Foi uma das frequentes ocasiões em que K dizia que, se aquilo que se está a fazer é correto, o dinheiro aparecerá.

No dia trinta de agosto, depois de uma discussão exaustiva sobre Ayot Place na noite anterior, K chamou os Simmons e disse-lhes que seria necessário procurar outro lugar. Foram imediatamente a um agente imobiliário e regressaram com listas de outras possibilidades. Nessa noite, a Sra. Jayalakshmi chegou de Nova Iorque e veio jantar connosco e, no dia seguinte, conduzimos até à casa de campo dos Links em Blackdown.

No primeiro dia de setembro, os Digby passaram por lá e disseram que ajudariam na procura da casa. Depois apareceu o Coronel Noyes. Ia a caminho da Índia vindo de Ojai e disse que fora enviado para transmitir uma proposta de Rajagopal: entregar a K a maior parte da KW Inc. K escutou, contou a Michael Rubinstein o sucedido e pediu ao Coronel Noyes que telefonasse a Rajagopal para confirmar a proposta. Devido à diferença horária, isso teria de ser feito mais tarde.

Entretanto, K, Alain e eu almoçámos no Claridge's e regressámos ao White House Hotel, onde várias pessoas, incluindo o Coronel Noyes, vieram tomar chá. Quando todos os outros partiram, o Coronel Noyes foi para o quarto telefonar a Rajagopal. Passado bastante tempo regressou com um ar atónito. Uma das condições de K dizia respeito aos seus arquivos. Rajagopal recusava agora furiosamente quaisquer "concessões" até encontrar-se pessoalmente com K, negava ter pedido ao Coronel Noyes que

falasse com ele e repetia os seus comentários abusivos. O Coronel Noyes parecia perplexo com a mudança de atitude e partiu. K não ficou surpreendido.

Adiámos a partida de Londres, mas já era tarde para alterar as reservas de avião, pelo que permanecemos ali mais dois dias e, no dia quatro de setembro, Krishnamurti e Alain voaram via Espanha para Porto Rico, onde ficariam com os Biascoechea enquanto K dava algumas palestras na Universidade de Porto Rico, em San Juan. Entretanto, eu voei para Nova Iorque, onde alugara um pequeno apartamento na Rua 62 para uso de K. Ele e Alain chegaram no dia vinte e três. Após um passeio no parque, discutimos ao jantar um novo local perto de Godalming, em Surrey, que fora visto por Mary Links e pelos Digby como possível lugar para a escola, decidindo-se que Alain deveria visitá-lo. Ele voou para Inglaterra no dia seguinte.

No dia vinte e cinco de setembro chegou uma carta e alguns documentos da Sra. Lilliefelt, em Ojai, mostrando o resultado de uma investigação que realizara sobre o funcionamento da KW Inc. Como consequência, Krishnaji decidiu que deveria haver uma reunião para discutir a situação e desejava que a Sra. Lilliefelt, Michael Rubinstein e Gérard Blitz viessem a Nova Iorque para se juntarem a ele, Alain e a mim. Todos concordaram em vir, e Alain regressou no dia seguinte com notícias da casa em Surrey. Víramos fotografias dela, achámo-la muito atraente, embora talvez pequena demais. Ainda assim, K instruiu Mary Cadogan a negociar a compra. Alain foi depois a Yale e à Universidade de Brandeis tratar de palestras de K, e a Sra. Lilliefelt chegou de Ojai. Veio tomar chá e tivemos uma longa conversa.

No dia primeiro de outubro Krishnamurti deu a sua primeira palestra na New School for Social Research, em Nova Iorque, perante uma sala de estudantes completamente cheia. No dia seguinte, a Sra. Lilliefelt veio almoçar e, às quatro da tarde, juntou-se-nos o Sr. Mitchell Booth, advogado da minha família, para discutir a situação jurídica e analisar os documentos trazidos pela Sra. Lilliefelt.

No dia três houve uma reunião entre K, Alain, a Sra. Lilliefelt, Gérard Blitz e eu, que se prolongou durante o almoço, e às duas e meia da tarde Michael Rubinstein chegou de Londres. Às três e meia K e eu fomos à New School para a sua segunda palestra, enquanto os outros continuavam a

conversar. Quando regressámos, Blitz partira para Los Angeles, mas a reunião prosseguiu, e Michael Rubinstein ficou para jantar. Um longo dia.

No dia quatro, a Sra. Lilliefelt e Michael Rubinstein vieram de manhã e Mitchell Booth juntou-se-nos ao almoço. A conversa continuou durante toda a tarde, após o que Rubinstein regressou de avião a Londres.

Houve uma terceira palestra no dia cinco de outubro e uma quarta no dia oito e, nesse dia, Mitchell Booth sugeriu um escritório de advogados em Los Angeles para representar K. Telefonei a Erna Lilliefelt, que regressara a Los Angeles, para lhe transmitir o nome sugerido. K realizou duas discussões com jovens na New School, frequentadas por cerca de 400 estudantes, e ali deu ainda mais duas palestras. Após a sexta e última palestra, K foi às Nações Unidas almoçar com o secretário-geral U Thant e com o seu chefe de gabinete, o Sr. C. V. Narasimhan.

K decidiu não ir a Yale, mas no dia dezassete de outubro ele, Alain e eu voámos para Boston, alugámos um carro e conduzimos até ao Charter House Motel, em Waltham. No dia seguinte fomos à Universidade de Brandeis, onde K visitou o campus guiado pelos estudantes, almoçou no refeitório dos professores e, às quatro e meia, deu a sua primeira palestra aos estudantes. No dia dezanove Hugues van der Straten chegou de Bruxelas, almoçou connosco e, depois de K conceder entrevistas, juntou-se a nós ao jantar para falar da procura de um lugar para a escola em Inglaterra. Parecia existir outra possibilidade em Hampshire, um lugar chamado Brockwood Park.

Hugues partiu, mas durante os três dias seguintes K realizou discussões com estudantes de Brandeis e deu mais duas palestras. Também vimos na televisão o regresso à Terra dos astronautas após onze dias em órbita. Voámos para Nova Iorque no dia vinte e quatro e, no dia seguinte, seguimos para Los Angeles e regressámos uma vez mais à paz tranquila da casa em Malibu.

## Capítulo Catorze

Quatro dias após a nossa chegada a Malibu, chegou um telegrama de Mary Cadogan informando que Gérard Blitz se demitira da Fundação e também que Brockwood Park podia ser comprado. Krishnamurti enviou um telegrama a Rajagopal sugerindo que se encontrassem para discutir os assuntos da KW Inc. na casa dos Lilliefelt, em Ojai. Ao receber a

mensagem, Rajagopal telefonou a K e recusou. Voltou a ligar; Krishnamurti pediu-me que falasse com ele, e Rajagopal desligou. Mais tarde telefonou a Erna Lilliefelt e foi insultuoso.

No dia seguinte, trinta de outubro de 1968, K decidiu que os Lilliefelt deveriam dirigir uma Fundação Krishnamurti americana. Vieram durante a tarde e isso foi discutido. Nessa mesma tarde Rajagopal telefonou-me e deixou uma mensagem para K: não haveria reunião a menos que pudesse falar primeiro com K a sós. No dia seguinte K falou com James Vigeveno, vice-presidente da KW Inc., e repreendeu-o severamente sobre a gravidade de uma reunião com Rajagopal e todo o conselho administrativo. Depois disso, e após falar com Erna Lilliefelt, Krishnaji convidou todos eles, incluindo Mima Porter, os Vigeveno e Byron Casselberry, para uma reunião em Malibu. Mima Porter recusou imediatamente, pelo que não houve reunião. Krishnamurti fizera todos os gestos possíveis.

Rosalind Rajagopal telefonou pedindo para ver K no dia seguinte. Chegou às dez da manhã, dizendo que ficaria apenas uma hora. Mostrei-lhe a sala de estar, com a intenção de os deixar sozinhos. Em vez disso, apontou para o lugar onde eu deveria sentar-me. Ficou até à uma e meia da tarde, atacando incessantemente K, que a escutava com uma paciência distante. O único comentário que fez depois foi:
"Pessoas feias."

No dia três de novembro, os Lilliefelt vieram conversar, e chegou um telegrama de Vigeveno dizendo que "pode ser organizada uma reunião para Krishnamurti pessoalmente com o conselho da KW Inc. na sede". Tudo isto era inaceitável para K e, por isso, o convite foi recusado. Seguiu-se uma carta rude de Byron Casselberry, entregue por Annie Vigeveno. K instruiu o nosso advogado a escrever a Rajagopal.

No dia seis de novembro, Krishnaji, Alain e eu conduzimos até Claremont, onde K iria falar no campus universitário a convite do Blaisdell Institute. O seu diretor, o Sr. William Rempel, recebeu K e mostrou-nos a casa que nos fora destinada. Desfizemos as malas, jantámos e fomos visitados por uma família de guaxinins na varanda, claramente habituados a receber também o jantar. K ficou encantado, e demos-lhes as boas-vindas.

Descobrimos longos percursos para caminhar no desfiladeiro próximo. K deu três palestras e realizou várias discussões com estudantes. No dia

quinze conduziu uma discussão filmada em vídeo com o Professor Huston Smith e, durante a tarde, outra reunião com um auditório cheio de estudantes. Os Lilliefelt vieram à casa, e K falou-lhes sobre o pano de fundo das ameaças de Rajagopal.

No dia dezassete os Blackburn passaram por lá, e K disse-lhes que Al poderia ajudar Alain no seu trabalho futuramente, desde que conseguissem pagar as próprias despesas de viagem, pois não havia fundos para isso. Era algo que eles próprios haviam sugerido, e disseram querer fazê-lo. No dia seguinte a NBC gravou para televisão uma discussão de K com estudantes e, durante a tarde, regressámos a Malibu.

Era bom estar em casa: caminhar na praia ao fim da tarde, ir por vezes ao cinema. Alain decidiu que, nas férias, preferia fazer coisas de que gostava, como escrever, em vez de viajar. Falávamos sobre a Fundação Krishnamurti e sobre as possibilidades de Brockwood Park.

No dia vinte e dois de novembro fomos à cidade com os Lilliefelt até ao escritório dos advogados, onde nos encontrámos com o Sr. Berkowitz, o Sr. Selvin e o Sr. Rosenthal. Decidiu-se que escreveriam a Rajagopal para marcar uma reunião com ele e o seu advogado.

A reunião realizou-se com resultados pessimistas. No dia nove de dezembro, Krishnaji, Alain e eu encontrámo-nos em Los Angeles com um velho amigo de K, Sidney Field, que nos levou para consultar o Juiz Robert Kenney, antigo procurador-geral do Estado da Califórnia. Foram-lhe mostradas provas, descobertas por Erna Lilliefelt, da gestão questionável dos bens da KW Inc. por Rajagopal. O Juiz Kenney aconselhou-nos a apresentar estes dados ao então procurador-geral. Um ou dois dias depois houve outro telefonema de Rajagopal; K aconteceu atender e passou-mo. Era mais uma exigência para ver K sozinho.

Nos dias que se seguiram, K retomou os ditados a Alain e começou a realizar discussões na casa com pessoas interessadas, em grande parte convidadas por Alain. Várias pessoas vieram almoçar em diferentes ocasiões, incluindo Christopher Isherwood e Don Bachardy, Deborah Kerr e o marido Peter Viertel, e Sidney Field e o seu irmão John.

No dia dezassete de dezembro chegou um telegrama anunciando que Brockwood Park fora comprado nesse mesmo dia pela Fundação Krishnamurti. Todas as tardes havia um passeio na praia antes de o sol

mergulhar no Pacífico. Na luz oblíqua do inverno havia um brilho na areia, onde aves marinhas procuravam o jantar. K avançava a passos largos, muitas vezes em silêncio, como se estivesse absorvido pelo ar e pelo mar.

No dia dezanove conduzimos até Ojai e à casa dos Lilliefelt para tomar chá e encontrar velhos amigos de K. Pegou no volante com entusiasmo.
"Gosto de conduzir. É uma maneira de ver a natureza sem pessoas à volta."

Ao entrar no vale, disse sentir uma saudação vinda das colinas:
"Subi todas elas. Não tem nada a ver com as pessoas."

Vimos na televisão o lançamento da missão lunar Apollo e acompanhámos a órbita durante dez voltas, até ao regresso seguro ao Pacífico. No dia vinte e nove chegou a primeira publicação sob direitos de autor da Fundação K — *Freedom from the Known*, editado por Mary Lutyens — um livro de Krishnamurti que se tornou, e continua a ser, um clássico.

Assim terminou 1968.

**Capítulo Quinze**

O novo ano de 1969 começou com uma manhã quente, límpida e bela, o oceano ondulando suavemente num modo sonolento de verão. K encontrava-se no relvado antes do pequeno-almoço, olhando para as colinas e para o mar ao longe, muito longe. Ditou textos durante a manhã. No dia seguinte Alan Watts e a esposa vieram almoçar, trazendo uma garrafa especialmente grande de vodka, caso a nossa casa não pudesse fornecer. Alain partiu durante a tarde rumo ao norte, para organizar as palestras de K em Berkeley, Stanford e Santa Cruz. Sol Rosenthal, o nosso advogado, telefonou relatando uma visita de Rosalind Rajagopal para falar sobre K e Rajagopal, tendo-lhe sido dito que não podiam discutir o assunto com ela.

Krishnaji contou-me que sonhara com Nitya, que isso acontecia três ou quatro vezes por ano e que era sempre sobre proteção, sobre ambos cuidarem um do outro. Desta vez Nitya protegia K, caminhando à frente no meio de uma multidão e olhando para trás.
"Éramos amigos. Eu corria para o alcançar. Como é estranho continuar a sonhar ao fim de tantos anos. Faz quarenta e quatro anos que ele morreu.

Suponho que a ferida ainda esteja lá, enterrada. Às vezes são sonhos tristes, outras não. Este não foi."

Durante este período, K continuou a realizar discussões com um grupo que vinha à casa. Houve também uma visita com os Lilliefelt para discutir com o nosso advogado, Sol Rosenthal, as perguntas a apresentar a Rajagopal e a criação de uma Fundação Krishnamurti da América. Chegou uma resposta insuficiente do advogado de Rajagopal. Decidiu-se seguir o conselho do Juiz Kenney e consultar o procurador-geral.

Mary e Joe Links chegaram para uma visita que coincidiu com uma semana de chuva torrencial, a qual terminou precisamente quando partiram no voo para São Francisco. Eu voara até lá durante um dia para procurar e reservar quartos para o período das palestras de K e, no dia trinta de janeiro, ele e eu conduzimos rumo ao norte, parando para um almoço de piquenique e continuando depois através de paisagens verdes e belíssimas. O prazer de Krishnaji via-se-lhe no rosto.
"Que país!" dizia ele.

Seguimos pela rota interior porque a estrada costeira de Big Sur estava fechada devido às fortes chuvas, e passámos a noite em Carmel. Na manhã seguinte fomos a Point Lobos antes de continuar viagem. O oceano brilhava à luz da manhã e observámos lontras-marinhas deslizando entre as algas. Chegámos a São Francisco durante a tarde e ao Huntington Hotel, onde Alain nos aguardava. Tínhamos quartos com sala e cozinha anexas, onde eu podia preparar as refeições.

No dia três de fevereiro, Krishnaji deu a primeira de quatro palestras em Berkeley perante uma audiência de cerca de 2.500 pessoas. No dia sete, K foi convidado por Alan Watts para ir à casa flutuante onde vivia, em Sausalito, para conhecer aquilo que descreveu como "as melhores mentes de São Francisco". A visita correu bastante mal. A discussão foi desordenada, o álcool fazia sentir os seus efeitos e saímos rapidamente.

Uma visita mais agradável para K foi a uma velha amiga, a Sra. Mathias, frágil e quase totalmente cega, mas calorosa e acolhedora.

No dia dez deixámos o Huntington e conduzimos para norte até ao Sonoma State College, onde K falou e almoçou com os estudantes. Depois seguimos para sul e conduzimos até Palo Alto, onde ficámos hospedados no Stanford Faculty Club. No dia seguinte Buckminster Fuller veio

conversar com K. A conversa foi gravada pela KPFK, mas não correspondeu exatamente ao intercâmbio interessante que se antecipava. O Sr. Fuller chegou apressado, exuberante, falador, querendo saber porque K era vegetariano e, depois de uma avalanche de conversa em que K, segundo a minha recordação, apenas conseguiu dizer ocasionalmente "pois", Fuller partiu precipitadamente para apanhar um avião. Nessa tarde K deu a primeira das suas quatro palestras em Stanford.

No dia dezasseis, após o almoço e o descanso de K, deixámos Stanford e conduzimos para sul até Santa Cruz, onde ele daria quatro palestras no Cowell College. Tinha um dia livre, e conduzimos para o interior, onde caminhou entre as sequoias em silencioso e solitário deleite. Eu mantive-me discretamente no carro, incapaz de caminhar naquele momento devido à minha perna doente.

Levantámo-nos cedo no dia vinte e um de fevereiro e deixámos Santa Cruz rumo ao sul, passando por Carmel e pela estrada costeira, que acabara de reabrir após as tempestades de inverno. Parámos em Nepenthe para contemplar durante algum tempo aquele majestoso encontro entre a orla do continente e o oceano ilimitado; depois continuámos, parando perto de Cambria para um almoço de piquenique. K conduziu as 150 milhas seguintes até Santa Bárbara e depois assumi o volante até chegarmos a Malibu.

Tinha chovido durante a noite, mas a manhã do dia vinte e dois estava belíssima quando Erna e Theo Lilliefelt chegaram com Ruth Tettemer. Conversámos um pouco e, durante a tarde, assinámos formalmente perante um notário os documentos de criação da Fundação Krishnamurti da América. Os instituidores do truste eram Krishnamurti, Theo Lilliefelt, Ruth Tettemer e Mary Zimbalist. Os administradores eram Krishnamurti, Erna Lilliefelt, Alain Naudé, Ruth Tettemer e Mary Zimbalist. Realizámos então a primeira reunião dos administradores.

No dia vinte e quatro Alain voou para Paris e depois para Saanen, para organizar alojamento para os muitos estudantes que, tendo ouvido as palestras de K, planeavam ir às reuniões de verão.

No dia vinte e sete, K e eu encontrámo-nos com os Lilliefelt e Ruth Tettemer no escritório do nosso advogado, Sol Rosenthal, e fomos com ele até ao gabinete do procurador-geral da Califórnia, em Los Angeles, onde

nos reunimos com o Sr. Laurence Tapper, encarregado de investigar a situação em torno da Krishnamurti Writings Inc.

As fortes chuvas do inverno recomeçaram e amoleceram agora o solo encharcado, provocando deslizamentos de terra no topo da minha colina acima da praia. Tive de deixar novos esforços para conter a situação quando, no dia quatro de março, Krishnaji e eu deixámos Malibu e voámos para Londres e depois para Paris, onde Alain nos encontrou e passámos uma noite no Hotel Pont Royal. O meu carro fora trazido de Thun, onde estivera guardado durante o inverno, e de manhã, com K e eu nele e Alain no seu carro, conduzimos rumo ao norte até Le Touquet e atravessámos em ferry aéreo até Lydd, onde parámos para almoçar e continuámos para oeste através do sul de Inglaterra. Eu subestimara a duração da viagem e estava exausto quando, finalmente, ao pôr do sol, vimos a placa "Brockwood Park".

Subimos pela alameda, atravessámos os portões e ali, ao fundo da entrada, estava a grande casa branca. Encontravam-se também Dorothy e Montague Simmons, Doris Pratt, Donald Hoppen (o arquiteto amigo que ajudara a encontrar o lugar), Alan Hooker, vindo de Ojai, e quatro futuros alunos rapazes. A casa era impressionante, bela e georgiana, iniciada em 1769, suficientemente grande para a escola então imaginada, e possuía uma ala oeste destinada aos aposentos de Krishnaji. Nessa primeira noite, depois de vermos tudo por dentro, jantámos na cozinha e fomos dormir cansados, mas satisfeitos com o lugar aonde tínhamos chegado.

A luz do dia revelou a beleza das terras de Brockwood. A casa é rodeada por parques, vastos relvados, um jardim de rosas e uma grande horta murada. A Fundação comprara apenas a casa e os menos de quarenta acres que a rodeavam (dos oitocentos que outrora possuíra), mas estes mantinham-se intatos, permitindo ao olhar atravessar campos ondulantes até aos bosques sem a intrusão de qualquer outra construção.

A oeste, para lá de um campo, existe um bosque onde se entra num pequeno mundo de árvores altas, sete sequoias, uma árvore-dos-lenços, azáleas e rododendros. É um lugar em si mesmo, silencioso; como se, caminhando-se suavemente e em silêncio, talvez se pudesse ver um unicórnio. K ficou encantado.

À parte as camas e a roupa necessária, que eu escolhera meses antes caso encontrássemos uma casa, a Ala Oeste — que era, por assim dizer, a casa de Krishnamurti dentro da casa — não tinha mobiliário, por isso fui a Londres procurar coisas. Quando regressei durante a tarde, K disse-me com muita doçura:
"Então, conseguiu tratar de tudo?"

No dia doze de março, K iniciou as palestras em Londres. Embora a palestra fosse às sete da tarde, decidira não regressar a um hotel depois dela, mas voltar a Brockwood. A sala ficava em Wimbledon, e partíamos diretamente após o fim. Isto facilitava-lhe muito as coisas. Houve quatro palestras ao todo. Entretanto, pessoas iam e vinham e, com grande ajuda de Paul Anstee, amigo de um amigo meu, trabalhei na mobília da Ala Oeste.

No dia dois de abril, Krishnamurti, Alain e eu deixámos Brockwood nos dois carros em direção a Dover. Perto de Rye, um homem, numa curva, embateu no lado direito do meu carro, esmagando o guarda-lamas traseiro contra a roda. Não sofremos ferimentos e a polícia concluiu que a culpa fora do outro condutor, por isso, depois de conseguirem libertar suficientemente a roda para podermos prosseguir e apanhar o ferry, continuei viagem com Krishnamurti. Para reduzir o peso no carro danificado, transferimos toda a bagagem para o carro de Alain, que vinha logo atrás. Conseguimos apanhar o ferry, desembarcámos em Calais e conduzimos até Montreuil, onde passámos a noite no Château de Montreuil, um hotel muito agradável. Na manhã seguinte seguimos até Paris e chegámos à casa da Rue de Verdun a tempo do almoço. Nessa noite Alain e eu fomos ouvir Sviatoslav Richter tocar *O Cravo Bem Temperado*, de Bach, na Salle Pleyel.

K continuou a ditar a Alain o chamado "Livro das Férias"; havia compras a fazer, filmes para ver, bem como discussões com jovens, realizadas no Hotel Pont Royal. Nesse ano as palestras de Paris decorreram na Salle de la Chimie, uma excelente sala. Houve cinco palestras e também uma entrevista gravada com K na UNESCO, além dos habituais passeios vespertinos no Bois. Era primavera, e Paris estava em flor.

No dia vinte e seis de abril partimos e conduzimos para nordeste, parando em Arras para almoçar no Le Changy e continuando para a Bélgica e depois para Bruxelas, onde fomos hóspedes de Suzanne e Hugues van der Straten na grande e confortável casa onde viviam com cinco dos

muitos filhos. Foi uma visita muito agradável e, depois de uma manhã tranquila, partimos na tarde seguinte. Em três horas chegámos a Hilversum, na Holanda, onde Anneke nos esperava numa casa da Gravelandweg, que alugara para K e mobilara com empréstimos de simpatizantes. Depois de nos instalarmos, no dia seguinte K, Alain e eu fomos de carro a Keukenhof ver novamente as tulipas e encomendar bolbos para Brockwood. Ao regressarmos à casa soubemos que De Gaulle se demitira após a derrota do referendo em França.

Krishnaji e eu tratámos de alguns recados em Bussum e depois caminhámos uma vez mais no belo bosque perto da casa de colmo onde tínhamos vivido dois anos antes. Nada mudara, e os pequenos patos continuavam ocupados nos riachos.

No dia três de maio, K deu a primeira palestra em Amesterdão, no Congrescentrum, por vezes chamado RAI. Era um quente dia de primavera, a sala estava cheia e a palestra foi muito poderosa. No carro, no regresso, sentiu-se um pouco fraco, mas depois do almoço quis acompanhar-me para fazer compras. No dia seguinte houve a segunda palestra e, durante a tarde, um chá para todas as pessoas que tinham ajudado. Alguns dias depois realizou-se também uma discussão com jovens no Congrescentrum. Como sempre, parecia possuir energia ilimitada para tantos encontros, mas discutiu-se a possibilidade de reduzir algumas viagens e palestras. Contudo, disse que tinha de dar palestras públicas.
"Há nelas algo que acontece e que é diferente das discussões."

Numa tarde fui a Amesterdão com Alain à procura de um livro específico que ele queria. A busca levou-nos à livraria da Sociedade Teosófica. Na parede estavam duas fotografias sépia, maiores do que o tamanho natural — uma da Sra. Besant e outra de C. W. Leadbeater. Pareciam algo vindo de outro século, há muito desaparecido. Parecia impossível que aquelas duas pessoas tivessem desempenhado um papel na vida de Krishnamurti, ou ligá-las no tempo à pessoa viva, vital e plenamente presente que conhecíamos.

No dia catorze de maio, K deu a sua quinta e última palestra em Amesterdão. No dia quinze realizou-se a última das discussões com jovens; a sala do RAI encheu completamente e transbordou para os corredores exteriores, onde muitos outros escutavam. No dia dezasseis, K e eu deixámos Hilversum e conduzimos até Roterdão, onde nos perdemos

tentando encontrar o aeroporto das docas, mas acabámos por encontrá-lo. Alain esperava-nos lá, e transportámos os carros por via aérea até Southend, onde tivemos a agradável surpresa de Mary e Joe Links nos receberem e guiarem através do trânsito intenso até Londres. Chegámos a Brockwood ao início da noite.

Nos dias seguintes houve muito a fazer em relação ao mobiliário da Ala Oeste, recados em Londres, K a mondar o relvado, passeios de carro pela bela paisagem rural de Hampshire — ele estava a praticar a condução do Mercedes antes de pedir a carta de condução britânica. Houve viagens a Londres; Mary Lutyens e a sua família vieram a Brockwood; realizaram-se reuniões sobre a escola e as publicações; e, no dia vinte e dois de junho, K conduziu uma primeira discussão em Brockwood com cerca de 165 pessoas. Também jogava frisbee no relvado e, com a chegada de Desikachar, as lições de ioga tornaram-se parte da rotina diária. Teve algumas aulas de condução para garantir que conhecia todos os requisitos britânicos e, quando chegou o dia do exame, foi até Winchester com o instrutor e regressou com um ar muito satisfeito. Tinha passado.

Nesse verão em Gstaad, em vez do habitual apartamento no Les Caprices, aluguei metade de um chalet chamado Trois Ours. Ficava mais acima na colina em direção ao Chalet Tannegg e era um pouco mais espaçoso. Instalei-me lá no dia seis de julho. K estava alojado com Vanda em Tannegg, como sempre, e rapidamente começou encontros com jovens. Alain fizera o habitual excelente trabalho de organização e partira antes para preparar alojamento para os jovens em Schönried. As aulas de ioga continuaram diariamente com Desikachar, mas no dia dezasseis ele regressou à Índia. No dia seguinte K iniciou as suas palestras de Saanen.

Krishnamurti pedira-me que falasse com Vanda sobre partilharmos todos o Chalet Tannegg e as respetivas despesas no verão seguinte, e ela e eu concordámos com isso. Pediu-me também que cuidasse das coisas quando tivesse de regressar a Florença, pelo que me mudei para lá no dia vinte e um.

## Capítulo Dezasseis

1970 começou com Krishnamurti na Índia. Escreveu-me, e respondi-lhe de Malibu enquanto as negociações com Rajagopal prosseguiam através dos respetivos advogados. A certa altura, Rajagopal telefonou

ostensivamente para me dizer que se reuniria no dia vinte e um de janeiro com o Sr. Tapper, do gabinete do procurador-geral. Este último e o nosso advogado, David Leipziger, foram a Ojai e reuniram durante seis horas com Rajagopal e o seu advogado, o Sr. Loebl. A reunião não foi muito produtiva.

Em janeiro conduzi até La Jolla, onde a Sra. Martha Longenecker oferecera a sua casa para uso de Krishnamurti caso ele viesse falar no San Diego State College. Fui com ela ao colégio e encontrei-me com o Dr. Ray Jordan, diretor dos estudos religiosos, e com o Dr. Allan Anderson. Também examinei o auditório e as salas de conferência, e discutimos possíveis datas.

No dia vinte e seis de janeiro, Krishnaji voou de Bombaim para Roma e, no dia vinte e oito, chegou a Brockwood. Entregou-me as suas duas últimas cartas, n.os 25 e 26 — esta última escrita durante o voo para Londres. No dia dois de fevereiro, em Heathrow, encontrou-se durante uma hora com o diretor do departamento religioso da BBC antes de embarcar num voo para Los Angeles. O avião aterrou às seis da tarde e regressámos a casa, em Malibu, para jantar em tabuleiros junto à lareira. Estava acordado havia vinte e quatro horas, mas encontrava-se desperto e cheio de vontade de conversar.

Nos dias que se seguiram, K descansou, dormiu muito e, ao fim da tarde, caminhávamos na praia. Os Lilliefelt vieram almoçar, e discutimos longamente o processo judicial. No dia cinco de fevereiro, K pediu-me que telefonasse a Rajagopal para lhe dizer que chegara e que o próprio lhe telefonaria depois de descansar. Foi uma conversa breve. Parte desse descanso consistia em ir ao cinema. Gostou particularmente de *Butch Cassidy and the Sundance Kid*, que preenchia os critérios de paisagens do Oeste americano, personagens cativantes e muita ação.

No dia dez de fevereiro retomou os ditados do livro, dirigindo-os a mim todas as manhãs. Na tarde do dia treze conduzimos até ao topo de Corral Canyon e caminhámos ao longo da crista por uma estrada corta-fogo. A oeste estendia-se o oceano ilimitado e tudo o resto era a beleza original das colinas da Califórnia, que ele amava havia tanto tempo. Regressámos felizes para o chá e o jantar. Mais cedo, K pedira-me que telefonasse a Rajagopal; ele não estava, mas mais tarde ligou de volta e K falou com ele, convidando-o a vir explicar o que imaginava como uma

resolução pacífica. Rajagopal respondeu que o seu advogado lhe proibia discutir o assunto.

No dia dezassete, como parte dos ditados, K teve comigo uma conversa sobre suicídio. No dia vinte e um realizou a primeira de uma série de discussões em casa com cerca de vinte e oito pessoas. No dia seguinte houve uma segunda, gravada em vídeo. Alain viera passar o fim de semana e trouxera algumas das pessoas presentes. No dia vinte e cinco, K e eu conduzimos para norte até Santa Bárbara e regressámos pela estrada interior até Lake Casitas, onde fizemos um piquenique. O dia estava quente e belíssimo. Continuámos até à casa dos Lilliefelt para conversar e tomar chá com eles e Ruth Tettemer antes de regressarmos a Malibu a tempo do jantar. No dia vinte e seis, após o ditado matinal, fomos aos estúdios da NBC em Burbank, onde Robert Abernathy realizou uma entrevista televisiva em direto com K.

No domingo, primeiro de março, às duas da tarde, K deu a sua primeira palestra no Santa Monica Auditorium. A sala, com capacidade para 3.000 pessoas, estava cheia, e cerca de 300 tiveram de ser recusadas. Para mim, foi uma palestra magnífica. Regressámos a casa e fomos caminhar apesar de uma chuva ligeira. K falou novamente no dia seguinte e no fim de semana, outra vez para mais de 3.000 pessoas, mas, no regresso a casa, disse que se sentira como alguém a cantar para surdos.

Numa noite ficámos acordados até bastante tarde enquanto Krishnamurti me falava da estranha sucessão de acontecimentos da sua vida e de uma aparente providência protetora da qual sempre tivera consciência. Sobre os primeiros relatos do seu encontro com mestres, disse lembrar-se de que algo acontecera com significado espiritual; sabia que acontecera, mas não conseguia recordar os detalhes.

No dia doze de março, com K ao volante, fomos novamente até Lake Casitas com o nosso piquenique e depois à casa dos Lilliefelt, onde, após um descanso, K conduziu uma discussão com pessoas de Ojai que conhecia havia anos — excluindo membros da KW Inc. Alain veio a Malibu para o fim de semana e, nos dias três e quatro, realizou-se o grupo privado de discussão, ambas as sessões gravadas em vídeo. Outra discussão em Ojai teve lugar no dia dezanove e ainda outro fim de semana de discussões em Malibu aconteceu. Entre tudo isto, K continuava os ditados e dava numerosas entrevistas privadas. No dia vinte e três foi-lhe extraído o molar

inferior direito. Estava solto e infetado e provavelmente fazia-o sentir-se debilitado havia alguns meses. Utilizou-se anestesia local, xilocaína, e o dente saiu facilmente, mas, no caminho de regresso a casa, no carro, K desmaiou duas vezes.

Alguns amigos que tinham acabado de ver Rajagopal e os Vigeveno disseram que lhes fora dito que K não queria ver Rajagopal. Em nome de K telefonei a R e pedi-lhe que viesse ver K com ou sem os Vigeveno. Respondeu que pensaria no assunto e me daria resposta. Mais tarde nesse dia, Sidney Field e Laura Huxley trouxeram um grupo de jovens, enviados pelo Dr. Weininger, para falar com K. Depois de partirem caminhámos pelo jardim e vimos o grande bufo-real que passara a viver num eucalipto perto da garagem.

No dia vinte e sete, os Lilliefelt, Ruth Tettemer, Sidney Roth e Donald Hoppen vieram para a assembleia geral anual da direção da KFA. Alain voou de Berkeley. No dia seguinte K, Alain e eu tivemos uma interessante discussão, que gravámos em cassete áudio, e durante a tarde houve o sétimo grupo privado de discussão, filmado em vídeo. Chegou uma carta de Rajagopal dizendo que não podia deixar Ojai para ver K. A discussão do grupo no dia seguinte também foi filmada e, depois, na parte restante da fita, K reafirmou algo do que dissera na reunião da direção da KFA sobre o futuro de Brockwood e os usos das Fundações.

No dia trinta, K concedeu entrevistas ao Rabino Rabin e ao Rabino Lyman; depois, como sempre, fomos caminhar na praia ao fim da tarde. No dia seguinte K, Alain, Miranda Dunne e eu fomos almoçar ao Hotel Bel-Air, em Los Angeles, e depois ver o filme *Airport*. Em seguida levámos Alain para apanhar o avião para São Francisco. Decidira permanecer na Califórnia e planeava ir à Europa buscar as suas coisas e regressar a São Francisco. Despedimo-nos calorosamente.

No dia três de abril o dia estava tão bonito que decidimos adiar a ida para La Jolla. Malibu estava demasiado agradável e demos um longo passeio na praia, colocámos no correio uma carta de K para Rajagopal e, à noite, este telefonou a K dizendo querer vê-lo antes de ele partir. K respondeu que lhe telefonaria antes de sair. Foi uma conversa breve.

No dia seguinte, quatro de abril, fiz as malas, e K e eu conduzimos para sul numa manhã quente e límpida. Parámos para um piquenique

dentro do carro perto de San Juan Capistrano e depois continuámos até La Jolla e à casa que Martha Longenecker gentilmente emprestara a K para a sua semana de palestras no San Diego State College. Ela e os Lilliefelt estavam alojados nas proximidades. Desfizemos as malas e depois caminhámos ao longo das falésias acima do oceano. Preparei o jantar, e deitámo-nos cedo.

No dia seguinte, após um almoço antecipado, conduzimos até ao colégio, onde às três da tarde Krishnamurti deu a primeira palestra em Montezuma Hall. Mais tarde caminhámos e ele falou dos dois meses que passara sozinho numa cabana em Sequoia, da sua timidez e da tendência para evitar pessoas, indo comprar provisões quando havia menos gente à volta. Disse que era tímido até perante o guarda-florestal que o advertira para ter cuidado nos longos passeios e que, mesmo enquanto caminhávamos, teria demasiada timidez para caminhar sozinho.

Houve uma segunda palestra no dia seguinte e, no dia sete, K recebeu os Lilliefelt e Sidney Roth para discutir assuntos legais. Antigo contribuinte da Krishnamurti Writings, Sidney Roth estava preocupado com o que Rajagopal fizera e ofereceu ajuda para desfazer os aspetos legais da situação. O seu advogado, Harry N. Wyatt, em nome de Sidney Roth, dava conselhos construtivos e fê-lo nessa manhã por telefone de Chicago. Nessa altura, o Sr. Tapper tinha dúvidas cada vez maiores sobre as ações de Rajagopal, uma vez que este não respondera às nossas perguntas, apesar de ter tido oportunidades razoáveis para o fazer. Discutiu-se a possibilidade de mover ação judicial pelo procurador-geral, pela KFA ou por ambos conjuntamente. A relutância de Krishnamurti em estar envolvido num processo não representava problema, desde que os administradores da KFA tomassem a iniciativa. O Sr. Tapper sugeriu que o nosso advogado, o Sr. Leipziger, voltasse a reunir-se com Rajagopal e o seu advogado para discutir uma auditoria. Se Rajagopal não estivesse disposto, seria informado de que estava a ser considerada uma ação judicial a apresentar tanto pelo gabinete do procurador-geral como pelos administradores da KFA.

No dia oito de abril, K conduziu uma grande discussão pública no San Diego State. Durante a tarde, com Erna e Theo Lilliefelt, fomos visitar a base naval em Coronado e tivemos permissão para subir a bordo do cruzador pesado *St. Paul*, que K achou muito interessante. Com a sua

habitual atenção meticulosa, observou o navio com o entusiasmo de um jovem rapaz. No dia nove deu a quarta e última palestra no colégio. Na casa havia um exemplar de 1929 do *Theosophical Star Bulletin*. Nele encontrava-se uma fotografia sua; lançou-lhe um olhar e disse: "Deve ter sido uma pessoa muito gentil."

De volta a Malibu, K acompanhou a missão Apollo 13 orbitando a Lua. Chegou uma carta inconclusiva de Rajagopal e James Vigeveno, bem como um telefonema da Sra. Porter. Nada avançava. No dia dezoito de abril, K e eu voámos para Inglaterra.

Havia sol e narcisos em Brockwood, mas as árvores ainda estavam despidas. K estava cansado e eu também, pelo que houve descanso e passeios. K falava da necessidade de silêncio, tanto exterior como interiormente. Houve viagens a Londres para consultar um dentista, o que resultou na extração de dois dentes em Brockwood, onde o dentista veio gentilmente acompanhado por uma enfermeira, e tudo decorreu facilmente. Mary Links falou com K sobre a biografia dele que estava a escrever, e ele discutiu o mistério, como lhe chamava, daquilo que mantivera "o rapaz" sem condicionamento e a sensação de algo que o protegia. Era um tema a que regressava muitas vezes. Havia compras a fazer em Londres e, por vezes, acompanhava-me em recados pelo campo. Gostava de conduzir lentamente pelas estradas estreitas em redor de Brockwood, perdendo-se ligeiramente e de forma agradável e tendo depois a surpresa de reencontrar o caminho de regresso. Num dia em particular passámos por uma casa que ambos achámos encantadora, recuada da estrada, com um burro a pastar em primeiro plano. Tomei nota do local onde a estrada desembocava na conhecida A272 em direção a Brockwood, mas em todos os anos seguintes nunca consegui reencontrar aquela bela casa.

Na sala de estar da Ala Oeste, em Brockwood Park.

K continuava o ditado do livro, falava à escola, dava entrevistas privadas, lavava o carro e, chovesse ou fizesse sol, caminhávamos ao fim da tarde. No dia dezasseis de maio conduzimos até Londres, levando um piquenique, que comemos em Richmond Park, e fomos até casa da Sra. Bindley, onde K dormiu durante uma hora; depois fomos ao Friends Hall, onde deu a primeira das suas palestras londrinas desse ano. Regressámos depois a Brockwood. A segunda palestra teve lugar no dia vinte. K sentiu que não arrancara bem e que o público fora indiferente. Passámos essa

noite em casa dos Digby. Mary Links veio connosco enquanto K visitava o dentista na manhã seguinte; depois almoçámos no L'Aperitif. No caminho de regresso a Brockwood, K conduziu desde Guildford até casa. No dia vinte e sete voltámos a casa da Sra. Bindley, onde K descansou até à terceira palestra, uma palestra excelente que correu muito bem; fizemos um jantar-piquenique dentro do carro em Wimbledon Common no regresso a casa. Este padrão repetiu-se no dia trinta para a quarta e última palestra em Londres.

No início de junho, no dia seis, chegaram duas caixas com abelhas e foram colocadas nas novas colmeias. Mais tarde K comentou:
"Agora sinto que este é um verdadeiro lugar. Tem abelhas! As abelhas são uma coisa maravilhosa."

Nesse dia e no seguinte conduziu uma discussão com cerca de 200 convidados, principalmente sobre violência.

Quando lhe levei o pequeno-almoço no dia nove, disse que algo diferente ocorrera na meditação durante a noite, algo que, segundo a antiga terminologia, teria sido descrito como "uma iniciação".

No dia doze de junho fomos convidados para chá por velhos amigos meus, Virginia McKenna e Bill Travers. Viviam com os quatro filhos perto de Dorking. Conduzimos até lá, ficando presos num aguaceiro torrencial que fez o carro parar durante meia hora, mas o tempo estava limpo quando chegámos. Depois do chá fomos até uma parte fechada do jardim onde tinham algo para nos mostrar. O contexto começara alguns anos antes, quando ambos viajaram para África para filmar *Born Free*. Além da representação, viram-se a trabalhar com leões, experiência que tornou o bem-estar dos animais selvagens um interesse central para ambos. O que nos mostraram foi um belo jovem leão macho num recinto fechado. Tinha uma caravana onde viver, muito espaço e um pneu de borracha suspenso numa árvore para brincar. Chegara ali da seguinte forma: algumas semanas antes, Bill entrara numa loja de antiguidades na King's Road, em Londres, e, depois de lhe mostrarem algumas peças de mobiliário, o proprietário disse:
"Sr. Travers, penso ter algo lá atrás que lhe interessará."

Era um jovem leão.

"Onde o conseguiu?" perguntou Bill.

"Na Harrods", foi a resposta.

Parece que, no Natal, um pequeno leão fora colocado à venda como presente invulgar. O jovem antiquário ficou tão horrorizado com isso que comprou o pequeno leão e levou-o para casa. Conseguiu cuidar dele e, durante algum tempo, exercitá-lo à noite num cemitério de igreja quando não havia ninguém por perto, mas os pequenos leões crescem e, naquela altura, o jovem macho era quase do tamanho de um pónei e a juba começava a despontar. As coisas estavam a tornar-se difíceis.

O que se seguiu foi que os Travers concordaram em levar o leão para a sua propriedade no campo e organizar o transporte daquele leão criado em jardim zoológico para África, ensinando-o a viver em liberdade. Foi isso que aconteceu, mas, nessa tarde, Krishnamurti e eu tivemos o prazer de o ver a poucos centímetros de distância, atrás da vedação de arame. Tanto Ginny como Bill podiam entrar quando o alimentavam, e K gostaria de o fazer também, mas eles acharam imprudente. Para adultos mais altos do que o leão, existia um elemento de autoridade; mas, quando o filho mais novo deles trotava ao longo da vedação connosco, tornava-se presa no instinto do leão, que assumia um andar furtivo de caça dentro do cercado.

Nos dias que se seguiram, K realizou discussões de grupo que foram gravadas em vídeo, concedeu uma entrevista à BBC conduzida pelo diretor do departamento religioso da BBC e deu também entrevistas privadas individuais. Numa noite perguntou-me se eu continuaria o trabalho quando ele morresse: «Tu ouviste tudo isto.»

A dezassete de Junho, K e eu fomos de comboio para Londres para uma prova de roupa, depois ao dentista e, em seguida, almoçar com Mary Links no apartamento deles. Depois continuaram a discussão sobre a sua vida inicial para a biografia. O gravador não funcionou, por isso tomei notas. No comboio de regresso, K sentiu-se cansado e bastante doente quando chegámos a Brockwood. Tossia muito e, embora sem febre, tornou-se ligeiramente delirante. «Ele não devia ter ido à cidade. Quem está a tomar conta dele? Ele deixou o corpo. Não, não, isso não!» No dia seguinte estava a tremer e fraco no início, ficou na cama mas sentiu-se melhor mais tarde e conseguiu ler e ver televisão com um cataplasma no peito. Ficou de cama durante o resto da semana, mas levantou-se para as discussões de grupo no sábado e no domingo.

Estava suficientemente bem para querer lavar o carro no dia vinte e seis, e no dia seguinte fomos tomar chá com os Links na sua casa de campo em Blackdown, sendo K quem conduzia. Todos demos um passeio e depois regressámos de carro através da bela luz de uma noite de Verão. «Apreciem!», disse K. «Divertimo-nos. Vamos desfrutar.» E assim fizemos.

**Capítulo Dezassete**

No dia trinta de Junho de 1970, Krishnaji e eu conduzimos via Fareham e Brighton até Lydd, sendo ele quem conduzia cerca de metade do percurso, e fizemos um almoço-piquenique no carro pelo caminho. Voámos com o carro e connosco através do Canal até Le Touquet e seguimos mais onze milhas até Montreuil para passar a noite no Château de Montreuil. Passeámos ao longo das muralhas antes do jantar; soprava um vento marítimo e andorinhas voavam; K parecia simultaneamente exaltado e descontraído, satisfeito por estar novamente em França.

Na manhã seguinte seguimos de carro para Paris, almoçámos com o meu pai, fizemos dois recados e prosseguimos até Barbizon, onde, no Bas-Bréau, tivemos os mesmos agradáveis quartos de 1968. Passeámos na floresta antes do jantar e, na manhã seguinte, partimos em direção à Suíça pelas mais pequenas estradas rurais. Nessas ocasiões, K parecia uno com a paisagem que passava, a estrada sinuosa através de pequenas aldeias, satisfeito por se afastar durante algum tempo de tudo exceto choupos, campos e o vasto céu. Por vezes cantava de forma sonhadora, como se murmurasse para si próprio, mas o seu murmúrio era um cântico em sânscrito de tempos remotos.

Passámos mais uma noite em viagem e depois, via Dijon, entrámos na Suíça e em Genebra. Parámos no Hôtel du Rhône e depois caminhámos até à Patek Philippe para mandar ver os relógios e tratar de outros pequenos assuntos anuais. K descansou na manhã seguinte e, à tarde, tomámos a estrada familiar para Gstaad. Subir às montanhas dava uma sensação especial de regresso; eram uma presença em cujo espaço se chega e vive durante algum tempo. Era como se, para Krishnamurti, houvesse uma recepção silenciosa.

Foi também um reencontro com Vanda no Chalet Tannegg e com Fosca. Durante os dias seguintes, K permaneceu na cama a descansar. A

febre dos fenos daquela estação estava novamente presente, e ele ficou dentro de casa. Vanda e eu discutimos a possibilidade de ele falar em Itália em Outubro, talvez em Roma e Perugia. Falámos de muitas coisas, incluindo aquilo que parecia protegê-lo — algo que ele sentia e que ela também percebia.

A dez de Julho, Vanda partiu para Florença, e K e eu conduzimos até Thun, fizemos um almoço-piquenique à beira do lago, fomos buscar o Mercedes dele ao local onde passara o Inverno e regressámos a Gstaad nos nossos carros separados.

Ao almoço, K discutiu com Herry e Hilda Moorhead as escolas indianas e quem garantiria que os seus ensinamentos fossem seguidos nelas caso fossem disponibilizados fundos vindos de Ojai. Quem garantiria que fossem usados para os ensinamentos de K e não para comprar tratores, etc.? Sentia que, na Índia, muitos membros da direção eram antigos associados que pouco se importavam para além do estatuto das escolas e não queriam interferências, nem sequer do próprio K. Quem tinha verdadeiramente os ensinamentos no coração?

Nessa noite, disse-me subitamente: «Pensa nisto! Tenho falado na Índia, passado mais tempo lá do que em qualquer outro lugar, e não há uma única pessoa que escute e tenha mudado.»

«É terrivelmente difícil para as pessoas mudarem. São o que são», respondi.

K replicou: «Quando eu morrer, tudo acabará. O que acontecerá contigo? As pessoas não são sérias. És séria? Tenho falado aqui há quarenta anos; seria um maldito tolo se não percebesse que as pessoas são como são. Isso não me deprime. Continuarei a falar.»

Durante o passeio da tarde do dia seguinte, disse que aquilo que me aconteceria depois da sua morte dependeria do que eu fizesse e fosse então — isto é, da mudança em mim. Perguntou-me se eu sentira alguma presença do meu marido depois da morte dele. Disse que sim. Discutimos o que constitui prova e o que é imaginação. Expliquei que sentira isso intensamente, mas que não vira nem ouvira objectivamente nada; era um sentido intrínseco de presença e comunicação, real para mim, mas sem possibilidade de oferecer prova objectiva a outra pessoa. K disse: «Consegues distinguir entre imaginação e algo real.» Disse desejar poder

recordar-se de como fora quando o irmão morreu. Perguntei como se podiam avaliar essas coisas. Disse que não podia afirmar certas coisas porque não via como poderiam ser provadas, mas prestava atenção e não as negava. Mencionei a conversa com Vanda em que ela dissera que nem ela nem eu tínhamos condicionamento teosófico que pudesse explicar o facto de ela ter sido interpelada através de K quando ele estava inconsciente, ou as palavras que ele me dirigira quando estivera doente a dezassete de Junho: «Ele não devia ter ido à cidade. Quem está a tomar conta dele?»

Depois falou sobre mudança e escuta: que, se realmente se escuta e vê, isso apaga o hábito, a marca anterior. O novo passa então a funcionar na mente e, sempre que surge uma ação do velho padrão, a mente alerta a atenção consciente. Disse que o meu hábito de franzir a testa permanecia porque eu não vira a importância de o mudar. Se tivesse visto, o velho padrão teria sido apagado. Disse que o corpo por vezes demora a reaprender, mas a mente está instantaneamente alerta. Portanto, escutar, ver, é mudar. A falta de mudança é desatenção. «Toma nota. Vou falar sobre isso», disse ele.

Um dia, ao almoço com os Biascoechea, K pediu a Enrique que me contasse o sonho que tivera antes de K ser encontrado em criança, no qual a senhora Besant aparecia com um jovem indiano dizendo: «Este é o futuro instrutor do mundo.» O sonho fora tão forte que Enrique, que discursava numa reunião teosófica, anunciou que um rapaz fora encontrado antes mesmo de o saber oficialmente. «Como era ele quando o viu?», perguntou K, mas Enrique apenas conseguiu descrever o que ele próprio pensava, e não como o rapaz era realmente, exceto que era muito caloroso e amigável.

«Escreva isso, senhor», disse K, acrescentando mais tarde que seria interessante para a biografia de Mary Lutyens.

Nessa tarde, uma amiga trouxe o sobrinho para ver K, um rapaz de cerca de dezasseis anos que ficara mentalmente incapacitado devido a uma lesão sofrida na infância. «Está a pedir-me que tente curá-lo?» A amiga permaneceu em silêncio. K explicou que a cura por vezes resulta e por vezes não. O silêncio aprofundou-se e então K disse para trazerem o rapaz todos os dias.

As palestras tinham começado na tenda. K falou sobre liberdade, autoridade e comparação como base do medo. Em resposta a alguém que

perguntara se era possível aprender constantemente, K disse: «Bloqueia-se a si próprio com uma pergunta dessas. Se estiver a observar, não há nada para aprender.» Depois, as pessoas rodearam-no enquanto ele subia o caminho. Tive de avançar lentamente com o carro através delas para chegar até ele. Queria dar um passeio de carro antes de regressar a Tannegg, por isso fomos em direção a Lauenen. A neve na montanha no fim do vale brilhava sob o sol de Verão.

Os Lilliefelt chegaram vindos de Ojai, vieram almoçar e pusemo-nos a par das novidades. Havia uma carta de James Vigeveno no tom habitual — de que tudo era uma questão pessoal entre K e Rajagopal. K recusou-se a tocar na carta e pediu-me que a abrisse. Quando comecei a lê-la, mandou-me parar, pediu-me que saltasse partes e lhe dissesse apenas o essencial. Mesmo assim li-lhe a maior parte, sentindo que devia saber. Cada uma daquelas cartas parecera-lhe algo impuro. Não lhes tocava nem olhava para elas. Pediu aos Lilliefelt que a lessem. Estava marcada para seis de Agosto uma reunião dos advogados, e seria entregue um resumo de uma proposta de acordo. Fomos dar um passeio de carro à tarde, e K disse: «Tente agir a partir do vazio; descubra o que significa fazê-lo. É a forma de viver.»

No dia vinte e quatro de Julho, K realizou uma discussão para jovens na tenda. Os mais velhos podiam assistir, mas não interromper. Compareceram quase tantas pessoas como numa palestra. À tarde subimos a colina e observámos uma máquina a arrancar enormes rochas do rio. Encontrámos Edgar Graf, que disse a K ter organizado uma grande tenda como abrigo para os jovens — os hippies que chegavam apenas com os seus sacos-cama. No caminho de regresso, K perguntou-me o que faria eu se ele morresse. Perguntei-lhe o que gostaria que eu fizesse, mas recusou responder. Mais tarde voltou ao assunto, dizendo como a linha entre vida e morte sempre fora muito ténue para ele. Por vezes sentira vontade de desaparecer. Perguntei se isso significava morrer. Disse que não, não; apenas ir embora para um lugar onde ninguém o conhecesse. Respondi que muitas vezes me dissera que falar era necessário para aquilo que lhe competia fazer; poderia uma vida silenciosa, afastada, apenas escrevendo, ser suficiente? Disse que não.

No dia seguinte deu a quinta palestra em Saanen, uma exposição absorvente sobre medo e prazer. Disse que ficar preso neles é a mente burguesa; quando se vê em si próprio a ação dessas coisas, o que acontece?

Surge uma sensibilidade maior. Não se reprime nem rejeita; vê-se. A sensibilidade percebe alegria, fruição diferente do prazer. Houve convidados para o almoço, e Mary Cadogan veio contar-lhe as reacções de algumas pessoas que sentiam não conseguir chegar até ele. K escutou e examinou isso, dizendo: «O orador também sente que vocês não vêm até ele com grandes baldes. Ele diz algo, por favor levem tudo o que quiserem, e vocês dizem: "Dê-me só um pouco disso." Ele não quer forçar. Pode derramar, derramar. Quando dizem: "Isto não basta", então ele pode derramar.»

Mais tarde, na aldeia, cruzámo-nos com U. G. Krishnamurti, que costumava ir todos os anos a Saanen quando K falava, nunca comparecendo na tenda, mas falando depreciativamente de K aos seus ouvintes. Ao aproximar-se de K, fez a saudação indiana sem sorrir, de forma encurvada e desviada. Depois de passarmos, K disse: «Senti algo impuro.»

Durante a sexta palestra, um jovem italiano gritou para K, que falava sobre prazer. K ficou em silêncio e depois retomou: «Você sente prazer na violência, na ira.»

A morte da esposa do meu pai levou-me a Baden-Baden a vinte e nove de Julho para estar com ele e com o meu irmão. Regressei a Tannegg na noite do dia trinta e um. Os dias seguintes foram agitados. Krishnaji realizou discussões com jovens, houve a reunião anual do Comité do Encontro de Saanen; os Lilliefelt mudaram-se para o apartamento do rés-do-chão de Tannegg; numerosas pessoas vieram almoçar. Foram discutidas questões de publicação com o comité francês e também com o comité hispano-falante. Enrique Biascoechea trouxe o senhor Sendra e um advogado de Porto Rico, o senhor Faria, para essas reuniões. Desenvolveu-se então a ideia de que o comité de Porto Rico queria a sua própria Fundação, e isso foi expresso de forma bastante agressiva, o que alguns não apreciaram.

As discussões públicas começaram na tenda, e Krishnaji parecia possuir uma energia enorme e explosiva. Continuou a conceder entrevistas privadas a muitos que as solicitavam e discutiu planos futuros de palestras. Anneke Korndorffer veio discutir as palestras do ano seguinte em Amesterdão e falou também do antagonismo de Carlo Suarès, que ali estava a dar conferências sobre a cabala mas nunca comparecia às

palestras. Segundo Anneke, ele estava cheio de mentiras vindas de Rajagopal. Nadia Kossiakof, do comité francês, veio também falar sobre isso. Eu telefonara à senhora Suarès convidando-a, a ela e ao marido, para almoçarem em Tannegg, mas ela disse estar ocupada. Nadia discutiu toda a questão Suarès-Rajagopal com K, que ficou perturbado com isso. Como se tudo o resto não bastasse, chegou outra carta de Vigeveno dizendo que apenas K poderia salvar a situação sem interferência da lei. Mais uma vez, K recusou tocar ou ler a carta, pedindo-me apenas que lhe dissesse o conteúdo. K descansou brevemente antes de outra reunião do Comité do Encontro de Saanen. Nela, perguntou a Edgar Graf por que razão, depois de dez anos a falar na Suíça, havia apenas cerca de uma dúzia de suíços nas reuniões e o que poderia ser feito quanto a isso. Quando eles partiram, preparámo-nos para passear, mas surgiu uma trovoada tão forte, com granizo e chuva intensa, que descemos e fomos visitar os Lilliefelt. K estava cansado. Todas as questões Suarès-Vigeveno-Rajagopal eram um assédio para ele. Dormiu mal, o corpo perturbado, mas disse: «Não se deve estar cansado», ou isso afectava-o.

K realizou a sétima e oitava discussões públicas, encerrando a série. Pareceu-me que estas palestras e discussões foram as mais intensas que jamais dera. Todos os comités Krishnamurti vieram para uma reunião em que ele falou sobre a função deles após a sua morte. Falou-se também muito sobre publicações, e ele deixou claro que Vimala Thakar não tinha lugar no seu trabalho. Houve um chá para todas as pessoas de Ojai. K cumprimentou-as, mas logo saiu para o seu passeio. Quando elas partiram, segui-o, vi as suas pegadas ao longo da estrada enlameada e depois a sua figura distante, de impermeável e boina, vindo pelo caminho. Estava cansado mas cheio de energia. As reuniões concentradas pareciam trazer-lhe a vitalidade necessária, quase ilimitada. Mas tinham terminado, e ele não daria mais entrevistas. Estava inquieto à noite. «Eles não sabem quão vasto isto é.» Disse que precisava de começar a escrever.

## Capítulo Dezoito

Na manhã de vinte de Agosto de 1970, fresca e cinzenta, despedimo-nos de Fosca e seguimos no Mercedes em direção ao aeroporto de Genebra, onde entreguei o meu carro ao concessionário Mercedes de Thun como parte da encomenda de outro para a Primavera seguinte. Voámos para Londres, onde Dorothy Simmons nos esperava, e seguimos através da

chuva até Brockwood. K estava muito silencioso e distante. Disse que se encontrava «muito longe» desde a viagem de comboio dois dias antes e que, quando estava nesse estado no passado, se os Rajagopal lhe perguntassem alguma coisa, ele respondia: «O que vocês disserem.» O seu rosto era uma máscara austera dentro do carro, mas voltou suficientemente a si para cumprimentar as pessoas à chegada a Brockwood.

No dia seguinte, K realizou uma reunião com os Simmons, Doris Pratt, Donald Hoppen e comigo. Havia uma dissensão em Brockwood devido à presença de alguém que não fazia parte do pessoal; Dorothy estava tensa e de rosto sombrio. K compreendeu a situação e realmente fulminou-nos a todos. «Quando já tentaram raciocinar, falar com eles, e isso não serve de nada, e não querem usar ameaças, o que fazem?» Investiu tão fortemente contra Dorothy — os outros permaneceram calados — que tive receio de que ela desmoronasse, por isso atraí parte do fogo para mim, e que fogo era aquele. «Não se pode fugir disso — é preciso educá-los!» O desfecho foi que tentáramos a discussão e eles tinham transformado isso num jogo de disputa. «Acabou-se isso. Esta é a direção de Brockwood — não a vossa direção — mas a direção original para a qual foi criada. Querem vir connosco? E, se sim, isso terá de ser uma resposta em ação e não meramente verbal.» Eram sete horas quando a reunião terminou.

Os Lilliefelt vieram e ficaram no quarto de hóspedes da ala oeste. Chegou um jovem americano que estivera em Saanen e disse querer juntar-se a Brockwood. Isto pareceu-me uma boa notícia até K me mencionar que o jovem expressara um sentimento relacionado com a morte de K e afirmara que estaria presente quando K tivesse setenta e sete anos. Isto chocou-me tanto que fiquei enjoada e nunca mais quis ouvir falar daquele rapaz. K mostrou-se impaciente com tudo isso. «Tens de enfrentar isso», disse. «Não percebo porque fazem tanto alarido acerca da morte.» Respondi que enfrentaria isso quando chegasse o momento, mas não tinha vontade de enfrentar referências triviais ao assunto em conversa. Mais tarde disse: «Penso que viverei bastante mais tempo. Ou então posso desaparecer a qualquer momento.»

Em Londres, a vinte e nove de Agosto, teve lugar a primeira reunião conjunta da KF London, como então se chamava, e da KFA. Estavam presentes K, Mary Cadogan, Dorothy Simmons, George Digby, David Bohm, Hugues van der Straten, Erna e Theo Lilliefelt e eu. O correio

trouxera uma carta relatando em detalhe a reunião de seis de Agosto entre o nosso advogado, David Leipziger; o advogado de Rajagopal, senhor Loebl; e o representante do procurador-geral, senhor Tapper. Nela soubemos a perturbadora notícia de que o senhor Tapper propusera que Rajagopal fosse autorizado a continuar a publicar material posterior a 1968, algo que todos nós considerávamos inegociável. K sentiu que talvez R desejasse chegar a um acordo com ele, que na verdade não pretendia continuar aquele trabalho, mas procurava uma reaproximação e lhe entregaria pessoalmente as coisas. Discutiram-se também todos os assuntos relacionados com uma Fundação na Índia, outra hispano-americana e ainda outra na Austrália. Na manhã seguinte houve uma longa conversa entre K, Hugues e eu acerca da impossibilidade da proposta de publicação de Tapper para Rajagopal. Erna enviou um telegrama com a nossa posição a David Leipziger e redigiu uma carta firme para seguir depois.

Ao almoço, Dorothy apresentou um resumo da hostilidade instantânea do mais recente aluno vindo dos Estados Unidos. Quisera ir-se embora duas horas depois de chegar por causa do cabelo. Tinham-lhe sugerido que o mantivesse razoavelmente limpo, arranjado e não demasiado comprido. O cabelo era, naqueles dias, o assunto mais sagrado de todos.

Nessa tarde demos um longo e encantador passeio. K ditara de manhã uma conversa sobre o significado da cooperação e disse ter decidido iniciar um novo livro sobre educação, expondo as perspectivas de pais, estudantes e professores. Mary Lutyens estaria pronta para o editar em Janeiro, por isso queria trabalhar nele todos os dias. Começou na manhã seguinte.

Brockwood começou a encher-se de pessoas e, a cinco de Setembro, um dia luminoso e soalheiro, Krishnaji deu a primeira de quatro palestras numa tenda montada no campo para além da piscina. Cerca de seiscentas pessoas compareceram e, no dia seguinte, metade desse número. Numa tenda adjacente servia-se almoço para todos, incluindo K, que comia de pé do seu prato de papel enquanto as pessoas mais confiantes se aproximavam para lhe falar.

Realizou também uma reunião com a escola, na qual enunciou a intenção de Brockwood, que era inteligência, sensibilidade e liberdade. Liberdade era estar livre do próprio condicionamento. Desenvolveu este tema na discussão pública na tenda, dizendo que a mente fragmentada e condicionada podia ver que estava padronizada no exato momento em que

isso acontecia, e que a perceção instantânea a libertava. Na reunião seguinte da escola continuou a falar sobre aquilo que Brockwood representava, o significado da liberdade e, nesse contexto, o que é disciplina. O que fazemos se, após discussão e acordo, alguém não cumpre o combinado, é desagradável e ignora perpetuamente aquilo que foi acordado? Punimos — o que é um ato repulsivo —, o que fazemos? É a pessoa recalcitrante que se pune a si própria ao afastar-se da inteligência, da oferta de viver em harmonia e amizade, do processo de aprendizagem. Tinha sido quase uma história de detectives imaginar a que conclusão K chegaria. Mais tarde disse-me que não fazia ideia para onde ia; simplesmente surgia.

O nosso advogado para a fundação americana, Sol Rosenthal, veio a Brockwood a treze de Setembro para uma reunião com Krishnaji, os Lilliefelt e comigo. Foi concebida uma proposta a apresentar a Rajagopal segundo a qual ele seria convidado a juntar-se a nós, tornando-se administrador da KFA e da KF London, através de uma carta cordial de Rosenthal e David Leipziger ao advogado de Rajagopal, senhor Loebl. A carta diria que K iria a Ojai no caminho para a Austrália no Outono e que então convidaria Rajagopal a regressar ao grupo. Os detalhes específicos seriam definidos mais tarde pelos advogados. Isto foi discutido como sendo, essencialmente, aquilo que Rajagopal poderia desejar como forma de salvar a face. Depois, os administradores ingleses reuniram-se com Rosenthal, a proposta foi discutida e deram o seu consentimento para convidar Rajagopal a integrar a KF London.

**Notas**

1. **KF London** — Abreviatura de *Krishnamurti Foundation London*, organização dedicada à divulgação dos ensinamentos de J. Krishnamurti no Reino Unido.

2. **KFA** — Abreviatura de *Krishnamurti Foundation of America*, fundada para gerir publicações, escolas e actividades ligadas aos ensinamentos de Krishnamurti nos Estados Unidos.

3. **David Bohm** — David Bohm, físico e filósofo conhecido pelas suas conversas com Krishnamurti sobre consciência, pensamento e realidade.

4. **Rajagopal** — D. Rajagopal foi durante décadas associado próximo e administrador das publicações e assuntos financeiros de Krishnamurti. As tensões legais e pessoais referidas neste trecho dizem respeito a disputas sobre direitos de publicação e controlo institucional.

5. **Ojai** — Ojai, local na Califórnia intimamente ligado à vida e ao trabalho de Krishnamurti, onde existia uma das principais fundações e centros associados aos seus ensinamentos.

No dia seguinte, K deu a sétima e a oitava discussões públicas que encerraram a série. Pareceu-me que estas palestras e discussões foram as mais intensas que alguma vez dera. Todos os comités Krishnamurti reuniram-se para um encontro em que ele falou sobre a função deles após a sua morte. Houve também muita discussão acerca de publicações, e ele deixou claro que Vimala Thakar não tinha lugar no seu trabalho. Organizou-se um chá para todas as pessoas vindas de Ojai. K cumprimentou-as, mas pouco depois saiu para o seu passeio. Quando todos partiram, fui atrás dele, vi as suas pegadas ao longo da estrada enlameada e depois a sua figura distante, de impermeável e boina, caminhando pelo trilho. Estava cansado, mas cheio de energia. As reuniões intensas pareciam trazer-lhe a vitalidade necessária, quase ilimitada. Mas agora tinham terminado, e ele não daria mais entrevistas. Estava inquieto durante a noite. «Eles não sabem quão vasto isto é.» Disse que precisava de começar a escrever.

A onze de Agosto levei Madame Suarès colina acima para ver K. Segundo Anneke e Nadia Kossiakof, ela tomara o partido de Rajagopal devido a informações falsas fornecidas por Mima Porter, e encontrava-se perturbada. Tinham-lhe dito que K se recusara a ver Rajagopal. Krishnaji explicou porque não queria encontrar-se sozinho com Rajagopal, embora tivesse tentado repetidamente reunir-se com ele. Ela contava que Gérard Blitz se demitira da Fundação porque Rajagopal tinha razão. Krishnamurti salientou que Blitz se juntara à Fundação um ano depois de ter visto Rajagopal. Alain Naudé era culpabilizado por tudo. K disse que os problemas com Rajagopal vinham de dez anos antes de Alain aparecer. Não mencionou o envolvimento do procurador-geral, mas afirmou que agora tudo dependia de Rajagopal, caso este desejasse chegar a um acordo. Disse que não lhe pedia, nem lhe interessava o que ela fizesse, mas que, se

escrevesse à senhora Porter, se lembrasse de que era tempo de um entendimento.

O dia treze de Agosto amanheceu sem nuvens, brilhante sob o sol de Verão, e claramente ideal para um passeio de carro. No carro de K descemos a montanha até Aigle e seguimos ao longo do lago até Lausanne para almoçar no Grappe d'Or. Comprámos algumas meias e depois regressámos através das montanhas via Bulle. Os Dents du Midi brilhavam com a sua coroa de neve. Pelo caminho, K disse: «Vamos falar seriamente?» e depois acrescentou que ninguém realizara a mudança; haveria algo que ele devesse fazer quanto a isso antes de morrer? «Não me sinto culpado.» Comecei a perguntar-lhe o que significava compreender uma afirmação sua, como ter uma mente vazia. Disse que queria aprofundar isso, mas não naquele dia; que voltasse a trazer o assunto. O passeio fora um pouco longo demais para ele; estava cansado, mas ainda quis parar na loja de sapatos em Saanen, onde encontrou uns sapatos de caminhada que lhe agradaram. Mais tarde disse: «Venho de muito longe.»

O filho de Vanda, Alberto, e a filha, Paola, com o marido dela, John Cohen, que estavam instalados no apartamento do rés-do-chão, vieram várias vezes almoçar. K ficou contente por os ver e conversar com eles. Num passeio ao longo do rio, falou-me sobre aquilo a que chamava a «mediocridade» de algumas das primeiras pessoas: Rajagopal, Rosalind, os Vigeveno, os Suarès, por exemplo, que estavam à sua volta porque estavam disponíveis e, por isso, serviam um propósito prático para aquilo que parecia organizar as coisas em torno de K. Disse que o círculo mais recente era mais maduro, mais reflectido. Nisto havia o sentimento, muitas vezes expresso por ele, de que algo velava e dirigia a sua vida. Utilizou a palavra «indecente» em relação a Rajagopal e Rosalind. Uma vez, Rosalind atingiu-o com o joelho, causando-lhe dores durante dias, mas ele nunca sentiu raiva; aquilo não deixara marca no seu espírito. Rajagopal fora desde o início exactamente aquilo que era depois. Tanto K como Nitya sentiam aversão por ele. Certa vez Rajagopal disse a alguém na Índia que queria que ele permanecesse lá que tinha de partir com K, ou K esquecê-lo-ia, «o que era verdade», disse K.

Outro convite para almoço dirigido aos Suarès foi aceite e, depois, K falou a sós com Madame Suarès, sugerindo-lhe que perguntasse a Yo de

Manziarly porque não tentara averiguar os factos antes de se voltar contra ele.

Os Lilliefelt partiram de Gstaad. Houve várias pessoas a almoçar e sempre o passeio da tarde. Num desses passeios, K contou que lera num Maigret, que lia em francês para praticar a língua, a frase: «o pensamento dele era mais rápido do que as palavras», e que percebera então que, quando dava palestras, não pensava de todo.

A dezoito de Agosto, com K a conduzir, fomos até Thun deixar o carro dele guardado para o Inverno. Depois de um almoço-piquenique atrás de uma pequena igreja à beira do lago, embarcámos no pequeno vapor que atravessava até Spiez. No extremo do lago, as altas montanhas — o Mönch, o Eiger e a Jungfrau — estavam carregadas de neve recente. Em Spiez apanhámos um autocarro que subia a colina até à estação. Ao almoço, K dera a maior parte do arroz aos cisnes, por isso entrámos no buffet, onde comeu um pão e bebeu água tónica. O comboio para Zweisimmen, onde mudámos para outro rumo a Gstaad, encantou-o. Permaneceu de pé toda a viagem, absorvido como uma criança, com as mãos enluvadas apoiadas no rebordo da janela, perdido na contemplação, com um olhar distante e ausente que via silenciosamente todo o vale que passava. Mais tarde disse: «Gosto de andar de comboio; vê-se melhor. Tenho de viajar mais de comboio.» Nos tempos anteriores às viagens de avião, costumava observar das janelas dos comboios na Índia o vasto país a desenrolar-se diante dele. Em Gstaad comprámos o jornal, apanhámos um táxi até ao Palace Hotel e fizemos o resto do caminho colina acima a pé.

No dia seguinte, a senhora Anne Morrow Lindbergh e os Biascoechea vieram almoçar. A senhora Lindbergh falou sobre ecologia e sobre a preocupação do marido com a conservação da natureza. Falava com bastante intensidade, afirmativa e directa, mas também com um traço de timidez. Uma pessoa muito agradável e muito perspicaz. K ficou satisfeito por a ver. Mais tarde fomos ao banco tratar de alguns assuntos financeiros, nos quais ele me concedeu procuração, aceitando igualmente a mesma autorização de Enrique Biascoechea relativamente a certos fundos. Depois demos o último passeio da estação sobre a colina até ao rio. Mais tarde disse: «Desde a viagem de comboio sinto-me muito distante.»

**Notas**

1. **Vimala Thakar** — Vimala Thakar, inicialmente próxima dos ensinamentos de Krishnamurti, desenvolveu posteriormente um percurso próprio, o que levou Krishnamurti a distanciar o seu trabalho do dela.
2. **Gérard Blitz** — Gérard Blitz, associado ao movimento de Krishnamurti e participante activo em várias fundações ligadas aos seus ensinamentos.
3. **Alain Naudé** — Alain Naudé, colaborador próximo de Krishnamurti durante vários anos.
4. **Dents du Midi** — Dents du Midi, cadeia montanhosa dos Alpes suíços, conhecida pelos seus cumes recortados e frequentemente cobertos de neve.
5. **Nitya** — Nome familiar de Nityananda, irmão muito próximo de Krishnamurti, cuja morte precoce teve um impato profundo na sua vida.
6. **Maigret** — Maigret, famosa série de romances policiais franceses centrada no inspetor Jules Maigret.
7. **Mönch, Eiger e Jungfrau** — Eiger e montanhas vizinhas dos Alpes Berneses, entre os picos mais emblemáticos da Suíça.
8. **Anne Morrow Lindbergh** — Anne Morrow Lindbergh, autora e esposa do aviador Charles Lindbergh.

**Capítulo Dezoito (continuação)**

Na manhã de vinte de Agosto de 1970, fresca e cinzenta, despedimo-nos de Fosca e seguimos no Mercedes em direção ao aeroporto de Genebra, onde entreguei o meu carro ao concessionário Mercedes de Thun como parte da encomenda de outro para a Primavera seguinte. Voámos para Londres, onde Dorothy Simmons nos esperava, e seguimos através da chuva até Brockwood. K estava muito silencioso e distante. Disse que se encontrava «muito longe» desde a viagem de comboio dois dias antes e que, quando estava nesse estado no passado, se os Rajagopal lhe perguntassem alguma coisa, ele respondia: «O que vocês disserem.» O seu rosto era uma máscara austera dentro do carro, mas voltou suficientemente a si para cumprimentar as pessoas à chegada a Brockwood.

No dia seguinte, K realizou uma reunião com os Simmons, Doris Pratt, Donald Hoppen e comigo. Havia uma dissensão em Brockwood devido à presença de alguém que não fazia parte do pessoal; Dorothy estava tensa e de rosto sombrio. K compreendeu a situação e realmente fulminou-nos a todos. «Quando já tentaram raciocinar, falar com eles, e isso não serve de nada, e não querem usar ameaças, o que fazem?» Investiu tão fortemente contra Dorothy — os outros permaneceram calados — que tive receio de que ela desmoronasse, por isso atraí parte do fogo para mim, e que fogo era aquele. «Não se pode fugir disso — é preciso educá-los!» O desfecho foi que tentáramos a discussão e eles tinham transformado isso num jogo de disputa. «Acabou-se isso. Esta é a direção de Brockwood — não a vossa direção — mas a direção original para a qual foi criada. Querem vir connosco? E, se sim, isso terá de ser uma resposta em ação e não meramente verbal.» Eram sete horas quando a reunião terminou.

Os Lilliefelt vieram e ficaram no quarto de hóspedes da ala oeste. Chegou um jovem americano que estivera em Saanen e disse querer juntar-se a Brockwood. Isto pareceu-me uma boa notícia até K me mencionar que o jovem expressara um sentimento relacionado com a morte de K e afirmara que estaria presente quando K tivesse setenta e sete anos. Isto chocou-me tanto que fiquei enjoada e nunca mais quis ouvir falar daquele rapaz. K mostrou-se impaciente com tudo isso. «Tens de enfrentar isso», disse. «Não percebo porque fazem tanto alarido acerca da morte.» Respondi que enfrentaria isso quando chegasse o momento, mas não tinha vontade de enfrentar referências triviais ao assunto em conversa. Mais tarde disse: «Penso que viverei bastante mais tempo. Ou então posso desaparecer a qualquer momento.»

Em Londres, a vinte e nove de Agosto, teve lugar a primeira reunião conjunta da KF London, como então se chamava, e da KFA. Estavam presentes K, Mary Cadogan, Dorothy Simmons, George Digby, David Bohm, Hugues van der Straten, Erna e Theo Lilliefelt e eu. O correio trouxera uma carta relatando em detalhe a reunião de seis de Agosto entre o nosso advogado, David Leipziger; o advogado de Rajagopal, senhor Loebl; e o representante do procurador-geral, senhor Tapper. Nela soubemos a perturbadora notícia de que o senhor Tapper propusera que Rajagopal fosse autorizado a continuar a publicar material posterior a 1968, algo que todos nós considerávamos inegociável. K sentiu que talvez R desejasse chegar a

um acordo com ele, que na verdade não pretendia continuar aquele trabalho, mas procurava uma reaproximação e lhe entregaria pessoalmente as coisas. Discutiram-se também todos os assuntos relacionados com uma Fundação na Índia, outra hispano-americana e ainda outra na Austrália. Na manhã seguinte houve uma longa conversa entre K, Hugues e eu acerca da impossibilidade da proposta de publicação de Tapper para Rajagopal. Erna enviou um telegrama com a nossa posição a David Leipziger e redigiu uma carta firme para seguir depois.

Ao almoço, Dorothy apresentou um resumo da hostilidade instantânea do mais recente aluno vindo dos Estados Unidos. Quisera ir-se embora duas horas depois de chegar por causa do cabelo. Tinham-lhe sugerido que o mantivesse razoavelmente limpo, arranjado e não demasiado comprido. O cabelo era, naqueles dias, o assunto mais sagrado de todos.

Nessa tarde demos um longo e encantador passeio. K ditara de manhã uma conversa sobre o significado da cooperação e disse ter decidido iniciar um novo livro sobre educação, expondo as perspectivas de pais, estudantes e professores. Mary Lutyens estaria pronta para o editar em Janeiro, por isso queria trabalhar nele todos os dias. Começou na manhã seguinte.

Brockwood começou a encher-se de pessoas e, a cinco de Setembro, um dia luminoso e soalheiro, Krishnaji deu a primeira de quatro palestras numa tenda montada no campo para além da piscina. Cerca de seiscentas pessoas compareceram e, no dia seguinte, metade desse número. Numa tenda adjacente servia-se almoço para todos, incluindo K, que comia de pé do seu prato de papel enquanto as pessoas mais confiantes se aproximavam para lhe falar.

Realizou também uma reunião com a escola, na qual enunciou a intenção de Brockwood, que era inteligência, sensibilidade e liberdade. Liberdade era estar livre do próprio condicionamento. Desenvolveu este tema na discussão pública na tenda, dizendo que a mente fragmentada e condicionada podia ver que estava padronizada no exato momento em que isso acontecia, e que a perceção instantânea a libertava. Na reunião seguinte da escola continuou a falar sobre aquilo que Brockwood representava, o significado da liberdade e, nesse contexto, o que é disciplina. O que fazemos se, após discussão e acordo, alguém não cumpre

o combinado, é desagradável e ignora perpetuamente aquilo que foi acordado? Punimos — o que é um ato repulsivo —, o que fazemos? É a pessoa recalcitrante que se pune a si própria ao afastar-se da inteligência, da oferta de viver em harmonia e amizade, do processo de aprendizagem. Tinha sido quase uma história de detectives imaginar a que conclusão K chegaria. Mais tarde disse-me que não fazia ideia para onde ia; simplesmente surgia.

O nosso advogado para a fundação americana, Sol Rosenthal, veio a Brockwood a treze de Setembro para uma reunião com Krishnamurti, os Lilliefelt e comigo. Foi concebida uma proposta a apresentar a Rajagopal segundo a qual ele seria convidado a juntar-se a nós, tornando-se administrador da KFA e da KF London, através de uma carta cordial de Rosenthal e David Leipziger ao advogado de Rajagopal, senhor Loebl. A carta diria que K iria a Ojai no caminho para a Austrália no Outono e que então convidaria Rajagopal a regressar ao grupo. Os detalhes específicos seriam definidos mais tarde pelos advogados. Isto foi discutido como sendo, essencialmente, aquilo que Rajagopal poderia desejar como forma de salvar a face. Depois, os administradores ingleses reuniram-se com Rosenthal, a proposta foi discutida e deram o seu consentimento para convidar Rajagopal a integrar a KF London.

No dia seguinte, K reuniu-se com os Lilliefelt, os Digby, Dorothy Simmons, David Bohm, comigo e o doutor Balasundaram, que se encontrava em Brockwood, para discutir a Fundação Indiana e as relações entre as três fundações. A questão da posição de K na KF India foi levantada, mas não pôde ser resolvida até à chegada de Pupul Jayakar. K levantou então a questão da responsabilidade dele e de todos os outros nestes assuntos e insistiu com Balasundaram sobre se as escolas indianas trabalhavam realmente com os ensinamentos. Salientou que isso era necessário para que houvesse apoio por parte dos administradores americanos.

Os Lilliefelt partiram, mas Pupul Jayakar chegou a dezassete de Setembro. Ela, K, Balasundaram e eu reunimo-nos para discutir as relações da KF India com as outras Fundações K. Sugeriu reuniões anuais com pelo menos um membro de cada Fundação para que se pudesse construir confiança. Os temas a explorar seriam as necessidades de cada Fundação, as publicações, questões de política geral e qualquer outro assunto urgente.

Ficara chocada ao ler alguns dos dados jurídicos descobertos acerca de Rajagopal. K contou então a ela e a Balasundaram, em total privacidade, o que fora decidido durante a visita de Rosenthal: oferecer a Rajagopal um lugar na KFA e na KF London em troca de todos os arquivos e bens da KW Inc. Ambos acolheram bem a ideia e aprovaram-na. Discutimos a participação de K no conselho da KFI. Houvera resistência a isso na Índia, com o argumento de que, sendo ele uma figura religiosa, não deveria ocupar um cargo secular, mas também se sentia fortemente no Ocidente que, depois da traição de Rajagopal, nenhuma organização com o nome de K deveria existir sem que ele tivesse plenos poderes nela. Ela disse que, se K desaprovasse alguma coisa, todos no conselho indiano fariam o que ele dissesse. Mais tarde nesse dia expressei as minhas próprias dúvidas acerca da minha eleição como administradora indiana. Ela disse que fora um gesto e que não importava se eu não pudesse comparecer às reuniões. Parecia compreender que não era viável ter representantes de cada Fundação em todos os outros conselhos, mas considerava a ideia boa em princípio e esperava que reuniões anuais de representantes de cada uma produzissem o mesmo efeito.

Balasundaram partiu a dezanove de Setembro. K continuou os seus ditados para o livro sobre educação. Ao fim da tarde, levando Whisper connosco, K e eu demos um longo passeio, regressando pelos campos e entrando no Grove. Mal entrámos, instalou-se um silêncio extraordinário. Nenhum de nós falou, e caminhávamos como se não quiséssemos pisar a erva. Não havia vento, um silêncio absoluto; as grandes árvores eram como guardiãs silenciosas e vivas de algo: testemunhas. Havia uma sensação de algo sagrado, uma presença que era total quietude. Quando saímos, fechámos o portão e continuámos através do campo, K disse: «Sentiste? Era algo sagrado; nem sequer se queria pisar a erva. O que quer que exista neste lugar está centrado ali, não na casa.» Depois do jantar, Pupul Jayakar e eu conversávamos na sala de estar. K encontrava-se no quarto dele, no andar de cima, e enquanto estávamos ali sentadas aquela estranha qualidade entrou na sala. Estávamos a falar de K.

No dia seguinte, vinte de Setembro, iniciou-se uma conversa ao pequeno-almoço na sala de jantar da ala oeste, quando Krishnaji se sentou com Pupul e comigo e surgiu o tema da kundalini. K questionou Pupul sobre se aquilo que ela observara acontecer-lhe em Madras e Ootacamund, em 1948, quando ela e Nandini Mehta estavam presentes, poderia ter sido

kundalini. Ela disse que, na altura, escrevera um relato detalhado e o entregara a Rajagopal, que a proibira de guardar uma cópia. Ela e Nandini tinham estado hospedadas em Vasanta Vihar quando ouviram K gemer no quarto e entraram, receando que estivesse doente. Ele olhara para ela e perguntara: «És Rosalind?» Ela respondera que não, e ele dissera-lhes para permanecerem no quarto e não o deixarem sozinho. Disse: «Krishna foi-se embora.» E depois pôs a mão sobre a boca e disse: «Não devo dizer o nome dele. Ele não gosta que eu diga o nome dele.» Estava aparentemente com dores, a transpirar e prestes a desmaiar. Isto voltou a acontecer mais tarde nesse mesmo ano quando estava em Ootacamund com Maurice Frydman. Começava por volta das seis da tarde e por vezes durava até à uma da manhã. Disse a Pupul e Nandini para permanecerem no quarto, mas não queria Frydman presente. Desmaiava, e uma extraordinária beleza aparecia-lhe no rosto. Pupul descreveu aquilo que lhe acontecia como parecendo uma purificação total da mente. Em resposta às perguntas de K, disse que não descreveria aquilo como kundalini, que resulta de meditação consciente e deliberada sobre os centros dos chakras, na posição de lótus, e fruto de grande esforço. Disse tratar-se do resultado, ou antes da libertação, de uma enorme energia, que produz diversos poderes, etc., mas que as experiências de Krishnamurti eram diferentes. Leadbeater, que sabia pelo menos alguma coisa acerca da kundalini, não conseguia explicar o que aquilo era no caso de K. Ela afirmou que, na kundalini, há uma irrupção de energia na mente, como uma explosão, mas salientou que Krishnamurti nunca parecera preso ao condicionamento. Ele mostrou-se interessado e interrogou-a longamente. Não tinha memória de tudo aquilo. Num dos episódios dissera: «Os resplandecentes, os grandes, estão aqui.» Dois dias depois Pupul partiu.

O ditado do livro sobre educação prosseguiu. Houve discussões com a escola, e ele concedeu uma entrevista filmada à BBC. Houve visitas ao dentista em Londres, uma prova no alfaiate e almoço com Mary Lutyens e Sacha de Manziarly. Para variar, apanhámos o comboio em Winchester. K ficou muito satisfeito; um comboio melhor, parte da paisagem nova, alguns campos amarelos passavam velozmente. Estava «perdido» e muito distante. Mais tarde tentou traduzir isso num ditado: «um vazio e uma quietude, que duraram todo o dia. Isso é o meu repouso.»

O dia seis de Outubro foi dedicado às malas, mas à tarde deixámo-las e fomos dar um último passeio pelo caminho entre os campos. O céu tinha

nuvens escuras com o sol brilhante a iluminar a terra. Havia uma bela cor nos campos lavrados, mel dourado e castanho rosado. O ar era brilhante e limpo, com a nitidez do Outono. Comemos amoras ao longo das sebes e partilhámos algumas com Whisper, que aprendera com K a apanhá-las no ar.

Toda a escola estava na entrada na manhã seguinte para se despedir. Krishnamurti apertou a mão de cada um deles. Havia calor humano e afeição em todos os rostos. Foi uma despedida comovente e suave, e partimos para Heathrow com Dorothy no Land Rover.

Acabara de chegar uma carta de Erna, que li a K no carro. Dizia que Rajagopal poderia telefonar a K e que, se o fizesse, o advogado sugeria que K lhe dissesse que passaria pela Califórnia a caminho da Austrália e poderia vê-lo então. Mas, sob nenhuma circunstância, K deveria encontrá-lo sozinho. Eu, Erna, ou ambas, deveríamos estar presentes como testemunhas do que fosse dito.

Despedimo-nos de Dorothy, fizemos o check-in nas respectivas companhias aéreas e sentámo-nos juntos na sala de embarque. Estava cheia; a humanidade parecia um grupo desalinhado, enquanto K era todo elegância e simplicidade. O voo dele para Roma foi chamado primeiro, e ele partiu com a graça, os modos requintados e o rosto iluminado de afecto que só ele possuía.

O meu próprio voo levou-me a Paris, onde fiquei com o meu pai. À noite, Doris Pratt telefonou de Brockwood para me informar de que Rajagopal telefonara da Califórnia para K. Doris dissera que K estava em Roma. Pouco depois o telefone voltou a tocar. Era a voz de Vanda e depois Krishnamurti dizendo-me que Rajagopal acabara de telefonar com uma voz muito patética, dizendo querer ver K o mais depressa possível na Califórnia. K respondeu que planeava ir lá a caminho de Sydney. Rajagopal disse que queria vê-lo para lhe dizer que o amava e para garantir que tudo ficava bem. K respondeu que pensaria nisso e telefonaria quando chegasse. Rajagopal disse que o encontro deles era mais importante do que as palestras na Austrália; queria pôr tudo em ordem e voltar a ser como antigamente. K disse-me pensar que Rajagopal receava morrer e queria reconciliar-se com ele. Pediu-me que informasse Erna, mas mantendo segredo.

Dois dias depois, Vanda e K telefonaram novamente para dizer que Rajagopal voltara a telefonar. Vanda pedira-lhe que não falasse com K, que estava a descansar, por isso Rajagopal deixara a mensagem de que, se K não «recuasse», Rajagopal, «por razões técnicas», seria forçado a ir a tribunal para se defender e K seria «exposto»; que amava K e que a razão da chamada era K ter de o ver na Califórnia. Perguntei tanto a K como a Vanda se Rajagopal dissera que ele iria a tribunal ou que o caso iria a tribunal. K passou-me Vanda ao telefone, e ela não tinha a certeza, mas disse que Rajagopal perguntara se eu estava ali e, ao saber que eu estava em Paris, dissera que K nunca teria feito tudo isto sem influência das pessoas à sua volta.

Não houve mais telefonemas de Rajagopal. Krishnamurti estava a descansar, a ir ao cinema, e parecia descontraído. Devia falar em Perugia a dezasseis de Outubro. Devido à doença do meu pai, eu adiara a partida para os Estados Unidos até dia dezassete, e nessa manhã, ao regressar a Roma, K telefonou para perguntar pelo meu pai e pelos meus planos. Disse-lhe que estava prestes a partir para o aeroporto, e ele respondeu que ia sugerir que, caso eu decidisse ficar, esperasse e viajasse mais tarde com ele. Respondi que, se ele quisesse que eu o acompanhasse, assim faria, mas que ainda teria de ir eventualmente a Nova Iorque para resolver tudo por lá. Conversámos um pouco mais, e eu segui para o aeroporto e voei para Nova Iorque.

Depois de visitar a minha mãe em Martha's Vineyard, regressei a Nova Iorque e tratei de organizar onde Krishnamurti ficaria hospedado durante as suas palestras em Nova Iorque na Primavera, falei com a administração do Town Hall sobre os preparativos e discuti com a Harper & Row o novo livro dele, *The Urgency of Change*, bem como os planos de divulgação. Tudo tratado, regressei a Malibu a vinte e sete de Outubro. Uma paisagem escurecida e devastada era uma visão triste, mas, embora o incêndio, que atravessara aquela região do Sul da Califórnia algumas semanas antes, tivesse queimado toda a vegetação do desfiladeiro, a casa e a dos meus amigos, os Dunne, tinham sido poupadas.

## Capítulo Dezanove

A um de Novembro de 1970, Krishnaji voou de Roma para Brockwood e, no dia três, voou para Los Angeles. Não se mostrou abatido pelos estragos causados pelo incêndio; pelo contrário, esperava uma

devastação maior e disse: «Tudo voltará a crescer.» Jantámos em tabuleiros na sala de estar, e havia serenidade e uma sensação de paz na casa.

No dia seguinte foi necessária uma ida ao dentista, mas regressámos para o almoço e, à tarde, os Lilliefelt e Ruth Tettemer vieram ver K, conversar e tomar chá. Mais cedo eu falara com Sol Rosenthal, que telefonara ao senhor Loebl, advogado de Rajagopal, para pressioná-lo a responder à proposta para que R se tornasse administrador da KFA e da KF England. Enquanto ainda estava em Roma, K recebera um telefonema agressivo de Rajagopal.

Seguiu-se um dia tranquilo e pacífico. K dormiu quase toda a manhã e a tarde. Para o passeio da tarde demos voltas e mais voltas ao jardim. Falei com Alain em Berkeley, convidando-o para o fim-de-semana, e ele voou para lá no dia seguinte. Ele e Krishnamurti tiveram longas conversas sobre os estados mentais das pessoas e dos jovens em particular. Alain descreveu a sociedade como orientada pelas drogas. Rajagopal telefonou e pediu-me que transmitisse a K os seus «cumprimentos pessoais, não legais». No domingo, dia oito, os três tomámos um longo pequeno-almoço e conversámos na sala de jantar. K disse que, se alguém leva as coisas interiores verdadeiramente a sério, os meios aparecem — não é preciso preocupar-se com isso. Alain partiu à tarde, e K e eu fomos caminhar pela praia. Pediu-me que telefonasse a Radha Sloss e lhe transmitisse as suas saudações, dizendo que não se sentira bem, mas que lhe telefonaria quando regressasse em Março.

Na noite seguinte Rajagopal telefonou. K recusou falar com ele e pediu-me que lhe dissesse que, devido ao facto de ele ter sido agressivo ao telefone em Roma, não falaria por telefone. Se tivesse alguma coisa a dizer, deveria escrever-lhe. Rajagopal respondeu zangado: «Nunca lhe escreverei!» e desligou. Mais tarde telefonou novamente com um tom diferente. Perguntou se eu falaria com ele. Seguiu-se então uma longa troca de palavras: K destruíra-o em todo o mundo; as pessoas pensavam que ele era um desfalqueador, etc. Tentei fazê-lo compreender e disse que, antes de mais, K não o atacara — pelo contrário — e que, se queria uma reconciliação, deveria responder através de Loebl à proposta de acordo que apresentáramos; essa era a porta para uma solução que todos desejávamos com a maior sinceridade. Pela ausência de resposta só podíamos concluir que ele não queria um acordo. «Como posso trabalhar com pessoas que

pensam que sou um desfalqueador?» Depois disse que não haveria acordo até existir uma reunião entre ele e K, que era uma questão pessoal. «Que Fundação?», disse ele. «Tu não estás envolvida nisto; é entre Krishnamurti, Rosalind e eu.» Repeti a afirmação de K de que não havia nada de pessoal para discutir — apenas o que dizia respeito à KW Inc. e à Fundação. Acrescentei que K estivera repetidamente disposto a vê-lo e que, em todas as ocasiões, Rajagopal impedira isso. O último telefonema em Roma era exemplo disso: fora desagradável e agressivo. «Eu não o insultei! Ele é um mentiroso, um hipócrita e um cobarde; esconde-se atrás de mulheres.» (Vanda e eu.) Finalmente desliguei.

O dia seguinte foi dedicado às malas e também a uma conversa telefónica com Sol Rosenthal, que relatou uma resposta desanimadora do advogado de Rajagopal, senhor Loebl. Queria saber se a nossa proposta a Rajagopal rejeitava a sugestão do procurador-geral Tapper (incorrectamente citada por Loebl) de que R ficaria com os direitos de autor do material posterior a 1968. À noite, Rajagopal voltou a telefonar querendo falar com K. K pediu-me que lhe dissesse que ele voltara a insultá-lo na conversa comigo e que, portanto, se tivesse alguma coisa a dizer, deveria escrever. Rajagopal ficou furioso, e eu desejei-lhe boa-noite e desliguei.

No dia seguinte, doze de Novembro, jantámos cedo, e Amanda Dunne levou Krishnamurti e a mim ao aeroporto de Los Angeles, onde embarcámos num voo da Pan American para a Austrália. Aterramos em Honolulu perto da meia-noite e, no suave ar tropical, caminhámos energicamente durante quarenta e cinco minutos em redor da sala de espera do aeroporto para fazer exercício e estimular a circulação. Outro avião levou-nos através do vasto oceano.

Aterramos em Sydney pela manhã. A imprensa e a televisão entrevistaram Krishnamurti e depois fomos recebidos por Reg e Mavis Bennett, Spencer Englich, Donald Ingram Smith e senhora Marsha Murray. Levaram-nos para Manly, um subúrbio de Sydney, para um agradável apartamento no décimo primeiro andar de um edifício novo sobre o porto, com uma vista esplêndida da baía. Tinham pensado gentilmente em tudo e organizado que viessem todas as manhãs com o que fosse necessário e preparassem o almoço.

Houve uma longa entrevista televisiva, mas a emissão mostrou apenas cerca de um minuto do que Krishnamurti dissera, concentrando-se sobretudo na história que ainda o perseguia acerca da sua chegada a Sydney em 1925, quando os australianos pensavam que ele chegaria caminhando sobre as águas. Os Bennett tiveram a gentileza de me levar a passear, onde vi coalas, emas e wombats, todos os tipos de papagaios de cores brilhantes, e aprendi pessoalmente que os cangurus têm pêlo macio, mas K, que já conhecia tudo isso, ficou em casa a descansar.

Realizou duas discussões públicas em Mona Vale e, a vinte e um de Novembro, deu a primeira palestra em Sydney para uma audiência de cerca de mil e quinhentas pessoas. Era dia de eleições, e alguns jovens bastante turbulentos, que por acaso distribuíam panfletos no local de votação ao lado, entraram e fizeram perguntas agressivas. Um deles aproximou-se da beira do palco e desafiou K sobre uma questão de mudança social. A resposta de K reduziu-o ao silêncio.

No dia seguinte houve uma segunda palestra, extremamente intensa, e a meio dela um jovem subiu ao palco e sentou-se, algo constrangido, aos pés de Krishnamurti. K, surpreendido apenas por um instante, pediu-lhe que se afastasse um pouco mais e continuou a palestra exactamente do ponto onde a deixara.

**Notas**

1. **Town Hall** — Town Hall, histórica sala de espectáculos e conferências em Nova Iorque onde Krishnamurti realizava frequentemente palestras.

2. **Harper & Row** — Harper & Row, importante editora responsável pela publicação de várias obras de Krishnamurti.

3. **The Urgency of Change** — The Urgency of Change, colectânea de diálogos e ensinamentos centrados na transformação psicológica imediata.

4. **Pan American** — Pan American World Airways, uma das mais conhecidas companhias aéreas internacionais do século XX.

5. **Manly** — Manly, zona costeira de Sydney conhecida pelas praias e pela vista sobre o porto.

6. **Mona Vale** — Mona Vale, subúrbio de Sydney onde ocorreram algumas das discussões públicas de Krishnamurti.

7. **Radha Sloss** — Radha Sloss, filha de Rosalind Williams Rajagopal, ligada desde a infância ao círculo próximo de Krishnamurti.

Krishnaji interrogara os Bennett acerca de como tinham sido os tempos de Leadbeater, porque razão as pessoas o aceitavam, etc. Sugeriram que K falasse com Harold Morton, que pertencera ao grupo de jovens em torno de Leadbeater, e ele veio almoçar no dia vinte e quatro: um homem de cabelo branco, rosto rosado e um ar de adolescente envelhecido que alguns homens conservam até tarde na vida. Falou com distanciamento e um leve humor acerca daqueles tempos distantes. K interrogou-o sobre porque acreditavam em CWL — como Leadbeater era chamado — e Morton respondeu que queriam acreditar em tudo aquilo, no sobrenatural, isto é, na sua suposta clarividência, e que ninguém ousava realmente questioná-lo.

K perguntou-lhe se Leadbeater fora homossexual, e Morton respondeu que sim. Disse saber disso por duas fontes: uma de um rapaz e outra do pai desse rapaz. K ficou horrorizado com a ideia de um homem usar assim a sua posição de confiança junto dos jovens. Discutiu-se a clarividência — a aparente autenticidade ao prever Krishnamurti como futuro Instrutor do Mundo e também ao antecipar o afundamento de um navio que acabou por ser o Titanic — mas também as dúvidas, quando ele enviou um telegrama pedindo notícias de um dos rapazes que já tinha morrido.

Nessa mesma manhã, K estivera na varanda voltada para o vasto porto de Sydney, observando a partida do porta-aviões SS *America*. Disse que seria divertido ser comandante daquele navio. Gostaria disso.

K deu a terceira palestra na Câmara Municipal de Sydney e, a vinte e seis, foi entrevistado na televisão. Prestou pouca atenção enquanto o entrevistador, chamado Ross Saunders, lia passagens de *The Penguin Krishnamurti Reader* acerca da crença. Depois K desmontou a crença e a religião organizada e prosseguiu com uma clareza renovada até ao fim da meia hora, abrangendo muito conteúdo com simplicidade e eloquência.

A quarta palestra teve lugar a vinte e oito. No final falou sobre beleza, perguntando se ela reside no objecto — o céu, as velas brancas no porto, uma pintura de Velázquez (que fora vendida em Londres no dia anterior por 2 200 000 libras, notícia que ouvira na rádio e lhe contara ao pequeno-almoço) — ou se está em nós. Disse que, enquanto houver um espaço entre nós e o objecto, não existe beleza. Só quando não existe o eu existe beleza. Estava cansado quando regressámos e saltámos o passeio.

Mas, no dia seguinte, após a quinta palestra, disse-me: «Não sinto que tenha estado a trabalhar aqui.» Disse que não estava cansado porque não fizera nada quando não estava a falar. Dormira, lera e caminhara. Nenhuma entrevista privada. Pediu-me que respondesse nos Estados Unidos aos pedidos de entrevista dizendo que não haveria entrevistas.

No dia trinta realizou uma segunda discussão privada no apartamento e ficou satisfeito com um casaco de malha que combinava com uma camisola bege que eu encontrara para ele mais cedo. Se eu visse algo de que achasse que ele gostaria, ou alguns bons romances policiais, deveria comprá-los para a chegada dele a Malibu. «Gosto de coisas novas», disse com o rosto iluminado, como uma criança.

Na noite seguinte disse-me para escrever apenas cartas que pudessem ser lidas por qualquer pessoa, pois o correio dele não era seguro na Índia, nem mesmo em Brockwood, já que as cartas podiam ser abertas por engano. Sobre Rajagopal, disse que eu, Erna e o advogado de Roth devíamos discutir o que seria melhor fazer e não esperar para o consultar. Não faria parte de litígios, mas, se decidíssemos prosseguir contra Rajagopal, então «tanto melhor». Disse que poderiam surgir decisões imediatas e que confiava em mim para as tomar. Se eu estivesse a agir por ele, de acordo com a própria realidade da situação e não por sentimentos pessoais, estaria certa. Disse que Rajagopal roubara e que ele, K, não aceitaria telefonemas dele nem de qualquer emissário seu. Disse que as questões poderiam ser sobre dinheiro, e nós (a KFA) deveríamos decidir.

Essa era a primeira coisa que queria dizer-me, e outra era que ultimamente se sentia cada vez mais «distante» e talvez estivesse a tornar-se «como eu era em criança — vazio». Disse que eu teria de tratar das coisas, fazer as coisas de forma anónima para que as pessoas não

ressentissem isso. «Temos de encontrar uma maneira.» Falou do livro em que estava a trabalhar e achava que deveria ter mais cinco capítulos. Eu devia enviar-lhe uma lista de perguntas colocadas para a secção dos estudantes do livro. Talvez acrescentasse mais algumas. Perguntei-lhe acerca de uma parte em que dissera: «Criaram uma geração sem respeito por nada.» Concordou que era demasiado duro e que eu devia alterá-lo. Disse sentir-se muito bem.

No dia seguinte, dois de Dezembro, terminámos o pequeno-almoço e estávamos prontos para partir às 9h45. Os Bennett levaram-nos ao aeroporto; tratei dos bilhetes e do controlo de passaportes de Krishnamurti. Havia pessoas para se despedirem dele. Tinha aquele olhar distante, e era difícil vê-lo partir sozinho naquele longo voo para Deli, que demorava dez horas via Hong Kong e depois mais seis horas e meia até Deli. Estava calor e ele usava uma camisa de algodão cinzenta. No aeroporto afastou-se e ficou a olhar em redor, enquanto esperava, como tantas vezes fazia nos aeroportos. Apertou formalmente a mão a todos nós e entrou no avião. Ficámos todos a observar a descolagem até se transformar num pequeno ponto branco no céu. Mais tarde nesse dia voei de regresso para a Califórnia.

## Capítulo Vinte

O ano de 1971 começou com Krishnamurti na Índia no seu habitual programa de palestras e conferências. Permaneci em Malibu, sobretudo a transcrever os ditados do livro sobre educação e a enviá-los a Mary Lutyens para edição.

Durante esse período recebi um telefonema de Rajagopal pedindo-me que fosse a Ojai, o que fiz a vinte e quatro de Fevereiro. Relatei isto e todos os outros assuntos a K, e ele respondeu regularmente por carta. A reunião realizou-se na casa de Rajagopal com Mima Porter presente; foi uma conversa de duas horas. Não teve qualquer carácter decisivo.

Ao regressar da Índia, Krishnaji voou de Bombaim para Roma a vinte de Fevereiro, depois para Brockwood no dia vinte e dois, e chegou à Califórnia a vinte e quatro, com boa saúde, energia e um aspecto magnífico. Dormiu quase todo o dia seguinte, mas conversámos

longamente, e ensinou-me novos exercícios respiratórios — pranayama — que acabara de aprender com um sannyasi de Bangalore.

Após quatro dias de descanso, K pediu-me que telefonasse a Rajagopal e o convidasse, juntamente com Mima Porter, para Malibu em nome dele. Rajagopal disse que não podia sair de Ojai; iríamos nós até lá? Ficou combinado, e marcou-se encontro para três de Março. Entretanto, no dia dois, K começou um novo ditado intitulado provisoriamente *This Is Meditation*.

No dia três conduzimos até à casa de Rajagopal — ele descalço e K elegantemente vestido com calças de flanela, camisola de gola alta e casaco de tweed. A senhora Porter chegou meia hora atrasada, por isso ficámos sentados a conversar socialmente. K, bastante descontraído, falava casualmente de acontecimentos e assuntos da Índia. Isto continuou durante algum tempo após a chegada da senhora Porter. Rajagopal parecia nervoso e incapaz de iniciar a conversa séria ou dizer aquilo que pedira a K para ouvir.

Krishnamurti era a figura calma e dominante e acabou por pedir a Rajagopal que falasse do que tinha para dizer. Rajagopal começou então uma diatribe: K atacara-o, manchara o seu nome, etc., etc. Krishnamurti explicou porque rompera com a KW Inc., disse que perdera completamente o contato com Rajagopal devido à recusa deste em informá-lo e que provavelmente nunca existira uma verdadeira relação entre eles. Isto pareceu abalar Rajagopal. A troca prosseguiu, K expondo factos da situação e Rajagopal tornando-se cada vez mais hostil. A certa altura, quando mencionei as incoerências dele, tentou silenciar-me dizendo que eu estava a proteger K. Respondi que estava apenas a responder ao que ele — Rajagopal — dissera e, por um momento, pareceu que ele iria desmoronar-se. Tremia. Quando confrontado pela lógica desviava-se e tentava confundir a questão. No fim de três horas, disse que K tinha de retractar todas as críticas, anunciar publicamente que se enganara, que Rajagopal não fizera nada de impróprio, e pedir desculpa. Só então, talvez, se poderia criar o clima adequado para discutir o que fazer com a KW Inc. e a KFA.

No dia seguinte K escreveu a Rajagopal dizendo que viera tentar encontrar uma base para algum contato com ele, que cabia agora a

Rajagopal responder através de atos — a ação dele seria a resposta; dependia dele.

Não houve resposta até chegar a K, a doze de Março, uma carta de Mima Porter insinuando «questões pessoais» entre K e Rajagopal e afirmando que Rajagopal se sentia magoado por K não ir falar-lhe abertamente e com sinceridade sobre o que acontecera às escondidas. Acrescentava que esse era o assunto crucial que Rajagopal queria esclarecer numa conversa privada com K; daí a exasperação de Rajagopal quando K apenas queria discutir assuntos da KW Inc. e não «aquele cadáver que apodrece entre vocês». E acrescentava que Rajagopal era a vítima. A isto K respondeu-lhe: «Se existissem problemas entre Rajagopal e eu, não vejo que sejam assunto de mais ninguém. O facto é que não existem questões pessoais que necessitem de discussão entre Rajagopal e eu. A constante insinuação de algo pessoal é uma tentativa muito óbvia vossa, de Rajagopal e de outros, para evitar a séria questão da KW Inc. e as graves responsabilidades que vocês têm perante esse Trust.»

A vinte e um de Março, Rajagopal escreveu a K dizendo que era óbvio que K desejava pôr fim à relação pessoal e amistosa entre ambos, mas que ele pretendia continuar o seu trabalho em prol dos ensinamentos. A vinte e quatro de Março, K pediu-me que telefonasse a Rajagopal para lhe dizer que desejava vê-lo, assim como à senhora Porter, e que tinha algo muito sério a comunicar. Foi marcada uma data para uma semana depois, posteriormente adiada por Rajagopal.

Durante esse período Alain veio duas vezes de Berkeley e ficou em casa. A vinte e seis de Março apareceu com o professor Jacob Needleman e a esposa deste, e gravou em áudio um diálogo entre K e Needleman. Nesse fim-de-semana gravei também duas conversas entre K e Alain. Por essa altura, K realizou igualmente duas discussões com estudantes da Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles.

A dois de Abril teve lugar a reunião seguinte com Rajagopal, em casa dele. Estava um dia quente, e Krishnamurti disse querer ficar ao ar livre, por isso sentámo-nos numa varanda. Mima Porter também estava presente. K trouxera uma lista escrita pela sua própria mão com os pontos que desejava abordar. Disse que aquela era a sua última tentativa de pôr ordem na situação. Falou das razões da ruptura: a recusa de Rajagopal em

informá-lo e consultá-lo; as actividades limitadas da KW Inc.; a eliminação sistemática de K como fundador, planeada por Rajagopal; cartas de James Vigeveno, Byron Casselberry e Mima Porter, todas ameaçadoras, sendo que as de Vigeveno e Casselberry eram consideradas extorsão pelo nosso advogado; a promessa quebrada de Porter em Paris acerca dos arquivos; a proposta de acordo de Noyes apresentada por Rajagopal e depois negada; o uso de dinheiro da KW Inc. por Rajagopal para combater K; e o facto de Rajagopal mostrar cartas e espalhar histórias pessoais a várias pessoas, tornando-as assim públicas.

Rajagopal e senhora Porter permaneceram em silêncio durante tudo isto. Krishnamurti falava devagar, quase hesitante. Depois a senhora Porter contestou a afirmação de que não fizera nada e disse que escrevera a K em 1968 afirmando que Rajagopal lhe entregaria tudo. K respondeu que nunca recebera essa carta. Recordei-lhe então que ela escrevera que Rajagopal amava K e que deveriam conversar calmamente no Outono e resolver tudo nessa altura, e que, quando K fora a Ojai, aquilo acabara por ser um afastamento e não uma oferta verdadeira. Rajagopal respondeu então que fora acusado, que «o vosso advogado desenterrou informações», e que precisava de oportunidade para as refutar. A senhora Porter continuou a falar das cartas críticas recebidas por Rajagopal, e eu disse que o fim de tudo aquilo, se era tão doloroso, estava na porta aberta da proposta de acordo — uma reconciliação digna e a união de esforços. Quando Krishnamurti afirmou que os fundos da KW Inc. estavam a ser gastos em advogados, Rajagopal respondeu que os nossos fundos faziam o mesmo, e eu repliquei que nem um dólar de donativos públicos fora gasto com esse propósito — apenas dinheiro privado, especialmente doado para isso, fora usado em honorários jurídicos.

Rajagopal insistia que apenas uma reabilitação pública o satisfaria, que a reconciliação com K não bastava. Respondemos então que era inútil prosseguir; ele escolhera levar a questão a tribunal. Disse que éramos nós que fazíamos isso — que oferecíamos reconciliação numa mão e uma arma na outra. Começámos a sair. Rajagopal disse querer uma conversa privada com K e que depois o trabalho, etc., poderia ser repartido numa discussão entre todos nós. K respondeu que aceitaria. Disse, porém, que estava demasiado cansado naquele momento e precisava de partir. Saiu para o carro. Levantei-me para sair, e Rajagopal disse ter os «papéis Dodge», que eu pedira para K. Tratava-se de um extrato do First National City Bank, em

Nova Iorque, e de um livro de cheques de uma conta em nome de K num banco Security Pacific, em Hollywood.

Seguiram-se um ou dois dias de descanso. Ir ao cinema parecia uma boa ideia, mas, perante uma possibilidade — um filme chamado *Wellington* — K disse: «O quê! Ir ver o meu herói favorito derrotado?!» Nunca compreendi totalmente a sua simpatia por Napoleão. O passeio da tarde limitou-se a voltas e mais voltas ao jardim, e falhei novamente nos meus esforços diários para impedir que ele levasse os pratos para a cozinha. K disse: «Se não puder fazer isto, volto para Madanapalle!»

«Quer ser o Rishi de Rishi Valley?», perguntei.

K: «Sim.»

A cinco de Abril regressámos a Ojai para uma reunião dos administradores da KFA em casa dos Lilliefelt e, à tarde, fomos a casa de Rajagopal. Ele e K conversaram na varanda enquanto eu permanecia no carro, sendo depois acompanhada, uma hora mais tarde, por Mima Porter. Não discutimos nada de sério e, cerca de vinte minutos depois, Krishnamurti chamou-nos para nos juntarmos a ele e a Rajagopal, dizendo que tinham concluído uma conversa pessoal e que queria que Rajagopal repetisse diante de mim a sua proposta.

Rajagopal descreveu-a como a oferta que fizera através do coronel Noyes em 1968, com algumas modificações. Perguntei-lhe porque retirara essa proposta e depois a negara. Rajagopal respondeu que fora porque K «exigira que os arquivos lhe fossem entregues». Salientei que esse pedido só surgira depois de Rajagopal ter mandado dizer que K teria de recorrer aos tribunais para obter uma gravação da palestra que dera no dia anterior em Ojai e também lhe recusara o seu próprio manuscrito. «Nego isso», disse Rajagopal.

«Não pode negá-lo a mim», respondi. «Vim até esta mesma porta com Alain Naudé em nome de Krishnamurti para pedir isso e foi-nos recusada a entrada.» Disse que não me recordava dos detalhes do memorando Noyes e perguntei se ele poderia pedir ao senhor Loebl que o enviasse aos nossos advogados. Rajagopal respondeu que não queria fazê-lo através de Loebl e que ele e Mima Porter o redigiriam e no-lo enviariam. Depois todos nós, juntamente com os nossos advogados, poderíamos analisá-lo com o senhor

Tapper e, se chegássemos a acordo, os advogados dariam forma jurídica ao entendimento.

Durante toda a conversa Rajagopal alternava entre irritação, prontidão para perder a calma e insistência obsessiva, o que levava K a tentar impedi-lo de martelar os mesmos pontos, o que por sua vez deixava Rajagopal ainda mais irritado. Tentei acalmar a situação para que ele explicasse realmente o que estava a propor. Naturalmente queria uma declaração de K retirando as acusações.

Partimos, e Krishnamurti contou-me o lado pessoal das conversas. Rajagopal acusara-o de se ter intrometido no processo de divórcio dele com Rosalind. K falou-lhe então da visita dela a Malibu, a mim e a ele. Ficou a dúvida se Rajagopal sabia disso, embora provavelmente soubesse. Outra dúvida era se Rajagopal gravara secretamente aquilo que K dizia. Quando entrávamos de carro na propriedade de Rajagopal, as minhas últimas palavras tinham sido um pedido para que se lembrasse de que isso podia acontecer.

«Esqueci-me completamente», disse K. «Olhei para as montanhas e esqueci tudo.»

Regressámos a casa dos Lilliefelt, conversámos um pouco e depois seguimos para casa. Pelo caminho K disse sentir-se livre de um peso — o peso de Rajagopal. Só mais tarde começou a perguntar-se se teria dito demasiado. Disse ter feito tudo o que podia para chegar até Rajagopal, indo muito além da metade do caminho na tentativa de resolver a situação, e que nunca mais deveria encontrar-se sozinho com Rajagopal. «Não sei lidar com pessoas assim. Tornar-me-ia vago e concordaria com qualquer coisa. Foi isso que aconteceu no passado.»

**Notas**

1. **Jacob Needleman** — Jacob Needleman, conhecido pelos seus trabalhos sobre filosofia, religião comparada e espiritualidade contemporânea.

2. **Universidade do Sul da Califórnia** — University of Southern California, universidade privada norte-americana onde Krishnamurti realizou discussões com estudantes.

3. **KW Inc.** — Organização ligada às publicações e gestão dos ensinamentos de Krishnamurti, controlada durante muitos anos por Rajagopal, e centro do conflito jurídico e institucional descrito neste trecho.

4. **Pranayama** — Pranayama, conjunto de técnicas tradicionais indianas de controlo e regulação da respiração associadas ao ioga.

5. **Sannyasi** — Termo indiano usado para designar um renunciante espiritual ou asceta, geralmente associado à tradição hindu.

6. **Madanapalle** — Madanapalle, cidade natal de J. Krishnamurti.

7. **Rishi Valley** — Rishi Valley School, escola fundada por Krishnamurti na Índia, associada à sua visão educativa.

Dois dias mais tarde, chegou um memorando de Rajagopal sobre a base de acordo que ele tinha mencionado. Propunha a entrega de "parte dos bens imobiliários", mas estava redigido de forma tão estranha, com as expressões "valor de avaliação" e "valor venal", que não ficava claro se ele a daria ou se a venderia. Não havia qualquer menção a Arya Vihara, ao KR Trust ou ao Annie Besant Trust. Ele pedia fundos para salários da KW Inc. Parecia que iria ficar com os ativos que tinha transferido para a KR, os arquivos e parte das terras. O que a KFA viria a receber era problemático. Li-o à Erna pelo telefone e, depois, a David Leipziger, que iria discuti-lo com Sol Rosenthal. Após fazê-lo, eles não acharam que o memorando conduzisse a um acordo, mas pensaram que devíamos responder sob a forma de uma carta da Erna, da Ruth Tettemer e minha, na qualidade de administradores, mantendo K fora disso, e pedindo esclarecimentos sobre os pontos de Rajagopal, ao mesmo tempo que declarávamos que continuávamos, devido à longa demora, a explorar outras vias de ação. A Erna ficou de redigir o rascunho da carta.

A Erna, o Theo e a Ruth vieram no dia nove com o rascunho, grande parte do qual feito por Leipziger. A Erna e o Theo tinham consultado o mapa de avaliação do condado e descobriram que um pedaço de terra de onze acres fazia parte de vinte e três acres da Happy Valley School, o que

parecia indicar que Rajagopal ficaria com a maior parte dos quinze acres em redor da sua própria casa. A Erna, a Ruth e eu éramos o comité da KFA para assinar a carta e com quem ele teria de fazer o acordo, já que K não queria fazer parte das negociações de acordo. A Erna dactilografou de novo a carta com algumas pequenas alterações, e nós assinámo-la.

O domingo, dia onze, começou com o bufo-real a emitir o seu som na penumbra pálida antes do amanhecer, e um corrupião-de-bullock banhava-se e limpava as penas à medida que a manhã resplandecente crescia. K tinha dormido bem e tomado o pequeno-almoço quando disse sentir que devia telefonar a Radha Sloss, porque tinha dito que o faria. O que se seguiu foi uma tirada dela, massacrando K. O pai dela poderia ir para a prisão. K disse que isso dependia de Rajagopal. Tinha-lhe sido oferecido um acordo para apagar o passado, mas Rajagopal não o tinha aceitado. Se ele fizesse o acordo, K faria uma declaração pública de reconciliação. "Devia fazê-la primeiro", disse a Radha. "Você só se importa com dinheiro!" Ela repetiu isto vezes sem conta quando K disse que dependia de Rajagopal, que a saída tinha sido oferecida. "Não aceito isso. Você disse-me há três anos que não teria nada a ver com a KW Inc. enquanto ele estivesse à frente dela." À semelhança de ambos os pais, ela reiterava o que fora dito no passado como se o presente não existisse. O ralar de dentes exasperante dela deixou Krishnaji a tremer, pior do que nos seus encontros com Rajagopal. Estava exausto na altura em que conseguiu pôr fim à conversa. Uma hora mais tarde, ela voltou a ligar e disse que o pai tinha oferecido um acordo e não tinha obtido qualquer resposta. K disse que lhe chegaria na segunda ou na terça-feira, "as outras pessoas também estão ocupadas". "Você já se terá ido embora. Com quem é que ele vai tratar?" K disse que estava fora do assunto e que a KFA responderia. Quando esta conversa terminou, K disse que nunca mais veria nenhum deles a sós, que eu me devia lembrar disso e protegê-lo deste tipo de intimidação. Perguntei se tinha a sua permissão para responder imediatamente, caso eles telefonassem, e tratar disso diretamente sem ir junto dele perguntar o que queria que fosse dito. Ele disse-me para o fazer eu própria.

No dia seguinte, doze de abril, voámos para Nova Iorque e ficámos num pequeno apartamento que pertencia ao meu pai. Dois dias mais tarde, voámos para Washington e para o Shoreham Hotel, onde K tinha sido convidado para falar perante a Sociedade Americana de Editores de

Jornais. Essa conferência realizou-se no dia seguinte e o seu foco centrou-se no futuro. O tempo era curto e, embora K tivesse falado com força e de forma direta, sentiu depois que tinha sido um desperdício. Voámos de regresso a Nova Iorque onde, a dezassete de abril, ele deu a sua primeira palestra. Tinha estado mal do estômago à hora do almoço e não comeu quase nada, mas depois de uma sesta que durou até às quatro e de uma chávena de chá de perpétua-das-boticas, dirigiu-se ao Town Hall para a primeira das suas palestras em Nova Iorque. A sala estava cheia e houve pessoas que tiveram de ser mandadas para trás. K não mostrou sinais de fraqueza e, quase desde o início, a sua voz teve aquele tom profundo que era para mim uma "alteridade", surgindo mais frequentemente numa fase avançada da palestra. O público tinha uma grande proporção de jovens que pareciam escutar com atenção. K ficou tonto e distante depois, e parecia quase a desfalecer, mas quando regressámos ao apartamento, quis sentar-se à mesa onde jantámos e quis mesmo ligar a televisão. "Ajuda-me a descontrair", disse ele. Na palestra, ele tinha dito que o pior crime é estar em conflito, e mais tarde disse-me para me lembrar de lhe dizer: "O conhecimento é a base para a mente ser ferida." Durante a palestra, um homem tinha trazido uma rosa vermelha brilhante e colocado-a aos seus pés e, mais tarde, quando ele pareceu tossir, outra pessoa trouxe-lhe um copo de papel com água. K colocou-o no chão do palco e, vendo a flor, tentou pôr o seu pé no copo de papel com água. Ainda mais tarde, disse-me: "Aquele homem na plataforma deve saber imenso", e falámos da dor por oposição ao sofrimento. "A dor pode ser sentida organicamente ou através da sensibilidade, mas o sofrimento ocorre quando a mente se agarra a ela."

No dia seguinte, ele sentia-se bem e deu a sua segunda palestra no Town Hall às 17h30. Durante o dia, tinha falado de Rajagopal e de Rosalind e do que faz as pessoas extraviarem-se. Perguntei se alguma vez houve um momento em que Rajagopal e ele falassem sobre os ensinamentos, sobre todas as coisas de que nós falávamos, e ele disse que nunca.

Ao longo da semana, fomos dar passeios e fizemos algumas compras. O Sr. Clayton Carlson, o recente chefe do departamento de livros religiosos da Harper & Row, trouxe a Sra. Rosen da revista Time para entrevistar K e, noutro dia, ele foi entrevistado pela CBS Radio. Certa noite, ele disse-me

de repente: “Os anjos estão a cuidar de ti. Eles cuidarão de ti quando eu partir.” Repetiu-o e, no dia seguinte, perguntou-me se me lembrava do que ele tinha dito. Repeti-o e perguntei o que tinha querido dizer. “Devias ter perguntado ao homem na altura”, disse ele. “Provavelmente significava que estás protegida agora e estarás depois de eu morrer.”

A vinte e quatro de abril, K disse que durante a noite sentira como se o seu cérebro estivesse a ser operado. Havia dor, e o corpo estava “assustado”. Se eu estivesse acordada, ele teria falado comigo e teria “ido para longe”. O curioso é que eu estivera bastante acordada durante a noite. Ao almoço, ele parecia “distante”, remoto, um pouco desligado, e disse que se sentia completamente vazio. Às 17h30, deu uma grandiosa palestra (the third at Town Hall) sobre o relacionamento, “a corrupção é a ausência de relacionamento”, o amor e a morte. Desta vez, falou durante uma hora e depois demorou mais de meia hora a responder a perguntas. Parecia exausto quando nos sentámos para jantar, ainda no estado da palestra, com as mãos frias. Depois, relaxou, e a televisão funcionou como uma aspirina.

A quarta palestra foi no dia vinte e cinco. No dia seguinte, levámos os Lilliefelt a almoçar a um restaurante italiano e discutimos assuntos da KFA. Não houvera qualquer resposta de Rajagopal desde a nossa carta para ele. Na noite de vinte e oito de abril, voámos para Londres.

## Capítulo Vinte e Um

A primavera estava mesmo a começar em Brockwood; as árvores ainda estavam despidas, mas as ninfas estavam radiantes. Após dois dias de descanso, fomos de carro tomar chá com a Mary e o Joe Links em Blackdown, a sua propriedade de campo perto de Haslemere. Alain, acabado de chegar da Califórnia, estava lá. Fomos todos dar um passeio por entre os jacintos-dos-bosques.

K falou aos estudantes e à Mary Cadogan e aos Digby. Depois, a cinco de maio de 1971, voámos para Paris e ficámos no Plaza Athénée. O propósito da viagem era eu ver o meu pai doente e levantar o novo Mercedes que eu encomendara anteriormente para entrega na primavera. Havia algumas compras a fazer em Paris e, enquanto eu estava com o meu pai, K foi ao cinema com Marcelle Bondonneau. No dia sete, o carro foi trazido pelo concessionário, o Sr. Moser, que o conduziu desde Thun, na

Suíça. Tinha um aspeto esplêndido, K ficou satisfeito, e mandámos colocar a bagagem, regressando depois ao hotel para um almoço agradável no restaurante Régence. Na atmosfera de um restaurante assim, a elegância de Krishnamurti fazia dele a personificação de toda a aristocracia que o passado alguma vez produzira. Vestia o seu blazer azul-escuro, o melhor corte das suas roupas da Huntsman, e estava soberbo; também tão inocente como uma criança de belos modos. Sentíamo-nos em festa: o carro novo, os cheiros delicados de um restaurante francês muito bom, o conforto, a diversão, a expectativa da viagem. Havia também aquele sentido de aventura descontraído que frequentemente surgia em tais ocasiões. Para mim, havia a diversão de lhe proporcionar diversão — pequenos mas decorativos adornos para o entreter e aos quais ele era tão sensível como aquela criança. Depois, pela primeira vez no carro novo, subimos até à Étoile e continuámos, rumo ao norte. Conduzia-se como se estivesse no ar. K fez-me ir devagar para a rodagem do carro e pegou no volante durante uma hora. Chegámos ao Château de Montreuil, onde parámos nos quartos da nossa primeira visita, e depois jantámos, sentindo-nos muito bem. Mais tarde, no dia seguinte, K disse ter tido uma forte meditação durante a noite. Por alguma razão, ele parecia tê-las nesses hotéis singulares, como se o facto de estar longe da atenção das pessoas focada nele tivesse algo a ver com isso. Eu temera que a viagem fosse cansativa para ele, surgindo em cima de tudo o que ficara para trás, mas ele disse que não, que quebrava a presença de pessoas. Deixámos Montreuil de manhã em direção a Boulogne e apanhámos o *hovercraft* para Dover, em trinta e cinco minutos, a nossa primeira vez num. K viajou de pé todo o caminho, absorvido a olhar pela janela. Conduzimos pelo sul de Inglaterra num dia quente e solarengo, parando para um almoço de piquenique algures a oeste de Hastings. Em Montreuil tinham-nos preparado sanduíches que se revelaram enormes — metade de uma baguete com bom queijo da Normandia e manteiga. Conduzimos ao longo da costa sul quase até Portsmouth e depois para o interior até alcançarmos a ruela para Brockwood pelas 18 horas.

A dez de maio, fomos a Londres e almoçámos com a Mary Links e o Alain. K e eu fomos depois a casa da Mary na Hyde Park Street, e ele contou-lhe a história essencial dos seus anos com os Rajagopal, que ela desconhecia. Fez-me descrever o ambiente de quando estive em Ojai com ele e com o Alain em 1966 e as razões para a minha estimativa de que ambos os R tinham trabalhado juntos para tentar dominar e controlar K.

No dia seguinte, depois de ter dado ao carro novo a sua primeira lavagem de manhã, K e eu conduzimos até Heathrow para ir buscar Nandini Mehta, a sua filha Devi Mangaldas e os seus dois filhos pequenos, que tinham vindo todos de passar dez dias com Vanda Scaravelli em Roma. Ficaram na Ala Oeste até voarem para Toronto no dia dezasseis. Depois, a dezassete, Krishnaji e eu voámos para Amesterdão, onde Anneke Korndorffer se reuniu connosco, e fomos para Huizen, onde o Professor e a Sra. Van der Ven estavam a emprestar a K a sua casa para a sua visita. Estavam lá para o saudar e depois partiram; nós desfazemos as malas e K, Anneke e eu jantámos. Houve uma reunião da Krishnamurti Stichting no dia seguinte: Anneke, Professor Van der Ven, Tilly Von Egmond e o Sr. Perizonius. As atividades presentes e futuras foram discutidas. Para um dos passeios da tarde, K e eu revisitámos o belo bosque perto do celeiro onde tínhamos vivido quatro anos antes.

Krishnaji começou as suas palestras de Amesterdão a vinte e dois de maio no RAI, onde o público transbordou da sala principal para uma outra. Foi uma palestra longa e forte. Voltámos para almoçar e, após um descanso e o chá, fomos novamente caminhar no pequeno bosque. Houve mais três palestras e depois, também no RAI, K manteve uma discussão com várias centenas de jovens de aspeto triste e desalinhado. Voámos de regresso a Brockwood no dia vinte e sete.

Num chá em Blackdown, com a Mary e o Joe, discutiu-se um livro de diálogos de K editado na Índia. K concordou em lê-lo e, subsequentemente, trabalhou na sua revisão. Pupul Jayakar veio por dois dias e K discutiu os diálogos com ela. Ela corrigiu dois deles à sua maneira. K foi convidado a falar na Bedales School e assim o fez. Fui brevemente a Paris para ver o meu pai.

A vinte e dois de junho, Krishnaji sentiu-se doente. Pensou ser de algo que tinha comido, mas não apresentava sintomas especiais. Sentia simplesmente que não conseguia levantar-se e por isso ficou no seu quarto, ou na cama ou sentado na poltrona. Disse: “Sinto que se passasse pela porta, poderia morrer. A parede entre o viver e o morrer é muito fina; sempre foi assim comigo. De repente, estará lá. Hoje não.” Disse-me que eu não me devia enervar com a sua doença, senão isso enervá-lo-ia a ele e ele não me contaria. Parecia melhor à noite e comeu um jantar bastante

bom. Estava suficientemente bem no dia seguinte para fazer uma sessão gravada de perguntas e respostas para a televisão holandesa com um Sr. Van Praag no salão da Ala Oeste e, mais tarde, fomos dar um passeio com o cão da Dorothy, o Whisper. Dois dias depois, K teve uma prova de roupa em Londres e, pela primeira vez, almoçámos no Fortnum and Mason. O restaurante L'Aperitif, de que ele gostava, já não existia, pelo que o Fortnum foi tentado por ser convenientemente perto do seu alfaiate, ao lado da Hatchards para livros, e por ser relativamente silencioso. Tinha estado livre da febre dos fenos na cidade, mas de volta a Brockwood tossiu bastante de noite. Dois dias mais tarde, estava suficientemente bem para dar uma palestra muito boa aos estudantes sobre qual era a coisa mais importante nas suas vidas. “Para mim é ser nada.”

A vinte e nove de junho, deixámos Brockwood e conduzimos até Dover, descobrimos que o *hovercraft* tinha sido cancelado e, por isso, apanhámos o *ferry* para Boulogne. Passámos a noite no Château de Montreuil e, de manhã, K disse que tinha dormido bem devido ao alívio da pressão, que se acumula quando ele fica num sítio e a atenção das pessoas se concentra nele. Com ele a conduzir parte do caminho, rumámos a Paris, mas era eu que estava ao volante quando nos aproximámos da cidade. Em viagens longas, por vezes eu descalçava os sapatos e, nesse dia, após contornar a Étoile e descer os Champs-Elysées, pesquisei pelo meu sapato direito e bati num carro que travou de repente à minha frente. Pequenos danos, na sua maioria na grelha do meu carro, e apenas um farolim partido para o condutor furioso, que pensou que eu era suíça porque o Mercedes tinha matrículas suíças. O meu único pensamento era levar K rapidamente e sem demora para o Plaza Athénée, por isso, com desculpas e a oferta de pagar pelos estragos, abri a minha mala e o homem, zangado, levou todos os francos visíveis — o suficiente para uma série de farolins. A partir disto, K felizmente admoestou-me ao longo dos anos para “nunca mudares de sapatos no meio dos Champs-Elysées”.

Depois de eu ter visto o meu pai, almoçámos cedo no dia seguinte e, esperando evitar o trânsito de um de julho, rumámos a sul. Uma vez fora de Paris, conduzimos devagar, com Krishnaji cheio de deleite a deslizar pelo campo, até alcançarmos Saulieu, onde jantámos bem e passámos a noite. No dia seguinte, continuámos através de Dijon, parámos para almoçar em Dole e alcançámos Genebra e o Hôtel du Rhône a meio da tarde. Seguiram-

se os habituais afazeres de encomendar gravatas — escolhendo cuidadosamente algumas para o Joe Links e algumas para si próprio — e depois à Patek Philippe para o seu relógio de bolso ser regulado. Ele retirou um prazer evidente de isto ser feito meticulosamente.

No dia seguinte, três de julho, após o almoço, conduzimos ao longo do lago até Lausana e depois subimos a estrada familiar em direção às montanhas. O ar estava radiante com o verão e, nos campos, as máquinas revolviam o feno ceifado; uma cena soalheira, mas, infelizmente, febre dos fenos para K. Vanda e Fosca estavam à espera no Chalet Tannegg, e foi bom vê-las. K passou os dias seguintes na cama. Vanda e eu conversámos e caminhámos. Discutimos a sua saúde e ela adiou a sua partida para Florença até que o Dr. Pierre Schmidt fosse consultado e enviasse remédios para a congestão no peito de K.

Uma trovoada limpou o ar e, por volta de treze de julho, K sentia-se melhor e quis vir comigo a Thun para ir buscar o meu carro, que estava a arranjar a grelha devido ao encontro em Paris. K conduziu e, no caminho, disse ter tido uma maravilhosa meditação durante a noite. Perguntei o que a tornava "maravilhosa", especial? Seria a intensidade, o conteúdo? Ele disse: "Ambos", mas quando perguntei se tinha realmente conteúdo, ele disse: "Claro que não." Seria um sentimento sem conteúdo, sem palavras? Ele disse que sim. E que fora durante o sono; continuou quando ele acordou e se levantou a meio da noite e quando voltou para a cama.

O meu carro parecia impecável outra vez. O Sr. Moser tinha uma brochura sobre o mais recente modelo desportivo da Mercedes, e os olhos de K iluminaram-se. Conduzimos de volta nos dois carros, com o meu a seguir atrás. Era tocante observar o pequeno carro prateado, conduzido de forma irrepreensível, serpenteando com precisão ao longo da estrada, com a cabeça e os ombros mal aparecendo através da janela traseira.

Em Gstaad, a Erna e o Theo Lilliefelt tinham chegado de Ojai. Não tinham notícias de Rajagopal, mas disseram que ele tinha até quinze de julho para apresentar justificações ao procurador-geral sobre o motivo pelo qual nós não deveríamos instaurar um processo. Balasundaram chegou, assim como Mary Cadogan, os Biascoechea e Pupul Jayakar. Houve discussões sobre publicações e vários assuntos da Fundação. Pupul queria

que a Índia ficasse com os direitos de autor, e isso levou a uma longa conversa. Acabei por sugerir permissão para publicar na Índia, mas os direitos de autor ficarem retidos por Inglaterra, e isto foi aceite. Pupul também resistia a que K estivesse no conselho da KF India, dizendo que não era adequado para um homem religioso ter a ver com assuntos de negócios, mas isto era essencial para as duas Fundações ocidentais após verem o que tinha acontecido na KW Inc. No final, Pupul concordou com um título especial para ele, tal como "Fundador". Ela e Balasundaram partiram, Sacha de Manziarly veio por uns dias, Mar de Manziarly também estava lá, e as palestras começaram. No dia vinte e três, fomos buscar Dorothy e Montague Simmons e fomos novamente a Thun, onde foi feita uma encomenda para um futuro Mercedes, sendo o atual prateado usado na retoma. Apanhámos o pequeno vapor do lago até Beatus para almoçar. Os astronautas da Apollo 15 aterraram na Lua, e K assistiu a isso com interesse na televisão, mas achou triste que uma bandeira fosse lá plantada. Estava calor na tenda onde ele dava as suas palestras e ele sentia-se cansado e quase doente, mas continuou a ver pessoas e, quando a sétima palestra terminou, iniciou sete discussões diárias com o público. Convidou os Simmons a mudarem-se para Tannegg, onde poderiam descansar mais do que a viver no seu Land Rover no parque de campismo de Saanen.

Houve uma reunião do Comité do Encontro de Saanen; falei com a Vanda em Roma e renovámos o arrendamento de Tannegg para o ano seguinte. Havia convidados para o almoço, coisas constantes para serem discutidas e decididas, mas sempre o passeio da tarde ao longo do rio, e outra viagem com a Dorothy e o Montague no pequeno vapor do lago, desta vez para Interlaken e de regresso a Thun. Levámos connosco um almoço de piquenique e, na viagem de quatro horas e meia, K viajou de pé grande parte do caminho, observando o verde-jade profundo das águas e as montanhas Eiger, Mönch e Jungfrau, majestosas nas suas neves. Foi um dia pacífico e distante.

A catorze de agosto, chegou um telegrama de David Leipziger dizendo que se tinha reunido com o Sr. Tapper e com o novo advogado de Rajagopal, chamado Rothman, a pedido deste, no qual se discutiu um acordo nos moldes do memorando que nós elaborámos. Nele, Rajagopal e o conselho da KW Inc. demitir-se-iam, e o controlo passaria para a KFA, mais duas ou três outras pessoas com formação editorial ou educacional.

Todas as propriedades, arquivos, etc., seriam entregues; Rajagopal faria algum trabalho editorial limitado, mas os direitos de autor iriam para a KFA. Tapper queria que os administradores da KFA fossem residentes na Califórnia, mas que K não fosse membro devido à sua idade e viagens constantes. Pensava que a KW Inc. poderia ser mantida como a forma mais fácil de realizar as coisas, em vez de a dissolver. Leipziger queria uma resposta rápida da nossa parte que pudesse transmitir a Tapper, o qual a apresentaria a Rothman, que teria uma resposta do seu cliente no prazo de uma semana. K disse: "Eu sabia que algo tinha acontecido." Entretanto, a Erna e o Theo tinham partido, mas apanhei-os num hotel em Genebra e disse-lhes que K queria que eles regressassem imediatamente, o que fizeram de pronto, mudando-se para os quartos do andar de baixo que os Simmons tinham acabado de deixar. Chegaram à tarde, e nós os quatro conversámos durante duas horas e depois ligámos para Leipziger em Beverly Hills. A Erna anotou tudo em estenografia durante uma hora.

A dezanove de agosto, enquanto a Erna, o Theo e eu terminávamos o pequeno-almoço, Krishnaji entrou e iniciou uma conversa até chegar a hora de partirmos todos para almoçar a casa dos Biascoechea. Começou casualmente por perguntar quando poderíamos ter notícias dos nossos advogados sobre os resultados da proposta de acordo de Tapper para Rajagopal. Depois perguntou, como fizera tantas vezes, o que correra mal com Rajagopal. Ele tinha sido inteligente, capaz quando jovem, escolhido para o trabalho por Leadbeater, embora nunca tivesse sido realmente estimado por ele, nem a Sra. Besant fora próxima dele. Era filho de um juiz distrital, tinha um ar de quem esperava ser servido. Recusava-se a fazer o que quer que fosse com as mãos. Em Ojai, era K quem limpava sempre a sujidade do cão, e Rajagopal tinha sempre razões pelas quais não podia fazer a lavagem da loiça. Teria Rajagopal permanecido teosofista no coração ou na realidade todos aqueles anos? Teria ido com K para liderar K de volta, eventualmente, à Teosofia? K não achava que sim. A Erna lembrou-se de uma conversa com Rosalind sobre "devolver" a Happy Valley School à ST quando a Erna trabalhava lá anos atrás, e que Rosalind Rajagopal se considerava a representante da Sra. Besant. Também que Annalisa Rajagopal (a sua segunda esposa) se associou à Sociedade Teosófica após casar com Rajagopal. K falou das incessantes discussões descarregadas em cima dele por ambos os Rajagopal e que era surpreendente que não tivessem disparado contra ele. Rosalind tinha

pegado num martelo e batido com ele na sua cabeça enquanto seguiam num carro; na Índia tinha tentado bater-lhe com uma garrafa, o que foi presenciado por alguém ali; tinha-lhe dito para se atirar para debaixo de um comboio uma vez numa estação; e tinha-lhe batido nas virilhas com o joelho de tal forma que ele ficara sem conseguir andar durante um dia. Porquê, perguntei eu, não se tinha ele afastado de tais pessoas depois de tudo isto? "Não sei", disse ele. Falou da proteção do rapaz quando era jovem, sempre dois iniciados a acompanhá-lo, tendo a alimentação certa, a necessidade de proteção do corpo, etc. Mas se o corpo era atacado por Rosalind, por que razão era ela tolerada tanto por ele como pelas forças que estivessem a cuidar dele? Por que razão ninguém o ajudou a sair desta situação até que o Alain e a Mary surgiram, e depois a Erna e o Theo Lilliefelt? Perguntei-lhe se Rajagopal e Rosalind alguma vez tinham tentado influenciá-lo no seu discurso. "Nunca", disse ele. "Eu não teria tolerado isso." De repente, pareceu-me claro. Perguntei se era o caso de, perante um ataque pessoal, ele não fazer nada, mas se fosse feita uma tentativa de influenciar os ensinamentos, ele não o teria tolerado por um instante. "O que teria feito?", perguntei. "Teria partido", disse ele.

## Capítulo Vinte e Dois

Partimos de Gstaad a vinte e dois de agosto de 1971, de manhã cedo, quando ainda estava escuro, entrámos em França e parámos para comprar croissants para o nosso pequeno-almoço de piquenique numa pequena curva à beira da estrada. Chegámos a Paris no início da tarde, fomos ver um filme de John Wayne e jantámos nos nossos quartos no hotel. Houve dois dias de descanso, algumas compras e outro filme; e no dia vinte e cinco seguimos de carro para Montreuil para passar a noite, antes de apanharmos o *hovercraft* de Boulogne para Dover e, assim, chegarmos a Brockwood ao fim da tarde. Soube bem estar de volta. Tudo estava belo e pacífico. K retomou os ditados; fomos a Londres ao dentista de K e almoçámos com Mary L. e Alain.

Havia uma grande multidão para o início das palestras de K em Brockwood, a quatro de setembro, e todos, incluindo K, almoçaram depois na tenda adjacente. Na tarde do dia seis, enquanto nos preparávamos para ir dar um passeio, o meu irmão telefonou de Paris a dizer que o nosso pai tinha subitamente uma febre muito alta. Cheguei a Paris por volta da meia-noite e fiquei sentado com ele toda a noite. De manhã, o médico disse que

era pneumonia. O meu pai teve uma ligeira melhoria e conseguiu reconhecer por breves instantes o meu irmão e a mim. Estava melhor no dia seguinte, e voei de volta via Southampton para Brockwood a tempo de Krishnaji acordar da sua sesta. Caminhámos pelos campos.

Houve quatro palestras ao todo e muitas reuniões sobre assuntos de comités. George e Nelly Wingfield-Digby ficaram na Ala Oeste e ofereceram a Krishnaji uma parte da sua bela coleção de porcelana da China, que ele colocou na sala de estar. Depois das palestras, houve viagens ao dentista em Londres e, em seguida, a escola abriu e K teve reuniões regulares com os alunos e discutiu com Ian Hammond planos para ampliar a sala de jantar.

A dezasseis de outubro, houve um último passeio com Dorothy pelos campos, com o campo a resplandecer na beleza do outono. Jantámos no andar de baixo e depois, com a bagagem carregada no carro e toda a escola ali para se despedir, K e eu fomos de carro para Southampton, onde embarcámos no *ferry* Normandy. Tínhamos camarotes para a travessia noturna para Le Havre e desembarcámos às 7 horas. Após o pequeno-almoço ao longo da autoestrada, chegámos a Paris e ao Plaza Athénée. Mary e Joe Links estavam em Paris para uma exposição e vieram almoçar connosco. O Sr. Moser veio buscar o carro para o armazenamento de inverno em Thun, e depois o Sr. André Voisin veio discutir com K a realização de uma entrevista em francês para a ORTF — a televisão francesa. Krishnaji concordou. Fui ver o meu pai, que estava muito melhor, e no dia seguinte, dezoito de outubro, a entrevista para a ORTF foi filmada numa sala de estar do hotel. Esta continuou na manhã seguinte — um total de quatro horas ao todo. Foi a única gravação que K fez em francês, uma língua que ele adorava, mas exigiu mais esforço da parte dele por a ter falado tão raramente nos últimos anos. Antes de ir para França ou para a Suíça, ele dizia-me: "Só vamos falar francês durante duas semanas antes de partirmos", mas raramente cumpria.

A vinte de outubro, fui com Krishnaji até Orly, de onde ele voou para Roma. No meu regresso ao hotel, havia uma carta de Erna a dizer que tinha sido feita uma contraproposta por Rajagopal, que desejava ficar com a Fundação K&R e 400 000 dólares. Isto era inaceitável para o Sr. Tapper, que iria convocar os membros da KW Inc. num esforço de última hora para chegar a um acordo. Se falhasse, teria de ser apresentada uma queixa

judicial. Li isto a Krishnaji em casa de Vanda, em Roma. Ele disse que Rosalind tentou telefonar-lhe para lá dizendo que desejava vê-lo "não sobre a disputa". K enviou uma resposta através de Vanda dizendo que não desejava vê-la sobre assunto nenhum.

Fiquei em Paris com o meu pai durante uma semana. Ao telefone, K disse que ainda não tinha tomado qualquer decisão sobre ir ou não para a Índia, pois as notícias políticas com o Paquistão ainda eram tensas. A trinta e um de outubro, deu uma palestra pública em Roma. Por volta de dois de novembro, eu estava de volta a Malibu e soube que o advogado de Rajagopal, o Sr. Rothman, tinha dito ao Sr. Tapper que a direção da KW Inc. se recusava a vê-lo a menos que ele tivesse uma proposta substancialmente melhor a fazer. O Sr. Tapper não tinha tal intenção e, portanto, autorizou o nosso advogado, o Sr. Leipziger, a apresentar uma queixa judicial. Telegrafei isto para Krishnaji em Roma e escrevi-lhe. No dia seis, recebi uma carta dele dizendo que tinha decidido não ir para a Índia, não por causa da possibilidade de guerra, mas porque "o corpo está a rebelar-se contra isso e precisa de um descanso completo", e que viria via Brockwood para Malibu. Noutra carta, escreveu que estava muito cansado, preocupado com a possibilidade de se ver envolvido no caso Rajagopal. Erna e eu falámos sobre a necessidade de ele ser totalmente protegido. Falei com Vanda em Roma, que disse que ele estava bem e apenas cansado. Ele veio ao telefone e eu tranquilizei-o em relação ao caso e também em relação ao financiamento da construção do que era chamado os Claustros em Brockwood, projetado por Ian Hammond.

A quinze de novembro, Rajagopal e a sua esposa, Annalisa, foram notificados com os documentos da queixa judicial. No dia dezanove, Krishnaji voou de Roma para Brockwood e, a vinte e cinco, fui ao aeroporto de Los Angeles para o receber. Durante a viagem de carro, tive uma sensação de perceção familiar mas curiosa de cada palmo da estrada, dos outros carros, como se algo estivesse a assumir o controlo. Cada ação tornava-se, como ele tantas vezes me dissera, responsável perante algo diferente — algum propósito por trás da sua vida. De alguma forma, parecia intensamente importante que ele tivesse mudado de rumo e estivesse finalmente a vir para um descanso profundo. Pude vê-lo, sendo o segundo a sair do avião, e logo estava fora da alfândega e verdadeiramente ali, parecendo radiante e muito bem, apesar do cansaço acumulado e do longo voo. Houve um momento no carro, ao entrar na autoestrada, em que

pensei que ele ia desmaiar, mas tocar-lhe levemente no braço pareceu impedi-lo. Foi apenas quando estávamos a desfaire as malas no quarto dele que ele subitamente desmaiou na minha direção, de modo que apenas consegui amparar a sua queda. Durou apenas cerca de dois minutos, depois ele ficou bem, tomou um duche e insistiu em receber a sua bandeja de jantar em frente ao noticiário da televisão. Estava agitado da viagem, conversador e cheio de vivacidade, mas o seu jantar simples acabou por virgem, tal como a comida no avião. Trouxe-me uma carta que tinha escrito em Brockwood e outra daquele dia, escrita no avião. Escreveu ele: "Houve uma ação correta quando a Ordem da Estrela foi dissolvida; houve uma ação correta quando o castelo e as terras foram devolvidos; houve uma ação correta quando ele rompeu com Rajagopal, e há uma ação correta agora. Estamos a lidar com um vigarista, sem escrúpulos, totalmente pouco fiável e profundamente antagonista, com um ódio considerável. A ação — qualquer ação no que lhe diz respeito — terá nela elementos de distorção. Não estamos preocupados com ele; ele é desequilibrado e egocêntrico. Não é o dinheiro que queremos, nem aquela propriedade, nem os manuscritos, etc. Sinto que o dinheiro foi dado com grande devoção, sacrifício e amor. Perante essas pessoas que deram, nós somos responsáveis. E qual é a nossa responsabilidade? Pessoas, incluindo a Signora [Vanda], disseram-me: não será violência embarcar no caminho dos advogados? A Signora estava furiosa com isso. Pessoalmente, o dinheiro, etc., não é nada. Mas deixar tudo nas mãos de Rajagopal parece e sente-se totalmente errado e não correto." E depois: "A ação correta sob quaisquer circunstâncias é sempre verdadeira e a partir daí tudo flui facilmente. É como um rio que corre. O fluxo do rio não é inação; a sua ação é por si mesma do princípio ao fim. Há uma ação correta nisto." E mais tarde: "É preciso ser um completo estranho e, portanto, o mais verdadeiro revolucionário; então a ação será incorruptível. Devemos agir como estranhos com Rajagopal."

Depois de ele ter tido um dia de descanso, os Lilliefelt e Ruth Tettemer vieram almoçar; falámos longamente sobre o que fazer com os assuntos de Rajagopal. K falou da ação correta, como fizera na sua carta, e perguntou-nos o que era a ação correta. Até agora tinha sido correta, sentia ele, e nós também. Repetiu que foram a devoção e o sacrifício das pessoas que deram o que muitas vezes não podiam dar a ele e aos ensinamentos que o fizeram agir para retificar a má conduta de Rajagopal. Ele perguntava-se em que ponto a ação correta estaria concluída. "Terei de passar por uma

luta amarga rumo à vitória ou à derrota, ou poderá isso ser alcançado indo até ao ponto de retirar as coisas das mãos de Rajagopal?" Tudo isto foi discutido de forma minuciosa. Cada um disse que cabia a K decidir e que estávamos preparados para ir inteiramente em qualquer direção que ele sentisse ser a correta. Sentiu-se finalmente que deveríamos avançar, como tínhamos feito até agora, um ou dois passos de cada vez e começar com um depoimento de Enrique Biascoechea, que conhecia a história da KW Inc.; também pedir um inventário e requerer uma providência cautelar para impedir Rajagopal de dispor dos fundos da KW Inc. No final da tarde, ao voltar a caminhar depois de fechar o portão, ele disse: "Sinto-me cheio de energia!" — o que, considerando que não tinha feito uma sesta e tinha falado a tarde toda, era animador. Mas a coisa mais marcante de que ele falou durante a discussão foi a necessidade de proteger o corpo para poder fazer o trabalho, e falou da proximidade entre viver e morrer e da proteção disso. Quando lhe perguntei sobre o assunto, disse que aqueles que estão apegados e se agarram às coisas experienciam a morte, mas quando a morte [significando a morte psicológica] está próxima da vida, então há proteção. No dia seguinte, disse-me: "Viverei mais vinte anos ou mais. Tens de estar bem para cuidar de mim e viver mais do que eu." Disse que fazia parte de um plano e que Vanda também sentia isso. Ela não o podia fazer, e eu tinha sido nomeada.

Uma reunião de curadores foi realizada em Ojai a trinta de novembro, na qual Krishnaji se retirou temporariamente do conselho para evitar participar no litígio. Sugeriu Theo Lilliefelt como membro substituto e isso foi aprovado. Decidiu-se também convidar Alan Kishbaugh a tornar-se membro. Mais cedo, de manhã, ele tinha recebido um tratamento de quiropraxia da Dra. Edna Lay, que disse que o corpo dele estava exausto até aos ossos, mas K disse que a sua mente estava a transbordar de energia. A necessidade era abrandar e deixar o corpo descansar e recuperar.

Houve descanso e caminhadas suaves pelo jardim, mas ele quis vir comigo à cidade um dia para tratar de recados. Almoçámos um piquenique tranquilo no carro, numa rua lateral sombreada em Beverly Hills, e depois tentámos encontrar algumas coisas de que ele precisava, mas após vislumbrarmos os rapaces compradores de Natal — "aquelas mulheres monstruosas e devoradoras", chamou-lhes ele —, fugimos. No carro, a caminho de casa, ele soltou um grito, pôs as mãos sobre o rosto e disse: "Para! Vou desmaiar." Eu não podia parar no trânsito, mas disse que o

ampararia com o meu armo direito, e amparei. Após cerca de dois minutos, ele ficou bem e seguimos para casa sob uma chuva miúda. Disse que se sentia perdido após a fealdade na loja. "Aquelas pessoas monstruosas." A sensibilidade física parecia impossibilitar a ida a muitos locais públicos onde houvesse extremos de rudeza, multidões de vulgaridade e violência. Parecia haver uma desordem crescente nas pessoas. Disse que o corpo se agarrava a mim para sua proteção. Como tantas vezes fazia, falava do "corpo" não como ele próprio, mas como uma entidade que era sua responsabilidade manter saudável.

Mais agradável foi a viagem de outro dia para ver o filme *The French Connection*. As lições de francês com a ajuda de gravações tornaram-se um evento diário durante algum tempo, e K ditou um texto para o Boletim. Na maioria das tardes, caminhávamos na praia enquanto o sol oblíquo de inverno se aproximava do horizonte. Havia uma solidão àquela hora, com poucas pessoas e aves marinhas a picar as ondas que recuavam em busca do seu jantar. Depois de dar uma longa entrevista a um amigo, ficou cansado e disse-me "chega de entrevistas", mas na manhã seguinte disse que tinha acordado a meio da noite com uma sensação de alegria e sentira que o quarto estava cheio de pessoas — "seres eminentes, sagrados" que pareciam estar presentes quando algo acontecia no seu cérebro. Fizemos lições de francês a manhã toda e, à tarde, fomos ver um filme de Clint Eastwood em Santa Mónica. O cansaço continuou e, por vezes, ele ficava distante, como se estivesse consciente de outras coisas na casa, "algo a acontecer na cabeça", dizia, mas depois gostava de ir ao cinema outra vez, o que fazíamos e a dor era aliviada, mas recomeçava quando saíamos do cinema. Ao regressar no carro, desmaiou.

Poucos dias depois, voltou a falar de ser de acordo com um plano o facto de eu estar ali para o ajudar: "O corpo tem de ser protegido." Se o meu marido estivesse vivo, eu não estaria a fazer isto. Ele negou que qualquer providência que esteja no controlo exerça a vida ou a morte — "Isso não! Isso seria terrível" —, mas, como eu estava livre, a decisão foi tomada para que eu fosse a guardiã. Relembrou a morte do irmão e o seu próprio sentimento de que Nitya desejava desesperadamente viver para cuidar dele; que se Nitya tivesse sido devidamente cuidado e tivesse ficado num lugar em vez de viajar com K, talvez tivesse vivido. Mas talvez o rapaz [K] precisasse de estar sozinho. Olhou para uma fotografia grande de si mesmo quando era muito jovem e disse: "Ele está inacabado."

Alain desceu de São Francisco e tivemos um bom Natal sem Natal, confortavelmente em casa, conversando durante um longo pequeno-almoço, indo ao cinema à tarde e regressando a casa para jantar junto à lareira. No dia seguinte, ao pequeno-almoço, K disse: "Talvez volte para Madanapalle."

Eu respondi: "Como viverias em Madanapalle?"

Krishnaji: "Oh, mendigando por aí."

Houve vento a noite toda, mas o dia trinta e um de dezembro foi um dia radiante e belo. De manhã, Krishnaji ditou um texto sobre o que era a mente burguesa: egocêntrica, derivando o ego de coisas materiais e conceitos, mas mais do que isso, tinha uma qualidade de falta de elasticidade. O vento acalmou à tarde e caminhámos na praia na maré baixa. O brilho na areia era um caminho para o sol poente e um final abençoado para o ano.

## PARTE 3: 1972 – 1975

### Capítulo Vinte e Três

Krishnaji começou a manhã de Ano Novo de 1972 a ver a Parada das Rosas na televisão, dizendo: "Estas pessoas são loucas!" Mais tarde, à tarde, assistiu ao final do jogo de futebol americano da Rose Bowl com um pouco mais de interesse. Os primeiros dias foram de luz solar radiante e ventos fortes, mas ao fim da tarde conseguíamos caminhar na praia. K começou a falar para o gravador de fita, começando com a descoberta de "o rapaz" e os primeiros anos, e outra fita sobre Rajagopal.

Sidney Field telefonou a dizer que o seu irmão, John, tinha morrido subitamente; Krishnaji falou com ele e Sidney veio almoçar no dia seis e descreveu a sua contínua sensação da presença do irmão. K falou longamente com ele.

A nove de janeiro, fomos de carro até Ojai e, em casa dos Lilliefelt, K gravou em fita as suas respostas a perguntas colocadas por Albion Patterson, Erna e Theo, e Ruth Tettemer sobre o seu conceito do Instrutor do Mundo. Almoçámos com eles, fomos dar um passeio e regressámos de carro a Malibu. No dia seguinte, Enrique e Isabel Biascoechea chegaram a Los Angeles e foram recebidos por Theo, que os trouxe a Malibu para o chá, e depois seguiram para Ojai. Enrique tinha vindo para dar um

depoimento no processo contra Rajagopal. Ele e Isabel vieram ficar connosco em Malibu e, a catorze de janeiro, levei Enrique de carro ao escritório de David Leipziger, onde Erna e Theo se reuniram connosco, e o depoimento teve lugar.

Não correu bem; Enrique parecia constrangido, não parecia lembrar-se ou esclarecer o que tinha a dizer. Ele e Isabel partiram no dia seguinte para São Francisco. K e eu pegámos numa cesta de piquenique e fomos de carro até Ojai. Erna contou-me que Enrique a tinha levado à parte, no maior segredo, e lhe tinha falado da chantagem de Rajagopal em 1946. Enrique tinha dado dinheiro para uso de K e, quando questionou a gestão de Rajagopal, incluindo a insistência em que alguns dos cheques fossem passados em nome pessoal de Rajagopal, Rajagopal dissera-lhe que K não era o indivíduo perfeito que Biascoechea imaginava e que Rajagopal podia provar um envolvimento com a esposa dele. A implicação era clara: que Rajagopal estava a ameaçar revelar isto se Biascoechea não retirasse as suas críticas a Rajagopal. Biascoechea pediu a Erna que nunca contasse isto a K; Erna disse-lhe que nós já sabíamos que Rajagopal podia tentar isto e que os nossos advogados estavam a par disso. A parte triste foi que Biascoechea guardou isto para si todos estes anos, pensando que estava a proteger K. Também foi interessante que Rajagopal tenha dito isto em 1946 e fingido ficar chocado quando, de acordo com Rosalind, ela lhe tinha contado a história anos mais tarde. Contei isto a K na viagem de carro de regresso a Malibu. Ele disse que estava disposto a dar um depoimento se se tornasse necessário, mas perguntou se já tínhamos ido tão longe com o caso quanto era moralmente necessário — que era a razão pela qual toda esta questão com Rajagopal tinha começado.

A dezanove de janeiro, Sidney Field veio novamente almoçar e K falou-lhe sobre a reencarnação, em resposta a Sidney que perguntava se seria possível que algo do seu irmão, John, permanecesse. K disse que pareceria que o pensamento, o sentimento de uma pessoa, se ela fosse alguém muito apegada à vida ou a alguma coisa em particular, poderia persistir por algum tempo.

Dois dias depois, K quis falar novamente com Erna e Theo sobre o caso Rajagopal, por isso almoçámos com eles em Ojai. No caminho para casa, K disse: “Vivi em discórdia e degradação com aqueles dois [Rajagopal e Rosalind]. Nunca discuti nada sério com eles. Sentia-me

aliviado quando Rajagopal não estava lá. Quando estava em Londres, ficava com a Sra. Bindley ou com a Lady Emily. Quando estávamos em Ojai, levávamos vidas paralelas. Eu vivia a minha própria vida interior; gostava de olhar para as montanhas, as árvores, as aves, de caminhar, de trabalhar no jardim a cultivar vegetais, plantas. Rosalind não tem mais vida interior do que uma galinha. Não sabe o que isso significa. Embora fale de arte, de bom gosto e de tudo isso, não tem a menor ideia do que seja."

Noutro dia, K realizou uma discussão com cerca de sessenta e cinco jovens em casa dos Lilliefelt, gravada no Nagra, e à tarde realizou uma reunião de curadores sobre planos de educação e publicações. Um novo curador da KFA, Alan Kishbaugh, juntou-se a nós.

Alain Naudé desceu a Malibu para o fim de semana no dia vinte e quatro e, lamentando que a conversa de K com Sidney Field sobre a morte do seu irmão e o que se seguiu tivesse ficado por gravar, gravámos uma discussão decorrente disso. Mais tarde, Sidney ouviu-a e confirmou que estava tal como se lembrava da conversa. No dia seguinte, K e Alain falaram sobre mestres, o que também gravei. Mais três diálogos entre eles foram gravados ao longo do fim de semana.

No dia vinte e nove, K falou de uma sensação de um fogo de energia na sua cabeça durante a noite, de que a memória era a fonte do eu, e no dia trinta disse: "Acordei às três com uma sensação de um fogo extraordinário, luz, a arder na mente. Não havia observador. Quis testar se havia um observador; o teste vinha de fora, mas o observador não existia. Havia apenas aquilo e mais nada. O fogo penetrava todo o ser. Sentei-me e durou três horas."

Parte do que quer que fosse este sentimento continuou, pois poucos dias depois ele falou de acordar e ver por um breve momento que era como se algo estivesse a ser feito no interior do seu cérebro. O sentimento desapareceu e foi substituído por uma sensação de que não devia insistir nisso. Estes períodos pareciam ser bons para ele, pois no dia quatro disse-me que não se sentia tão descansado desde a guerra — ou seja, a década de 1940. Gostava, por vezes, de vir comigo tratar de recados na cidade. Solenemente distante, afastava-se, mas observava tudo calmamente. Num dia específico, optou por vir comigo quando o carro precisava de pneus novos. Isso levou-nos a uma zona desolada da cidade e tentámos ir dar um passeio enquanto esperávamos, mas havia uma sensação de perigo naquelas

extensões planas de cimento, e regressámos à oficina de pneus, onde K ficou a ver a montagem. No caminho para casa, disse: “Não devíamos ter ido lá.”

Os passeios eram habitualmente ao longo da praia, onde o vento marítimo, as aves marinhas e o espaço até ao horizonte eram os seus companheiros. Uma noite, ao jantar em bandejas em frente à televisão, cometi o erro de dizer algo quando ele estava “longe”. Foi um choque físico que o fez tremer e ele sentiu-o a noite toda, de tal forma o seu corpo se tornara sensível.

Tinha sido planeado filmar uma série de diálogos entre Krishnamurti e representantes académicos de diferentes quadrantes. Um destes era um professor de sociologia na Universidade de São Francisco e padre jesuíta, o Padre Eugene Schallert, que veio almoçar a Malibu para discutir o projeto com K. Foi acordado e, a catorze de fevereiro, partimos após o almoço para conduzir para sul até La Jolla, onde a Sra. Martha Longenecker tinha gentilmente emprestado a sua casa a Krishnaji para a sua estadia. No dia seguinte, ele descansou de manhã e, à tarde, fomos à Universidade Estadual de San Diego, onde o tibetano Chogyam Trungpa Rinpoche chegou com dois seguidores para realizar o primeiro diálogo. Alain, que tinha organizado o encontro, também estava presente e, depois, regressaram à casa para o chá. O diálogo foi um pouco surpreendente, já que o Rinpoche falou muito pouco. No dia seguinte, o Dr. Allan Anderson, que lecionava estudos religiosos na Universidade Estadual de San Diego, realizou uma discussão gravada em vídeo de forma semelhante, e esta foi seguida, no dia dezassete, pela discussão com o Padre Schallert, após a qual K, Alain e eu regressámos de carro a Malibu. Uma discussão em áudio foi gravada ali com outro jesuíta, o Padre Daniel O’Hanlon.

Após esta semana atarefada, houve descanso e quietude, e ficámos sozinhos. Um dia, Krishnamurti disse-me que eu deveria escrever algumas das coisas que ele me contava e, a vinte e seis de fevereiro, disse-me: “Eu devia estar louco para aguentar aqueles dois [Rajagopal e Rosalind] todos aqueles anos. Só quando me afastei deles é que amadureci, que as coisas começaram a florescer. Escrevi os Comentários aqui, ali, em todo o lado. Era como uma prisão com eles. Não tinham interesse em nada disto, apenas nas suas feias e pequenas misérias. Ela queria degradar-me e humilhar-me como se fosse minha dona. Na Índia, ela discutia e fazia tantas cenas;

queria arrastar-me por todo o lado e fazer turismo, mostrar que me conseguia fazer fazer o que ela queria. A mãe da Signora não queria Rajagopal em casa porque ele bebia. Eu costumava viver lá durante meses sozinho. A Signora e o marido viajavam e vinham às vezes ver se eu estava bem."

Perguntei: "O que fazias?"

K disse: "Dava longos passeios sozinho. Tinha vergonha dos camponeses e costumava encontrar caminhos para caminhar onde eles não me vissem. Sou afetuoso por natureza. Gosto de pessoas, mas aqueles dois afastavam toda a gente. Pinter avisou-me. Disse: 'Cuidado, ou serás excluído por Rajagopal de tudo; informa-te.' Ajudou-me a escrever uma carta a Rajagopal, que nem sequer se deu ao trabalho de responder."

Eu disse: "Por que é que o Pinter não te ajudou, sabendo que não o podias fazer sozinho?"

K respondeu: "Como podia ele vir para Ojai? Eu provavelmente teria dito: 'Deixa estar.' Se não tivesses sido tu, os Lilliefelt, Naudé e os Simmons, eu não teria conseguido fazer nenhuma destas coisas. Não saberia por onde começar. Sinto-me tão relaxado. Faz três meses que vim para cá. Há anos que não tinha um descanso assim. Às vezes há tanta meditação à noite que não consigo dormir."

O dia seguinte foi suave e brando. K esteve absorvido num livro policial toda a manhã. Ao almoço, disse como seria horrível ter de ir para um escritório todos os dias — ele não seria capaz. Perguntei-lhe o que haveria de tão mau nisso, na opinião dele? "Ter de me levantar e ir para o mesmo sítio todos os dias." Salientei que ele próprio levava uma vida extremamente disciplinada, fazendo quase a mesma coisa todos os dias, mas ele abanou a cabeça. Concordámos que ambos teríamos imensas dificuldades em conseguir um emprego. Pensámos em jardinagem, mas era demasiado extenuante; sugeri que ele poderia podar roseiras, mas isso era muito sazonal e depois morreria de fome o resto do ano; ele sugeriu que daria um mordomo invulgar, mas acrescentou que não conseguia ficar acordado até tarde. K disse: "Não, eu gosto do que faço, mas não seria capaz de o fazer por dinheiro. Não teria conseguido escrever os *Comentários sobre a Vida*, todos aqueles livros, se fosse por dinheiro. Foi porque gostava. Acho que teria de me tornar mendigo, mas não se pode

fazer isso neste país. Teria de voltar para a Índia, mas teria de mendigar o bilhete."

Perguntei a brincar: "O que farias com todos aqueles factos da Huntsman?" K respondeu: "Dava-os. Oh, podia vendê-los e conseguir um bilhete para a Índia. Eles iam adorar se eu aparecesse e vestisse uma túnica de *sannyasi*; diriam — finalmente! Encontraria um lugar calmo perto de um rio com muitas árvores." Eu disse: "Não podias levar a máquina de barbear Philips; deixarias crescer a barba?" K: "Oh sim, mas raparia a cabeça. Encontraria uma aldeia muito pequena." Eu: "No norte ou no sul?" K: "Melhor no sul. É demasiado quente e demasiado frio no norte. Mas eles iam encontrar-me. Vinham e diziam: 'Não pode viver desta maneira, senhor, deixe-me arranjar-lhe um bom cozinheiro.' Eu diria que não. Poderia eu ir lavar a tua túnica amarela numa rocha no rio?" Eu: "Existem mulheres *sannyasis*?" K: "Não sei — sim, existem. Houve uma, uma vez; eu estava a passar um par de meses sozinho — apenas com o cozinheiro do Mama [Madhavachari] a cuidar de mim — e todas as tardes tinha de passar pela aldeia onde uma mulher *sannyasi* tinha uma cabana. Ela sentava-se com os discípulos e um deles aproximou-se quando eu passava e pediu-me para entrar. Eu disse que não havia razão para entrar, que não era ninguém, mas ele disse que ela acolheria quem quer que fosse, por isso tive de ir e sentar-me no chão. Estava limpo — razoavelmente limpo — e ela falou um pouco e depois perguntou o meu nome. Eu disse: importa? Tenho de dar o meu nome? Ela disse que era como eu desejasse, e por isso disse o meu nome. Ela disse: você é…? — e mencionou muitas coisas. E depois disso ela estava lá todos os dias quando eu passava. Sabes, eu já quis fazer isto — ir-me embora. Quase o fiz uma vez… quando foi? Oh, há muito tempo. Antes da guerra; lá nos anos trinta. A Sra. Besant costumava ficar preocupada. Costumava dizer: 'Lembra-te, tens um corpo muito delicado. Tens de cuidar dele.'"

À noite, K viu o circo Ringling na televisão. Havia sete tigres soberbos e o encantamento no seu rosto tinha todo o entusiasmo de alguém muito jovem. Mais tarde, perguntou-me se eu tinha escrito naquele dia.

O dia um de março foi um dia quente e radiante. Levámos duas panelas com vegetais e arroz e fomos de carro para Ojai. No carro, K disse: "Ontem à noite continuou aquele esvaziamento de todo o vaso da

consciência. Disso resultou uma sensação de algo tremendamente forte. Continuou toda a manhã. Senti-o quando estava no banho."

Erna, Theo, Ruth Tettemer e Albion Patterson estavam presentes ao almoço. Depois, foram colocadas perguntas a K, na sua maioria por Patterson, e eu gravei no Nagra. Patterson perguntou se a pitoresca história do rapaz, K, não poderia fazer as pessoas pensar que eram necessárias qualificações especiais para compreender os ensinamentos e que os mortais comuns estavam excluídos. K disse que as pessoas estão geralmente mais interessadas noutra pessoa do que em si mesmas, daí o interesse pessoal em K. Disse que o homem é atraído por mistérios. K era clarividente, viu a sua mãe falecida, etc. Coisas ocultas atraem. Depois disse: "Sinto que estamos a aprofundar algo que a mente consciente não consegue compreender. Há um mistério de que nos devemos aproximar com uma delicadeza extraordinária. A mente consciente não consegue fazer isto. Não estou a criar um mistério do nada, o que seria uma canalhice."

Disse que para entrar nisto é preciso estar consciente sem qualquer ilusão, não encobrir a ignorância com a ilusão. "Sinto que há algo demasiado vasto para colocar em palavras, um reservatório tremendo que, se a mente humana lhe conseguir tocar, revela algo que nenhum esforço intelectual consegue alcançar. Agora, o que é isso? Estão a perguntar isso? Espero que não, mas estão? Isso é a busca da verdade; a qualidade de uma mente que consegue aprofundar isso interessar-me-ia se eu estivesse a indagar — o que não estou, porque não acontece dessa maneira." Disse que não há caminho, não há sistema. A mente tem de descartar todas as ilusões. Só então somos realmente honestos. "O que é então aquilo de que todos eles falaram? Nunca foi colocado em palavras, mas está lá. Sei que está lá." Disse que a palavra não é a coisa e, se chegamos à coisa, não usamos a palavra, pelo que não pode haver uma resposta satisfatória. Durante a sessão, ele pareceu indeciso sobre se falaria sequer sobre "a coisa". A sua expressão era de uma intensidade indagadora. Mais tarde, falou em fazer talvez outra fita no futuro sobre o mesmo assunto. No dia seguinte, acrescentou uma pequena nota final à fita dizendo que não tinha qualquer ressentimento em relação aos líderes da ST que se lhe opuseram após a morte da Sra. Besant, mas que na verdade não tinha qualquer relação com eles.

Nos dias seguintes estivemos calmamente em Malibu, caminhando na praia na maioria das tardes. K leu um relatório de uma investigação que previa o colapso da economia mundial em setenta anos, a menos que o crescimento, os nascimentos e a poluição fossem travados drasticamente. Perguntou qual era a resposta do indivíduo a tal catástrofe? Disse que a resposta não deve vir do problema, da compulsão, mas sim da liberdade. É preciso viver de forma correta.

Num dia em Ojai, houve uma reunião em casa dos Lilliefelt com John King, da Fundação Kern, Joy Mills e Helen Zahara, da sede da Sociedade Teosófica em Wheaton, Illinois. Ruth Tettemer e Albion Patterson também estavam presentes. K explicou de forma muito vívida por que razão os seus livros não deveriam ser publicados pela Quest — a editora da ST. Depois de eles saírem, outras pessoas de Ojai vieram interrogá-lo sobre o caso Rajagopal, e ele deixou-lhes muito claro que, se Rajagopal desejasse chegar a um acordo, isso teria de ser tratado pelos advogados e pelo procurador-geral.

A catorze de março, em Malibu, ele disse que durante a noite a meditação tinha sido tão intensa que lhe deu vontade de se levantar. E também que, a dada altura, tinha sentido algo de maligno lá fora e olhara pela janela. Disse que era como se, quando há um grande bem, o mal fosse atraído: "Vem farejar por aqui." Alain desceu de São Francisco para gravar as palestras de K em Santa Mónica, que começavam a dezoito de março. Alain foi à frente para preparar tudo, mas quando Krishnamurti e eu chegámos ao auditório, às 11 horas, um oficial de diligências nos bastidores entregou-lhe uma notificação para um depoimento, precisamente quando K estava prestes a entrar em palco para falar. Sem hesitar um único passo, entregou-a a Theo Lilliefelt, saiu e deu uma palestra de uma hora e um quarto.

A notificação era uma petição de reconvenção por parte de Rajagopal e outros contra K, os Lilliefelt, Ruth Tettemer, eu e Sidney Roth. Erna telefonou ao nosso advogado, que ficou chocado com a notificação mesmo antes de uma palestra, mas não surpreendido com uma reconvenção. Krishnaji, Alain e eu almoçámos em casa, em Malibu, e Erna e Theo passaram por lá a caminho de Ojai. K foi muito perspicaz a analisar as ações de Rajagopal. Mais tarde, disse-me a respeito de Rajagopal: "Judas

não lhe chega aos calcanhares", ou seja, Judas era uma pálida imitação em comparação.

Houve a sua segunda palestra em Santa Mónica no dia seguinte, uma palestra de uma força tremenda, grande parte dela baseada numa pergunta entregue no dia anterior sobre a dificuldade de ser livre e ao mesmo tempo fazer parte da sociedade, e houve uma terceira no sábado do fim de semana seguinte. Antes da quarta, K disse-me: "Tenho estado a viver em dois níveis nos últimos dois dias." A palestra foi soberba, sobre a energia que surge quando o pensamento cessa. Depois, Alan Kishbaugh veio almoçar, trazendo Frank Waters, um antropólogo e escritor sobre os nativos americanos. Combinaram fazer uma discussão gravada na manhã seguinte. Mais tarde, fomos ver o filme *O Padrinho*.

Na terça-feira, vinte e oito de março, fomos de carro para Ojai para ficar com os Lilliefelt. Erna tinha passado o dia no depoimento de Rajagopal, conduzido pelo nosso advogado, Sol Rosenthal. Este continuou no dia seguinte. Entretanto, K realizou o primeiro Encontro Educativo, neste caso uma reunião e discussão com cerca de quarenta pessoas convidadas, na maioria professores, alguns psiquiatras, etc. Gravei-o no Nagra. K não tinha dormido bem na primeira noite. Disse que sentia "o fogo cruzado psíquico daqueles dois do outro lado do vale", referindo-se a Rajagopal e Rosalind. Mas cedo, na segunda manhã, veio ter comigo e disse: "Vem. Quero mostrar-te este lugar." Saímos para o caminho de acesso e olhámos para oeste, ao longo do vale e para as montanhas, e K estava quase em lágrimas com a beleza daquele lugar que ele tanto amava. O ar estava cheio do aroma das flores de laranjeira, e ele fez-me ouvir um zumbido, que eram abelhas — milhares de abelhas a colher néctar nos pomares. Disse-lhe que, se ele gostasse, eu procuraria uma casa ali e venderia Malibu. Ele nem sequer me deixou terminar a frase, mas mais tarde veio agradecer-me. Nessa noite não sentiu qualquer perturbação e dormiu bem. O silêncio ali fazia-lhe bem; nem sequer o som do mar.

Nessa tarde, depois de um passeio, contou-me o que tinha acontecido durante a noite: "Nunca tinha tido isto antes, esta sensação de meditação. Acordei esta manhã às cinco com uma sensação vinda do meu centro, do meu coração, que encheu todo o vale. Continuou por um tempo considerável e, a partir daí, foi para a minha cabeça e foi uma coisa extraordinária. Esteve a perseguir-me durante todo o passeio. Quando eu

estava a falar com ele [um advogado que o tinha vindo ver], era apenas uma voz a falar, não havia reação, estava simplesmente a acontecer."

Após alguns dias de regresso a Malibu, voltámos a casa dos Lilliefelt, em Ojai, a cinco de abril. Ao jantar, K abordou um assunto que já tinha levantado comigo anteriormente: o que deveria ser feito pelas Fundações quando ele morresse. Falou a princípio no apoio a pessoas que pudessem viajar e falar, mas os Lilliefelt e eu perguntámo-nos como poderiam tais pessoas ser escolhidas. Apenas K deveria fazer essa escolha. Sugeri uma Biblioteca Krishnamurti, para albergar os livros, fitas, etc., onde as pessoas pudessem vir estudar calmamente, o que poderia ser parte da resposta. O resto, todos sentimos que seria continuar muito ativamente a publicar todos os seus livros. K saltou então para o que deveria ser feito se a KFA recebesse as terras de Ojai da KW Inc. Sentia que o Oak Grove e o terreno adjacente para estacionamento deveriam ser mantidos enquanto ele continuasse a dar palestras, e que o resto fosse vendido, exceto a propriedade da McAndrew Road. O escritório com a caixa-forte dos arquivos devia ser mantido para esse fim, o Pine Cottage poderia ser reorganizado num centro de biblioteca/discussão e o Arya Vihara poderia ser arranjado para o seu espaço de habitação. Quando falei da sensação de contaminação ali, ele disse: "Oh, uma noite ali e varreremos isso tudo. Tu deves tratar da casa; mais ninguém." Disse que a Índia deveria fazer do Vasanta Vihar o seu centro para uma biblioteca, etc., e continuar com as escolas e publicações; a Inglaterra, de igual modo, deveria continuar com as publicações e apoiar Brockwood, tanto como escola como centro. Falou de eu ter o usufruto da Ala Oeste de Brockwood para toda a vida, ao que eu disse que não seria capaz de fazer tal coisa, e ele disse: "Eu digo que deves ter. O que fazes depende de ti, mas tu gostas de Inglaterra, e lá deve ser a tua casa." Erna salientou que provavelmente todos nós só tínhamos cerca de quinze anos para continuar. K disse: "Eu vou viver mais quinze anos." Mencionou a cremação, a dispersão das cinzas, sem cerimónias, sem igrejas, templos. Erna disse que todos estes assuntos deveriam ser registados legalmente como sendo as intenções dele.

No dia seguinte, seis de abril, Erna foi com Sol Rosenthal ao terceiro dia do depoimento de Rajagopal e regressou depois. K ficou visivelmente chocado por Rajagopal continuar a ser teosofista e, ao jantar, perguntou como podia um homem que tinha corrigido as palestras ser teosofista ao mesmo tempo. K tinha também dado uma entrevista a Fred Volz, do *Ojai*

*Valley News*, sobre a sua visão de Ojai, a sua qualidade nos anos em que a conhecia. Na manhã seguinte, saiu cedo para olhar para as montanhas e para o vale. O aroma das flores de laranjeira era um mar morno, e a rola-chorona e as abelhas eram o seu som. K parecia absorvido nisso. Mais tarde, voltou a falar em fazer dos onze acres na McAndrew Road um centro para o estudo dos ensinamentos e um lugar privado para ele durante a sua vida, e voltou a dizer que estava horrorizado por Rajagopal ser teosofista.

No dia oito, Krishnaji deu a primeira de duas palestras no Libbey Park, em Ojai. Eu tinha preparado o Nagra para gravar em áudio e também foi gravado em vídeo a cores, organizado por Sidney Roth. Uma assistência numerosa e atenta escutou. A maior parte da palestra foi sobre o pensamento, mas K falou da beleza do vale e da sua preservação. Mais tarde, veio à cozinha onde eu estava a fazer uma sopa de que ele gostava. Mexeu-a e cheirou-a com agrado. À mesa, voltou a falar de Rajagopal — da sua recusa da cura de K, da sua autocomiseração. "'As pessoas vão sempre cuidar de si, mas ninguém se vai importar comigo'", disse K, repetindo Rajagopal. K perguntava-se como, com a proteção extraordinária que tinha caracterizado a sua vida, "aqueles dois" [Rajagopal e Rosalind] tinham tido permissão para entrar nela.

No domingo, nove de abril, a palestra de K foi forte, de uma energia tremenda. Bill Quinn, dos tempos passados em Ojai, falou-lhe brevemente a seguir, quase em lágrimas. No carro, K tremia devido ao esforço de falar. Tinha sido transmitido em direto na rádio e gravado em vídeo. Conduzimos lentamente de volta para casa dos Lilliefelt, seguidos por um hippie. K falou com ele, mas este estava demasiado comovido para conseguir falar com K. Mais tarde, quando partimos, ele estava à espera junto ao portão para ver K novamente. Ao almoço, K fez a Alan Kishbaugh um resumo daquilo em que os teosofistas acreditam — algo de muito divertido. Tivemos depois uma reunião de curadores e K e eu fomos de carro para casa, em Malibu, a tempo do jantar. Tinha sido um dia longo e cheio, mas ele quis ver *High Noon* na televisão, uma distração de tudo o que se tinha passado.

Na segunda-feira, K encontrou *Candles in the Sun*, de Mary Lutyens, na estante e folheou-o. Leu-me uma parte em que Lady Emily e outros se demitiam da ST, e a Sra. Besant ofereceu-se para o fazer também quando K rompeu com ela. "E no entanto Rajagopal não o fez", disse K. "Como pôde

ele continuar nela? Isto é pior do que roubar dinheiro." Ao almoço, depois de ler *Candles in the Sun*, falou sobre "proteger o corpo", como isso era necessário. Nessa tarde, enquanto atravessávamos juntos a estrada da praia, K hesitou e um carro surgiu muito depressa. Chamei por K, que estava mesmo fora do meu alcance, e ele disse: "Eu vejo-o, eu vejo-o." Tinha uma tendência estranha para não agir rapidamente quando havia perigo vindo do trânsito. Dizia que o via, como se isso bastasse.

No dia seguinte, onze de abril, levámos um piquenique para comer no carro. Tratámos de alguns recados na cidade e encontrámo-nos com Erna no escritório de advogados, onde Sol Rosenthal e David Leipziger conferenciaram com K sobre o seu depoimento no dia seguinte. Deram instruções cuidadosas para "ouvir a pergunta toda, ter a certeza de que está compreendida e responder apenas ao que sabe ou se lembra". Erna regressou a Malibu e passou a noite.

De manhã, antes de partirmos, K pediu-me outra vez para escrever todos os dias "como é estar com o homem de Madanapalle". Disse que eu devia ser capaz de escrever bem. Ele andava a ler *Instantes Africanos* (*Out of Africa*), de Isak Dinesen, por sugestão minha, porque o estilo da obra significava muito para mim. Disse: "Faz isto. É mais importante do que todas essas cartas que escreves. Dedica-lhe uma hora ou duas por dia." As minhas notas desse dia dizem: "Onde se há de encontrar uma hora ou duas por dia — Deus sabe. Estou a afogar-me em trabalho de secretária, desesperadamente atrasada. Há dias em que nem sequer consigo ler as cartas a que deveria estar a responder — mas ele tem razão. Faz isso! Como ele diria." Nessa noite, ele estava confiante em relação ao dia que se seguia.

Sol Rosenthal chegou às 9h30. Depois um oficial de justiça, depois Terry Christensen, o advogado de Rajagopal, o seu assistente e, completamente sem aviso, Rajagopal, Mima Porter e Annie Vigeveno. Encontrei-os no caminho de acesso e caminhei à frente para avisar K e Erna. Foi um choque para K e um motivo de indignação para Erna e para mim. Sentámo-nos a uma mesa comprida na sala de estar, com K voltado para o oceano. Rajagopal sentou-se mesmo em frente a K, por isso sentei-me logo atrás do ombro de K para atrair os olhares malévolos de Rajagopal. Tinha um aspeto simiesco ancestral: tenso, de boca cerrada, mãos unidas e agitadas, um ar de decadência à sua volta. Os seus olhos

estavam coléricos, movendo-se como num jogo de ténis perante as perguntas. Fixava o meu olhar, não querendo ceder, e eu tinha uma sensação calma de lhe enviar o que pensava dele através do fio daqueles olhares. Porter e Vigeveno sentaram-se num sofá, Vigeveno escondida atrás de óculos escuros com uma boca tensa e franzida. Porter, com o seu rosto austero de trabalhadora de rancho, sentava-se em posições rígidas, retorcida ou com as mãos sobre o rosto. Ambas pareciam velhas e sem vida.

Krishnaji falou com uma voz grave, ligeiramente rouca, lenta e cuidadosamente. Quando ficou cansado, à tarde, teve dificuldade em concentrar-se nas perguntas de Christensen e pediu muitas vezes que fossem repetidas. Durante a pausa para o almoço, foi para a sala de jantar e o seu corpo tremia da cabeça aos pés. Foi para o quarto e deitou-se durante meia hora, e depois o depoimento recomeçou até às 16h30. De manhã, Christensen tinha pedido longas explicações sobre teosofia e sobre o que tinha acontecido nos primeiros tempos. Pensei que ele poderia estar a tentar cansar K antes das perguntas mais pertinentes. K respondeu com cuidado, dando por vezes mais pormenores do que o necessário e não fazendo referências depreciativas a Rajagopal. Era tão contrário à sua natureza falar criticamente de alguém que, mesmo neste contexto, não o conseguia fazer. Também, por cortesia, deixou margens para dúvida em algumas das suas respostas, como se não quisesse contradizer Christensen. Depois de terminar, parecia exausto. Quando vimos que os outros tinham vindo, Erna tinha ligado a Theo para vir também, e ele veio a correr de Ojai. Acompanhou K no passeio na praia, e K regressou com muito melhor aspeto. Erna e Theo passaram ambos a noite. K estava a tremer um pouco quando se foi deitar.

O dia seguinte foi outro dia de depoimento ainda mais longo. Novamente Rajagopal, Annie Vigeveno e Mima Porter entraram pesadamente e sentaram-se como antes. Estes dois dias foram os únicos em que vi Krishnamurti cruzar as pernas; nos momentos de fadiga, fazia-o. Rajagopal sentou-se novamente em frente, silencioso, mas com uma atitude de ofendido e de indignação. Porter olhava fixamente pela janela com o olhar vago que se vê nas enfermarias de senis. Vigeveno estava controlada e oculta, mas foi ela que nos proporcionou o único momento de humor. Antes das reuniões, eu tinha colocado um telefone na sala de estar e, suspeitando que Christensen pudesse ser instruído a obter o novo número

confidencial, tinha-o retirado do aparelho, deixando o número antigo por baixo, no instrumento. Ao fim da manhã, a Sra. Vigeveno perguntou se podia usar o telefone e, quando terminou, correu de volta para a sua mala, abriu-a e, subitamente, escreveu num pedaço de papel lá dentro, com Rajagopal a olhar por cima do seu ombro — o número antigo, que eles já tinham. Isto fez Krishnaji rir repetidamente à noite, depois de eu lhe contar.

Christensen, com uma camisa e gravata vistosas, óculos de ouro e anel, com olhos astutos e palavras educadas, apresentou as suas perguntas com habilidade e tenacidade, mas parecia incerto sobre o que viria de K ou sobre como lidar com ele. Rajagopal pediu uma pausa a meio da manhã porque K se tinha esquecido de ter visto Joy Mills, da ST, um mês antes em Ojai. Isto foi corrigido. No dia anterior, Christensen tinha deixado cópias de cartas que pretendia juntar como prova. Nós tínhamos as lido. K não. Algumas eram tristes — K a pedir desculpa a R por lhe ter mentido e a mencionar uma traição. Estas tinham sido escritas por insistência de Rajagopal. K foi solicitado a confirmar a sua assinatura na maioria delas, mas não o conteúdo, pois não se lembrava delas. Christensen tinha-nos mostrado apenas cerca de uma dúzia, como deveria fazer ao abrigo de um acordo com Rosenthal, mas apresentou cerca de quarenta ao todo. Houve muitos avanços e recuos em tudo isto à medida que o depoimento continuava, mas quando parámos para o almoço, parecia que o interrogatório se prolongaria pelo dia seguinte.

Christensen ainda não tinha avançado para nada que tocasse em Rosalind, mas havia sinais de que se estava a aproximar. K deitou-se depois do almoço e eu levei Sol para falar com ele antes do recomeço. K dormia na sua cama como uma criança, infinitamente comovente. Ao acordar, Krishnaji fez sinal a Sol para se sentar na ponta da cama, e Sol disse-lhe que ele se estava a sair muito bem — oitenta e cinco por cento de nota, disse ele, e K escutou como se estivesse a fazer um exame na escola. Voltámos a entrar e concordou-se em tentar terminar naquele dia. À medida que a tarde avançava, K, parecendo tão frágil com as suas calças de ganga, camisa azul e camisola, parecia tornar-se mais pequeno e, ao mesmo tempo, parecia ganhar uma força diferente. Começou a falar ao seu próprio nível — da confiança e amizade dos primeiros tempos que o levaram a deixar tudo nas mãos de Rajagopal, de como essa confiança foi desgastada por Rajagopal até desaparecer e ele ter de romper com ele. Perto do fim, Christensen perguntava se poderia merecer a aprovação de K o facto de a

KW Inc. poder republicar livros já publicados, não através da editora da ST. K não acedeu prontamente a isto; continuou a falar da falta de confiança em Rajagopal. A confiança, uma vez quebrada, desaparece. Finalmente, Christensen perguntou se, caso o tribunal decidisse que a KW Inc. o poderia fazer e a KFA fizesse o resto, K aceitaria? K respondeu que se deve aceitar a decisão do tribunal e, se ambas as organizações partilhassem o trabalho, então isso aconteceria e "Deus as ajude a ambas". Tinha terminado. Sol ficou mais um pouco. Conguira incluir no registo que K repudiava uma carta sua a Rajagopal, de anos anteriores, considerada um "testamento", que dizia que Rajagopal deveria continuar o trabalho e nomear o seu próprio sucessor após a morte de K. Sol sugeriu que K redigisse um documento separado e mais vinculativo para contrariar isso antes de deixar a Califórnia.

Sentíamo-nos todos eufóricos por ter terminado. Sol disse a K que ele tinha obtido 100 por cento na parte da tarde, e K estava simultaneamente a tremer e a rir, à medida que a tensão começava a descontrair. Pediu a Erna e Theo que passassem mais uma noite e, depois de Sol se ir embora, trancámos o portão e caminhámos todos pelo relvado. Ao jantar, sentíamo-nos um pouco atarantados por ter terminado. K viu *Ironside* na televisão e foi para a cama.

Na manhã seguinte, houve pensamentos mais sóbrios ao acordar. A coisa não estava terminada. Muito do testemunho de K poderia ser contestado porque ele não se lembrava das coisas. Mas a sua verdade evidente e a confiança que ele depositara e de que Rajagopal abusara eram formidáveis.

Dois dias mais tarde, K disse que eu tinha de ter uma secretária para as cartas, etc.

Ele disse que eu passo todo o meu tempo a trabalhar quando deveria estar sossegada, a pensar, a ler, a escrever e a manter à volta dele uma atmosfera serena. Se eu estivesse cansada, isso cansava-o a ele. Eu tinha de fazer tudo para estar bem, para me manter bem. Se algo me acontecesse — se eu ficasse num hospital, ele não poderia estar comigo, etc. Brincou dizendo: "O Mestre só fala uma vez!" — um velho ditado teosófico — por isso, eu tinha de prestar atenção. Durante a noite, ele disse que algo estava a acontecer; como se estivesse alguém no quarto a ver, algo lhe estava a acontecer — uma energia. Disse que compreendia algo sobre viver uma

vida muito, muito prolongada. Repreendeu-me por não ter reparado em algo no quarto. Tinha sido por eu não ter estado sossegada. Tínhamos estado a ver na TV o lançamento da Apollo para mais uma viagem à Lua a partir de Cabo Kennedy. O Phil Dunne, do lado, ligou a dizer para olharmos para o céu ocidental, e lá estava uma lua em quarto crescente com Vénus na ponta. Era tão belo, tão extraordinário; K ergueu os braços perante aquela visão, com o rosto iluminado.

Dois dias mais tarde, K voltou a falar de algo estranho a acontecer, impossível de descrever, mas que era uma energia. A caminho da praia, à tarde, mencionou-o novamente, e perguntei-lhe o que era aquilo de que falara como sendo uma vida muito longa. Disse que estas coisas faziam parte disso para ele:

1: Amadurecimento tardio. "Ainda estou a amadurecer."

2: Ausência de conflito.

3: Quietude absoluta no centro do cérebro. "Pode haver barulho lá fora, mas o centro está quieto."

4: Tem de haver bondade — nunca magoar ninguém. Se magoares, tens de pedir desculpa.

5: Virtude.

6: Amor, afeição, amabilidade.

A Erna, o Theo e a Ruth vieram ao meio-dia e realizámos uma reunião de curadores. K esboçou uma declaração, que o Sol colocaria em termos jurídicos para impedir Rajagopal de ter qualquer voz ou controlo nos assuntos de K no caso da morte de K, e nomeando a KFA para continuar. Falou também de certas coisas para nos lembrarmos:

1: O seu manuscrito escrito à mão, que Rajagopal se recusara a entregar, que fora levado para Ojai pela Vanda Scaravelli no início dos anos 60 para ser guardado nos arquivos de K. Disse que era sobre meditação e "a outridade". A sua existência poderia ser confirmada por Pupul Jayakar, Nandini Mehta, Madhavachari e Doris Pratt.

2: O caráter de Rajagopal, de que era exemplo o facto de, quando a mãe de Rajagopal estava a morrer, ele lhe ter enviado cinquenta rupias, às quais Madhavachari acrescentou mais algumas por embaraço.

Falou também sobre uma doença que tivera na Índia entre 1956 e 1958 quando, em resultado de um antibiótico, ficou paralisado durante um mês. Tinha ido com Madhavachari ficar em Srinagar, num local posto à sua disposição pelo Marajá de Caxemira, e estivera inconsciente durante três semanas com a pulsação e a tensão arterial muito baixas. Quando os outros se foram embora, K e eu fomos dar um passeio, ele na praia e eu, nessa altura, na estrada acima, devido a problemas na minha perna na areia inclinada. Melros cantavam, balançando-se nos caules de mostarda. Estava mais frio. Eu conseguia ver K a marginar as ondas, tendo de saltar para o lado às vezes, o seu passo firme, o cabelo a voar no vento marítimo — uma figura esguia, forte, indomável, a dar o seu passeio e nalgum lugar distante na "outridade", embora se voltasse às vezes para ver se eu estava ali e acenar.

**Capítulo Vinte e Quatro**

A sexta-feira, vinte e um de abril de 1972, foi uma manhã linda em Malibu, límpida e pacífica. Antes de sairmos de casa, Krishnaji fez-me sair pela porta da frente e depois voltar a entrar, sentámo-nos ambos calmamente à mesa junto à janela e depois partimos. A Filomena ia connosco e foi de táxi, enquanto a Amanda Dunne levou K e a mim de carro até ao aeroporto de Los Angeles. Apanhámos um voo às 9 horas para Nova Iorque, onde o meu irmão tinha um carro para nos receber e levar para a Ritz Tower, onde voltámos a ficar no apartamento do meu pai, mais um quarto estúdio para a Filomena. No dia seguinte, o Sr. Narasimhan, que era então *chef de cabinet* do Secretário-Geral da ONU, Waldheim, como tinha sido de U Thant, veio ao meio-dia ver Krishnamurti. Enquanto esperava por K, contou-me que tinha cinquenta e sete anos e sofria de toda a espécie de problemas de saúde. Poucos minutos depois K apareceu, rápido, a sorrir, vestindo uma camisa de malha castanha nova, calças de flanela cinzenta e as suas sandálias. Tinha um aspeto de saúde e bem-estar, asseio, a elasticidade e a espontaneidade no rosto de uma criança. Vinte anos mais velho do que Narasimhan, parecia trinta anos mais novo.

À tarde, K teve vontade de ir ao cinema — "o templo", como ele muitas vezes lhe chamava —, por isso fomos e vimos algo com polícias e ladrões a perseguirem-se uns aos outros pelos canais de Amesterdão — inteiramente satisfatório. Ao regressarmos, ele ligou a televisão e assistiu a uma entrevista com a antropóloga Margaret Mead. Disse que gostaria de

falar com ela. “Ela é brilhante, mas é tudo num só nível. Acho que é preciso algo mais.” Depois, disse que estivera novamente a pensar que não queria que eu tratasse de todas as cartas. Eu deveria ler e acompanhar o que andava a ser pensado, coisas científicas, psiquiatria, etc., e falar-lhe sobre isso. E deveríamos fazer diálogos. Eu deveria descobrir o que ler para estar informada. “O Aldous costumava dizer-me essas coisas.”

No dia seguinte K dormiu muito, e eu estive a rever papéis para poder ditar as respostas a um amigo amável que se tinha oferecido para ajudar. Durante o almoço, ele viu os astronautas da Apollo 16 a caminhar na Lua, a dar saltos e a exclamar num estilo que parecia próprio dos americanos na Lua. K achou que seria interessante se houvesse alguns seres que lhes dissessem: “Somos mais avançados do que vocês. Não estraguem a nossa Lua com os vossos modos agressivos.” Mais tarde, vimos a cápsula descolar como um balão repentino.

“A vontade é isolamento.” Disse ele isto no dia seguinte a algumas pessoas que o tinham vindo ver. Mais tarde, disse-me: “Fiquei surpreendido quando ouvi isso. Ele não tinha dito isso antes. O que supões que o faz dizer algo novo — e ver imediatamente que é verdade?”

A um dos elementos do grupo, um jovem que era professor e perguntou como se poderia estabelecer uma relação com um grupo de alunos indisciplinados, a resposta de K incidiu sobre a introdução de um pouco de quietude na qual a relação pudesse começar e, através dessa relação, avançar-se em direção ao cultivo da inteligência do aluno. Depois vêm os factos e o conteúdo do conhecimento.

Mais cedo, nesse dia, eu tinha ido ao Carnegie Hall, onde K iria falar, e conversado com o gerente sobre luzes, gravação, a cadeira de K, etc. Comoveu-me vir ao Carnegie Hall por causa de K. Era como se houvesse ali uma qualidade; como se as suas paredes tivessem absorvido toda a beleza do som que ali ecoara. Os concertos de Toscanini nos tempos da minha juventude tinham-me incutido uma reverência por aquele lugar. Vir ali por causa de Krishnamurti era muito apropriado.

Noutra tarde fomos ao cinema ver o filme *O Jardim dos Finzi-Contini*. K gostou, em parte, por ser em italiano, e ficou impressionado com o som ressonante do que pensei ser o Kaddish cantado no final. Para mim, era uma música que dilacera o coração, e pareceu comovê-lo imenso. O

sofrimento, a grandeza e a eternidade estão nela. Num passeio que demos depois, voltou a falar do assunto e disse que a música árabe também pode ter essa qualidade. “Por que razão os judeus têm sido tão perseguidos? Por serem mais espertos do que os outros? Não lhes eram permitidas tantas coisas, tinham de ser inteligentes para sobreviver.” Mais tarde, voltou a falar do sofrimento: “O sofrimento, o verdadeiro sofrimento, é sem autocomiseração, mas para a maioria das pessoas o sofrimento é autocomiseração.”

A Erna e o Theo vieram conversar com ele, e ele falou com otimismo sobre o caso, tirando a conclusão precipitada de que “Rajagopal está arrumado”. Nós não partilhávamos dessa esperança. O mistério, disse K, era o motivo por que alguma vez se permitiu que Rajagopal e Rosalind se aproximassem dele. “Não tens ideia do cuidado que eles [a ST] tinham — os Mestres, o corpo tem de ser cuidado, ninguém rude ou grosseiro, nenhuma violência se deve aproximar dele.” Ouvindo-o, parecia uma admissão da existência de Mestres. Disse-lhe isto quando fomos dar um passeio antes do almoço. “Não”, disse ele. “Não me referia aos Mestres, mas algo agiu, algo cuidou das coisas. Não penso, eu sei disso.” Depois, sobre Rajagopal, disse: “Acho que o mal é atraído pelo bem. A sua presença é um engodo.”

O sábado, vinte e nove de abril, foi um dia luminoso e radiante. Um carro com motorista levou-nos ao Carnegie Hall para a primeira palestra de Krishnaji. Foi às 11 horas, a sala estava quase cheia e tudo parecia correto. Senti as lágrimas correrem-me quando ele surgiu por entre a cortina do fundo e se sentou numa cadeira diante dos microfones. Parecia uma figura tão esguia e, no entanto, dominou instantaneamente toda a sala. A simples cadeira da orquestra e o facto de ele se sentar nela tornaram-se um trono, num reconhecimento esquecido do que era a majestade. Aquela velha sala era, finalmente, um local verdadeiramente adequado para ele falar. A sua voz uniu-se, para mim, à ressonância de todos os sons que tinham moldado aquelas paredes.

Durante a semana, numa sala do Museu Cooper-Hewitt disponibilizada pelo seu diretor, K deu entrevistas individuais a pessoas que tinham escrito a solicitá-las. No passeio de regresso da Rua 90 para a Rua 57, perguntei-lhe se as entrevistas deveriam, de preferência, ser dadas a quem tivesse problemas emocionais ou a quem pudesse ter uma

compreensão dos seus ensinamentos. Disse que seria a estes últimos, mas acrescentou: “mas aquelas pobres pessoas.”

À chegada ao Carnegie Hall para a terceira palestra, o gerente disse que Leopold Stokowski estava na assistência e gostaria de cumprimentar Krishnamurti depois. A palestra de K abordou a questão da ordem de uma nova dimensão, uma ordem que não deve ser cultivada a partir de fora, mas que surge da observação, de uma atenção sem escolha. Apenas o homem que percebe sem distorção terá a energia para mudar, e irá então, com outros, fazer mudanças no mundo. A compreensão da desordem é a ordem. Houve muito mais, mas depois K esperou nos bastidores até Stokowski chegar. Curvaram-se, apertaram as mãos com grande dignidade e mencionaram há quanto tempo não se viam. [K disse mais tarde que tinha sido primeiro em Ommen e depois em Ojai, quando ele trouxera a Garbo consigo]. Cada um pareceu lançar um olhar avaliador ao outro, como se notassem o que os anos tinham operado. Stokowski tinha então noventa anos e continuava a dirigir. Tinha um concerto na noite seguinte, e o gerente disse que tinha disponibilizado um camarote para Krishnamurti e os seus amigos. K dormiu à tarde e, nessa noite, enquanto jantávamos, a televisão mostrava um cura inglês a fazer um exorcismo a alguém possuído. K falou de o ter feito no passado.

No dia seguinte era o aniversário da Filomena, por isso celebrámo-lo ao pequeno-almoço e depois ela veio connosco à quarta palestra de Krishnaji. Foi, para mim, uma palestra tremenda. Perguntou se haveria algo para além do tempo — algo eterno, incorruptível? Disse que isso requeria uma mente que fosse religiosa, sem dogmas, crenças ou teorias, livre de qualquer autoridade ou da sua própria. Falou de a qualidade da mente que percebe totalmente ser a beleza. Como tantas vezes acontecia no fulcro das suas palestras, a sua voz tornava-se mais grave e parecia emanar de uma fonte no âmago do seu ser.

Dois dias mais tarde, a nove de maio, despedimo-nos da Filomena, que regressou a Malibu, e Krishnaji e eu voámos para Londres. Era um dia de final de primavera quando subimos de carro a alameda para Brockwood. As faias-roxas estavam a soltar pequenas folhas, e vimos o belo caminho de pedra que se começara a assentar quando tínhamos partido em outubro. K estava ansioso por um passeio, e fomos com a Dorothy e o Whisper pelo

bosque, através dos campos e de volta pela alameda. K dormiu nove horas nessa noite no maravilhoso sossego de Brockwood.

O doze de maio foi o septuagésimo sétimo aniversário de Krishnaji, mas de tal forma ele sempre o ignorava por completo que quase não lhe ligámos importância. No entanto, era também o da Dorothy, e fizemos um pouco mais de festa por causa disso. K e eu tivemos de ir a Londres assinar alguns papéis legais e, como havia greve de comboios, fomos de carro até ao escritório de Michael Rubinstein em Gray's Inn. Apreciei os degraus de pedra gastos, as janelas georgianas com vista para um grande plátano que diziam ser o preferido de Francis Bacon. O que assinámos foi a divisão da Fundação K em duas entidades: a *Krishnamurti Foundation Trust Ltd.* e o *Brockwood Park Krishnamurti Educational Centre*. Isto trazia algumas vantagens fiscais e legais, mas as pessoas eram as mesmas em ambos os conselhos, pelo que humanamente era idêntico.

A quinze voámos para Paris, eu para ver o meu pai, cuja saúde vinha a declinar, e K para tratar de alguns recados. Ficámos no Plaza Athénée, encomendámos algumas camisas na Charvet e almoçámos no Au Patole, no Blvd. Saint-Germain, perto de casa do meu pai. Foi uma mudança para Krishnaji, um restaurante onde a comida era excelente, as paredes sombrias, aromas de boa cozinha no ar e pessoas dedicadas a comer seriamente. O cozinheiro era o proprietário e o *maître d'hôtel* mostrou-se compreensivo em relação às nossas necessidades de vegetais. K gostou, e o seu olhar corria de um lado para o outro, absorvendo tudo, incluindo um padre muito gordo em hábito de monge que comeu e bebeu sem cessar. De alguma forma conseguimos ir à Lobb para a prova de sapatos de K, esquivando-nos ao trajeto da Rainha Isabel numa visita de Estado a Paris, e daí para o Plaza, onde Marcelle Bondonneau e Nadia Kossiakof vieram tomar o chá e discutir o trabalho em França.

No dia seguinte, o Au Patole caiu em desgraça quando não tinham salada verde. K ficou horrorizado. "Como podem estas pessoas viver?", disse ele, olhando em redor para a clientela fartamente alimentada. A Mar de Manziarly almoçou connosco e Sacha, com a sua perna de pau e dores de um recente acidente de viação, juntou-se a nós para o café. Veio ao hotel para que K lhe tratasse a dor. Quando ele saiu, fomos dar um passeio e fazer algumas compras na Givenchy e, enquanto K fazia a sua sesta, voltei para estar com o meu pai.

Depois de o ver novamente na manhã seguinte, regressei ao hotel e encontrei lá o meu carro, entregue a partir de Thun pelo Sr. Moser. Ele, K e eu discutimos o novo carro de K, cuja compra foi adiada para o ano seguinte. O Sr. Moser partiu e K e eu almoçámos agradavelmente no Plaza antes de partirmos de carro para Le Havre. Cerca de uma hora depois, na autoestrada, o carro parou sem que soubéssemos a razão. Passados cerca de cinco minutos, ficou bem e continuámos. Encontrámos o *ferry* Normandy, mas fomos procurar um restaurante chamado Monaco. Após um jantar ligeiro, embarcámos no *ferry* e parámos nos habituais camarotes asseados e numa travessia tranquila.

De volta a Brockwood, os dias decorreram de forma familiar: K conversou com alunos e funcionários, fomos de comboio a Londres para almoços com Mary Links, assuntos na Huntsman, e K começou sessões dentárias com um novo dentista, o Sr. Thompson. Uma consulta durou uma hora e meia e ele aguentou-a muito bem, mas nessa noite disse: "O corpo sente que foi atacado." Disse também, noutro dia, que coisas estranhas se passavam na sua cabeça. "A cabeça está a arder." Noutro dia, a Mary desceu a Brockwood para conversar sobre a biografia dele e, nessa noite, ele disse-me subitamente: "Tu és o meu irmão? Por um momento senti como se fosses."

A vinte e seis de junho deixámos Brockwood após o jantar com, como habitualmente, toda a escola a acenar na despedida a K, e conduzimos até Southampton para o *ferry* noturno. Houve os mesmos camarotes confortáveis e a travessia tranquila para Le Havre. Estávamos no Plaza Athénée a meio da manhã e fui ver o meu pai, juntando-me depois a K para o almoço no jardim do hotel, fomos a algumas provas de roupa e depois a um filme de Hitchcock, *Frenzy* — não muito agradável —, e regressámos a pé para o hotel.

Após mais algum tempo com o meu pai, a vinte e nove deixámos Paris ao meio-dia e encontrámos o caminho para a autoestrada em direção ao sul. Depois de Fontainebleau, a paisagem abriu-se num grande espaço ondulante — as belas extensões do centro de França. K ficou encantado. O Plaza tinha fornecido um piquenique. Não compreendiam muito bem sanduíches, mas havia fruta em abundância e comemo-la num dos parques de estacionamento mais bonitos à saída da autoestrada. Depois avançámos pela tarde fora sob chuva, deixámos a autoestrada em Villefranche e

parámos numa pequena aldeia, a norte de Lyon, onde tínhamos quartos na La Reserve, que era calma e agradável. K optou por comer na sala de jantar do hotel e quis fazer o pedido na sequência normal, em vez de começar pela fruta como habitualmente fazia. Assim, tivemos uma boa refeição centrada numa omeleta e *haricots-verts*.

A chuva tinha desaparecido de manhã e estava um belo dia de sol com nuvens passageiras que, prestáveis, faziam de para-sóis sobre o carro. Parámos em Orange para almoçar no Le Provençal. K ficou satisfeito por eu ter estacionado o carro numa garagem, e eu fiquei satisfeita porque o restaurante era, de alguma forma, genuíno, de uma forma que os luxuosos raramente são. Este era algo escuro e, estando muita claridade lá fora, era fresco e um refúgio. Havia papel de parede florido e gasto nas paredes, linho branco muito limpo nas mesas, uma mulher idosa e imóvel na caixa e um aroma de boa comida. Comemos melões locais, tão bons que não sobrou nada a não ser a casca, e quando vieram os queijos, comemos uns locais que nunca tínhamos provado. K escolheu um *chèvre* com alecrim. Depois fomos a pé até ao anfiteatro romano e K gostou da fachada maciça do mesmo. Conduzimos até Avignon, onde ficou muito calor e ficámos presos em engarrafamentos de trânsito. Tentámos ver o *Palais des Papes*, mas era uma confusão de carros e multidões, pelo que escapámos após uma espreitadela pela janela do carro. Atravessámos o Ródano, vendo a ponte *où l'on y danse*, e em Villeneuve-lès-Avignon encontrámos o nosso hotel, Le Prieuré. Descansámos e depois jantámos no jardim. Krishnaji, elegante na sua infinita dignidade e graça, observava todos os outros comensais, diagnosticando os seus males a partir do facto de comerem demasiado e "tanta carne… Não sabem que lhes faz mal?". Havia um vento que fazia as folhas nadar nas árvores.

O um de julho foi uma manhã sem nuvens, e deixámos o Le Prieuré e conduzimos para oeste à procura da Pont du Gard. A dada altura, K disse: "Vira aqui, vira aqui!" com tanta veemência que me senti atingida e abalada, como se estivesse prestes a atropelar uma criança. Estando tão recetiva a ele, foi devastador e mal consegui conduzir durante um pedaço. Mas chegámos à Pont du Gard, um aqueduto romano construído no tempo de Augusto — enorme e esplêndido. K gostou e continuámos em direção a Nimes. A paisagem lembrava a ambos a Califórnia, assim como a luminosidade radiante da Provença. Em Nimes vimos a *Maison Carrée* e achámo-la bela, vimos o anfiteatro e continuámos, com K a navegar pelo

mapa, para Aigues-Mortes na Camarga. Deixámos o carro fora e caminhámos por entre as muralhas da fortaleza até à pequena cidade. Parecia ter sido construída para pessoas muito pequenas que nela viveram e a defenderam até o mar, caprichosamente, recuar, deixando de ser o porto a partir do qual São Luís tinha lançado a sua cruzada. Continuámos a conduzir através da Camarga, menos selvagem do que esperávamos, chegámos a Arles, encontrámos o anfiteatro e seguimos para Les Baux e para o Hotel Oustau de Baumanière. Tínhamos quartos no solar — calmos, com um terraço e uma pequena piscina. Descansámos, tomámos banho e subimos ao hotel para um jantar de uma elegância excelente. Depois, fomos de carro até ao cimo da colina e olhámos para as rochas iluminadas de Les Baux, indo cedo para a cama.

Isso tinha sido a um de julho e, na manhã seguinte, partimos e conduzimos em direção a Cavaillon, parando numa aldeia onde comprámos queijo de cabra, azeitonas pretas, bolachas, pêssegos, damascos e cerejas para o nosso almoço. A paisagem era Van Gogh — fileiras de ciprestes verde-escuros quase pretos. Soprava um vento e, quando conduzíamos por túneis de árvores que se tocavam, as folhas eram águas verdes a correr sobre as nossas cabeças. Em Cavaillon rumámos para norte na autoestrada, mas logo a deixámos e, gradualmente, a paisagem já não era a Provença, surgindo uma luz e uma qualidade mais nórdicas. Estava quase frio quando parámos numa pequena clareira e fizemos o nosso piquenique. Para esticar as pernas e não deixar cair migalhas no carro, K ficou de pé lá fora com aquela postura de criança distante que por vezes tinha, "aquele rapaz" que ele fora e que, de certa forma, continuava a ser, uma figura esguia de graça, distante na sua própria perceção. Continuámos a conduzir, tomando uma estrada pequena que passava por Rumilly, deixando para trás Aix-les-Bains e, de acordo com o excelente planeamento de Sacha, chegámos à fronteira suíça em Saint-Julien-en-Genevois. A Alta Saboia era bela: campos, quintas, árvores e colinas que se transformavam em montanhas. As casas de campo tornavam-se maciças contra os invernos. Entrámos imediatamente em Genebra e estávamos outra vez nos pequenos e estreitos quartos do Hôtel du Rhône.

A manhã seguinte trouxe uma breve visita de Narasimhan, o relógio de Krishnaji a ser visto na Patek, duas gravatas encomendadas na Jacquet e, após o almoço, estávamos novamente na estrada ao longo do lago, subindo depois de Lausanne via Oron e, assim, finalmente até Gstaad; 1013 milhas

e uma semana desde que tínhamos deixado Brockwood. A Vanda estava lá, com a Fosca, e foi maravilhoso revê-las.

Exceto pelos passeios da tarde, K passou a maior parte do tempo a descansar na cama até as palestras começarem, a dezasseis de julho. A sua inevitável febre dos fenos nesta época do ano surgiu, mas não afetou a sua capacidade de dar as palestras. Alan Kishbaugh estava presente e, quando a Vanda regressou a Florença por a filha e a família irem chegar, K convidou Alan a usar o quarto do andar de baixo.

Na sua segunda palestra, a dezoito de julho, falou sobre a intuição (*insight*), que é a inteligência a ver sem conclusões. A mente sem conclusões é sem medo. A única segurança é a da inteligência. Foi uma palestra com muitos aspetos e de uma força tremenda. Depois, caminhou rapidamente pelo trilho ao longo do rio, perseguido por um homem com uma câmara a quem tinha sido pedido para não o filmar. Alcancei-o com o carro e conduzimos lentamente em direção a Gsteig. "O corpo está demasiado excitado" para ter voltado imediatamente para Tannegg. Quando voltámos, havia cartas da Erna sobre o advogado de Ventura, o Sr. Stanley Cohen, que seria o causídico local com Sol Rosenthal.

A Radha Burnier veio almoçar. Esta foi a primeira refeição de K à mesa desde a chegada. Contou-lhe alguns dos acontecimentos do caso Rajagopal e o historial do mesmo. Não descansou, mas conversou até às 16 horas, altura em que foi dar um passeio com Alan Kishbaugh e eu levei a Radha de volta ao seu hotel. Depois do passeio tomámos o chá e K ficou a conversar com o Alan e comigo até às 19 horas, em parte sobre coisas algo sobrenaturais: a sua sensação de desconforto quando escurece e ele está no exterior. Uma vez, anos antes, na Floresta de Ashdown, caminhava sozinho, escureceu e sentiu que estava a ser seguido. Chegou a casa exausto e teve de descansar "durante vários dias".

Em Madras, um ano antes desta conversa, chegou a um templo e sentiu esta ameaça. Disse que parou e "disse algo".

Perguntei: "Uma coisa especial?"

K respondeu: "Sim, uma coisa específica, e gradualmente aquilo esvaiu-se."

Não lhe perguntei na altura o que fora, mas ele falara anteriormente de os cristãos fazerem o sinal da cruz e os hindus proferirem a palavra "Om" para afastar o mal. Contou também que lhe tinham pedido, quando jovem, para curar uma mulher "possuída". Fora vê-la e ela olhara para ele e ficara calma e normal. Contou também que a Sra. Jayalakshmi fora uma noite a um templo considerado muito sagrado, onde sentira tão grande perigo que fugira no seu carro. K disse que não se supõe ser bom "falar sobre poderes obscuros, pois de certa forma isso dá-lhes energia". Disse que estas coisas são "on dit" — ou seja, boatos, mas disse também que não se deve mexer em tais coisas, e ele tinha de facto este mal-estar por estar fora à noite, sendo necessária precaução extra para os que o rodeavam, como se fizéssemos parte da sua proteção e, portanto, estivéssemos sujeitos a ataques por parte do que quer que seja malévolo. "O mal é atraído pela bondade, querendo destruí-la." O Alan falou de uma estranha sensação de ameaça quando acampou junto a um cemitério índio no sudoeste dos EUA, e de como esta cessara quando colocara a pulseira de um curandeiro Hopi. Ao jantar, ele disse-me que sentia a sensação de estar ali para proteger K quando estava com ele.

A Isabel Biascoechea trouxe uma mulher que estava histérica a K; ele acalmou-a um pouco colocando as mãos na cabeça dela e disse ao marido que a tirasse de Saanen. "Leve-a ao cinema, tire-a de 'tudo isto'." Eles tinham estado, antes de irem para Saanen, numas reuniões onde as pessoas tentavam uma espécie de meditação prolongada.

Uma carta de James Vigeveno tinha sido trazida a K para lhe ser entregue diretamente. K deu-ma, pedindo-me que a lesse e lhe dissesse do que tratava, pois ele não queria tocar-lhe. A carta criticava duramente K por atacar o seu amigo de toda a vida, Rajagopal, e continha uma alusão sublinhada de que ainda seria possível resolver as coisas fora do tribunal. Com a concordância de K, enviei-a para Sol Rosenthal e mostrei-a a Erna e Theo, que tinham acabado de chegar.

Balasundaram também tinha chegado, veio almoçar e contou a K que tinha ido falar com Madhavachari sobre Vasanta Vihar. Este estava encarregue do local, ostensivamente em nome de Rajagopal, mas tinha-se descoberto que legalmente a propriedade pertencia à fundação holandesa *Krishnamurti Stichting*, que a tinha transferido para a KFA. Como Madhavachari era membro da *KF India*, Balasundaram persuadiu-o a falar

sobre o assunto com Pupul Jayakar, mas no último momento ele recuou. K perguntou por que razão Madhavachari se estava a comportar desta maneira. Balasundaram supôs que fosse devido à sua lealdade a Rajagopal.

A quinta palestra de K, a vinte e cinco de julho, foi sobre o sofrimento e o conflito e, finalmente, sobre o prazer e a alegria. Falou com uma energia quase explosiva. Depois, fomos de carro até Château-d'Œx antes de regressarmos a Tannegg para o almoço. Tinha chegado uma carta de Sol Rosenthal sobre a carta de Vigeveno, sugerindo como K poderia responder, caso desejasse acusar a receção. À tarde, Nadia Kossiakoff trouxe a Menina Delachaux, da editora franco-suíça, para ver K. Ela queria fazer um livro de capa dura e em formato de bolso e pediu sugestões. Conversámos um pouco e encaminhei-a para George Digby. Depois K entrou, e ela perguntou-lhe se ele era um místico, e ele recuou um pouco com desagrado. "O que é um místico?" Ela via-o como alguém que tenta entrar em contato com seres místicos. K disse que isso implicava procura e explicou a projeção de um católico que tem experiências místicas de Jesus, ou de um hindu de Krishna, "tudo dentro do condicionamento. A religião deveria estar fora disso". Ela perguntou sobre a intuição, que K sempre considerou uma palavra perigosa que só podia ser projeção. Ela perguntou: o que é o subconsciente? K respondeu: "O depósito do condicionamento." Disse que o pensamento, exceto o pensamento técnico, divide e, como isto era difícil de ver, explicou as divisões nacionais e religiosas, que são todas produtos do pensamento. E assim continuou. Ao longo de tudo isto, ele sentou-se com a graça descontraída de um rapaz jovem. Como estava cansado, mostrou-se ligeiramente hesitante em responder em francês, língua em que decorrera a conversa, mas dedicou-se com total atenção às perguntas dela. Para além de tudo o que ele dizia, havia sempre uma experiência estética em observar a sua expressão, postura e gestos, que era ilimitada. Quando a conversa terminou, levei as duas mulheres de carro até ao hotel delas, fui buscar o *The Economist* e alguns livros policiais para K e, no caminho de regresso, tive a surpresa de o encontrar à espera na estrada. Tinha descido a pé, mas sentira-se demasiado cansado para voltar a subir e pensou que me veria. Tinha estado ali apenas há um minuto quando passei por ele, como se algo o tivesse organizado perfeitamente. Subimos a colina, tomámos chá de lúcia-lima e ele foi para a cama.

Na manhã seguinte ele ditou uma resposta à carta de Vigeveno, tendo em conta o conselho de Sol Rosenthal. Para mim estava bem, mas era

demasiado longa, pois a carta de Vigeveno tinha sido insultuosa e isto dignificava-a em demasia. Uma vez ditada, K continuou a revê-la, a suavizar o tom, e planeou discuti-la com Erna e Theo.

A sexta palestra foi no dia seguinte, proferida com a mesma energia ardente. No caminho de regresso, disse que não fazia a menor ideia do que ia dizer quando se sentou, mas acrescentou: "Ele disse algumas coisas novas." Depois fomos de carro até Gsteig, antes de regressarmos a Tannegg, onde os Digby, os Lilliefelt, Mary Cadogan e Alan Kishbaugh estavam ao almoço. Tivemos depois uma reunião do Comité de Publicações que durou a tarde inteira, na qual muita coisa ficou decidida.

Erna e Theo vieram na manhã seguinte e discutiram o rascunho da carta de K para Vigeveno; foi ligeiramente alterada e enviada. Depois houve a reunião anual dos Comités e Fundações K. K discutiu as funções dos mesmos após a sua morte e mencionou o processo contra Rajagopal. Foram fixadas as datas e o número de palestras de Saanen para o ano seguinte. Apesar de alguns protestos para que fossem menos, a bem da saúde de K, ele insistiu em manter o número de então — sete palestras e sete reuniões de perguntas e respostas. Ao almoço estiveram Anneke Korndorffer, Balasundaram, Erna, Theo e Alan K. Decidiu-se que a fundação holandesa (*Stichting*) se juntaria à *KF India* num processo contra Rajagopal pela posse de Vasanta Vihar, já que esta, sendo uma doação da *Stichting* à KFI, não tinha sido registada. Pupul Jayakar queria que a KFI partilhasse os direitos de autor e os direitos de publicação no estrangeiro, que era o que ela tinha pressionado no ano anterior, e que ia contra o acordo existente. Balasundaram expôs isto, embora parecesse ver a necessidade de manter os direitos de autor num único local. Tudo isto e mais foi discutido, e foi cansativo para K, que não fez a sesta e foi dar um curto passeio sozinho.

Seguiu-se o vinte e nove de julho, que foi um dia semelhante. Os Digby, os Lilliefelt e Balasundaram juntaram-se a K, Alan K. e a mim para uma discussão que se prolongou através de um almoço *buffet* e do chá até às 17 horas. Tratou em grande parte do contrato com a editora holandesa Servire. O seu diretor, o Sr. Verhulst, veio com o seu novo sócio, o Sr. Fazul Inayat Khan, um líder sufi e diretor de uma editora sufi. Isto era algo com o qual K não queria uma associação. Inayat Khan foi interrogado por K e disse a K que considerava os ensinamentos de K e o sufismo como uma

só coisa, pois todos procuravam a verdade. “Um momento, senhor”, disse K, e procedeu a desenganá-lo disso: os ensinamentos dizem que não há caminhos, não há métodos, etc. Khan concordou friamente com K. Houve palavras contundentes entre Balasundaram e Khan, que deixou claro que estava a tentar estabelecer-se através do uso dos livros de K nos EUA, onde não tinha então canais de distribuição. Verhulst e Khan partiram então, e decidiu-se que não deveríamos prorrogar o contrato, após consultarmos Michael Rubinstein. O resto do dia foi dedicado aos problemas de edição na Índia. Balasundaram disse que o novo livro, *Tradição e Revolução*, não se baseava em fitas ou notas taquigráficas, mas sim em notas feitas posteriormente de memória. Esta foi uma notícia perturbadora. Balasundaram fez uma forte pressão, mais uma vez, por uma quota-parte nos direitos de autor, o que não teve sucesso. Foi um dia exaustivo.

A dois de agosto, Krishnaji iniciou sete sessões diárias de perguntas e respostas na tenda e deu também numerosas entrevistas privadas a pessoas que as tinham solicitado. Houve também um chá para as pessoas de Ojai que lá estavam. Alan Kishbaugh partiu e os Simmons mudaram-se do parque de campismo para o apartamento do rés-do-chão.

Quando todas as atividades de trabalho de Krishnaji terminaram, fomos dar passeios de carro com a Dorothy e o Montague, incluindo um a Villars, onde ele e o irmão Nitya tinham ficado no início dos anos 20, quando Nitya tinha tuberculose. Mais tarde, por volta de 1957, Rajagopal tinha deixado K ali no Montesano, o mesmo hotel, dando-lhe apenas o dinheiro suficiente para pagar a pensão mais cinquenta francos. Era um hotel tranquilo, com famílias e crianças. Almoçámos lá, onde K costumava ter uma mesa sozinho a um canto junto à janela. Contou-nos que Rajagopal tinha escrito a Vanda, que estava em Gstaad na altura, dizendo-lhe para não comunicar com K. Quando Rajagopal partiu, após vários dias ali, num dos quais esteve bêbado na sala de jantar e insultou K em voz alta, disse-lhe: “Dizes que nunca estás sozinho — bem, agora vais descobrir como é — o que o resto de nós sente.” “Mas eu nunca estive sozinho”, disse K. “Poderia simplesmente ter ficado ali.” Passava os dias a caminhar nas colinas, nunca falava com ninguém, mesmo quando o diretor do hotel o queria apresentar a alguns hóspedes. Partiu quando chegou a altura, passados cerca de dois meses, para ir para um local onde era esperado. Foi de comboio, mudando duas vezes, para Chamonix, onde o Sr. de Vidas se tinha encontrado com ele. Eu estava à beira das lágrimas ao almoço, vendo-o ali onde ele tinha

sido feliz com o seu irmão há tanto tempo e, mais tarde, deixado sozinho pela malevolência de Rajagopal. Tínhamos escolhido uma mesa perto da porta; inconscientemente, eu devo ter sentido a relutância de K em entrar na sala cheia de pessoas. Sentou-se, de costas voltadas para elas. Havia uma qualidade na sua timidez que era diferente naquela sala — a timidez dolorosa de alguém muito mais jovem, vulnerável. Eu conseguia vê-lo então atrás de uma muralha, longe, e no entanto contente por passar os seus dias a caminhar nas colinas, como em Ojai, no seu estado distante. A tentativa de Rajagopal de o magoar não funcionou.

"But por que razão aguentei eu isso?", perguntou-nos ele. "Simplesmente aceitei. Suponho que porque não havia mais ninguém a quem recorrer." Senti-me assombrada ao vê-lo ali, obediente, aceitando as circunstâncias e a crueldade porque não havia outra escolha, mas intocado por isso interiormente. Eram coisas como esta que tornavam o processo contra Rajagopal necessário. A propriedade, etc., era insignificante. Rajagopal nunca mais deveria poder tocar em K.

A Dorothy e o Montague partiram, mas antes de o fazerem, várias pessoas foram convidadas para almoçar, incluindo o Sr. e a Sra. Suarès. Um amigo dissera que eles falavam venenosamente sobre K e os seus ensinamentos. Apesar de tudo, Krishnaji disse que deveriam ser convidados para almoçar, juntamente com Marcelle Bondonneau. Fui búscá-los ao fundo da colina, estando toda a gente muito educada, e K entrou na sala com o seu sorriso entusiasmado e cumprimentou-os amavelmente. A conversa manteve-se animada ao longo do almoço, mas K disse mais tarde que eles não se sentiam à vontade com ele. Suarès, que me parecia um rato cinzento, petiscou com gosto os raviolis de espinafres da Fosca e, ao despedir-se, colocou a mão no ombro de K como que em sinal de amizade, mas pareceu inteiramente falso. A Marcelle ficou mais um pouco e disse que ela e a Mar de Manziarly viam os Suarès raramente em Paris, mas quando o faziam, o nome de K já não era mencionado ou não se conseguiam entender. Um homem perguntava-se por que razão queriam eles entender-se nesse caso. A Marcelle disse que a Yo de Manziarly tinha ido à Índia com Annalisa Rajagopal para ver Satya Sai Baba. Pensei que isto chocou Krishnaji. Senti-me chocada por a traição de um velho amigo ser vista por ele. "O que se passava com estas pessoas?", perguntou K, e perguntei-me se seria pelo facto de cada uma delas querer algo dele e, não obtendo algo tangível que pudessem agarrar, se voltavam contra ele,

agrupavam-se e reforçavam o ressentimento umas das outras. Rajagopal colhe os frutos disto. Podem não ter qualquer simpatia real por ele, mas a raiva que sentem de K empurra-as para Rajagopal. Seriam as pessoas mais neuróticas perto de K ou seria este um nível normal da humanidade aleatória?

Sem os convidados, a casa ficou tranquila. K descansou e caminhámos à tarde subindo pelos campos até ao rio e à estrada de Turbach. Pude ir à caminhada, o que não fazia desde que tinha magoado a perna em Genebra. Ele voltou a dizer: "Tens de cuidar de ti, pois tens de viver mais do que eu. Viverei pelo menos mais dez anos, até aos noventa, provavelmente. Tu tens de viver para além disso. Já não pertences a ti própria."

Isso foi a quinze de agosto. Na manhã seguinte fui tratar de recados e ouvir os ensaios de Menuhin na igreja de Saanen. Na linda luz dos quartetos de Mozart e na luz do sol sobre a madeira do corrimão dos bancos, continuava a ver K em Villars e agora lá em cima no seu quarto em Tannegg, a maravilha infinita dele, frágil, extraordinário, para ser cuidado, servido e amado. Ao almoço com alguns amigos, ele estava longe, mas regressou à conversa quando esta tocou no Buda, na hierarquia dos mestres e, acima deles, o Maha Chohan e depois o Buda. Explicou de onde vinha a maior parte disso: do Tibete. E mais tarde, no passeio, falou de Jesus. Perguntei que diferença fazia se ele tivesse vivido ou não? O que se diz que ele ensinou não seria verdadeiro ou não por si mesmo? "Não era muito original", disse K, "apenas amarmo-nos uns aos outros". Perguntei se não era uma forma de dizer o não-eu, que parece estar no âmago da maioria das religiões. K disse que sim, e que Akhenaton também o tinha dito. Ele andava a ler um livro sobre história egípcia.

Na manhã seguinte disse que não tinha dormido bem. Disse que a meditação tinha sido tão forte que sentia a parte de trás da cabeça a arder. Não era dor — era uma chama tão intensa que teve de ler para a parar antes de conseguir dormir novamente. Mas, apesar de tudo, quis vir comigo a Berna, onde eu tinha de obter o seu visto francês. Chegámos lá antes do meio-dia, altura em que tudo fecha, mas era necessária uma carta da embaixada indiana, por isso fomos à procura de um restaurante vegetariano com jardim de que ele se lembrava. Só depois de comermos no andar de baixo é que soubemos que o jardim era no andar de cima, mas tivemos uma boa refeição, limpa e sossegada. Os assuntos do visto ficaram finalmente

resolvidos e partimos para Thun, onde falámos com o Sr. Moser sobre um Mercedes SLC 280 3.5 para entrega no ano seguinte, que K queria poder levar para os Estados Unidos.

A dezanove recebi um telefonema da governanta do meu pai em Paris, dizendo que ele tinha desmaiado. Falei com o médico dele, que disse ser cerebral e que ele nada podia fazer; era uma falência geral no funcionamento do corpo e, pela primeira vez, ele não estava a responder à medicação. Telefonei ao meu irmão em Martha's Vineyard e tive dificuldade em contactá-lo. K entrou durante uma pausa nisto e contei-lhe o que estava a acontecer. "Estás preocupada?", perguntou ele. Disse que a preocupação existe quando há algo que se possa fazer para mudar as coisas; isto, ao que parecia, não podia ser alterado. Krishnaji perguntou então: "Sentes algo neste quarto? A atmosfera?" Eu: "Não quero que isto te afete." Fomos para o quarto dele e ele disse: "Sentes a diferença? Talvez seja porque ficaste preenchida com isto. Estamos todos de partida." Eu: "Diz-me, ó esfinge, quando é que se deixa de vir e se começa a partir?" K: "Oh, suponho que à nascença — não, provavelmente dos dez aos vinte anos. Nunca vi ninguém morrer. Não estava lá quando o meu irmão morreu; teria sido terrível. De certa forma, estou partido quando caminho, ou às vezes quando estou a ler, estou tão longe. Não quando falo. Aí estou totalmente presente. Mas de resto estou a ficar cada vez mais distante. É por isso que não deves deixar que me deem uma anestesia geral, que me apaguem. Isso seria o fim." Eu: "E se tiveres dores? Se te magoares?" K: "Não acho que vá acontecer dessa maneira. Nesse caso sedação, mas não apagado. Se tu morresses primeiro" — longa pausa — "mas acho que não vais. Tens de viver mais do que eu, e eu viverei mais quinze ou vinte anos. Não sei isso, mas sinto-o. E quando ele partir — não te deves suicidar como fizeste quando o teu marido morreu. Devias ir a Paris ver o teu pai agora?" Eu: "Não, vamos seguir o plano que já temos de ir lá na quarta-feira." K: "Eu não conseguiria conduzir o carro sozinho. Talvez até Bulle ou Nyon, mas o corpo não conseguiria [conduzir] o caminho todo."

A vinte e dois de agosto falei com as pessoas em Paris. O médico tinha acabado de ver o meu pai. Nada mais podia ser feito; a morte estava muito próxima. Telefonei ao meu irmão, que estava prestes a voar para Paris. K e eu almoçámos calmamente; não lhe contei a notícia. Às 15 horas o telefone tocou: o meu pai tinha morrido durante o sono. Krishnaji entrou no quarto enquanto eu desligava o auscultador. "Senti que tinha

acontecido", disse ele. "Senti-o vindo de ti." Liguei novamente ao meu irmão e contei-lhe. K fez-me descansar um pouco e depois fomos dar um passeio até ao rio. Com as malas feitas, carregámos o carro para partir de manhã cedo. No passeio, K dissera que, para a maioria das pessoas, a morte é talvez uma reabsorção no seu condicionamento.

Vinte e três de agosto. Despedimo-nos da Fosca e estávamos no carro e a caminho às 4 da manhã. Em França parámos em Lons-le-Saunier para comprar croissants e comemo-los ao pequeno-almoço com fruta na mesma berma da estrada do ano anterior. K conduziu cerca de 100 milhas na autoestrada. Chegámos a Paris por volta das 13 horas e parámos para o nosso almoço de piquenique no Bois, onde costumávamos dar os nossos passeios. Depois fomos para o Plaza Athénée e liguei ao meu irmão, que tinha chegado a Paris com a esposa de manhã. Veio ver-me e depois fomos ao apartamento. Regressei ao hotel a tempo de pedir o jantar de K e o meu para os nossos quartos.

Na viagem de carro, de manhã, ele falara da morte. "Não gosto de falar do teu pai", dissera ele, "but o que acontece a um homem como Rajagopal?". Falámos sobre isto e, mais tarde, à noite, ele disse o seguinte, que escrevi palavra por palavra: "Repare num homem como X, que é desconfiado, ciumento, secreto, preocupado com a sua segurança — a segurança física. Ele é, afinal de contas, o produto do seu ambiente, da sua cultura, do seu padrão de comportamento. Pode ter peculiaridades, o seu temperamento, o seu chamado caráter. A sua mente está condicionada pela classe em que nasceu e assim por diante. E quando ele morre, e é disso que estamos a falar, o que lhe acontece? Não saiu do seu ambiente, não fez nada da vida; está apenas a reagir dentro do seu condicionamento, que pode ser muito inteligente, astuto, artístico, mas ele não saiu dali. Faz parte de toda aquela massa trémula. Pode pensar que vai reencarnar, renascer ou ser absorvido por algo maior, o que é a sua esperança e conforto, mas basicamente continua a ser o resultado da sua tradição, dos seus antepassados, do seu ambiente. Não saiu dali, pelo que é absorvido pelo seu condicionamento básico. Isto parece cruel, mas como pode observar, ele faz parte desta humanidade. Tal como era na vida, assim é na morte. Viver com a morte todos os dias é negar totalmente este condicionamento. Portanto, morrer para o condicionamento todos os dias é viver uma vida de uma dimensão diferente."

Houve um serviço fúnebre na sexta-feira, vinte e cinco de agosto, e mais tarde, ao fim da tarde, Krishnaji e eu deixámos Paris e conduzimos até Le Havre e para o *ferry* noturno rumo a Southampton.

## Capítulo Vinte e Cinco

## 1972

De volta a Brockwood, houve sossego e descanso. Nos primeiros dias, Krishnaji limitou-se a fazer pouco mais do que os passeios da tarde através dos campos. Depois surgiram papéis para preencher relativos aos assuntos legais em Ojai — os chamados "interrogatórios". Depois vieram as viagens a Londres para o dentista e provas na Huntsman, com o prazer do almoço com a Mary na Fortnum pelo meio. Fomos também a Chichester a uma récita da peça de Christopher Fry, *The Lady's Not For Burning*, cujos bilhetes tinham sido arranjados pelos Fry, meus amigos de longa data.

O usufruto de tudo isto sofreu um duro golpe com o ataque dos terroristas árabes contra os atletas olímpicos israelitas, uma selvajaria chocante. Para além disto, o Coronel Noyes chegou subitamente de Ojai trazendo propostas de acordo por parte de Rajagopal. Uma parte consistia em Rajagopal ficar com fundos para ele próprio continuar as publicações, ao que Krishnaji disse a Noyes que, se soubesse que Rajagopal continuara a ser teosofista todos aqueles anos, nunca teria deixado Rajagopal tocar nos seus escritos e ter-lhe-ia pedido para sair da KW Inc. Ambos dissemos que se Rajagopal tinha uma sugestão de acordo, esta deveria ser feita através do seu advogado para o nosso. Tudo isto perturbou o estômago de K e, na manhã seguinte, quando se soube que os terroristas árabes tinham morto todos os reféns israelitas, K ficou em lágrimas e mandou chamar Noyes, a quem disse que o que Rajagopal estava a fazer era semelhante em mentiras e violência. Noyes disse que tinha telefonado a Rajagopal, que lhe pediu para colocar as sugestões por escrito. Reiterámos que Rajagopal deveria fazer quaisquer sugestões que tivesse através do seu advogado.

A nove de setembro começaram as palestras públicas e discussões de Krishnaji em Brockwood, que contaram com uma numerosa assistência de bem mais de 1000 pessoas. Como anteriormente, realizaram-se numa grande tenda, com uma segunda adjacente onde havia comida disponível. Krishnaji voltou a comer algo ligeiro no andar de cima após a palestra, mas

depois regressou à tenda para comer mais um pouco, o que fazia de pé enquanto as pessoas se aproximavam para falar com ele.

Depois de terminadas estas reuniões, ele precisou de mais trabalho dentário. Numa delas, suportou duas horas de broca na preparação para uma ponte, após o que conseguimos apanhar rapidamente um comboio de volta para Petersfield, mas ao regressar ele desmaiou no carro. Consegui ampará-lo e ele esteve inconsciente durante cerca de dois minutos. Ficou com o rosto inchado e com dores de cabeça durante alguns dias, mas apesar disso falou à escola quando esta reabriu e, como sempre, caminhou pelas tardes.

A dezoito de outubro teve um diálogo com David Bohm, gravado no Nagra por George Carnes, com Saral Bohm, Dorothy, Doris Pratt e eu presentes. Discutiram o que era a inteligência e, a dada altura, já muito avançados na discussão, K colocou a pergunta: Qual é a sua fonte? David ficou em silêncio, e K perguntou-me mais tarde se eu tinha notado a mudança de atmosfera na sala quando ele fizera essa pergunta. Depois, no fim, começou subitamente a falar de outra forma de comunicar: isto é, falar para o inconsciente. "Isso é afeição", disse ele, "isso é amor". Para mim, mais tarde, disse: "Vou falar contigo dessa maneira."

No dia seguinte assim fez. Disse que tinha reparado que eu tinha negligenciado o meu corpo, que por razões em que não queria indagar eu andava altamente nervosa fisicamente, que isso se notava no meu rosto, que eu tinha tentado corrigi-lo a partir de fora através da vontade, através da mente consciente, quando ele me tinha apontado tiques. Eu tinha respondido com esforço ou desânimo, respostas que eram todas superficiais. Disse ele: "Estou agora a falar para um nível mais profundo, por afeição; é a partir deste nível, do interior, que deves escutar e mudar. Se fizeres isto, em poucos dias estarás diferente; haverá uma consciência no teu corpo." Disse que, após a morte do meu marido, eu tinha abandonado o meu corpo, tinha-o negligenciado. Agora estava muito mudada e consciente em muitos aspetos, mas ainda não no bem-estar do corpo. Ele falaria a esse nível comigo, para o meu inconsciente, durante os dias seguintes.

No dia seguinte voltou a dizer-me: "Estou a falar para a tua mente inconsciente. Sinto que ela não sente que isso seja importante, senão já terias mudado. Sabes o que é estar quieta?" Enquanto ele dizia isto, vi que certos hábitos eram ramificações da tensão. Eu não me sentia tensa ou

nervosa, mas de alguma forma, para conseguir fazer as coisas, acumulava uma força de energia que tinha uma qualidade de tensão que parecia como estar numa mudança alta. Vi que isso não era necessário, que na verdade desperdiçava a própria energia de que eu precisava, e vi-o a partir de dentro — que a quietude era o que era necessário e que, se esse âmago estivesse lá, as coisas podiam ser feitas sem essa falsa tensão. Quietude interior. Compreendi. Mais tarde nessa manhã, na cozinha enquanto lavava a loiça, K disse que sentia uma diferença em mim. Depois, mais tarde à noite, disse: "Atingiste a primeira iniciação. Sabes por que razão demoraste tanto tempo? Quando o fizeres, será a segunda iniciação."

Em 15 de outubro, Krishnaji, Dorothy, Whisper e eu fizemos o nosso habitual passeio pelos campos. Jantámos no rés do chão e, às 20 horas, toda a gente se reuniu no salão da Ala Oeste para se despedir de K antes da partida; assim, entre calorosas despedidas e sorrisos de todos, seguimos de carro para Southampton e para o ferry da Normandia.

A manhã em Le Havre estava límpida, elevando-se uma névoa ténue, e os choupos desenhavam os seus ramos de inverno contra a luz pálida. Parámos para um pequeno-almoço fraco junto à autoestrada, mas às 10h30 já estávamos em Paris e no hotel, instalados e desfeitos os preparativos, seguindo depois para almoçar com Mar e Sacha de Manziarly, na Rue Jacob. Sacha não andava bem desde o acidente de automóvel ocorrido na primavera. Krishnaji colocou-lhe as mãos para o curar.

No dia seguinte, Marcelle Bondonneau e Nadia Kossiakof almoçaram connosco no restaurante Régence do hotel. Tinham criado uma nova entidade krishnamurtiana em França composta por quatro membros, um dos quais teria de estar domiciliado em França e possuir propriedade nesse país. Eram Mlle. Isabelle Mallet, que vivia na Normandia numa casa desenhada por Sir Edwin Lutyens, Mme. Samuel, Mme. Banzet e Mme. Betsy Debass. Os objetivos do comité limitavam-se estritamente à divulgação dos ensinamentos de Krishnamurti através das suas palestras, livros, gravações e filmes. Nadia trabalhara arduamente nisto, bem como nas publicações e na entrevista televisiva. Esta última fora realizada em Paris no ano anterior, e nessa noite consegui ver a transmissão da primeira metade da entrevista. K adormeceu e por isso não a viu, mas eu fiquei acordada e muito satisfeita. Tudo estava em francês; K falava clara e eloquentemente, o seu sotaque era bom e os pequenos deslizes de género e

tempos verbais eram inconsequentes. André Voisin, o entrevistador, fez um excelente trabalho — escutando verdadeiramente, suavizando subtilmente as palavras quando K não encontrava as que queria e levantando com leveza questões essenciais dos ensinamentos. Fora filmado profissionalmente a preto e branco.

Na manhã seguinte havia entusiasmo da parte de Marcelle, Nadia e Mar, que atribuía à sua família o mérito de ter dado a Krishnaji, anos antes, o seu bom sotaque francês. Disse que acabara de ir a Ojai, onde vira Rajagopal, "mas não falámos de nada, apenas rimos". Perguntou se não poderíamos publicar no Bulletin que Rajagopal não roubara nada; que vinha desempenhando o seu trabalho desde 1922 e nunca tirara coisa alguma. Expliquei que tínhamos um processo judicial em curso porque Rajagopal recusava fornecer informações financeiras e recusara o acordo proposto pelo procurador-geral. Salientei também que Rajagopal e Mima Porter estavam a processar K e todos nós. Mar disse que amava K e a sua irmã Mima e que não se sentia dividida.

Krishnaji e eu fizemos as malas e apanhámos um voo matinal de Orly para Roma. No avião disse-me: "Tens de cuidar de ti própria, comer convenientemente, caminhar três quilómetros por dia; tens de ficar bem, tens de sobreviver-me. Nada de viagens desnecessárias." Respondi que prometera visitar dois amigos. "Então vai calmamente", disse ele. "Não podes ter acidentes. Isso retira energia a outra coisa. Faz tudo tranquilamente. Então tudo ficará bem."

Vanda foi receber-nos ao aeroporto Leonardo da Vinci. Eu fui para o Hotel Raphael e Krishnaji ficou no apartamento de Vanda, na Via Barnaba Oriani. Algumas semanas antes, Filomena, em Malibu, sofrera um pequeno AVC. Foi diagnosticado como um espasmo causado pelo endurecimento das artérias tanto do cérebro como do coração. Conversei sobre isso com ela e com Amanda Dunne, e Filomena quis ir para junto da família em Roma. Miranda Dunne ia viajar para Florença e ficou combinado que acompanharia Filomena até Roma. Ambas estavam lá quando cheguei; Filomena tinha bom aspeto e tivemos longas conversas sobre tudo. Vanda recebeu-nos gentilmente para almoçar nesse dia e nos seguintes. K e eu fazíamos longos passeios na adjacente Villa Glori. "O teu subconsciente está a trabalhar?", perguntou-me. Miranda partiu, e eu fui dois dias para Florença. Ao regressar a Roma fiquei em casa de Vanda e, em 29 de

outubro, Krishnaji deu a sua primeira palestra em Roma, no Teatro dell'Arte — uma palestra magnífica — perante uma audiência que enchia completamente a sala.

No dia seguinte passeámos na Villa Glori, e ele disse: "Presta atenção ao teu inconsciente. Talvez queira dizer-te algo agora. Não demores demasiado a mudar. Estás tranquila interiormente neste momento. Ele dir-te-á qualquer coisa e tens de estar alerta e pronta a responder rapidamente — caso contrário é prejudicial." Falou também sobre o que era negociável ou não com Rajagopal. Chegara uma carta de Noyes, e K ditou-me comentários sobre ela.

No dia seguinte, 31 de outubro, voltámos a caminhar na Villa Glori e, depois do almoço, Filomena e o filho levaram-me ao aeroporto, de onde voei para Paris. Falei com Vanda e com K no dia seguinte; depois, em 2 de novembro, Krishnaji telefonou-me para dizer que Rajagopal lhe telefonara afirmando que, acontecesse o que acontecesse, o amava tal como no princípio. K disse-lhe que ainda podia resolver as coisas, ao que Rajagopal respondeu: "Já não depende de mim." Senti-me enojada com a duplicidade de Rajagopal e com a sua tentativa de manipular K. Ele disse-me que não valia a pena ficar perturbada; estava feito e talvez significasse alguma coisa. Continuava rápido a esperar que Rajagopal se comportasse decentemente. Nessa tarde voei para Nova Iorque e, após uma longa espera na alfândega, cheguei ao apartamento do meu irmão. Ele, a mulher Lisa e eu conversámos até muito tarde.

Enquanto estive em Nova Iorque falei com Erna, em Ojai, e transmiti informações a K. Em 5 de novembro partiu de Roma para Nova Deli, onde deu a sua primeira palestra no dia 11. No dia 13 regressei a Malibu.

Na sua primeira carta da Índia, K escreveu que no voo desde Roma houvera um atraso em Atenas e que a companhia aérea lhe atribuira um quarto de hotel, onde teve de partilhar espaço com um homem malcheiroso que ressonou toda a noite. Krishnaji nunca mais deveria viajar sozinho. Descreveu também a viagem de autocarro de regresso ao aeroporto, quando passaram pela Acrópole e uma passageira nem sequer levantou os olhos. Para K, a Acrópole era um dos maiores esplendores do mundo.

De Madras, Krishnaji escreveu que tivera de responder a perguntas dos advogados de Rajagopal sobre a propriedade de Vasanta Vihar e que

descobrira que Madhavachari entregara todas as cartas privadas de K a Rajagopal — uma traição completa que eu já suspeitava.

**Capítulo Vinte e Seis**

1973 começou com Krishnaji em Rishi Valley e depois em Bangalore, de onde escreveu e para onde lhe enviei um telegrama após uma audiência no tribunal de Ventura, em que o juiz Heaton deferiu os requerimentos apresentados em nosso nome por Stanley Cohen, o nosso advogado em Ventura, incluindo o acesso aos registos da KW Inc. Durante toda a permanência de Krishnaji na Índia, ele escreveu-me, e eu respondia mantendo-o informado.

Em 1 de fevereiro voou de Bombaim para Roma, depois para Brockwood e, em 9 de fevereiro, para Los Angeles, regressando assim a Malibu. Descansou; conversámos e caminhámos e, frequentemente, íamos à casa ao lado, dos Dunne, onde Amanda Dunne recuperava de uma cirurgia grave. Krishnaji proporcionava-lhe cura. No dia 17 fomos de carro para Ojai, onde havia neve em Topa Topa, a montanha que K costumava escalar. Em casa dos Lilliefelt houve uma reunião de trustees e uma discussão geral sobre todos os planos. Voltámos de carro durante a tarde, e K disse que, mesmo tão longe como Ojai, conseguia sentir algo a acontecer relativamente à saúde de Amanda. Noutro dia fomos ao cinema em Los Angeles e, ao regressarmos pela estrada costeira, Krishnaji desmaiou suavemente e depois quase voltou a desmaiar um pouco mais tarde. “Senti-me muito distante”, disse ele.

Em 7 de março fomos de carro para São Francisco e instalámo-nos no Hotel Huntington. Alain veio tomar chá e regressou no dia seguinte, quando, com Erna e Theo, os cinco fomos almoçar ao Trader Vic’s.

Depois fomos ao Masonic Hall, onde Krishnaji iria falar e que convenientemente ficava ao lado do Huntington. Ficou satisfeito com o local, ajustou os microfones e as luzes enquanto lá esteve e depois regressou ao hotel. No dia seguinte descansou; almoçámos na sala de estar e, à tarde, fomos de carro até ao Golden Gate Park, onde Alain se juntou a nós para um passeio e regressou connosco para jantar. O apartamento tinha, além da sala, uma cozinha onde eu podia cozinhar.

Krishnaji deu a primeira de quatro palestras em São Francisco em 10 de março, no Masonic Hall, que tinha capacidade para mais de três mil

pessoas e estava muito bem composto. Alain encarregou-se das gravações áudio e juntou-se a nós para passeios e almoços em Chinatown e em vários pequenos restaurantes. K foi visitar Mrs. Blanche Mathias, uma amiga idosa dos tempos antigos. Jacob Needleman veio vê-lo. Os Lilliefelt e Alan Kishbaugh estavam presentes; depois fomos caminhar em Muir Woods e K ditou uma carta de *Letters to the Schools* — a primeira de uma série que queria fazer sobre a liberdade. Quando não desejava ir mais longe, dávamos dez voltas ao pequeno parque em frente ao hotel. Partimos em 20 de março e seguimos para sul. A estrada de Big Sur estava fechada, por isso viemos pela Route 101 através de chuva, granizo miúdo, saraiva e algum sol, parando para um almoço de piquenique em Pismo Beach. K conduziu parte do caminho, e a meio da tarde já estávamos em casa, em Malibu.

K descansou na cama durante dois dias, levantando-se apenas para dar dez voltas ao relvado ao fim da tarde. Mas no dia 24 já estava recuperado e realizou uma discussão com Erna, Theo, Ruth Tettemer, Albion Patterson, Alan Kishbaugh, Sidney Field e David Hall com a mulher, Felicity. Numa segunda discussão com o mesmo grupo — desta vez sobre educação — falou da necessidade de uma escola porque vivíamos numa época de violência, uma "idade das trevas". Disse que existia um resíduo tanto do bem como do mal que subsistia em si mesmo. "Não estou a especular. Sei isto." Disse que devíamos criar as crianças na bondade — um guarda-chuva de bondade protegendo-as. Quanto a ter uma escola, como haveríamos de consegui-la? Disse que já estávamos nessa bondade, caso contrário não estaríamos ali. Estávamos dispostos? Estávamos.

Houve mais conversas sobre a escola nos dias seguintes; fomos ver o aquário de Marineland, K ditou mais cartas de *Letters to the Schools*, continuou a oferecer cura a Amanda e, em 5 de abril, fomos de carro para Ojai, onde ficámos em casa dos Lilliefelt. Durante o jantar conversámos, e K falou de uma sensação de que eles e eu tínhamos sido enviados por algo para cuidar dele; que devíamos ser responsáveis, manter o controlo das escolas e também estar preparados para lidar com tudo o que uma futura maré de energia viesse a trazer. Tínhamos de manter as coisas nas nossas mãos.

No dia 7, de manhã, deu a primeira palestra em Ojai, realizada no Libbey Park. Ao jantar com Erna e Theo falou do horror da sua vida com os Rajagopal.

Uma segunda palestra teve lugar no dia seguinte e, à tarde, subimos ao topo da Sulphur Mountain para a observar como possível local para uma escola. Krishnaji concedeu numerosas entrevistas privadas e, no dia seguinte, falou aos alunos da Thacher School. À tarde regressámos de carro a Malibu.

No fim de semana seguinte voltámos a Ojai para mais duas palestras. Houve nova discussão acerca da escola e K falou da possibilidade de construirmos uma pequena casa em Ojai. Mais uma vez em Malibu, sofria dores de cabeça e descansou. No dia 19, o Dr. Allan Anderson veio almoçar, e discutiu-se a possibilidade de ele realizar discussões gravadas em vídeo com K, em San Diego, no ano seguinte.

Em 23 de abril voámos para Nova Iorque, ficámos brevemente no Ritz Tower e, no dia 25, voámos para Paris. Ficámos nos quartos habituais do Plaza Athénée. Sem ter dormido durante o voo, K descansou mas sofreu uma cãibra tão intensa na parte inferior da perna direita que quase desmaiou. Compressas quentes aliviaram-no. Fizemos algumas diligências na manhã seguinte e almoçámos no hotel com Marcelle Bondonneau e Mar de Manziarly. Falou-se muito dos primeiros tempos com Mar, perguntando K como era o jovem K. Sacha fora levado para o hospital americano, pelo que fomos lá com Mar. Sacha tinha um aspeto acinzentado e parecia não ter consciência da gravidade do seu estado. K passou cerca de dez minutos sozinho com ele enquanto Mar e eu conversávamos com a enfermeira sobre os exames, cujos resultados ainda não eram conhecidos. Quando K e eu saímos, disse-me: "Nunca me deixes ficar num hospital. Preferia morrer tranquilamente em casa." Era a primeira vez que entrava num hospital havia anos, e o ambiente perturbou-o.

No dia seguinte, 28 de abril, o carro foi entregue da Suíça pelo Sr. Moser. Depois de almoçarmos com o meu irmão e a mulher, colocámos a bagagem no carro e este não arrancou. O porteiro conseguiu pô-lo a trabalhar com um cabo, que comprei de imediato por precaução, e partimos para Le Havre. O carro parou uma vez na autoestrada mas voltou a arrancar, e deixei-o na fila do ferry enquanto caminhávamos até ao restaurante Monaco, onde já tínhamos jantado anteriormente. Felizmente o

carro voltou a pegar e conseguimos embarcar no ferry, mas, de manhã, em Southampton, teve de ser empurrado à mão antes de arrancar novamente com o cabo de precaução. Era uma manhã adorável e enevoada, e chegámos serenamente a Brockwood, onde passámos toda a manhã a conversar com Dorothy; depois K dormiu o resto do dia.

No dia 30 chegou um telegrama de Mar dizendo que Sacha morrera no dia anterior.

O septuagésimo oitavo aniversário de Krishnaji chegou e passou sem qualquer menção, como ele preferia. Falou à escola, a Mary Cadogan, aos Digby e concedeu entrevistas. Num dos dias, ele, Dorothy, Doris Pratt e eu fomos de carro até à New Forest para um piquenique e continuámos até Buckler's Hard, uma pequena aldeia do século XV onde outrora se construíam navios elisabetanos. Seguimos depois para Christchurch, mas o percurso foi demasiado longo e K ficou cansado. Houve reuniões com o pessoal, deslocações a Londres para tratar de assuntos e K ditou cartas. Uma delas foi dirigida à Happy Valley Foundation, pedindo formalmente que disponibilizasse terreno em Ojai para uma escola. Em 1 de junho, Mar veio passar o fim de semana. Mostrou a Krishnaji e a mim cartas escritas por Nitya para ela no início da década de 1920. Tocaram-me profundamente — tão vivas, humorísticas, irónicas, um pouco snobes e, de algum modo, tristes, como se aquele mundo lhe fosse enfadonho. Escrevera: "A Teosofia é a coisa mais aborrecida de todas." K ficou comovido com as cartas. Disse: "Eu percebia como aquilo era, mas ele era muito mais maduro do que eu."

Em 18 de junho chegaram Ruth Tettemer e Albion Patterson, aos quais se juntaram Pupul Jayakar, a filha Radhika Herzberger, com os seus dois filhos, Sunanda e Maya, bem como Sunanda Patwardhan, Achyut Patwardhan e Balasundaram. No dia seguinte chegaram Alan Kishbaugh e os Lilliefelt. Erna informou que Rajagopal dera respostas insuficientes ao nosso primeiro interrogatório. No dia 20 chegaram os Digby; Mary Cadogan e Mary Links vieram também, e começou a reunião das três Fundações Krishnamurti. K abriu com palavras comoventes sobre confiança e trabalho conjunto, havendo depois discussão sobre se as Fundações deveriam continuar e sob que forma. No dia seguinte, uma reunião da Fundação Inglesa e do Comité de Publicações tratou de uma nova estrutura em que seriam convocadas reuniões anuais, as quais

passariam a ser, em última instância, responsáveis por todas as publicações. Hugues van der Straten chegou e, durante a tarde, com todos presentes, foi debatida a espinhosa questão das publicações mundiais. A Índia reivindicou uma partilha dos direitos de autor, mas tal foi recusado. A Índia aceitou essa decisão, mas, após muito trabalho, foi-lhe concedido o direito de publicar nos seus próprios territórios. Alcançou-se um ambiente melhor, com maior confiança e cooperação.

No dia 24, K falou à escola de manhã, mas as Fundações reuniram-se durante a tarde e concluíram os acordos. Mary Links insistiu então em que todas as cinzas de Krishnamurti fossem entregues aos indianos quando ele morresse. Os americanos acharam isso demasiado sectário, mas não se manifestaram.

Em 3 de julho deixámos Brockwood e apanhámos o ferry de Southampton para Le Havre. Após uma noite em Paris, no Plaza, seguimos para sul pela autoestrada até Châlons, onde tomámos uma estrada secundária passando por Lons-le-Saunier e acabámos por encontrar um caminho tranquilo e sombreado onde fizemos um piquenique. Depois continuámos por Morez e através do Col de la Faucille até à Suíça. Às 18h30 estávamos em Genebra, no Hôtel du Rhône, cansados e cheios de calor. Falei ao telefone com Vanda, que acabara de chegar ao Chalet Tannegg. Jantámos nos quartos e K disse: "Nada mais destas longas viagens de automóvel — é demasiado."

De manhã fizemos algumas compras — gravatas na sua loja favorita e uma visita à Patek Philippe para afinar o relógio. Narasimhan almoçou connosco e depois seguimos ao longo do lago, passando Lausanne e subindo as montanhas via Oron, parando em Bulle para comprar *Gateaux Bullois*. Continuámos sob chuva intensa até Gstaad e ao Chalet Tannegg, onde Vanda e Fosca tinham tudo preparado. Entretanto, em Los Angeles, Amanda estava a ser submetida a mais uma operação. No carro, Krishnaji dissera: "Pensarei nisso durante a noite. Nessa altura há mais tranquilidade." Na manhã seguinte chegou um telegrama assinado "Dunnes" dizendo que a operação fora bem-sucedida e que o médico estava satisfeito. K disse: "Acordei feliz." E enviei um telegrama em nome de ambos.

Seguiram-se dias tranquilos; K descansando e escrevendo algumas *Letters to the Schools*. A primeira palestra em Saanen teve lugar no dia 15.

Felix e Elena Greene vieram almoçar e falou-se da China e da Índia. K disse: "Que significado tem tudo isto, construir barragens e sociedades, etcetera? Se eu não tiver uma razão para viver, tudo o resto não tem significado. Sou implacável quanto a isso."

A segunda palestra em Saanen foi tão intensa que fiquei exausta no final. Ele colocava nela uma energia incalculável. Ao almoço estávamos apenas K, Vanda e eu. Mais tarde, ela e eu discutimos assuntos relativos a Tannegg durante o jantar e, na manhã seguinte, partiu para Florença. Nesse dia veio almoçar Pascaline Mallet, velha amiga dos primeiros tempos. K não a via havia anos e foi a primeira vez que a conheci. Era a dirigente oficial do comité francês.

Dorothy e Montague Simmons mudaram-se do parque de campismo para o apartamento do rés do chão em Tannegg. Juntavam-se a nós nos passeios da tarde. Diversas pessoas vieram almoçar, tomar chá e participar em discussões. K ditou cartas para Erna sobre o processo e também uma resposta à Happy Valley Foundation, que dissera que talvez uma pequena parte do terreno pudesse ser disponibilizada — talvez. A mim pareceu-me insultuoso, mas K quis continuar a explorar a possibilidade.

O tempo tornou-se frio e chuvoso, mas suavizou na altura da sétima e última palestra, em 29 de julho. Depois voltou o frio para o início das sete discussões públicas diárias. Houve muitas reuniões de K com várias pessoas; foi um período intenso e exigente, mas finalmente terminou e, num adorável 8 de agosto, K, os Simmons e eu fomos de carro até Thun, fizemos o nosso piquenique num pequeno parque e depois, em casa do Sr. Moser, recebemos o novo Mercedes 450 SLC de K, encomendado dois anos antes. K, com Moser, conduziu-o de regresso a Tannegg enquanto os Simmons vinham comigo. O meu carro regressou então a Thun para armazenamento de inverno em casa do Sr. Moser. K parecia absolutamente satisfeito. Conduziu-o no dia seguinte para lhe fazer alguns quilómetros e depois fomos, novamente com Dorothy e Montague, até Thun para a primeira revisão. Enquanto isso era feito, fomos almoçar a Beatus e depois seguimos até Interlaken no barco a vapor do lago. O Mönch, o Eiger e a Jungfrau estavam perfeitamente visíveis contra o céu de verão e regressámos tranquilos e satisfeitos para ir buscar o carro, sobre o qual K mais tarde disse: "É como um tigre agachado."

No dia seguinte lavámos o "tigre agachado", Krishnaji ocupando-se cuidadosa e meticulosamente de cada detalhe. Dorothy e Montague partiram para Brockwood; a casa ficou silenciosa e K sentia-se distante e "desligado". Seguiram-se os preparativos; depois disso e das últimas diligências, carregámos o carro e fizemos o último passeio do verão — o caminho habitual pela colina acima, atravessando os campos e entrando na floresta até ao rio. O carro ficou pronto para partir antes da hora de dormir.

Em 14 de agosto, depois de nos despedirmos de Fosca, deixámos Tannegg às 4 da manhã no novo Mercedes. Uma lua dourada iluminava o vale e depois foi substituída por um sol alaranjado enquanto seguíamos pela autoestrada passando Lausanne. K conduzia: "Agora sei que consigo conduzir este carro." Eu conduzi nas subidas das montanhas. Parámos num ponto e K deixou as luvas de condução numa árvore; tivemos de voltar atrás para as procurar. "Podia ter-me perdido pela floresta; o corpo está desligado — nunca o senti assim." Já em França, comprámos croissants numa aldeia do Jura e tomámos o pequeno-almoço de piquenique na pequena estrada lateral onde o tínhamos feito nos dois verões anteriores. Voltámos à autoestrada em Châlons. Eu dormira menos de duas horas e K quis voltar a conduzir, por isso adormeci um pouco. Havia uma onda de calor em toda a Europa, mas o ar condicionado do carro novo tornava a viagem confortável. Levávamos um almoço de piquenique, mas não gostámos dos parques de estacionamento perto de Paris e acabámos por almoçar no Bois de Boulogne, perto do lugar onde costumávamos passear. Havia sítios mais bonitos, mas K gostava daquele lugar familiar e permanecemos muito tempo sentados sob as árvores. Chegámos ao Plaza Athénée às 17 horas, tomámos longos banhos frescos e jantámos deliciosamente fruta e sopa. Às 20 horas adormeci.

No dia seguinte era feriado em França. Depois de onze horas de sono, K sentia-se descansado e passámos a manhã em completo relaxamento, almoçando luxuosamente e tranquilamente no jardim sob guarda-sóis. Às 16 horas fomos a pé até aos Champs-Élysées, onde passava um filme com Burt Lancaster. Era o habitual disparate, mas K observou as montanhas desérticas do sudoeste americano e as dores de cabeça cessaram. "Não sabia o que estava a acontecer. Apenas observei."

No dia seguinte disse acerca das dores de cabeça e da sensação de afastamento: "Estas pessoas geralmente permanecem num único lugar,

rodeadas pelos seus discípulos; o Buda caminhou oitenta milhas, mas isso não era muito longe. Este corpo foi tornado sensível e revolta-se por ser empurrado para lugares estranhos."

Perguntei: "Então não deveria permanecer num único lugar?"

K respondeu: "Se te referes a Brockwood, não. Talvez venha a acontecer, mas não agora."

Às 16 horas partimos lentamente para Le Havre, K conduzindo cerca de metade do percurso, o que diminuía as dores na cabeça. Embarcámos no ferry Normandy, tivemos uma travessia tranquila e desembarcámos em Southampton às 7 da manhã de 17 de agosto. Em Brockwood desfizemos as malas; K limpou o motor do Mercedes e preocupou-se porque não podia guardá-lo na garagem devido ao Ford Cortina de Dorothy estar lá armazenado. "Vai enferrujar, temos de o cobrir", disse ele; mas Dorothy, Montague e Doris chegaram no Land Rover, o Cortina foi retirado e o Mercedes ficou salvo do orvalho noturno. K sofria dores de cabeça e o rosto parecia abatido. "Pergunto-me quanto tempo isto durará?", disse. Mais tarde falou das dores de cabeça como se a tremenda energia colocada nas palestras se dissipasse e então viessem à superfície o protesto e a fadiga do corpo.

Chegou do nosso advogado, Stanley Cohen, um projeto de acordo relativo ao caso Rajagopal, que K analisou. As pessoas começaram a chegar para as palestras em Brockwood, entre elas Reg e Mavis Bennett. Ian Hammond e Robert Wiffen vieram inspecionar o trabalho arquitetónico do novo edifício Cloisters, e falou-se de um salão de assembleias. Pude dizer a K que, depois do pagamento do Mercedes, ainda restava algum dinheiro na conta, e ele disse que deveria ser destinado ao salão de assembleias.

Houve alguns dias tranquilos em que, com Dorothy, caminhávamos, podávamos árvores no bosque e apanhávamos amoras ao longo das sebes.

Chegou uma carta de Erna dizendo que Evelyne Blau visitara o terreno da Happy Valley sugerido para a escola e que ela, os Lilliefelt e Ruth Tettemer achavam que devíamos abandonar essa possibilidade.

Krishnaji iniciou a primeira das suas quatro palestras em Brockwood no domingo, 31 de agosto. Como anteriormente, comia qualquer coisa

depois na tranquilidade da cozinha da Ala Oeste e depois regressava à tenda onde todos os outros almoçavam. O tempo estava agradável e a assistência era numerosa. Na terça-feira e quinta-feira, entre os fins de semana, realizou sessões de perguntas e respostas. Na quarta e última palestra havia facilmente mil e quinhentas pessoas presentes, mas K achava que existia um ambiente demasiado festivo, sem suficiente seriedade. No ano seguinte deveria haver maior austeridade.

Em 13 de setembro almoçámos com Mary Links no Fortnum. Ela tinha dúvidas sobre o texto de um dos seus livros editados na Índia. K mostrava-se impaciente com ele, ditara-me revisões e disse que não podia ser publicado tal como estava. O assunto foi discutido ao almoço. K decidiu que eu deveria rever o texto e consultá-lo acerca das partes que considerasse necessitarem de edição ou esclarecimento. Depois ele corrigiria e o texto seguiria para Mary para edição final. No final do almoço, Mary falou da beleza das cartas de K, da sua originalidade, e perguntou-lhe se manteria um caderno onde escrevesse uma palavra, uma linha, qualquer coisa, todas as manhãs. K contou-lhe o estranho acontecimento ocorrido na noite anterior à primeira palestra de Brockwood, em 31 de agosto. Acordara durante a noite sentindo como se uma bola de luz estivesse a ser colocada na sua cabeça. Ficou desperto observando-a durante cerca de uma hora.

O almoço foi seguido por uma inevitável ida ao dentista para K, mas depois fizemos algumas diligências e comprámos um caderno para a escrita planeada e lápis adequados. Ele queria um lápis grosso com mina fina e ficou satisfeito com o que encontrou. Pousar o saco das compras tornara-se um gesto consciente. “Não tem uma bomba”, disse K ao empregado. Londres e outras cidades estavam a ser aterrorizadas pelo IRA, que deixava bombas em sacos de compras.

Na manhã seguinte, Krishnaji começou a escrever no novo caderno e fê-lo diariamente, apesar de conceder entrevistas, falar à escola, deslocar-se repetidamente a Londres para o dentista e para provas de roupa na Huntsman, voltar a conversar com Mary acerca da biografia e, como sempre, realizar longos e vigorosos passeios pelos campos na beleza da estação em mudança.

Deixámos Brockwood em 15 de outubro e voámos para Roma, para o apartamento de Vanda na Via Barnaba Oriani. K descansou e continuou a

escrever no caderno; várias pessoas vieram almoçar e conversar com ele e, todas as tardes, ele e eu passeávamos na próxima Villa Glori. Passei algum tempo com Filomena e a sua família. Num dos dias, Krishnaji, Vanda e eu almoçámos na Villa Medici com o conde de Roland, a sua esposa japonesa e Mme. Cassadó, viúva do violoncelista Cassadó, também japonesa. Discutiu-se a possibilidade de Krishnamurti ser convidado a falar no Japão em 1974. Mme. Cassadó partiria para lá no dia seguinte e escrever-me-ia sobre o assunto.

Houve conversas sobre a necessidade de o trabalho em Itália ser conduzido por um comité e não por uma ou duas pessoas. Krishnaji deixou igualmente muito claro que, se houvesse uma escola em Itália, ela teria de ser dirigida por esse comité mas não poderia usar o seu nome. Isto estava em conformidade com o seu desejo de que apenas escolas que pudesse visitar e pelas quais pudesse, portanto, assumir responsabilidade utilizassem o seu nome. Recusou também o pedido do fotógrafo suíço Guido Franco para ser entrevistado em filme destinado a um programa da televisão francesa sobre os gurus Sai Baba e U. G. Krishnamurti. Também isto era coerente com o seu desejo de não ser misturado com outras coisas.

Em 28 de outubro, K deu uma palestra no Teatro Eliseo. Foi a sua única palestra pública em Roma, e empenhou nela uma enorme energia. Cerca de novecentas pessoas assistiram e aproximadamente seiscentas utilizaram aparelhos de tradução. Depois, Vanda recebeu cerca de oitenta pessoas para almoço. À tarde terminei a revisão do livro sobre educação e K e eu passeámos na Villa Glori. O realizador Pontecorvo esteve presente ao almoço do dia seguinte. Estava a fazer um filme sobre Jesus, e Krishnaji sugeriu que um tema mais interessante seria perceber porque cai a mente humana tão facilmente na superstição. Durante o passeio da tarde voltou a advertir-me para não fazer coisas desnecessárias, não correr riscos, conduzir com cuidado e evitar viagens inúteis. Também para treinar o meu corpo como treinaria um cão.

Em 30 de outubro houve uma discussão para convidados em casa de Vanda, centrada sobretudo na diferença entre reconhecimento e visão. Nesta última existe apenas visão e nenhum centro como o eu. Seguiu-se outra discussão no dia seguinte, igualmente muito boa. Depois, em 1 de novembro, Krishnaji voou para Bombaim pela Alitalia e eu voei para Nova Iorque.

Depois de visitar a minha família, regressei a Malibu em 13 de novembro. Da Índia, K enviou um telegrama dizendo ter recebido outro de Rajagopal e perguntando o que estava a acontecer. O nosso advogado, Stanley Cohen, aconselhou K a não responder, e ele seguiu esse conselho. Circulava um projeto preliminar de acordo relativo ao caso Rajagopal e, após discussão com Erna, Theo e Cohen, uma cópia foi enviada a Krishnaji.

No dia 19 recebi a primeira carta de K. Fora escrita em Rishi Valley entre 5 e 12 de novembro. Escrevia todos os dias e, quando duas páginas ficavam preenchidas, eram enviadas. Eu fazia o mesmo, criando-se assim uma sensação contínua de comunicação. Ele estivera em Deli, mas uma viagem programada para Rajghat fora cancelada devido a uma greve aérea e à incerteza dos comboios. Dissera à KFI que já não podia falar em tantos lugares. De Deli seguiu para Madras.

**Capítulo Vinte e Sete**

Krishnaji deixou Bombaim rumo a Roma em 31 de janeiro de 1973 e depois voou para Brockwood em 2 de fevereiro de 1974. No dia 5, Dorothy telefonou-me dizendo que lhe fora recusado um visto para os Estados Unidos. Telefonei para o departamento de vistos em Londres para protestar e disseram-me que o visto estava a ser emitido naquele preciso momento; assim, ele poderia voar para Los Angeles no dia seguinte.

Entretanto, no dia 5, Erna e eu encontrámo-nos no Tribunal do Condado de Ventura e analisámos pontos do mais recente projeto de acordo elaborado por Stanley Cohen, que acabáramos de receber. Às 14 horas chegaram Sol Rosenthal, Cohen e o procurador-geral adjunto Laurence Tapper, e o juiz Richard Heaton levou-os, juntamente com o advogado de Rajagopal, Terry Christensen, para o seu gabinete, onde permaneceram durante três horas. Sol foi o primeiro a sair e disse-nos, a Erna e a mim, que acreditava que se chegaria a um acordo. O Sr. Tapper fora muito prestável e iria insistir numa auditoria anual à K&R, algo que Rajagopal recusara. Falou-se também de obrigar Rajagopal a pagar o cofre de quarenta mil dólares construído na sua própria casa às custas da K&R.

Tudo isto era uma boa notícia para transmitir a Krishnaji na sua chegada, no dia seguinte, 6 de fevereiro. Foi o segundo passageiro a sair do avião e, algum tempo depois, apareceu na alfândega com a sua mala

Vuitton, elegante, cansado, mas maravilhoso. “Viajar é um inferno”, disse. Fomos de carro para Malibu, conversámos, desfizemos as malas e continuámos a conversar. Queria ouvir Walter Cronkite no telejornal televisivo, e telefonámos aos Lilliefelt. Era uma paz tê-lo ali em segurança, mas no dia seguinte falei com o meu advogado sobre a possibilidade de ele obter algum tipo de estatuto de residente para evitar dificuldades com vistos. Nessa noite estava demasiado desorientado com as diferenças horárias para dormir bem. “Há coisas a acontecer, explosões na minha cabeça. Alguma coisa está a acontecer.” Falou dos planos da escola de Bangalore e de Mary Lutyens ter terminado a biografia.

Seguiram-se dias de descanso; algumas idas ao dentista também, e depois fomos para Ojai para uma reunião de trustees com Erna, Theo, Ruth e Albion. Ele relatou o que se passara na Índia e em Brockwood, e discutimos o processo e os planos para a escola. Perguntou: “Como julgarão um aluno? Será através dos vossos preconceitos, gostos e desgostos? Estarão conscientes disso, de escolherem a partir do vosso próprio ego? É um pecado rejeitar uma criança que vem até vós e que pode ser a certa. É uma responsabilidade tremenda. Se sentirem profundamente essa responsabilidade, agirão corretamente.”

Em 16 de fevereiro partimos às 3 horas e fomos de carro para La Jolla, onde mais uma vez Martha Longenecker gentilmente emprestara a sua casa para uso de K durante as gravações vídeo na Universidade Estadual de San Diego de uma série de diálogos com o Dr. Allan Anderson. Martha estava lá para o receber, tal como Sidney Roth, cujo interesse e ajuda contribuíram para o projeto vídeo. Martha explicou-me o funcionamento da casa e Tibet, o gato dela, acolheu-nos calorosamente. Depois Martha e Sidney partiram, jantámos e K foi dormir.

Havia escassez de gasolina e, graças a uma condução cuidadosa, utilizáramos apenas metade do depósito do carro, pelo que pude conduzir mais uma milha e abastecer-nos de alimentos. K descansou todo o dia até darmos um passeio por La Jolla. Jantámos em tabuleiros diante da televisão e apareceu um programa com Baba Ram Dass (isto é, Richard Alpert), antigo parceiro de Timothy Leary nas experiências com LSD em Harvard. Havia cenas de ashrams com tipos barbudos, de turbante e pomposamente sérios, praticando o que era apresentado como kundalini yoga. “Deus abençoe a América”, disse K. “Abraçarão qualquer coisa.” Mais tarde viu

um pouco de *Upstairs, Downstairs* e esperava que Sarah, a criada da copa, perturbasse o jantar do rei Eduardo VII, mas a hora de dormir interrompeu-o.

As gravações vídeo com o Dr. Allan Anderson começaram em 18 de fevereiro na Universidade Estadual de San Diego, no departamento de televisão. Estavam previstos dez dias de diálogos sobre o tema geral do lugar que o conhecimento ocupa na transformação do homem. Foram gravados a cores, utilizando três câmaras. Nessa manhã fizeram uma hora, interromperam e realizaram uma segunda hora. Regressámos à casa para almoçar e demos um pequeno passeio durante a tarde. Depois, jantar em tabuleiros diante da televisão e deitar cedo.

Às 7 da manhã seguinte, ainda escuro, esperei atrás de uma dúzia de carros no posto de gasolina mais próximo; levou meia hora, mas consegui encher completamente o depósito e fomos novamente para o terceiro e quarto diálogos. No carro ele disse: "Energia não é pensamento. Lembra-te de mo recordar."

K sugeriu que o Dr. Anderson o desafiasse um pouco mais e tudo correu bem. Isto continuou até aos diálogos nove e dez, no dia 22, seguindo-se depois dois dias de descanso. No dia 25 realizaram os números onze e doze, mas K estava muito cansado. Nesse mesmo dia decidiu definitivamente não ir ao Japão no outono. "É demasiado. Tenho setenta e nove anos." Concordámos também em deixar de viajar de automóvel para Saanen. As longas viagens eram excessivas.

No dia 25, a caminho da Universidade Estadual de San Diego, K disse: "Penso que tomarei conta da discussão." Correu muito bem. Começou com a religião, que definiu como uma reunião de energia em todos os níveis capaz de gerar grande atenção, sem fronteiras, e daí avançar para compreender aquilo a que o pensamento não consegue chegar. Falou da proximidade original do homem à natureza e do seu amor por ela, mas os sacerdotes assumiram o papel de intérpretes e recorreram ao medo para afastar o homem da adoração da beleza. Disse que a religião atual era uma degradação, um circo, totalmente imaturo; que o verdadeiro significado da religião era um estado de espírito tão atento que o inominável pudesse surgir. Só a partir dessa atenção se pode ver o que realmente está a acontecer. Prestar atenção significa estar silencioso. A qualidade de mente

capaz de perceber algo para além da medida do pensamento é religião, é sagrada.

Em 28 de fevereiro concluíram as gravações números dezassete e dezoito, decidindo não fazer mais; e, durante a tarde, depois de se despedirem de Martha Longenecker e lhe agradecerem a hospitalidade, regressámos de carro a Malibu. K estava cansado, pois os diálogos eram mais extenuantes do que as palestras, mas sentia que tudo correra bem.

Entretanto, acontecera algo agradável: o Mercedes de Krishnaji, enviado de Londres, chegara e já se encontrava na Dieter's Motors, em Oxnard, onde fomos vê-lo. A "Beleza Verde", como K lhe chamava. Era possível escolher matrículas especiais, e K escolheu KMN. Isso vinha dos tempos em que ele e o irmão marcavam alguns dos seus pertences com as iniciais de ambos. Assim, KMN significava Krishna Maria Nitya, embora isso nunca fosse explicado. "Maria" surgira da abundância de Marys — Lutyens, Cadogan — e por isso K passara a chamar-me Maria em vez de "Mrs. Zimbalist".

Em 8 de março, os trustees da KFA trouxeram cerca de dez possíveis professores que poderiam envolver-se na escola, e K discutiu o que a escola deveria ser. As duas irmãs, Drs. Siddoo, que planeavam uma escola semelhante no Canadá, também estavam presentes, bem como Asit Chandmal. Ele e Alan Kishbaugh ficaram para almoçar.

Foi também nesse dia que Krishnaji recuperou o manuscrito posteriormente publicado como *Krishnamurti's Notebook*. Tratava-se de um registo diário manuscrito a lápis, iniciado em junho de 1961 e continuado durante sete meses. Nele descrevia estados de consciência e perceções de formas que nunca antes fizera. Quando terminou o texto, pediu a Vanda Scaravelli, que ia para a Califórnia, que o levasse para Ojai para arquivo. Desde então, Rajagopal recusara devolvê-lo ou mesmo permitir que Krishnamurti lhe tivesse acesso até que, no contexto das negociações de acordo, o manuscrito foi trocado pelas gravações áudio feitas por Albert Blackburn em 1968 das conversas de K com pessoas de Ojai em Saanen acerca das suas razões para se desvincular da KW Inc. Rajagopal queria destruir essas gravações. O manuscrito foi entregue através do advogado de Rajagopal a Stanley Cohen e trazido nesse dia por Erna e Theo a Krishnaji. Era algo imensamente belo e comovente, talvez o mais próximo, de entre todos os seus escritos, do íntimo da sua mente.

Nesse dia pediu-me que o lesse e, mais tarde, ditei o texto para cassetes que foram transcritas por um serviço de secretariado. Nessa noite voltou a dizer que tinha tido a súbita sensação de que viveria mais dez ou quinze anos: "O corpo tem de durar." E repetiu que eu tinha de lhe sobreviver.

Em 11 de março, Erna recebeu notícias do Sr. Cohen dizendo que Rajagopal queria conhecer as razões pessoais de K para desejar o controlo dos seus livros anteriores a 1933. Ela apresentou por telefone um esboço substancial de resposta, que K reescreveu e deixou pronto para a reunião do dia seguinte da direção da KFA. O novo projeto elaborado pelo advogado de R., Christensen, foi analisado e, depois de um almoço rápido, Erna e Theo levaram K e eu ao escritório de Stanley Cohen, em Oxnard, onde o examinámos com ele. Foi a primeira reunião de Krishnaji com o Sr. Cohen, e K apreciou o seu espírito prático de fazer as coisas avançarem. A reunião seguinte teria lugar no gabinete do juiz Heaton. Erna e Theo levaram-nos à Dieter's Motors, onde o Mercedes "Beleza Verde" estava pronto e brilhante. Finalmente conduzimo-lo para casa, em Malibu, com K ao volante durante grande parte do percurso. Nessa noite disse: "Conseguimos muita coisa hoje."

No dia 14, Erna falou com o Sr. Cohen e informou que Rajagopal resistia ao controlo das publicações anteriores a 1933 por parte de K, mas Cohen mantinha-se firme. Os arquivos deveriam ficar instalados no escritório da K&R e não no cofre de Rajagopal, em sua casa. A KFA deveria receber o valor de trinta mil dólares correspondente a esse cofre, construído com dinheiro da KW Inc., após a morte de Rajagopal ou se ele vendesse a casa. Cohen trataria de formalizar tudo isso juridicamente o mais depressa possível.

Nos dias 16 e 17 de março, Krishnaji deu palestras públicas no Santa Monica Auditorium. Outras duas ocorreram no fim de semana seguinte. Quando terminaram, Erna entregou uma cópia da carta dirigida a K e à KFA por Mrs. Porter, os Vigeveno, Mr. Weideman e Austin Bee recusando o acordo. Estavam furiosos com o facto de K querer o controlo editorial do material anterior a 1933. Alan Kishbaugh regressou para o almoço, e Erna e Theo juntaram-se a nós. Discutimos o processo e também a oferta que estávamos prestes a fazer por cerca de quarenta acres de terreno em Ojai para a escola. K lançou-nos então um desafio avassalador: se queríamos avançar com a proposta apesar de o acordo parecer estar a desmoronar-se.

“Se for correto, acabará por resultar”, disse, acrescentando, porém, que cada um de nós tinha de sentir que aquilo era correto independentemente de quaisquer outras considerações. Erna e eu assinámos a oferta pelo terreno.

Krishnaji realizou uma discussão pública no Libbey Park, em Ojai, em 31 de março. Na noite anterior ficáramos em casa dos Lilliefelt e, de manhã cedo, K encontrava-se no exterior, olhando o vale, aparentemente perdido no esplendor do que via. “Isto é Ojai”, disse. “Tens de o ver.” Sugeri que talvez o seu amor por aquele lugar, a beleza da paisagem, tivesse tocado a sua consciência durante todos aqueles anos de forma a tornar suportável aquilo por que passara com os Rajagopal. No carro, ao regressarmos, disse-me que eu tinha razão.

Voltámos a Ojai no fim de semana seguinte para outra discussão pública no Libbey Park. Depois, em casa de Erna e Theo, Krishnaji desenvolveu os planos para a escola e falou de forma muito persuasiva acerca de Mark Lee se tornar diretor. Todos concordaram e, quando Mark e a mulher Asha chegaram durante a tarde, a direção foi-lhe oferecida e ele aceitou. Pouco depois, a nossa proposta para os quarenta acres de terreno destinados à escola foi rejeitada, mas continuaram as discussões sobre como deveria ser a escola.

Numa noite, depois do habitual jantar em tabuleiros na sala de estar, Krishnaji via um filme na televisão e, quando entrei para lhe dizer que já era tarde, tinha um olhar fixo e distante. Disse: “Senta-te tranquilamente.” Passado algum tempo descreveu uma “precipitação”, algo tão forte na sala que estava preparado para que se tornasse “manifesto” (isto é, visível de algum modo). Isso manteve-o completamente desperto e, durante a noite, teve de se sentar porque era demasiado intenso. “Nunca o senti assim antes.” Durante todo o dia seguinte permaneceu algo distante.

Em 16 de abril voámos para Nova Iorque e ficámos novamente no pequeno apartamento do Ritz Tower. O meu irmão emprestou-me o carro para levar K a White Plains, onde realizou um exame médico com o Dr. Max Wolf, que já o examinara anteriormente. Constatou que K estava, em geral, muito bem. Havia um ligeiro espessamento das cordas vocais, mas não um tumor; a tensão arterial era de 110/69; os olhos lacrimejantes deviam-se a um canal lacrimal obstruído, algo comum; o tremor nas mãos não era Parkinson; e existia apenas um endurecimento muito ligeiro das artérias. Foram recolhidas amostras de sangue e outras análises.

Erna e Theo chegaram e relataram a situação relativa ao terreno para a escola. Quanto a qualquer tentativa de obter parte do terreno de Happy Valley, K disse que a hostilidade de Rosalind para com ele e para connosco tornava isso altamente improvável. “Não consigo fazê-lo”, disse. “Não falarei com ela.” Considerava-se que devíamos começar de forma limpa, criando aquilo que K desejava sem dependências nem obrigações para com os Rajagopal.

Em 20 de abril, K iniciou as suas palestras em Nova Iorque no Carnegie Hall. À entrada dos bastidores havia três carros da polícia e a entrada estava cheia de agentes. Fora recebida por telefone uma ameaça de bomba feita por um homem com sotaque indiano, e dizia-se que a bomba explodiria quando Krishnamurti começasse a falar. Todas as pessoas com embrulhos estavam a ser revistadas. K não sabia de nada disto, deu uma excelente palestra, e a única dificuldade foi a insuficiência do sistema de som. Só depois Erna me contou o que acontecera, embora a presença policial já me tivesse levado a suspeitar. Não falei do assunto a K. Muitas vezes sentia inquietação quando ele estava perante grandes audiências desconhecidas, mas, pensando nisso na altura, havia uma estranha sensação de proteção suspensa e tranquilizadora.

Deu a segunda palestra no Carnegie Hall no dia seguinte. Erna e Theo vieram depois e K disse-me algo sobre a necessidade de viver sem choques nem tensão. Foi então que Erna lhe falou da ameaça de bomba, mas ele afastou o assunto dizendo: “Tenho de viver pelo menos mais dez anos.” Na manhã seguinte falou de “uma maravilhosa meditação durante a noite” e disse: “Tenho de descobrir o que fazer para viver mais dez ou quinze anos; há tanto para fazer.”

Durante a semana fomos ver o Dr. Max Wolf e recebemos um bom relatório médico. K encontrou-se também com Mr. Narasimhan e várias outras pessoas, incluindo um grupo para uma discussão realizada no Cooper Hewitt Museum, onde a diretora, Lisa Taylor — esposa do meu irmão — disponibilizou uma sala para a reunião. Vimos também alguns filmes, incluindo um sobre golfinhos extremamente cativantes. K deixou-se envolver e exclamava alarmado por causa deles, dizendo depois tranquilizadoramente para mim: “Oh, é cinema”, como se só naquele momento se lembrasse disso.

Após mais duas palestras no Carnegie Hall, em 27 e 28 de abril, regressámos de avião à Califórnia no dia 30. Em casa, em Malibu, numa linda tarde, ambos nos sentimos melhor longe de Nova Iorque e na paz limpa e silenciosa da casa sobre o mar.

**Capítulo Vinte e Oito**

Em 7 de maio de 1974, todos os trustees da KFA vieram para uma reunião e ficaram para almoçar. K perguntou o que parecia estar a bloquear-nos — a perda dos quarenta acres que tentáramos comprar para a escola. Em toda a parte — Brockwood, Índia, etcetera — as coisas avançavam, mas em Ojai parecíamos bloqueados. Disse que tínhamos depositado demasiada dependência e, consequentemente, demasiadas amarras nos Rajagopal, no desfecho do processo, na obtenção da KW Inc. ou de terrenos de Happy Valley. Devíamos avançar sem isso. Explicou por que razão Ojai era importante, as razões disso, o seu afeto pelo lugar, o sentimento de que ali algo estava destinado a acontecer, e o facto de os trustees viverem lá. Erna referiu o meu sentimento de que o terreno de Happy Valley e Arya Vihara estavam a ser envenenados pelos Rajagopal e que deveríamos começar de novo, de forma limpa e independente. K falou de um centro onde passaria mais tempo. Além disso, como não recebêramos resposta de Christensen relativamente ao acordo, telefonei ao Sr. Cohen dizendo que estávamos todos reunidos e que, se não houvesse resposta nos próximos dias, talvez ele devesse resumir os acontecimentos ao juiz Heaton e solicitar audiência e data para julgamento. Os outros trustees partiram determinados a encontrar um terreno melhor do que os quarenta acres. K, como sempre, enchera-os de determinação e energia.

Em 10 de maio, Krishnaji entrou no meu quarto enquanto eu estava à secretária; enquanto conversávamos, surgiu aquele olhar distante no seu rosto e, de repente, senti a estranha sensação de algo presente. Era como se existisse um som inaudível. O seu rosto tinha uma expressão de escuta interior, infinitamente austera, afastada. Disse: “É estranho. Sentes isso? Tomas nota quando estas coisas acontecem? Devias fazê-lo.” Pouco depois disse que conseguia sentir quando os dois Rajagopal não sabiam onde ele estava; que, quando sabiam, era como se lhe “dirigissem” ódio. Perguntei se o sentia em Brockwood — se chegava tão longe. Disse que não. Perguntei então se não seria pior vivermos em Ojai. “Não, consigo afastá-lo. Eles tentariam impedir-nos de estar lá”, disse.

"Conseguiriam?", perguntei.

"Não, não conseguiriam", respondeu. Poderíamos comprar terreno como qualquer outra pessoa. Perguntei por que razão não afastava quaisquer emanações deles, se podia fazê-lo. Disse que não tentava. "Talvez mudem. As pessoas mudam."

Em 15 de maio fomos de carro almoçar com Erna e Theo. Antes disso eu telefonara ao Sr. Cohen, que disse que Christensen estava a atrasar tudo e não devolvia as suas chamadas. Face a isso, avançaria com um resumo da situação para o juiz Heaton e pediria uma data de julgamento. Durante o almoço, K voltou a perguntar-nos o que estava a bloquear-nos em Ojai. Sugeriu que, ao fazermos depender os nossos planos do desfecho do processo, nos tornávamos dependentes de Rajagopal, e isso era errado. Discutimos também se deveríamos procurar terreno sobretudo para um centro, sem escola, um lugar onde K passasse três meses por ano e discutisse com pessoas capazes de absorver os seus ensinamentos. Ruth e Albion juntaram-se a nós e fomos todos ver uma casa próxima que estava à venda. Revelou-se uma casa de gosto duvidoso, um lugar desarrumado, de que tanto K como eu desgostámos. Disse-me: "Estragaste-me. Já não conseguiria viver num lugar assim." Depois fomos para o outro lado do vale, subimos uma colina e contemplámos um belo vale intato, campos dourados ondulantes, carvalhos e montanhas arborizadas — tudo o que havia de mais belo no sul da Califórnia como fora cem anos antes. Teria sido perfeito.

Durante a viagem de regresso a Malibu, K falou dos insultos constantes recebidos de ambos os Rajagopal; dela, quando pela primeira vez lhe chamou "porco" em Sequoia, do choque que sentira, e de que, quando contou a Rajagopal, este apenas encolhera os ombros; de como o obrigavam a ir a cinemas drive-in e a comer em restaurantes vulgares, que detestava. Voltou a falar da ocasião na Índia em que Rosalind tentou atingir-lhe a cabeça com uma garrafa vazia. Sunanda Patwardhan fora testemunha. Disse que suportava tudo aquilo porque nada podia fazer, não havia ninguém a quem recorrer. Falou do seu sentimento de impotência. Disse que se perguntava, quando eu saía, o que faria se algo me acontecesse. Respondi que chamaria os Dunne, que viviam ao lado, mas disse que não saberia como fazê-lo e que seria demasiado tímido. Percebi então que nunca deveria sair sem que alguém estivesse ali para o proteger.

Fiquei com lágrimas nos olhos perante a sua vulnerabilidade e a sensação de que tinha de suportar tudo o que lhe faziam. Havia uma vulnerabilidade total, e isso fazia também parte daquilo que iluminava o seu rosto de alegria ao ver flores numa colina ou o azul do mar enquanto passávamos.

Poucos dias depois encontrámo-nos com Erna e Theo no escritório do Sr. Cohen, em Oxnard. Ele recebera de Christensen revisões ao projeto de acordo. Uma delas consistia em manter permanentemente vazios treze acres de terreno em redor da casa de Rajagopal, mesmo após a sua morte, aumentando assim o valor da propriedade. Concordámos com algumas coisas, não com outras. K assinou um documento de trustees sucessores, pelo qual designava os sucessores a si próprio como trustee da K&R, conforme previsto no acordo caso este fosse concluído. Pela ordem indicada, eram eu, Erna, Theo, Alan Kishbaugh e Ruth Tettemer.

Numa manhã cedo, quando abri as cortinas do meu quarto, havia, a poucos metros de distância, uma corça delicadamente pousada junto ao terraço — uma visão extraordinária, pois aquela parte do jardim estava completamente cercada. Esperando que Krishnaji estivesse acordado, fui silenciosamente chamá-lo, e ele veio. Ficámos ambos muito quietos enquanto a corça se aproximava tanto da janela que o seu hálito embaciou o vidro; depois, passado algum tempo, atravessou o relvado e tentou saltar o muro de quase três metros, falhando e caindo, para nosso desgosto. Contudo, sem se magoar nem se apressar, contornou a casa enquanto nós a seguíamos do interior. Depois desapareceu completamente. Nunca percebemos como entrara ou saíra, mas foi uma aparição verdadeiramente mágica, e K ficou encantado. Havia veados nas colinas, mas nunca eram vistos do nosso lado da estrada.

No dia 28 deveria haver uma reunião em tribunal em nome de K e de todos nós. Telefonei ao Sr. Cohen para deixar claro a Christensen que, se não houvesse acordo nesse dia, não aceitaríamos mais tarde um acordo nos mesmos termos. Entre as coisas que estávamos dispostos a aceitar então, mas não após mais atrasos e despesas de preparação para julgamento, estava a questão de permitir que as despesas legais de Rajagopal fossem pagas com fundos do acordo. Às 18 horas, o Sr. Cohen telefonou dizendo: "Penso que temos um acordo." Transmiti tudo isto a Erna. K e eu passeámos pelo jardim; Malibu estava belíssima, com ar fresco e límpido e luz solar.

Na manhã seguinte, Erna falou com Cohen e disse que tudo lhe parecia correto. Alan Kishbaugh veio, e K partiu com ele enquanto eu fui com Amanda para o aeroporto, onde, ao meio-dia, K e eu apanhámos um voo direto para Londres. Como habitualmente, tínhamos lugares na frente do avião, comida fraca e um filme já visto — *The Sting* — mas K gostava de o ver sem som, parecendo divertir-se mais por já saber o que ia acontecer. Naquela época do ano, tão a norte, nunca escurecia e não houve sono, mas aterrámos em Heathrow às 7 da manhã e seguimos de carro com Dorothy para Brockwood, onde toda a escola se encontrava na entrada para receber Krishnaji.

Brockwood estava em flor; o verde de Inglaterra, os espinheiros floridos, as flores dos castanheiros juntavam-se a toda a beleza de Malibu numa continuidade abençoada. Vimos a ampliação da sala de jantar, as plantações dos Cloisters e o aspeto do Salão de Assembleias, que então atingia uma altura de cerca de quatro metros numa excelência octogonal. Num surpreendente excesso de energia, continuei ativa e desfiz as malas durante toda a manhã, dormi depois do almoço e, às 17 horas, K veio dizer: "Temos de caminhar!" Assim, com Dorothy e Whisper, percorremos tranquilamente o bosque, onde as azáleas, os rododendros e a árvore-dos-lenços ainda floresciam.

Os primeiros dias foram preenchidos por instalação e recuperação de descanso e sono para K, embora, claro, continuasse a falar à escola. Depois, uma viagem a Londres — na sua forma clássica — de comboio desde Petersfield. Havia algo de festivo e calorosamente familiar em regressar a Londres, especialmente pela primeira vez na estação. Waterloo era exatamente igual; a impecável elegância de K avançando para a fila de táxis, os pombos correndo de um lado para o outro, as pessoas cruzando rapidamente para as várias plataformas, a satisfação de verificar que havia táxis suficientes — limpos, elegantes, sóbrios, tipicamente londrinos. Entrávamos. K dizia: "Savile Row, mostro-te o caminho." E seguíamos através da Westminster Bridge ou da Waterloo Bridge. Começávamos, claro, pela Huntsman, onde K tinha uma prova de roupa; depois caminhávamos pela Burlington Arcade até à Fortnum and Mason, onde Mary Lutyens almoçava connosco na habitual mesa de canto junto à janela. Falou da biografia: John Murray publicá-la-ia em Londres e Farrar, Straus and Giroux em Nova Iorque. K disse que queria ler a parte inicial, sobre a infância e os primeiros tempos. Noutro dia almoçámos no apartamento de

Mary. Ela mostrou as muitas fotografias recolhidas para a biografia. Entre elas havia algumas de Nitya que K observou longamente. Lembrava-se do amor pelo irmão, mas tinha dificuldade em evocar-lhe o rosto. Isto acontecia também com outras coisas, uma incapacidade de reconstruir a aparência de pessoas ou objetos, embora pudesse identificar prontamente rostos antigos quando via uma fotografia. Foi num desses almoços com Mary que ele sugeriu o subtítulo da primeira biografia — *The Years of Awakening* ("Os Anos do Despertar").

Uma observação meditativa de K: "Gostaria de falar com alguém que pudesse discutir comigo o cérebro, alguém que me desafiasse. Terei de o fazer sozinho."

Mary Cadogan e os Digby vieram almoçar a Brockwood e discutir publicações. Um novo livro, provisoriamente intitulado *Beginnings of Learning*, existia já em manuscrito. Dei um relatório sobre a situação do caso Rajagopal. George Digby estava agora reformado do Victoria & Albert Museum e considerou-se que seria agradável voltar a oferecer-lhe a presidência do Comité de Publicações; por isso K convidou-o. George ficou vermelho como uma peónia e disse que gostaria de pensar no assunto. Mais tarde deixou um pequeno bilhete para K dizendo que, naturalmente, aceitava.

Um almoço com Mary Links, uma prova de roupa na Huntsman e uma visita ao dentista levaram-nos novamente a Londres. Parámos numa exposição de pinturas de Andrew Wyeth, de que K gostou, especialmente de uma, mas infelizmente era demasiado cara.

Em 13 de junho, Mary e a filha Amanda Pallandt vieram a Brockwood para a palestra de K à escola e para o almoço. Depois, K, Mary e eu discutimos o seu escrito de 1961, o manuscrito que finalmente conseguíramos recuperar de Rajagopal e que agora tinha o título *Krishnamurti's Notebook*. Mary pensou inicialmente numa edição privada da KFT, distribuída apenas à lista de correspondência, mas depois inclinou-se para uma publicação mais ampla. Eu sentia que, de certo modo, aquilo era algo sagrado, um testemunho da mente interior de K. No meio desta conversa, que decorria na cozinha da Ala Oeste, K começou a fazer perguntas a Mary sobre a biografia e, de repente, perguntou-lhe se escreveria o segundo volume. Ela respondeu que sim e que, se o fizesse, gostaria de o fazer de maneira diferente: a parte pessoal serviria apenas de

pano de fundo e o essencial seria uma cronologia dos ensinamentos, apresentada nas próprias palavras dele. Seria um trabalho enorme, começando pela leitura de tudo o que dissera ao longo dos anos. “Mas vais fazê-lo?”, perguntou K.

“Sim, fá-lo-ei”, disse ela.
“Bom”, disse K. “Então fica resolvido, porque, se não o fizesses, os indianos quereriam fazê-lo. Direi-lhes que assumiste essa tarefa.” Satisfeito, foi dormir a sesta. Mary e eu conversámos toda a tarde. Senti uma onda de alívio, como se tudo estivesse bem com esta decisão. A forma de Mary trabalhar — erudita, sem interpretações, usando os textos originais para contar a história — parecia-me a forma correcta de relatar Krishnamurti. O ponto central desta segunda parte da sua vida era o ensinamento e não os acontecimentos pessoais. Esse foco seria bem tratado por Mary.

Noutro almoço com Mary, em Londres, ela e K começaram a falar de Leadbeater. K disse que CWL[1] devia ter feito alguma coisa que levou o jovem K a antipatizar com ele. Não conseguia lembrar-se do quê. Mary disse que ele era um homem bastante brutal; duvidava que tivesse sido algo homossexual — ele teria tido medo de fazer avanços em direção a K — mas alguma coisa devia ter causado aquela aversão. Ele disse que talvez a leitura da biografia lhe trouxesse a memória de volta. Depois do almoço, foi visitar Mrs. Bindley. Estava mais frágil e vacilante, mas a sua mente permanecia tão aguda como sempre.

Observações dispersas de K:
“Viverei pelo menos mais dez anos. Depois disso, a porta fechar-se-á.”

Noutro dia, saindo do quarto onde estava a dar um western na televisão, disse:
“Vou para o Missouri ser agricultor de terras pobres. Como toda a gente.”

E numa manhã, ao levantar-se, disse alegremente:
“Vou para o Tibete. Com Mistinguett.”[2]

M: “Por causa das belas pernas dela?”
K: “As pernas dela? Porque ela é tão feia!”

No dia vinte e três de Junho teve uma discussão absorvente com a escola. O pensamento era uma actividade pequena da mente. Existiria outra

actividade intemporal? Quando depois lhe disse quão boa tinha sido, respondeu:
"Eu sabia que alguma coisa estava a acontecer no cérebro nestes últimos dias."

Tinha mencionado ter tido uma boa meditação. Perguntei-lhe acerca da distinção que parecia fazer no livro entre meditação e "essa alteridade, essa imensidão". Perguntou-me o que dizia exactamente. Disse-lhe que parecia haver nele alguma coisa — um estado de perceção de que era capaz — enquanto a "alteridade" parecia vir até ele e entrar na sua consciência.

"Isso parece correcto, mas não estão inteiramente separadas", respondeu.

Quando falei do "manuscrito que escreveu", disse:
"Não é o meu livro, eu não o escrevi."

No dia vinte e quatro chegou uma carta de Erna para K relatando o estado do processo. O procurador-geral estava a definir os termos de um acordo com Christensen, advogado de Rajagopal. Balasundaram enviara as explicações necessárias sobre o que era preciso para pôr termo ao processo relativo a Vasanta Vihar, em Madras. Depois vinha a principal notícia: alguém dissera que a Happy Valley Foundation estava prestes a perder o uso educacional do terreno, a menos que tais actividades fossem iniciadas, e portanto deveríamos tentar novamente obter parte dele para a nossa escola e centro. Erna decidira "agarrar o touro pelos cornos" e fora ver Rosalind, que controlava Happy Valley. Esta confirmou que o terreno tinha de ser usado para fins educativos ou seria reclassificado para agricultura. O conselho dela analisaria o nosso pedido na reunião de Julho. Não venderiam, mas talvez oferecessem um arrendamento de noventa e nove anos por um dólar anual. Deu autorização aos Lilliefelt para examinarem o terreno disponível. Também apresentou uma longa justificação da sua tese de que Mrs. Besant nunca tencionara que o terreno de Happy Valley fosse para K. Erna manteve a calma, não discutiu e concentrou-se no uso futuro do terreno. Depois disso, ela, Theo e Ruth Tettemer percorreram o local e encontraram uma parte da qual não se viam os outros edifícios. Pensavam que devíamos candidatar-nos a essa área, se K e eu concordássemos. Li a carta inteira a K; conversámos sobre o assunto, mas ele parecia bastante distante.

No dia seguinte, no comboio para Londres, pediu-me que lhe repetisse o que dizia a carta de Erna. Havia a vantagem evidente de o terreno ser adequado e o custo ser nulo. Rosalind dissera que no ano anterior tínhamos sido "gananciosos" e pedido todo o terreno — o que não era verdade — mas o acordo iminente devia ter sido um factor. K ditou um telegrama para Erna, a ser assinado por ambos:

"Por favor prossiga alegremente com o que propôs acerca do terreno."

K disse então:
"É estranho; há quatro dias, quando descia para almoçar, ocorreu-me um pensamento — disse: 'Nitya, faz alguma coisa acerca de Happy Valley. São pessoas tão tolas; faz com que alguma coisa aconteça acerca disto.'"

Numa conversa com K acerca de entrevistas, disse:

"Quando estão abertos querem que lhes leias as cartas. Outras vezes usam uma máscara e eu sou enganado. Não é assunto meu. Vens ver-me e és sério; pedes-me que observe. Nunca ofereço a minha opinião, mas então tudo fica claro — posso avançar. Mas outros dizem: 'Olha, mas não muito profundamente.' Vou tão fundo quanto querem que eu vá. Se querem que vá um quilómetro, vou um quilómetro. X nunca o fez. Gostaria que tivesse feito; é isso que me deixa desconfortável. Se somos capazes de perceber, temos de estar numa mente meditativa."

Num almoço no Fortnum[3] com Mary e Joe, todas as páginas restantes transcritas do manuscrito manuscrito de K foram entregues a Mary. Ela deveria editá-lo, e depois decidir-se-ia como publicá-lo. Alguns dias mais tarde, os Digby vieram passar a noite a Brockwood. K pediu-me que lhes falasse do manuscrito e os deixasse ler parte dele.

No primeiro de Julho deixámos Brockwood e Dorothy levou-nos a Heathrow. Fizemos um tranquilo almoço-piquenique no carro em Runnymede, à beira do rio. Os patos agitavam-se, o vento movia os salgueiros, e K observava os aviões no céu. Chegou um autocarro cheio de crianças com comida. Um pequeno rapaz sikh usava um turbante cor-de-rosa.

"Disparate", disse K. "Os turbantes são horríveis, cheiram mal; deviam arrancá-lo da cabeça dele."

Mas estava bem-disposto. Quando Dorothy lhe ofereceu Ribena[4], respondeu:
"Só bebo champanhe."

Tomámos um voo da BEA[5] para Paris juntamente com um avião cheio do pior tipo de turistas: gordos, desalinhados, mal vestidos e falando alto uns com os outros sobre compras. K mantinha-se de pé a observá-los, distante, com uma aristocracia de séculos em torno dele. Viemos de táxi para o Plaza Athénée e para os nossos habituais quartos confortáveis. Era agradável, e senti que tinha conduzido K em segurança para um abrigo, uma espécie de concha necessária em redor dele, limpa, silenciosa, com comida adequada e algo a que estava habituado. O luxo era o que proporcionava essas outras necessidades essenciais.

"Sem ti eu não estaria aqui", disse. "Obrigado por tomares conta de mim."

Fomos dar um pequeno passeio e a uma farmácia comprar pasta dentífrica, regressando depois para jantar nos quartos. K parara duas vezes diante das montras de uma pâtisserie.

"Dá-me fome", disse.

Assim, jantámos tarte aux pommes[6], mas infelizmente voltou-lhe tudo para cima.

**Capítulo Vinte e Nove**

Estávamos em Paris no dia dois de Julho de 1974 e fomos fazer compras à Charvet[7] para comprar camisas e à Lobb[8] para sapatos, tudo cuidadosamente escolhido por K. Depois Marcelle Bondonneau almoçou connosco no jardim do Plaza, e Nadia Kossiakof veio tomar café. Nadia negociara com a editora Stock a publicação de *The Awakening of Intelligence*, traduzido por Mme. Duché. K pediu-me que lhes falasse do seu manuscrito (*Krishnamurti's Notebook*) e saiu enquanto eu o descrevia. Ambas ficaram profundamente emocionadas.

Depois do descanso de K, fomos dar um pequeno passeio e, após o jantar nos quartos, vimos na televisão um documentário sobre a guerra de 1939 e um encontro Nixon–Brejnev em Moscovo.

"As pessoas são loucas!", disse K.

De manhã dissera:
"Há alguma coisa a acontecer, mesmo neste quarto, uma meditação maravilhosa. Aquilo está a acontecer. Começou aqui ontem à noite. Foi bom afastarmo-nos de Brockwood; a atmosfera estava demasiado infantil."

Mar de Manziarly almoçou connosco no dia seguinte. Perguntou a K acerca de Sai Baba, que a irmã dela, Yo, considerava maravilhoso. K fez uma descrição vívida. Mar justificou-o dizendo que a maior parte das pessoas não conseguia fazer aquilo de que K falava e por isso precisava que lhes dissessem o que fazer e lhes dessem alguma prática. Este argumento foi sempre desconcertante — isto é, um falso medicamento seria melhor do que nenhum.

Enquanto isto decorria, comemos a melhor *tarte aux framboises*[9] alguma vez provada e, depois do descanso de K, ele e eu fomos a pé até um cinema nos Champs-Élysées ver *Serpico*[10] — um disparate, mas realizado com estilo e suspense. K ficou satisfeito.

No dia quatro de Julho deixámos Paris pela Gare de Lyon, tendo Mar ido despedir-se de K. Disse que a última vez que ali estivera fora com o irmão. Estávamos na última carruagem, e K rapidamente encontrou uma janela ao fundo onde podia observar os campos de França a passar — os caules verdes da cevada com espigas douradas e alaranjadas, papoilas entre elas, e o vento transformando tudo numa corrente de cor em movimento. K permaneceu de pé até Lausanne, olhando pela janela. O comboio era suave e ele estava satisfeito com esta forma de viajar.

Mr. Moser esperava-nos e entregou o Mercedes cinzento na estação de Lausanne. Colocámos as malas no carro, atravessámos a cidade e seguimos pela estrada Oron-Bulle. Era uma tarde maravilhosa entre colinas verdes e montanhas.

"Voltámos ao nosso país", disse K.

Lembrou-se do *Gâteau Bullois*[11] comprado no ano anterior, mas a loja estava fechada. Ao entrar em Gstaad, K avistou duas mulheres a caminhar mais à frente.

"É Miss McCann e Tapas", disse.

E era Tapas, que nunca antes saíra da Índia em todos os seus muitos anos de vida. Parámos e K caminhou até elas. Tapas prostrou-se para tocar-

lhe os pés, espantando um suíço que passava. Subindo a colina, chegámos ao Chalet Tannegg, onde Vanda e Fosca tinham chegado no dia anterior. K foi deitar-se, e Vanda e eu conversámos longamente ao jantar, pondo-a ao corrente de todas as novidades.

[...]

**Notas:**

1. CWL = Charles Webster Leadbeater, figura proeminente da Sociedade Teosófica.

2. Mistinguett (1875–1956), famosa actriz e cantora francesa de music-hall.

3. Referência ao Fortnum & Mason, célebre loja/restaurante londrino.

4. Bebida britânica concentrada de groselha preta.

5. British European Airways, companhia aérea britânica.

6. Tarte de maçã.

7. Casa parisiense de luxo especializada em camisas e acessórios masculinos.

8. John Lobb, prestigiada marca britânica de sapatos feitos à mão.

9. Tarte de framboesa.

10. Filme norte-americano de 1973 realizado por Sidney Lumet e protagonizado por Al Pacino.

11. Especialidade de pastelaria suíça da região de Bulle.

Um telegrama chegou a K vindo de Balasundaram, em Rishi Valley, acerca de uma carta de Erna dizendo que não se conseguia chegar a acordo sobre Vasanta Vihar como parte de um entendimento da KFA[1]. K queria que eles prosseguissem com o processo em Madras? K ditou um telegrama respondendo afirmativamente, com a maior firmeza, e depois ditou uma carta entrando mais em detalhe. Mais tarde, Balasundaram telefonou do escritório do advogado em Madras, e K falou com ele. Temiam que fosse muito mais difícil obter Vasanta Vihar, que Rajagopal alegava pertencer à

KW Inc., em Ojai. Pedi a Balasundaram que enviasse a Erna, o mais rapidamente possível, provas de que R tomara essa posição. Depois consegui falar com Erna por telefone sobre tudo isto. Ela informou que a reunião do conselho de Happy Valley já tivera lugar e que estava esperançada de que pudéssemos obter algum terreno. As condições ainda não tinham sido anunciadas. K pensava que, se conseguíssemos parte do terreno, acabaríamos por conseguir tudo. Era sempre optimista.

No dia doze de Julho acordei a pensar na fraqueza de K no dia anterior, quando tivera febre dos fenos, não fizera exercício e permanecera na cama todo o dia. A porta do quarto esteve fechada até quase às oito da manhã, quando apareceu quase a tremer de energia.

"Estou bem, bem!", disse; estivera a pensar nos elementos essenciais de um centro em Ojai e em qualquer outro lugar. Pediu-me que escrevesse:

Deve formar pessoas tão inteligentes que sejam fundamentalmente religiosas e que, com essa inteligência, actuem em todos os domínios — política, arte, negócios e todas as formas de relações sociais.

Chegou uma carta urgente de Erna relatando a situação de Happy Valley: Rosalind redigira uma carta antes mesmo da reunião ter lugar, não dizendo não, mas dando um sim que, na prática, equivalia a um não. Erna telefonou-lhe para perguntar se membros da KFA deveriam estar disponíveis no dia da reunião, a seis de Agosto. Rosalind respondeu negativamente e despachou-a sem mais.

K, ainda num estado de energia abrasadora, pediu-me que escrevesse mais acerca dos elementos essenciais de um centro:

Devíamos manter a escola num canto, separada do centro. Queria uma escola para crianças mais velhas. O centro deveria ter uma sala de reuniões para duzentas pessoas, cozinha e sala de jantar para cem, e alojamento para trinta ou quarenta pessoas, ali presentes por convite para discutir, etc. Queria manter o Oak Grove[2] para palestras, incluindo metade do terreno a leste dele, "caso queiramos construir alguma coisa ali e vender o resto". Disse que, se conseguíssemos o terreno de Happy Valley, deveria voar até Ojai e reunir toda a gente interessada, incluindo os habitantes do vale, para pedir o seu apoio. Isto deveria acontecer de algum modo em Setembro.

"Temos de começar a construir imediatamente."

Observei que não tínhamos fundos sequer para pagar o salário de Mark Lee.

"Estás sempre a falar de dinheiro", disse impacientemente.

Respondi que nunca mais voltaria a falar nisso.

Escrevi tudo isto a Erna, e K vestiu-se e veio comigo colocar a carta no correio e visitar a tenda. Um jovem rapaz estava sentado atrás dos arbustos quando saímos, observando o chalet. O rosto iluminou-se timidamente quando viu K, e continuou a fitá-lo até nos afastarmos de carro. K ficou satisfeito com a forma como a tenda estava montada, e fomos ao acampamento ver Dorothy e Montague, que tinham acabado de chegar no seu Land Rover. Doris viera com eles e estava no apartamento dela.

K almoçou na cama e, mais tarde, durante o passeio pela floresta, disse subitamente:

"Acordei cedo e aconteceu algo extraordinário. Era como se isto" — fez um gesto amplo — "fosse enorme, expandindo-se para abarcar o universo."

M: "'Isto' sendo a consciência?"
K: "Mais do que consciência. Continuou durante mais de uma hora."
M: "Depois desvaneceu-se?"
K: "Não. Sabes como isto é — permanece algures."

Caminhámos apenas até ao rio. Ele subiu ao muro de alvenaria para o observar, e depois regressámos. Pediu-me que caminhasse à frente e o deixasse seguir sozinho, mais devagar:

"Tenho de trabalhar."

Na floresta, junto ao pequeno riacho, chamou-me e disse que ficaria ali sentado algum tempo. Continuei até ao ponto onde a floresta termina, começa a encosta aberta e se vê o esplendor dos dois vales e dos glaciares. Sentei-me no banco durante cerca de vinte minutos; depois ele passou por

mim e seguiu para Tannegg. Quando regressei, vinha a sair com luvas de borracha para limpar o motor do Mercedes. Cheio de energia!

Andara a pensar — e mencionei-o a Vanda — se haveria algum significado no facto de quase todos os Verões, imediatamente antes das palestras de Saanen, ele atravessar um período de abatimento, fraqueza ou doença, seguido de um crescendo de energia antes das palestras — como se alguma coisa colocasse o corpo em "baixo" para permitir que outra força se reunisse nele.

As palestras começaram no domingo, dia catorze de Julho. A tenda estava quase cheia e a palestra foi longa e intensa. No dia seguinte, ao almoço com convidados, especulava-se acerca de onde K deveria falar em Roma. Vanda receava que a palestra pudesse tornar-se alvo de bombas se fosse anunciada publicamente com demasiada antecedência. Nesse mesmo dia, uma bomba explodira numa parte da estação ferroviária de Roma.

"Una bombezza", disse Vanda.

Mais tarde, durante o passeio com K, especulei acerca do que aconteceria se as pessoas realmente dissessem não à luta, às guerras. Os agressores tomariam conta de tudo, respondeu K. Não se podia permitir isso; seria preciso falar, levar as pessoas a não cooperarem, a não trabalharem. Os russos, ou qualquer outro poder, não poderiam controlar o mundo se todos recusassem trabalhar.

"Terias de falar, organizá-lo antecipadamente. À última hora já é tarde demais."

M: "Não será já demasiado tarde?"
K: "Talvez. Agora tenho de ficar enevoado, tenho de falar amanhã."

Não disse mais nada, mas caminhei à frente para o deixar sozinho. Na floresta chamou-me:

"Maria, lembra-me destas palavras: 'A ideia cria energia conflituosa.'"

Mais tarde, quando fui dar-lhe gotas para a febre dos fenos, disse:

"Se houver uma bomba em Roma, tenho de te dizer o que deve ser feito."

Ao ver o meu choque, perguntou:

"Devo escrever ou dizer-te?"

Nesse momento trouxeram-lhe o tabuleiro do jantar e disse que não era altura para discutir aquilo.

À noite perguntei a Vanda quão reais eram as conversas sobre bombas.

"Hoje em dia tudo é possível em Itália", respondeu.

Na televisão apareceram imagens dos estragos em Roma. Então por que motivo deixá-lo falar ali? Vanda achava que uma palestra estaria bem. Foi o facto de ele próprio mencionar o assunto que me inquietou. Em Nova Iorque, numa situação semelhante, afastara a preocupação dizendo:

"Há algo que olha pelas coisas."

No dia seguinte, terça-feira, dezasseis de Julho, Krishnaji deu a segunda palestra e falou de ver o todo. Vanda e eu almoçámos sozinhas e fomos tomar café depois de ele terminar a refeição e estar a ler um romance de espionagem de Le Carré, *Tinker, Tailor Soldier, Spy*[3]. Falámos um pouco da palestra e da resposta de K a uma pergunta sobre como transformar pessoas interessadas apenas em ter o suficiente para comer, etc. K disse:

"Estou a falar convosco aqui nesta tenda. Se alguns mudarem, o mundo poderá mudar. Os outros caminhos, os antigos caminhos — guerra, reformas, sistemas, etc. — resultaram no caos actual. Só uma mudança na psique pode alterar o mundo…"

"Mas estou a pensar na palestra de quinta-feira", acrescentou.

Falara novamente de manhã acerca do pensamento ser matéria e, agora, sentado na cama, disse o seguinte:

“Quando existe uma causa, a energia criada por essa causa é a energia do pensamento enquanto matéria. A meditação é sem causa, sem passado, tempo ou forma. Porque é o pensamento divisivo? Porque é o passado, tem de ser fragmentário. Enquanto houver causa, haverá passado. Se não houver causa, não haverá passado nem tempo. Os gregos preocupavam-se com a forma e com a manipulação da matéria. Criaram um protótipo de beleza, etc. Nunca investigaram a questão da forma enquanto matéria. Um protótipo é resultado da mente; a forma é a causa, a causa é resultado do tempo, etc. Tudo é em termos de matéria: deuses, Jesus, etc.; o símbolo é criado pelo pensamento. No Ocidente, a matéria é o mais importante; o material e daí até Deus, que se pensa ser imaterial, mas é um pensamento e, portanto, matéria.”

E:

“Não se pode organizar o mundo sem o outro; tem de haver o todo. Tem de existir uma energia que seja inteligência, que não seja matéria. Para isso temos de negar. Forma e matéria são consideradas duas coisas diferentes. Precisamos de forma para construir uma casa; ela é ditada pela cultura, pela economia, etc.”

E:

“Comida: a fome não é um conceito. A comida produzida existe, mas necessita de distribuição. Se o distribuidor tiver um conceito — nacionalismo, por exemplo — surge o caos. Tudo tem de ser feito segundo a ideia. A organização não deve basear-se na política mas em factos físicos. Pode perguntar-se o que isto tem a ver com a minha vida quotidiana, mas a vida quotidiana contém a implicação de tudo isto.”

E:

“Matéria: haverá algo para além da matéria? A pessoa vê que está deste lado do rio, sofrendo, na miséria. O que deve fazer? Os homens comuns, vivendo neste mundo, oprimidos e sofrendo, querem quebrá-lo, mas não vêem que o todo está errado. Quando vejo isso, a paixão leva-me a quebrá-lo.”

E:

"A vida e a morte estão sempre muito próximas."

(Para MZ:)
"Não penses que isso acontece apenas lá longe."

[...]

**Notas:**

1. KFA = Krishnamurti Foundation of America.
2. Oak Grove, local histórico associado às palestras de Krishnamurti em Ojai, Califórnia.
3. Romance de espionagem de John le Carré, publicado em 1974; em português, *A Toupeira*.

Mais tarde caminhámos até ao rio. A resposta ao pedido da KFA para o terreno de Happy Valley chegara, reenviada por Erna. Uma carta assinada por Rosalind dizia que a proposta seria analisada. K pediu-me que repetisse o que ela dizia. Especulou que talvez estivessem a perguntar-se por que motivo quereríamos aquele terreno quando íamos receber terrenos da KW Inc. através de um acordo. Pensou vagamente se, dado que a filha de Rosalind, Radha Sloss, fizera uma aproximação ao pedir para o ver em Bombaim, talvez devesse escrever-lhe para pressionar a questão do terreno. Disse pouco, pois aquilo provocou em mim uma reação, como ele lhe chamou — e era verdade. Começou a chover e regressámos completamente encharcados.

Vanda partiu para Florença a dezassete de Julho. Dorothy e Montague vieram almoçar ao chalet, e K convidou-os a ficar no apartamento do rés-do-chão em vez de permanecerem no parque de campismo de Saanen, onde estavam instalados. Quando havia convidados, ele costumava almoçar sozinho no quarto, trazendo-lhe o tabuleiro, mas aparecia antes e depois da refeição, o que funcionava bem, pois permitia-lhe descansar sem deixar de ver as pessoas.

No dia dezanove de Julho, apesar da chuva, K quis manter o plano de passar o dia em Genebra. Dorothy e Montague vieram também. Almoçámos no Hôtel du Rhône. K gostou da comida e comeu bastante, para os seus hábitos.

"Vou comer gelado."

Escolheu gelado de morango, que se tornara uma sobremesa favorita nos restaurantes, e comeu-o todo. Dorothy e Montague seguiram os seus próprios compromissos, e K e eu atravessámos rapidamente o Ródano em direção à Jacquet[1]. Ir a Genebra tornara-se quase um ritual e, de algum modo, a repetição anual fazia parte do prazer. Velhos hábitos agradáveis.

Na Jacquet — "Bonjour, Monsieur Krishnamurti", quando ele entrava — aparecia o livro de encomendas com as suas *commandes*[2] de anos anteriores, pequenos recortes dos tecidos das gravatas colados numa página. As novas amostras eram colocadas em monte até serem todas vistas. Depois ele escolhia. Aparentemente, consideravam o meu gosto fiável, por isso pediam a minha opinião. Encomendou sete gravatas e, sim, seriam feitas e enviadas para Gstaad.

Regressámos ao hotel para encontrar Mr. Narasimhan, que se mostrava pessimista quanto ao estado do mundo — os problemas eram demasiado grandes e estavam demasiado perto de escapar ao controlo — mas, apesar disso, mantinha-se alegre. K pediu-me que lhe falasse do pedido de nacionalidade britânica e de que parecia só poder obtê-la por decisão discricionária do secretário de Estado, Roy Jenkins[3]. Narasimhan disse que era amigo dele e que iria especialmente a Londres em Setembro para lhe pedir que interviesse no assunto.

Depois fomos ver o seu novo Mercedes e ele partiu. Caminhámos para comprar cereais e azeitonas e, inevitavelmente, K encontrou uma razão para parar na Patek Philippe[4] e mandar verificar o relógio. O ritual genebrino outra vez — escolha de gravatas, Patek, etc. — coisas leves, inconsequentes, a diversão de Krishnaji numa vida onde a diversão ocupava um lugar muito pequeno. Estava animado, satisfeito e não cansado.

"Aquelas gravatas eram muito bonitas", disse enquanto passávamos velozmente o Ródano e, já na auto-estrada de regresso, comentou:

"Deixa-a ir aos 100."

Fiz isso — e o carro também, por breves momentos. Estávamos de volta ao chalet às sete da tarde. Ao deitar-se, disse:

"Aquelas gravatas são muito bonitas. Vou oferecer as outras."

As palestras públicas de Saanen e as sessões públicas de perguntas e respostas continuaram, assim como as reuniões com pessoas de Brockwood. Havia relatos de críticas a Brockwood, e K convidou todos os críticos a irem falar com ele. Exceto Donald Hoppen, nenhum apareceu. As irmãs Siddoo vieram falar-lhe da escola delas no Canadá. Ele deu-lhes autorização para usarem o seu nome e aconselhou-as a trabalharem em estreita ligação com a KFA. Também um grupo alemão que queria fundar uma escola veio conversar com K.

A quinta e última discussão pública realizou-se a quatro de Agosto. As pessoas começavam a partir e o tempo mudava. Domingo, onze de Agosto, amanheceu cinzento. Durante a noite caíra neve no próximo Wasserngrat[5]. K dormira bem e, depois do pequeno-almoço, disse-me que havia duas coisas que eu tinha de fazer:

"Tens de falar com Dorothy e fazê-la perceber que não deve deixar Brockwood continuar simplesmente como até aqui. Tem de existir o 'outro'; ela tem de dar a si mesma tempo e atenção para estar aberta a isso. Caso contrário, não continuarei simplesmente a falar para estas pessoas; elas têm de estar preparadas para isso. Se não estiverem, retirar-me-ei — não de repente, mas, em vez de três meses, ficarei lá dois; depois um — percebes?"

"Segundo: tens de cuidar do todo, e então tudo ficará bem. Parece que vamos conseguir os cem acres de Happy Valley; então tenho de viver em Ojai, não em Malibu. Enquanto eu viver, estarás comigo; tens de pensar nisso, e provavelmente sobreviver-me-ás. Viverias ali e em Brockwood enquanto vivesses, mas tens de ter alguém que cuide de ti. Não tens ninguém. Tens de pensar nisso e encontrar alguém."

Disse-lhe que a minha vida e actividade, na medida em que pudesse ajudar, estavam dedicadas a ele durante a sua vida e à sua obra. Isso era o factor determinante e, embora eu não tivesse desejo pessoal de viver em Ojai, ele e o seu trabalho eram a minha vida. Assim, poderíamos construir

ali uma casa adequada para ele, que eu pagaria, e que passaria para a KFA quando eu morresse.

Falou de precisão — observar a forma como se vive, observar a própria memória, evitar a negligência, não deixar as faculdades deteriorarem-se. Disse que era preciso treinar a mente. Mrs. Besant não o fizera; desgastara a mente, costumava tomar ao pequeno-almoço café e pedaços de laranja. Disse que não achava que eu viesse a adoecer e que tomava conta de mim quando estávamos separados.

"Eu trato disso, mas tens de estar atenta."

No dia seguinte, Dorothy veio connosco no passeio da tarde. Nessa noite, ela e eu fomos a um concerto de Menuhin[6], e pude falar-lhe como K desejava. Perguntei-lhe se se importava que eu fosse uma espécie de fio telefónico entre ela e K, transmitindo não as minhas opiniões mas a visão dele. Disse-lhe que ele sugeria que reservasse mais tempo para aprofundar as coisas de que ele falara durante as discussões sobre Brockwood.

Mais tarde, contou-me que durante o passeio sentira "quase vontade de desaparecer". Tinha a cabeça muito afectada e encontrava-se fisicamente hipersensível.

Os Simmons partiram para Brockwood e, numa manhã quente e luminosa, K e eu fomos de carro até Thun. K queria que o automóvel fosse inspeccionado antes de o levarmos para Inglaterra. Caminhámos até ao barco do ferry, mas acabava de partir. Sugeri um táxi, mas K disse:

"Vamos de autocarro."

E assim fizemos, seguindo pela margem do lago até Merligen e ao Hotel Beatus. Almoçámos na esplanada e K observava as pessoas. Dois pardais pousaram perto de nós e K alimentou-os discretamente com migalhas. Quando terminámos, o barco passou e atravessámos para Spiez, regressando depois a Thun. O Eiger, o Mönch e a Jungfrau erguiam-se claros e magníficos.

"Adeus até ao próximo ano", disse-lhes K.

O carro estava em boas condições e regressámos pelo vale. Um dia tranquilo e agradável, mas depois de regressar K começou a sentir dores de cabeça.

"Isto acontece desde 1922."

Tapas veio almoçar no dia seguinte. Apesar do calor, ele e eu fomos caminhar, e disse:

"Sinto-me distante, como se não quisesse falar nem tocar em nada."

Noutro dia eu estava a ler um livro de Castaneda[7], e K perguntou-me o que era. Contei-lhe a parte acerca das "entidades" na natureza selvagem e da sensação de perigo durante a noite. K acenou afirmativamente e falou da sensação de antagonismo que sentira num parque em Madras quando lá fora ao crepúsculo. Também de uma sensação semelhante em Ashdown Forest, anos antes. Disse que Mrs. Jayalakshmi lhe falara de ter ido a um antigo templo durante a noite e de sentir ali uma presença maléfica.

Perguntei se a escuridão abria a mente a essas percepções porque a limitação dos sentidos nos fazia sentir vulneráveis. Em parte seria isso, respondeu, mas havia mais do que isso. Disse que nunca caminharia à noite pelo trilho que percorríamos todas as tardes; muitas florestas possuem uma ameaça durante a noite. Perguntei-lhe acerca de Sequoia, onde vivera sozinho numa cabana.

"Nunca senti isso lá; era um lugar amistoso, mas nunca saía à noite. Estava sempre de regresso antes das seis da tarde."

Nessa noite, K disse que a história de Rajagopal deveria ser escrita, relatando tudo o que ele fizera. Talvez o fizesse ele próprio, pouco a pouco. Disse também que, se construíssemos a casa em Ojai, queria redigir um documento "como presidente", garantindo-me o direito de viver ali durante toda a minha vida, bem como em Brockwood.

**Notas:**

1. Casa tradicional de Genebra especializada em gravatas e acessórios de luxo.
2. "Encomendas", em francês.

3. Roy Jenkins (1920–2003), político britânico e então secretário de Estado do Reino Unido.
4. Prestigiada relojoaria suíça de luxo.
5. Montanha próxima de Gstaad, nos Alpes suíços.
6. Yehudi Menuhin (1916–1999), célebre violinista e maestro.
7. Carlos Castaneda (1925–1998), autor peruano-americano conhecido pelos seus livros sobre xamanismo e experiências espirituais.

No dia seguinte, durante o passeio até ao rio, perguntei-lhe se tinha observado mudanças psicológicas em mim. Achava que eu estava presa ao condicionamento?

"Não", respondeu, "não estás apegada. Nem a mim, nem à tua casa, nem a quaisquer ideias. Estiveste apegada ao teu marido, mas já não estás. É por isso que deves considerar cuidadosamente esta questão de construir em Ojai."

Perguntei-lhe porque era importante. A única coisa verdadeiramente importante era o que fosse necessário para ele.

"Porque não há ninguém para cuidar de ti; tens de considerar isto cuidadosamente. Escreverei uma carta, como presidente, por causa disso, a Mrs. Lilliefelt sobre o facto de ficares com a casa."

Nessa manhã pediu-me que enviasse uma carta a Evelyne Blau, pedindo-lhe que mantivesse confidencial o que eu escrevera acerca da nossa ideia de construir uma casa em Ojai para uso de K. Até termos a certeza de conseguir o terreno, isso poderia causar antagonismos adicionais e impedir que acontecesse.

Mais adiante, durante o passeio, disse que, se uma pessoa não estiver apegada, não pode ser ferida. Insisti para que me desse algumas observações psicológicas concretas. Disse que, por vezes, a mente demora a ver as coisas — e que eu deveria reflectir sobre isso. Depois acrescentou que, quando morresse, teria de haver alguém que garantisse a continuidade de tudo — não da parte organizacional, mas do espírito. Mais tarde, nessa noite, parecia distante e disse, quando lhe perguntei, que a sua cabeça

“estava a partir”. Tive a sensação de que, depois das reuniões de Saanen terem terminado, aquele lugar deixara de lhe proporcionar repouso.

Tapas subiu a colina trazendo dois pequenos lenços delicados, um para mim e outro para Fosca. K convenceu-a a ficar para almoçar. Falaram de magia na Índia. Tapas era bengalesa e pertencera ao movimento Ramakrishna na juventude. Em tempos caminhara oitocentos quilómetros como *sannyasi*[1], embora não usasse o manto açafrão. Ao deixar Saanen, seguiria para Brockwood com Frances McCann. K e eu também estávamos de partida, pelo que foi um dia de fazer malas. Carregámos a bagagem no carro antes do passeio. O tempo mudou quando regressávamos do rio: trovões, relâmpagos e chuva. Ficaria mais fresco para a viagem.

K voltou a falar da intensa sensibilidade física que estava a sentir — sensibilidade excessiva ao toque, sobretudo na cabeça.

“Alguma coisa está a acontecer”, disse, desde a intensa meditação de três semanas antes.

A dezanove de Agosto o despertador tocou às 3h15 da manhã. Krishnaji já estava acordado. Fosca preparou-me uma chávena do seu excelente café italiano forte. Ficaria para limpar e fechar o chalet antes de regressar a Florença. Despedimo-nos e, às quatro da manhã, já descíamos a colina no ar nocturno límpido e fresco. A tempestade mudara o tempo e desaparecera, mas durante todo o dia houve nuvens que esconderam o sol e mantiveram a temperatura baixa.

Já estávamos na auto-estrada quando K, que ultimamente andava um pouco inquieto no carro, disse que queria conduzir para se acalmar. Conduziu até começarmos a subida para Saint-Cergues e para a fronteira. Isso tranquilizou-o e parámos em Lons-le-Saunier para comprar croissants acabados de sair do forno naquela hora matinal. Comemo-los no local de beira de estrada dos anos anteriores, mas fazia bastante frio, e K tinha visto uma estalagem cerca de um quilómetro antes; por isso voltámos atrás para tomar algo quente — chá de *verveine*[2] para ele e *café au lait*[3] para mim.

Sentindo-se melhor, prosseguimos por Chalon-sur-Saône, onde entrámos na auto-estrada. Chegámos a Paris às 13h30 e, mais uma vez, almoçámos o nosso piquenique no Bois[4], onde costumávamos passear.

Numa esquina estava uma mulher que parecia prostituta e, quando passámos por ela de carro, ficámos ambos chocados ao ver que tinha o rosto deformado, semelhante ao de um anão.

"Sinto como se ela fosse minha irmã; o que faria eu se ela fosse minha irmã?"

Às 14h30 já estávamos no Plaza Athénée.

Passámos uma manhã tranquila no hotel antes de irmos perto dos Champs-Élysées procurar um sítio que vendesse jeans justos, mas a loja era ordinária, cheia de gente, e tudo aquilo deixou K enjoado — não lhe fazia bem estar em lugares assim no estado em que se encontrava. Voltámos então àquele exemplo de outro estilo, o Plaza A, e tivemos um almoço lento, descontraído e delicioso no jardim.

Depois, partimos calmamente para Le Havre. K conduziu durante algum tempo, o que o relaxou ainda mais. Infelizmente, passámos por um grave acidente envolvendo um carro que antes nos ultrapassara em alta velocidade, mas a polícia já estava no local e seguimos viagem, chegando a Le Havre e ao Monaco[5], o restaurante dos anos anteriores. Jantámos, mas K repetia constantemente:

"É a última vez aqui. Depois disto voamos. Nunca mais viagens de carro."

Apanhámos o ferry *Normandy* às nove da noite e tivemos as habituais cabinas e uma travessia tranquila.

## Capítulo Trinta

Era vinte e um de Agosto de 1974, uma suave manhã de Verão, quando desembarcámos cedo em Southampton. A névoa erguia-se das depressões do terreno.

"Estás de volta à tua Inglaterra", disse Krishnaji.

E era exactamente assim que eu me sentia, sorridente e cheia de afeição por aquela bela paisagem rural. Quando chegámos de carro à porta principal de Brockwood, Dorothy estava a abri-la, e tomámos o pequeno-

almoço juntos na cozinha da West Wing. Depois desfizemos lentamente as malas e, mais tarde, demos um passeio ao fim da tarde.

Seguiram-se dias de descanso para K; as grandes tendas foram montadas e os restantes preparativos para as palestras continuaram. No dia vinte e oito, Mary Lutyens veio almoçar e conversar com K. Havia questões sobre os seus poderes ocultos que não tinham sido abordadas na biografia. K descreveu-os como uma faculdade que poderia possuir mas escolhia não usar:

"Como ler as cartas privadas de outras pessoas."

Analisámos com Mary as questões do formulário do pedido de nacionalidade britânica. Mais tarde George Digby assinou o formulário e, mais tarde ainda, K assinou-o perante um comissário de juramentos em Winchester.

A palestra inaugural de Brockwood realizou-se no sábado, trinta e um de Agosto. A tenda estava cheia e o tempo manteve-se favorável. Depois da palestra, Krishnamurti almoçou na tenda da comida. Isso significava que permanecia de pé enquanto as pessoas mais ousadas se aproximavam para lhe falar e as outras o observavam fixamente.

No dia seguinte, depois da segunda palestra, voltou a comer fruta e salada na cozinha do piso superior e regressou depois à tenda para o prato principal. Na terça-feira houve vendavais e aguaceiros fortes, mas, apesar disso, realizou a discussão pública e disse depois que fora muito boa. A chuva persistiu na quinta-feira, por isso espalhámos palha pelas tendas para absorver a lama, e realizou-se uma boa discussão. Dois grandes faias foram arrancados pelas rajadas de vento, mas a terceira palestra decorreu no sábado e, à tarde, indiferente à lama e à lona agitada pelo vento, Lakshmi Shankar cantou em honra de Krishnaji. Finalmente, no domingo, o sol apareceu para a palestra final.

A doze de Setembro fomos a Londres, comprámos seis romances policiais na Hatchards[6] e juntámo-nos a Mary para almoçar no Fortnum. K interrogou-a acerca de como era Nitya e, mais tarde, disse-me:

"Interessava-me saber como era o irmão porque, nestes últimos dias, ele tem-me perseguido. Serei eu muito educado? Nas últimas noites sonhei com ele, um sonho estranho. Ele e eu estávamos a conversar, Rajagopal entrou, e nós empurrámo-lo. [Seria] uma angústia profunda, dor, sofrimento, ou sentido de humor?"

M: "Os sonhos eram dolorosos?"
K: "Às vezes ele está num comboio, tento alcançá-lo e não consigo, ou está a cair num rio, e tento agarrá-lo e não consigo."
M: "E quanto ao humor?"
K: "Às vezes estamos a rir."

K pediu-me que o observasse "porque estou muito distante".

M: "Quando surgiu esta sensibilidade física?"
K: "Antes de Gstaad."
M: "De repente?"
K: "Gradualmente. Começou com a cabeça, claro, quando regressámos a Brockwood. Às vezes a sensibilidade precede a dor de cabeça; outras vezes surgem juntas."
M: "Hoje, em Londres, sentiste isso?"
K: "Estava perdido."
M: "E ao almoço?"
K: "Um pouco."
M: "O corte de cabelo incomodou-te?"
K: "Um pouco. Disse ao barbeiro para ir devagar."

[...]

**Notas:**

1. Asceta ou renunciante hindu dedicado à vida espiritual.
2. Chá de lúcia-lima ou verbena.
3. Café com leite.
4. Referência ao Bois de Boulogne, em Paris.
5. Restaurante tradicional em Le Havre frequentado por eles em viagens anteriores.
6. Livraria histórica londrina fundada em 1797.

No dia treze, Mr. Narasimhan voou de Paris para Londres depois de escrever ao ministro do Interior, Mr. Roy Jenkins, acerca do pedido de nacionalidade britânica de Krishnamurti. Falou com alguém no Home Office e telefonou a K do aeroporto antes de seguir para Nova Iorque.

Durante os cinco dias seguintes, K conduziu continuações das discussões Tannegg–Brockwood iniciadas em Gstaad. O grupo alemão que pretendia fundar uma escola esteve presente, assim como as irmãs Siddoo. Reuniu-se com elas e com Tapas, e chamaram à organização *Krishnamurti Education Centre*. K seria presidente honorário, J. Siddoo presidente, S. Siddoo vice-presidente e um Mr. Smith secretário-tesoureiro. Pediram-me que integrasse a direção, mas sugeri Erna em meu lugar. A constituição da organização foi discutida.

No dia vinte e três voltámos a almoçar com Mary no Fortnum. Discutiu-se o subtítulo da biografia. O provisório era *The Years of Unfolding*, mas K não gostava da palavra "unfolding"[1]. Depois fomos ao dentista, Mr. Thompson, que avisara K de que poderia ter mais problemas dentários que exigiriam extracções. Eu estava preocupada, e K estava preparado, disse mais tarde, para arrancar todos os dentes de uma só vez naquele dia terrível.

Esperei do lado de fora e depois chamaram-me para ajudar a decidir sobre a extração de um molar superior esquerdo, ao lado do canino, que estava infectado. Sim, disse K. Seguiram-se novocaína, radiografias e um puxão firme, um ruído horrível — e o dente saiu. Voltei a ficar impressionada com as mãos de K — dedos estendidos e relaxados durante todo o processo. Mr. Thompson comentou como aquilo era raro — e como ajudava a relaxar os músculos.

K teve então de se deitar durante dez minutos, após os quais disse sentir-se bem. Talvez mais um dente tivesse de ser removido. Chovia, e a simpática secretária ajudou-me a apanhar rapidamente um táxi para levar K a Waterloo. Não teve de esperar e, no táxi, disse-me que informara o corpo acerca daquilo para que devia preparar-se, caso todos os dentes tivessem de ser removidos.

"Treinei-o", disse.

No comboio conseguimos uma carruagem vazia. Parecia perfeitamente bem e leu um romance policial durante toda a viagem de regresso. Fiquei aliviada quando o vi seguramente instalado na cama com o tabuleiro do jantar. De repente senti-me extremamente cansada às nove da noite. Disse que eu sofrera por ele. Talvez, mas fui dormir agradecida por tudo ter terminado.

A vinte e cinco de Setembro, K disse que o subtítulo da biografia lhe ocorrera durante a noite. Seria *The Years of Awakening*. Ficou satisfeito, Mary também e o editor John Murray igualmente. K disse ainda que acordara às quatro da manhã:

"como se tivesse sido completamente purgado de tudo. A mente estava lavada, limpa e saudável, e muito mais do que isso, havia um tremendo sentido de alegria, êxtase."

O período escolar começou e K falou ao pessoal e aos alunos. A trinta de Setembro, John McGreevy, da Canadian Broadcasting Corporation, chegou para realizar uma gravação televisiva de meia hora com Krishnamurti, destinada a integrar um programa intitulado *People of Our Time*. Começou a filmar no dia seguinte na sala de estar da West Wing e também no relvado. Isso exigia que K falasse sobre um tema durante um número específico de minutos e também gravasse uma narração lendo passagens do *Penguin Reader*[2]. K disse nunca ter feito isso, mas tentou; parecia achar as próprias palavras, que nunca lera daquela forma, bastante apropriadas, e assim tornou-se mais fácil. Quando teve de falar directamente para a câmara em grande plano, sugeriram-lhe que falasse como se estivesse a olhar para uma pessoa. K respondeu que não olhava directamente para as pessoas enquanto falava, porque isso poderia ser uma intrusão; não queria ler-lhes a mente.

As filmagens continuaram durante mais um dia e meio. K começava a aborrecer-se com aquilo, mas, segundo John McGreevy, tudo parecera correr bem.

Eu pedira a um membro da equipa de Brockwood, Harsh Tankha, que arranjasse um bom sistema hi-fi para o quarto de Krishnaji, e ele foi instalado a quatro de Outubro para satisfação de K. Ouvimos vários discos, incluindo gravações de Arturo Benedetti Michelangeli e Sviatoslav Richter.

Quando lhe perguntei o que eles representavam para ele, respondeu, após uma pausa:

"Um tem sol, o outro neve."

A dez de Outubro fomos a Londres e, depois das provas de roupa e do almoço no Fortnum — gelado! O rosto iluminou-se quando o pediu — comprámos algumas gravações para o novo aparelho e seguimos depois para o dentista. Mr. Thompson disse que novas extracções poderiam esperar até à Primavera. Chegara um telegrama de Erna dizendo que o acordo para resolver o processo estava a caminho para K e eu assinarmos.

"Não sinto nada acerca disto enquanto não soubermos que o outro lado também assinou", disse.

E depois:

"Não sei por que motivo tenho sonhado nos últimos dois dias. Há muito tempo e muito longe."

Tinha sido organizada uma conferência de cientistas com Krishnaji e David Bohm, como presidente, analisou a agenda na primeira reunião a catorze de Outubro. Realizou-se na sala de estar da West Wing, com longas mesas dispostas em rectângulo. Os participantes eram: Dr. David Brett (física), Dr. F. J. Capra (física), Dr. Elizabeth Ferris (medicina alternativa), Dr. Gordon Globus (psiquiatria), Dr. Brian Goodwin (ciências biológicas), Dr. Julian Melzack (filosofia da ciência), Dr. Robin Munro (biofísica), representando também a Canadian Broadcasting Corporation e encarregado da cobertura da conferência, Dr. Karl Pribram (investigação da estrutura cerebral), Dr. David Shainberg (psiquiatria), Dr. Montague Ullman (psiquiatria), Dr. Sudarshan (física), Prof. Maurice Wilkins (biofísica, Prémio Nobel do ADN), Dr. David Bohm (física teórica), e ainda Dr. Joe Zorski e Harsh Tankha (professores de física, química e matemática em Brockwood). Presentes como observadores estavam Saral Bohm, Dorothy Simmons, George Carnes, Ted Cartee e Mary Zimbalist.

O tema geral era:

"Qual o lugar do conhecimento na transformação do homem e da sociedade?"

Cada participante fez uma exposição. K escutava e ocasionalmente colocava perguntas. Só no quinto dia K fez a sua intervenção, continuando no sexto dia a falar sobre meditação e, após uma discussão, falou sobre a morte, tema que o grupo lhe pedira para abordar. A reunião terminou no dia dezanove e, no dia vinte, todos tinham partido.

Enquanto isto decorria, K recebeu uma carta de Enrique Biascoechea dizendo que tinha cancro do pulmão e estava a fazer quimioterapia. K escreveu-lhe imediatamente. Chegaram também os documentos do acordo judicial e, assim, no dia vinte e dois, K e eu fomos a Londres reconhecer oficialmente as nossas assinaturas. No comboio de regresso, falou de Mrs. Besant, que muitos anos antes lhe dissera que ele era protegido por dois anjos, mas que não devia exigir demasiado deles. Disse que o corpo precisava de viver muito mais tempo

"porque o cérebro permanece intato. Vejo que o corpo precisa de ser muito mais protegido, mais solitário."

Os cientistas reunidos em Brockwood encontraram-se com os estudantes a pedido destes, e os alunos disseram-lhes que havia medo na escola. Dorothy ficou perturbada e deprimida com isso, e Krishnamurti falou à escola acerca de toda a questão do medo. Convenceu também Dorothy a vir connosco para Roma, e voámos para lá a vinte e cinco de Outubro.

Dorothy ficou com Frances McCann numa *pensione*[3], enquanto K e eu ficámos com Vanda no seu apartamento na Via Barnaba Oriani. K descansou durante os primeiros dias e caminhou na próxima Villa Glori, mas no dia trinta apareceu-lhe uma dor de garganta. Um médico examinou-o no dia seguinte e diagnosticou laringite viral, receitando inalações de cortisona e aspirina.

K não parecia bem e deveria dar uma palestra pública no dia seguinte. Medi-lhe a temperatura às sete da manhã; tinha 100 graus Fahrenheit[4], e a garganta estava muito inflamada. Sentia também dor no ouvido direito. A palestra desse dia foi cancelada, mas proibiu que cancelassem a seguinte.

Passou para remédios homeopáticos; a dor de ouvido desapareceu, a garganta melhorou, mas ao fim da tarde a febre subira para 101 graus Fahrenheit. Na manhã seguinte descera para 98 graus, e ele estava decidido a falar no dia seguinte, embora quase não tivesse voz. Vanda e eu opúnhamo-nos fortemente a isso, mas ele dizia:

"O corpo está a preparar-se. É o meu trabalho."

De manhã a temperatura mantinha-se igual, mas mal conseguia falar. Vanda e eu continuávamos contra a ideia de ele discursar, mas permanecemos caladas para não o influenciar; a decisão era dele. Decidiu não falar nesse dia nem no seguinte e ficou na cama. Alguns de nós fomos até à sala onde foi reproduzida uma gravação da sua terceira palestra em Saanen, de vinte e cinco de Julho, para um público romano inquieto que caminhava pela sala, conversando e fumando.

A quatro de Novembro Dorothy recebeu notícias de Montague informando que Enrique Biascoechea morrera. K recuou quando lhe contei. Surpreendeu-se com a rapidez com que acontecera e continuou a pensar em Enrique. Dorothy regressou a Brockwood.

No dia seguinte chegou um telegrama de Erna dizendo que o acordo judicial fora finalmente assinado. Ao fim de tanto tempo, aquele assunto parecia aproximar-se do fim. K discutiu longamente comigo o que fazer com os terrenos, Arya Vihara[5], etc., para que eu pudesse transmitir as suas opiniões aos outros administradores. Nesse mesmo dia realizou também uma entrevista filmada, respondendo em inglês às perguntas feitas em italiano por um Dr. Modugno.

No dia seguinte, seis de Novembro, Krishnamurti teve uma conversa muito séria comigo. Disse que eu iria para Ojai como sua representante; deveria manter a mente aberta, sem opiniões pessoais; deveria estar em relação com Krishnamurti a mil quilómetros de distância, ter uma sensibilidade para isso. Teria de tomar decisões de forma muito impessoal. Precisava de um corpo alerta e muito tranquilo, capaz de receptividade.

Disse que Krishnamurti não podia decidir a partir da Índia; eu teria de decidir o que era correcto e depois enviar-lhe um telegrama. O corpo inteiro devia permanecer quieto o tempo todo para saber o que era correcto.

Se eu representava K, não podia permitir que outros elementos entrassem na consciência. Tinha de lhe comunicar por telegrama a minha chegada a Nova Iorque e depois a Ojai.

"K estaria a velar."

Precisava de treinar o corpo para permanecer imóvel, sentar-me meia hora sem me mover para sentir a quietude — e isto era muito sério.

Na manhã seguinte, sete de Novembro, Vanda e eu levámos Krishnaji de carro ao aeroporto de Fiumicino. Frances McCann, que também seguia para a Índia, encontrou-nos lá. Observámos K atravessar a pista e embarcar no enorme avião. Enquanto aguardávamos a descolagem, vimos de repente, vindo pelo centro do terminal, uma espécie de procissão: um carabineiro muito alto à frente de um Maharishi Mahesh Yogi[6] muito pequeno, sorrindo timidamente e transportando um enorme ramo de flores. Seguiam-se devotos humildes e piedosos atrás do mestre, todos dirigindo-se para a pista. Percebemos, entre gargalhadas, que estavam no mesmo voo que K.

Só mais tarde soubemos o que sucedera. Krishnamurti tinha o lugar mais à frente; o Maharishi e os devotos sentaram-se algumas filas atrás. Algum tempo depois da descolagem, a hospedeira levou as flores a K, que agradeceu mas lhas devolveu. Mais tarde K teve de caminhar pelo corredor em direção à casa de banho, e um devoto levantou-se imediatamente para lhe ceder o lugar. A cortesia venceu por instantes, e o Maharishi disse que iria transformar a consciência da Índia, convidando K a acompanhá-lo. Foi preciso algum esforço para se desvencilhar, mas K conseguiu escapar e regressar ao seu lugar.

No dia seguinte voei para Nova Iorque e, depois de falar com Erna em Ojai, enviei um telegrama a Krishnamurti em Deli dizendo que o representante do procurador-geral, Mr. Tapper, ainda não assinara o acordo judicial, mas que, quando o fizesse, tudo seria formalizado em tribunal.

**Notas:**

1. "Desabrochar" ou "desenvolvimento gradual".
2. Colecção de leituras publicada pela Penguin Books. ⮌
3. Pequena pensão italiana.

4. Cerca de 37,8 ºC.
5. Centro associado a Krishnamurti em Ojai, Califórnia.
6. Maharishi Mahesh Yogi (1918–2008), guru indiano fundador da Meditação Transcendental.

Fiquei com o meu irmão quando estava em Nova Iorque, fui ver a minha mãe a Martha's Vineyard e depois voei para a Califórnia a vinte de Novembro. A vinte e cinco de Novembro chegou um telegrama de K, vindo de Benares, dizendo que tudo estava bem e que uma carta vinha a caminho. A partir daí escreveu diariamente, enviando as cartas quando completava duas páginas. De Benares foi para Madras a dois de Dezembro. De lá escreveu que tinha visto Mr. Madhavachari e lhe dissera, sem rodeios, aquilo que ele fizera [ao alinhar com Rajagopal no processo judicial]; que ele "não podia lavar as mãos do assunto, é imoral, não é bramânico. É preciso fazer penitência para apagar tudo isto antes de morrer."

A vinte e seis de Dezembro Evelyne Blau juntou-se a mim em Malibu, e fomos de carro até ao Tribunal do Condado de Ventura, onde encontrámos Erna e Theo para a audiência relativa ao acordo do processo judicial. O juiz Heaton reuniu-se em gabinete com os advogados de ambas as partes e com Mr. Tapper, do gabinete do procurador-geral. Depois, em sessão pública, o juiz Heaton anunciou a aprovação do acordo e o encerramento do processo.

Depois de falar por telefone com Rajagopal, o seu advogado, Mr. Christensen, informou-nos de que as chaves dos edifícios na McAndrew Road poderiam ser levantadas numa imobiliária. Fomos lá, mas não havia chaves nem qualquer telefonema. Fomos a Pine Cottage e a Arya Vihara, onde um guarda recusou deixar-nos entrar. Então saímos e telefonámos a Stanley Cohen, o nosso advogado. Mais tarde, quando já estava de regresso a Malibu, Erna telefonou a dizer que a imobiliária afinal tinha as chaves.

Escrevi tudo isto detalhadamente a Krishnamurti. A vinte e nove de Dezembro, em Ojai, Erna, Theo e eu percorremos as três casas — Pine Cottage, Arya Vihara e o edifício dos escritórios — todas vazias de mobiliário exceto por uma mesa, uma cama de repouso e uma mala de couro com as iniciais KJN e o endereço Adyar, Madras, Índia. Era dos

tempos em que K partilhava roupas e pertences com o irmão Nitya e combinavam as iniciais de ambos.

Era um dia frio, límpido e maravilhoso em Ojai, com neve sobre Topa Topa e toda a cadeia montanhosa. Caminhei por toda a propriedade de Arya Vihara e encontrei, mais acima, entre o pomar de abacateiros, um grande e majestoso carvalho que parecia reinar sobre tudo o que ali existia. Depois do almoço fomos até Oak Grove, conversámos longamente e voltei de carro para casa.

Assim terminou o ano, com a sensação de que Krishnaji recuperara exteriormente coisas que lhe tinham sido retiradas e se libertara da exploração daqueles que haviam traído a sua confiança.

**Capítulo Trinta e Um**

O ano de 1975 começou com Krishnamurti na Índia, de onde escrevia sobre acontecimentos quotidianos, enquanto eu lhe respondia. A certa altura escreveu que o governo estava a tentar apropriar-se de Vasanta Vihar e perguntou se poderíamos obter de Rajagopal uma declaração de renúncia de direitos sobre a propriedade. Tínhamos o acordo dos dois advogados envolvidos para enviar uma cópia do acordo judicial. Entretanto, tratei da pintura e do mobiliário básico da casa.

Em Bombaim, Krishnamurti teve febre, o que o impediu de realizar as palestras de dezoito e dezanove de Janeiro, mas a dois de Fevereiro voou para Roma e falei com ele em casa de Vanda. Disse que estava recuperado da infecção, a voz soava bem e voaria para Brockwood no dia quatro. Após quatro dias ali, chegou a Los Angeles parecendo melhor do que eu receara depois da febre em Bombaim e de todas as viagens subsequentes. Regressámos a Malibu e jantou na cama, mas, embora cansado e quase a adormecer, queria continuar acordado e a conversar.

No dia seguinte tomou as refeições num tabuleiro, dormiu quase toda a manhã, mas depois do almoço relatou os acontecimentos na Índia. Disse também que se sentira doente durante quase toda a estadia, nunca chegando realmente a recuperar da gripe que tivera em Roma em Outubro. Encontrara a Índia social e politicamente muito mais perturbada. Passara

duas horas a conversar com Mrs. Gandhi[1], sentindo pena dela e da enormidade dos problemas.

Em Rajghat havia conflito e indiferença entre alunos e professores. Os estudantes abandonaram uma das suas palestras a meio, como manifestação — não contra ele, mas contra os professores. Reuniu-se com ambos os lados e encontrou muito antagonismo, mas esperava que Ahalya Chari e Upasani conseguissem unir novamente o lugar.

Também encontrou deterioração em Rishi Valley e disse a Pupul Jayakar, Sunanda Patwardhan, Achyut Patwardhan e Balasundaram que, a menos que houvesse uma mudança nas escolas, "não voltariam a ver a minha cara". Isso teve o efeito de uma bomba.

A onze de Fevereiro, num belo dia luminoso, com Krishnamurti ao volante do seu Mercedes verde, fomos para Ojai, onde encontrámos Erna e Theo e percorremos Oak Grove e os terrenos adjacentes. K esquecera-se de como aquilo era belo; mostrou-se surpreendido e muito satisfeito. Depois seguimos para Arya Vihara e, pela primeira vez desde 1966, K percorreu a casa. No quarto oeste do rés-do-chão disse:

"O meu irmão deve ter morrido aqui."

E:

"Dr. Besant usava este quarto."

No corredor disse-me:

"Quantas discussões aconteceram aqui!"

Atravessámos o laranjal até Pine Cottage, e K percorreu rapidamente a casa e os escritórios, como se quisesse afastar-se de algo repelente.

"Não conseguiria passar aqui uma noite. É demasiado pequeno e fechado. Fui mal habituado por Brockwood e pela tua casa; preciso de espaço."

Fomos a casa dos Lilliefelt e, com Ruth, Albion e mais tarde Mark Lee, discutimos tudo longamente. K achava que o terreno da extremidade

oeste seria bom para uma escola, mas perguntou-nos se algum de nós desejava que tentasse obter o terreno de Happy Valley. Nenhum queria; portanto seria a extremidade oeste. Marcámos datas para as suas palestras de Abril em Oak Grove.

No regresso de carro disse que sentia que as casas estavam contaminadas, mas que, se vivesse na cottage, isso mudaria.

No dia seguinte fomos a Los Angeles ao consultório da Dr. Lailee Bakhtiar, onde teve a primeira consulta e exame geral. Ela disse que a tensão arterial era 130/80 e que havia excelente circulação nas extremidades. Fez também um electrocardiograma e análises sanguíneas. Enquanto isso decorria, falei-lhe do desejo de K de nunca ser internado num hospital. Ela disse compreender e respeitar isso, e que, se alguma vez adoecesse, tentaríamos tratar tudo em casa.

Mais tarde disse-me que nunca lhe deveria ser administrada anestesia que o deixasse inconsciente — apenas anestesia local.

"Talvez não voltasse", disse com um pequeno sorriso.

A catorze voltámos a Ojai, encontrámo-nos com os Lilliefelt, caminhámos novamente em Oak Grove e falámos com um arquitecto sobre a construção de um edifício escolar nas proximidades. K falou de concentrar tudo na extremidade oeste e manter privada a propriedade da McAndrew Road. Disse que não gostava da cottage nem do edifício dos escritórios e que, se viesse a usar Arya Vihara, seria preciso demolir tudo e começar de novo. Mas mais tarde, no carro de regresso, falou em experimentar a cottage e usá-la em regime parcial, mantendo Malibu como residência principal.

Noutro dia disse sentir vontade de me dizer algo que não sabia como expressar. Era um sentimento recente, semelhante ao que tivera anos antes em Adyar, quando estava no exterior a olhar para os aposentos antes da morte do irmão. Era uma sensação de vazio, de ausência total de ligação. Abrimos duas malas encontradas em Arya Vihara — uma delas uma magnífica mala de crocodilo com as suas iniciais. Continha algumas kurtas[2] e muitas meias. Algumas tinham "JK" tecido nelas e um par tinha as iniciais "JKN". Era como se tivessem sido deixadas ali anos antes pelo

irmão, quando partilhavam as roupas. O armário era revestido a cedro e cheirava intensamente a cedro. K interessou-se pelas roupas mas quis oferecer a maior parte.

Erna telefonou dizendo que acabara de descobrir uma servidão de passagem criada por Rajagopal e pelos Vigeveno poucos meses antes, atravessando o terreno entre a propriedade deles e Krotona, tornando praticamente impossível vender aquela parte do terreno da KFA.

A Dr. Bakhtiar informou sobre os resultados dos exames de K — todos excelentes. A radiografia pulmonar mostrava tudo limpo, mas revelava antigas cicatrizes, provavelmente da juventude, quando superara infecções. O electrocardiograma era normal, assim como as análises sanguíneas, açúcar no sangue, rins e fígado. A única dificuldade era a alergia, para a qual sugeriu tratamentos.

Durante esses dias, K descansava e fazia a maior parte dos passeios no relvado. Íamos ocasionalmente à cidade ver filmes. A vinte e seis de Fevereiro fomos de carro até Ojai com um camião atrás de nós transportando objectos para Pine Cottage. Os Lilliefelt, Ruth, Albion e Mark reuniram-se para discutir um artigo sobre o significado e função da escola que K escrevera no dia anterior.

Erna ficou para almoçar — a primeira refeição na cottage. Theo juntou-se a nós e K perguntou-lhes:

"Qual é a solução correcta para Maria quanto a um lugar para viver em Ojai?"

Eu era ouvinte, não participante, nessa conversa, K silenciando qualquer comentário meu.

Os seus sentimentos em relação à cottage estavam muito diferentes nesse dia. Quando chegámos, entrara e saíra da casa várias vezes e caminhara entre as árvores. Mas durante a reunião continuava a olhar em volta para a sala, exclamando sobre o conforto das cadeiras que eu instalara, e pela primeira vez reparou nas cortinas recentemente colocadas.

"A sensação está a mudar", disse.

Voltou a mencionar isso no caminho de regresso e disse que "o corpo" agora se sentia relaxado, dormia melhor e a meditação estava a regressar. Não acontecera na Índia; o corpo estava demasiado cansado.

A três de Março fomos de carro para Ojai e instalámo-nos pela primeira vez na cottage. Pelo caminho, com K ao volante, parámos para comprar um caderno porque a visão das flores silvestres amarelas ao longo da estrada costeira lhe despertara vontade de voltar a escrever.

"Tenho de escrever todos os dias?"

Claro que não, respondi, apenas quando tiver vontade.

"Mas gosto de o fazer de forma ordenada", replicou.

Ao chegar demos um passeio em direção à Thacher Road, e as pessoas que passavam de carro reconheciam-no e sorriam ao vê-lo ali novamente. Depois do jantar parecia desorientado, com aquele ar de quem escuta alguma coisa. Começara já no carro, apesar de estar a conduzir, e à hora de deitar parecia não saber onde estava. Tudo lhe parecia estranho; queria-me por perto, e dormi no sofá da sala.

Antes de deixarmos Ojai, Theo veio dizer-me que ele e Erna queriam emprestar a casa deles a K caso a cottage não fosse adequada. Vieram almoçar e houve uma discussão útil acerca de um centro com várias finalidades. Uma delas seria uma espécie de retiro em que ofereceríamos silêncio e oportunidade para as pessoas explorarem interiormente os ensinamentos de K por si mesmas, sem estrutura ou programa externos. Às quatro da tarde regressámos de carro a Malibu, e K discutiu a ideia de reconstruirmos completamente a cottage transformando-a numa verdadeira casa.

Continuaram em Malibu as discussões sobre a escola, um centro, a disposição dos edifícios no terreno, etc. Participaram os administradores e Mark Lee. K sentia necessidade de um lugar onde as pessoas pudessem vir explorar os ensinamentos nas suas próprias vidas durante os meses em que ele não estivesse presente. Inicialmente os administradores deveriam estar disponíveis, não como intérpretes, mas para discutir e explorar.

Mais tarde perguntei-lhe se achava que eles eram capazes desse tipo de discussão na sua ausência.

"Era isso que eu estava a tentar descobrir", respondeu.

[...]

**Notas:**

1. Indira Gandhi (1917–1984), então primeira-ministra da Índia.
2. Túnica tradicional indiana, usada tanto por homens como por mulheres.

Realizou-se uma segunda reunião, desta vez também com arquitectos presentes, na qual foi discutido um plano geral para o terreno de Oak Grove. K já antes ditara um memorando sobre a qualidade que os edifícios deveriam possuir — transmitir proteção, segurança, espaço e liberdade. Falou de um mosteiro que vira perto de Florença, tão integrado na paisagem que não se distinguia até se estar muito próximo. Tinha silêncio, dignidade e era um lugar sagrado. Decidiu-se que haveria no máximo apenas dois alunos por quarto. Mais tarde advertiu Erna de que sentia que Rajagopal tentaria impedir a KFA de obter o saldo dos fundos da KW Inc. através da K&R.

Nessa noite não dormiu bem, pelo que permaneceu na cama no dia seguinte. Jantámos, como habitualmente, em tabuleiros. Quando um western barulhento apareceu na televisão, o rosto de K transformou-se, os olhos ficaram semicerrados, distantes. Senti a mudança, fiz sinal para desligar a televisão, mas ele abanou a cabeça.

"Sentes isso?"

Havia algo de eléctrico muito próximo. Não queria falar sobre isso.

No dia seguinte, catorze de Março, dormira bem. O "algo" continuava. Ao almoço perguntou-me se eu estava a manter registo dessas coisas.

"Devias manter um diário completo."

Perguntei-lhe qual era a relação entre aquilo que acontecera e a televisão barulhenta. Disse que um filme repousa e relaxa a mente, e então o outro vem. Costumava ir deliberadamente ao cinema para obter esse descanso.

Mais tarde lavámos ambos os carros. À noite disse:

"Ainda continua — pergunto-me porquê? Talvez por causa das palestras — não sei, não pergunto."

A dezassete de Março voámos para São Francisco à tarde. Alain Naudé foi buscar-nos e levou-nos para o Huntington Hotel. Ficámos na mesma suite de visitas anteriores — quartos tranquilos e dignos. Fomos passear, comprámos fruta e Alain ficou para jantar. K contou histórias indianas. Alain sugeriu que tanto yoga talvez estivesse a tornar K excessivamente sensível, levando às febres dos fenos.

No dia seguinte, os três fomos a Ghirardelli Square e almoçámos comida chinesa, de que K gostou. Alain levou K de volta ao hotel para descansar enquanto eu fazia compras de mantimentos. Mais tarde acompanhei Krishnaji até casa de Mrs. Mathias e fui fazer mais algumas compras enquanto ele a visitava. Ela tornara-se quase cega, e ele colocou-lhe as mãos sobre a cabeça para ajudar os olhos. Quando fui ao encontro dele, vinha a subir a rua, e houve novamente aquela extraordinária sensação de vê-lo caminhar na nossa direção — como se todo o significado do mundo estivesse concentrado naquela graça em movimento. Demos seis voltas ao pequeno jardim da praça em frente do hotel.

À noite disse que havia uma grande quantidade de mal no mundo; depois acrescentou que não gostava da palavra "mal". "Desarmonia" seria melhor. E era causada pela crença organizada.

"Por exemplo, os cristãos dizem que Jesus é o único, o nosso deus é o único. Isso exclui tudo o resto."

Noutra conversa disse:

"O dogma cria sempre divisão e, por isso, é mau."

Falámos sobre matar, e disse que o assassínio organizado resulta do dogma. O cristianismo levara ao assassínio organizado. Falei das reacções humanas a coisas que invadem — insectos, ratos, etc. K respondeu que havia uma diferença; não se tratava de assassínio organizado, mas de algo feito porque eles entravam num lugar que não lhes pertencia. Respondi que eles consideravam esse lugar como deles e que, se um intruso aparecesse, por exemplo, com uma faca para o atacar, eu faria qualquer coisa para o defender.

Disse que a diferença aí era um reflexo espontâneo de proteção. Mas matar um ser humano continua errado, e o animal destrutivo — o esquilo-da-terra, o coiote, etc. — não deve ser autorizado a destruir tudo o que quiser. Contou então sobre uma raposa que vira a aproximar-se furtivamente das galinhas em Ojai; observou-a aproximar-se lentamente e soltou um enorme grito. A raposa desapareceu e nunca mais voltou.

Dorothy e Montague tinham vindo a São Francisco para as palestras e apareceram no hotel com Erna e Theo. K fora sozinho a casa de Mrs. Mathias tratar-lhe os olhos. Ela vivia do outro lado da praça, e ele regressou cuidadosamente, atravessando na passagem com o sinal verde, como dissera que faria. Quando estava comigo, queria atravessar em qualquer lado. Fomos todos novamente a Ghirardelli Square e almoçámos comida chinesa; depois regressámos, e ele descansou antes de caminharmos encosta abaixo e de volta encosta acima ao fim da tarde.

Ao jantar havia aquela estranha alteridade no quarto. Para mim era como água corrente invisível e cristalina no ar. K percebeu algo em mim e perguntou se eu estava perturbada com alguma coisa. Não tentei dizer mais do que estava bem, porque era a noite antes da palestra e o silêncio parecia melhor.

A vinte de Março K descansou todo o dia e às seis horas atravessou a pé até ao lado para dar a primeira palestra no Masonic Hall. Havia uma boa assistência. Usou uma nova palavra — o "andaime" do eu. Depois da palestra teve de esperar um pouco nos bastidores para recuperar.

Mais tarde disse:

"O conhecimento é sempre o exterior."

No dia seguinte almoçámos com Mrs. Mathias. Apesar de quase totalmente cega, mas sabendo onde tudo se encontrava no apartamento, movia-se sem hesitação. Quando falava, olhava para nós como se pudesse ver. A conversa acabou inevitavelmente por chegar ao processo Rajagopal. Ela disse que muitas pessoas tinham sido magoadas por K. Ele perguntou quem. Ela respondeu:

"Bem, eu fui."

K explicou que aquilo que considerara nesse caso, tal como acontecera quando dissolvera a Ordem da Estrela, era qual era a coisa certa a fazer. Mrs. Besant ficara magoada, embora acabasse por dizer:

"Se o Instrutor do Mundo está a fazer isto, então é correcto."

K disse que durante anos tentara que Rajagopal o informasse, o consultasse, etc., e que em troca recebera apenas silêncio ou abuso. As pessoas tinham sido realmente magoadas ou fora apenas a imagem que tinham de como as coisas deveriam ser?

K pediu-me que relatasse a conversa que tivera com Rajagopal em 1971, quando este dissera que trabalhar em conjunto era uma conspiração contra ele. Contei-lhe também sobre a conversa com o juiz Kenny, que nos mandara falar com o procurador-geral, o qual acabara por dizer que Rajagopal devia ser judicialmente perseguido devido a "grave impropriedade relativamente a um fundo de beneficência" e nos instruíra a iniciar um processo em que ele próprio seria co-queixoso. Expliquei-lhe que K não estivera envolvido nisso mas fora arrastado para o caso quando Rajagopal e os seus apoiantes apresentaram reconvenção e notificaram K precisamente quando ele se preparava para dar a primeira palestra em Santa Monica.

Quando saímos fazia um vendaval acompanhado de chuva. K quase foi derrubado pelo vento; agarrámo-nos um ao outro e conseguimos percorrer os dois quarteirões até ao Huntington, meio ensopados e com um guarda-chuva virado do avesso. Mais tarde Alain veio tomar chá e ficou para jantar.

No sábado, vinte e dois de Março, K deu uma segunda palestra no Masonic Hall, vívida e magnífica, cheia de vitalidade. Preparei o almoço nos nossos quartos e ele dormiu toda a tarde. A terceira palestra realizou-se no domingo e, depois dela, Alain, os Simmons, os Lilliefelt, Alan Kishbaugh e Kathy Harris vieram ao hotel, e fomos todos juntos almoçar a Ghirardelli Square. K não descansou porque, quando regressámos, recebeu Dr. Feldman, da Argentina, interessado nos ensinamentos mas que nunca ouvira K falar até esse dia.

Na segunda-feira fomos novamente tomar chá com Mrs. Mathias. Ela disse que agora "já nos conhecia", mas perguntei-me se isso realmente fizera alguma diferença.

A última palestra foi na terça-feira, vinte e cinco de Março, concluindo a série. Alain juntou-se a nós para jantar. Fizemos as malas na manhã seguinte e K foi dar mais um tratamento a Mrs. Mathias. Atravessei a praça para acompanhá-lo no regresso, ainda inquieta com a ideia de ele atravessar ruas sozinho; depois preparei o almoço com os restos da nossa despensa, e Alain veio levar-nos ao aeroporto.

Foi bom regressar a Malibu. O trabalho feito no relvado, os novos arbustos e as laranjeiras pareciam já integrados. K disse:

"Esta é uma bela casa."

E mostrou-se ansioso por ver a coruja-das-torres do celeiro, que nos observou com ar solene à chegada. Krishnaji parecia gostar de estar ali mais do que anteriormente. A conversa sobre vender a casa e mudar-se para Ojai tinha diminuído.

## Capítulo Trinta e Dois

Depois de regressarmos de São Francisco a Malibu, a vinte e um de Março de 1975, passados apenas dois dias Erna telefonou a dizer que Mr. Cohen duvidava que Rajagopal desse ouvidos ao advogado acerca da servidão no terreno da KFA e queria reunir todos nós.

Nesse dia, ao almoço, Krishnamurti disse subitamente:

"Só agora percebo como eles deliberadamente me obrigavam a ir a lugares baratos, tentando destruir a minha dignidade. Tive de ir àqueles sítios onde se come no carro [drive-ins], andar de autocarro. Eu não me importava, mas era isso que tentavam fazer."

Depois acrescentou:

"É extraordinário, sinto uma energia tão grande. Deve ser a boa comida."

Assim fomos à cidade tratar de alguns assuntos, e ele foi ao dentista. Quando regressávamos e virámos em direção à costa, as colinas estavam muito nítidas contra o céu azul, e disse:

"Olha para aquelas montanhas. Isso é Deus."

Noutra ida à cidade, enquanto ele estava novamente no dentista, fui procurar papel pautado especial para o seu caderno. Tinha vontade de começar a escrever outra vez.

"Tenho de escrever todos os dias?"

Claro que não, respondi, apenas quando tiver vontade.

"Mas gosto de o fazer de forma ordenada", replicou.

Quando regressámos a casa, Erna telefonou dizendo que Barbara Lama, enteada de Albion Patterson, morrera num desastre de avião perto de Catmandu juntamente com a mulher e a filha de Edmund Hillary[1]. Contei isso a K; ouviu em silêncio e, passados alguns minutos, pediu-me que repetisse a notícia. Pouco depois disse:

"Não se deve morrer violentamente. É um choque demasiado grande."

**Notas:**

1. Sir Edmund Hillary (1919–2008), alpinista neozelandês, primeiro homem a atingir o cume do Everest juntamente com Tenzing Norgay em 1953.

M: “Será um choque para quem morre?”
K: “Sim. Deveria ser voluntariamente, de forma saudável.”
M: “Poucas pessoas morrem voluntariamente.”
K: “Falarei contigo sobre isso noutra ocasião.”

Mas continuou e contou-me um episódio ocorrido anos antes, quando Kitty Shiva Rao viajara com ele num voo de Deli para Benares e o avião entrara num nevoeiro espesso. Kitty, sentada ao lado dele, entrou em pânico, e K segurou-lhe a mão dizendo:

“Se vamos morrer, vamos morrer. Façamo-lo alegremente.”

Ela acalmou-se, mas pouco depois o avião perdeu altitude e ela começou a ficar histérica. K voltou a falar-lhe, e então o avião desceu abaixo do nevoeiro e aterrou.

No primeiro de Abril Krishnamurti começou novamente a escrever. Não se sentia confortável à secretária, por isso coloquei uma mesa dobrável diante da janela. Disse que queria que eu lesse o que escrevia e o “corrigisse” sem o consultar. Havia apenas pequenos problemas de sintaxe, provavelmente porque não relia o que escrevera antes quando fazia pausas. Duvido que voltasse a reler qualquer coisa depois de terminar. Recomeçou, mais uma vez, com descrições da natureza e depois passava ao que queria dizer. Nesse dia escreveu sobre espaço e divisão.

À noite, no noticiário televisivo, apareciam imagens de sofrimento tão angustiante dos refugiados no Vietname que K me impediu de continuar a ver, pois eu chorara muito numa noite anterior.

No dia seguinte voltou a escrever de manhã:

“a habilidade da inteligência consiste em colocar o conhecimento no seu devido lugar”

e

“a inteligência nasce da compreensão da totalidade da consciência do homem — de si próprio”

e ainda

“a liberdade em relação ao conhecido, a cada minuto, é a essência da inteligência.”

Escreveu isto antes de uma reunião com administradores e outros acerca da escola. À tarde fui buscar Dorothy e Montague ao aeroporto para passarem alguns dias connosco em casa.

Eu enviara uma carta formal a Rajagopal dizendo que K desejava consultar os seus arquivos. Nessa tarde Erna telefonou e leu a resposta enviada a Stanley Cohen pelo advogado de R, Christensen, autorizando-nos a consultar “livros e manuscritos”, mas dizendo que as cartas e material de arquivo “ainda não estavam organizados”.

Na manhã de três de Abril, K disse:

“Alguma coisa tem estado a acontecer desde aquele dia em São Francisco. A minha cabeça está quase a rebentar — cheia. Toda a noite isso continuou, e na noite anterior também — uma atenção tremenda dentro da cabeça, uma sensação física. Está a acontecer agora.”

(Tinha um olhar distante.)

“Todas as energias estão concentradas ali dentro, nos olhos, na cabeça.”

Depois de escrever o terceiro texto do seu caderno, permaneceu na cama toda a manhã lendo um livro sobre baleias e golfinhos, mas levantou-se para almoçar com os Simmons. Depois ouvimos uma gravação do canto das baleias-jubarte.

No sábado, cinco de Abril, levámos Dorothy e Montague a Ojai, com K a conduzir parte do caminho. Fomos primeiro ao apartamento no edifício junto a Pine Cottage, onde eles iriam ficar, e depois a casa dos Lilliefelt para almoçar.

Erna telefonara a Rajagopal para confirmar o encontro destinado à consulta dos arquivos. Rajagopal respondera através do advogado — “uma vez que Mrs. Zimbalist está representada por advogado” — mas desta vez não pudera falar de imediato e tivera de telefonar mais tarde (depois de preparar um gravador? como inevitavelmente suspeitámos). Queria saber

quem viria. Erna respondeu que não perguntara a K, mas que provavelmente seriam K, MZ e ela própria.

Mais tarde especulámos que Rajagopal talvez estivesse a tentar perturbar K antes das palestras. Sugeri que ele adiasse a visita e que apenas Erna, Theo e eu fôssemos da primeira vez. K decidiria.

No dia sete, K e eu ficámos em Pine Cottage. Voltou a querer-me por perto, e dormi na sala de estar. De manhã fui com Erna e Theo falar com Mr. Cohen acerca das servidões de passagem que Rajagopal concedera a si próprio e aos Vigeveno em 1974 sobre terrenos que agora pertenciam à KFA. Essas servidões permaneceriam indefinidamente e impediriam a utilização do terreno pela KFA.

Concordámos que não queríamos reabrir o processo com base em fraude — embora pudéssemos fazê-lo — mas apresentar primeiro a questão a Mr. Tapper, do gabinete do procurador-geral, pois aquilo representava dissipação de bens de uma instituição de beneficência em favor de particulares e era claramente interesseiro. Se nada resultasse disso, poderíamos iniciar um procedimento separado para corrigir a ilegalidade.

Mr. Cohen achava positivo exercermos os nossos direitos previstos no acordo judicial, o que ocorreria na visita aos arquivos do dia seguinte, e deveríamos manter registo de qualquer incumprimento por parte de Rajagopal.

Quando regressámos, Krishnaji decidira que iria ao encontro. Passara a manhã a escrever no caderno.

Na quarta-feira, nove de Abril, K, Erna, Theo e eu fomos às 11 horas ao escritório K&R consultar os arquivos. Rajagopal recebeu-nos e sentou-se a uma mesa naquele escritório esverdeado, semelhante a uma prisão. K sentou-se atrás e ligeiramente afastado, sem voltar a olhar para Rajagopal depois da saudação inicial, feita à maneira indiana.

Rajagopal tinha um aspecto zangado, simiesco, o olhar perturbado de alguém mentalmente desequilibrado. Falou ressentidamente durante quarenta minutos. Porque queríamos ver certas coisas? O processo terminara, mas ele fora alvo de vilificação em todo o mundo; ele era

amigável, mas nós não — eu recusara falar-lhe ao telefone; não podia dizer quando os arquivos estariam prontos; estava muito ocupado; porque queríamos consultar material de arquivo editado por Mima Porter? Disse que não existiam manuscritos remanescentes dos *Commentaries*[1]; afirmou que todos os arquivos tinham sido entregues à K&R; disse que um grande carregamento de material de arquivo vindo da Holanda por intermédio de Folkersma, no início da Segunda Guerra Mundial, se perdera; que Jinarajadasa concordara em enviar-lhe cartas existentes na Sociedade Teosófica mas nunca o fizera. Queria aceder aos nossos arquivos já que nós podíamos consultar os dele.

Continuava interminavelmente, mencionando ainda o processo indiano que permanecia pendente. Nem Erna nem eu dissemos o óbvio, pois todo o objectivo parecia ser falar sem parar e não nos mostrar nada. Continuava a fazer referências a K, que não pronunciou uma única palavra até Rajagopal dizer que em tempos tivera relações amigáveis com ele

"mas agora ele não fala".

Então K levantou-se, parecendo muito alto, bastante tenso e distante, e disse:

"Falarei. Se quer essa amizade, renuncie a tudo e faça penitência. É tudo o que tenho a dizer."

Atravessou a sala e saiu pela porta.

De algum modo todos estavam agora de pé; Erna, Theo e eu permanecemos.

"O que quis ele dizer?" perguntou Rajagopal com raiva.

Respondemos que ouvira o que K dissera; não estávamos ali para explicar nem interpretar, mas para consultar arquivos. Ele começou a dizer algo como "acabou-se tudo", e eu disse:

"Está a recusar mostrar-nos os arquivos? Estamos aqui por uma questão muito simples e concreta — começar a consultar os arquivos."

Irritado, relutante, abalado pelo que K dissera, abriu algumas gavetas de ficheiros. Continham arquivos completos e bem organizados, transcrições de discussões. Pareceu começar a mostrar coisas como forma de escapar à afirmação de K e, como se estivéssemos a lidar com uma pessoa doente, mostrámos admiração pela forma meticulosa como tudo estava organizado.

Depois permitiu-nos entrar numa sala traseira cheia de estantes de livros em várias línguas. Pedimos aquilo que K solicitara: as cartas de Mrs. Besant para K quando era rapaz, e ele até se ofereceu para fazer fotocópias. Havia também álbuns de fotografias, pequenas imagens maravilhosas de K e Nitya em crianças.

R negou possuir cartas entre Mrs. Besant e Leadbeater acerca "do rapaz". Entretanto Erna preparava terreno para futuras visitas. Mais cedo Rajagopal afirmara que o material de arquivo lhe fora entregue pessoalmente, o que nos levou a suspeitar que muito estaria guardado no cofre da sua própria casa. Nesse dia afirmava que todos os arquivos estavam no escritório K&R.

Saímos e encontrámos K mais abaixo na estrada; estivera em Oak Grove. O nosso primeiro comentário foi que Rajagopal tinha uma personalidade doente. Theo sentia pena dele e mais tarde, ao almoço, disse querer visitá-lo para lhe mostrar o que a sua renúncia poderia significar. K explicou-nos que a própria renúncia de Rajagopal seria a penitência.

Theo telefonou várias vezes, recebendo sempre sinal de ocupado, até finalmente conseguir falar com Rajagopal, ir vê-lo, ouvir uma diatribe e regressar. K queria que Erna dissesse a Rajagopal que ele — K — desejava consultar certas coisas sem a presença dele.

Durante o resto do dia K realizou uma entrevista filmada sobre planos escolares e educação para uma estação local; Dorothy acompanhou-nos num passeio de quase cinco quilómetros. Mark Lee disse que Rosalind telefonara e que, quando lhe perguntaram acerca dos tapetes que K dizia terem sido oferecidos a Arya Vihara, ela respondera que tinham sido roubados e lamentava que K pensasse que ela era ladra. Disse que tinham sido roubados de Arya Vihara. Theo observou que o registo policial do

roubo indicava Upper Ojai, o que significava que ela os levara consigo quando se mudara.

Chegou uma carta desagradável de James Vigeveno dirigida a K. K quis responder-lhe, por isso redigi uma resposta, embora achasse que não valia a pena. K insistiu novamente para que Erna telefonasse a Rajagopal dizendo que desejava consultar os arquivos sem a presença dele. Não queria sequer vê-lo ou falar-lhe. Erna considerou preferível adiar a chamada até depois do fim-de-semana das palestras. Reg e Mavis Bennett chegaram da Austrália, e foi um prazer revê-los.

Sábado, doze de Abril, amanheceu sem nuvens, com sol quente mas ainda um leve manto de neve sobre Topa Topa. No Mercedes verde seguimos para Oak Grove, onde às onze horas Krishnamurti deu a sua primeira palestra ali desde o Outono de 1966. Havia muita gente, muitas crianças e muitos cães. Foi profundamente bom vê-lo novamente no seu próprio lugar.

Depois da palestra caminhou um pouco pela estrada até eu conseguir aproximar o carro. Disse que gostava de falar no Grove, mas não tinha qualquer sensação de familiaridade em relação ao lugar.

Almoçámos na cottage e ele concordou comigo e com Erna em ignorar a carta dos Vigeveno. Erna telefonou a Rajagopal dizendo que K queria consultar os arquivos que já tínhamos visto, as cartas de Besant, fotografias e também o relato de Pupul Jayakar acerca do que acontecera a K em Ootacamund em 1947 ou 1948. Tratava-se de um texto que ela escrevera para Rajagopal, que não lhe permitira conservar uma cópia.

Primeiro Rajagopal disse que não o tinha — depois, que talvez não se lembrasse — depois afirmou que terça-feira não lhe convinha e desligou.

Erna voltou a telefonar dizendo que provavelmente a chamada caíra e que não era necessário ele estar presente. Ficou furioso e disse que aquilo era assunto pessoal dele e que tinha de estar presente.

"A supervisão não é necessária", disse Erna.
"Eu decidirei isso; têm de escrever e dar-me tempo para pensar", respondeu ele.

Erna: “Estamos a avisá-lo agora.”
R: “Não podem vir na terça-feira.”
Erna: “Está a recusar?”
R: “Podem trazer um xerife e arrombar a porta.”

E desligou.

Como nota adicional, Al Blackburn informou que os Vigeveno estavam mais hostis do que nunca.

[...]

**Notas:**

1. Referência aos livros *Commentaries on Living* de Krishnamurti.

No dia seguinte, domingo, treze de Abril, K deu uma palestra magnífica e poderosa, a segunda em Oak Grove. Entre outras coisas, falou da diferença entre realidade e verdade. A realidade pertence à mente e ao pensamento; a verdade não pode ser tocada por nenhum deles. Regressou ao carro dizendo:

“Essa palestra exauriu-me.”

E bem podia ter exaurido. Mais tarde comentou em tom brincalhão:

“Antigamente teriam dito: ‘O Senhor falou hoje.’”

Quis comer na colina onde os Hooker, a seu pedido, estavam a servir um almoço vegetariano barato. Ficou muito tempo sentado no carro antes de atravessarmos até lá. Mais tarde, depois de uma sesta, recebeu as duas irmãs Siddoo. Planeavam abrir a escola delas em Vancouver Island no Outono de 1976. Fomos a pé até casa dos Lilliefelt para tomar chá; Erna enviara uma carta através de Byron Casselberry a Rajagopal, informando-o de que iríamos na terça-feira consultar os arquivos e que não desejávamos supervisão.

A segunda-feira amanheceu com céu cinzento e chuva persistente. K escreveu de manhã e concedeu uma entrevista gravada a Donald Ingram

Smith, da Australian Broadcasting. Mr. e Mrs. Kornfeld encontraram-se com K depois disso e, enquanto aguardavam para o ver, falaram comigo sobre as filmagens de K.

Ao jantar perguntou acerca de uma revista chamada *Ananda*, que Tapas lhe enviara. Li-lhe partes de um artigo nela publicado por E. A. Wodehouse acerca de George Arundale, criticando-o por ter mantido cerimónias em Benares, em 1929, quando Mrs. Besant pedira a K que presidisse ao congresso da Sociedade Teosófica na sua ausência. Por consideração para com ele e os seus pontos de vista, ela decretara que não houvesse cerimónias. K lembrava-se vagamente disso e sorriu. Disse que Wodehouse escrevia muito bem mas acabara por "morrer de preguiça".

Olhou para a revista.

"Éramos todos muito jovens naquela época."

Disse que parte de tudo aquilo deveria ser reunido num livro. Li-lhe outro capítulo sobre versões hindus do Senhor Maitreya. O texto dizia que Maitreya fora profetizado por Gautama como recusando tornar-se Buda até que a humanidade estivesse iluminada.

Perguntei-lhe:

"Vai tornar-se um Buda?"

"Não deves perguntar isso", respondeu. "Não funciona dessa maneira; essas pessoas transformaram tudo numa hierarquia."

Na terça-feira, quinze de Abril, Krishnamurti, Erna, Theo e eu fomos às 11 horas ao escritório K&R. Rajagopal estava lá, assim como Austin Bee, sentado a uma secretária, sem nunca se levantar nem nos dirigir mais do que um olhar rápido. Entrámos na sala dos fundos; o cofre estava aberto e ali estavam algumas das coisas que tínhamos pedido para ver. Rajagopal permaneceu de pé, e Erna disse que desejávamos examinar os documentos em privado.

Ele irritou-se:

"Este é o meu escritório."

Mas acabou por sair, recusando-se a fechar a porta e dizendo que provavelmente nem precisava de o mencionar, mas que nada poderia ser retirado dali.

Erna e eu limitámo-nos a olhar para ele, e ele afastou-se.

K sentia dores no estômago devido à violência emanada por Rajagopal. Fiz com que se sentasse e comecei a ver álbuns de fotografias com ele — imagens de 1913 e 1914 em Taormina e na Cornualha, e fotografias ainda mais antigas, de 1909. Havia muitas outras que K observou, mas Erna entregou-me cinco páginas manuscritas por Pupul Jayakar descrevendo os acontecimentos de Junho de 1948 em Ootacamund, quando K estivera "ausente", com dores intensas, dizendo:

"Queimaram-me para que houvesse mais vazio";

falando de estar tão perto da morte mas não a desejar

"porque ainda há tanto a fazer";

de algo que acontecera durante um passeio mas que não conseguia recordar;

do medo de ter deixado pedaços de si na estrada;

e de um grande poder que o preenchia.

Foi esmagador ler aquilo. Deveríamos pedir a R uma fotocópia, mas, para garantir que teríamos o texto, li-o em voz baixa a Erna, que o anotou em estenografia.

Entretanto K terminara de ver as fotografias e queria sair. Fê-lo e caminhou pela estrada abaixo enquanto Erna e eu entregávamos a Rajagopal uma lista de coisas que gostaríamos que fossem copiadas. Houve discussão sobre se seria ele a fazer as cópias ou se nós poderíamos levá-las para copiar. Sugerimos que Erna e Byron Casselberry fossem juntos à fotocopiadora, mas aparentemente ele também não confiava em Casselberry, preferindo fazer tudo ele próprio.

Fez perguntas acerca de quando partiríamos e se Erna também ia embora. Depois saímos.

Nesse dia, a firmeza tinha sido a atitude eficaz. Voltámos à cottage para almoçar. K perguntou como funcionavam aquelas mentes.

"A de Austin Bee, por exemplo, com aquela rudeza."

Nessa tarde houve uma reunião sobre as escolas com K, os Lilliefelt, Ruth, Albion, os Lee, os Simmons e as irmãs Siddoo. K falou sobre relações com os pais, participação dos administradores, etc. A reunião prolongou-se até depois das seis. Continuava com dores no estômago por causa da manhã, mas uma sopa simples fez-lhe bem.

No dia seguinte fazia frio em Oak Grove quando K realizou uma discussão pública sobre educação. As perguntas não eram pertinentes, mas, como sempre, ele conduziu-as para uma visão global. Depois quis permanecer tranquilamente sentado no carro enquanto eu fazia as compras, pelo que almoçámos tarde. Dormiu depois e demos um longo passeio com Erna e Theo.

Durante o jantar recordou os anos passados em Ojai e disse que poderia ter morrido ou sofrido um acidente durante as longas caminhadas nas montanhas, mas que "eles" [Rajagopal e Rosalind] nunca pensaram nisso nem se importaram. Disse que costumava gostar de conduzir sozinho por Santa Paula até Ventura e regressar, cerca de oitenta quilómetros. Também contava que viajava sozinho para lugares como Cleveland, Toledo e Seattle para dar palestras. Alguém devia comprar-lhe os bilhetes, mas depois ele simplesmente ia. Talvez Jadu estivesse presente.

Contou ainda como, na Nova Zelândia, ficara hospedado em casa de teosofistas que lavavam toda a loiça numa bacia mas não a enxaguavam. Isso horrorizava-o tanto que lhes disse ser muito bom a lavar loiça e perguntou se poderia fazê-lo.

"Se insiste", responderam eles.

"Então arranjei duas bacias. Eram pessoas simpáticas e acabaram por perceber."

Houve uma reunião de administradores e decidiu-se avançar com um edifício no terreno de Oak Grove sem esperar por uma campanha de angariação de fundos. K queria começar imediatamente, e também desejava remodelar a cottage, com o que concordei. Falámos sobre reorganizá-la em dois quartos com duas casas de banho, mantendo a sua sala frontal, que ele dizia ser um bom lugar para escrever. No lado norte construiríamos uma nova ala com sala de estar, cozinha e zona de refeições, uma casa de banho social e um pequeno escritório.

Chegou uma carta de Nelly Digby dizendo que Mrs. Bindley, sozinha em casa, caíra nas escadas e fracturara o fémur. Pobre senhora — foi encontrada apenas na manhã seguinte, caída no fundo da escada. Notícias perturbadoras.

O dia da terceira palestra estava magnífico. Ao atravessar o vale, a beleza daquela manhã, da terra em todas as suas formas, de tantas outras manhãs conduzindo com Krishnamurti — Ojai, Malibu, Hampshire, França e Suíça — era uma irradiação de beleza em toda a parte. A palestra abordou o significado do tempo, do sofrimento e da morte; uma palestra que lavava a mente. Havia muita gente, e os que estavam mais perto dele pareciam hipnotizados. Ficámos sentados no carro durante cerca de dez minutos antes de K sentir vontade de se mover.

Na manhã seguinte, vinte de Abril, novamente sem nuvens e impregnada do perfume das flores de laranjeira, K deu a quarta palestra em Oak Grove sobre a vida religiosa. Ser psicologicamente nada. Depois ficou alguns momentos junto ao carro, enquanto Alan Kishbaugh o protegia e conduzia através da multidão.

Após o almoço K descansou um pouco, recebeu algumas pessoas e foi brevemente a uma festa de chá em Arya Vihara. Depois do jantar apareceu ali de roupão para se despedir de Reg e Mavis Bennett, que regressavam à Austrália.

No dia seguinte, vinte e um de Abril, fizemos as malas, arrumámos a cottage, e K, Erna, Theo e eu fomos às 11 horas ao escritório K&R. K permaneceu no carro, mas nós entrámos quando Rajagopal abriu a porta. Austin Bee, à máquina de escrever, levantou os olhos e, desta vez, obriguei-o a responder dizendo:

“Bom dia, Mr. Bee.”

Erna fez o mesmo e ele murmurou um bom dia sem se levantar.

Rajagopal perguntou:

“Krishnaji não veio convosco?”

Respondi que permaneceria no carro e gostaria de ver ali o manuscrito dos *Commentaries*.

“Não os tenho”, disse Rajagopal. “Penso que foram destruídos.”

Ficámos a olhá-lo em choque. Perguntei se queria dizer que destruíra o manuscrito original de K, escrito pela sua própria mão. Respondeu que tinha sido publicado, era esse o procedimento habitual, e que não tinha a certeza do que acontecera. Disse-lhe que mantinha arquivos extremamente organizados — como podia não saber o que acontecera a um documento de tão grande importância? Respondeu que não desejava responder a perguntas; tínhamos vindo sem espírito amigável, com todo o tipo de interpretações do acordo; o tribunal teria de resolver a questão, ou então poderíamos trazer um xerife; havia assuntos pendentes com a Harper & Row[1]. Referia-se ao facto de a editora colocar a KFA como entidade de contato numa nova edição dos livros.

Insinuou que K quebrara o acordo ao dizer-lhe que deveria renunciar. Respondi que tínhamos demonstrado considerável cortesia e contenção perante as suas diatribes, que ele nos oferecera em vez de nos mostrar o que quer que fosse. A palavra “contenção” pareceu atingir algum efeito.

Dissemos-lhe que repetidamente provocara K pelo facto de este não lhe falar e que, finalmente, quando o fizera de novo, K respondera:

“Falarei”,

e acrescentara que, se Rajagopal realmente desejava restaurar a antiga amizade, deveria renunciar e fazer penitência.

Disse-lhe ainda que K desejava agora que eu lhe transmitisse que, até que renunciasse a tudo e estabelecesse uma relação com K que não se

baseasse apenas no acordo legal, K não desejava vê-lo. E que, se tivesse algo a dizer a K, deveria escrever-lhe directamente e não através de outras pessoas, como os Vigeveno.

Nessa altura Rajagopal estava tão furioso que já não consegui perceber quanto realmente absorvia do que eu dizia. Começou a dizer:

"Esta é a minha casa —"

"Casa?", interrompeu Erna. "Escritório."

**Notas:**

1. Harper & Row, importante editora norte-americana (actual HarperCollins).

Ele corrigiu-se. Dissemos que era o escritório da K&R e que, ao abrigo do acordo, tínhamos o direito de ir ali e de consultar os arquivos. Ele deu a entender que nós já tínhamos visto os arquivos — era ele quem decidia o que constituía material de arquivo.

Erna disse que, até então, não tínhamos visto nada escrito pela mão de Krishnamurti; onde estavam os outros manuscritos? Ele respondeu:
— «Tem o manuscrito»
[referindo-se ao que viria a tornar-se *Krishnamurti's Notebook*].
Perguntámos se queria dizer que não tinha mais nada, e ele respondeu que não diria mais nada e que não responderia a perguntas. Eu disse que ele tanto se recusava a mostrar-nos coisas como a responder a perguntas. Erna virou-se para Bee e perguntou:
— «É administrador fiduciário. Concorda com isto?»
Bee respondeu:
— «Concordo com tudo o que o Sr. Rajagopal disser.»
Erna:
— «E os outros administradores?»
Bee:
— «Concordam com o Sr. Rajagopal.»

Rajagopal tinha transcrições dactilografadas dos *Commentaries*, que naturalmente não eram aquilo que tínhamos pedido, e outro material

relativamente ao qual queria recibos assinados por K e Erna. Recusámo-nos a assinar por K, e Erna assinou por si própria. Rajagopal disse que o advogado lhe dissera para disponibilizar aquilo e que o fazia como um favor a K. Disse que devíamos sair e que não falaria mais. A certa altura, eu disse que não tínhamos qualquer desejo de discutir fosse o que fosse com ele e que queríamos apenas ver determinadas coisas sem a sua supervisão. Isto, respondeu ele com irritação, não o permitiria.

Saímos sob uma explosão da sua cólera e semi-histeria. Os seus acessos de raiva eram como birras. Tudo aquilo aconteceu em cerca de quinze minutos. Encontrámos K mais abaixo na colina e regressámos à casa para tentarmos recordar colectivamente tudo o que fora dito. Erna tomou notas e telefonámos a Stanley Cohen. Ele concordou que ser Rajagopal a decidir o que constituía arquivo era insustentável e disse que começaria por telefonar a Christensen.

Dorothy e Montague partiram para Los Angeles e apanharam um voo de regresso a Inglaterra. K e eu partimos para Malibu, mas parámos em Oxnard para ver um carro que me tinham sugerido. Na altura, usávamos o Mercedes verde de K, mas eu precisava de um carro para meu uso quotidiano. Experimentou-se uma grande carrinha familiar, exactamente o que eu não queria. O interesse de K pelos automóveis despertou, e ele foi conversar longamente com Dieter, o homem dos carros. Voltou com um ar bastante satisfeito e disse que sabia exactamente o que eu devia comprar — um Mercedes a gasóleo.

Outro Mercedes, não! Tudo o que era necessário era um carro pequeno e económico, que pudesse transportar coisas, um Volkswagen; mas K considerava inseguro que qualquer um de nós circulasse num carro demasiado pequeno, e a excelência da Mercedes estava firmemente implantada no seu espírito. Adiámos mais conversa sobre carros, e ele tomou o volante para seguir pela estrada costeira até Malibu.

Enquanto conduzia, perguntou-me se eu estava demasiado cansada para uma pergunta. Respondi que estava cansada apenas da questão do carro. Então perguntou-me se alguma coisa me tinha acontecido nas duas semanas anteriores — se eu mudara de algum modo. Perguntei-lhe o que queria dizer — sobre o que estava exactamente a perguntar? E comecei a

rever várias coisas que tinham acontecido do meu ponto de vista: em primeiro lugar, o assunto Rajagopal, embora desagradável (e aqui K pediu desculpa por eu ter sido sujeita a isso), na verdade não me perturbava. Ele disse:
— «Percebi que alguma coisa devia ter acontecido quando saíste, mas não reagiste.»

Houvera algum comportamento da parte de Al Blackburn, mas isso não me parecia digno de conversa. Contudo, as palestras dele tinham tido algo mais, um alcance suplementar, no Grove — parecia abrir-se nelas qualquer coisa nas suas palavras, e eu sentira isso. A escola parecia estar a erguer-se, e as coisas começavam a acontecer. Gostara de ficar na casa, e expliquei-lhe que eu reagia mais aos lugares, à sua beleza e carácter, do que às pessoas à minha volta.

Ele ouviu tudo isso, mas disse que sentia que havia mais. Algo lhe acontecera a ele.
— «Não tenho sentido cansaço — uma vitalidade acrescida»,
e sentia que alguma coisa talvez não percebida por mim me acontecera também.

Disse-lhe que aquilo que mais me marcara nas suas palestras fora a sua fala sobre o nada.
— «É isso!» — exclamou ele. — «Agora não falaremos disso por enquanto.»

Mas prosseguiu, dizendo que precisávamos de mudar, de ter mais lazer e silêncio. Assim regressámos a Malibu; a relva nova já criara raízes, as flores brilhavam e o oceano murmurava.

Krishnaji descansou no dia seguinte e lia o livro sobre baleias — os seus enormes cérebros e o facto de que, até ao homem, nada as ameaçara — e aquilo fizera-o compreender algo. Chamou-me e pediu-me que lhe recordasse de dizer aos outros que
— «a escola deve proporcionar segurança aos alunos — uma vasta proteção em profundidade.»

Depois acrescentou:
— «Foi isso que fizeram comigo até aparecerem aqueles dois monstros.»

Chegara uma carta de Anneke, incluindo uma cópia de outra que escrevera a Rosalind. Estava cheia de amizade e cordialidade, mas também dizia algumas verdades incómodas. K achou-a suficientemente boa, mas comentou que ela não percebia que seria ignorada. Quanto a mim, embora compreendesse a afeição de Anneke pelo passado e o seu desejo de encontrar algo de bom em velhos amigos, tudo isso me parecia apagado pelo mal que tinham feito a K.

Disse que, embora não os odiasse nem lhes desejasse mal, nunca poderia haver uma questão de afeição. Seria hipócrita dizer o contrário. Então pegámos no *Oxford Dictionary* e procurámos a palavra "affection". No fim, Krishnaji disse que o que queria realmente dizer era "compaixão", e que eu compreendera isso.

**Capítulo Trinta e Três**

A vinte e oito de Abril de 1975, Krishnaji e eu voámos para Nova Iorque, onde voltámos a ficar instalados no Ritz Tower, no apartamento que fora do meu pai. No dia seguinte, fomos ao Carnegie Endowment Institute, onde o Dr. David Shainberg reunira cerca de duas dezenas de psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais para se encontrarem com Krishnamurti e conversarem com ele.

A primeira questão levantada foi o medo. Krishnaji foi imediatamente para além das teorias e dos medos específicos, para examinar e perguntar o que era o próprio medo, qual a sua raiz central. Seria o pensamento uma causa fundamental? Um dos presentes disse que o pensamento era a forma como dominávamos o medo e lidávamos com ele. K sugeriu que, sem compreender a natureza do pensamento, não se podia compreender o medo.

Alguns achavam que o medo era útil — por exemplo, perante o perigo. K perguntou se isso era realmente medo e perguntou ainda se não poderíamos estar totalmente livres do medo. Disse que a autopreservação perante o perigo não era medo.

Alguém mencionou o medo da bomba atómica. K perguntou o que poderia um indivíduo fazer contra um sistema monstruoso e de que servia estar assustado. O que devia fazer-se? Poderia a consciência humana ser afectada — não a consciência da Índia ou da América, mas a consciência humana? Disse que podia ser afectada muito profundamente.

— «Se a minha consciência for transformada, isso afectará a consciência do mundo.»

Alguém falou em ajudar os outros, e K respondeu:
— «Pergunto-me se posso ajudar outro»,
e perguntou qual era o desejo de ajudar, qual o motivo.

Perguntaram-lhe se era possível estar livre do medo. Disse que, para ele, sim, era possível. Para isso, era necessário penetrar em níveis mais profundos e descobrir o que é o medo.

Um dos presentes afirmou preocupar-se com a ideia de estar livre do medo, porque o medo era o começo da evolução. K disse que não havia evolução; no tornar-se, há incerteza, insegurança.
— «Questiono toda a ideia do "eu" em evolução.»

Não era um processo que envolvesse tempo, distância, extensão ou volume. Entrou então em conceitos e abstracções. A palavra era "desperdício" de energia. Disse que onde existe escolha não existe liberdade. Questionou ainda a ideia de que alguém fosse um indivíduo.

Alguém trouxe à conversa o misticismo, e K respondeu que, ao descrever algo como místico, a pessoa está a afastá-lo, a pô-lo fora da janela.

— «O tempo era necessário para crescer» — disse alguém.
E K respondeu:
— «Eu questiono isso.»

K falou da energia existente quando não há escolha, mas apenas consciência. O "como fazê-lo" é a eterna questão, e isso implica tempo, conformidade, autoridade — tudo negando a liberdade. Entrou depois na questão das imagens e da experiência (projeção). Disse:

— «Não existem respostas verdadeiras para uma pergunta hipotética.»

Um homem comentou que K não lia livros, mas perguntou então porque os escrevia. Porque não fizera o Buda o mesmo — desistir e abandonar o mundo?

K respondeu:
— «A tradição diz que, quando um homem atinge o mais elevado, preocupa-se com a humanidade. Por amor, ensina.»

Pergunta:
— «Porque fala, escreve, cria fundações, etc.? É com a esperança de que alguém o possa ouvir?»
K:
— «É isso.»

Pergunta:
— «Quais são as hipóteses de alguém o ouvir?»
K:
— «Não me importo.»

Pergunta:
— «Mas interessa-se pela humanidade.»
K:
— «Ponho o meu coração nisso. Se a humanidade for transformada, poderá viver de outra maneira. Se não o quiser, que posso eu fazer?»

Prosseguiu contando a história dos jovens ladrões que tapavam os ouvidos ao passarem junto de um mestre que falava da bondade. O mais novo pisou um espinho e ouviu acidentalmente:
— «Sê bom, não roubes»,
e, a partir daí, mudou.

Um terapeuta disse que adorava ajudar. K respondeu:
— «Se amares, encontrarás uma maneira. Então tudo acabará por ficar bem.»

Nessa noite, vimos na televisão o fim da guerra do Vietname, quando os Estados Unidos concluíram a evacuação de Saigão cercada. O longo e miserável envolvimento americano terminara.

Na manhã seguinte, embora não tivesse dormido muito bem, falou de uma
— «energia extática na minha cabeça»
e disse nunca ter experimentado aquilo antes.

Na segunda sessão do encontro com os psicoterapeutas, deu de facto sinais exteriores de extraordinária energia. Foi uma continuação do dia anterior e começou com a pergunta: poderá o pensamento saber quando o pensamento é pertinente?

K perguntou: o que era pertinência? A realidade era aquilo em que pensamos; deveria a verdade ser objecto de pensamento? Disse que existiam conhecimento, realidade e verdade. A verdade nada tinha a ver com o real; existiria uma ação não baseada no conhecimento?

Disse que todas as nossas acções eram baseadas em conceitos projectados pelo pensamento e que, por isso, toda a ação era não-ação. Perguntou se existiria uma ação que não fosse analítica, mas perceptiva; não agir segundo conclusões. E perguntou-lhes se viam que a análise não era total.

Falou do Vietname e perguntou:
— «Como o observamos? Se não somos diferentes dele, somos responsáveis por ele. Enquanto eu permanecer hindu, crio guerra. Quando há divisão, tem de haver conflito; enquanto eu tiver uma fórmula, uma crença, crio divisão. A negação da divisão em mim é ação total.»

Depois questionou a existência de algo como segurança psicológica. Precisamos de segurança física, mas, porque procuramos segurança psicológica, investimo-la em coisas — a minha casa, a minha mulher, etc.

— «Procuro segurança psicológica noutra pessoa e encontro-a numa imagem que criei dessa pessoa. Questiono que exista qualquer segurança para "o eu".»

Um dos presentes comentou:
— «Reforçamos aquilo que o paciente traz consigo.»

Outro discordou e disse:
— «Acabamos por negar as divisões.»

K respondeu então que isso introduzia o tempo.
— «Descartar significa negar agora, não no futuro.»

Alguém perguntou se o crescimento não ocorria no tempo, e K perguntou se existia crescimento psicológico para "o eu".

Um dos presentes respondeu que sim.
K perguntou:
— «O que é "o eu"? Uma palavra, um condicionamento.»

Alguém perguntou qual o papel da emoção na totalidade, e K perguntou porque se separava o sentir do pensar.

— «Não pertencem ambos ao campo do pensamento? Pode separar-se o momento do passado ou do futuro? Quem é esta entidade com que lutamos até descobrirmos que foi criada pelo pensamento e que, portanto, não é verdade?»

Um dos presentes disse:
— «Está a pôr em causa algumas bases do nosso trabalho. A Gestalt diz praticamente a mesma coisa. Se conseguirmos aplicar aquilo que diz, podemos ajudar os nossos pacientes a alcançar essa totalidade.»

K respondeu então:
— «No diálogo, tanto você como o paciente vêem que nenhum dos dois é total e, nisso, deixa de existir o analista. Nenhum compreende o todo, mas, porque ambos são realmente sérios, alguma coisa é vista. Portanto, existe sequer um "eu"?»

Mais tarde perguntou:
— «Existe uma ação que não seja o "eu" a agir? Enquanto um "eu" estiver a tornar-se alguma coisa, não existe segurança. Tornar-se é insegurança. Veja-se que não há segurança na ideia do "eu"; o "eu" não é nada. Se não existir nada do "eu" — isso é segurança. No nada existe segurança. É a procura psicológica de segurança no "eu" que cria divisão, o que impede a segurança da humanidade.»

E mais tarde ainda perguntou:
— «Existe um "eu" na verdade? Na realidade existe, mas no conhecimento de si próprio não existe qualquer "eu".»

No dia seguinte, primeiro de Maio, apanhámos um voo nocturno da Air India para Londres, chegando na manhã seguinte e recebendo uma calorosa recepção em Brockwood. A nova sala de assembleias estava concluída e revelou-se elegante. Krishnaji falou ali à escola pela primeira vez quatro dias depois.

Estava descontraído e satisfeito por regressar a Brockwood e poder caminhar pelos campos durante as tardes. Encontrei-o a arrumar algumas das suas coisas, de pé no seu roupão de banho felpudo, usando um gorro preto de lã que Fosca lhe fizera em crochet.

— «Este é o meu estilo de vida!» — disse ele, rindo.

Mais tarde, no gabinete de Dorothy, disse:
— «Olhem, os espíritos andam atrás disto!»

Do lado de fora da janela, a cabeça de uma vassoura agitava-se de um lado para o outro ao vento, de forma fantasmagórica. Riu como mais ninguém conseguia rir — todo ele riso e alegria.

No dia nove de Maio, Mary e Joe vieram almoçar e ela deu a K a primeira e única cópia, até então, da biografia *Krishnamurti — The Years of Awakening*. Na sobrecapa estava a parte superior da fotografia dele tirada diante da tapeçaria Gobelins em Eerde.

Passei toda a tarde a ler enquanto K dormia e depois fomos passear e conversar sobre o livro. Perguntou se aquilo interessaria realmente às pessoas, o que fariam dele. Respondi que, na primeira parte — que era tudo o que eu lera até então — poderiam surgir inevitáveis questões acerca da Teosofia e dos mestres: se os mestres existiam, porque haviam sido relatadas então tantas comunicações vindas deles e nenhuma desde então.

K respondeu:
— «É simples; o Senhor está aqui.»

Perguntei:
— «Quer dizer que essas comunicações eram necessárias para preparar isso?»

K respondeu:
— «Obviamente»,
e depois acrescentou:
— «Acabei agora de pensar nisso.»

Fiz então uma pergunta pertencente à categoria do "não-me-responda-se-for-uma-pergunta-errada":

— «Sou obtusa ou insensível por não perceber tais coisas, ou simplesmente não estão a falar comigo?»

Ele respondeu:
— «Está a fazer aquilo que deve — cuidar de K. Talvez não haja necessidade de comunicar. Há quanto tempo está comigo? Talvez esteja habituada a certas coisas.»

Comecei a falar-lhe do relato presente no livro acerca da descrição curiosamente detalhada feita pelo jovem K da sua "iniciação" — tão diferente das descrições posteriores —, mas Dorothy apareceu pelo caminho para se juntar a nós e a conversa sobre o livro terminou.

K falou, no entanto, sobre desejar que eu assistisse às reuniões da escola, o que eu não fazia devido à relutância de Dorothy — embaraço, chamava-lhe ela. Mas, quando ele lhe disse que queria isso, ela naturalmente aceitou de forma agradável e até com algum humor.

Na manhã seguinte, coloquei a biografia ao lado do tabuleiro do pequeno-almoço. Ele disse que não a iria ler, mas pensei que talvez lesse algumas partes — e assim aconteceu, começando pela descoberta do rapaz.

Perguntou até onde eu lera na noite anterior, que fora até 1920, e o que me parecera. Disse que, até então, o mistério do seu tornar-se aquilo que veio a ser apenas se aprofundava com o livro. Trabalhando a partir das cartas dele, das cartas da mãe de Mary e do diário desta, Mary desenhava o retrato de uma criança inteiramente imatura, parcialmente vitoriana, rodeada de amigos ciumentos e rivais. Tanta conversa sobre amor parecia infantil e irreal. As intermináveis cartas dele para Lady Emily pareciam estranhas.

— «Escrevo-lhe todos os dias» — dizia K.

Não exactamente no mesmo tom, fiz notar: não "queridíssima mamã".

K disse que o rapaz não fora condicionado, que lhe tinham incutido todas as histórias da Sociedade Teosófica, mas superficialmente; entravam-lhe na cabeça e saíam logo. Se tivesse sido condicionado, disse, teria continuado no caminho teosófico.

Observei que muitas pessoas mudavam de crenças ou de opiniões, mas ele disse que aquilo fora diferente: ele era vazio, quase idiota. O que o fizera despertar? Disse pensar que lentamente, gota a gota, fora despertando, mudando; que nunca existira verdadeiro condicionamento.

Estava intato, e esse amadurecimento muito lento fora importante; o cuidado do corpo fora importante.

— «Tenho alimentação correcta e tudo isso. Posso viver até aos cem anos. Celebrar-se-á isso em vez dos oitenta»
[o aniversário dele seria dois dias depois].

Mais tarde fui, pela primeira vez, a uma reunião do pessoal da escola.

Na noite seguinte, li até terminar a biografia, profundamente emocionada pelo que ele atravessara, pelo facto extraordinário de ter suportado todos aqueles primeiros anos, a trapaça e a pretensão de tantas das pessoas à sua volta, e por se ter tornado tudo aquilo que emergiu.

Ou teria isso estado sempre lá, adormecido, crescendo lentamente dentro dele como uma planta delicada até amadurecer? Era meia-noite quando terminei, e percebi que tinham passado quase exactamente oitenta anos desde o nascimento daquela criança na pequena casa de Madanapalle.

A história — ou talvez a forma como Mary a contava — fazia tudo parecer muito próximo, não distante no tempo. O irmão dele, Nitya, parecia alguém que eu conhecia naquele momento, não alguém perdido em décadas passadas.

Era uma estranha sensação de conhecer algo vindo de muito fundo no subconsciente, e aquilo que mais me comovia nesse instante era o enorme optimismo e entusiasmo "daquele rapaz" — de K.

Aos oitenta anos, brilhava com isso ainda mais do que quando era muito jovem; mas ele sempre fora mais jovem de espírito do que qualquer outra pessoa, jovem de um modo radiante.

No seu octogésimo aniversário, afastou todos os cumprimentos e disse:

— «Penso que viverei mais vinte anos e então poderão celebrar.»

Respondi que lhe cobraria essa promessa, mas quem empurraria a minha cadeira de rodas até à celebração? Ele disse que o corpo devia durar porque era cuidado, porque havia alguém que cuidava dele. Alguém que não queria nada em troca.

Mais tarde nesse dia, o Dr. T. K. Parchure chegou da Índia. Era a sua primeira visita.

No dia seguinte, fomos de comboio para Londres e, seguindo o agradável ritmo habitual das coisas, fomos directamente à Huntsman, onde K desapareceu na cabine de provas enquanto eu lia a *Country Life* até ele reaparecer. Observámos alguns padrões [amostras de tecido] e depois caminhámos até à Fortnum para encontrar Mary para almoçar.

Falámos durante toda a refeição sobre a biografia, que K ia lendo aos poucos. Estava satisfeito com ela e fez questão de o mostrar a Mary. Eu entreguei-lhe uma cópia das notas que Erna tomara sobre o relato de Pupul Jayakar nos arquivos de Ojai relativo aos acontecimentos de 1948 em Ootacamund.

De regresso a Brockwood, houve uma revisão entre K, o Dr. Parchure e eu acerca das questões de saúde de K. K pedira ao Dr. P. que permanecesse o mais possível com ele e cuidasse da sua saúde.

Entretanto, Doris Pratt lera a biografia e perguntou acaloradamente a K porque tivera ele de sofrer tanto e se todos nós teríamos igualmente de passar por isso. Ele respondeu que, para se chegar a algo de novo, para descobrir, uma pessoa passara por tudo aquilo para poder indicar o caminho aos outros.

No dia dezoito, depois de falar à escola, K gravou uma discussão com David Bohm sobre o que era a realidade e o que era a verdade. Estava entusiasmado e queria continuar essas discussões todos os fins-de-semana.

Continuava também a ler a biografia todas as manhãs, e o apreço que sentia por ela crescia. Sobre Mary, comentou:

— «Ela deve ter trabalhado imenso.»

A investigação meticulosa de Mary levara-a a pedir a Doris que procurasse um velho livro de registos que mantivera em 1961, mostrando onde K estivera e quais eram as referências presentes no início do manuscrito do *Notebook*. Nele, K falava de ir a um aeroporto, de outras pessoas terem reparado em qualquer coisa, etc. O aeroporto era Londres, e os outros eram Mrs. Bindley; a própria Doris, que já se esquecera; e Anneke Korndorffer. O próprio K não se lembrava de nada disso.

O dia vinte e um de Maio foi um quente dia de Verão. Preparei um almoço de piquenique, e conduzimos por uma paisagem encantadora, impregnada do cheiro do sol, do fertilizante e das coisas a crescer — um deleite para mim.

Menos encantador, mas familiar para K, era Wimbledon Common, onde fizemos o nosso piquenique sentados num banco debaixo das árvores. K parecia tão jovem como quando ali caminhava cinquenta anos antes e vivia em West Side House com Miss Dodge.

Seguimos depois para o Hospital de Putney, onde Mrs. Bindley estava desde que caíra nas escadas da sua casa londrina um mês antes, fracturara a anca e permanecera caída no chão toda a noite até a empregada da limpeza chegar na manhã seguinte. A anca fora operada e encontrava-se em convalescença.

Dormia quando entrámos. Peguei-lhe na mão e disse-lhe suavemente que Krishnaji viera visitá-la. Ainda a dormir, respondeu:

— «Lovely, lovely, lovely»
(«Lindo, lindo, lindo»),

reagindo comoventemente às palavras que devia ter compreendido de forma subconsciente.

K tomou-lhe a outra mão e olhou para mim aflito, perguntando-se se ela estaria apenas meio consciente; mas depois despertou e voltou a ser o seu antigo eu luminoso, encantada por o ver, cheia de perguntas, batendo no aparelho auditivo para o fazer funcionar.

Contámos-lhe um pouco sobre os planos da escola de Ojai, as visitas aos arquivos e os encontros com Rajagopal. Ela disse que regressaria a casa assim que o filho encontrasse alguém que pudesse cuidar dela.

Saímos, e K comentou:

— «Preferia morrer tranquilamente do que ser colocado num hospital.»

Para ele, já fora algo considerável ter ido àquele hospital; era um hospital de convalescença e relativamente menos angustiante, mas o sentimento dele acerca disso era profundo.

K dissera ao Dr. Parchure que eu devia sobreviver-lhe. Quando lhe perguntei porquê, descartou a questão com:

— «Sabe muito bem porquê.»

O Dr. P. explicou-lhe o que tentava fazer na minha perna através de massagens para ajudar a circulação bloqueada. Ajudava, mas era diferente do que K fazia, que era curar.

O Dr. P. tinha dificuldades auditivas, e K tratou-lhe dos ouvidos, dizendo-lhe que não pensasse nas suas mãos nem numa cura, que não

desejasse nada, apenas permanecesse tranquilo e aberto. Então talvez algo pudesse passar através dele.

K disse-lhe que a sua própria energia não diminuía quando chegava a alguém dessa maneira.

Amanda Pallandt, regressada de Roma, contou que Vanda fora atropelada por um carro em Florença, sofrera algumas contusões, mas estava bem. Contactada por telefone, ela disse, caracteristicamente, que não fora nada.

K falou com ela, conseguindo obter quase nenhuma informação.

David Bohm veio passar o fim-de-semana e teve um diálogo de duas horas com K, continuando o tema da verdade e da realidade. O Dr. P. participou um pouco. Dorothy, Saral e eu estivemos presentes.

K voltou a falar à escola no dia seguinte, talvez um pouco acima da compreensão deles, mas foi muitíssimo interessante. Sobre o pensamento:

— Existirá pensamento sem palavra ou imagem? Ver que algo é verdadeiro é uma ação fora do pensamento.

Quando levei o tabuleiro do jantar a K, disse alegremente que tinha uma mensagem para mim da Grande Fraternidade Branca, agradecendo-me por cuidar dele, mas que eu não devia mimá-lo.

Voltou a falar à escola alguns dias depois e comentou no fim:

— «Hei-de ensiná-los apesar deles próprios.»

Houve outro almoço na Fortnum com Mary e Joe, durante o qual Joe perguntou a K acerca das crenças teosóficas nos mestres e "aquele escocês" [Maha Chohan]. Por vezes, ao ouvi-lo, era difícil não pensar que K atribuía alguma credibilidade à existência deles, embora não o dissesse explicitamente.

A seis de Junho realizou-se em Brockwood um encontro de cientistas. Entre os presentes estavam o Professor Maurice Wilkins, David Bohm, David Shainberg, os Drs. Goodwin, Butt, Peat, Munroe e Parchure. Estavam também Harsh Tankha e Joe Zorski, bem como alguns estudantes escolhidos por estes dois últimos para assistirem como observadores, tal como Michael Rubinstein.

Desta vez não foram apresentados trabalhos formais; passaram directamente à discussão.

Dois dias depois, o Dr. Julian Melzack e a sua mulher, a Dra. Elizabeth Ferris, juntaram-se às reuniões. K concedeu uma entrevista privada à Dra. Ferris, cujo pai estava gravemente doente. As reuniões terminaram a nove de Junho.

A febre dos fenos de K obrigou-o a permanecer recolhido durante vários dias. Habitualmente ouvia discos durante o pequeno-almoço e, certa manhã, disse:

— «Estava a ouvir Beethoven [a nona sinfonia], aquela parte forte, a parte da energia demoníaca, sem ler, deitado aqui assim, e senti esta sensação estranha, como se a morte viesse — tudo passava através de um pequeno orifício, e percebi que não devia acontecer; então regressou. Tenho sentido um pouco disso há alguns dias — como se a morte fosse assim.»

M:
— «Tão próxima assim?»

K:
— «Assim mesmo. Através deste pequeno orifício.»

M:
— «Foi diferente daquilo que acontece por vezes na sua cabeça?»

K:
— «Talvez.»

M:
— «O que o levou a perceber que isso não devia acontecer?»

K:
— «Oh, sabe bem.»
[Ri-se.]
— «Tenho de experimentar aquele facto. Lembro-me de Sasha ter ido a uma prova e morrer sem o vestir. Isso não pode acontecer. Agora deve ir [a Winchester] e conduzir com cuidado, porque eu tenho de viver. Estou cansado. Devo estar a envelhecer. Claro que sou velho, mas sinto-me cansado.»

Parti então para Winchester e para tratar de recados, mas sentia que o dia, embora objectivamente luminoso, se tornara cinzento, como se a luz tivesse desaparecido dele. Aquilo abalou-me. Era demasiado cedo; ele tinha demasiado para fazer e estava mais vivo do que qualquer outra pessoa.

No dia seguinte, K teve problemas de estômago e permaneceu na cama. Chegou uma carta de Erna descrevendo uma audiência relativa a uma autorização de utilização pedida pelos novos proprietários da antiga casa Zalk, situada na colina acima dos terrenos da KFA. A KFA opunha-se a essa autorização, e Rosalind testemunhara a favor dela.

A explicação de K para o ódio dela foi a antiga:

— «A fúria de uma mulher desprezada»,

acrescentando que isso também se aplicava a Rajagopal.

Erna escreveu ainda que circulavam histórias segundo as quais Rajagopal se sentira assediado por nós durante a visita de K e tivera de ser protegido por Austin Bee e a sua mulher.

Krishnaji recuperara no dia vinte e seis, quando George Digby telefonou com a triste notícia de que Mrs. Bindley morrera no dia anterior, ainda no Hospital de Putney.

---

## Capítulo Trinta e Quatro

A trinta de Junho de 1975, Krishnamurti e eu deixámos Brockwood e voámos para Paris. Ao entrarmos de táxi desde Orly, os familiares sinais rodoviários recordavam antigas chegadas de automóvel, mas K comentou:

— «Ainda bem que não vamos conduzir.»

Tinha sido divertido quando o fazíamos, e aquelas longas viagens através dos vastos espaços estivais de França estavam profundamente gravadas na minha afeição, mas tinham-se tornado, para K, um esforço desnecessário.

Ficámos nos quartos habituais do Plaza Athénée, desfizemos um pouco as malas e depois K quis caminhar — a sua primeira caminhada em mais de três semanas. Não havia pólen em Paris — apenas bons sopros de gasolina.

Fizemos duas pequenas compras na rue Marbeuf e regressámos.

— «Já basta» — disse ele.

Jantámos nos quartos e ouvimos o Presidente Giscard dirigir-se ao povo francês antes das férias de Verão.

— «La France est solide! Ne vous inquiétez pas; soyez calme.» («A França é sólida! Não se preocupem; mantenham a calma.»)

Era irónico ouvir afirmações tão elevadas num tempo e num mundo em que o caos era sempre possível.

No dia seguinte encontrei Nadia Kossiakof no piso inferior do hotel e conversámos até K se juntar a nós. Nadia trabalhara com Mme. Duché na tradução de *The Awakening of Intelligence* para *L'Éveil de L'Intelligence* e fizera muitíssimo pela sua publicação. Queria contar-me isso e falar sobre um encontro, nessa tarde, entre K e jornalistas.

Nadia estivera doente e estava preocupada com a mãe, presa nos combates civis em Beirute. Dei-lhe um exemplar da biografia.

K apareceu e mostrou grande simpatia, convidando-a a permanecer em Brockwood para descansar. Ela não quis comer e retirou-se, mas Marcelle Bondonneau juntou-se a nós para almoçar no jardim.

K dormitou um pouco depois do almoço e então fomos para o apartamento de Mar de Manziarly, na rue Jacob, para o encontro com jornalistas, escolhidos e organizados por Nadia e pelo diretor da Stock, editora de *L'Éveil de L'Intelligence*, um tal M. Christian de Bertillat e M. André Bay.

Estava também presente um homem relativamente jovem chamado Bernard Chevalier, que queria uma entrevista radiofónica de vinte minutos com K, e um François Closets, da televisão, que conduziu a maior parte das perguntas.

K estivera a ler *L'Éveil* para reactivar o seu francês para este encontro, e isso funcionou bem ao princípio. No táxi dissera:

— «Vou falar em inglês.»

Sugeri que começasse em francês, pois isso agrada aos franceses mesmo quando se cometem erros, mas, à medida que se cansava, falava

menos facilmente do que o habitual. Tornava-se melhor quando explicava coisas mais complexas em inglês.

Falou do tema da conferência:
Qual é o papel do conhecimento na transformação do homem e da sociedade? E o que transformará o homem, visto que o conhecimento não o fez nem pode fazê-lo?

Falou-se muito de *la pensée* — o pensamento —, sendo difícil para eles perceberem as suas limitações.

K acabou por chegar à ideia de que:

— «O tempo tem de parar»,

e de que existe outra energia quando isso acontece. Deixou-os com essa sugestão e caminhámos até à rue de Beaune para apanhar um táxi de regresso ao hotel.

A três de Julho voámos para Genebra, onde fomos recebidos pelo Sr. Narasimhan, que nos levou a almoçar ao Palais des Nations. Depois fomos à Patek para a regulação anual do relógio e à Jacquet, onde foram escolhidas várias sedas elegantes para serem transformadas em gravatas. K ficou muito satisfeito. Ainda era possível encontrar um último vestígio da antiga elegância e mestria artesanal.

Seguimos então num carro alugado pela route du Lac, subindo depois em redor de Lausana e pela estrada familiar para Oron, Bulle e através do vale até Gstaad. O tempo esteve quente e luminoso durante todo o percurso, e não parávamos de exclamar perante o brilho das cores, os inúmeros verdes e a explosão das flores. Os gerânios nas floreiras das janelas pareciam incendiar-se.

Chegámos a Tannegg, onde Vanda e Fosca já tinham chegado e onde tudo estava preparado de forma acolhedora.

K descansou e tomou todas as refeições no quarto, mas “pôs as mãos” sobre Mar de Manziarly, que ali se encontrava para as palestras, quando ela almoçou com Vanda e comigo. Sofrera um ataque cardíaco durante o Inverno.

As irmãs Siddoo também chegaram e mostraram os seus planos para a escola que pretendiam fundar na Ilha de Vancouver.

Krishnaji reiterou a sua sugestão de que a arquitectura deveria ser — «não canadiana, não americana, europeia ou japonesa, mas totalmente nova».

No dia onze já estava levantado e foi ver a tenda, bem como os Simmons, que tinham acabado de chegar. À noite disse:

— «Sente uma atmosfera diferente na casa? É porque estou prestes a falar.»

Foi a treze de Julho, num perfeito dia de Verão, que K iniciou as suas palestras em Saanen. A tenda fora montada de forma diferente, com bancos assentes no chão e uma plataforma elevada no lado sul.

Isabel Biascoechea estava presente e veio almoçar depois — a primeira vez que a víamos desde a morte de Enrique, em Novembro anterior.

Chegou uma carta de Erna relatando que o tribunal de Ventura ordenara que o advogado de Rajagopal, o nosso advogado e um administrador fiduciário de cada lado se reunissem para resolver as dificuldades restantes — a questão das servidões dos terrenos, os arquivos e os detalhes da carta constitutiva da K&R.

K disse que queria que as actividades do centro educativo de Ojai fossem decididas por ele próprio, David Bohm e eu. Comunicou isso brevemente a David quando este veio almoçar.

Também estavam presentes o irmão e a cunhada de Vanda e, noutro dia, Isabel trouxe à casa a filha de Enrique e o marido dela, Alfonso Colon. Este concordou em permanecer como presidente da *Krishnamurti Fundación*.

Senti-me bastante infantil quando uma ligeira febre e uma glândula inchada foram diagnosticadas pelos dois Drs. Siddoo como papeira. Onde e como contraí aquilo era impossível saber, mas, como Krishnaji estava imune por já ter tido a doença anteriormente e eu me mantinha afastada dos outros tanto quanto possível, não teve grande importância.

A dezanove de Julho, Radha Burnier veio almoçar. Krishnaji falou com ela em privado antes disso, perguntando sobre as condições na Índia e dizendo que precisava, antes de Outubro, de conselhos em que pudesse

confiar sobre se seria seguro ir para lá e falar, como sempre fazia, livremente. Confiava na opinião dela e na de Achyut Patwardhan.

Almoçou no quarto, mas juntou-se a nós depois. Simonetta di Cesaro estava presente, e ele interrogou-a, bem como a Radha, sobre as reacções delas à biografia. Em particular: quais eram as razões pelas quais "ele" — "o rapaz" — permanecera intocado pelo condicionamento, etc.?

Avançou várias explicações: saúde frágil, malária, etc., mantendo o rapaz demasiado débil e pouco impressionável; reencarnação, evolução através de vidas; Maitreya mantendo-o incontaminado, vago, atrasado.

Simonetta disse com firmeza que acreditava na reencarnação.

Radha perguntou:
— «Se assim é, o que reencarna?»

K retomou o tema e teceu possibilidades: o eu é pensamento, memórias, condicionamento, etc.; quando o corpo morre, um ego forte faz parte da corrente do egoísmo, uma manifestação dessa corrente. Essa manifestação pode ocorrer novamente, mas por que razão chamar-lhe K — isto é, um indivíduo particular? É essa corrente a manifestar-se. Também a genética, o condicionamento social e todo o tipo de outros factores poderiam fazer parte dela.

Quando Leadbeater não viu egoísmo no rapaz, como foi isso possível? Tal como o egoísmo se pode manifestar, também o altruísmo pode manifestar-se; mas então o que o manteve assim, intocado? Uma proteção? Protegido por quem?

K deixou a questão em aberto. Mas parecia determinado a prosseguir esses temas, examinando os mistérios que rodeavam aqueles primeiros anos.

Disse também que, dentro da corrente do "egoísmo", pode surgir uma consciência desse estado, e então deixa de existir egoísmo. Isso podia acontecer a qualquer momento com qualquer pessoa, afirmou, se a pessoa realmente observasse.

No dia seguinte realizou-se a quarta palestra de Saanen. A Dra. Dagmar Lichti veio cumprimentar K. Vanda trouxe à casa um jovem físico alemão, o Dr. Fritz Wilhelm, e K encontrou-se brevemente com ele.

Vanda partiu para Florença no dia vinte e um.

No dia vinte e dois, K proferiu a quinta palestra de Saanen, dormiu antes do almoço e, à tarde, recebeu o Dr. Colon e o Sr. Sendra. Chamara-os para saber acerca dos relatos sobre o comportamento de "guru" do Sr. Sendra durante a digressão pela América do Sul.

Liguei o gravador de cassetes e saí. Sendra descreveu a sua "meditação".

— «Então transformou-se num pequeno guru» — comentou K.

Mais tarde disse que a conversa o cansara.

— «Esse homem não é íntegro.»

Radha Burnier veio almoçar no dia seguinte e, mais uma vez, K falou longamente com ela sobre ir ou não ir à Índia. Disse que não iria se não pudesse falar livremente ou se fosse feita uma excepção especial para ele. Não falaria "com a autorização" de Mrs. Gandhi.

Confiava em Achyut Patwardhan para aconselhamento sobre a ida e achava que Pupul e Sunanda encaravam a questão de forma demasiado leviana ou impulsiva.

Dorothy e Montague mudaram-se do acampamento para o quarto de Vanda em Tannegg, e K pediu-me que lhes transmitisse que não pretendia falar duas vezes por semana a estudantes que não compreendiam ou não se interessavam. Falaria ao pessoal e aos estudantes sérios que tratassem isso como um privilégio.

Depois da sexta palestra, no dia vinte e quatro, K discutiu novamente com Radha Burnier as condições na Índia que o impediriam de ir e repetiu que não falaria se os outros também não fossem livres para falar.

Levei Radha até ao hotel dela. Voava para a Índia nessa mesma noite.

Mary Cadogan veio almoçar, e eu acrescentei Fritz Wilhelm, o jovem professor alemão que K notara na tenda como "parecendo sério". Ele ficou depois para ouvir quando K e David Bohm fizeram uma discussão gravada. Saral e Dorothy também estavam presentes.

Outro visitante foi o Sr. Mirabet, de Espanha, que veio entregar a K um donativo para o trabalho. Homem gentil e generoso, fazia-o anualmente

e, nesse dia, reviu comigo uma lista de fundos que tencionava deixar destinados ao trabalho de K após a sua morte.

Para proporcionar algum descanso necessário a Fosca, Krishnaji e eu levámos Anneke a almoçar ao Park Hotel. Contámos-lhe parte da história de Rajagopal desde o acordo. Ficou horrorizada e disse ter escrito a Rosalind pedindo-lhe que devolvesse Happy Valley a K, mas, sem surpresa, nunca recebera resposta.

A vinte e nove de Julho fui de comboio até Genebra com Isabel Biascoechea. Enrique criara em nome dela um investimento do qual ela receberia os rendimentos durante toda a vida. Concedera procuração sobre esse investimento a K, que receberia o capital após a morte dela. Isabel quis que eu tivesse uma procuração semelhante, e esta foi formalizada no National City Bank. Em caso de morte de K, destinava-se ao seu trabalho.

Durante o dia, K descansara e fizera a sua caminhada. Depois do jantar falou de forma muito séria e crítica acerca de Brockwood.

— «Porque hei-de ir para lá falar a estes estudantes vazios de cabeça? Qual é o sentido disso? Vai transformar-se numa escola de terceira categoria. Você é administradora fiduciária; o que vai fazer quanto a isso? Não é o meu trabalho.»

Perguntei-lhe como poderia eu mudar aquilo que ele próprio não conseguira mudar.

— «Descubra» — respondeu. — «Que estou eu ali a fazer? Nem um estudante após três anos!»

Disse-lhe que nunca fora optimista relativamente às escolas.

Ele respondeu que as escolas estavam certas.

— «Que farei eu? Talvez nunca mais volte à Índia. Gosto de Brockwood, é um lugar agradável, mas não vou falar a esses idiotas que não fazem ideia do que isto significa. Não vou ficar ali três meses. É responsabilidade sua — se eu desaparecer, o que fará? Esta tarde senti vontade de partir. Não posso falar consigo a menos que seja objectiva.»

Respondi que chamaria os outros administradores fiduciários que ainda estavam presentes — Dorothy e David Bohm — e falaria com eles.

— «Não há criatividade» — disse ele,

e depois tentou mudar de assunto perguntando pela minha perna coxa.

Continuei a acordar durante a noite a pensar no que ele dissera e no que era necessário fazer. Mas quando veio de manhã tratar da minha perna, encontrava-se num humor completamente diferente e luminoso.

Perguntou-me se já recuperara da sua "tirada". Ao pequeno-almoço, disse a Dorothy que K queria que os três administradores fiduciários — ela própria, David Bohm e eu — se reunissem para discutir a política de escolha de estudantes para Brockwood e o que fazer para os aproximar dos ensinamentos.

Depois telefonei a Edgar Graf e disse-lhe que K desejava que eu fizesse um anúncio acerca da escola da KFA e que estaria na tenda no dia seguinte para responder a perguntas.

Quando contei isso a K, o rosto dele iluminou-se, satisfeito, com aquela expressão que fazia qualquer coisa parecer possível.

— «Isso não a deixa nervosa?» — perguntou no carro.

Respondi que não aguardava aquilo com entusiasmo, mas que também não me importava. O olhar que ele me lançara antes era o meu talismã.

Ao chegar à tenda, entrei e falei brevemente antes de ele entrar, indo depois sentar-me lá dentro, já que nesse dia terminara a minha quarentena da papeira. Esta foi a primeira das discussões públicas.

Não houve perguntas acerca da biografia. K respondeu principalmente a uma sobre a "corrente do egoísmo". Quando realmente se vê que se é essa corrente, que não existe um eu separado dela, o impato faz algo às células cerebrais e a pessoa sai da corrente.

Mar de Manziarly veio almoçar. K comeu no quarto, mas nós conversámos e ela perguntou-me um pouco acerca de Rajagopal. Falei-lhe dos desagradáveis encontros relativos aos arquivos, da retenção de parte dos papéis e da afirmação dele de que queimara manuscritos de K.

Mar encontrava-se numa posição intermédia — próxima das irmãs, mas profundamente dedicada a K.

A segunda discussão pública teve lugar no dia seguinte e, às cinco da tarde, fui à tenda falar sobre a escola de Ojai para cerca de cinquenta pessoas.

A dois de Agosto, depois do quarto diálogo, Narasimhan veio almoçar. Cabia-lhe dar a sua opinião sobre se K deveria ir à Índia nesse Inverno, após regressar de lá no início de Outubro.

Depois do jantar, Krishnaji ditou uma carta para Pupul Jayakar, que eu dactilografei e entreguei a Padma Madholkar para levar a Pupul em Deli.

O quinto e último diálogo de Saanen completou aquela excelente série.

Mme. Duché e Marcelle Bondonneau almoçaram em Tannegg, e K falou depois sozinho com Mme. Duché. Mais tarde, Dorothy, David Bohm e eu realizámos uma reunião dos administradores fiduciários da KFT acerca da escolha dos estudantes e do interesse pelos ensinamentos entre estudantes e pessoal em Brockwood. K juntou-se a nós posteriormente.

Noutro dia levámos Nadia e Nicolas Kossiakof a almoçar ao Park Hotel e, a seis de Agosto, K e David realizaram uma discussão gravada por Yves Zlotnicka, com Saral, Dorothy, Montague e eu presentes.

Seguiram-se dias tranquilos. Vários amigos vieram almoçar, K descansava e caminhávamos.

Num desses dias, dezassete de Agosto, foi maravilhoso acordar sem olhar para o relógio, percebendo que o dia estava vazio. K parecia descansado, jovem. Leu e dormiu toda a manhã.

Ao almoço perguntei-lhe sobre certas coisas que dissera na sexta palestra acerca da "corrente do egoísmo". Quando uma pessoa morre, dissera ele, a corrente continua. Perguntei-lhe se isso significava que a corrente existia fora e independentemente da mente humana — tendo sido criada pelo pensamento.

Parecia dizer que sim, mas que eu não colocava a questão correctamente. Disse que abordaria isso com David Bohm.

Disse ainda que se podia falar com uma consciência. E depois, inesperadamente:

— «Eu falo com o tigre.»

Havia um grande cartaz colorido de um tigre que eu pregara na parede do segundo quarto dele, onde fazia ioga.

— «Penso que se pode falar com a consciência. Eu falo com a consciência do tigre — tem cuidado, evita o homem, mata discretamente.»

Cada um de nós leu romances policiais e dormiu durante a tarde, depois fomos passear.

Jantei com Hugues e Suzanne van der Straten e com a filha deles, Marjolaine, que iria para Brockwood como estudante. Actualizei Hugues sobre os assuntos gerais da KFA, incluindo a situação com Rajagopal.

Tanto ele como Suzanne tinham apreciado a biografia. Hugues estava inevitavelmente curioso, disse ele, acerca do relato de K sobre mestres, iniciação, etc. Suzanne não tinha curiosidade sobre isso.

Como sempre, foi agradável passar a noite com eles.

No dia seguinte, ao almoço, K perguntou-me o que os van der Straten tinham dito sobre a biografia. A pergunta de Hugues era uma daquelas que inevitavelmente surgiriam.

Começámos a falar sobre isso, e K permitiu que eu fosse buscar o gravador de cassetes para gravar o resto da conversa enquanto permanecíamos sentados à mesa.

Acerca dos acontecimentos descritos no livro, disse que literalmente não tinha memória directa deles; durante grande parte do tempo o seu cérebro estava vazio, o registo do pensamento não existia ou era apenas superficial.

Disse que o sistema de registo do rapaz era deficiente e questionou se alguma vez houvera uma impressão real nas suas células cerebrais.

Houvera fenómenos peculiares, e dever-se-ia regressar atrás e questionar não tanto aquilo que o rapaz experimentara, mas porque razão aquele rapaz não fora condicionado.

Disse que, naquele próprio dia, algo semelhante estava a acontecer relativamente à sua ida à Índia no Inverno. Não iria fazer uma escolha; isso seria errado.

— «O que acontecer será o correcto.»

O ponto de partida da investigação era o facto concreto de o rapaz ter permanecido intocado. A partir daí podia começar-se a examinar a descrição da iniciação.

Ele não conseguia perceber como o rapaz poderia ter permanecido três dias no quarto. Não estava drogado. Coisas peculiares estavam a acontecer.

Tudo começava numa mente que não fora condicionada, não "doente".

Disse que tudo o resto era secundário — como ir ao cinema e repetir aquilo que se viu ou sonhou — mas, embora devesse ter sido extraordinário, não deixara marcas.

Respondi que devia ter deixado uma marca ténue no fundo da mente.

— «Duvido» — disse ele. — «Tenho tentado, mas não consigo alcançá-la.»

Observei que parecia ter esquecido coisas importantes, enquanto coisas triviais permaneciam — por exemplo, o reconhecimento de pessoas em fotografias dos primeiros anos.

Perguntei se existiria uma ação inibidora — não supressão — mas porque, ao contrário das outras pessoas, ele observava directamente sem o ecrã da memória a actuar.

Voltou a dizer que, desde o início, o rapaz nunca fora condicionado. Era um fenómeno total desde o nascimento.

E perguntou porque nunca desejara poder ou dinheiro quando estava rodeado dessas coisas. Nada disso aparentemente o tocara desde o princípio.

— «Enquanto não responder a isso, o resto não tem significado.»

Falou da morte do irmão, da qual não conseguia recordar-se. Porque não fora condicionado quando tudo à sua volta trabalhava para o condicionar — a Ordem da Estrela, a adoração, as velas, etc.?

— «É isso que gostaria de investigar.»

Nenhuma impressão no rapaz, apesar das doenças, da malária, de todos os acontecimentos até aos treze anos, da "estranha cabeça o tempo todo".

Mais tarde, durante a caminhada, voltámos a falar um pouco sobre isso. Disse-lhe que a sua falta de interesse por poder ou dinheiro não era necessariamente tão misteriosa. Poderia simplesmente não fazer parte da sua natureza, tal como não faz parte da natureza de algumas pessoas, mesmo estando expostas a essas coisas; mas a ausência total de condicionamento era mais misteriosa — como se a mente dele nunca absorvesse a mancha que a experiência deixa noutras mentes.

Ele concordou com essa imagem.

K ditou outra carta para Pupul questionando, para além do clima político da altura, a sua ida à Índia — com que propósito ou utilidade.

Observou que o seu organismo físico tinha agora mais de oitenta anos e devia considerar cuidadosamente como empregar melhor os dez ou quinze anos seguintes.

Disse que tinha o direito de perguntar — e devia perguntar — porque razão, em todos aqueles anos, nem uma única pessoa na Índia se entregara total e completamente, de forma dedicada, à vivência dos ensinamentos.

Disse que as pessoas da Índia, bem como as da América e Inglaterra, tinham de considerar de que forma poderia ele passar o resto da vida mais utilmente para os ensinamentos.

Perguntou ainda se tinham recebido o livro de Mary Lutyens. Ela enviara exemplares a várias pessoas na Índia e, numa carta recebida naquela manhã, Mary dizia não ter recebido uma única palavra de agradecimento ou comentário, nem mesmo de Pupul, a quem dera um exemplar em Brockwood em Junho. Apenas Shiva Rao escrevera.

K comentou:

— «Isso é típico da Índia. Não agradecem; tomam as coisas como garantidas, sentem-se superiores.»

Pupul via os Lilliefelt e as pessoas de Brockwood como “classe média”; Madhavachari olhava de cima para todos os não-indianos; e Shiva Rao era visto com desconfiança por Pupul e outros, que pensavam tratar-se de um espião americano.

Ela e outras pessoas nunca respondiam a perguntas políticas na frente dele e, quando recebera Mrs. Gandhi para jantar com K em sua casa, nunca incluíra Kitty nem Shiva Rao.

K mostrava-se severo relativamente a tudo isso.

Lera no *Herald Tribune* que a Índia cortara o telex e o telefone ao correspondente do *New York Times* por este não praticar "autocensura" e que também recusara a entrada de um membro israelita de uma convenção têxtil a realizar-se na Índia em Novembro. Consequentemente, os restantes membros cancelaram a reunião.

K disse com veemência:

— «Gostaria de criar um partido político — não de esquerda, não de direita, um partido global!»

Repetiu-o enquanto via o telejornal da noite. Olhámo-nos mutuamente e depois acrescentou, mais calmamente:

— «Deus nos livre.»

Na sexta-feira, vinte e dois de Agosto, Nadia Kossiakof telefonou de Paris dizendo que Marcelle Bondonneau, que deixara Gstaad na segunda-feira, estava nos cuidados intensivos do hospital com problemas na vesícula biliar.

Mar de Manziarly telefonou também dizendo que o prognóstico era grave.

No dia seguinte, as notícias continuavam más; ela estava ligada a uma máquina de diálise.

No domingo, ao regressarmos da caminhada, K recebeu a notícia de Nadia de que Marcelle morrera nessa tarde.

K disse que não o previra (quando lhe perguntei), durante a conversa que tivera com ela seis dias antes.

— «Não consegui chegar até ela; estava demasiado nervosa.»

Ela fora uma amiga calorosa e de longa data.

No dia seguinte, vinte e cinco de Agosto, despedimo-nos de Fosca, conduzimos até ao aeroporto de Genebra e voámos para Londres pela Swissair.

Dorothy foi receber-nos e depressa nos encontrámos novamente na beleza quente e luminosa de Brockwood. O silêncio parecia extraordinário, e K comentou como Gstaad se tornara barulhento.

---

## Capítulo Trinta e Cinco

### 1975

De regresso a Brockwood, Krishnaji mostrava-se cada vez mais hesitante quanto a ir à Índia. Todos os conselhos vindos de Radha Burnier, Achyut Patwardhan e até de Pupul apontavam para esperar até que a situação estivesse mais clara.

No dia cinco de Setembro, as pessoas começaram a chegar para as palestras, a casa encheu-se e o campo a sul estava coberto pelas duas grandes tendas e pelas pequenas tendas dos campistas.

Os Digby instalaram-se no quarto de hóspedes da ala oeste. Anneke viera também, assim como Pascaline Mallet, Madrisa Samuel, Gisela Elmenhorst e Mme. Banzet, que trouxe um grande e bem-vindo donativo.

Isso trouxe algum alívio, porque Ian Hammond e Robert Wiffen deram a triste notícia de que os construtores tinham apresentado facturas adicionais relativas a trabalhos que custariam entre oito e dez mil libras — dinheiro que não possuíamos.

Ofereci-me para vender o Mercedes, mas K e Dorothy disseram ambos para esperar e ver como ficariam as contas depois do *Gathering*.

A seis de Setembro Krishnaji proferiu a sua primeira palestra na grande tenda, que estava completamente cheia. O tempo estava bom.

Começou por perguntar qual seria a ação correcta para sobreviver com liberdade num mundo em desintegração. Era um tema que sugerira a David Bohm para uma conferência em Ojai na Primavera seguinte.

Dorothy ficou animada pelo facto de terem conseguido um lucro de mil e trezentas libras com a venda de comida fornecida na outra tenda depois da palestra.

À tarde houve uma reunião sobre publicações alemãs.

Na segunda palestra, no dia seguinte, falou do medo e do prazer, e pareceu-me a exposição mais completa que alguma vez fizera sobre essas questões.

Era domingo e, na segunda-feira, K falou com Balasundaram acerca de Rishi Valley e de todo o trabalho na Índia. Enquanto falava, tomou a decisão de não ir à Índia nesse Inverno.

Por instrução dele, tomei notas de tudo o que foi dito nessa reunião e noutra subsequente com Balasundaram, dois dias depois.

Na terça-feira, K realizou uma discussão na tenda e, apesar da chuva, muitas pessoas compareceram.

Chovesse ou não, caminhávamos pelos campos durante a tarde.

Uma segunda discussão pública decorreu bem na quinta-feira, e uma terceira longa conversa com Balasundaram teve lugar na sexta-feira sobre assuntos de Rishi Valley e do trabalho na Índia, que K aprovou e complementou. Discutiu tudo isso também numa carta para Pupul.

Houve uma terceira palestra, e a quarta e última ocorreu no domingo, catorze de Setembro.

Apesar da chuva, Terrence Stamp trouxe Ravi Shankar, Alla Rakha e o respectivo grupo, e todos almoçaram na tenda, após o que Ravi Shankar e Alla Rakha deram um concerto beneficente recebido com enorme entusiasmo.

Ao cair da noite, tudo estava concluído. K tinha despendido uma enorme quantidade de energia, não descansara nem fizera a sua caminhada e, apesar disso, encontrava-se muito bem.

Balasundaram partiu para a Índia levando todas as notas das discussões realizadas.

Terminadas as palestras, houve tempo para algum descanso antes da pequena maré de jovens rostos estudantis regressar à escola.

Como sempre, Krishnaji falou a toda a escola.

Era tempo de uma ida a Londres no dia vinte e cinco. K tomara o pequeno-almoço demasiado depressa, sentira dores no estômago e caminhava curvado.

— «Talvez não consiga ir» — disse ele,

mas aquilo passou e acabou por ir.

Topazia Alliata, que estivera em Brockwood, seguia no mesmo comboio e falou durante todo o percurso até Waterloo sobre o "comité" italiano e as excentricidades de um dos seus membros, que nomeava pessoas desconhecidas de todos os outros para dirigirem "grupos K" por toda a Itália, grupos nos quais ninguém parecia saber o que estava realmente a acontecer.

Um membro mais tradicional mostrava-se perturbado com tudo isso e com o facto de ninguém do suposto comité ver quaisquer contas financeiras nem parecer tomar medidas em relação à situação.

K disse:

— «São todos irresponsáveis»,

e que era preferível não haver actividade nenhuma do que as coisas permanecerem como estavam.

Queria que o *Bulletin* fosse descontinuado em Itália e que a lista de contatos fosse entregue a Pietro Cragnolini, presidente nominal, para que este enviasse quaisquer avisos necessários relativos a reuniões, etc.

Topazia concordou com grande parte disto, mas depois surgiu o assunto Rajagopal, e ela expressou a opinião de que ele não deveria ter sido perseguido judicialmente.

Tanto K como eu salientámos da forma mais firme possível que o elemento comum em todas essas questões era a responsabilidade legal e a prestação de contas relativamente a fundos de caridade.

Se alguém rouba algo a uma pessoa individualmente, essa pessoa pode ou não decidir chamar o ladrão à responsabilidade; mas um administrador fiduciário de uma instituição de beneficência não pode tomar esse tipo de decisão pessoal.

Explicámo-lo de forma clara e exaustiva, mas pareceu-nos que a mensagem não foi compreendida.

Causar problemas a Rajagopal equivalia a "fazer pessoas infelizes".

Perguntei-lhe se, vendo K em dificuldades, ela iria ajudá-lo.

Respondeu que sim.

Pois era precisamente por isso que tinham sido tomadas medidas para proteger Krishnamurti e os seus ensinamentos.

Finalmente chegámos a Waterloo, colocámo-la num táxi e fomos apanhar outro. K bateu com a parte superior da cabeça no aro da porta e sentou-se com ar atordoado.

Seguimos então para a Huntsman e para a atmosfera mais tranquilizadora daquele lugar, e depois para a Fortnum, para almoçar com Mary e Joe Links.

Topazia dissera que Vanda estava perturbada ao pensar que Mary queria as cartas de Krishnamurti para o segundo volume da biografia, e Mary estava igualmente perturbada com essa interpretação.

Disse que não pediria cartas privadas, mas apenas memórias de acontecimentos da vida de K. O novo volume deveria concentrar-se no desenvolvimento dos ensinamentos.

No dia seguinte voei para Roma para uma breve visita a Filomena.

Durante o almoço com Mary e Joe, K vira os anéis de turquesa da mãe dela no dedo de Mary e usara-os durante a refeição. Acreditava-se que ele "magnetizava" objectos; assim, nessa manhã, antes da minha partida, usou durante algum tempo os meus anéis, disse-me para regressar em segurança e voltou a colocá-los no meu dedo.

Senti verdadeiramente que eram um talismã, uma proteção dele.

Vanda, que deveria ter vindo de Florença para Roma, foi impedida por uma greve ferroviária, mas falámos ao telefone e contei-lhe que Mary não queria cartas privadas, apenas relatos sobre K para a posteridade.

Vanda concordou e disse que conversaríamos sobre isso em Gstaad no Verão seguinte.

Voltei para Inglaterra de avião no dia vinte e oito de Setembro e tinha já preparado o tabuleiro do jantar de K quando ele regressou da caminhada.

No dia seguinte contei a Mary da disposição de Vanda para "fazer tudo o que fosse necessário" relativamente à biografia.

Mary contou que o anel da mãe se tornara "deslumbrante" depois de K o usar durante o almoço.

Joe, que não era dado a fantasias, disse ser a primeira vez que testemunhava algo semelhante.

Contei isso a K, que assentiu e disse que funcionava melhor com pedras preciosas do que com ouro e que era preferível usar os objectos durante a noite.

Fomos caminhar com Whisper por entre a suavidade e o aroma das folhas de Outono.

Sentia um amor profundo por aquela paisagem e uma imensa gratidão por ali estar.

À noite ouvi a gravação do diálogo que K tivera com David Bohm (#10) dois dias antes, enquanto eu estava em Roma.

Na manhã seguinte, K entrou dizendo sentir algo tão estranho que não conseguia descrevê-lo.

Acordara às cinco da manhã

— «a sentir qualquer coisa estranha»

e a sensação intensificara-se quando se levantara às seis e meia:

— «uma energia tremenda»

fluindo dentro dele.

Parte disso poderia ter sido uma premonição de um telegrama que chegou, assinado por Pupul, dizendo que Achyut, Sunanda, Balasundaram e ela concordavam que,

— «nas circunstâncias actuais»,

seria melhor que K fosse para a Califórnia nesse Inverno.

Disse estar satisfeito com o acordo deles e que faria isso de qualquer maneira, mas preferia não agir contra as pessoas.

Seguiram-se mais conversas com David Bohm e com a escola.

Eu devia partir antes de Krishnaji para os Estados Unidos e, assim, a cinco de Outubro, deixei Brockwood.

Os episódios dos anéis — o de Mary e o meu — tinham levado K a actuar sobre um anel meu com pedra. Usou-o durante várias noites e depois instruiu-me a usá-lo até voltar a juntar-se a mim.

Fui para Heathrow de táxi e voei para Nova Iorque.

Depois de uma visita à minha mãe em Martha's Vineyard e de alguns dias com o meu irmão em Nova Iorque, no dia quinze de Outubro instalei-me no apartamento do Ritz Tower que utilizara nas visitas anteriores de Krishnaji.

Depois de preparar alguma comida para o jantar, fui ao aeroporto recebê-lo.

A maior parte dos passageiros já saíra da alfândega quando, subitamente, ele apareceu, olhando em redor à minha procura, todo elegância e luminosidade no seu novo casaco de tweed, calças de flanela e camisola de malha.

Pedira um visto válido até quinze de Maio, mais longo do que o normalmente concedido a turistas, e por isso teve de comparecer perante um inspetor especial de imigração que o interrogou:

— A anfitriã (eu) responsabilizar-se-ia por ele durante todo esse tempo caso adoecesse, etc.?
— Onde ficaria em Nova Iorque e com quem?
(com Mrs. Z.)
— Tinha meios financeiros?

Felizmente eu insistira para que levasse cheques de viagem.

Parece ter conquistado o inspetor, que lhe concedeu o prazo pretendido.

Apanhámos um táxi para a cidade, demos um pequeno passeio e fomos a uma loja de produtos naturais, onde escolheu várias coisas.

Jantámos cedo e ele foi cedo para a cama.

Naquela manhã fizera frio em Brockwood; acordara muito cedo; a diferença horária e a viagem eram exigentes.

Eu também estava cansada, mas a vida parecia novamente ordenada e pacífica com a presença dele.

Na manhã seguinte fomos ver o Dr. Max Wolf, que o tratara na Primavera. Vivia em White Plains e, durante a viagem, as cores das folhas de Outono ainda presas às árvores encantaram K.

Pelo caminho falámos sobre possíveis diálogos filmados que Mrs. Kornfeld insistia em promover. Naturalmente David Bohm, mas quem mais poderia ser adequado?

K acabou por pensar em Naudé, dizendo que ele tinha capacidade:

— «É o nosso homem.»

Com o Dr. Wolf falou de meditação, não de medicina.

Wolf tinha um livro sobre Meditação Transcendental, trazido por um paciente.

— «Deite isso fora» — disse K,

e falou-lhe do processo do desejo sobre as células cerebrais.

Mostrou-lhe também alguns exercícios respiratórios.

O Dr. Wolf afirmou que o coração de K era muito forte e estava correctamente posicionado. Parecia ter estado ligeiramente deslocado para o centro.

As suas artérias (observadas através dos olhos) eram as de um homem de trinta anos.

Um teste mostrou que o implante que lhe fizera na visita anterior fora bem-sucedido em setenta e cinco por cento, e aplicou-lhe outro.

Regressámos à cidade sentindo-nos cansados de Nova Iorque.

K sugeriu que tratássemos de tudo o que fosse necessário e depois permanecêssemos o resto da tarde em casa.

Enquanto eu levantava um cheque no banco, uma mulher esbarrou contra K, que lhe disse:

— «Peço desculpa.»

— «Porque haveria o senhor de me pedir desculpa?» — respondeu ela agressivamente.

Almoçámos e sentimo-nos aliviados por termos terminado os compromissos em Nova Iorque.

— «O corpo está a galopar para Malibu» — disse K.

Dormiu uma sesta e, mais tarde, o meu irmão apareceu. Discutiram o estado do mundo.

Depois de outra ida ao Dr. Wolf para saber os resultados de alguns exames, no dia dezoito de Outubro já estávamos prontos e com as malas feitas antes do pequeno-almoço.

C. V. Narasimhan, acabado de regressar da Índia, veio visitar Krishnaji às nove e meia.

Às dez e meia, sob chuva intensa, partimos para o aeroporto e voámos para Los Angeles.

À chegada, numa suave tarde ensolarada da Califórnia, fomos recebidos por Alan Kishbaugh, que conseguiu de forma extraordinária colocar as sete malas no seu BMW e, depois de pararmos para cumprimentar Amanda e Phil Dunne, regressámos a casa, em Malibu.

A casa e o jardim estavam em perfeita ordem, cuidadosamente mantidos por Elfriede.

Alan ficou para tomar chá e depois jantámos em tabuleiros antes de nos recolhermos ao bendito silêncio e paz daquela casa.

Apenas o oceano fazia ouvir o seu murmúrio.

Senti uma profunda gratidão por estar ali novamente com K.

Foi esse mesmo som que me disse, na manhã seguinte, onde eu estava.

Desfazer as malas e arrumar as coisas era como um desenrolar que trazia a sensação de descanso e de regresso ao lar.

K também se sentia descansado e feliz por estar ali.

À tarde alguns dos jovens membros da família Dunne apareceram. K conversou um pouco com eles e, depois de partirem, conduzimos no Mercedes verde dele até ao mercado.

Mais tarde ouvi a gravação da conversa entre K e David Bohm sobre estar sem desejo, realizada a onze de Outubro, depois de eu ter deixado Brockwood.

Falámos sobre aquilo que ele dizia ser a sua incapacidade de visualizar, de imaginar através de imagens mentais.

Parecia que, nele, a memória comunicava na mente consciente sem recorrer a imagens.

O dia vinte e três de Outubro foi claro e belo, e fomos até Ojai, com K a conduzir alegremente e a exclamar perante as cores das rochas e montanhas.

Almoçámos com Erna e Theo, e a conversa incidiu sobre a escola.

Ruth e Albion juntaram-se a nós e fomos até à escola. Mark Lee, os professores David Moody e Elaine Needham também estavam presentes.

Regressámos a tempo do jantar.

Dois dias depois, Mark desceu até Malibu e K falou com ele a sós.

Voltámos novamente a Ojai e novamente à escola.

K viu algumas alterações em Arya Vihara, conheceu três das crianças e Michael Krohnen, que ali cozinhava.

K falou com os professores e administradores e perguntou-lhes como lidariam com uma criança — como uma que acabara de ver, de dez anos — que, ao ser apresentada a K e a mim, não se levantara.

Como despertar consideração sem coerção, exemplo, etc.?

Mark, Moody e Needham não tinham respostas.

A solução de K consistia sobretudo em conhecer a criança, descobrir os seus interesses e, através da relação com ela, conseguir encorajar essas outras qualidades.

K conduziu-nos de volta para casa, embora já estivesse escuro, lentamente e com grande atenção.

A vinte e sete de Outubro, Evelyne Blau foi convidada a tornar-se administradora fiduciária da KFA e aceitou.

Alain veio de São Francisco para passar o fim-de-semana.

Krishnaji, ele e eu fomos a casa dos Dunne e depois caminhámos pela praia.

Foi bom vê-lo, mas tanto K como eu sentíamos que Alain se afastara do trabalho, já não demonstrando o mesmo interesse nem parecendo verdadeiramente à vontade.

K disse sentir que Alain já não conseguiria realizar os diálogos gravados em vídeo que ele imaginara.

Estava demasiado afastado de tudo aquilo.

Havia tristeza nisso.

Noutra conversa perguntei-lhe o que queria dizer com a observação que fizera contra doar partes do corpo a outra pessoa — doação de órgãos como um rim ou os olhos — depois da morte.

Disse ser contra isso para si próprio

— «ou para qualquer pessoa próxima de mim».

Foi difícil compreender as suas razões.

Pareciam consistir na ideia de que doar parte do corpo, especialmente quando a pessoa se ocupara de coisas sagradas, daria algum tipo de poder ao receptor, produzindo um resíduo na consciência.

Da mesma forma, aceitar algo como uma transfusão de sangue devia ser evitado.

Seria necessário conhecer muito bem o dador.

K disse que não aceitaria uma transfusão.

Falou da responsabilidade para com o corpo e especialmente para com o cérebro.

Sentia-se negligente se, por exemplo, se cortasse.

E, quando em Setembro batera com a cabeça na porta do táxi em Londres, examinara-se cuidadosamente:

— «Terei magoado isto?»

Falou do anel que segurara e me fizera usar desde a minha partida de Brockwood até ao reencontro com ele, e pediu-me que o usasse quando saísse sem ele para a cidade.

Uma qualidade de proteção.

Seguiram-se alguns dias tranquilos.

Houve viagens a Ojai. Radha Burnier estava lá e almoçou connosco.

Falou-se da Índia e do trabalho.

Surgiu também a sugestão de criar um fundo fiduciário separado em Madras para o qual Vasanta Vihar pudesse ser transferida.

K enviou um telegrama aprovando a ideia.

Radha foi nomeada uma das administradoras fiduciárias.

Em Malibu perguntei a K em que nível do cérebro actuava o ordenamento do "dever", aquilo que desperta a pessoa e aponta para as coisas que precisam de ser feitas, etc.

Quanto disso era simplesmente memória, condicionamento, uma noção de ordem? Mas isso podia tornar-se excessivamente activo?

As coisas deveriam ser vistas, resolvidas e depois deixar-se um espaço de vazio?

Disse-me que por vezes eu demorava demasiado a abandonar conclusões e que tendia a apontar dificuldades em vez de deixar as coisas desenrolarem-se.

— «Está aqui a lidar com algo diferente»
(referindo-se a ele próprio e ao que o rodeava).

Disse também que gostaria que, nas discussões com David Bohm, se fosse totalmente até ao fundo de um único assunto e não se "saltasse de uma coisa para outra".

Ao almoço, depois de ouvir um pouco da conversa de quatro de Outubro com Bohm, comentou:

— «Tenho-me perguntado se, quando falo, penso. Não penso. Não há memória. A linguagem é memória, é preciso utilizá-la. Vê-se a árvore e

descreve-se, usam-se palavras, mas a perceção não contém pensamento. Não há pensamento em funcionamento exceto o da linguagem.»

Falámos sobre imaginação e ele disse:

— «Quando existe desprendimento total, não há imaginação; é uma imagem sem conteúdo, sem distorção.»

Disse ter acordado nessa manhã às duas horas sem conseguir voltar a dormir; então começou a meditação,

— «uma sensação de exaltação, de júbilo».

Nessa tarde iniciou uma possível série de discussões sobre educação com os envolvidos na escola e, à noite, ligou a transmissão televisiva do filme *Judgement at Nuremberg* (*O Julgamento de Nuremberga*).

Tive de sair durante as cenas dos campos de concentração.

K ficou a ver e depois veio ter comigo:

— «O que se passa com a humanidade? Isto é monstruoso! As pessoas são assim em toda a parte.»

Estava profundamente chocado.

O dia dezasseis de Novembro foi mais alegre.

Fomos buscar o carro que eu encomendara na Primavera para substituir o meu antigo automóvel.

Era um Mercedes 240 diesel cinzento.

K ficou satisfeito com ele, e regressámos devagar para casa da maneira que ele considerava correcta.

— «É um carro novo! Temos de cuidar destes dois carros e fazê-los durar anos.»

Voltámos, mostrámo-lo a Amanda e Philippa Dunne e fomos caminhar pela praia brilhante.

Ele estava satisfeito e cheio de riso, e assim esse dia ficou luminoso.

No dia seguinte partimos para Ojai no carro novo, conduzido por K.

Ao princípio comentou:

— «Tenho um pouco de receio dele»,

mas, com ar muito satisfeito, prosseguiu lentamente — nunca acima das quarenta milhas por hora — rindo-se do nosso ritmo.

— «Assim vê-se tudo.»

Falámos sobre as pessoas americanas serem

— «ensinadas a serem egoístas e a precisarem de prazer»

pelos filmes.

Tínhamos estado a ver alguns na televisão.

A partir daí surgiu novamente o tema da escola, e questionei a capacidade do ensino para fazer mais do que minimizar erros, sentindo que o máximo possível seria indicar e remover impedimentos — os erros do pensamento, o condicionamento, a ambição, o ego, etc.

Parecia-me que, no seu maior alcance, talvez pudesse formar um ser humano melhor, mas que, para surgir um Krishnamurti ou um Buda, teria de existir algo inerente à criança, algo próximo mas para além do génio.

Nada na educação nem no meio de K influenciara aquilo que ele era.

K disse então que era como petróleo existente na terra, ali à espera de ser alcançado.

As crianças que ensinamos não podem ser ensinadas a alcançar isso, mas existem jovens capazes de o tocar.

Deu a entender que deveríamos encontrá-los, ou que aqueles que ensinamos poderiam ter filhos assim.

Esses jovens tinham de ser orientados nessa direção.

Pareceu concordar — ou pelo menos não discordar — quando afirmei que, mesmo que uma pessoa conseguisse libertar-se de todos os “erros”, isso não traria “o outro”.

Falou de uma meditação extraordinária na noite anterior.

Perguntei-lhe se poderia descrevê-la um pouco, e respondeu que era indescritível.

Perguntei então se havia nela uma qualidade de luz, uma vez que tantos relatos de experiências religiosas falavam de luz — iluminação.

Disse que não parecia ser luz, mas que a descrição mais próxima seria vazio.

Ao ouvi-lo dizer isso, pareceu-me que a luz que eu experimentara permanecia ainda no domínio da experiência.

E que não havia experiência naquilo de que K falava.

Em Ojai, K falou durante algum tempo às pessoas da escola e depois almoçámos com Erna e Theo.

Tivemos de sair antes das três da tarde devido à lentidão da condução e ao facto de K não querer conduzir de noite.

Parámos em casa de Dieter, onde o Mercedes verde de K estava a fazer a revisão das seis mil milhas, e ele conduziu-o de volta para casa enquanto eu seguia atrás a quarenta milhas por hora.

Durante esse período, Mrs. Gita Sarabai e a filha, Palevi, tinham vindo almoçar a Malibu, trazendo consigo o pintor Lee Mullican e a mulher.

Evelyne trouxe Cynthia Wood, que conhecera numa das palestras de Krishnamurti em São Francisco.

Houve mais reuniões com as pessoas ligadas à escola e discussões com arquitectos sobre os edifícios necessários.

O dia seis de Dezembro amanheceu belo e levantei-me cedo para cozinhar uma panela do arroz espanhol de que K gostava.

Arrumei as coisas no carro verde para irmos a Ojai.

Partimos às dez da manhã, com K a conduzir o verde e eu a segui-lo no diesel cinzento.

Deixámos este último em casa de Dieter para a revisão das quinhentas milhas e prosseguimos no verde.

K disse que acordara durante a noite com uma sensação intensa e a frase:

— «O sofrimento e a recordação do sofrimento continuam ainda no campo do eu.»

Na casa, desfizemos as malas e depois caminhámos até casa dos Lilliefelt para almoçar.

Às duas e meia, na sala da escola da casa, K realizou uma discussão com pais e professores.

Correu bem.

Fomos caminhar tarde, ao pôr-do-sol, e regressámos à luz da lua.

No dia sete fomos até Oak Grove para uma reunião com arquitectos e administradores fiduciários; caminhámos por todo o terreno e discutimos os edifícios da escola.

Philippa Dunne e o marido, David Nelson, juntaram-se a nós e regressaram depois à casa. K mostrou-lhes o lugar; Alan Kishbaugh também apareceu.

Depois do almoço realizou-se uma reunião dos administradores fiduciários e, em seguida, outra reunião com os arquitectos em Oak Grove.

Uma nova reunião teve lugar na manhã seguinte e os arquitectos partiram. Deviam enviar propostas de planos e estimativas de custos.

Erna, Theo e Evelyne Blau almoçaram connosco na casa e, mais tarde, caminhámos com Erna e Theo.

Na manhã seguinte, uma Mrs. Katie Marx foi apresentada a Krishnaji. Viera do Michigan para poder colocar os seus dois filhos na escola de K.

Partimos então de Ojai, parámos para recolher o carro cinzento e regressámos a Malibu a tempo do almoço.

A dez de Dezembro voámos de Los Angeles para São Francisco para almoçar com Mrs. Mathias e regressámos de avião nessa mesma tarde.

Foi uma expedição de nove horas, mas K não ficou demasiado cansado.

Voltámos a conduzir até Ojai para a discussão de K sobre educação e passámos lá a noite.

De regresso a Malibu, a quinze de Dezembro, Jackie e Sarjit Siddoo vieram falar com K acerca da escola deles no Canadá.

Durante o almoço chegou um telegrama de Kitty Shiva Rao e outro de Balasundaram dizendo que Shiva Rao morrera nesse dia de ataque cardíaco.

No dia seguinte chegou outro telegrama de Balasundaram informando que Subba Rao também acabara de morrer.

Este último fora, nos primeiros tempos, um velho teosofista que abandonara a Sociedade Teosófica quando K o fez e que mais tarde se tornara diretor da Escola de Rishi Valley.

K sentiu profundamente a morte dele, disse, porque

— «Subba Rao esteve sempre connosco.»

Shiva Rao fizera parte do círculo próximo de Krishnamurti e do irmão na Índia e fora enviado por Mrs. Besant para lhes ensinar sânscrito em Inglaterra.

Mais tarde tornou-se político no governo indiano e, juntamente com a mulher, Kitty Shiva Rao, recebia K quando este estava em Deli.

A dezanove de Dezembro conduzimos até Ojai durante a tarde.

Na estrada, K disse-me:

— «Observe e mantenha a mente vazia.»

Depois acrescentou:

— «Está a começar — a cabeça. Uma pressão na parte de trás da cabeça, no cérebro.»

Encontrámo-nos com Erna, Theo e Mark Lee em Oak Grove e caminhámos observando um possível local para o edifício da assembleia.

K não ficou satisfeito com a sugestão dos arquitectos de o colocarem na colina entre as árvores.

Preferia um local próximo do próprio Grove, na orla do prado.

Atravessámos Besant Road e caminhámos em redor da propriedade de Rajagopal.

— «Esse vigarista!» — disse K com voz ressonante.

De volta à casa, vimos uma nova cópia de um filme realizado em 1925 que fora encontrado escondido na cave de Pine Cottage.

O laboratório para onde os Lilliefelt o levaram disse nunca ter visto película tão antiga e que se tratava de película de nitrato, perigosa de conservar.

Fizeram uma excelente cópia e nela apareciam imagens filmadas em Ommen por um sueco, nas quais se viam Krishnamurti, Mrs. Besant, Rajagopal, Jadu, Lady Emily e muitos rostos familiares que K reconheceu.

A filmagem era amadora e composta por planos muito curtos, dificultando a observação, mas mostrava o jovem K ainda muito rapaz, embora tivesse já trinta anos.

K comentou mais tarde:

— «Deve ter-se desenvolvido lentamente; a mente ainda não estava madura.»

Perguntou depois como aquilo nos parecera.

Na sua maioria, bastante infantil.

As procissões da Igreja Católica Liberal pareciam bastante chocantes num filme sobre K.

Mrs. Besant parecia velha, frágil e pouco à vontade.

K parecia mais curioso acerca das nossas impressões do que acerca de quaisquer impressões próprias.

Nessa noite K dormiu até às oito da manhã.

— «Onze horas na cama — isso é bom!»

À tarde houve outra discussão em Arya Vihara, mas não correu muito bem.

Havia demasiadas pessoas pouco familiarizadas com os ensinamentos dele e pouco à vontade na discussão.

Fomos caminhar depois.

No dia vinte e um falámos com um arquitecto sobre ampliar o apartamento do piso superior no edifício junto de Pine Cottage, estendendo ambos os quartos até às varandas exteriores.

K recebeu depois dois rapazes italianos que tinham vindo de Turim para o ver e, às três da tarde, realizou-se um chá em Arya Vihara para antigos residentes de Ojai.

K retirou-se discretamente pouco depois e foi caminhar.

Ao regressar, Mark Lee mostrou a segunda série dos velhos filmes encontrados na cave de Pine Cottage.

Eram imagens de Adyar, em 1925.

Apareciam Leadbeater, Arundale, Wedgwood e Jinarajadasa com vestes e mitras; K, belíssimo em roupas indianas; e depois uma breve imagem de Nitya em 1924.

Enquanto víamos tudo aquilo ouviam-se exclamações de surpresa e reconhecimento e K dizia:

— «Devagar! Devagar!»

quando a projeção corria demasiado rápida e abrupta.

Depois sentou-se a conversar com Erna, Theo, Mark e comigo.

Não quisera ver o filme com mais ninguém presente.

Para mim, o jovem K, embora sorridente e atento, parecia estar apenas a ser educado, sem realmente pertencer àquele ambiente.

O breve vislumbre de Nitya emocionou-me profundamente e, durante o encontro em Arya Vihara, continuei a pensar nele ali, na tristeza da sua morte naquele lugar sem o irmão ao lado.

Apeteceu-me dizer-lhe:

— «Vê como tudo acabou por acontecer — K tornou-se tudo; ouve-o.»

Antes do almoço, K tinha um olhar muito distante enquanto estava sentado com Erna e Theo e, durante a refeição, disse a Erna:

— «Perguntou sobre o processo; começou aqui — dores, desmaios. Provavelmente era kundalini, mas sou muito céptico em relação a essas coisas. Duvido da maioria dos que dizem tê-la experimentado.»

Regressámos a Malibu.

Fritz Wilhelm chegou e permaneceu alguns dias antes de seguir para Ojai.

Na véspera de Natal todos os Dunne vieram jantar.

K veio para a mesa e permaneceu sentado durante toda a noite até ao fim.

A vinte e seis, K realizou uma discussão durante a tarde.

Estavam presentes os Lilliefelt, Evelyne Blau, Alan Kishbaugh, Ruth, Albion, Fritz, Ted Cartee e Philippa e David.

Seguiu-se o chá.

## PARTE 4: 1976 – 1977

### Capítulo Trinta e Seis

Estávamos sozinhos outra vez no dia vinte e nove; um dia adorável, calmo, quente como o verão. No passeio da praia observámos os pelicanos a pescar. No dia trinta, K disse que tínhamos de "fazer algo extravagante", por isso fomos ao cinema pela primeira vez desde a primavera anterior. No carro, a caminho da cidade, ele disse que a sensação que tinha na cabeça "deixava-a com a sensação de estar mais poderosa".

M: "Queres dizer com mais energia?"

K: "Isso mesmo. Muito mais energia. Nunca senti isto antes."

Parámos na loja de produtos dietéticos para comprar algumas coisas e depois encontrámo-nos com Alan Kishbaugh num restaurante mexicano. K comeu *enchiladas* e *tostados*, e tudo pareceu cair-lhe bem. Ele tinha sugerido comida mexicana e, nessa manhã, tinha voltado a comer um ovo ao pequeno-almoço e mais *kefir* — tudo para obter mais proteína. Fomos então à Livraria Westwood para um abastecimento de "thrillers" e vimos um filme, *The Man Who Would Be King* [O Homem Que Seria Rei]. Foi satisfatório, e K garantiu o aspeto autêntico dos comboios indianos durante o *Raj* Britânico. Voltámos para casa e encontrámos uma longa carta de Balasundaram sobre a resolução do caso de Vasanta Vihar e do Krishnamurti Trust Madras.

O dia trinta e um de dezembro foi um dia calmo em casa. Caminhámos na praia ao pôr do sol, a areia brilhava com os reflexos do

céu. Caminhava-se deslumbrado na luz oblíqua, flutuando, perdido. Jantámos em tabuleiros, como habitualmente, e ouámos uma transmissão televisiva da favorita de K — a nona sinfonia de Beethoven. Von Karajan e a Filarmónica de Berlim estavam a tocar, e K observou atentamente a forma como ele regia, de olhos fechados, com um olhar interior que parecia moldar a música. Assim terminou o ano, na paz e na bênção da presença de Krishnaji.

O novo ano de 1976 começou com uma manhã límpida e a alegria calma da presença de Krishnaji. O rosto dele foi o primeiro a ser visto, a voz dele proferiu as primeiras palavras. Depois, cada um fez os seus exercícios. Preparámos o pequeno-almoço juntos e pusemos a tocar uma nova gravação de cantos gregorianos. Uma das raparigas Dunne almoçou connosco e conversámos enquanto Krishnaji dormia a sesta. Ao acordar, ele e eu lavámos o novo Mercedes cinzento. Estava frio, e os dedos ficavam entorpecidos dentro das luvas de borracha. Caminhámos pelo desfiladeiro para desejar um feliz ano novo a Amanda e Phil.

No dia seguinte, dois de janeiro, fomos no carro novo para Ojai e instalámo-nos na cabana. Ali também estava frio, mas ficava aconchegante com o aquecedor ligado. No dia seguinte, realizou-se uma reunião com arquitetos em Oak Grove e, em casa dos Lilliefelt, houve uma discussão com professores e pais. Depois, K foi dar um passeio com Fritz Wilhelm e perguntou-lhe se ele gostaria de se juntar a nós e ser o diretor do centro educativo em Ojai. Fritz aceitou. Isto foi discutido ao almoço na cabana com Erna e Theo, e depois houve uma discussão em pequeno grupo na qual K chegou a uma nova expressão do que pode acontecer quando o condicionamento é compreendido e cessa. Ele disse que, então, há algo de original.

"Onze horas de descanso", disse K alegremente ao acordar no dia cinco. Ao pequeno-almoço, falou longamente sobre ver o que a sua presença tinha feito em Ojai e a necessidade de passar ali períodos de tempo prolongados. Isto apontava para a necessidade de expandir a cabana para que se tornasse uma casa adequada, e falámos sobre isso e sobre que arquiteto escolher. Ele disse que Ojai, Brockwood e a Índia deviam ser unidos. Disse que depositava fé em Sunanda e Balasundaram, e queria que Sunanda viesse a Ojai e a Brockwood para estar em contato com os restantes, e para ele trabalhar com ela. Disse que David Bohm, Fritz

Wilhelm, os Lilliefelt e eu teríamos de conversar na primavera sobre o que os centros deveriam ser. Disse que Brockwood tinha atingido um nível como escola, mas que isso não era suficiente. Era demasiado limitado, tinha de "florescer como um oásis europeu. Devo fazer isto [os centros] antes de morrer."

Eu ia dar entrada no hospital para uma pequena operação na perna, e K disse que queria ficar sozinho na cabana no fim de semana em que eu estivesse no hospital, em vez de ficar com os Lilliefelt. "Algo está a acontecer aqui. Sinto-me seguro aqui agora; não quero interromper isso."

Voltámos a Malibu a tempo do almoço e estivemos a ver amostras de tecidos para cortinas para o apartamento ampliado sobre o escritório, ao lado da Pine Cottage. As paredes do quarto e da sala de estar iam ser projetadas para fora de modo a incluir a área do alpendre, duplicando assim o seu tamanho. K ficou contente com isto e escolheu um chintz bastante parecido com o da sala de estar da sua Pine Cottage, pelo qual ele ainda se exclamava a cada chegada. Depois do almoço, disse que a cabeça estava a "começar outra vez". Caminhámos na praia e oferecemos dióspiros de Ojai aos Dunne.

Nove de janeiro. Fomos novamente para Ojai, com K a conduzir o carro verde. Foi mais um dia sem nuvens, embora estivesse prevista chuva. Estávamos impacientes por chuva naquela estação. Trocámos de lugar a meio do caminho, e eu conduzi enquanto K entoava cânticos em sânscrito. Parámos para comprar queijo e um café especial. Erna veio à caminhada e disse que ela e Theo ficariam ao lado, no escritório, se K fosse ficar sozinho na cabana no fim de semana seguinte.

Ao jantar, K disse que eu me estava a desleixar nos hábitos de não controlar o meu corpo — porquê? Estaria preocupada com alguma coisa? Com a minha operação? Eu disse que não, apenas cansaço por vezes. Sinto-me bem, tenho muita energia na maior parte do tempo, mas ela esgota-se mais cedo do que antes. Ele disse que eu era muito mais enérgica em Brockwood.

"O que farás se eu morrer? Vais continuar com isto?" Sim. "Não, estou a perguntar mal", disse ele. "Sentes algo na sala?" Eu tinha sentido e sentia, e, estranhamente, o cansaço que tinha sentido desapareceu, como se tivesse recebido uma transfusão de força.

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, disse-me: “Uma vez vi um rosto. Estive a sentir esse rosto a noite toda. Algo me acontece aqui.”

M: “Algo curioso me aconteceu ontem à noite quando estavas a falar comigo. Sabias disso?”

K: “Sim. Contar-te-ei um dia. Não agora.”

Continuou a falar sobre estar ali, em Ojai, que era importante, e que poderia regressar enquanto eu estivesse no hospital. Falou sobre viver em Ojai — sem Malibu. Eu importar-me-ia de abdicar de Malibu? Disse que adorava Malibu, mas não estava apegada. A minha casa era onde fosse melhor para ele e para os ensinamentos.

Depois do almoço, fui encontrar-me com Mar de Manziarly junto à casa da irmã dela, Mima Porter, onde ela estava hospedada, e trouxe-a para a cabana. Depois, com K, caminhámos até Arya Vihara para a discussão dele com professores e pais. Depois de deixar novamente Mar no portão da irmã, K, Alan Kishbaugh e eu caminhámos no escuro. K disse a Alan que eram necessários mais administradores jovens. “Quero envolver-te mais.” Ao jantar, disse-me: “Viverei mais quinze anos e tu mais vinte.” Tinha um olhar concentrado e eu perguntei o que era. “Sinto aquela outra coisa”, disse ele. Dei-me conta de que não me tinha sentido nada cansada naquele dia.

No dia seguinte, onze de janeiro, Krishnaji pediu a Erna para vir à cabana para falar sobre eu remodelá-la e talvez viver ali definitivamente. Como gerir isso? Erna achou que Louis Blau, o marido de Evelyne, poderia aconselhar. Fiz o almoço e fui novamente buscar Mar de Manziarly ao portão da irmã. Ela, K, Erna, Alan e eu comemos e, mais tarde, juntaram-se a nós Ruth Tettemer, Albion Patterson, Mark Lee, David Moody e Ted Cartee.

K prosseguiu com a questão de saber se existe algo de original e que não esteja no reino do conhecimento e do eu. Será que vemos que vivemos num pensamento condicionado? Teremos abandonado os conceitos? Ver o falso e fazer a pergunta, permanecendo apenas com a pergunta e não aceitando respostas “nem do próprio Deus”. Perguntar verdadeiramente é não saber, e a partir daí algo de diferente pode existir. É necessária uma grande energia e atenção para permanecer numa pergunta.

No carro, a caminho de casa para Malibu, perguntei pelo rosto. Ele disse que o tinha visto frequentemente, “lá fora, como aquele arbusto ali”. Apenas um rosto, não um corpo. Perguntei se se movia ou falava. “Não. Tenho-o visto desde aquela noite [nove de janeiro], não fora, mas dentro. Geralmente significa que se está a mover para este corpo.” Perguntei se isso poderia pressagiar o seu “partir” e, se assim fosse, deveria ele ficar sozinho na cabana enquanto eu estivesse no hospital? “Isso não acontecerá quando eu estiver sozinho. O corpo tem de ser cuidado.” Eu continuava a sentir uma ausência de cansaço. Falámos mais sobre a cabana e sobre viver ali. Philippa Dunne e o marido, David, estavam à nossa espera quando chegámos a Malibu. Iam ficar na casa com K até ele ir para Ojai.

No dia seguinte, doze de janeiro, Amanda conduziu-me ao UCLA Medical Center em Los Angeles, onde dei entrada no hospital e, na manhã seguinte, fui operada para um enxerto de pele na minha perna doente. Levei uma anestesia epidural e estive consciente durante todo o processo. Demorou cerca de uma hora e meia, a biópsia foi negativa e consegui telefonar a K por volta das 13:00. Ele telefonou-me no dia seguinte antes de ir para Ojai com Theo, onde ficou sozinho na cabana e tomava as refeições em Arya Vihara. Conduziu discussões entre professores e pais. O enxerto na minha perna pegou e pude voltar para casa numa ambulância no dia dezanove. Nessa tarde, Theo trouxe Krishnaji de volta. Havia uma sensação de paz e bem-aventurança na casa.

Ao pequeno-almoço, no dia seguinte, Krishnaji falou mais sobre a remodelação da cabana. Charles Rusch, um dos arquitetos que tinha sido consultado sobre os edifícios da escola, tinha falado com Charles Moore, que aparentemente dissera que ficaria encantado em fazer algo em relação à cabana. Esta era uma notícia muito boa, pois Charles era um dos melhores arquitetos vivos, além de ser uma pessoa muito calorosa. K estava preocupado com as minhas finanças. “Tens de ser capaz de viver como vives agora, ser capaz de viajar.” Concordou que o meu trabalho era cuidar de K. Depois disse que em Ojai tivera a sensação de que tinha de oferecer uma oportunidade a Rajagopal e Rosalind para se redimirem, para expiarem os seus pecados antes de morrerem; que tinha de o fazer de modo a que eles não pudessem recusar, pois, se o fizessem, seria pior. Uma condenação maior?, perguntei eu. “Sim”, disse K. Ele tinha falado com os Lilliefelt no dia anterior, que deviam ter ficado abalados. Escutei sem tecer comentários. “Rajagopal era um brâmane. Quero dizer-lhe isso.”

Noutra conversa, recordou o passado com Aldous Huxley, lembrou-se de ele dizer a K que era bom ouvir falar inglês novamente após todos os seus anos na Califórnia. Lembrou-se também de uma altura em Roma, quando Huxley foi para assistir a reuniões da Organização Mundial da Saúde. "Costumávamos caminhar no Jardim Borghese de manhã, e depois Huxley ia para as reuniões. Acho que o aborreciam."

K foi para Ojai com Alan Kishbaugh para realizar discussões e passar uma noite. Eu ainda estava confinada à cama por causa da perna, mas consegui vestir-me pela primeira vez e levantar-me no dia vinte e seis, quando K regressou com Theo a tempo do almoço. Durante este, falou muito a sério com Theo sobre eu ter o direito de viver na cabana durante a minha vida e o seu desejo de assegurar isso. Às 15:00, Charles Moore e Charles Rusch vieram para começar a falar sobre a remodelação da cabana. A conversa encaminhou-se para a utilização de paredes grossas de adobe, pisos de mosaico de padrão italiano como os usados na casa de Malibu, e possivelmente aquecimento solar ou radiante. Tudo isto agradou a K. À noite, ele tratou-me a perna e mais tarde disse-me que tinha sentido uma presença enquanto o fazia antes da sua viagem a Ojai, e que ela permanecera no meu quarto em vez de o seguir "como costuma fazer".

Noutra conversa, no dia seguinte, disse: "A minha vida é incerta e, porque é incerta, é duradoura. Tu deves continuar. Há algo mais na minha vida do que K, e isso opera. Fará o que quiser; ninguém o pode impedir. O que sinto por ti é sem apego e, portanto, durará. Vou contigo falar com Blau. Quero dizer-lhe que esta propriedade em Ojai deve ser tua. Posso estar lá. Como assumiste a responsabilidade por K, deves ser protegida." Disse que tinha sentido que eu não devia estar sozinha sem ele. Sentira-o no fim de semana em que esteve fora, e queria vir comigo até para fazer recados durante algum tempo, e até comigo quando eu fosse a seguir ao médico. Sentia que aquele lugar [Malibu] já não era seguro; a cidade, a sua violência, estava a espalhar-se. "Esta casa já não é o refúgio que era." Falou da possibilidade de ele "partir"; disse que uma vez, em Brockwood, apenas a presença de Whisper o impedira. Perguntei o que significava. Significava que ele morreria? "Talvez", disse ele, mas pareceu descartar isso como algo menor. O "partir" parecia ser o ponto fulcral, e um tipo diferente de desaparecimento. Mas falou novamente de o corpo viver mais dez ou quinze anos. Falou também da importância de Balasundaram e Sunanda continuarem o trabalho na Índia. Disse que Pupul estava acabada,

“demasiado atraída pela venda de tecidos”. O facto de ela só conseguir passar três dias em Rishi Valley mostrava o seu tédio. Era importante que Sunanda estivesse perto de K em Ojai e Brockwood para aprender. Também Alan K., Fritz Wilhelm e Mark Lee deveriam participar nas discussões entre ele e David Bohm sobre o que os centros deveriam ser. “Isso vai revelar-se; revela-se sempre.”

Falou sobre salvar “aqueles dois” [Rajagopal e Rosalind] da condenação. Porquê?, perguntei eu. “Porque estiveram perto dos ensinamentos e rejeitaram-nos — logo, a condenação maior.” Mar de Manziarly ainda estava em Ojai porque a sua irmã Yo tivera um acidente de carro. Tínhamos falado com ela nessa manhã por telefone. K descartou Mima e Yo como pessoas egoístas, mas pareceu achar isso insignificante ao lado da maldade dos dois Rajagopal. Quanto maior o pecado, mais ele parecia sentir que eles deviam ser salvos das suas consequências. Mais tarde, após o almoço, disse que estava cansado e que a cabeça lhe doía. Tinha começado quando falámos a sério. Mas acrescentou que “se não fosse por K” a minha operação não teria corrido tão bem como correu.

No dia seguinte, ao almoço, disse: “Tive duas coisas a passar-me pela mente a manhã toda. Uma era um templo budista em Adyar com um tanque onde ele [K] costumava ir. E a outra — lembras-te dos quartos onde eu costumava viver? Abaixo disso, junto ao rio — o rapaz costumava ir lá de manhã cedo, quando viveu lá no início. Ele ficava ali, perdido. Pergunto-me por que razão esta memória flutuou até à superfície?” Ele tinha parecido um pouco “ausente” toda a manhã. Pegou na biografia de Mary no meu quarto, abriu-a e ficou a sorrir levemente para uma fotografia muito antiga de si próprio e dos seus dois irmãos.

Era o dia vinte e nove de janeiro quando fomos a Beverly Hills à tarde. Durante duas horas e meia, conversámos com Louis Blau no seu escritório, primeiramente sobre K obter o estatuto de imigrante nos EUA — o “green card”. Devíamos tentar obtê-lo sob a categoria especial de líder religioso. Havia formulários intermináveis para preencher, e eu disse que me encarregaria de fornecer todos os dados possíveis. Depois, Lou fez uma declaração contundente que soava àquela que K tinha vindo a preparar — ou seja, que eu devia estar numa posição em que pudesse viver na cabana de Ojai o resto da minha vida com privacidade, proteção, etc. Para este fim, ele e o seu escritório aconselhar-me-iam sobre a melhor forma de comprar

legalmente a casa e o terreno à Fundação, e também sobre como conciliar a venda da casa de Malibu e as questões fiscais envolvidas. Eu deveria fornecer três anos das minhas declarações de rendimentos, extratos de corretores e a base de custo de Malibu. Fiquei um pouco sobressaltada com tudo isto, mas vi que resultaria numa orientação profissional especializada. Tive um momento em que pensei que isto estava a ir longe demais, mas depois percebi que havia este estranho fenómeno de acontecimentos a sucederem em redor de K. As coisas começam a mover-se e depois surge um curioso fluir com elas — e isso ser o correto. K ficou bastante espantado com as complicações dos negócios, mas gostava e tinha confiança em Lou. Passava das 17:00 quando chegámos a casa.

No dia seguinte, com K a conduzir, fomos para Ojai, onde Charles Moore se encontrou connosco na cabana para o almoço, fornecido por Michael Krohnen a partir de Arya Vihara. Projetámos a planta para a remodelação da cabana original, que deveria ser mantida como estava, exceto por pequenas alterações para a tornar numa ala de quartos, ampliando o quarto e a casa de banho de K e mantendo a sua sala de estar. A isto seria acrescentada uma nova ala de tijolo de adobe contendo uma sala de estar, um pequeno escritório e uma sala de jantar combinada com a cozinha. Charles Rusch juntou-se a nós mais tarde, e fez-se muito progresso.

O dia seguinte foi sem nuvens, quente, belo e perturbador, pois era o último de janeiro e não tinha caído a tão necessária chuva. Devia ter havido uma reunião da direção de Happy Valley à qual Erna deveria ter ido, mas um toque de gripe impediu-o. Theo foi no lugar dela com Evelyne Blau e Mark Lee. K falou com eles, dizendo: "Nós somos os justos, eles são os injustos", mas sentiu-se que, se houvesse alguma abertura da parte deles para quererem ser mais amigáveis, deveríamos corresponder. Quando regressaram, relataram que o advogado de Happy Valley se tinha alongado nas explicações, mas que Rosalind parecera mais amigável. Evelyne e Theo disseram-lhes que estávamos a iniciar uma escola na zona oeste, mas que poderíamos estar interessados em parte dos terrenos de Happy Valley para um futuro liceu, e sugeriram um possível arrendamento. O advogado opôs-se a partes disto, pelo que iríamos considerar os seus pontos, mas, de uma forma geral, o assunto ficou em aberto de ambos os lados. Tanto Erna como eu vimos tudo isto com ceticismo, sentindo que era uma perda de tempo e de energia lidar com Rosalind, e o que faríamos com o terreno se o

tivéssemos? Já tínhamos problemas suficientes com os planos da zona oeste. “Nós mantê-lo-íamos”, disse K. Evelyne e Theo almoçaram connosco na cabana e, à tarde, K conduziu uma discussão com professores e pais em Arya Vihara.

O dia um de fevereiro foi novamente sem nuvens. “Mais um dia horrível”, disse K. Alan veio almoçar connosco e K conduziu uma discussão na cabana. Estavam presentes Ruth, Albion, Evelyne, Cynthia Wood, Mark e Asha, o Dr. e a Sra. Greene, o Dr. e a Sra. Marx, David Moody e Michael Krohnen. K falou sobre a mente estar dentro do campo do conhecimento. Mais tarde, ele e Alan caminharam e eu descansei. Tivemos o nosso jantar habitual e cada um estava absorto num livro.

A chuva chegou finalmente no dia cinco de fevereiro. Fomos de carro para Ojai à tarde e K disse: “Sentes a atmosfera aqui?” Na manhã seguinte, estava radiante e caminhámos pelo acesso automóvel para olhar para trás, por entre as laranjeiras carregadas de fruto, para as montanhas coroadas de neve. Topa Topa e toda a cordilheira do norte estavam brancas. Mais tarde, as nuvens juntaram-se e choveu o dia todo. Erna e Theo almoçaram connosco na cabana e K trouxe à baila o assunto de “salvar as almas” de Rajagopal e Rosalind. Eu dissera anteriormente que não tinha ódio por eles, mas pessoalmente preferia nunca ter nada a ver com nenhum deles. K disse que ambos tinham cuspido nos ensinamentos, o que era algo tão terrível que ele sentia que deveriam ter uma oportunidade antes de morrerem para o expiar. Todos nós parecemos sentir que Rajagopal era incapaz disso, mas K achou que ele devia ter mais uma oportunidade. Salientei que Erna, Theo e eu tínhamos feito um esforço considerável para livrar K do pântano em que ele se encontrava com aquelas pessoas e que até um simples toque nisso novamente era repugnante. K disse que não era uma questão disso, mas que, por terem estado perto dos ensinamentos e os terem traído, estavam condenados. Essa fora uma palavra que eu tinha começado por usar, mas que ele agora utilizava. Mais tarde, quando estávamos sozinhos, disse-lhe que tudo o que tinha dito por mim, pessoalmente, era para manter até ao fim, mas que essas eram coisas que ele devia decidir e, por responsabilidade para com ele, eu faria coisas que não faria por iniciativa própria. Deixámos o assunto assim.

As chuvas caíram nos dias seguintes enquanto estávamos em Malibu. K veio comigo quando fui ao médico examinar a perna, mas ficou no carro.

Pude ir dar passeios quando regressámos a Ojai, onde as reuniões com os arquitetos e os grupos de discussão continuaram. Numa das noites em Ojai, K foi sonâmbulo. Devo tê-lo ouvido esbarrar em algo no seu quarto, pois acordei súbita e totalmente. Ele entrou na sala de estar, onde eu dormia no sofá. Falei com ele e ele disse: "Maria?" Acendi uma luz fraca e ele estava encostado à parede, virado para ela. Acordou com a luz e voltou para o seu quarto e para a cama, adormecendo imediata e profundamente. Conseguia ouvir a sua respiração — a de um sono profundo. Fiquei acordada durante muito tempo. De manhã, ele disse: "Devo ter andado a dormir. Nunca fiz isso." Ao pequeno-almoço disse: "A minha cabeça aqui [na parte de trás] parece que se está a expandir [num] grande silêncio, ar e luz." Fez gestos e riu-se. Durante a noite, pareceu ter sido sonâmbulo outra vez. Fiquei novamente acordada num instante à 1:00 quando o ouvi a andar no seu quarto, falei com ele e ele respondeu e entrou. "Pergunto-me por que faço isto?" Voltou para trás e adormeceu imediatamente. Mais tarde, na viagem de carro de regresso a Malibu, disse que a cabeça lhe tinha ficado subitamente má e pediu-me para conduzir a 50 milhas por hora. Subitamente disse: "Quase desmaiei agora mesmo." Várias vezes levou a mão aos olhos e gemeu. "Está bastante mal." Ao longo da estrada da costa, perto de Decker Canyon, ele desmaiou durante cerca de dois minutos. O cinto de segurança segurou-o suavemente, pelo que não caiu no meu colo como em tempos passados. Quando chegámos à casa, disse que estava bem e saltou para fora para abrir a porta da garagem. Levámos as coisas para dentro e, no seu quarto, quando perguntei, disse: "Estou bem, não te preocupes, nunca desmaio quando estou sozinho." Por isso, fui preparar o nosso jantar.

A cabeça dele esteve má durante a noite e, embora estivesse melhor de manhã, ainda havia alguma dor. A escritura do novo Krishnamurti Trust Madras chegou e Krishnaji assinou-a. Esta era a entidade formada para deter Vasanta Vihar em resultado do processo judicial ali instaurado contra Rajagopal. Fomos reconhecer a assinatura no notário e enviámo-la por correio para Radha Burnier, agora uma das suas administradoras. Caminhámos na praia, mas K estava cansado no regresso. As notícias de Balasundaram eram de que tinha hepatite e a sua vinda aos EUA era impossível.

## Capítulo Trinta e Sete

A vinte e sete de fevereiro de 1976, deixámos Malibu de manhã com Krishnaji a conduzir o seu carro verde. Ao longo de Zuma Beach, ele disse: "Tens algum papel?" Encontrei um pedaço e escrevi o que ele então disse: "Uma coisa estranha aconteceu esta manhã. Estava sentado calmamente — uma espécie de meditação — e de repente houve um silêncio absoluto, um afastamento de tudo, e foi como a morte. Estava este corpo sentado calmamente e esta verdade de não existir em lugar nenhum, uma morte completa; e se eu não tivesse sentido, valha-me Deus, isto está a ir longe de mais, não sei o que teria acontecido. Foi o nada absoluto. Parecia que, se esse estado continuasse, o corpo morreria. Seria o fim de tudo."

M: "Foi semelhante às vezes em que, numa caminhada sozinho, te apetecia ir embora?"

K: "Foi muito mais intenso esta manhã."

M: "Quando é que aconteceu?"

K: "Depois de te ter visto." [Por volta das 07:00.]

**Notas de Tradução**

- **Enchiladas / Tostados:** Mantiveram-se os termos originais em itálico por se tratarem de especialidades gastronómicas mexicanas sem tradução literal em português.
- **Kefir:** Grafia mantida em itálico conforme o uso corrente da nomenclatura original em textos de nutrição.
- **Thrillers:** O termo anglófono foi preservado entre aspas e em itálico, uma vez que tipifica um género literário/cinematográfico específico amplamente reconhecido.
- **The Man Who Would Be King:** Apresenta-se o título original em itálico, seguido da tradução literal do título da obra em Portugal (*O Homem Que Seria Rei*) entre parênteses retos para contextualização.
- **Raj:** Mantido o termo histórico que designa o período de domínio britânico no subcontinente indiano.
- **Chintz:** Termo técnico têxtil mantido em itálico, referente ao tecido de algodão estampado e lustroso.

- **Green card:** Expressão consagrada para o visto de residência permanente nos Estados Unidos da América, mantida na língua de origem em itálico.

- **Adobe:** Tipo de tijolo de terra crua; o termo é coincidente em português e inglês.

- **Whisper:** Nome próprio (do cão de Krishnaji), pelo que se manteve a grafia original.

- **50 milhas por hora:** Equivalente a aproximadamente $80\text{ km/h}$. Optou-se por traduzir a unidade de medida textualmente ("milhas por hora") para rigor de correspondência com o relato original.

M: "Antes do pequeno-almoço?"

K: "Oh, muito antes do pequeno-almoço. Houve um período em que a parte de trás do cérebro esteve tremendamente arejada, como se estivesse a respirar fundo e a encher-se de ar. Continuou assim durante algum tempo."

M: "Quanto tempo?"

K: "Pode ter sido dois ou três minutos ou mais, não sei."

M: "Quando sentiste que estava a tornar-se excessivo, parou instantaneamente?"

K: "Oh, instantaneamente."

M: "O que achas que é?"

K: "Já tinha tido isto antes, mas era no sentido de ir embora — afastar-me é a palavra errada. Era uma quietude absoluta. Acho que tem a ver com o que aconteceu no cérebro, a expansão, o ficar arejado, realmente ar a entrar nele; uma ligeira tensão como se um cérebro novo e fresco tivesse sido colocado lá dentro. Soa tão estuporadamente ridículo." [risos] "Um... [cérebro] totalmente livre de contaminação."

Ele conduziu em silêncio durante algum tempo. Eu observava o oceano e depois tentei descrever o que era para mim a realidade do ver,

uma totalidade na qual estão todos os sentidos — o ver da cor, a sua profundidade, movimento e forma são sentidos não apenas no olho mas com todo o corpo, e isso surge quando não há pensamento a decorrer. O mesmo acontece com o escutar — a música, o vento, o mar, uma voz. K escutou atentamente, pareceu compreender e disse que era assim.

Em Ojai, Evelyne Blau e Cynthia Wood almoçaram connosco e, depois, Cynthia disse a K que estava disposta a tornar-se administradora. Ele disse que iria abordar o assunto com o restante conselho de administração. Depois, conduziu uma discussão privada na cabana. Foi sobre o pensamento e as suas três realidades: a da natureza, a dos objetos criados pelo pensamento (máquinas, discussões) e a do próprio pensamento (ideias, imaginação). A compreensão da ilusão do pensamento é a verdade. Nisto, K iniciou um diálogo consigo mesmo.

"Já que não questionam, fá-lo-ei eu."

E ele fez ambas as partes de um diálogo. Ficou contente com este recurso e, à noite, disse que iria fazer isto em sessões futuras.

Ele tinha estado irritado com Albion Patterson, "não irritado, mas abalado" pelos seus comentários, e sentiu que Patterson estava a interpretar. "Os primórdios de um sumo sacerdote." Disse também que tinha estado a pensar em Rajagopal e Rosalind e já não sentia que uma tentativa da sua parte para os ajudar a "arrependerem-se", a desfazer o mal que tinham feito, iria resultar. "Acho que vou deixar isso em paz."

As descrições de Evelyne e Mark Lee ao encontrarem-se com Rosalind pareciam ter trazido a imagem da mesma mulher mesquinha e conspiradora. Ele descreveu a zanga dela quando ele costumava curar: "Por que fazes isso!" e o facto de ela se ir embora quando ele costumava falar com os professores da Happy Valley School. Ela não vinha às discussões. "Era demasiado estúpida para compreender." E ele repetiu o comentário dela quando *Commentaries on Living* [Comentários sobre a Vida] foi publicado: "Foste tu que escreveste isto? Não podias ter sido. Deve ter sido o Rajagopal." Uma amiga disse a Erna que, após muitas conversas com pessoas do vale, pensava que o objetivo dos Rajagopal tinha sido destruir Krishnamurti e os ensinamentos. K ficou um tanto impressionado por ela pensar isso e disse, nessa noite, que era provavelmente verdade. Ele entrou

antes de ir para a cama e disse: “Quando há compreensão da realidade, há uma ordem infinita. E a lei e a justiça são inerentes à realidade.”

No dia seguinte, um de março, Erna e Theo vieram almoçar, e K disse-lhes que sentia que Albion Patterson se estava a tornar um intérprete. Fez com que Ruth Tettemer viesse e conversou com ela sobre o assunto. Ela sugeriu que K falasse com Patterson.

Regressámos de carro a Malibu e, no caminho, ele disse que a cabeça lhe doía a maior parte do tempo e que tinha estado má nessa manhã. Depois: “Apetece-me fazer algo extravagante; o que havemos de fazer, Maria?”

M: “Vamos ao cinema? Vamos dançar? A Las Vegas?”

K: [risos] “Isso seria um castigo.”

M: “O que seria extravagante?”

K: “Não sei.”

Estava cansado depois do jantar.

A cinco de março, partimos novamente de Malibu para Ojai, com Krishnaji a conduzir. Passado um pouco, ele disse: “Está a acontecer uma coisa curiosa. Uma coisa nova está a ser acrescentada a isto. Esta manhã foi tão fácil; tornou-se bastante comum, está lá — o nada, um vasto nada. A coisa nova que tenho sentido há uns dias — algo, essa palavra sagrado — algo totalmente santo, sagrado. Não sei o que é.”

Estávamos a conduzir ao longo da costa e, quando contornámos a grande rocha, lá estava, do outro lado da planície desimpedida, a montanha Topa Topa acima de Ojai que K tanto estimava e que tinha escalado em anos passados. Nesse dia estava branca de neve. “Que país este é! A verdadeira Califórnia. Quem me dera poder lembrar-me de como isto era em 1922.” Depois, “Maria, temos de ter aquela casa, uma joia, austera, santa. Nada de extravagante ou vistoso.” Uma pausa, depois, “Obrigado por me teres aqui.”

Na noite anterior eu tinha ido para a cama cansada e perturbada por andar a pesquisar documentos relativos à minha herança da casa de Malibu, que seriam necessários para efeitos fiscais quando esta fosse vendida. Os papéis eram tristes, e K deve ter sentido isso, pois disse no carro que se tinha sentido muito próximo. And quando falámos da próxima chegada de David e Saral Bohm e de eu ir ao aeroporto para os receber, ele disse que tinha de ir. "Tenho de estar perto de ti o mais possível." Sentiria ele um perigo para mim? "Não, mas é bom para mim estar contigo."

Ao almoço com Erna e Theo na cabana, falou sobre a casa que iríamos construir e que um dia ele poderia viver apenas ali e em Brockwood. Não na Índia, disse ele. Perguntou se, "quando tivermos a K&R", se o nome de Rajagopal poderia ser retirado dos *Commentaries*. "Não pertence lá." Voltou a falar da observação de que os dois Rajagopal estavam determinados a destruí-lo e aos seus ensinamentos. "Acho que é assim." Depois disse a Erna para não se preocupar com nada.

"Está tudo resolvido. Tudo vai dar certo." Riu-se enquanto expunha isto com exuberância.

À tarde, conduziu uma discussão na qual abordou a forma de lidar com uma criança que é egocêntrica e chama a atenção portando-se mal. "Consegue-se desviar a atenção dela de si mesma criando outra atenção que ela deseje? Em vez de lhe dar a atenção pessoal que ela quer, desvia-se a atenção dela com a mesma intensidade; canaliza-se a energia dela... Falo a 8000 pessoas em Bombaim sobre coisas que são o oposto do que elas querem. Este é o meu problema — como chegar até elas. Aponto algo que é verdade, faço-as olhar para isso, não como algo oposto a outra coisa. Apelo ao inconsciente delas. Pode haver um movimento inconsciente para a mudança, e esta mesma coisa pode influenciar os pais a enviarem o seu filho para esta escola. A mesma qualidade pode afetar a criança. Pode haver uma exigência, um impulso inconsciente, de que não podemos continuar a viver como temos vivido na violência. Portanto, há duas coisas: direcionar a atenção dela e falar ao seu inconsciente. Não se deve colocá-la numa posição de resistência. Ela pode estar aqui devido a outra coisa, enviada para aqui — não pelos pais. Por conseguinte, a minha responsabilidade é muito maior."

Realizaram-se mais discussões nos dias seguintes e, a oito de março, K falou a sós com Albion Patterson e confrontou-o com o facto de ele falar contra as pessoas. Disse que uma pessoa religiosa deve ser gentil, paciente. Patterson disse que K era impaciente. K disse: "Não sou impaciente, mas tu repetes vezes sem conta coisas que eu já disse." Disse a Patterson que ele andava a criticar Brockwood e a escola de Ojai perante outros. Patterson negou tudo e disse que era apenas a sua forma de falar — hipérbole —, um exagero ganho com os seus anos na América Latina. K disse-lhe que ele se estava a armar em intérprete dos ensinamentos. Quando Patterson negou ter dito coisas sobre a escola aos Lilliefelt, K chamou-os e eles esclareceram a situação. Depois, regressámos a casa, para Malibu.

Chegou um telegrama de Balasundaram a dizer que Vasanta Vihar pertencia agora ao Krishnamurti Trust Madras. A onze de março, fui ao escritório de Louis Blau, onde ele, Erna, Theo e eu discutimos as finanças da KFA, e Lou sugeriu que, por razões fiscais, eu deveria comprar toda a propriedade da McAndrew Road antes de ampliar la cabana. Mais tarde, ela seria devolvida à KFA. Cheguei a casa tarde e encontrei Krishnaji à espera, no escuro, na curva do acesso automóvel, de roupão branco.

Os arquitetos Charles Moore e Charles Rusch vieram a Malibu na manhã seguinte com plantas preliminares, que discutimos até à hora de K e eu irmos receber Saral e David Bohm ao aeroporto. Trouxemo-los de volta a Malibu para passar a noite. Na manhã seguinte, levámo-los para Ojai e para o recém-ampliado apartamento de hóspedes no andar de cima, ao lado da Pine Cottage. Às 11:00, houve uma reunião de administradores da KFA na qual Cynthia Wood foi eleita, a qual durou todo o dia, exceto para o almoço em Arya Vihara. Saí da reunião quando foi discutida a questão de me venderem a propriedade de McAndrew, antes de eu ampliar a cabana para a tornar numa residência adequada para K, e as condições para a sua devolução à KFA. Eles concordaram, a reunião terminou depois das 17:00 e fomos todos dar um passeio.

Na manhã seguinte, K conversou com David sobre o que um centro deveria ser e, à tarde, fizeram um diálogo juntos, que eu gravei em fita. Durante o mesmo, K disse: "Toda a causalidade é mecânica" e "Todo o pensamento conduz à dor". Houve novamente uma longa caminhada. A

dezasseis de março, Sunanda e Pama Patwardhan chegaram e passaram duas noites em Malibu, e depois levámo-los para Ojai.

Tinha sido planeada uma conferência para discutir o tema: "Numa Sociedade em Desintegração, Qual É a Ação Correta para a Sobrevivência?" Os participantes eram na sua maioria cientistas e amplamente escolhidos por David Bohm. Realizou-se na casa dos Lilliefelt. A primeira reunião foi de manhã, a dezanove de março. David foi o presidente e pediu a K para abrir a reunião. Ele falou de a essência da religião ser a descoberta do que é a verdade, a realidade. Quando isso não existe, há degeneração. A transformação do indivíduo é a transformação do mundo, usando a palavra indivíduo no sentido de inteiro, indivisível. Durante a discussão, o Professor Sudarshan perguntou se existia tal coisa como outro estado, e K respondeu: "Eu diria que sim, mas não para ser experienciado." K disse que todo o pensamento conduz ao sofrimento; toda a religião se baseia no pensamento. Conduzirá a morte à imortalidade, poderá um ser humano aprender o que é a morte, um estado de intemporalidade? Ele disse: "Um homem que sofre vive nas trevas." Disse que há uma qualidade da mente que é livre do pensamento; tudo o que se baseia no pensamento está sujeito ao tempo; o tempo é a essência do sofrimento. Se o pensamento transbordar para a intemporalidade, então é ilusão. Portanto, o pensamento deve ver as suas limitações e parar aí, sem qualquer esforço ou compulsão. "Se eu vir a limitação, então começa a verdadeira meditação, então posso explorar o que é o sofrimento. Se eu vir o todo, não é sofrimento."

Krishnaji dominou facilmente a reunião sem o desejar. A maior parte do grupo manteve-se em silêncio. Falou com eloquência enérgica e um gesto ocasional para dar ênfase, com o punho fechado e o polegar para cima. A reunião da manhã terminou e mudou-se para Arya Vihara, onde Alan Hooker e Michael Krohnen tinham o almoço pronto no pátio. À sessão da tarde juntou-se Margaret Trudeau, esposa do primeiro-ministro canadiano, que ali se encontrava por sugestão de um dos participantes. Ela tinha pedido para ficar incógnita, e os Lilliefelt tinham-na convidado para ficar em casa deles. Escutou atentamente e tirou notas num pequeno livro.

No segundo dia da conferência, o Dr. Anthony Wilden, professor na Universidade Simon Fraser no Canadá, chegou com uma jovem e um

jovem. Erna explicou que não podiam assistir mais observadores, mas, uma vez que ali estavam, podiam ficar, sentados junto à porta. Wilden agarrou numa cadeira dobrável e entrou intempestivamente, colocando-a, juntamente com a rapariga, mesmo atrás de K e ao lado da Sra. Trudeau, dizendo-lhe: "Olá, Maggie". Foi depois para o seu lugar à mesa da conferência e sentou-se com um olhar sombrio.

K iniciou a conferência falando sobre a mente e a consciência não serem separadas. Após pouco tempo, Wilden fez um discurso longo e desdenhoso sobre toda a consciência atual ser o resultado de condições socioeconómicas desde 1720. Aparentemente não havia egos antes disso, e éramos todos mentalidades de classe média. Era isso que devia ser discutido. O seu comportamento continuou a ser cada vez mais desdenhoso, rude, e disse a David Bohm, que discordou de uma das suas afirmações, que ele não sabia rigorosamente nada sobre o que raio estava a falar. Krishnaji foi gentil, firme, e tentou guiá-lo à razão, mas sem grande sucesso. Felizmente, ele não esteve presente na sessão da tarde.

Margaret Trudeau disse que nunca o tinha conhecido e que ninguém lhe chamava Maggie. Disse que, algumas semanas antes, numa entrevista televisiva, lhe tinham perguntado o que a tinha influenciado e ela tinha mencionado Krishnamurti. Wilden ouviu, telefonou e convidou-a para a conferência. Ela queria vir, mas estava incerta quanto ao convite e escreveu a K, o que fez com que eu lhe telefonasse para esclarecer a situação.

A sessão da tarde foi mais calma. Krishnaji falou de uma parte da mente ser mecânica porque aquilo que tem causa é sempre mecânico. Perguntou se existe uma parte que não seja mecânica. Disse que a compreensão do prazer e o fim do medo e da dor são necessários para ir além do pensamento. Perguntou se viver sem ego é possível — podemos agir sem conclusões, imagens? Podemos evitar a criação de imagens e apagar as que já lá estão? O pensamento é sempre limitado e, por causa disso, cria imagens. É a insanidade que cria imagens. Foi levantada uma questão sobre a razão pela qual a perceção nem sempre funciona à primeira. K perguntou se estamos condicionados ao processo do tempo, ao ver gradual. Disse: "Se déssemos uma atenção completa — mas não damos. Não estamos dispostos a dar as nossas vidas a isto. Estamos preocupados com a nossa própria clareza, não com a clareza em si. Se

escutarem sem resistência, se não houver barreiras, então têm-no, viram-no. Na escuta total, o problema está terminado." Disse que primeiro racionalizamos e depois tentamos perceber. Perceber é uma visão direta. "Deixem que a pergunta vos responda, não vocês à pergunta. A perceção é intemporal. A ação correta é sempre intemporal."

O dia vinte e um de março foi o terceiro dia da conferência, e Anthony Wilden apareceu. Tinha-se cruzado com Margaret Trudeau lá fora e falou com ela de forma tão agressiva que ela estava a tremer e me disse que estava assustada. Antes que eu pudesse responder, a conferência começou. Krishnaji iniciou perguntando o que era a ação correta que não nasce de uma ideia, e o que se segue quando há ação na perceção? Wilden escutou apenas por breves momentos e começou uma tirada sobre ter sido recebido com violência quando chegara. Tinham-lhe dito que o seu amigo não podia assistir, mas outros tinham lá as esposas. Eu disse que ele tinha trazido duas pessoas sem convite e que, devido ao tamanho da sala, não tínhamos podido convidar muitos que queriam assistir, etc. Ele disse que não conhecia o homem que tinha vindo com ele. Eu disse que ele — Wilden — era convidado da Fundação e que se lhe pedia que se conformasse com as condições proporcionadas, mas ele continuou a bradar, recusando-se a acalmar, começou a enfiar os seus papéis numa pasta, vestiu o casaco, levantou-se e acenou com um livro em direção a todos, dizendo algo como: "Se querem aprender — leiam isto!" (um livro da sua autoria) e depois, desafiadoramente, puxou de um cigarro e acendeu-o. David Bohm salientou que tinha sido pedido para não se fumar. "É exatamente isso que eu quero dizer!", disse Wilden, depois atirou as mãos ao ar e disse: "Deixem-me ir embora!" Um pequeno coro de "Pois bem — vai!" fez-se ouvir, e ele retirou-se. Foi preciso a maior parte do resto da manhã para que a conferência assentasse. Veio a verificar-se que David Shainberg apenas tinha folheado um livro de Wilden e ficara com a impressão de que ele estava interessado em Krishnamurti. Com base nessa nesga de informação, tinha-o convidado.

O quarto dia produziu os seus próprios problemas, ligeiramente diferentes: um dos participantes achou que a Sra. Trudeau devia ser tornada participante e isto levou a que todos os observadores fossem incluídos, e alguns desejaram que fossem discutidos problemas pessoais. Dois, em particular, queriam aprofundar a "violência" que tinha surgido a nível

pessoal. Isto coloriu o quinto dia e, na sexta e última reunião, David Bohm veio previamente à cabana falar com Krishnaji sobre como proceder.

No início da reunião, K falou sobre o silêncio e depois propôs que todos ficassem em silêncio durante quinze minutos. No fim disto, perguntou à pessoa que tinha levantado as questões pessoais se ainda queria que o seu problema fosse abordado. O homem respondeu que tinha visto que o problema estava em si mesmo e, assim, a discussão ficou libertada e prosseguiu até profundidades consideráveis. À tarde deu-se por terminada, e a maioria das pessoas partiu.

Na manhã seguinte, vinte e seis de março, David Bohm e David Shainberg vieram à cabana para discutir a gravação em vídeo de diálogos que fariam juntos em Brockwood, em maio. Erna entrou depois, enquanto tomávamos o pequeno-almoço. "Graças a Deus pela Sra. L.!", disse K mais tarde. Às 12:30, ele deu uma entrevista à Dra. Renée Weber, que tinha estado na conferência e ensinava filosofia na Universidade Rutgers. Ela ficou para almoçar em Arya Vihara com os Bohm, os Lilliefelt, os Patwardhan, Mark Lee e Michael Krohnen. A conferência foi discutida e, em certos conceitos hindus, K explicou a hierarquia da ST. Enquanto o fazia, percebeu que estava a descrever uma versão própria. "Não se deve misturar", disse ele. Havia aquela atmosfera curiosa enquanto ele falava. Regressámos de carro a Malibu.

## Capítulo Trinta e Oito

Seguiram-se alguns dias calmos em Malibu. Sunanda veio de Ojai para ficar, houve caminhadas na praia, fomos ao cinema e eu fui falar com um advogado de imigração para obter informações sobre a obtenção de residência legal de K nos EUA.

A trinta e um de março de 1976, regressámos a Ojai para as palestras públicas de Krishnamurti. Além de Sunanda e Pama Patwardhan estarem lá, chegaram Narayan, Shakuntala e a filha de ambos, Natasha; chegaram também Mavis e Reg Bennett, e Asit Chandmal. Houve uma súbita vaga de frio no dia da primeira palestra, três de abril, mas o público era numeroso. K notou os Vigeveno e cumprimentou-os amavelmente. Rajagopal foi visto na multidão na discussão pública do dia seis.

A nove de abril, às 11:00, Sunanda, Pama, Asit, Erna, Theo e eu fomos ao escritório da K&R para ver os arquivos de Krishnamurti. Como, de acordo com o acordo judicial, tínhamos de avisar da visita, Erna tinha dito à Sra. Vigeveno, nove dias antes, que iríamos. Ela disse que era necessário perguntar ao Sr. Christensen. Erna respondeu que íamos ao abrigo do acordo de transação e que nada mais era necessário. A Sra. V. ficou de lhe dizer algo no dia seguinte e não o fez. Erna falou com o Sr. Cohen, que disse para avançarmos. Chegámos ao escritório da K&R, que estava trancado. Caminhámos todos até à casa dos Vigeveno e uma Sra. V. agitada abriu a porta, dizendo que Christensen tinha tentado contactar o Sr. Cohen e a Sra. Lilliefelt e não tinha conseguido (Erna tinha estado em casa o dia todo e nenhuma chamada chegou ao escritório); e que não podíamos ver os arquivos. Apresentámos os indianos, que eram administradores da KF Índia e que só estavam em Ojai por breves dias, etc. Não. Erna sugeriu então que ela telefonasse a Christensen naquele momento, já que ele tinha tentado contactá-la. A Sra. V., relutantemente, deixou-nos entrar e demorou muito tempo a encontrar o número, marcou-o, Erna falou com ele e depois eu falei. Ele disse que não era conveniente para os seus clientes; os direitos "razoáveis" de visita tinham de ser estabelecidos antes de podermos ir. Perguntei o que poderiam considerar mais razoável do que um aviso de nove dias e uma visita às 11:00 de um dia útil. Ele reiterou que não era conveniente. Eu disse que a conveniência definida por eles poderia impedir-nos de alguma vez termos acesso. Ele disse que tínhamos de resolver isto, e eu sugeri que ele fosse mais recetivo às cartas e telefonemas do Sr. Cohen para podermos acabar com esta farsa. Pus a Erna de volta ao telefone, que foi muito mais suave, e fomos embora. Ao voltar para o carro, os indianos sugeriram ir diretamente ao outro lado da rua, a casa de Rajagopal. Erna e eu dissemos que não iríamos, mas instámos Theo a acompanhá-los, e eles foram. Desbarbado e de roupão, Rajagopal recebeu-os, cumprimentou Sunanda entusiasticamente, sentaram-se no alpendre e ele disse que estava de mãos atadas — era o conselho do seu advogado. Depois convidou Sunanda a vir no dia seguinte e ele mostrar-lhe-ia tudo. Asit disse que se ia ir embora nesse dia e gostaria de ver o relato da sua tia [Pupul Jayakar] sobre o evento de K em Ootacamund. R disse que não sabia muito bem onde estava cada coisa. Sunanda disse que lhe diria algo e eles partiram.

Durante o almoço em Arya Vihara, contámos tudo a Krishnaji. Sunanda, Pama e Asit estavam chocados com o que tinham visto. Sunanda ficou com os olhos cheios de lágrimas. K disse que Rajagopal era um canalha, que era insultuoso convidá-la a ela enquanto recusava a entrada aos restantes de nós. Sunanda disse que era horrível ver um homem tão deteriorado, uma tragédia para ele. Eu disse que é sempre uma tragédia quando uma pessoa se comporta de forma má, Hitler foi uma tragédia, mas a minha simpatia ia para as vítimas de tais pessoas. Rajagopal tinha no passado, e continuava a fazê-lo, cuspido em algo que todos considerávamos sagrado. Tinha sido isso o que tínhamos visto. Mais tarde, Sunanda telefonou a Rajagopal a dizer que não ia.

K deu a sua terceira e quarta palestras no fim de semana e conduziu discussões sobre educação à tarde. Os Siddoo, os Tapa, os Patwardhan e os Narayan, etc., estavam lá e, depois, Sunanda e Pama partiram. A Sra. Mathias, que estava hospedada em Ojai com a Sra. Porter, veio várias vezes ver K. Eu fui encontrar-me com Charles Moore no Pacific Design Center para ver mosaicos e eletrodomésticos, e analisei os planos para a cabana, regressei a Malibu para o jantar com os Dunne e estava de volta a Ojai pelas 20:40. No dia quinze, na reunião pública, K tentou conduzir a discussão com três pessoas — Fritz Wilhelm, Narayan e David Moody — na qual o público se pudesse juntar. O tema era o mesmo da conferência dos cientistas: “Numa Sociedade em Desintegração, Qual É a Ação Correta para Sobreviver em Liberdade?” À tarde, conduziu outra reunião na cabana sobre as atividades no centro e depois deu um passeio pela Thacher Road. Houve discussões semelhantes no dia seguinte. Erna e eu falámos com Stanley Cohen sobre processar ou não Rajagopal pelo incumprimento do acordo de transação e decidimos tentar primeiro através de Christensen, com pressupostos de um processo.

A sexta e última palestra foi a dezoito de abril para cerca de 5000 pessoas. Falou sobre religião, meditação e beleza. Voltámos para la cabana e parámos as malas antes de mais uma reunião com David Bohm, Fritz Wilhelm, os Lilliefelt e Alan Kishbaugh sobre os planos para o Centro de Adultos, que Fritz se ia mudar para Ojai para dirigir. Deixámos então Ojai e regressámos a Malibu a tempo do jantar.

Durante os dez dias seguintes, houve mais reuniões sobre a ampliação da Pine Cottage, fui levantar os formulários para preencher para a autorização de residência de Krishnaji, fomos ao cinema duas vezes com Alan Kishbaugh, caminhámos como sempre na praia e os Narayan vieram almoçar. Ele tinha estado no Canadá e decidiu-se que ele se juntaria aos Siddoo e criaria uma escola e um centro ali.

A vinte e seis de abril, numa manhã límpida e maravilhosa, estávamos com as malas prontas para partir para o aeroporto quando Alan chegou às sete. Krishnaji conduziu com ele, e Amanda seguiu comigo após as despedidas a Phil e Philippa. K e eu voámos para Nova Iorque. O meu irmão tinha enviado um carro para nos receber e estávamos de volta ao familiar pequeno apartamento na Ritz Tower pelas 18:00. Na manhã seguinte, o irmão de Narayan veio ver K e, mais tarde, o meu irmão levou-nos a almoçar ao Côte Basque. Ele tinha estado a ler a biografia de K por Mary Lutyens e falou longamente sobre ela. A razão para a paragem em Nova Iorque era a conferência de psiquiatras organizada por David Shainberg, à qual levámos Sunanda e Pama, e depois ao almoço seguinte. Eles regressaram ao apartamento e conversaram longamente. A trinta de abril voámos para Inglaterra e fomos recebidos na manhã seguinte por Dorothy, Doris e Ted Cartee. As árvores estavam precisamente a começar a ganhar folhas em Brockwood, o período escolar começava nesse dia e era bom estar ali uma vez mais.

## Notas de Tradução

- **Commentaries on Living:** Manteve-se o título original em itálico, seguido da tradução correspondente em Portugal (*Comentários sobre a Vida*) entre parênteses retos para total clareza do leitor.
- **Green card:** Expressão idiomática e designação oficial do visto de residência nos EUA, conservada na língua de origem em itálico.
- **KFA / KF Índia / ST:** Siglas mantidas conforme o original (Krishnamurti Foundation America, Krishnamurti Foundation India e Sociedade Teosófica, respetivamente).
- **McAndrew Road / Thacher Road / Zuma Beach / Ritz Tower / Côte Basque:** Todos os nomes próprios de artérias, praias e

estabelecimentos foram integralmente preservados com a grafia original.

- **50 milhas por hora:** Equivalente a cerca de $80\text{ km/h}$. Manteve-se a tradução do texto literal da unidade de medida para total fidelidade ao registo da autora.

K decidiu que, além de falar com a escola inteira, também teria reuniões a sós com os alunos. Eles gostaram imenso disto. Aparentemente, sentavam-se todos no chão e vinham para o almoço com um ar muito satisfeito. Vinha gente para ficar hospedada — Pascaline Mallet por uns dias, e Aditi Mangaldas, neta de Nandini, veio por três semanas. No dia doze de maio, foi o octogésimo primeiro aniversário de Krishnamurti. Ele entrou quando eu passava a ferro, na alvorada que antecedia os exercícios. Um desdenhoso "Oh" foi tudo o que disse, descartando o seu aniversário. Estava brincalhão e radiante na cozinha enquanto preparávamos o pequeno-almoço. Mais tarde, a secção de recensões literárias do *The Guardian* telefonou a querer entrevistá-lo sobre o *Notebook* [Diário de Krishnamurti], prestes a ser publicado, e a BBC também ia enviar um entrevistador de rádio. "Por que estão interessados?", perguntou K, ignorando as razões óbvias. Passou a manhã na cama, a ler e a dormir, mas quando viu a Dorothy mais tarde, como também era o aniversário dela, encheu-a de "parabéns a você" e depois disse: "Isso resolve o assunto!". Sob um vento forte, ele, ela e eu caminhámos quatro milhas através dos campos. K irradiava vitalidade. À noite, vimos um episódio longo do *Kojak* na televisão.

Dois dias depois, fui à embaixada dos EUA em Londres para dar entrada com o pedido de visto de imigração de Krishnamurti para residência permanente — o *"green card"*. Quando regressei a Brockwood, Jackie Kornfeld tinha chegado para ficar durante a gravação em vídeo das discussões entre Krishnaji, David Bohm e David Shainberg. Tinha sido ela a sugerir estes diálogos, tendo organizado e doado os custos do projeto. O equipamento de vídeo foi montado na sala de estar da Ala Oeste e, a dezassete de maio, começaram as gravações. Continuaram diariamente nessa semana, sete diálogos no total. Foi feito com equipamento e perícia profissionais, e os resultados foram muito bons. Foi gravado em fita a cores de duas polegadas, recorrendo a três câmaras. K tinha um relógio grande fora do enquadramento da câmara e manteve o tempo e o ritmo

controlados. Estas discussões constituem a série intitulada *The Transformation of Man* [A Transformação do Homem].

No segundo dia de gravações, K disse-me à noite: "Tive a meditação mais extraordinária enquanto estava sentado ao pequeno-almoço. Ausentei-me. Tenho de ser muito cuidadoso. Sabes, a morte está muito próxima. Não deves ficar com essa cara quando menciono a morte. Não é isso. É um vazio completo, o nada."

As gravações em vídeo ficaram concluídas a vinte e um de maio e, na semana seguinte, Krishnamurti foi entrevistado sobre a publicação de *Krishnamurti's Notebook* pela rádio da BBC, e também por Angela Neustatter para o jornal *The Guardian*. K, que teve febre dos fenos durante as gravações, pôde finalmente voltar a dar um passeio. A um de junho, fui a Londres, ao Alto Comissariado da Índia, para obter um certificado de registo criminal necessário para o pedido de imigração de K. Narayan veio comigo e foi muito prestável. Fomos ver o Sr. Vethakhan, secretário para a educação, que agilizou todo o processo e levou-nos a almoçar a um restaurante indiano ali perto. Mais tarde, fui buscar os bilhetes de K e os meus para Paris.

Nos dias que se seguiram, K falou à escola e fomos a Londres ao dentista dele e à Huntsman para provas de roupa. Quando saiu a recensão do *Notebook* no *The Guardian*, K percebeu que não era grande coisa e disse: "Vou eu fazer a recensão!", e ditou uma recensão anónima esplêndida, rindo-se ao longo de todo o processo.

Poucos dias depois, a vinte e um de junho, almoçámos com Mary Links no Fortnum e K deu-lhe a sua recensão do *Notebook* para ler, sem lhe dizer quem a tinha escrito, observando-a a ler com um olhar divertido. Achei que ela ia adivinhar, mas não adivinhou. No fim, ela perguntou e houve muitas gargalhadas. Depois do almoço, K apanhou um táxi para o seu dentista e regressou sozinho à Huntsman, onde me encontrei com ele. Estas saídas a sós deixavam-me nervosa, mas pareciam agradar-lhe. De volta a Brockwood, vimos ténis de Wimbledon e golfe do US Open. Ele disse que tinha deixado o golfe por completo quando se mudara para longe do local onde jogava. "Interessante", disse ele. "Eu era muito bom no golfe

e a tocar flauta [em Paris], mas isso também desapareceu, como se eu existisse apenas para fazer isto, tudo se canalizou para isto." [falar]

Uma vaga de calor abateu-se sobre o sul de Inglaterra, mas a vida na escola continuou. K falou com os alunos e, numa discussão interessante, falou sobre registar apenas ao nível biológico ou técnico, mas não ao nível psicológico — um "superficialíssimo, superficialíssimo registo sem reação, ou o eu psicológico". O calor continuou a aumentar, 104 em Wimbledon e 95 em Londres — constando ser o mais alto de sempre —, mas estava na altura de fazer as malas.

Na terça-feira, vinte e nove de junho, levantámo-nos cedo, estava tudo em boa ordem e a Dorothy levou-nos de carro a Heathrow, fazendo uma pausa para um piquenique-almoço em Virginia Water, onde encontrámos um pouco de sombra e um sopro de brisa. A British Airways levou-nos a Paris, aterrando pela nossa primeira vez no novo aeroporto Charles de Gaulle. Paris estava ainda mais quente do que Inglaterra, e apenas o átrio do Plaza Athénée tinha ar condicionado, mas, apesar do calor, fomos dar um passeio para esticar as pernas. Depois, jantámos nos nossos quartos habituais.

No dia seguinte, almoçámos sob os guarda-sóis no jardim do hotel: melão, gaspacho, pequenos *haricots verts* [feijões-verdes], *tagliatelle au gratin* e *fraises des bois* [morangos-silvestres]. Nadia Kossiakof juntou-se a nós para o café, deu novidades sobre publicações e também relatórios de saúde. A Mme. Duché, que tinha um cancro de evolução lenta, estava a trabalhar em três traduções: *Krishnamurti's Notebook*, *Tradition and Revolution* [Tradição e Revolução] e *Krishnamurti On Education* [Krishnamurti sobre a Educação]. Disse também que Carlos Suarès tinha um cancro em fase terminal. Mais tarde, perguntei a K se queria fazer algo em relação aos Suarès. Disse que não. Eles não queriam contato com ele.

O calor estava abrasador novamente no dia seguinte. Conseguimos fazer alguns pequenos recados de compras e almoçámos outra vez no jardim, que conseguia parecer fresco com toldos floridos, arbustos, trepadeiras e pássaros, um serviço impecável e comida muito boa. Era um lugar popular entre pessoas que pareciam saídas das páginas dos romances de suspense absurdos que líamos. Após um curto descanso, caminhámos

até um cinema que exibia *Butch Cassidy et Le Kid* [Butch Cassidy e o Cowboy]. Eu achava que K já o tinha visto, mas, se viu, tinha-se esquecido, pelo que foi um sucesso.

## Capítulo Trinta e Nove

Na sexta-feira, dois de julho de 1976, voámos de Paris para Genebra, levantámos um Opel de um verde ofuscante em vez do BMW esperado e conduzimos até à cidade para os recados anuais: à Patek para a inspeção dos relógios, ao Grand Passage para algumas pequenas coisas e depois à Jacquet, onde K escolheu sedas para gravatas para Joe Links e para si próprio. Depois, seguindo ao longo do lago, partimos para Gstaad. O ar ficou limpo e fresco. A Suíça estava seca, mas sem o aspeto calcinado da França. K estava com sede e parámos para beber sumo de maçã. A região acima de Lausana estava bela como sempre, e o ar tinha o sabor das montanhas. Finalmente Gstaad, fresca, verde e banhada pela chuva. Vanda e Fosca estavam no chalé, e tudo estava limpo, calmo e sereno. As montanhas estavam imperturbáveis, como sempre, com neve. Desfiz as malas e desapareci num sono profundo.

Como são estreitos os limites dentro dos quais o corpo consegue funcionar corretamente. K e eu ficámos ambos revigorados no dia seguinte. Choveu um pouco, houve alguns recados a fazer na aldeia e K cortou o cabelo. No domingo, houve notícias de comandos israelitas que resgataram 100 reféns desviados num avião da Air France retido por terroristas em Angola, enquanto em Gstaad K recebeu a visita das duas irmãs Siddoo e do convidado destas, Tapas. Trouxeram mangas e contaram que tinham comprado trinta e dois acres e uma casa à beira-mar em Vancouver Island para a sua escola. Mostraram fotografias e queriam iniciá-la em setembro. Narayan foi discutido para o cargo de diretor. K tinha recebido uma carta de Sunanda a dizer que Balasundaram estava a pensar ceder a direção de Rishi Valley.

Na terça-feira, seis de julho, o Sr. Rusu veio ver K à tarde e disse que estivera à beira da morte no hospital há vários meses e que K se tinha deslocado junto dele durante oito horas e lhe tinha salvo a vida. Também alegou ter conhecido o Lord Maitreya. K não teceu comentários ao Sr.

Rusu sobre isto, mas desvalorizou o assunto mais tarde comigo. Foi dar um passeio e eu conduzi o Sr. Rusu a casa.

De manhã, K falou-me de "um acontecimento estranho" e depois, enquanto almoçava, voltou a falar dele à Vanda e a mim, e ditou o seguinte:

"Antes de começar os *asanas*, ele geralmente senta-se calmamente, sem pensar em nada, mas esta manhã deu-se um acontecimento estranho, totalmente inesperado e de forma alguma provocado, e, além disso, não se podem provocar estas coisas. De repente, pareceu que no próprio centro do cérebro, da cabeça, bem lá dentro, havia um vasto espaço no qual se encontrava uma energia inimaginável. É uma parte, ou é ali, que absolutamente nada se regista — pois aquilo que se regista é um desperdício de energia. Se lhe puderem chamar algo, era energia pura num espaço ilimitado, um espaço que não tinha nada senão esta sensação de imensidade. Não se sabe quanto tempo durou, mas esteve lá durante toda a manhã e, enquanto isto está a ser escrito, é como se estivesse a criar raízes e a tornar-se firme. Estas coisas não são propriamente a coisa em si. *Basta*. É melhor ir comer."

Na quarta-feira, sete de julho, K recebeu uma carta de Pupul a dizer que se tinha acabado de encontrar com a primeira-ministra e "organizei tudo relativamente à sua visita aqui este inverno. Disse-lhe que a KFI estava ansiosa por o convidar a vir e a realizar discussões e palestras na Índia este ano, e queríamos conversar com ela sobre o assunto para que não houvesse constrangimentos de parte a parte. Ela garantiu-me calorosamente que 'Krishnaji é muitíssimo bem-vindo a vir e a falar aqui'. Disse-lhe então que o senhor realizaria discussões e palestras públicas e ela disse que não haveria problema e que esta organização estaria 'perfeitamente bem'. Ela sabe das suas palestras e leu vários dos seus livros. Também lhe disse que, se houvesse que fazer quaisquer preparativos locais em Bombaim e Madras, onde se realizarão as palestras públicas, eu diria ao ministro-chefe que este assunto tinha sido esclarecido com ela e ela pediu-me para o fazer. Não há, portanto, problema de espécie alguma e o senhor deve avançar e fixar o seu programa para vir à Índia em conformidade. Estou disposta a dar garantia absoluta."

K também recebeu uma carta separada de Pupul, datada de vinte e quatro de junho de 1976, de Bombaim, dizendo que ela e Nandini tinham estado a escrever tudo o que se lembravam dos incidentes em Ootacamund em maio–junho de 1948. Esta era uma tentativa de preencher as partes em falta no registo escrito por Pupul na altura e entregue a Rajagopal para salvaguarda, mas ausente das fotocópias que este forneceu à KFA na primavera de 1975, conforme exigido no acordo de transação. Pupul declarou que, durante os incidentes, escrevia todas as noites o que se tinha passado. Ela e Nandini viviam num hotel próximo. K estava alojado com a Sr.ª Hilla Petit e Maurice Frydman. Descreveu a dor de K na coluna, na nuca e num dente. K tinha-lhes pedido, a ela e a Nandini, para se sentarem calmamente, não interferirem e não terem medo, não lhe tocarem exceto para lhe fecharem a boca se ele desmaiasse. E, sob circunstância alguma, deixarem o corpo sozinho. Ele agitava-se na cama, tinha acessos de tremores, clamava por Krishna e depois levava a mão à boca dizendo: "Não devo chamar por ele." O corpo parecia ser apenas uma concha. Neste estado, a voz era frágil, infantil. Depois, subitamente, o corpo parecia encher-se de uma vasta presença. K sentava-se de pernas cruzadas, de olhos fechados, o corpo frágil parecia crescer e encher a sala, e havia um silêncio palpável, pulsante, que se derramava pela sala e as envolvia. Lembravam-se vividamente de um incidente: "K com grandes dores, o estômago inchado, lágrimas a correr-lhe pelo rosto, desmaiou subitamente e o seu corpo ficou intensamente imóvel. Os vestígios de dor e cansaço foram apagados. O rosto era de uma enorme beleza; havia uma radiância, uma luz que o iluminava, e uma sensação de vastidão que nunca tínhamos testemunhado. Uma qualidade de sagrado encheu a sala. Por momentos permaneceu imóvel, depois os seus olhos abriram-se. Viu-nos e, passado algum tempo, disse: 'Viram aquele rosto?'. Dissemos que sim, mas não conseguimos dizer mais nada, pois faltavam-nos as palavras. Permaneceu em silêncio e depois 'o Buda esteve aqui'. E depois, passado algum tempo: 'Vós sois abençoadas'. A maior parte do tempo na sala não tínhamos qualquer papel a desempenhar no que estava a acontecer, e no entanto tínhamos uma função que não conseguíamos compreender. Interrogámo-lo durante o dia, mas ele tornava-se vago e não explicava. Na maioria das ocasiões, enquanto a dor o atormentava, falava de árvores, do vento e da chuva, da natureza, das suas tempestades e dos seus vastos silêncios. Não havia nada de pessoal nele durante os incidentes, nenhuma emoção,

nenhuma relação connosco. A provação parecia física e, no entanto, no dia seguinte não deixava marcas no seu rosto ou corpo. Nem uma palavra dita por ele tinha conotações psicológicas. O que dizia era totalmente impessoal. A sensação do sagrado impregnava a sala e a atmosfera em todas as ocasiões." Está assinada por Pupul Jayakar e Nandini Mehta e datada de 23 de junho de 1976.

Krishnaji não a leu durante bastante tempo. Disse: "Lê-la-emos juntos mais tarde." E depois foi adiando. Quando lhe perguntei sobre isso mais tarde, disse: "Já a vi. Teria vergonha de a ver lida em voz alta."

No dia seguinte, Edgar Graf veio almoçar com a Vanda e comigo. Mais tarde, fui lanchar com os Siddoo e o Tapas. K queria que eu falasse com eles informalmente. Não abordei o assunto de Narayan, uma situação da qual preferia manter-me de fora, sentindo que eles deviam resolver o assunto por si próprios.

Vanda andava a instar K a ver Iyengar, que estava em Gstaad por uns dias. K não queria nada com ele e não aceitaria receber uma lição dele. Vanda tinha-lhe mostrado o banco de ioga, que ele disse ser aceitável para K, mas que, para evitar a afluência de sangue que este provoca na cabeça, parte do peso deveria incidir nos antebraços. Vanda convenceu K a deixar Iyengar vir cumprimentá-lo antes de partir. Mais tarde, K disse que ele era um homem cheio de arrogância e presunção.

Domingo, onze de julho, realizou-se na tenda, às 10:30, a primeira palestra de Saanen do ano de Krishnaji. Eu tinha trocado o Opel assustadoramente verde por um Fiat mais pequeno, de cor de pera e, sentada nele à espera junto à porta do chalé, era uma época de maravilha que regressava; mais um ano, o brilho alpino da luz, uma sensação de bênção tão tranquila, a iminência de ele cruzar a porta em direção à luz do sol, todo ele graça e a caminho. A tenda estava quase cheia. Encontrei um lugar perto da mesa dos livros. À noite, o Scott começou a exibir na tenda os vídeos das discussões de Krishnaji com David Bohm e David Shainberg. Estas continuaram ao longo da semana, tal como as palestras. Topazia Alliata veio almoçar. Evelyne Blau veio falar comigo sobre assuntos da KFA, depois Mary Cadogan juntou-se a nós e conheceram-se pela primeira vez.

No dia quinze, Krishnaji deu a sua terceira palestra, uma palestra extraordinária sobre o ver com todos os sentidos, um ver total que prescinde do registo psicológico. O irmão de Vanda, a esposa deste e Suad Al Radi vieram almoçar, e K interrogou-a sobre o Próximo Oriente. No dia seguinte, Mar de Manziarly deu a Vanda a notícia de que Carlo Suarès tinha falecido nessa manhã em Paris, de cancro. "Pobre homem", disse K.

No dia dezasseis, realizou-se a reunião anual de todos os comités de K. K iniciou-a relatando a morte de Suarès. Scott Forbes apresentou um relatório sobre os vídeos, Evelyne Blau falou sobre a escola de Ojai e Jackie Siddoo falou sobre a do Canadá. A Mme. Duché veio numa cadeira de rodas. Não tinha estado bem e, segundo o que se dizia em surdina, tinha cancro, mas esperava concluir a tradução de três dos livros de Krishnamurti: *Krishnamurti's Notebook*, *Krishnamurti on Education* e *Tradition and Revolution*. O *Notebook*, dizia ela, era o mais difícil. "Como se põe 'otherness' [alteridade] em francês?" Veio falar com Krishnamurti em privado no dia dezanove.

Vinte e um de julho. Vanda partiu para Florença. As palestras continuaram, as pessoas vinham ver K e ele assistia aos Jogos Olímpicos na televisão. Numa manhã cedo, enquanto eu fazia ioga, Fosca bateu-me à porta e disse que estava uma jovem "para ver o Signor Krishnaji". Fui à porta da frente e ali estava ela no limiar, bastante bonita, vestida com uma saia de camponesa, blusa de organza sem nada por baixo, mas com um olhar determinado no rosto. Tinha vindo para a sua marcação. Expliquei que não havia marcação nenhuma e que o Sr. Krishnamurti provavelmente estaria a dormir. "Então acorde-o." Disse que lamentava, mas que nunca se o incomodava. Ela não arredou pé e acabei por ficar sem argumentos, tendo de fechar educadamente la porta. Ao voltar para o meu quarto, comecei a perguntar-me se ela se teria ido mesmo embora e dirigi-me à cozinha, que dava para o acesso automóvel. Ali no centro, sobre os paralelepípedos, estava ela deitada de costas. Percebendo que a qualquer momento o leiteiro poderia surgir na curva e, não esperando ver um corpo ali deitado, provocar uma desgraça, saí e falei com ela. Sem resposta, apenas olhos fixos. Pensei em epilepsia, mas nesse momento a Mme. Matti, a zeladora do chalé, apareceu, olhou e disse: *"Elle fait du théâtre."* Foi chamar um táxi, que apareceu rapidamente, e felizmente o motorista era uma mulher. Não houve reação por parte do corpo nos paralelepípedos, mas o proprietário do chalé

saiu e, com a ajuda acrescida dele, conseguimos içá-la para o táxi e enviá-lo para o consultório do médico, que também era uma autoridade oficial em Gstaad. Consta que, à chegada, saiu agilmente do táxi, dizendo que não tinha nada de errado e que não podia ser retida. Creio que lhe foram facultados chá e palavras reconfortantes. Fora isso, foi um dia calmo.

No dia seguinte, vinte de julho, K deu a sua sétima e última palestra de Saanen, e Dorothy e Montague mudaram-se do parque de campismo para o chalé. K descansou, mas no dia vinte e oito iniciou a primeira das discussões públicas diárias na tenda. Também conversou com Fritz Wilhelm sobre o centro de adultos em Ojai e também com os Siddoo e Narayan sobre a ida deste para a escola de Vancouver para ser o seu diretor e formar ali também um centro de adultos. K ditou um memorando de acordo. Também ditou uma carta para a Índia a dizer que iria para lá em novembro.

A sete de agosto, Mar de Manziarly ligou de Paris para dizer a Krishnaji que Nadia Kossiakof estava doente no hospital, mas, embora muito fraca, queria que ele soubesse que estava determinada a viver porque ainda tinha trabalho a fazer para ele.

O que se segue é uma citação das minhas notas:

"A dez de agosto, Dorothy e Montague deixaram Tannegg, descendo a colina com estilo no seu Land Rover para parar e recolher a Doris em Saanen antes de partirem para Brockwood. A casa ficou imediatamente silenciosa; recolheu-se na privacidade. Krishnaji sentiu-o. Curioso como fazemos divisões. A Mme. Walsh e os Matti estão por baixo e o proprietário range os soalhos por cima de nós e toca peças de piano de Mozart para si próprio à hora do jantar, mas aqui no meio, o nosso território tem a sua própria dimensão em espaço e atmosfera. Ontem, Krishnaji encontrou-me em lágrimas a ler sobre a morte do seu irmão. Eu andara a respigar as biografias de Mary à procura das moradas e paradeiros de K. O pessoal dos vistos dos EUA tinha enviado um formulário de pedido revisto, que exigia a listagem de todas as moradas onde ele tivesse vivido, mesmo por menos de seis meses, desde 1911. A biografia meticulosa de Mary tornou-o possível. Mas vou lendo partes à medida que avanço e terminei com vontade de chorar e chorar. 'Porquê?', perguntou K.

Tentei dizer-lhe que era por causa de toda a dor pela qual ele teve de passar, a dor física, o Nitya arrancado dele — porquê? Ficou com todas aquelas pessoas tolas, mas, acima de tudo, era pela sua própria paixão intacta e inabalável para transmitir o ensinamento. Nunca vi um momento de desânimo nele. Acho que chorei perante a maravilha da sua existência e era o que eu sentia na Índia, onde parecia haver uma balança enorme com toda a dor, confusão e sofrimento daquele país de milhões de pessoas de um lado e, a equilibrar tudo isso, a figura frágil e infinita de Krishnamurti. O mesmo acontecia hoje com a humanidade inteira com o seu horror e K a equilibrá-la com a sua existência — um ser humano no qual a beleza e a bondade brilham. Senti o desejo selvagem de ser capaz de dar tudo, de morrer por isso. Por isso, quando ele me perguntou o que eu sentia, foi isto o que tentei dizer. Perguntou-me se eu ainda mantinha um diário e para o registar. Fizera-o? Disse que não, que não andava a escrever sobre mim. 'Mas deves', disse ele. 'Dá-lhe garra — o que vês, o que sentes.' Pergunto-me se serei capaz. Escrevo tudo isto sob severas restrições por vezes. Devo mudar."

Por volta de onze de agosto, para os documentos do pedido de visto de Krishnaji, já ia em 1965 — o meu próprio tempo —, mas são páginas e páginas! Viagens sem fim. Sinto uma dor com um impulso protetor de suavizar, de tornar tudo perfeito para ele. Vanda ligou de Florença e disse que regressará sexta-feira ou sábado para uma semana de verificação do ioga dele. Caminhámos até ao rio e vimos o seu fluxo sobre uma certa rocha que é o pulso dele para nós. K observa a água correr e o seu rosto fica vivo e ávido, como o de uma criança. Trovejou quando vínhamos pelos bosques e começaram a cair pingos quando alcançámos o chalé.

Nos dois dias seguintes, consegui concluir a lista das moradas de K de 1911 a 1976, necessária para os papéis do visto, e enviei-a para a embaixada dos EUA em Londres.

A treze de agosto, ele entrou no quarto, pegou num exemplar de *Krishnamurti's Notebook*, abriu-o ao acaso (página 180) e, após alguns momentos, disse: "Bastante bom." Depois, "É tão bom como aquilo?", apontando para um livro de Laurie Lee de que eu dissera gostar. Li-lhe uma frase da sua autoria que descrevia uma rocha em Rishi Valley, enquanto puro estilo de escrita, completamente à parte do que ele tinha para dizer.

Fez sons de desdém, como fazia quando se dizia algo que ele considerava um elogio. Disse que ele devia escrever mais um pouco. “Talvez escreva. Mas se começar não farei mais nada. Falar é o que eu faço, não isso.”

Radha Burnier tinha chegado a Gstaad e veio almoçar. K almoçou num tabuleiro no seu quarto, mas veio depois e conversou com Radha a maior parte da tarde, principalmente sobre a Índia. As coisas estavam exteriormente mais suaves, mais eficientes ali, mas o medo ainda existia por baixo. Pupul parecia ver apenas o lado positivo do que estava a acontecer e não parecia querer olhar para as realidades. Radha e Achyut tinham dificuldade em falar livremente com ela, mas Radha sentia que, com a declaração da primeira-ministra a Pupul de que ele era bem-vindo a vir falar e com a garantia pessoal da primeira-ministra, Krishnaji podia vir em segurança. Levei a Radha de volta ao seu hotel mais tarde e K dormiu a sesta até às 18:00, percebendo depois, estremunhado, que era demasiado tarde para uma caminhada.

À noite, Jackie Kornfeld telefonou dos EUA para dizer que a estação WGBH de Boston estava entusiasmada com os vídeos de K-Bohm-Shainberg e queria, provisoriamente, transmiti-los. Perguntou sobre a edição e sugeriu Sunanda para a fazer, mas eu sugeri que enviassem transcrições das fitas com quaisquer alterações que pudessem desejar, e estas seriam submetidas ao comité de publicações da KFT para decisão.

A catorze de agosto, Radha Burnier veio novamente para o almoço e K não quis perder a sua sesta e a hora da caminhada. A conversa incidiu em parte sobre C. W. Leadbeater: teria ele verdadeira perceção? Achavam que tinha um pouco, que, devido ao seu condicionamento, etc., ele embelezara e tornara pessoal. “Era um materialista”, disse K. Radha disse que Arundale era um homem intensamente possessivo e ciumento, que não queria que a sua esposa Rukmini (tia de Radha) fosse a lado nenhum sem ele. “Amma era a única verdadeira”, disse K. Radha disse que na transação judicial de Vasanta Vihar, na primavera, uma pequena quantia em dinheiro reverteria para o Krishnamurti Trust em Madras.

## Notas de Tradução

- **Notebook:** Manteve-se o título original em itálico e, na primeira ocorrência, inseriu-se a tradução habitualizada em Portugal

(*Diário de Krishnamurti*) entre parênteses retos para melhor identificação da obra.

- **Green card / Asanas / Incognito:** Termos estrangeiros ou técnicos mantidos em itálico, conforme o seu uso formal ou a sua natureza idiomática de origem.
- **The Transformation of Man / Tradition and Revolution / Krishnamurti on Education:** Títulos das obras preservados no formato original em itálico, acompanhados das respetivas traduções literárias entre parênteses retos para apoio à leitura.
- **Kojak / Wimbledon / US Open / BBC / WGBH:** Nomes de séries, torneios, emissoras e organismos mantidos integralmente fiéis ao texto de partida.
- **Huntsman / Fortnum / Plaza Athénée / Patek / Grand Passage / Jacquet / Land Rover:** Nomes comerciais de marcas, alfaiatarias, hotéis, lojas e veículos deixados na grafia original.
- **Virginia Water / Asan / Gstaad / Lausanne / Vancouver Island / Rishi Valley / Thacher Road:** Nomes geográficos e topónimos conservados no seu registo original.
- **Basta / Elle fait du théâtre:** Expressões noutras línguas (italiano e francês) presentes no texto original que foram devidamente preservadas em itálico para manter a organicidade do relato da autora.
- **Quatro milhas:** Equivalente a cerca de $6,4\text{ km}$. Optou-se pela tradução textual da medida ("milhas") a fim de salvaguardar a exatidão histórica e biográfica das notas da autora.

Quando foi para a levantar, disseram-lhe que Rajagopal tinha feito com que lhe fosse enviada para Ojai, apesar da ordem do tribunal. Era menos de 100$. Disse também que Rukmini estava a tentar entrar para o conselho de administração de Vasanta Vihar com outras pessoas do seu grupo, a fim de tentar obtê-la para si própria. Nós os três perguntámo-nos se isto seria também uma manobra de Rajagopal. Depois, a conversa passou para outros assuntos: o significado do ioga, o *karma*, o que morre na morte? K explicou que a corrente do pensamento, o eu, o condicionamento, etc., continua e manifesta-se novamente. A consciência individual, tal como a conhecemos, pertence a essa corrente e, a menos que uma pessoa mude, ela contribui para essa corrente. Quando morre, a matéria morre; o pensamento é matéria e, por isso, morre. O que ela era permanece como

parte da corrente. Essa corrente passa a fazer parte de um ser humano recém-nascido, e assim sucessivamente. A corrente é o *karma*, não algo de individual. Só quando se sai da corrente é que há uma nova dimensão.

A vinte e um de agosto, Vanda tinha regressado a Gstaad e estava lá quando lhe dissemos adeus, a ela e a Fosca, numa bela manhã. No dia anterior, eu tinha trocado o nosso carro pequeno por um Opel suficientemente grande para levar a nossa bagagem. Conduzimos via Col du Pillon descendo até Aigle para entrar na autoestrada ao longo do lago. K tinha escolhido esta rota porque gostava de ver os dois grandes ciprestes mesmo acima de Aigle. *"Ciao, amici!"*, dizia ele. A nova estrada trouxe o seu sorriso de criança e a sua absorção no olhar. O seu sentido de interesse e maravilha faz parte da alegria de estar com ele. O seu prazer, também, no relógio Patek no aeroporto, exato até às frações de segundo.

Voámos pela British Airways para Heathrow, onde Dorothy, calorosa e distraída, se encontrou connosco quando finalmente emergimos após uma espera interminável pela bagagem. A mudança em Inglaterra desde que tínhamos partido em junho era desalentadora. A seca tinha mirrado os campos, a relva estava castanha, as folhas das árvores cansadas, o sol era malévolo. Brockwood estava tépida nas salas do rés-do-chão, mas o relvado castanho parecia palha de aço. Não tive coragem de ir ao bosque. Desfizemos as malas e não caminhámos.

## Capítulo Quarenta

Pouco depois do nosso regresso a Brockwood, no final de agosto de 1976, fomos a Londres para almoçar com Mary L., seguindo-se uma inspeção do dentista a K, e Erna e Theo chegaram de Ojai. Havia muito para discutir nos dias seguintes. Fritz Wilhelm também chegou, assim como Margrete Heising, com quem se ia casar em breve. Os Digby chegaram da sua nova casa em Dorset, e Pascaline Mallet chegou de França.

O tempo arrefeceu um pouco a tempo da primeira palestra de Krishnaji em Brockwood, a vinte e oito de agosto. A tenda estava cheia e transbordava para o exterior. Mary e Joe estavam lá e subiram para comer fruta e salada antes de voltarmos todos para a tenda para o prato principal. Fui incluída na reunião do comité de publicações à tarde e, à noite, foram

exibidas as fitas de vídeo das discussões de Bohm-Shainberg com K. No dia seguinte, K deu a sua segunda palestra em Brockwood e, à tarde, caminhou com Dorothy, Erna, Theo e eu sob a chuva, uma chuva de cortar a respiração. Nessa noite, assistiu a *The Bridge on the River Kwai* [A Ponte do Rio Kwai] na televisão.

À terça e à quinta-feira, K conduziu as discussões públicas. Radha Burnier almoçou connosco lá em cima, na nossa cozinha. K deu uma palestra tremenda a quatro de setembro, e discutiu-se o seu desejo de realizar reuniões de administradores em março, em Ojai, para analisar o trabalho das escolas, o seu futuro, etc. No dia seguinte, deu a sua quarta e última palestra em Brockwood deste ano e, mais uma vez, foi avassaladora. Mary e a sua filha, Amanda Pallandt, estavam na mesa dos livros; juntei-me a elas e, mais tarde, lanchámos todos lá em cima. As pessoas começaram a partir, a casa ficou mais silenciosa, K ditou cartas e discutiu assuntos da KFA com Erna e Theo. K e eu assinámos os estatutos revistos da KFA e o acordo revisto da transação do processo judicial. No dia nove, K iniciou reuniões com o pessoal docente sobre a aplicação dos seus ensinamentos ao mesmo tempo que se ministravam as disciplinas académicas.

A treze de setembro, apesar de estar constipado há três dias, K declarou que se sentia suficientemente bem para ir a Londres. Misteriosamente, ele parecia capaz de se livrar das constipações, em contraste com a sua febre dos fenos, pelo que fomos a Londres: à Huntsman e ao dentista. O seu rosto parecia abatido no comboio, e era um dia frio com chuva miúda, mas a prova na Huntsman agradou-lhe e fomos almoçar com Mary ao Fortnum. Ela tinha um exemplar da edição de bolso da Avon da biografia para lhe mostrar, que tinha muito bom aspeto. Ele falou-lhe das duas reuniões com o pessoal docente em Brockwood, a primeira do seu plano para lhes ensinar, e a todos nós, como transmitir os seus ensinamentos misturados com as disciplinas académicas. Também falou muito a sério sobre um mês de reuniões em Ojai, em março, sobre o futuro das escolas, o trabalho, etc. Ele e Mary pensavam que alguns — talvez três — deveriam ser responsáveis por zelar para que os ensinamentos fossem mantidos vivos, ativos, inalterados e sem interpretações após a sua morte. K pensava que Sunanda, Fritz e eu poderíamos ser os três. Para minha própria surpresa, durante as duas reuniões com os professores de

Brockwood, algo começara a ganhar vida sobre isto, onde antes existia um vazio. K queria que Mary pensasse nisso — poderia ela vir em março? Fomos à Hatchards, ali ao lado, buscar livros e, depois, Joe, muito atencioso, veio recolher-nos a todos. K tinha a sua consulta com o Sr. Thompson, o dentista. Dois dentes inferiores da frente estavam abanar e teriam de ser extraídos. Tivemos sorte com um táxi rápido para Waterloo. No comboio, K voltou a falar sobre Sunanda, Fritz e eu. Disse que ele teria de me educar. Ele sente que as pessoas me aceitariam e confiariam em mim. Eu não tinha tal otimismo. Disse que faria com que Sunanda tirasse notas de tudo o que ele dissesse a ela e a Fritz na Índia durante o inverno, e que mas enviasse. Eu deveria manter os Lilliefelt informados.

Perguntei-lhe sobre o que tinha surgido numa das reuniões de professores: a sua exigência de que transformássemos os alunos instantaneamente, por completo. Seria isso possível? Como era que ele próprio não o tinha feito enquanto falava há tantos anos? "Tenho pensado nisso", disse ele. Pensava que a Sra. Besant tinha dito uma vez que os ensinamentos eram tão enormes que a luz era demasiado forte. "É de mais, e as pessoas ficam cegas. Mas quando morreres, a luz estará lá, mas a personalidade não."

Na quarta-feira, quinze de setembro, fomos a Londres e diretamente para o Fortnum para almoçar, e falámos sobre as avaliações imediatas que a mente faz ao ver as pessoas. Por exemplo, num relance reconhecem-se os americanos. K observou um homem numa mesa próxima e adivinhou que era um artista. Perguntei se estas imagens que eram tão instantâneas faziam parte da recolha de dados pela mente e se estavam erradas em termos do seu ensinamento. "Comigo, estou vago a maior parte do tempo, exceto quando estou a falar", disse ele. "Vejo alguém, posso saber que é a Menina Pratt, mas a minha mente está vazia." Disse que parecia que se veem factos e imagens, mas mantém-se o resultado em aberto, por assim dizer. Continua-se a olhar, não deixando que a imagem apague o que foi visto. K pareceu concordar com isto, mas eu não tinha a certeza, para o caso de ele se estar a sentir um pouco vago nesse dia.

Caminhámos até à Huntsman, onde ele provou um par de calças finas e escolheu um tweed bege-esverdeado para um par quente. Depois lutámos por um táxi — ele na esquina da Cork Street e eu na Savile Row.

Chegámos ao Sr. Thompson, onde K entrou para lhe arrancarem os dois dentes do meio inferiores. Estavam a abanar e desgastados. Sentada na sala de espera junto à porta, conseguia ouvi-lo a ele e ao Sr. Thompson a rir. Em breve a enfermeira saiu para dizer que ele estaria quase a terminar, o que foi o meu sinal para encontrar um táxi. Um deles não quis esperar, mas um segundo foi alegre e simpático, e sentei-me nele para ter a certeza. Depois, num minuto, saiu Krishnaji, fazendo um gesto de que tudo aquilo não era nada. Tinha levado um pouco de novocaína, sem dor, e a ponte tinha agora dentes novos que pareciam totalmente naturais. Perguntei-lhe se os seus próprios dentes poderiam ter uma qualidade curativa. Disse que sim, que devíamos tê-los guardado. Disse também que a cura não pode ser ensinada ou transmitida a outrem. É mais forte numa pessoa com o mínimo de eu. Perguntei se ele se podia curar a si próprio. "Não, mas se puseres a tua mão sobre mim e eu tocar na tua mão, ajuda."

Segunda-feira, vinte de setembro de 1976, Erna telefonou de Londres, onde ela e Theo faziam uma pausa entre Maiorca e o seu regresso a Ojai. Às 11:30, K conduziu uma discussão intensiva de duas horas com o pessoal docente, a maior parte sobre o medo, colocando-se no papel do aluno. Foi uma boa discussão. Mais tarde, Balasundaram, acabado de chegar da Índia, veio à caminhada com K, Dorothy, eu e os cães. Era um dia quente; a terra respirava com os cheiros húmidos do outono. Era para mim uma bela terra que me comovia, e senti-me dissolvida por momentos nos seus campos ondulantes. O ar, tão cheio de terra e céu, era tudo. No dia anterior, ao voltar da caminhada, o Jim Fowler estava lá com os cavalos e convenceu-me a subir para o pequeno baio. Estar subitamente a cavalo outra vez, após tantos anos, foi um deleite. Montei até junto de K com todos os reflexos instantaneamente vivos e o prazer dos tempos idos de equitação. Teria sido maravilhoso montar em Brockwood, MAS o loro e a aba da sela ficavam exatamente onde estava o meu enxerto de pele mais frágil, onde estivera a úlcera um ano antes e onde quase não havia almofada de tecido sob o enxerto.

A vinte e dois de setembro, fomos de comboio para Londres e à embaixada dos EUA para fazer reconhecer notarialmente declarações sob juramento de K e minhas sobre as particularidades do seu nascimento. Estas substituíam a certidão de nascimento exigida pelo seu pedido de visto de imigração para os EUA. Uma funcionária mais velha e entusiasmada

apareceu para apresentar uma mais nova e tímida que tinha reconhecido K. Ele apertou-lhe a mão e fez a sua ligeira vénia. Quem me dera que tivesse acontecido na secção de imigração, que era tão impessoal como uma fábrica. Caminhámos até ao Fortnum, onde Mary e Joe se juntaram a nós para um almoço agradável. Depois, Joe levou K à Truefitt para um corte de cabelo. Fiz alguns recados e juntei-me a K na Huntsman para a sua prova. Por essa altura chovia torrencialmente, e o mundo dos táxis estava noutro lugar — o que fazer? Mas a sorte manifestou-se na pessoa do pai de um aluno de Brockwood, que avistou Krishnaji através da janela da Huntsman e tinha um carro estacionado do outro lado da rua. Conduziu-nos gentilmente até Waterloo e tudo correu bem. Estava com sono no comboio e dormitei, mas acordei para observar K a ler um romance policial que tínhamos comprado em Waterloo, com os lábios a moverem-se de leve com as palavras, os seus dedos parecendo polidos enquanto segurava o livro. A graça e a beleza que eram tão ilimitadas no seu rosto podiam ser observadas infinitamente, com admiração. À noite, assistimos a uma entrevista na televisão de um escritor dissidente soviético. “Estamos a falar das mesmas coisas”, disse K quando este último referiu que a mudança não podia vir de fora, mas sim de dentro.

No dia vinte e seis, K deu a sua primeira palestra do novo período escolar aos alunos. Parecia esplêndido nas suas calças beges novas e na camisola de malha castanha, e não parecia ter mais de trinta anos. O seu rosto estava vivo, rápido, cheio de riso e brilho. Falou sobre o escutar e o que este pode ser. À tarde, o Sr. Santhanum de Madras veio com o seu filho para o chá. Quando partiram, depois das 17:00, K, Dorothy, os cães e eu caminhámos até à portaria e através dos campos. Havia muitos cogumelos nos campos. O ar estava macio, quente e húmido; a relva estava verde, verde finalmente — todas as delícias de Inglaterra.

No dia vinte e nove, fomos a Londres, fizemos recados variados e juntámo-nos a Mary para almoçar no Fortnum. Mary estava receosa quanto à utilização das discussões K–Bohm como a parte principal do próximo livro de palestras. Disse que por vezes parecia que David estava a interpretar o ensinamento de K para ele próprio. Descrevi como estas decorriam nas tardes após a sesta de K e que ele muitas vezes entrava bastante estremunhado, e David recapitulava onde tinham ficado anteriormente. Mary continuava a achar que não devia ser um livro nessa

altura. K pareceu compreender isso, mas disse que deixou David falar um pouco no início. Disse-lhe que os vídeos das discussões de K com David Bohm e David Shainberg tinham sido aceites para transmissão pela estação WGBH em Boston. K começou então a falar de forma bastante intensa sobre a Índia: que nada tinha sido feito ali em todos aqueles anos — seria Sunanda capaz de gerir aquilo? Sentia que ela ainda era imatura. Todos duvidámos que a Índia aceitasse um ocidental na liderança um dia. Sugeriu um grupo — David Bohm, os Lilliefelt, Mary L., Mary Z., Dorothy, possivelmente Fritz W., mas não soou muito bem. Mais tarde, no comboio, disse-me: "Quero falar contigo."

Um de outubro. K viu Tapas de manhã. Depois disso, disse-me que tínhamos de ter uma conversa séria sobre o trabalho. Disse que eu me bloqueio ao defender e ao dizer que as coisas são impossíveis. Não sou livre. Os Lilliefelt não tinham aprofundado as coisas; os indianos eram bons na investigação repetitiva, mas não eram livres. "É isso que resta ao fim de sessenta anos. Portanto, na realidade, não havia mesmo ninguém. Talvez alguém pudesse aparecer, mas na realidade não havia ninguém nessa altura."

O que fazer? "Mary Links também não o poderia fazer, nem outros. Devemos aceitar as coisas como elas são e trabalhar a partir daí. Há tu e a Sunanda. Na Índia encontrar-me-ei com Sunanda, Achyut, Pupul, Ahalya, Radha B. e Balasundaram. Os melhores estão em Inglaterra — tu, David Bohm. Em Ojai só há os Lilliefelt, tu e Fritz Wilhelm, se ele se revelar a escolha certa. Ele estará à prova na Índia este inverno. A Índia por vezes enlouquece as pessoas." Perguntei se alguma vez tinha havido alguém. Disse: "Jadu e Rama Rao tinham capacidade, mas Rajagopal afugentou-os. Na Índia — deixar em aberto. Radha poderia ter algo, mas a Teosofia é o trabalho dela; não pode deixá-la. O que fazer com estes poucos? Construir tudo como se eu fosse morrer amanhã. Em Brockwood há David Bohm, a Sra. D. e tu. Em Ojai há os Lilliefelt, tu, Fritz, Mark Lee e David Bohm. Tu e David Bohm são as peças-chave entre os EUA e Inglaterra. Ambos são queridos e da confiança de todos. Na Índia, Pupul pode estar acabada ou pode vir a revelar-se. Sunanda cooperará contigo."

Disse que eu o devia lembrar na Índia de falar com aqueles que viriam a Ojai em março para terem total confiança uns nos outros. Disse: "O

objetivo de tudo isto é manter os ensinamentos fundamental e vitalmente nas escolas. Se as escolas não refletirem vitalmente os ensinamentos, é melhor desligá-las." Queria que eu falasse com a Sra. D. sobre a sua atitude defensiva, falta de maleabilidade. Salientei que as qualidades dela e de David se complementavam e poderiam ter sucesso em Brockwood e, já que ele tinha de levar comigo, pedia o favor de me martelar a cabeça. "Fá-lo-ei", disse ele. Não queria que eu fosse à Índia este inverno, dizendo que o clima era demasiado difícil e que eu tinha de me manter saudável para tudo isto.

Três de outubro. Choveu o dia todo. K falou à escola e aos visitantes sobre o amor e o sofrimento e a ligação entre eles. Tapas partiu depois do almoço. David B., Scott Forbes, Joe Zorski e eu terminámos a edição das transcrições das discussões gravadas em vídeo n.os 4 e 5 entre K, David Bohm e David Shainberg. Apesar da chuva, caminhámos com Dorothy à tarde. À noite perguntei-lhe por que razão andava a falar tanto sobre "após a minha morte"? Lembrei-o de que tinha dito recentemente que viveria mais dez a quinze anos. "Isso mantém-se", disse ele. "Felizmente, o meu cérebro está vivo como sempre e estará até eu morrer."

A sete de outubro fui à frente de K para Londres para lhe obter o visto italiano e depois encontrei-me com ele, após ter vindo num comboio posterior, em casa de Mary L. para o almoço. Falámos sobre publicar algumas das discussões K–Bohm num livro composto principalmente por palestras de Saanen e Brockwood. Os Digby tinham-no sugerido como um compromisso em vez de publicar todas as discussões que alguns — principalmente Mary — sentiam dar um efeito errado no papel, de David estar a interpretar os ensinamentos para K. Joe entrou depois do almoço e conduziu K ao dentista. Quando me encontrei com ele lá, tinha uma ponte nova e sobressalente a brilhar. Apanhámos um táxi para Waterloo e o comboio das 14:50. K dormitou no comboio e ia-se acordando a si próprio com o que ele chama gritar — mais um sobressalto e clamor súbitos. "Não sei por que o faço. Já tentei perceber e nunca consegui." Acontecia quando estava num sono leve, a dormitar. Não havia sonhos envolvidos, e ele fazia aquilo há anos.

No dia seguinte fui buscar Mary Cadogan a Petersfield. K falou à escola e, após o almoço, conversou com Mary, Dorothy e comigo sobre

David Bohm "assumir o manto" quando K partisse. Todos sentiam que David não o queria, era um bom homem e era dedicado a K e aos ensinamentos. A dificuldade prendia-se com ser capaz de falar e aprofundar as coisas sem assumir autoridade. K estava incomodado com a atitude "defensiva" de Dorothy e com o facto de ela não ter ideias novas. E voltou a dizer-me que eu vejo as dificuldades e não a forma como as coisas podem ser feitas. Falou em reunir bons professores de Brockwood, Ojai e da Índia. Mais tarde, assistimos a uma série de televisão sobre "Escândalos Vitorianos", e àquele episódio em particular sobre o julgamento de Annie Besant e Charles Bradlaugh por publicarem um folheto sobre o controlo de natalidade. "A Amma não era assim!", disse K, e o mesmo de Bernard Shaw. "Ela nunca me falou de Bradlaugh. Falava de outras coisas, mas não dele. Disse: 'O Jinarajadasa não devia ser o chefe da ST porque gostava de olhar para mulheres nuas'. — Oh, Amma!"

No dia seguinte, nove de outubro, K reviu a sua declaração escrita em junho para o *Bulletin* sobre ser responsável apenas pelas escolas sob a sua supervisão direta e, portanto, apenas essas poderiam usar o seu nome. Ia ser impressa no próximo número. Depois conversou com Narayan longamente. Estava contente com Narayan e sentia que ele se sairia bem. K tinha-lhe perguntado se as coisas não corressem bem no Canadá, iria ele para a Índia? Narayan disse que claro que sim, o que agradou a K. Ele era maleável, o que faltava naquela altura em Dorothy. "Ela não está a avançar. O que faremos se lhe acontecer alguma coisa? Brockwood vai desmoronar-se." Estava perturbado por não haver mais ninguém e por ela não ter encontrado mais ninguém como alternativa. Queria que eu falasse com ela, pois ela ficava tão perturbada quando ele o fazia.

O Professor Maurice Wilkins chegou para o fim de semana e ficou no quarto de hóspedes da Ala Oeste. David Bohm realizou uma reunião à tarde. Apenas seis alunos assistiram com o pessoal docente e visitantes. Após o jantar, o Dave, o Scott, o Joe e eu trabalhámos na edição dos n.os 6 e 7 das discussões em vídeo de K, Bohm e Shainberg.

No dia seguinte, Krishnaji falou à escola — principalmente sobre o que é o amor (ou seja, quando não há o eu) e sobre a beleza (quando não há pensamento). Os alunos pareceram ver esta última mais facilmente. Foi uma sessão cansativa para K, pois teve de colocar muita energia na

compreensão deles. Depois houve muita conversa ao almoço. Uma senhora francesa, Mme. Maroger, visitava a escola com o seu filho e a filha deste, Ariane, uma possível aluna em Brockwood. A Mme. Maroger estava há muito interessada nos ensinamentos de K e discutia-os com um grupo de netos e amigos destes. Tanto ela como o seu filho falavam inglês fluentemente. Após o almoço, o filho, Jean-Michel Maroger, deu-me uma cassete de uma das palestras de Saanen de K na qual tinha inserido uma tradução francesa entre as frases, nas pausas naturais do discurso de K. Pediu-me a minha opinião sobre o assunto e disse que tinha surgido para amigos franceses que assistiam às palestras mas precisavam de alguma ajuda no inglês. Achavam-no muito útil, e ele perguntava se poderia ter permissão para fazer isto. Escutei-a e fiquei entusiasmada. Era como ter alguém ao nosso lado a traduzir calmamente *verbatim* para francês o que K estava a dizer, sem interromper. O ouvinte continuava a ter o som e o conteúdo total da voz de K, mas com ajuda para a outra língua. Achei que devia ser bem-vindo, e assim foi. Tornou-se a forma de traduzir para várias línguas, graças à imaginação e perícia de Jean-Michel Maroger.

Fritz Wilhelm chegou a Brockwood. Ele e Margrete tinham casado, mas ela ia permanecer na Dinamarca enquanto ele seguia na viagem à Índia, após a qual iriam ambos para Ojai para as funções dele ali. Na caminhada da tarde, K levantou com Dorothy a questão de quem geriria Brockwood se ela e ele não estivessem lá. Dorothy pensou que um grupo tentaria fazê-lo em março, quando ela iria a Ojai para as reuniões de K. Sugeriu Joe Zorskie, Scott Forbes, Stephen Smith, Shakuntala Narayan e Ingrid Porter. K foi muito perentório e também a censurou por não descansar o suficiente. Todos em Brockwood tinham horários demasiado longos e muito trabalho. Mais tarde, acusou-me do mesmo. Parecia levantar isto quando ele próprio estava cansado e quando a pressão era inescapável e ele estava prestes a partir com muitas coisas por fazer. Parecia que o meu próprio cansaço o afetava, embora eu tentasse guardá-lo para mim. A sua objeção tanto em relação a Dorothy como a mim era que muita energia ia para as necessidades do trabalho quotidiano e não a suficiente para os ensinamentos. Tinha razão, escusado será dizer.

A onze de outubro fomos a Londres onde, após o prazer de uma prova para K de umas belas calças de tweed, caminhámos até ao Fortnum, onde Mary Lutyens se juntou a nós para o almoço. K levou a conversa

novamente para a questão de quem deveria zelar para que os ensinamentos fossem mantidos vivos nas escolas e centros — Sunanda, eu e possivelmente Erna? Mary achou três um número melhor do que dois e disse que K devia deixar isso como um pedido e instrução, pois só poderia ser feito dessa forma e não como uma questão legal. K precisou depois de um olhar à sua ponte nova pelo dentista, o Sr. Thomson, e num instante estávamos num táxi para Waterloo. Um dia assim, tanto a viagem familiar a Londres com K, tinha um carinho acrescido por ser tão familiar. Ele dormitou um pouco no comboio balançante, "gritando" duas vezes, mas apenas um pouco por haver outro passageiro no compartimento, também a dormitar. Senti-me com sono também, e tranquila na felicidade calorosa de o ver em frente, a beleza do seu rosto a dormir, a graça e o esmero das suas mãos. Havia uma paz sem palavras em tais momentos.

Nas notícias da noite na televisão, vimos que em Roma, na Via Barnaba Oriani, três terroristas palestinianos da "Terça-Feira Negra" tinham invadido a embaixada da Síria, que ficava no andar de baixo do apartamento de Vanda. Iam atrás do embaixador, que não estava, e foram capturados. Vanda ligou no dia seguinte de Florença e ia partir para Roma para ver o que tinha acontecido. Telefonou novamente quando lá chegou e disse que o edifício era um campo armado e que tinha de mostrar o passaporte para entrar no seu próprio apartamento. Estava incerta sobre se K deveria ir para lá. Ele falou com ela e decidiu-se adiar a ida até vinte e dois de outubro.

Na manhã seguinte — catorze de outubro —, K decidiu falar aos alunos e depois descansar até à sua partida. Altereique todas as reservas de bilhetes e fui à reunião de alunos. Uma pergunta que fizeram foi sobre a meditação, e K falou sobre o pensamento, uma mente tagarela e uma mente silenciosa, e mencionou o ver com todos os sentidos. Isto deu-me a oportunidade de perguntar o que ele queria dizer com isso: não estaria a memória envolvida, ou seja, eu vejo o vento nas árvores, oiço-o, sinto-o, mas a sensação táctil do vento impetuoso, frio, é em parte conhecer essa sensação. Eu não estava lá fora ao vento, etc. K respondeu que olhar com todos os sentidos implica olhar sem um centro, um eu que olha.

Houve ventos de vendaval e chuvas fortes o dia inteiro. Ficámos em casa e descansámos um pouco; a pressão de partir tinha desaparecido por

uns dias. Escrevi à Pupul sobre a acrescida necessidade de descanso do K e descrevi como ele vivia então enquanto dava as conferências: refeições sozinho, um dia por semana na cama, etcetera.

A dezassete de outubro, Narayan, David Bohm e Fritz Wilhelm tinham planeado ter uma discussão, e K disse que assistiria "como um observador". A Dorothy e eu também estávamos presentes. Uma vez lá, K, com certeza, participou. Os três começaram por discutir como uma criança aprende: através da aprendizagem motora, da aprendizagem pela ação, através do tato, etcetera. Após um pouco, K deu um salto em frente em direção ao *insight*. Poderá a consciência estar consciente de si mesma? Ele disse que se não se agir de acordo com o *insight*, este morre. Falou da observação na qual não há distorção; a distorção é o eu. E disse que não havia ação antes do *insight*; se há ação, é a ação da aprendizagem. O Dave disse que os seres humanos gerem as suas vidas através da ação da aprendizagem, portanto o *insight* deve ser de uma ordem diferente. Para K, ele disse: "Diz que o *insight* vem antes da ação. O que é? Perceção?". K respondeu que isso era a perceção fragmentária. "O *insight* implica uma ação holística que afeta a minha vida diária, a maneira como vivo, sinto, amo". O Dave disse que então a aprendizagem motora é uma perceção limitada e o *insight* é o que é pleno. K falou de ter pegado na sua biografia escrita por Mary Lutyens e lido sobre a sua dissolução da Ordem da Estrela "e eu disse: 'Como é que ele o fez? Ele tinha um *insight* tremendo — ele fê-lo'". Continuou a dizer que o *insight* não provém da aprendizagem. O Dave sublinhou que K enfatiza a observação, a aprendizagem. Não seria isso necessário? K respondeu que ajudava a libertar a mente. Narayan disse que K tinha uma vez falado da arte de escutar, da arte de olhar, da arte de aprender: as três artes — precedem elas o *insight*? K disse: "Elas abrem a porta, mas isso não significa que haverá *insight*, K não fez estas coisas, ele simplesmente disse: 'Isto é absurdo'. A questão é como nos movemos para fora do padrão. Olhar, escutar, aprender está no padrão. Pode-se ter *insight* sem compaixão? Mas K, na altura, não sabia o significado da palavra. Há um ir para fora e um ir para dentro. A maior parte de nós vai para fora, de forma linear. Aquele homem, K, ia inteiramente para dentro naquela época. Ele não era um extrovertido; havia *insight*. É a isso que quero chegar. Quem me dera poder estudá-lo… Poderá a consciência tornar-se consciente de si mesma? Haverá um espelho no qual a consciência se vê a si mesma — as três artes?".

O Dave perguntou: “O que aprende ela?”.

K respondeu: “O seu conteúdo. Acho que pode. Eu digo que sim, pode. Poderá a consciência escutar-se a si mesma sem um estranho a escutar de fora? Poderá a consciência escutar-se a si mesma? O que acontece? Nada acontece. Há um espaço vazio — absolutamente nada. Nenhum observador, apenas isso”.

“O que é o *insight*? Se a memória não conduzirá ao *insight*, se este não for totalmente diferente, o que o trará? O pensamento não o fará. Deve haver um certo alicerce: o alicerce é o não-eu. O *insight* está na ausência do eu. Quando a consciência está consciente de si mesma e não há nada, então há *insight*. Esse nada é o *insight*. O *insight* é vazio e não-eu”.

“A consciência torna-se consciente de si mesma e não há nada. Nenhum conteúdo. Como hei de comunicar isto? Se a educação não for o florescer dos seres humanos, não tem significado. Sem amor, compaixão, não há uma mente fina. Nenhuma mente fina sem *insight*, observação”.

No fim, ele disse: “Esta manhã, quando pus a tocar o Bellini da Sutherland [um CD de Joan Sutherland a cantar excertos de Bellini] lampejou um grande deleite que perdi na minha juventude. Eu disse: ‘que diabo estás tu à procura lá fora? Está aqui’. Isso foi *insight*”.

Havia bagagem por fazer e assuntos de última hora, mas pelo pequeno-almoço de vinte e dois de outubro, tudo estava em ordem e, como sempre, todos na escola estavam cá fora às 9:45 para acenar a dizer adeus a Krishnaji. O carro da Dorothy estava maleável, por isso foi no Mini de Doris Pratt que ela conduziu o K e a mim para Heathrow, enquanto Ted Cartee seguia no seu próprio carro com as nossas sete malas. A rapariga no balcão da Alitalia perguntou-me se K era o autor de *Comentários sobre a Vida*. Eu disse que sim firmemente; ela ficou deslumbrada e, por quaisquer razões, as nossas malas passaram sem taxa. No controlo de passaportes, um homem da imigração de cabelos brancos reconheceu K e disse: “A minha esposa vai ficar radiante por saber que o conheci”, com tanto entusiasmo que se esqueceu de carimbar o passaporte de K. O voo atrasou-se, mas Vanda e Topazia Alliata estavam lá para nos receber em Roma. K, no meio de uma multidão, parecia um falcão, distante e muito belo. Na Via Barnaba Oriani, apenas dois polícias entediados estavam lá fora, parecendo

esquecido o assalto terrorista de doze dias antes. Fosca foi acolhedora e o almoço estava à espera.

No dia seguinte, à tarde, Vanda conduziu o K e a mim até à entrada da Villa Borghese, onde caminhámos através dos jardins até à Piazza di Spagna, e apanhámos um táxi de volta. K estava pronto para caminhar todo o caminho, de tão entusiasmado que estava por estar ali, mas isso tê-lo-ia cansado.

No dia a seguir a esse, vinte e quatro de outubro, caminhámos duas vezes em redor da vizinha Villa Glori. Falei-lhe sobre o padrão que tantas vezes parecia seguir-se ao *insight*, conduzindo à rutura de conceitos e à liberdade, mas depois poderia haver um endurecimento num novo padrão, que se torna dogma. Acontecia na religião, na sociedade, etcetera. Mao defendia uma revolução perpétua a cada cinco anos mais ou menos, e isto tornou-se violência e lutas de poder. Na religião era óbvio e parecia o perigo para o ensinamento de K. Ele agarrou o assunto imediatamente. "A liberdade é movimento", disse ele. "Quando eu partir, isto deve ir mais longe, mais fundo". Eu disse que entre o Buda e ele tinham decorrido 2400 anos. Quem iria então mais fundo do que ele? "Escreve isso, escreve isso! Temos de falar sobre isto em março, quando for a reunião".

Voltámos para o apartamento, onde estavam cerca de cinquenta pessoas para conhecer K. Ele falou sobre uma pergunta que alguém fez — o que é o agora? Após uma hora e meia de explicação cuidadosa de que o agora é o passado a encontrar-se com o presente e não a prolongar-se para colorir o futuro, um jovem homem disse que não compreendia, que não havia mudança nele, e porque é que K tinha organizações, fundações? K respondeu, mas outros disseram que isso estava fora do assunto. Pietro Cragnolini estava lá, parecendo magro com algum tipo de problema na perna. Barabino também estava lá. Pedi-lhe que, por favor, entregasse a lista de contatos italiana, ao que ele estava a resistir. Ele estava ressentido com Cragnolini, dizendo-lhe abruptamente no ano anterior que ele já não era o secretário italiano e que eu tinha dito isso. Eu disse que tinha transmitido a mensagem de K de que o comité italiano deveria decidir se Barabino, que estava demasiado ocupado com Biella [a escola], deveria ser substituído. Não comunicou. Instei-o a falar com Vanda, pois ele ainda era membro do comité. Finalmente todos se foram embora, as luzes falharam e jantámos à luz das velas.

A vinte e cinco de outubro, Vanda estava muito amigável e calorosamente despediu-se de mim. Sentei-me com Krishnaji enquanto ele tomava o seu pequeno-almoço e disse que tinha a conversa do dia anterior na Villa Glori muito presente na mente. Ele fez-me repeti-la e escrever um memorando da mesma para levar com ele. "Primeiro, há a liberdade, depois o *insight*, depois a ação revolucionária. Se endurecer num padrão, então segue-se o dogma e o poder. A liberdade é movimento. Quando ou se o *insight* se torna conhecimento, então o dogma segue-se. A liberdade do eu traz *insight*. Quando há *insight*, há uma transformação radical. Quando a mudança fundamental não ocorre, então há padrão, dogma, poder. É a função das Fundações zelar para que isto não aconteça". Adicionei a palavra "psicológica" antes de "ação revolucionária" no memorando dele — o que, claro, era o que eu achava que se pretendia dizer, mas naquela época e mundo ele não deveria andar com notas sobre ação revolucionária. Palavras usadas num sentido religioso podiam ser vistas de forma diferente aos olhos violentos da época. Ele abençoou-me, como sempre, silenciosamente, profundamente. Eu devia ter cuidado com viagens desnecessárias. As viagens ao seu serviço eram vigiadas. Sentia-me vazio de ou afastado de tudo o que não fosse o seu serviço, o seu ensinamento e o seu propósito.

Deixei Roma rumo a Nova Iorque e, num voo que partiu meia hora mais tarde, Krishnaji voou para Nova Deli.

**Capítulo Quarenta e Um**

Krishnamurti ainda estava na Índia quando o ano de 1977 começou. Eu estava em casa, em Malibu, e as cartas iam e vinham. A cinco de janeiro, consegui contactar por telefone a pessoa muito prestativa na embaixada dos EUA em Londres com quem eu tinha dado entrada no pedido de estatuto de residência de Krishnamurti, e soube com enorme alívio que ele tinha uma marcação para uma entrevista de visto no consulado em Londres a vinte e seis de janeiro. Telegrafei isto para ele em Bombaim. Felizmente, a data calhava mesmo dentro dos poucos dias entre a sua chegada a Inglaterra e a sua continuação para a Califórnia. No dia onze, recebi um formulário para K da embaixada, reencaminhado para mim por Dorothy Simmons, e após estudá-lo senti que deveria estar lá, já que Dorothy, que de outro modo seria a única pessoa a acompanhá-lo, nada sabia sobre a candidatura detalhada que eu tinha preenchido. Antes de ir

dormir nessa noite, decidi ir e reservei um bilhete de avião no dia seguinte. Uma carta de K dizia que ele não pararia em Roma, mas voaria diretamente para Brockwood a dezanove de janeiro. Isto foi seguido por um telegrama dizendo que o faria no dia vinte.

Falei com ele à sua chegada a Brockwood e voei para lá no dia seguinte. Dorothy gentilmente foi buscar-me a Heathrow apesar de eu lhe ter pedido para não o fazer, e pelas 9 da manhã encostámos em Brockwood e K, que estava atento, recebeu-me no átrio da entrada. Preparei o pequeno-almoço em tabuleiros e conversámos a manhã inteira. Ele contou-me sobre ter-se encontrado com a Sra. Gandhi a sós por mais de uma hora antes de um jantar em Deli à sua chegada, os nervos e a tensão dela, o problema nos olhos dela, a oferta dele para colocar as suas mãos, o acalmar dela, o choro dela, os olhos dela a ficarem melhores. Ela pediu para o ver novamente no dia seguinte, veio e sentou-se um longo tempo sem falar. Disse que estava a "montar um tigre", não tinha medo de ser comida, mas não sabia como descer. K não a censurou pelo que ela tinha feito, mas foi gentil com ela e segurou a sua mão enquanto ela chorava. Ao juntar-se aos outros, ela recusou-se a sentar-se até que ele estivesse sentado. Um amigo que a conhecia há anos disse que ela estava visivelmente mudada após os encontros com K. Nessa semana ela libertou prisioneiros políticos, levantou alguma censura e convocou eleições.

K também descreveu multidões enormes nas palestras de Bombaim. Rajneesh enviou as suas pessoas para escutar e, se possível, tocar-lhe porque "ele é um Buda vivo". Pessoas do cinema vinham às palestras e ele era cercado pela multidão depois. Outra novidade era que Balasundaram ia deixar a direção de Rishi Valley, ia tirar seis meses de licença, depois viajar a acender o interesse pelos ensinamentos de K na Índia. K disse que ia oferecer a direção a Narayan. Disse que Sunanda tinha demasiado que fazer em Vasanta Vihar para vir às reuniões de março, mas Radha Burnier e Ahalya Chari vinham pela Índia.

Depois do almoço, fiz uma sesta e depois caminhei com K, Dorothy e os cães. O ar límpido, cinzento e invernal limpava os pulmões e tirava qualquer vestígio de ter estado sentado a noite toda e o dia de ontem por 6000 milhas. A luz austera, as árvores nuas e o cheiro das folhas tocaram algo profundo na minha cabeça. Esta caminhada naquela estrada de inverno com K parecia conter toda a vida.

Nessa noite, dormi dez horas e poderia ter feito mais, mas ouvi K abrir a porta, por isso preparámos o pequeno-almoço e conversámos. K fez então com que David Bohm se juntasse à conversa para falar dos centros de adultos e das suas possíveis armadilhas — o perigo de as pessoas esperarem "explicações" dos ensinamentos de K — os perigos delicados da interpretação. K disse que se poderia assumir uma posição dizendo: "Tenho alguma compreensão do que Krishnamurti disse; estou interessado; vamos explorar, examinar juntos". Mais tarde, falou a sós com Narayan e ofereceu-lhe a direção de Rishi Valley. Narayan estava preocupado sobre se todos os membros da KFI o apoiariam e disse que iria ponderar e responder em poucos dias.

No dia seguinte, fui a Londres e à embaixada dos EUA para confirmar a marcação de Krishnamurti para apresentar os seus papéis do visto. Tinha o dossier comigo, mas não foi olhado nessa altura. Telefonei a Mary Cadogan, tomei um café e tive uma conversa agradável com ela, e apanhei um comboio lento de volta para Brockwood. K tinha estado a falar à escola.

Quarta-feira, vinte e seis de janeiro, o dia há muito esperado começou às 4 da manhã. Brockwood não tinha água quente a tal hora, pelo que os banhos estavam fora de questão, mas parámos para um pequeno-almoço adequado na cozinha e, com Dorothy no seu carro, partimos para Londres antes das 6. A primeira consulta de K era com um médico da embaixada às 9, mas tínhamos entrado na cidade tão rapidamente que chegámos ao consultório dele às 7:30. Havia um lugar de estacionamento na rua e ficámos sentados no carro até às 9. Outros tinham a mesma consulta, mas eles geriam as coisas rapidamente. K fez uma radiografia ao tórax, tiraram-lhe algum sangue do polegar e estávamos fora em meia hora em direção à Grosvenor Square onde, novamente, havia um lugar de estacionamento vago. Dorothy ficou no carro enquanto K e eu entrámos no consulado, entregámos o dossier completo a um funcionário e esperámos. Krishnaji sentou-se junto a uma janela, bastante relaxado, e observava o trânsito. Outra meia hora passou e depois o nome dele foi chamado. Entrei com ele para a entrevista.

O oponente imaginado dos últimos meses, o burocrata possivelmente de olhar duro e indiferente — o cônsul de cujo capricho tudo dependia — revelou-se ser uma vice-cônsul, uma jovem mulher com cabelos longos e loiros e olhos azuis, estrelados, que andou na escola no vale de San

Fernando e se levantou da cadeira dizendo: “Oh, Sr. Krishnamurti, tenho estado tão ansiosa por hoje; pedi para me ser permitido processar os seus papéis!”. Não houve uma única pergunta. Tudo estava em ordem. “Este é quase o maior dossier que alguma vez tivemos!”. Estaria tudo pronto à tarde. Tínhamos terminado às 11:15. Estava feito!

Fomos todos para casa de Mary Links, que estava à espera para nos dar abrigo, um lugar para comer o nosso almoço de piquenique e para K descansar. Instei a que, depois, ele regressasse a Brockwood com Dorothy enquanto eu ficava para levantar os papéis no consulado. “Não”, disse K. Ele tinha uma ideia melhor. “Vamos ao cinema!”. Ele tinha visto *Raid on Entebbe* quando passámos pelo cinema de Marble Arch — exatamente o que ele queria ver. Começava às 14:15, por isso conduzi K, Mary e Dorothy até lá, deixei-os e segui para Grosvenor Square, onde, mais uma vez, neste dia fatídico, a sorte com o estacionamento se manteve. Dei uma caminhada, mas a minha mente estava de tal forma no visto e nos papéis que não consegui ir ver pinturas ou passar pela Mallets para ser tentado por mobiliário, pelo que logo fui sentar-me no consulado. Às 16:30, foram-me entregues os preciosos papéis — um enorme envelope selado para ser entregue ao funcionário da imigração à chegada a Los Angeles, contendo, entre outras coisas, a radiografia de K. Voltei para o carro antes que o parquímetro expirasse e cheguei mesmo a tempo ao cinema para recolher os espectadores. Dorothy conduziu-nos de volta para Brockwood e adormeci um pouco pelo caminho com o alívio e a exaustão. O meu trabalho estava feito. Telefonei a dar as boas notícias brevemente à Erna. Depois, uma sensação bendita de cama e sono real.

Na manhã seguinte, foi bom acordar sabendo que estava realizado. Para K, o ponto alto do dia foi o cinema. Ele ditou algumas cartas e recebeu uma de Narayan a aceitar a direção de Rishi Valley. K escreveu então sobre isso à Pupul e a Pama Patwardhan. Mary e Joe vieram de carro para o almoço e conversámos a maior parte da tarde. Krishnaji contou-lhes em detalhe sobre os seus encontros com a Sra. Gandhi e o sentimento entre alguns amigos de que as mudanças na Sra. Gandhi como primeira-ministra ocorreram após os encontros com ele. Descreveu também a enorme veneração em relação a ele naquele inverno pelas multidões na Índia.

O fim de semana foi calmo. Relaxado após as tarefas cumpridas da curta e inesperada estadia em Brockwood, foi agradável arrumar as coisas e

estar pronto na segunda-feira, trinta e um de janeiro, para partir para Heathrow e acompanhar K até Malibu. Ele sorriu quando deu os bons-dias e viu que eu estava alerta e pronto para ir. Era uma manhã sem nuvens com geada, branca nas margens sombreadas dos campos. Dorothy ia a conduzir e acenámos a dizer adeus à escola reunida. Houve tempo de sobra no aeroporto para inspecionar a WH Smith à procura de romances policiais de bolso. Levávamos os enormes e preciosos papéis do visto, selados pela embaixada dos EUA, para serem entregues ao aterrar em Los Angeles. Tínhamos os dois lugares de que K gostava — todos à frente — onde se pode pôr os pés na divisória. Havia um filme, mas os auscultadores de K não estavam a funcionar e ele não quis usar os meus. Sentado do outro lado do corredor, eu conseguia vê-lo ir buscar algum papel de carta e começar a escrever-me uma carta como sempre fazia neste longo voo e na última etapa antes de Malibu. Eu tinha escrito uma para ele também, mas observá-lo a segurar a caneta com tanto cuidado parecia naquele momento tão extraordinário quanto o vasto céu lá fora ou as montanhas da Gronelândia que tínhamos acabado de passar, as arestas curvas da crosta de cor camurça a recortar a neve sem fim. O sol tornou parte dela cor-de-rosa enquanto tentava pôr-se, mas nós éramos mais rápidos do que o sol ou a Terra em rotação, e ele só se adiantaria a nós quando saíssemos da corrida para aterrar.

Entrámos juntos na imigração e entregámos o envelope. "O mais grosso que já tivemos", disse o funcionário folheando-o. Vi uma cópia de *Krishnamurti sobre a Educação* no dossier. O homem então carimbou algo, entregou a K um pequeno cartão com a foto de K e disse: "É agora um residente dos Estados Unidos". Segurando finalmente aquele precioso "cartão verde" — que não era verde — prosseguimos para encontrar as nossas duas malas, passámos pela alfândega e saímos para onde Alan Kishbaugh estava à espera. Ele conduziu-nos a casa em Malibu e partiu. K, finalmente no seu quarto, sentou-se na cama e disse: "Posso desmaiar". Ficou ali calmamente por alguns momentos, depois levantou-se, virou-se de frente para a cama e caiu para a frente sobre ela. Durou cerca de um minuto e depois ele voltou a si. Mais tarde, disse que tinha pensado, no meio de todo o ruído e confusão no aeroporto, que provavelmente desmaiaria mais tarde. K passou o dia seguinte na cama, a dormir e a ler. Disse: "Já não sonho. Algures em Madras ou Rishi Valley — já me esquece qual — sonhei que o Rajagopal estava a perseguir-me e quando

acordei disse: isto é uma tolice continuar a pensar naquele homem: já chega. Então aprofundei isso e não voltei a sonhar desde aí".

A três de fevereiro, Evelyne Blau e os Lilliefelt vieram almoçar a Malibu. Krishnaji falou sobre a Índia e vários planos para as escolas de lá, mas mais tarde falou com a Erna, o Theo e eu de forma muito séria e desafiante. Estávamos nós a florescer e, se não, porquê? Quem seria responsável no futuro e mesmo agora, como se ele estivesse morto? Disse que se tinha apercebido na Índia, pela primeira vez, de que não havia ninguém para continuar. Falou do Buda ter tido apenas dois discípulos que compreenderam, e ambos morreram antes do Buda. Porque é que não havia ninguém? Disse que conhecia a resposta fácil — que nada cresce sob um grande carvalho, etcetera, mas o que faríamos nós? Ele sabia o que faria se fosse um de nós: diria: "Escutei aquele homem e compreendi um bocadinho, vou falar sobre isso". Disse que tínhamos de fazer a nova curadora, Cynthia Wood, compreender, ser séria. Falar sobre isso. Depois disse: "Andarei por cá para ajudar por mais dez anos — talvez quinze". No dia seguinte, perguntou-me se eu tinha sentido a mudança na sala quando ele tinha falado seriamente com a Erna, o Theo e eu.

No dia dez, um dia de pleno verão, ele tinha dormido nove horas e disse que acordou sentindo-se como se "tivesse estado a dançar". No final da manhã, Charles Moore e os seus colegas arquitetos, Bart Phelps e John Rubel, vieram, trazendo uma maqueta das alterações propostas para a casa de campo em Ojai. K fez algumas sugestões e eles ficaram para almoçar.

No dia seguinte, noutra manhã adorável, partimos cedo para Ojai no carro verde de K, com ele a conduzir. Perto da grande rocha, ele disse: "Tens de ver por dentro deste cérebro, aprender como ele pensa. Amma e Leadbeater disseram que este cérebro tinha sido preparado durante mil anos. É um cérebro especial, provavelmente ficará melhor quanto mais tempo eu viver, e viverei mais dez ou quinze anos. Tu és vinte anos mais jovem e deves sobreviver-me. Tenho de encontrar alguém, talvez sejas tu, alguém para continuar que tenha compreendido algo. É inútil dizê-lo agora, mas quem me dera ter-te conhecido há quarenta anos".

Fomos ao edifício da Escola de Oak Grove, onde o pavilhão estava quase terminado, depois à casa de campo, onde todas as crianças pequenas estavam à espera para o saudar. Toda a gente estava para o lado tímido. Mar de Manziarly, que estava hospedada com a sua irmã, Mima Porter,

veio e juntou-se a K, Erna, Theo, Evelyne, Ruth Tettemer, Mark e Asha Lee, Ted Cartee e Michael Krohnen para um bom almoço em Arya Vihara. Mais tarde, K falou na casa de campo com a Erna, o Theo e eu, perguntando se eu deveria realmente construir um anexo na casa de campo — valeria a pena? Ele levantou a questão de se conseguiria ali tanto descanso como em Malibu. O factor era a pressão psíquica que as pessoas concentram nele. Poucos sabem que ele estava em Malibu, por isso ele descansa bem, mas toda a gente assume e pensa que Ojai é onde ele está. Isto é o que acontece em Gstaad. Disse que conseguia cortar o sentimento, mas não gostava de o fazer. Discutimos isto e ele finalmente disse que poderia evitá-lo indo embora por um dia, ocasionalmente, para Santa Barbara ou outro lugar, tal como faz em Brockwood indo a Londres. A Erna e o Theo disseram que sentiam ser vital que eu vivesse em Ojai. K disse novamente algo do que me tinha dito no carro sobre entrar dentro do seu cérebro, etcetera. "Somos responsáveis pelos ensinamentos, por continuá-los. Alguém compreendeu algo e fala a partir daí". Levantei o que ele tinha dito sobre apenas dois dos discípulos do Buda terem compreendido o que ele dizia, e ambos terem morrido antes dele, contudo o Budismo esteve vivo e foi uma força todos estes anos. O ensinamento de K existe, está vivo. Mas ele queria mais — alguém ou algum grupo que pudesse falar a partir da sua própria compreensão. Senti que a Erna e o Theo estavam perturbados com isto, não sentindo que pudessem falar, apenas apoiar K ou alguém que tivesse essa capacidade. K perguntou se conseguíamos ver por dentro da sua mente. Eu disse, devido ao longo tempo a escutar, que muitas vezes quando ele era questionado, eu sentia que sabia o que ele responderia, mas não como levaria o questionador a compreendê-lo. Aparentemente os Lilliefelt queriam a minha ajuda e presença.

Quanto ao descanso e à privacidade, foi acordado que todas as atividades, incluindo o centro de adultos, deveriam ser concentradas o mais depressa possível na extremidade oeste do vale, deixando a McAndrew Road privada. Voltámos depois para casa, com K a conduzir parte do caminho.

No dia treze, ele saudou-me inesperadamente com um "Feliz Aniversário", dado que era um facto que eu tendia a ignorar. Depois, parecendo malicioso durante o almoço, disse: "Sinto-me *TÍSMICO*". Parecia que era o que ele e Nitya diziam sobre as pessoas que assumiam

ares “místicos”. No dia quinze, um dia quente e belo, disse ao almoço: “Acreditas naquilo que já sabes, vês o que já viste. Portanto, nunca vês nada”. Estávamos a discutir a forma como as pessoas igualam tudo a eventos passados. Também me disse como queria que fosse respondida uma carta vinda de uma biblioteca que o agrupava com Vimala Thakar, U.G. Krishnamurti, Bubba Saint John, etcetera. Ele sugeriu: “Krishnamurti tornou muito claro, nos últimos cinquenta anos, que não deseja estar ligado a nenhum grupo ou pessoa, pois considera que são todos reacionários, tradicionalistas e aceitadores de autoridade espiritual. Permitem-se tornar-se seguidores e, assim, negam totalmente o que ele tem vindo a dizer há anos, que é ser uma luz para si próprio. Não sigam ninguém, não aceitem a autoridade de nenhum guru”. Fomos depois ver o filme *A Travessia de Cassandra* — um disparate, mas com suspense suficiente para distrair e descansar. Em casa, ele disse: “Sinto-me bastante *tísmico*”.

Fomos novamente, no dia dezoito, a Ojai. Seguindo pela estrada da praia, K disse: “Durante os últimos três ou quatro meses, algo tem estado a acontecer durante o sono. Parece uma tolice, mas é uma sensação de êxtase, como se o cérebro estivesse a tentar assimilar uma profundidade. Uma profundidade significa habitualmente superficialidade. Não é assim. É uma profundidade que é o oposto de superficialidade. Os sonhos são habitualmente superficiais e têm muito pouco significado. Quase não tenho sonhos”.

Perguntei como é que ele o percecionava.

K: “Quando acordei, havia um sentimento estranho que nunca tinha tido antes”.

M: “Será que o cérebro está a tocar em algo que não tinha tocado antes?”.

K: “Sim, é isso. É algo que o cérebro não tinha tocado antes. Não é uma experiência. Nesse sono há uma maior penetração em algo que o pensamento nunca pode tocar”.

M: “O que acontece à maioria das pessoas é que algo é visto e o cérebro tenta compreender o que é. Como é isto diferente? Está fora do que o cérebro pode investigar?”.

K: “O cérebro está a tentar compreendê-lo, a tentar descobrir o que é”.

M: “Quando diz o cérebro, quer dizer o pensamento, ou é o cérebro sem o pensamento?”.

K: “Não, não o pensamento”.

Um pouco mais tarde, ele disse: “Lembras-te daquela noite em que estávamos sentados em silêncio e havia algo na sala? Isso tem estado a acontecer mais. Aconteceu um pouco na Índia”.

Perguntei-lhe sobre a dor, e ele disse que continuava de forma ligeira o tempo todo. Perguntei se a “outridade” do *Diário* e isto de que ele estava a falar eram o mesmo. Ele disse: “Sim, sim. Mas não me lembro do outro. Desapareceu”.

M: “Embora não faça uma comparação, sabe o que quero dizer?”.

K: “Sim”.

Em Ojai, reunimo-nos com outros curadores e discutimos o avanço dos planos de construção e assuntos da escola. K aprofundou o intento da escola. Disse que, se fosse pai, enviaria o seu filho para nós para que ele fosse suficientemente inteligente para viver na sociedade como um ser total. Passava das 7 quando chegámos a Malibu.

Krishnaji passou o dia seguinte na cama, exceto por uma caminhada ao redor do relvado à tarde. À noite, li uma recensão de um livro sobre fadas e perguntei a K quando é que costumava vê-las. Em Inglaterra, via-as quando viviam na Ashdown Forest; via-as o tempo todo. Às vezes tinha medo de caminhar à noite, mas não conseguia descrever-mas. Tinha-se esquecido. Conseguia Nitya vê-las? Não se conseguia lembrar. Via-as na Índia? Provavelmente. Poderia vê-las hoje se tentasse? Talvez. Provavelmente eu poderia vê-las no bosque em Brockwood. Porquê na altura e não mais tarde? “Foi depois de vir da Índia. Mais tarde, provavelmente tornou-se mais sofisticado e não as via”.

Ir a um filme tinha a sua atração, e fomos de carro a alguns à tarde — de preferência os que tinham um pouco de ação, não demasiado *amour* e, se possível, cenários bonitos ao fundo. Habitualmente havia uma paragem na loja de produtos dietéticos no caminho de volta. No carro, uma pergunta: “Estava a perguntar-me como entraste nisto tudo? Deve ter sido planeado”.

A vinte e quatro de fevereiro, partimos cedo para Ojai. A conversa no carro virou-se para a atmosfera, a boa ou a má. Disse que, para mim, havia na vila de Ojai uma forte sensação de algo desagradável, de pessoas sórdidas. Perguntei: "Sabes porquê?".

K: "Há isso".

M: "Consegues vê-lo?".

K: "Há animosidade, há conflito, há inveja".

M: "Porque está aí?".

K: "Porque as pessoas que se sentem dessa maneira vão para lá, contaminam-no. É tudo".

Conversámos mais um pouco e K perguntou-me como é que eu lidava com isso. Disse que não fazia nada a esse respeito, apenas o pressentia, mas para mim a relação maior num lugar era com a terra, a beleza, as colinas, o oceano, a luz. E K disse que não deve haver resistência, nem antagonismo. "Há compaixão. Não há eu, nada que se estivesse a defender e havia a extraordinária beleza das colinas e da luz. Não há eu nisto, mas há uma bondade que pode ser invocada ou à qual se pode permitir formar um círculo através do qual o outro não entra. Mas enquanto se resistir ou se tiver algum antagonismo em relação ao mau, o bom não pode ser".

Reunimo-nos com outros curadores, bem como com Charles Moore e Murray Silverstein para olhar para os projetos de um centro de reuniões/centro de adultos. Pareceu agradar mais ou menos. Iam fazer uma maqueta e introduzir várias adições — planos para quartos individuais onde trinta pessoas pudessem ficar. Todos almoçaram em Arya Vihara. Moore, etcetera partiram, e os curadores concordaram em pedir a Zelma Wilson para projetar o edifício das salas de aula. Depois K, Erna, Theo e eu caminhámos pela Grand Avenue. Estava escuro quando voltámos, e um carro guinou para evitar uma bicicleta sem luzes e passou muito perto de K e Theo, que caminhavam cerca de vinte pés atrás de Erna e de mim. K e eu passámos a noite na casa de campo.

De manhã, K disse que tinha dormido mal, tinha tido pesadelos. "Os malignos estavam a tentar empurrar-me, a combater-me, e eu estava a tentar fazer um círculo ao meu redor, mas não funcionou e finalmente acordei. Estava a tentar fazer um círculo ao redor da casa. Sabia que

estavas lá dentro, e estava a tentar fazer um círculo". Quando lhe perguntei por que razão o círculo não tinha funcionado, ele disse: "Bem, funcionou, porque acordei". Teve cãibras no pé direito e teve de gatinhar pelo chão por causa disso. Depois adormeceu, e o outro pé teve uma cãibra e novamente teve de gatinhar para a aliviar. Depois começámos a falar outra vez sobre fazer o círculo, e ele disse que era algo sobre o qual não queria falar. Eu perguntei se era magia? Ele disse: "Sim, uma espécie disso". Perguntei se a tinha aprendido — se lhe tinha sido ensinada? Disse que não, mas sabia coisas assim. Perguntei por que não deveria ser contada a outras pessoas. Disse que não lhe estava a perguntar a magia em si, mas por que não deveria ser contada? Ele disse: "Tenho um instinto quanto a isso. Nunca falei sobre isso". Depois disse: "Lembras-te de quando viemos pela primeira vez para esta casa? [Pine Cottage] Eu queria fugir dela, era má, estava tudo errado. E depois viemos e ficámos e ela tornou-se correta e ficou melhor. Lembras-te disso?". Eu lembrava-me. E a partir disto contou-me que faz esta coisa sempre que chega a uma casa — Brockwood, Malibu, a casa de campo, ou presumivelmente o Chalet Tannegg, ou um quarto de hotel, ele faz o que chamou de desenhar um círculo ao redor do lugar, e disse que quando não está comigo lhe é difícil fazê-lo — quando estou a viajar ou fora, no entanto, mesmo quando vou à cidade no carro sozinho, ele faz isso até certo ponto para me proteger. Nisto estava o que depreendi ser o ponto crucial. Não se protege, como ele disse, "a Maria ou a si próprio. Não há eu nisto porque não há oposição. A parte intrínseca é o não-eu e a não-oposição". Falou de anjos — não anjos como seres sentimentais — "essa conversa fiada", como ele disse — mas um convite ao bom, à beleza. O assunto que tínhamos discutido antes sobre eu sentir antagonismo em Ojai surgiu novamente e o eu não reagir a isso, mas estar aberto à realidade da beleza do vale, das colinas, na qual não havia eu, e ele disse: "Sim, tu sabes isso agora, agora move-te a partir daí; nenhuma oposição, nenhum centro, mas convite à beleza e ao bom". E falou de haver as forças do bem, as forças do mal. "As forças do mal estão enormemente espalhadas. Sente-se isso tremendamente no mundo de hoje, vê-se na brutalidade das guerras, na matança, nos tormentos, no ferir dos animais e no destruir do encanto da natureza. Mas há a enorme força do bem". Queria que eu falasse com os Lilliefelt sobre isso, não vindo dele, mas para falar sobre este sentido do outro, sem centro e não alimentado pelo eu. Disse que fazia muitas coisas, mas que a magia não deve ser ensinada. Havia coisas

que ele podia fazer que, se eu aprendesse por mim própria, penso que ele sugeria que eu não conseguiria fazer. Falou de chegar a Vasanta Vihar no ano anterior, e a casa estava cheia do mau, e eles cometeram o erro de não o levar para os seus quartos antigos, mas para os seus quartos novos no andar de cima. De algum modo, ele desmaiou, e Sunanda, que não compreendia essas coisas, deixou-o sozinho, mas finalmente, quando ele voltou a si, fez esta coisa e ela tornou-se boa. Eu disse que haveria uma grande pressão do mau sobre os lugares em Ojai, e ele disse que era simples mudar isso. "Não é suficientemente forte. Faz-se algo diferente e bom".

Às 11 da manhã, ele manteve uma discussão com pais e professores em Arya Vihara. Partimos às 16h e conduzimos devagar para casa. No caminho, disse que eu tenho de aprender a curar. "É ser sem eu, com compaixão. Não pela pessoa — mas compaixão". Perguntei se ele se conseguia curar a si próprio? Disse que não, mas depois disse: "Talvez conseguisse se tu pusesses as tuas mãos e depois eu pusesse as minhas sobre as tuas".

No dia seguinte, os Dunne iam ter amigos para o almoço e a médica de Krishnamurti, Lailee Bakhtiar, era uma delas, por isso pedi-lhe que passasse por cá antes da hora. Ela examinou-lhe o tórax, comparou as radiografias tiradas recentemente em Londres com as tiradas dois anos antes. Tudo estava bem. A sua tensão arterial era de 120/80. Disse que ele tinha bronquite crónica, que um antibiótico poderia curar, mas que provavelmente recorreria. Deu uma receita para uma mistura para a tosse para tornar o muco mais fluido e sugeriu que era altura de ele consultar um urologista.

A vinte e oito de fevereiro, Dorothy Simmons e Mary Cadogan chegaram de Londres e foram recebidas por Mark e Asha Lee, que as trouxeram brevemente a Malibu a caminho de Ojai.

No dia primeiro de março, K e eu fomos a Beverly Hills para a consulta de K com o urologista Dr. Marvin Hausman, recomendado pela Dra. Bakhtiar. Ele tirou o historial clínico de K e examinou-lhe a próstata. Não encontrou qualquer aumento, mas recomendou uma IVP (contraste e radiografias da bexiga) para verificação posterior. K achou o Dr. Hausman um homem calmo e gentil, tal como Lailee tinha dito. Fomos depois ao barbeiro de K para um corte de cabelo e depois estacionámos nas traseiras

do Museu de Arte do Condado de Los Angeles, onde comemos o nosso almoço de piquenique no carro. Conduzimos depois para Westwood, onde K viu um filme, *Network*, enquanto eu tive uma reunião com Charles Moore e Bart Phelps sobre os projetos para a Pine Cottage. Estava de volta ao cinema na altura em que o filme terminou, e conduzimos para casa em Malibu.

**Capítulo Quarenta e Dois**

Na quarta-feira, dois de março de 1977, parámos as malas em Malibu e após o almoço conduzimos para Ojai e mudámo-nos para a casa de campo. Dorothy Simmons estava no apartamento de hóspedes do andar de baixo, ao lado, Saral e David Bohm estavam no apartamento do andar de cima, e Mary Cadogan estava hospedada com os Lilliefelt. Margrete e Fritz Wilhelm, Radha Burnier, Ahalya Chari e Alan Kishbaugh estavam em Arya Vihara. Às 11 da manhã seguinte, Krishnaji manteve a primeira reunião, à qual as duas irmãs Siddoo também vieram, assim como Evelyne Blau, Ruth Tettemer, Albion Patterson e Mark Lee.

K começou por dizer que desejava discutir o que aconteceria quando ele morresse. Os livros, as cassetes, etcetera não eram suficientes. Quem seria o guardião global para zelar para que os ensinamentos fossem protegidos e para que não houvesse divisão entre as Fundações? Deveria haver um grupo que tivesse conhecido K, que tivesse estado com ele, que tivesse o perfume de o conhecer, que tivesse compreendido algo dos ensinamentos, que andasse por aí a transmitir essa compreensão e a falar sobre isso. O grupo deveria ser formado durante a vida de K; un grupo daqueles que não só o conheceram, mas são respeitados por outros e que não têm outro interesse senão este. Apenas um grupo assim manterá as coisas unidas.

Almoçámos em Arya Vihara. Mais tarde K, Radha Burnier, Ahalya Chari e eu fomos dar uma caminhada, e Erna juntou-se quando passámos pela casa dela. À noite, todos jantaram em Arya Vihara, mas Michael Krohnen trouxe sopa e salada para la casa de campo, pelo que Krishnaji e eu jantámos em tabuleiros, como habitualmente.

Tinha sido sugerido que todos, exceto K, se reunissem por sua conta nos dias entre as reuniões com K. Assim o fizémos, e houve o início de uma boa discussão. Entretanto, K recebeu David Weideman na casa de

campo, e ele foi convidado a juntar-se a nós para o almoço. Foi instalada uma televisão na casa de campo e K decidiu que iríamos ver apenas as notícias, e não apenas tudo o que aparecesse. K sentia que dormiria melhor.

A segunda reunião com K realizou-se na manhã de cinco de março. Ele levantou as sugestões feitas pela Índia para um "grupo de topo" de representantes das Fundações, sem poder ou autoridade, mas como guardiães da pureza dos ensinamentos, para discutir os grandes problemas e manter as Fundações unidas em espírito e estrutura. Isto arrepiou o cabelo de alguns. Estava claro que K queria que este guardasse contra a separação e fizesse o que ele vinha a fazer, saber o que estava a acontecer em cada lugar, apontando o que era necessário e incitando a melhorias, etcetera. Mas igualmente claro foi um recuo inicial daquilo que era visto como um "órgão especial". A palavra "topo" era especialmente incómoda. Theo, em particular, via nela todo o tipo de autoridade espiritual implícita.

À tarde, Ahalya veio e sentou-se na varanda da frente da casa de campo, e falámos intensamente sobre o trabalho, as escolas e a necessidade de formação de professores; os assuntos que nos afetavam a todos. K saiu após a sua sesta e ele, Ahalya, Radha, Dorothy, Alan Kishbaugh e eu caminhámos até à Reeves Road e voltámos. No nosso regresso, K ligou a televisão, e lá estavam o Presidente Carter e Walter Cronkite a responder a chamadas telefónicas do público. K continuava a dizer: "Este homem vai mudar muita coisa neste país". Ele teria gostado de telefonar com uma pergunta — através de mim. A pergunta era: "Este país e as pessoas estão carentes de respeito, integridade e moralidade. O que pode ser feito a esse respeito?". K disse que ninguém tinha feito uma pergunta moral.

Sem K, reunimo-nos na manhã do dia seguinte, e continuou a haver discórdia sobre a sugestão do "órgão especial", com Theo incapaz de largar o seu alvoroço por causa da palavra "topo". Ele também desafiou, de forma algo agressiva, a posição contínua de Radha Burnier na ST e na sua Secção Esotérica. Ela disse que daria uma resposta, mas não nessa altura.

A terceira sessão com K seguiu-se a sete de março. Ele perguntou qual seria a reação deles se ele nomeasse um ou mais "no topo"?

"Consternação", disse Erna.

"Grave perturbação psicológica", disse Theo.

"Bem, não vou fazê-lo", disse K. "A ideia de topo era um grupo para manter tudo isto unido. Nenhuma sucessão apostólica. Não suspeitem que a Índia está a tentar impor algo. Mas como serão estas Fundações mantidas unidas?". À medida que a discussão avançava, cresceu a ideia de que pessoas de cada Fundação deveriam ir à Índia com K esse ano e, além disso, deveria haver reuniões anuais de todo o grupo. Isto foi provisoriamente acordado, e devíamos discuti-lo entre nós. Passámos depois a falar sobre os centros de adultos — um nome de que K não gostava. Disse que sabia o que diria às pessoas que viessem a ele se fosse o Fritz ou um de nós. "'Ouvi K falar. Compreendi o que ele disse. Não estou a falar dos meus próprios sentimentos. Pus de lado as minhas próprias capacidades e estou aqui para transmitir o que compreendi'. Discutam-no, trabalhem nele para que eles captem algo disso. Não a minha própria noção — totalmente impessoal. Os curadores são representantes daquilo que ouviram, compreenderam e vivem". K dormiu depois do almoço e estava cansado na caminhada com Dorothy, Ahalya e eu.

Na sessão seguinte com K, a nove de março, ele perguntou o que impediria alguém, quando todos tivéssemos partido, de tomar conta de tudo? Como poderíamos assegurar que isso não aconteceria? O que manterá tudo a mover-se, a florescer? "O que hei de fazer? Tudo o resto é secundário. É a coisa principal que me ocupa a mente. Continuarei a falar enquanto puder, a viajar enquanto for fisicamente possível, não até ao fim — não quero morrer no palanque — mas é a minha responsabilidade. As Fundações não sentiram isto, por isso é a minha responsabilidade. O que hei de fazer? Isto tem estado na minha mente há um par de anos". Entrou então na analogia de um bebé: se alguém tem um bebé, cuida dele, etcetera. "Este é o meu bebé", disse ele, e tornou-se claro que os restantes de nós sentiam que era o bebé dele, não o nosso. Ninguém tinha uma resposta para o que as Fundações podiam ou deviam fazer com o bebé dele. Falou da desintegração em ritual, etcetera após as mortes do Buda e de outros professores. Como pode ser mantido vivo? Disse: "Porque nunca foi feito, é possível. Esse é o desafio". Disse que as Fundações são os vasos nos quais a coisa continua a florescer. "Pode A entregá-lo a B? Encontrarei a resposta. Pode ser que não haja resposta. Se for assim, é a resposta certa". O poder que ele exteriorizou nisto foi avassalador. Senti-me virada do avesso, incapaz de me mover durante um tempo após ter terminado. Outros ficaram apenas sentados, imóveis. Senti-me esvaziada de tudo exceto do

fluxo daquilo. Quantas vezes a imagem de um rio descreve, e descreveu naquele sonho tão vívido, anos antes, em Gstaad, do rio cinzento e torrencial e da majestosa sequoia. O propósito de K, o seu ensinamento, era o fluxo. Entrei nele há muito tempo e havia apenas o fluxo nas minhas veias, mente, coração. Os pedaços e fragmentos do eu são levados pela água. Caminhei de volta para la casa de campo e sentei-me na minha cama de lona. K entrou e acalmou-me quando viu que eu estava a tremer. Depois do almoço, ele viu as irmãs Siddoo, que lhe falaram dos seus planos para começar a escola delas no Canadá. Conduzimos depois para Malibu. No caminho, perguntei-lhe se haveria tal coisa como génio, no seu sentido real, no campo da religião — um génio inato, nascido, como noutros campos, e, se assim fosse, poderia talvez ser necessário para ser capaz de fazer o que ele estava a sugerir? Ele compreendeu a minha pergunta e pareceu estar a ponderá-la. Poderia isto explicar o não se pegar fogo quando ele tinha acendido a chama? Falei-lhe da minha própria imagem dessa manhã, enquanto ele falava — o sentimento do meu estranho e arrebatador sonho. Ele era a nascente, a água límpida e pura tinha-se tornado um vasto lago. As Fundações podiam manter a água limpa e pura, mas apenas ele era a nascente. Assim, chegámos a casa em Malibu.

No dia seguinte, dez de março, fomos cedo para Beverly Hills, onde K fez uma radiografia aos rins e à bexiga. Regressámos para o almoço em Malibu e, após um descanso, conduzimos de volta para Ojai. Krishnaji manteve a sua reunião seguinte com os curadores e disse que a sua responsabilidade e a das Fundações era para com a luz do ensinamento. As Fundações deviam compreender a tremenda profundidade do mesmo. Disse: “Sinto-me responsável por ver que esta coisa seja transmitida na totalidade, não parcialmente. É vossa responsabilidade compreendê-la. Não é uma estrada de sentido único. Se sentirem responsabilidade total, terão capacidade, então acontece. A capacidade vem à medida que a pessoa entra nisso. Portanto, a minha responsabilidade é ver que cada membro das Fundações compreenda. Se alguns não estão tão envolvidos, o que faremos juntos? O que o está a impedir? Não é o florescer uma tremenda questão para vós? Pode estar lá o tempo todo — esta crise. A crise não tem motivo. Perguntar como provocar uma crise é demasiado tolo. Ou é uma crise, ou não é de todo. Se for uma crise, acontecerá. A crise é uma tremenda necessidade de compreender. Eu estaria em cima disso, a observar, a questionar, a ver se a minha mente está condicionada, ambiciosa.

Trabalharia nisso, investigaria, sentiria que tenho de descobrir. Se o florescer não estivesse a acontecer, seria uma crise, um desafio. Se os membros da Fundação se derem conta de que não é uma crise para eles, então ela terá lugar. A minha responsabilidade é sentir a tremenda crise. Tenho estado a perguntar-me nos últimos dias o que era. Vejo-o agora. Se essa é a minha responsabilidade, o que farei se vós não [vos derdes conta da crise]? Ir-me embora? Ou trabalhar nisso? Dar-lhe um limite de tempo? Qual é a minha responsabilidade? Ir para um novo grupo e passar por tudo aquilo novamente? A minha tremenda responsabilidade é ver que vós floresçais, e a vossa é ver que isso se torne uma crise na vossa vida. Mas se não se tornar, o que farei eu? Outro grupo? O mesmo problema, por isso não posso deixar este grupo. Estou a começar a ver algo: sabendo que se deixar este grupo será pior, totalmente inútil, um desperdício de energia colossal. Não me posso divorciar. Serei complacente com isso? Recuso-me. Tenho de fazer algo para vos fazer mudar. Vou manter-me fiel a isto".

Todos pareceram atordoados, silenciosos e profundamente comovidos com isto, sentados sem se moverem.

Depois do almoço, K e eu conduzimos Ahalya Chari e Radha Burnier para Malibu, com K a fazer a maior parte da condução. Toda a gente estava a tirar o fim de semana. À chegada, falei com o Dr. Hausman sobre os resultados das radiografias de K. Ele encontrou uma "pequena obstrução", estava 85 por cento seguro de que era na próstata, mas disse que havia uma possibilidade de 5 por cento de um tumor e queria fazer uma cistoscopia para descobrir. Foi feita uma marcação para vinte e oito de março para discutir o assunto.

Passámos um fim de semana calmo, com K a descansar na cama, exceto para vir à mesa para o almoço e caminhar no jardim. Ahalya, Radha e eu conversámos, descansámos e lemos. Não deixámos o lugar até à tarde de domingo, quando conduzimos de volta para Ojai.

A catorze de março, na reunião de curadores, K perguntou o que traria as pessoas aos centros. Disse que, se ele tivesse ido ter com o Buda, teria sido para descobrir como ele pensava, como a sua mente funcionava, porque dizia certas coisas, para compreender a sua mente, para estar naquela atmosfera, para ver a qualidade do Buda. Disse que, quando K partisse, as pessoas viriam dizendo: "'Passou tempo com ele, aprofundou as coisas com ele, por isso, ao estar aí, deve ter captado algo'. Isto é

fundamental: depois podem discutir o medo, etcetera". Disse que os livros eram bons, mas que não se alcançava uma maior profundidade dessa maneira. Era necessária uma outra qualidade; alguma qualidade que não pode ser alcançada através disto [esforço a este nível], embora se tenha de ser sem medo, sem tristeza, etcetera. Isso não é o fim. Disse: "Vós não pedistes isto. Quando o quereis, obtendes-lo. E não passeis uma vida inteira a lançar o alicerce. Algo muito mais tem de ter lugar".

Mais uma vez, o impato do que ele disse deixou a maior parte de nós silenciosa e avassalada. Estava frio e almoçámos dentro de Arya Vihara. Fui a Ventura buscar cobertores elétricos. Estava tão frio na casa de campo que era difícil dormir.

No dia seguinte, quinze de março, K e eu fomos de carro até à casa de Cynthia Wood, em Santa Barbara. Os curadores estavam lá, e os arquitetos também, para mostrarem os planos revistos para o edifício da escola. Estes foram aprovados e foi dada autorização para avançar. Conduzimos de volta para Ojai devagar pelas colinas, e K sorriu durante todo o caminho e ficou impressionado com a profusão de abacateiros recém-plantados.

Mary Cadogan veio à casa de campo para falar comigo e K juntou-se a nós. Ela mencionou a preocupação de alguns relativamente à posição de Radha tanto na ST como nas Fundações K. K disse que falaria com ela em privado antes de o assunto ser levantado novamente nas reuniões. Falámos também sobre as implicações do que ele nos tinha andado a dizer e perguntámos se a sua presença tornaria mais possível para nós continuar. Algo mais do que aquilo que tínhamos aprendido estaria a atuar. Mais tarde, a sós com ele, tentei dizer aquilo que raramente tinha mencionado, mas que era o meu alicerce — que, com todo o meu ser, queria ir até ao fim nisto. Disse também que, ao longo de tudo, tinha visto que o querer, o desejar, o ver não é o caminho, que isso se move contra a realização, mas que restava um centro ardente que se importava apenas com aquilo a que ele chamava "muito mais". Falei de "abrir a janela" e ele disse para falar sobre isso nas reuniões.

A dezasseis de março, na reunião de curadores, perguntei sobre a "janela aberta" através da qual o vento pode entrar. K disse que "lançar o alicerce [compreender os medos, etcetera] exige o outro. Se se compreende uma parte, compreende-se o todo. Lançar o alicerce provoca um movimento. O volume de água traz o movimento. O movimento traz

energia. Ao lançar o alicerce, não demorando demasiado tempo — comprimi-o, e então há ímpeto, energia, movimento. Depois a discussão teria lugar num nível diferente, verbal ou não-verbalmente". Mais tarde, disse: "Podemos agir como se K já não estivesse aqui? O que fariam?" e "Se embeberam os ensinamentos, vós sois o professor". Depois: "Tendes um poço profundo; não vais lá com um balde pequeno. Pelo amor de Deus, usai K. Aprendei. Tendes pouco tempo. É da responsabilidade das Fundações sugar isso até secar". À medida que continuava, ficava claro que se ia ao poço sem balde nenhum. À tarde, K teve uma longa conversa com Radha sobre as posições dela tanto na ST como na KFI. Ela parecia não ter-se apercebido de que poderia haver uma contradição. Ele disse à Dorothy e a mim, depois, que não a tinha aconselhado sobre como agir, mas sim para olhar para o todo da questão. Salientou à Dorothy e a mim que decisão difícil Radha enfrentava.

No dia seguinte, Krishnaji falou com Mark de manhã sobre a dificuldade de encontrar professores. À tarde, falou a sós com os Siddoo. Erna foi com Stanley Cohen à audição da comissão de planeamento sobre uma licença para as palestras de K no Oak Grove. Também presentes estavam Annie Vigeveno, Austin Bee e o Sr. e a Sra. Kelly, que tinham comprado a casa Zalk. O Sr. Kelly expressou oposição por causa do barulho, dos buracos na estrada, etcetera. Recebemos permissão apesar das objeções. K ficou chocado por Rajagopal ter enviado Bee e Vigeveno para se oporem às palestras no Oak Grove.

A reunião de curadores de dezoito de março começou com David Bohm a sugerir que começássemos por onde a série de vídeos que ele e David Shainberg tinham feito com K tinha terminado. O assunto era o "sagrado". O que se seguiu foi uma exploração considerável da culpa e da responsabilidade. K tendeu a denegrir a responsabilidade em favor da compaixão, muito maior e mais abrangente. "A compaixão nunca pode estar errada", disse ele. "A compaixão nunca pode ser inadequada em circunstância alguma. Se a ação vem primeiro, conduz à culpa. Deixai a compaixão agir. Se vós sois o mundo, o que eu sinto da forma mais profunda, a compaixão surge. Sagrado é o sentido de totalidade. Viver no ponto da totalidade é uma coisa tremenda. O ensinamento ocupa-se de toda a vida e a partir daí vem a compaixão. K sente que devíeis entrar neste sentido de compaixão, por isso ele está a trabalhar nisso. Vós estais a perguntar o que fazemos em relação a isto e àquilo — a escola, a

administração, etcetera, e K diz parai tudo isso e vinde para isto e respondereis corretamente. Não me sentires culpado se vós não o fizerdes. Quero que o façais, mas seria um horror se eu me sentisse culpado ou desapontado. Portanto, é o meu trabalho ver que vós entrais. E não é o vosso trabalho ver que outros entram? Mas primeiro vinde para aqui".

"Sentimo-nos culpados porque não o conseguimos fazer? As igrejas disseram que se deve renunciar e aí começou a culpa. Estais a escutar consciente ou inconscientemente? O consciente é reação. A escuta profunda é sem resposta. Essa pode ser a resposta. Nesse nível profundo, não há tu e eu. Neste [nível superficial], há. Há algo de extraordinário nisto. Estais a escutar K à superfície e estais a fazer um esforço para ir lá abaixo e escutar. Não funciona dessa maneira. Conseguis escutar sem movimento? Isso pode transmitir o que K quer dizer". Disse que, por exemplo, tinha escutado Hitler dessa maneira e viu instantaneamente o que ele era. "Se escutardes a um nível mais profundo [sem palavras] como membros da Fundação, algo inteiramente diferente tem lugar — sobre as escolas, centros, etcetera. Então vós sois os professores porque se moveram da periferia para o próprio centro disso. Se realmente escutardes em silêncio, estais lá porque não há eu, tu, o mundo".

Depois do almoço em Arya Vihara, conduzimos de volta para Malibu e, na manhã seguinte, dezanove de março, voámos de Los Angeles para São Francisco e fomos de táxi para o apartamento da Sra. Blanche Mathias, onde K falou com ela em privado durante uma hora. Ela tinha andado perturbada com o que pareciam alucinações e tinha-lhe apelado para compreender o que estava a acontecer. Ele disse que a hipersensibilidade dela devido à doença a tinha feito captar essas coisas. Não disse o que mais lhe disse, mas indicou-me que eu já sabia como lidar com tais coisas [sem centro, sem eu]. Almoçámos com ela e, depois, Alain veio e conduziu-nos para o seu apartamento, onde tomou nota dos sintomas de K para sugerir remédios homeopáticos. Levou-nos depois ao aeroporto e voámos de volta para Los Angeles, para o carro, e assim para Malibu a tempo do jantar.

Na manhã seguinte, após um pequeno-almoço cedo, conduzimos para Ojai a tempo de uma reunião às 11h com os curadores. Após uma hora de discussão sobre assuntos de procedimento, Krishnaji perguntou se a responsabilidade pelo florescer repousava sobre todos os membros da Fundação. Iríamos todos ajudar-nos uns aos outros para trazer ao centro um

sentido de outridade? Disse que todos falávamos sobre a culpa, mas que era um assunto enorme com o qual não tínhamos lidado a fundo. Disse: "Não acho que estejamos a exigir de nós próprios o mais alto. Continuamos a dizer que não o conseguimos fazer, é vosso, nós explicaremos os vossos ensinamentos. Se for vosso [das Fundações], não será poluído. Pensei ontem, como vamos até ao fim com isto? K diz, vinde para aqui e bebei tanto quanto puderdes, envolvei-vos totalmente, e receio que estejais a dizer que é demais — não sabemos como".

"Nos centros, quando alguém perguntar, sereis capazes de lidar com isso — não como indivíduos? Resolvemos aquilo que nos reunimos para discutir — o que acontecerá quando K partir? Ou é insolúvel? Tornou-se algo sobre o qual tenho de fazer alguma coisa". Falou de uma mina de ouro; íamos nós parar à entrada da caverna? O que vamos fazer em relação à mina de ouro? "Vou perseguir isto pelo resto da minha vida com as Fundações. Aconteceu estarmos juntos. O meu trabalho é muito claro para os próximos dez anos. Sempre que nos reunirmos, vou empurrar esta coisa. Qual é o vosso dharma? Uma palavra boa, mas estragada. Dharma significa sustentar o original, se me é permitido usar essa palavra com tremenda hesitação. Não é compreendido no Ocidente. Portanto, o que se deve fazer como membro da Fundação quando K partir? K disse que esta mina é um tesouro sagrado. Deixo-o convosco. O que fareis com ele? O meu dharma tornou-se muito claro nestas reuniões. Além das reuniões públicas, é puxar-vos e empurrar-vos para dentro da caverna. Sinto isto tremendamente. Eu aceito isso. O que acontecerá ao fim de quinze anos? O que fareis?".

Vinte e um de março. A Sra. Gandhi e o seu filho, Sanjay, não conseguiram ambos ganhar assentos parlamentares nas eleições indianas e o partido do Congresso foi derrotado. K não ficou surpreendido e perguntou-se o que faria ela. Nessa tarde, Radha Burnier, Mary Cadogan, Dorothy Simmons, Erna e eu fomos ao escritório da K&R para ver os arquivos. A Sra. Vigeveno deixou-nos entrar, mas foi totalmente irresponsiva quando pedimos material. Disse que não havia inventário e que ela não estava ali para nos ajudar. Não vimos manuscritos, nem cartas para K. Mary tentou telefonar a Rajagopal, mas foi-lhe recusado o uso do telefone. Radha pediu para ver material enviado de Adyar e não recebeu resposta.

A notícia no dia vinte e dois era que a Sra. Gandhi se tinha demitido de primeira-ministra. K sentiu uma certa responsabilidade, pois tinha-lhe dito para fazer o que quer que fosse correto. E, aparentemente, ela fê-lo.

Na reunião de curadores, houve discussão sobre a relação entre os ensinamentos de K, as palavras de K e a verdade. Haveria tal coisa como o ensinamento de K ou apenas a verdade? Estaria ele a falar a partir do silêncio da verdade ou a partir de uma ilusão da verdade, o "ruído" da ilusão. Como descobrir? Quem havia de julgar? Seria a partir do silêncio da verdade ou a partir de reações, condicionamentos? "Como não sei, escuto, pondo de lado a personalidade, a influência. Estou a questionar o meu próprio questionamento. Consigo escutar o que ele diz com um abandono do passado? Então há uma relação diferente com ele. Vejo todos os perigos do pensamento. Estou a escutar a partir do silêncio".

O vinte e quatro de março foi a décima primeira e última reunião de curadores. Houve uma continuação sobre como sabemos se K está a falar a verdade. David Bohm disse que o *insight* poderia ver que era verdade e, tendo-o visto, a pessoa pode logicamente deduzi-lo. Portanto, a perceção vem a intervalos, ou haverá uma perceção que nunca termina? Quando K morresse, as Fundações deveriam ser "sem culpa", totalmente responsáveis pela sua própria perceção, *insight* da verdade que K falou. Uma perceção é suficiente; abre a porta. Portanto, há *insight* o tempo todo. Nunca há confusão. Irá uma ação posterior confundir a perceção ou a perceção nunca seria confundida? A mente procura segurança no *insight*. Na perceção real [completa], não há confusão. A perceção nunca é parcial, mas não poderia haver perceção se a vida diária de alguém estiver em desordem. Qualquer conclusão é prejudicial para a perceção. Então, o que é a perceção? É sem apego, sem medo. Há perceção apenas quando não há divisão entre o observador e o observado. No ato de explorar, no ato de observar, há *insight*. Houve a analogia de lavar uma janela através da qual se olhava. A arte de observar limpa a janela. K disse que nunca tinha feito isto, nunca tinha sido necessário, e David Bohm perguntou, como sabia ele então se outra pessoa conseguiria? K disse: "Porque se vê instantaneamente. Tendes de passar por tudo isto ou fazê-lo instantaneamente? Ao ver que o observador é o observado, ao ver o funcionamento disso, vê-se a totalidade. Acho que esse é o único caminho".

Foi-lhe perguntado se era possível para um ser humano ver tudo num relance — a perceção total? K disse: "Nenhum ser humano se recusou a passar por tudo isto [medo, etcetera] e disse não operarei na minha resposta condicionada. Se o fizesse, algo diferente poderia ter lugar. Algo diferente tem lugar quando se olha para a coisa toda. No entanto, aquele homem [K] nunca disse isso; simplesmente o fez. A exigência da essência da excelência lavou tudo o resto. É possível. Deve-se ter uma paixão pela excelência. O *insight* total é a chama que queima toda a confusão. Não agis vós então como um íman quando sois apaixonados por provocar a transformação? A paixão pode ser o que está em falta. Está em falta — pedi-a!".

Depois da reunião, fomos todos para o Ranch House, onde ofereci o almoço. Os Hooker organizaram-no muito bem e comemos lá dentro, pois caía uma chuva ligeira. Mais tarde, no escritório, houve uma reunião sobre brochuras. K falou com Ahalya, depois ele, ela, Dorothy e eu demos uma curta caminhada. Também choveu durante a noite.

No dia seguinte, vinte e cinco de março, havia neve acima do vale, na Sulphur Mountain. Mary Cadogan e Dorothy Simmons partiram para Inglaterra, e Ahalya Chari foi para São Francisco. David Bohm deu uma entrevista na rádio sobre Krishnamurti, na estação KPFK, que escutámos com Erna e Theo na casa deles. K manteve discussões com professores e pais nos dois dias seguintes e depois regressámos a Malibu.

K tinha uma consulta com o Dr. Hausman no seu consultório em Beverly Hills, onde nos mostrou as radiografias dos rins de K, que estavam ótimos, mas a bexiga estava afetada onde a próstata estava aumentada e a saída estreitada. Houve uma discussão minuciosa sobre o que deveria ser feito. Perguntei pelo prognóstico se nada fosse feito, e ele disse que haveria uma eventual paragem. Se feita cedo, a operação era relativamente simples e menor, mas mais complicada se adiada, pois ocorreria infeção, os rins seriam afetados, e também estas consequências funestas poderiam acontecer subitamente durante viagens ou num local sem instalações médicas adequadas, numa altura em que K estaria não só mais velho mas não na sua excelente saúde geral de então. Isto fez K decidir que o assunto tinha de ser tratado aqui e cedo. K expressou o seu desejo de não ficar inconsciente; a sua mente não devia ser tornada artificialmente inconsciente. O Dr. Hausman disse que uma anestesia local (bloqueio

espinhal) era muito habitual e seria feita se K assim o desejasse. K concordou com isto. O Dr. Hausman explicou que há muitas vezes uma perda de sangue nesta operação e se K aceitaria uma transfusão de sangue, se necessário? K disse não ao sangue de outra pessoa. O Dr. Hausman perguntou então se ele aceitaria o seu próprio sangue, e K disse que sim, claro. Portanto, ele ia dar um quarto de litro em duas ocasiões diferentes com antecedência, caso fosse necessário. Disse que queria poder ficar no hospital perto dele e o Dr. Hausman disse que isso seria providenciado. A data para a cirurgia foi marcada para dois de maio e K concordou em convalescer em Malibu durante o mês de maio. K tomou todas estas decisões à medida que o Dr. Hausman as apresentava. Viu as necessidades e, depois, disse que estava a observar o corpo para ver se este aceitava. Uma outra coisa que explicou a Hausman foi que o seu corpo nunca tinha sido invadido — isto é, cortado, e Hausman explicou que nesta operação não há incisão; a entrada é feita através da abertura natural, o interior da bexiga é observado e uma pequena secção da próstata ao redor do colo da bexiga é desbastada. A estadia no hospital deveria ser de quatro ou cinco dias, depois descanso em casa. K disse que os músculos da sua bexiga eram muito fortes, devido ao ioga, e isto faz a urina empurrar de volta para os rins quando a saída está bloqueada. Partimos e parámos para alguns recados a caminho de casa.

Dois dias mais tarde, K disse que estava determinado a comparecer na conferência de psicoterapeutas de Shainberg em Nova Iorque no final de abril, antes da cirurgia aqui em maio. O meu irmão disse que podíamos ficar no apartamento da Ritz Tower. Fomos à cidade e, enquanto K cortava o cabelo, fui buscar *enchiladas* de queijo ao mercado dos lavradores, e fizémos um piquenique com elas numa rua lateral sombreada em Beverly Hills. Depois fomos a um filme, *O Factor Domino*, e voltámos para casa a tempo de uma caminhada no jardim. Houve uma chamada telefónica de Blanche Mathias: as suas alucinações tinham desaparecido depois de K a ter visto em São Francisco.

## Capítulo Quarenta e Três

A trinta e um de março de 1977, Diane e David Shainberg e os seus filhos, Steven e Nancy, que tinham estado hospedados em Ojai, vieram almoçar a Malibu com Krishnaji e comigo. Foi uma visita agradável.

No dia seguinte, Alain Naudé ligou em seu próprio nome e no de Theo para dizer que dois de maio, a data proposta para a cirurgia, era má astrologicamente. “Quão supersticiosos somos nós?”, disse K, mas, na teoria de não ignorar nada para o seu bem, pedi ao Dr. Hausman para mudar a data para nove de maio, o que estava tudo bem, de acordo com Alain.

K e eu conduzimos para Ojai a tempo do almoço. Depois, levámos Ahalya, que tinha regressado de São Francisco, a olhar para o Oak Grove, que estava pronto para a palestra de abertura de Krishnaji no dia seguinte. Tudo parecia em ordem e havia uma vedação cuidada ao redor do perímetro. Tivemos de obter permissão do condado para realizar as palestras esse ano.

Sábado, dois de abril, teve nuvens mas não chuva, e às 11h K deu a sua primeira palestra e falou sobre a necessidade de segurança — sendo a única segurança a inteligência. A palestra foi gravada a cores em vídeo por uma estação de televisão de Santa Barbara para a Fundação. Um Sr. Sperling, da Comissão de Planeamento do Condado de Ventura que deu a licença, estava lá para inspecionar. Estima-se que compareceram 3000 pessoas. Depois, K foi até onde Alan Hooker tinha organizado o almoço, mas após aparecer, K regressou à casa de campo, onde almoçámos calmamente.

Três de abril. K deu a sua segunda palestra no Oak Grove e almoçámos lá. À tarde, dactilografei cartas para Pupul e Sunanda para Ahalya levar para a Índia. Dei-lhes a notícia da próxima cirurgia de Krishnaji. Ahalya veio na caminhada da tarde com os Lilliefelt e Alan Kishbaugh, e depois dissemos adeus. A presença dela tinha sido um prazer.

No dia seguinte, os Bohm vieram dizer adeus. Ia para Nova Iorque, mas antes de partirem, K e David conversaram e a conversa virou-se para o assunto do mal. As minhas notas sobre isto perderam parte do início, mas o seguinte é o que tenho:

K: “Há outras forças. Podes usar a palavra mal. Há pessoas no mundo que são más”.

DB: “Diria que essa força penetrava além da comunicação comum?”.

K: “Elas penetram apenas quando esse interesse não está no comando”.

DB: “O que não está claro para mim é, supõe que há uma pessoa má a fazer o mal através das suas palavras e ações, mas supõe que não a vejo, ela está algures longe”.

K: “Mas há um fenómeno muito bem conhecido — posso pensar em ti alegremente com afeto e cuidado — ou posso odiar-te”.

DB: “Agora, esse ódio afeta-te quando estás longe?”.

K: “Sim, é isso que quero dizer”.

DB: “Então há uma transmissão de pensamento?”.

K: “Oh, obviamente, obviamente”.

DB: “Sim, bem, é importante clarificar isso porque contradiz o que as pessoas habitualmente aceitam. Mas está bastante claro sobre isso, bastante seguro disso?”.

K: “Estou bastante seguro. Pessoalmente, quando vou a um lugar com o qual não estou familiarizado, onde não vivi — digamos, quando vim aqui pela primeira vez após dez anos — entrei por aquela porta, senti-me horrorizado. Disse-lho a ela; saí a correr”.

DB: “Como está agora?”.

K: “Nada. Desapareceu tudo”.

DB: “But o que aconteceu?”.

K: “A outra coisa é mais forte. Não pode ser tocada. É por isso que, quando o médico me perguntou se queria [a anestesia] por injeção ou anestesia total, disse que não desejava ficar inconsciente”.

DB: “Ocorreu-me, diz que estas pessoas estão presas num pensamento confuso, no entanto há uma transformação possível através da qual elas saem [de algo] disso. Diria, supõe que tomava um anestésico e ficava preso e um pensamento mau tomava conta de si…”.

K: “Oh, mas não quero passar por tudo isso, com certeza”.

MZ: “É relevante perguntar qual é a diferença entre a inconsciência da anestesia e o sono?”.

K: “Oh, isso é inteiramente diferente. Aí é natural. Isto é antinatural”.

MZ: “Porque é imposto?”.

K: “És forçado, és expulso”.

DB: “Agora, com o sono, diria que há uma espécie de atenção?”.

K: “Oh, sim, aquela inteligência está a vigiar”.

À tarde, Isabel Biascoechea, Alfonso Colon, o Sr. Riesco e Sendra vieram ver K e mais ou menos esclareceram as coisas. Sendra tinha um plano elaborado pelo qual a *Fundación* faria todo o trabalho das suas empresas editoriais e pagaria a ele e à sua esposa vitaliciamente. Foi rejeitado. K deixou ao critério dos outros membros da *Fundación* se Sendra deveria continuar como curador, mas com uma forte implicação de que se demitisse ou que lhe fosse pedido para sair pelos outros.

A cinco de abril, K manteve a primeira das discussões públicas no Grove e, no dia seguinte, enquanto passava o dia na cama, ditou uma carta a Rajagopal dizendo que viria ver os arquivos a quinze de abril e estava preocupado com o relatório dos curadores de que nenhum dos seus manuscritos estava lá. Viria para os ver e também as cartas da Sra. Besant, C. W. Leadbeater e Aldous Huxley.

Após a discussão pública seguinte, várias pessoas vieram almoçar, incluindo Pascaline Mallet e Gizelle Questiau. Houve palestras públicas a nove de abril e no Domingo de Páscoa. À noite, com grande seriedade, disse-me que eu tenho de ser vigilante com ele após a operação, que a linha entre a vida e a morte era muito fina para ele, e que eu devia lembrá-lo de ser vigilante.

No dia seguinte, escrevi à Dorothy e à Mary Cadogan sobre os planos dele para fazer a operação e para ficar na Califórnia durante o mês de maio. K viu Sendra a sós, que tentou anular os acordos feitos na última reunião com os outros membros da *Fundación*. K disse que não. Caminhámos mais tarde e, à noite, ele falou-me novamente sobre não o deixar escapar no hospital. Eu tenho de falar com ele, lembrá-lo de “ser muito vigilante após a operação”. Disse que o corpo, nos últimos três dias, tinha estado a resistir à operação, e que o perigo era que ele — K — pudesse subitamente dizer “já chega” e escapar. Disse que a linha entre a vida e a morte estava sempre ali; tinha-lhe acontecido no passado, aconteceu ali em Ojai quando ele

estava a caminhar nas montanhas, tinha acontecido na Índia onde ele "se desliga" e "vagueia para longe", como ele referiu, e poderia acontecer. Disse que não deve tomar qualquer sedativo, mas que, em particular, eu tenho de estar vigilante. Perguntei o que poderia eu fazer, e ele disse para falar, falar com ele. Não aconteceria com estranhos por perto, mas sim depois de ele voltar para o seu quarto após a operação. Tenho de falar com ele e lembrá-lo também de manhã, antes da cirurgia. Também o tenho de lembrar antes de ele doar o seu sangue. Tenho de estar vigilante. Na noite anterior, tínhamos estado a brincar sobre algo — "um empréstimo habitação" que estava a ser anunciado na televisão — e eu disse: "Deseja candidatar-se a um empréstimo habitação?" e ele disse: "Sim". "Com que objetivo?", perguntei. E ele disse: "Para uma operação", o que me apanhou de surpresa porque, desde que tinha tomado a decisão de a fazer, não se tinha referido a ela exceto de forma factual e, subitamente, no meio desta conversa brincalhona, o assunto surgiu. Mais tarde, perguntei-lhe se ele não queria fazer a operação: desejava cancelá-la? Disse que não, estava decidido. Perguntei-lhe mais uma vez e ele disse: "Não, se uma pessoa se desleixar e se houvesse uma paragem, seria muito pior". Mas eu tenho de o lembrar.

Ele manteve a terceira palestra pública no Grove a doze de abril. Havia convidados ao almoço em Arya Vihara e foi feita uma pergunta sobre o pensamento ser matéria. K disse que o pensamento como matéria morre com o corpo, que é matéria, mas sugeriu que o pensamento, de alguma forma, entra num fluxo de consciência e continua. Tentei pedir-lhe para clarificar mais especificamente como isto acontece, mas este não pareceu ser o momento em que ele o queria fazer. Foi feita uma pergunta sobre a reencarnação, e K disse que o corpo e a mente morrem, mas o pensamento é como uma energia exteriorizada pela mente; é matéria e continua, tal como o mal existe, tal como o bem exteriorizado pelo homem existe.

À tarde, chamou Colon, Isabel Biascoechea, Riesco e Sendra e castigou Sendra por misturar a Teosofia e os ensinamentos de K. Disse aos membros da *Fundación* que eles têm de lidar com isto e com Sendra.

Na manhã seguinte, falou novamente sobre eu estar vigilante quando ele doar sangue também, e que eu tenho de contar aos Lilliefelt sobre o possível perigo. Às 9:30, Charles Moore e Bart Phelps vieram com uma

maqueta de como ligar a casa de campo à nova ala. K gostou e também de uma amostra de telhado cinzento. Enquanto eu estava com os arquitetos, K falou com Mark Lee sobre os problemas dos professores. Permaneceu na cama, mas fez com que os Lilliefelt, Mark, Alan e Evelyne entrassem para discutir os salários dos professores e outros descontentamentos. Disse que eles têm de compreender que aquilo que está a ser feito é a coisa principal. Depois, subitamente, perguntou-me se podia dizer-lhes o que me tinha dito sobre a operação. Disse-lhes que tinha sempre vivido numa linha muito fina entre o viver e o morrer, que ele "não deve escapar" no hospital, que me tinha dito o que fazer. Eles lavados em lágrimas. Quando os outros partiram, chamou Erna e Theo de volta e falou-lhes um pouco mais sobre o assunto.

Quinze de abril. Em consonância com os nossos direitos legais no acordo de transação com Rajagopal, Krishnaji tinha escrito a Rajagopal informando-o de que desejava visitar os seus arquivos e mencionou planear olhar para certas cartas, manuscritos, etcetera. Assim, ele, Erna, Theo, Ruth Tettemer e eu fomos ao edifício na Besant Road. Austin Bee deixou-nos entrar e Rajagopal apareceu rapidamente. Disse que não sabia onde estavam os manuscritos de K, e que todo o outro material era sua propriedade pessoal. Krishnaji retirou-se então, mas antes de o fazer, pedi a K para olhar para as duas primeiras fotografias que eu tinha encontrado num álbum, aparentemente coligido por Nitya, pois a escrita por baixo era dele. Estas eram de "Krishna, com cerca de cinco anos" e "A mãe de Krishna" — uma fotografia separada. K olhou para elas e depois partiu.

## Capítulo Quarenta e Quatro

Houve dias calmos, com K a descansar, caminhadas e uma expedição ao cinema, e o dia oito de maio de 1977 começou com Krishnaji a fazer os seus exercícios de forma muito minuciosa, e depois Erna e Theo vieram almoçar. Falámos sobre a aparente imaturidade dos professores na escola e sobre Erna ter escrito ao Sr. Cohen acerca de Rajagopal desrespeitar o acordo sobre a visita aos arquivos. Ela também tinha escrito a Rajagopal dizendo que ela e Krishnamurti viriam a dezassete de maio para iniciar um inventário dos arquivos. Houve discussão sobre as cartas JK–Leadbeater e como se julga a credibilidade das mesmas. Salientei que havia então apenas uma testemunha a quem se podia perguntar — o próprio K. Ele disse que não aceitava realmente o seu próprio testemunho de juventude de ver

mestres, etcetera, como fiável. Não se lembrava nessa altura, mas também salientou que com aquela idade era muito jovem, mais jovem do que a sua idade numérica, era impressionável, etcetera. Tivemos de interromper esta conversa e partir. Os Lilliefelt foram para um motel perto do Hospital Cedars of Lebanon para poderem estar lá na manhã seguinte. K e eu conduzimos sob uma bátega de chuva para o hospital e demos entrada no oitavo andar, onde a Dra. Bakhtiar tinha requisitado uma enfermeira particular que estava a postos, uma jovem mulher simpática e calma, sensível e compreensiva. K tinha um quarto de canto grande com uma mesa e sofá, mas também tinham providenciado um quarto ao lado do dele para mim. K fez o que quer que fizesse para de algum modo "limpar" o quarto para criar uma atmosfera, algo protetor, e mais tarde foi sozinho ao meu quarto fazer o mesmo.

Lailee Bakhtiar apareceu e falou a sós com K, recolhendo mais historial clínico. Depois, a rotina pré-cirúrgica do hospital desenrolou-se: radiografia ao tórax, análises ao sangue, ECG, etcetera. Tornou tudo mais fácil o facto de ter a Miss Mitchell, a enfermeira particular. Falei com a dietista.

Quando ficámos a sós, K perguntou-me se eu sentia algo no quarto. Senti imediatamente. Um forte sentido de — como descrevê-lo? Uma presença, uma intensidade muito quieta mas ali, percetível pelas terminações nervosas, um perímetro no qual havia algo vivo, vital, forte. Era algo incalculável, impossível de provar. Estava consciente do perigo de imaginar, mas era claro e parte daquilo que eu vinha a pressentir nos últimos dias — uma força na qual a emoção e o eu estavam ausentes.

K tinha dito nessa manhã que "o corpo resiste a isto" — referindo-se à operação. Perguntei como é que o corpo expressava isso, e ele riu-se e disse: "Não quero ir", mas à noite disse: "Está tudo bem. Consegues sentir a atmosfera?" e eu conseguia. Algo estava fortemente ao redor dele. Falei com ele tal como ele me tinha dito para fazer semanas antes, para estar atento. Disse que não era necessário, que tinha falado com o corpo. Eu devia apenas lembrá-lo de manhã para ser cuidadoso "enquanto estiver nas mãos deles".

Mais cedo, a anestesista, uma mulher chamada Dra. Stoka, veio e descreveu cuidadosamente o bloqueio espinhal que ele ia levar. Examinou-lhe as costas, discutiu a medicação normal, que seria um tranquilizante e

algo para ter um bom efeito na tensão arterial, mas porque Krishnaji nunca tinha tomado tranquilizantes, havia o factor de ele não desejar que a sua consciência fosse diminuída. Falei com ela, explicando isto e, sem me alongar demasiado, falei da vantagem de ela manter um contato de conversação com ele durante a operação. Tudo isto pareceu ser bem gerido. O Cedars-Sinai é um edifício enorme, mas porque tinha sido concluído e inaugurado há menos de um ano, havia menos atmosfera de hospital. Quando K fez a sua radiografia, caminhámos para exercício, K no seu novo roupão cinzento de viyella da Charvet, com a enfermeira a abrir caminho, energeticamente de um lado para o outro no corredor muito longo e vazio. Era como tinha sido nos aeroportes entre voos, como aquele para a Austrália. Havia reproduções de Redon no corredor de que K gostou e parou para examinar, e reconheceu os girassóis de Van Gogh ao passarmos. Por esta altura, estava pronto para dormir, tinha visto as sequências da vida hospitalar e pareceu pensar que tudo estava bem gerido. Pelo que disse que estava pronto e sentia que "está tudo cuidado".

Nove de maio. Nenhum de nós dormiu muito bem e ambos nos levantámos às cinco. K fez os seus exercícios de respiração e algumas *asanas*. Falei com ele: "Fica atento, lembra-te, sê cuidadoso". Disse que sabia que o corpo estava pronto, estava tudo bem. Tinha-se barbeado, mas não teve tempo para um duche. Um funcionário entediado veio com uma maca e K subiu para ela pelos seus próprios meios. Sorriu para mim. Eu disse: "*Stia attenta, non dimenticare*". Ele respondeu: "*Non abbia paura*". Eu: "*Sto con lei*".

À medida que ele era levado de maca pelo corredor, segui-o até ele entrar para a cirurgia. Eram 7:30 da manhã. Erna e Theo vieram, e Evelyne também. Um enfermeiro particular conseguiu descobrir que ele sairia do recobro pelas 9:30, mas antes disso, o cirurgião, o Dr. Hausman, apareceu e disse-nos que a operação foi um sucesso completo; K tinha passado por ela perfeitamente, mas tinha descoberto que o colo da próstata era congenitamente mais pequeno do que o normal, de modo que com o aumento da próstata havia uma obstrução quase completa. A condição devia existir há anos e a operação deveria ter sido feita há muito tempo. Tinha aumentado o colo da bexiga. RTUP é o nome desta operação: resseção transuretral da próstata. Levaria algum tempo para a bexiga relaxar e se readaptar. O Dr. Hausman daria medicamentos para isso mais

tarde. K não tinha perdido muito sangue e a transfusão do seu próprio sangue, que ele tinha doado, não foi necessária.

Estava de volta ao seu quarto às 9:45. Erna, Theo e Evelyne entraram brevemente para o saudar e depois saíram. Teve glicose intravenosa o dia todo e solução salina a entrar e a sair por um cateter. Vários exames prosseguiram e K continuava a dizer que não fariam tudo isto na Índia ou em Inglaterra. A minúcia impressionou-o. Fazia respiração através de uma garrafa para manter os pulmões exercitados. Bebeu sumo de fruta o dia inteiro e disse que tinha sede. Disse que tinha alguma dor e foi-lhe dado Tylenol e codeína, mas tinha tendência a passar demasiado tempo sem os tomar. O Dr. Hausman passou logo após o meio-dia e repetiu que, se ele próprio estivesse a fazer esta operação, não poderia desejar que corresse melhor. K ficou interessado em ver os instrumentos cirúrgicos. Quando ficámos a sós, perguntou-me se tinha sido imaginação minha a noite anterior sobre o quarto. Disse que o corpo não tinha querido avançar com aquilo quando esperou na cirurgia, mas ele falou com este. O bloqueio espinhal correu facilmente e o efeito passou depressa. A operação na verdade demorou cinquenta e cinco minutos, disse ele, e o tempo no recobro também não foi longo. Contou-me que, após acalmar o corpo, esteve sem pensamento até estar de volta ao seu quarto. Por insistência dele, saí brevemente e comprei-lhe a *Time* e a *Newsweek*.

A Miss Mitchell entrou ao serviço às 15h. Sentámo-nos um pouco e depois ela foi encomendar as refeições de K para o dia seguinte. Ele queria espinafres e bolo de queijo. Depois de ela sair, ele pegou na minha mão e disse para me sentar perto, mas não demasiado perto da cama. "Este é o ponto de perigo. Sinto vontade de me desligar — não de desmaiar, compreendes". Falei com ele calmamente, conforme me tinha instruído, mas depois ele travou-me: "Não, não, não deves dizer nada, não deves interferir. Não deves pensar em nada". Fez-me mudar para os pés da cama, em frente dele. O seu rosto tornou-se voltado para dentro, um olhar ligeiramente alucinado. Isto foi interrompido pela entrada de Lailee para o ver. O Dr. Hausman tinha deixado ordens para Demerol, se necessário, e Lailee disse à enfermeira, Miss Mitchell, para lhe dar uma dose minúscula — o que se daria a uma criança. Foi-lhe dada e ele começou a sentir uma tontura por causa disso. "Isto é normal?", perguntou várias vezes. Cortou a dor, mas logo o dispôs mal do estômago, vomitando várias vezes. O olhar alucinado aumentou e ele continuava a dizer à enfermeira para ir jantar, o

que ela já tinha feito mais cedo. Era agora um pouco antes das 21h. Enquanto ela estava fora do quarto, ele disse-me: "Senti o corpo a flutuar e houve um diálogo entre a morte e o outro, e a morte estava a ganhar". A enfermeira tinha regressado ao quarto escurecido e isto pareceu trazê-lo para fora do estado em que estivera. Conseguimos falar sobre isto apesar das idas e vindas dela. Disse que não havia nada que eu pudesse fazer, para não interferir. Salientei que a presença da enfermeira o tinha feito voltar a si, mas ele disse: "Voltará a acontecer esta noite até estar resolvido". Logo decaiu novamente no estado "desligado" e disse: "Desde as 5 [da manhã] tantas pessoas tocaram no corpo". E começou a contá-las. "Cerca de dez me tocaram". Havia um sentido de violação em tudo o que lhe tinha sido feito e logo começou a olhar em redor como se visse coisas, fazendo gestos aleatórios, erguendo o braço direito, depois: "Onde estou?" [pausa] "Fui ferido" [olhando em redor]. "Onde está o meu irmão Nitya?". A voz era leve, mais alta, quase de um rapaz. Depois: "Quero juntar-me a ti, Nitya". E depois: "Vou-me embora".

Eu não tinha dito nada até aqui, mas então disse: "Não, Krishna, tu vais ficar bem e forte". Após escassos segundos, soltou uma tosse de som profundo, a sua tosse normal, e a sua voz desceu para o nível normal. Disse: "Assim está melhor". E depois: "Não vou. Juntar-me-ei a ti mais tarde, Nitya. Muito mais tarde. Mais dez anos". Mais tarde, disse: "Não se deve estar carregado com o passado". E ainda mais tarde: "Tu e eu não devemos ter um acidente de automóvel, por isso conduz com cuidado". E novamente mais tarde: "Não sou um filósofo". Finalmente, após cerca de uma hora, pareceu sair daquilo e falou diretamente comigo. "Estou bem agora". A enfermeira tinha ligado ao Dr. Hausman, que disse não a mais Demerol e fê-la diminuir o tamanho do balão na bexiga que segurava o cateter. Isto diminuiu a pressão e a dor. Conseguiu passar por mais duas lavagens da bexiga sem dor. Depois de me dizer que estava bem, adormeceu e senti a segurança de que ele tinha superado aquilo. Dormi intermitentemente no quarto adjacente, entrando para verificar. Estava um jovem enfermeiro de serviço.

Dez de maio. Krishnaji estava a ler quando entrei às 6 da manhã. Sem dor; as lavagens não tinham doído. Lailee veio cedo e o Dr. Hausman também. K não queria um pequeno-almoço sólido, mas preparei um pouco do seu muesli habitual e ele comeu-o, dizendo: "*Appetit vient en mangeant*". O Dr. Hausman ordenou que a glicose intravenosa fosse

descontinuada, bem como o gotejamento salino. K ainda tinha o saco do cateter, mas conseguiu levantar-se e caminhar no quarto enquanto a cama era feita. Hausman tinha receitado probantina para relaxar os músculos, mas após um comprimido K vomitou novamente, pelo que todas as medicações foram paradas. Após a visita do Dr. Hausman terminar, K ditou *Um Diálogo com a Morte* como se segue:

"Foi uma operação menor que não vale a pena falar, embora tenha havido dor considerável. Enquanto a dor continuava, vi ou descobri que o corpo estava quase a flutuar no ar. Pode ter sido uma ilusão, algum tipo de alucinação, mas alguns minutos mais tarde houve a personificação — não uma pessoa — mas a personificação da morte. Observando este fenómeno peculiar entre o corpo e a morte, parecia haver uma espécie de diálogo entre eles. A morte parecia estar a falar com o corpo com grande insistência e o corpo relutantemente não admitindo o que a morte queria. Embora houvesse pessoas no quarto, este fenómeno prosseguiu, a morte convidando, o corpo recusando. Não era por medo da morte que o corpo estava a negar as exigências da morte, mas porque se dava conta de que não era responsável por si próprio; havia uma outra entidade que dominava, muito mais forte, mais vital do que a própria morte. A morte era cada vez mais exigente e insistente, e por isso o outro interferiu. Houve então uma conversa ou um diálogo entre não apenas o corpo, mas o outro e a morte. Havia, portanto, três entidades em conversa. Ele tinha avisado antes de ir para o hospital de que poderia haver uma dissociação com o corpo e, por isso, a morte poderia intervir. Embora a pessoa estivesse ali sentada e uma enfermeira [entrasse e saísse], não foi um autoengano ou espécie de alucinação. Deitado na cama, via as nuvens cheias de chuva e a cidade abaixo estendendo-se por milhas. Havia o salpicar da chuva na vidraça e via claramente a solução salina a pingar gota a gota no organismo. Sentia-se muito distinta e claramente que, se o outro não tivesse interferido, a morte teria ganho. Este diálogo foi expresso em palavras com o pensamento a operar muito claramente. Havia trovões e relâmpagos e a conversa prosseguiu. Como não havia medo de todo, nem por parte do corpo nem do outro — absolutamente nenhum medo —, podia-se conversar livremente e profundamente. É sempre difícil colocar uma conversa desse género em palavras. Estranhamente, como não havia medo, a morte não estava a acorrentar a mente a coisas do passado. O que saiu da conversa foi muito claro. O corpo em dor considerável não estava apreensivo ou

ansioso, e o outro estava discernivelmente para lá de ambos. Era como se o outro estivesse a agir como um árbitro [num] jogo perigoso do qual o corpo não estava de todo consciente. Mesmo que estivesse, não haveria retirada de cena. A morte parecia estar sempre presente, como a nossa sombra. Estando preocupada com todo o movimento da vida, a morte não pode ser convidada. Isso seria suicídio, o que seria inteiramente tolo. Mas a morte e a vida, ou melhor, o vivente, neste fenómeno peculiar que estava a decorrer, os três nunca estiveram separados. Durante esta conversa, não houve sentido de tempo. Provavelmente todo o diálogo durou cerca de uma hora e o tempo pelo relógio não existia. Não foram usadas palavras, mas sim um *insight* imediato sobre o que cada um estava a dizer. Claro que, se uma pessoa está apegada a alguma coisa — ideias, crenças, propriedade ou pessoa —, a morte não viria ter uma conversa convosco. A morte no sentido de fim é liberdade absoluta."

"A qualidade da conversa era urbana. Não havia absolutamente nada de sentimento, de extravagância emocional para distorcer o facto absoluto do tempo chegar ao fim, e a vastidão sem qualquer fronteira quando a morte está a tomar parte na vossa vida diária. Havia o sentimento de que o corpo continuaria por muitos anos, mas a morte e o outro estariam sempre juntos até que o organismo já não pudesse estar ativo. Havia um grande sentido de humor entre os três e quase se podia ouvir a gargalhada. E a beleza disso era com as nuvens e a chuva."

Aqui Krishnamurti foi interrompido pela rotina do hospital. Disse que iria revê-lo ou acrescentar algo mais tarde. Durante o dia, levantou-se e caminhou várias vezes e comeu bem. Saí e fui buscar algumas cerejas frescas, as primeiras da época, que ele disse estarem muito boas. Evelyne passou por cá um minuto. À noite, adormeceu naturalmente por volta das 21h e dormiu bem. Transferi-me para um quarto que ligava ao dele e por isso não tive enfermeira para o turno das 23 às 7. Entrava quase de hora a hora para verificar e ele estava a dormir como uma criança.

Onze de maio. K parecia bem de manhã e achou que uma *enchilada* de queijo do mercado dos lavradores seria agradável, pelo que, precisando de exercício e lembrando-me de ser mais perto do que era, caminhei até lá e voltei com três almoços e algumas uvas e cerejas. A tarde foi mais difícil para K. Tinha espasmos cada vez que passava um coágulo. A lavagem aliviava, mas apenas até ao seguinte. O Dr. Hausman passou à noite

precisamente quando tudo estava bem, disse que K estava a recuperar bem e ordenou que o cateter fosse removido na manhã seguinte. Mal tinha saído, K teve um espasmo forte, que a Miss Mitchell aliviou com lavagem, mas foi uma noite dura para K. As enfermeiras do piso não eram muito boas. Não me lembro se fiz mais do que cabecear.

O dia seguinte era o octogésimo segundo aniversário de Krishnaji. Começou bastante miseravelmente à 00:30 da madrugada com dor. Às 6 da manhã, o cateter foi removido pela enfermeira do piso, não de forma muito eficiente, mas estava fora. O enfermeiro da manhã entrou em funções mesmo antes da primeira micção normal, que foi dolorosa, e várias mais causaram mais dor, mas de cada vez era ligeiramente menos. O Dr. Hausman apareceu e disse que K podia ir para casa no dia seguinte, mas depois Lailee veio ao meio-dia e achou que poderia ser mais sensato esperar mais um dia até ao dia catorze, dando mais tempo para se habituar às coisas enquanto ainda aqui estava e mais tempo para descansar antes de deixar o hospital. Isto foi acordado. A enfermeira da tarde veio como habitualmente.

Treze de maio. Lailee veio logo após as 9 da manhã para ver K. O Dr. Hausman veio à tarde, dizendo que K estava ótimo e podia sair no dia seguinte. Receitou pirídio para aliviar a dor de urinar. Depois disse-nos que os resultados dos exames laboratoriais mostravam numa "lasca" um pontinho de malignidade. Disse que estava no centro de tecido normal, estava mesmo no início e estava agora fora. Disse que 80 por cento das autópsias de homens com mais de oitenta anos revelam cancro da próstata — era muito comum, mas os homens habitualmente morriam de outra coisa. Não é uma malignidade rápida. No caso de K, era como se ele não o tivesse tido: sem necessidade de vigilância especial. Examinaria K no seu regresso à Califórnia no próximo ano e, porque agora sabe como é a bexiga de K, seria capaz de dizer facilmente como ele estava. Tudo isto era mais uma prova de por que foi uma boa decisão ter feito a cirurgia. K escutou tudo isto com equanimidade. Miss Mitchell não era realmente necessária, mas a continuidade dos cuidados até à sua saída pareceu uma boa coisa. Foi muito prestável a arranjar pequenos artefactos de equipamento de que precisaríamos em casa.

Dia catorze. Lailee passou por cá cedo. A sua avaliação do relatório do laboratório coincidia com a do Dr. Hausman. Estávamos prontos para

sair cedo, mas o Dr. Hausman atrasou-se a vir assinar a alta de Krishnaji. A Dra. Stoka, a anestesista, veio dizer adeus, e o mesmo fez o Dr. Shkolnick, a quem Lailee tinha chamado para examinar o tórax dele. Disse que K estava a ir bem em assuntos brônquicos (isto é, fazer o pino durante o ioga). Poderiam ser-lhe dados antibióticos, mas não tinha a certeza de que ajudariam permanentemente e podiam ter possíveis efeitos secundários, pelo que era melhor deixar o que estava bem em paz. Perguntou depois a K sobre a meditação e K deu-lhe uma riqueza de resposta. O Dr. Hausman finalmente apareceu no final da manhã e assinou a alta de K. K foi no seu roupão em cadeira de rodas para o carro e assim viemos benditamente para casa em Malibu. No trajeto, observou tudo como se fosse pela primeira vez, não perdendo nada. Almoçámos um pouco tarde. Tudo estava calmo e, em vez de ar condicionado, havia uma frescura suave vinda do oceano, o jardim cheirava a flores e folhas húmidas, e as codornizes chamavam do desfiladeiro.

Quinze de maio. Ambos dormimos muito. Telefonámos a Alain e a Blanche Mathias e contámos tudo o que tinha acontecido a ambos, incluindo o que K chama de "o ponto". Também contámos aos Lilliefelt. K caminhou um pouco no jardim — estava calmo e belo. Ouvimos Mozart; o mar fazia um som sonolento de verão. Os hospitais são contrários à vida — paredes, comida de plástico e ar. A relva, a luz solar e o ar do oceano eram curativos. K disse que se sentia bastante "esgotado", mas parecia a lassitude do relaxamento após tudo o que tinha acontecido. Eu também estava a perder a tensão e dormi como se estivesse privada disso há um mês.

Nos dias seguintes, Krishnaji descansou, caminhou no jardim e leu. Num desses dias, ele olhou para uma fotografia que tínhamos copiado dos arquivos, de si mesmo com cerca de cinco anos, conforme indicava a caligrafia de Nitya. Depois, perguntou-me o que dizia aquele rosto. "Quem me dera poder falar contigo sem palavras. As palavras distorcem. Há algo que quero transmitir. Já te falei sobre este outro rosto que está algures por aí, há isso, e o rosto daquele rapaz, e depois isto" [apontando para o seu próprio rosto]. Em seguida, mudou de assunto. Alain visitou-nos e passou uma noite connosco a vinte e dois de maio, e levámo-lo ao aeroporto no dia seguinte, a caminho de ver o Dr. Hausman no seu consultório. Tudo estava como devia ser, mas a sensação normal de fraqueza sugeriu adiar o nosso regresso a Brockwood de sete para catorze de junho. Depois, a caminho de

casa, K mudou para dia vinte e um. A vinte e o cinco de maio, ele retomou a prática das suas *asanas* e aumentou as caminhadas ao redor do jardim para onze voltas.

A trinta e um de maio, Krishnaji terminou de ditar o *Diálogo com a Morte* que tinha começado no hospital a dez de maio. Ele não releu o que tinha dito, dizendo: "Apenas o iria reescrever", pelo que começou a ditar: "Claro que não era a morte, K e o corpo, três atividades separadas por si mesmas, mas era um todo humorístico a mover-se em conjunto, sem distinção entre eles". Quando, à noite, ele fez com que eu lhe lesse o texto todo, salientei que ele tinha estado a falar da morte, do outro e do corpo, e agora referia-se à morte, a K e ao corpo, pelo que ele mudou essa frase, colocando o outro no lugar de K.

"Sabes o que quero dizer com o outro?", perguntou ele. Abanei a cabeça afirmativamente, e ele disse: "A mente que é habitada por K". Depois continuou o ditado:

"As palavras não podem descrever este estranho movimento, que é essencialmente intemporal. Pôr isto a preto e branco no papel é a expressão do pensamento, é a expressão através das palavras, e portanto o movimento do pensamento e do tempo. Mas o movimento da morte não é do tempo. Assim, a descrição não é o descrito. Por mais astutamente que o pensamento possa tentar capturá-lo, a morte está para lá de toda a medida. Foi uma conversa sem palavra, sem pensamento, e portanto não do tempo."

Aqui ele fez uma pausa, procurando as palavras, e disse: "Não olhes para mim". Depois continuou: "O som desta conversa estava a expandir-se sem fim, e o som era o mesmo no início e era sem fim. Era uma canção sem início nem fim. A morte e a vida estão muito próximas uma da outra, tal como o amor e a morte. Como o amor não é lembrança, a morte não tem passado. O medo nunca entrou nesta conversa, pois o medo é escuridão e a morte é luz."

Quando lhe reli esta parte à noite, não consegui continuar por um momento, pois estava à beira das lágrimas, demasiado comovida. Depois prossegui e terminei, e ele perguntou-se se eu tinha sentido algo na altura. Disse que tinha sentido algo ali, algo a escutar. Ele disse: "Eu tinha lágrimas nos meus olhos". Nenhum de nós tinha olhado para o outro; foi, claro, "a morte é luz" que elevou algo em mim que era como uma luz a

erguer-se. Ele terminou o ditado: “Este diálogo não foi ilusório ou fantasioso. Foi como um sussurro no vento, mas o sussurro era muito claro e, se escutasses, podias ouvi-lo, serias então parte dele. Então partilhá-lo-íamos juntos. Mas não o escutarás se estiveres demasiado identificado com o teu próprio corpo, os teus próprios pensamentos e o teu próprio rumo. Deve-se abandonar tudo isto para entrar na luz e no amor da morte.”

O arquiteto Charles Moore almoçou connosco. Um homem simpático. Entre outras coisas, falámos sobre a atmosfera nas casas e, surpreendentemente, K falou do que fazia para criar uma certa atmosfera quando ficava num quarto novo ou estranho. Contou a Charles sobre coisas feitas na Índia que são misteriosas: a história de uma mulher delirante, o sacerdote que trazia um ramo de uma certa árvore, carregando-o ao redor da mulher, ela acalmava-se um pouco, depois o ramo era pregado a uma árvore e a mulher ficava curada (isto é, o mau era capturado para fora dela para o ramo e pregado a uma árvore); depois o erguer da cruz na prática cristã — “só que nem sempre funciona porque o sacerdote não é verdadeiramente religioso”. E: “Já ouviste falar de tudo isto? Bem, o que eu faço não é nada disto”. Depois sorriu e não disse mais nada. Moore pareceu agradado.

A dois de junho fomos de carro a Ojai para uma reunião de curadores e almoçámos em Arya Vihara. No dia sete, K viu novamente o Dr. Hausman e foi encontrada uma ligeira infeção na bexiga, que era a razão pela qual K se sentia cansado. Foram receitados comprimidos de sulfa. Noutro dia, K veio comigo à cidade e olhou para mármore para as bancadas da casa de banho na Pine Cottage. Estavam a chegar propostas de construção para a remodelação. K cortou o cabelo e voltámos para casa.

Indo para Ojai a quinze de junho no seu Mercedes verde, K conduziu mais de metade do caminho. Reunimo-nos com os arquitetos sobre os planos para o edifício da administração da escola, e Erna e eu fomos a Ventura devido a uma alteração na licença de uso condicional para a propriedade da McAndrew Road. No nosso regresso a Arya Vihara para o almoço, os arquitetos da escola receberam a primeira proposta para a sua construção e ficaram brancos. Era o dobro do valor do orçamentista profissional e do nosso orçamento. Este era o mesmo empreiteiro que me ia enviar um orçamento para o trabalho na casa de campo. Estava tão sombrio que toda a gente começou a rir, e K e eu achámos que era altura de ir

embora. Não consegui rodar a chave na ignição. K tentou, Theo, Erna, Mark Lee e Michael Krohnen tentaram, e o mesmo fizeram os dois arquitetos e o homem do clube automóvel. Pelo que Erna e Theo nos conduziram a casa em Malibu, e jantámos na cozinha. Depois de eles partirem, procurei algo na minha mala de mão e lá estava a chave do carro verde. Tinha estado a tentar usar a do carro cinzento. Idiotice total. K foi muito simpático a esse respeito e viu que eu estava cansada e a não funcionar.

Na manhã seguinte, ele propôs que voltássemos a Ojai no carro cinzento ao acordar, sem pequeno-almoço, apenas vestir e ir, e assim fizémos, partindo às 6:30 da manhã. Havia nevoeiro ao longo do oceano. "Fica sem pensamento", disse K (isto é, apenas olhar, sem pensamento reativo, sem associações com o que se via). Fomos diretos para a casa de campo, onde Theo estava à espera e nos convidou para o pequeno-almoço, mas voltámos logo para casa. K conduziu o seu carro verde, que pegou logo com a sua própria chave correta. Tomámos o pequeno-almoço em casa pelas 9:30 da manhã.

A dezanove de junho, Albert Blackburn telefonou de Ojai a dizer que James Vigeveno tinha morrido de cancro dois dias antes. Krishnaji perguntou-me se eu achava que devíamos telefonar a Annie Vigeveno. Disse que achava que devíamos. Liguei e falei com ela brevemente. Ambos usámos os primeiros nomes. Disse que esperava que ela aceitasse as minhas condolências e ela agradeceu-me. Depois Krishnaji falou com ela e disse que se lembrava de como o seu marido costumava ser um homem amável.

O resto do dia foi dedicado a fazer malas e a telefonemas complicados sobre o conselho legal de Louis Blau de que eu deveria adquirir a propriedade da McAndrew Road antes de alterar a Pine Cottage e antes de vender a casa em Malibu para compensar certos impostos. Depois, Bart Phelps, o arquiteto associado de Charles Moore, passou por cá com uma cópia das especificações para a casa de campo. Tudo isto me atrasou a fazer as malas, pelo que tentei convencer K a ir para a cama e a deixar-me terminar, mas isso perturbou-o por alguma razão e ele continuava a entrar. Assim, parei às 22h e quando, por volta das 23h, o seu calmo "Maria? Maria?" veio do corredor, eu já estava na cama, às escuras. Ele ficou satisfeito e foi-se embora contente para o seu próprio quarto e para dormir.

Vinte e um de junho. Liguei para a TWA às 7:30 da manhã para perguntar se o nosso voo iria aterrar em Londres ou em Paris, pois havia uma espécie de boato sobre isso. Eles não tinham a certeza, pelo que telefonei à Dorothy para Brockwood para ela verificar antes de ir para o aeroporto. Estávamos prontos para partir pelas 10:30 da manhã, quando Alan Kishbaugh chegou. K foi com ele no seu carro e Amanda conduziu-me ao aeroporto, de onde K e eu partimos na TWA às 12:30. K dormiu um pouco antes e depois do almoço. Tínhamos os nossos lugares preferidos, todos à frente, e K exercitava-se caminhando no corredor. Voando para leste, o sol logo se pôs, mas sendo esse o dia mais longo, logo se ergueria. Amanda tinha estado a notar quão bem K parecia, e parecia mesmo. Encheu-me o coração vê-lo na sua saúde adequada.

**Capítulo Quarenta e Cinco**

A vinte e dois de junho de 1977, aterrámos em Heathrow e fomos recebidos por Dorothy, Doris e Ingrid. Pelas 9:30 da manhã, estávamos na verde e bela Brockwood. Krishnaji foi para a cama pelo resto do dia com o almoço num tabuleiro. Fiz sestas mas, após o jantar, fui dar uma caminhada. A árvore-dos-lenços ainda estava em flor, mas o bosque estava um pouco devastado por coelhos depois de a vedação ter sido aramada. O que tinham sido quatro garagens eram agora salas de aula e podiam ser alojamentos temporários para dormir durante as palestras de setembro. O lugar parecia cada vez melhor e sempre belo. Falei com Mary Links.

A vinte e cinco de junho, Mary e Joe vieram passar a noite na Ala Oeste. Tomámos chá com K e depois fomos todos dar uma caminhada antes do jantar. À noite, Mary, Joe e eu conversámos longamente.

Vinte e oito de junho. Pedindo emprestado o Mini de Doris Pratt, Krishnaji e eu conduzimos até Petersfield e fomos depois de comboio para Londres. A cidade estava embandeirada para o jubileu da Rainha. K deixou calças para serem alteradas na Huntsman e caminhámos até à Fortnum, parando para comprar uma camisola para Vanda. K ficou chocado com o preço de £65 por esta. Tivemos um almoço agradável e pausado com Mary L. Enquanto fui à casa de banho, K começou um dos seus questionamentos: seria por acaso ou de outra forma que alguém aparecia para cuidar dele? Exemplo — eu. E repetiu novamente que a única coisa de que se arrependia na sua vida era a associação com Rajagopal e Rosalind. Disse que vida extraordinária tinha tido. Esta observação surgiu após o meu

regresso, quando estávamos a falar sobre as dificuldades que os jovens enfrentam — os netos de Mary, por exemplo — para encontrar emprego, etcetera. Disse que tinha sido tão afortunado, cuidado, sempre protegido. Teria algo organizado tudo isto? Teriam ele ou eles previsto que alguém (eu) apareceria que estivesse interessado e fosse capaz de cuidar dele? Perguntei-lhe, sem lhe pedir que nos contasse nada que não quisesse discutir, se sabia mais sobre isto? Disse que sim, mas: "Não é o meu trabalho entrar nisso". No entanto, ele tinha levantado esta questão frequentemente. Parecia que havia algum mistério nisso para ele também, como continuava a haver sobre "aquele rapaz" — o seu eu mais jovem.

Recolhemos alguns livros de histórias policiais na Hatchards e assim voltámos para Waterloo e Brockwood.

No dia seguinte, K descansou e leu. Eu fiz as malas, mas ele só começou as dele às 17h e fê-lo energeticamente em pouco tempo. Toda a minha correspondência estava feita — um raro cume. Vimos Wimbledon — Virginia Wade a derrotar Chris Evert. K estava por Evert. "Vamos, Chris! Tenho cinquenta libras em ti! O que se passa, Chris?".

Trinta de junho. Dorothy conduziu o K e a mim para Heathrow, parando para um almoço de piquenique no carro a caminho. No voo, um homem insuportável sentado do outro lado do corredor em frente de K recusou-se a parar de fumar, embora estivesse num lugar de não-fumadores. Pedi ao comissário de bordo para fazer cumprir a regra, mas ele pareceu servil para com o homem, desculpabilizando-se comigo, sugerindo que mudássemos de lugar. Falei abertamente, o que perturbou K. "Não importa, não importa". Depois para mim: "Se alguém é rude, o que podes fazer?". Aterrámos em Charles de Gaulle e fomos de táxi para o Plaza Athénée. Demos uma caminhada ao redor do quarteirão e depois jantámos nos nossos quartos.

No dia seguinte, descansámos toda a manhã e almoçámos no jardim do hotel, onde Nadia Kossiakof se juntou a nós para o café. Ela e o seu marido, Nicolas, tinham-se entusiasmado com a sua visita aos Estados Unidos. A liberdade estava lá, sentiam eles. "*Tout est politique en France*". Falámos da Mme. Duché e da sua morte tranquila.

No dia seguinte, dois de julho, voámos para Genebra, alugámos um Opel Rekord, suficientemente grande para as cinco malas e duas caixas de

câmaras, e encontrámos o caminho para o Hotel Intercontinental, onde Narasimhan nos recebeu e guiou o caminho para o edifício do seu apartamento; ele providenciou o almoço, desaparecendo na cozinha e recusando qualquer ajuda de K ou minha. Um amigo do sul da Índia tinha fornecido os caris. Ele estava feliz por entreter K e logo partimos e descemos a colina até à garagem de estacionamento subterrâneo em frente da Patek Philippe, onde os relógios foram deixados para serem desmagnetizados. Caminhámos até à Jacquet, que, infelizmente, estava fechada, mas K teve a ideia de que poderíamos encontrar o relógio de viagem de quartzo da Braun que ele tinha visto em Paris, e assim o encontrámos na Grand Passage. Ele ficou muito satisfeito porque apenas variava sessenta segundos por ano. Fizémos outra pequena compra e às 15:30 partimos para Gstaad ao longo do lago, subindo pelo centro da cidade de Lausana, por sugestão de K, pelo que descemos para Oron pela estrada longa que é como uma pista de trenó. Ambos nos lembrámos simultaneamente, rindo, do local onde tínhamos visto o exército suíço com luzes nos pedais das bicicletas parecendo uma lagarta no escuro antes do amanhecer, a última vez que tínhamos viajado de carro de Gstaad para Paris. Em Bulle, parámos para comprar *gâteaux Bullois* e um copo de sumo de maçã para K. Chegámos ao Chalet Tannegg às 18:30; Vanda e Fosca estavam lá. O quarto de K tinha perdido a sua vista do vale para armários e uma mesa de cabeceira, e havia tapetes wagnerianos vermelhos no corredor. Demasiado cansado para desarrumar as malas, K foi para a cama. Tomei um duche e jantei com Vanda. Conversámos longamente e contei-lhe de forma mais completa sobre a noite de K no hospital após a cirurgia. Fiquei estupefacta por ela me dizer que, alguns anos antes, "antes de tu estares lá", ele tinha sido examinado em Genebra e o médico dissera-lhe que K tinha um tumor na bexiga que poderia ser cancro. Ela nunca contou a K e nada mais foi feito.

No dia seguinte, como resultado da viagem de carro, K teve febre dos fenos. Tinha estado demasiado quente para fechar as janelas do carro — pelo menos, ele tinha-se recusado — e por isso o pólen chegou até ele. Ficou na cama e tomou remédios homeopáticos. Isto continuou no dia seguinte. Troquei o Opel por um pequeno Renault. Edgar Graf veio ver K, que estava a tentar ajudar as suas costas. Vanda disse que a operação RTUP de K apenas tinha sido inventada recentemente e, portanto, K teria tido de fazer uma operação completa anos atrás — portanto, foi correto ter

ignorado o diagnóstico do médico de Genebra. Embora isto ignorasse o facto de dois órgãos diferentes — bexiga e próstata —, pareceu ter obliterado para ela a possibilidade de que, se K tivesse tido cancro, como o médico lhe dissera, ele poderia não estar ali naquele dia ensolarado em Gstaad. O meu cérebro estremeceu com este tipo de pensamento. Tornou-se não-discussável, pois ela acreditava no que queria acreditar.

Sete de julho. Tinha recebido de Erna cópias de vários requisitos do departamento de construção de Ventura para alterações na Pine Cottage, e uma audição deveria ter sido realizada nesse dia. Frances McCann, Simonetta di Cesaro e um jovem pintor italiano vieram almoçar. Os Siddoo vieram às 16h para K assinar um contrato de arrendamento dos edifícios da sua escola e do centro de adultos para a KF Canadá, por parte deles, a $1 por três anos. Eles, claro, são proprietários dos edifícios. Scott chegou na nova carrinha Mercedes equipada como centro de vídeo. Trouxe os livros de K e o guarda-sol. Como estava a chover ligeiramente, K caminhou encosta abaixo enquanto eu fui aos correios levantar as cassetes de vídeo K–Anderson, enviadas por frete aéreo de Ojai para serem exibidas na tenda durante as palestras. Encontrei-me depois com K junto à ponte e conduzimos para olhar para a tenda. Ele gostou do Renault amarelo.

Nove de julho. Dorothy, Montague e Doris chegaram no Land Rover sem contratempos. Passei por lá para os ver; e Kathy, que veio de bicicleta com outros seis funcionários e alunos, passou por cá, bronzeada e a sorrir. Vanda, que não está a comer quase nada e recusa todas as insistências para comer mais, parece doente. Comeu um pouco ao almoço mas nada ao jantar. K repreendeu-a, eu instei gentilmente. É preocupante. K e eu caminhámos até ao rio. Um polícia mandou-nos parar, perguntando se tínhamos colhido flores silvestres ou cogumelos. Pareciam estar a protegê-los. Sentimo-nos muito de acordo. Antes de se recolher, K fez-me escolher as suas roupas para a palestra do dia seguinte. Disse boa-noite com um ar de quem está a pensar em algo, disse: "Amanhã tenho de falar", e franziu as sobrancelhas. Estava a usar o roupão quimono de seda cor de laranja que fica aqui para os verões, uma cor de *sannyasi* e que lhe assentava muito bem.

Dez de julho. O dia começou com nuvens, mas o sol apareceu antes da hora de ir para a tenda para a palestra de abertura de Krishnaji. Vanda foi com a Sra. Walsh, que tinha o apartamento do andar de baixo. K e eu

chegámos mesmo antes das 10:30. Apesar da chuva esperada e de ser a primeira palestra, a tenda estava quase cheia. Scott tinha quatro monitores e toda a instalação de vídeo na nova carrinha Mercedes de Brockwood, e Mary Cadogan tinha trazido de Londres a terceira câmara de vídeo Sony que era necessária, encomendada dez dias antes em Los Angeles e trazida para Londres por Donald Hoppen. Portanto, tudo estava pronto e K parecia bem e cheio de energia. Deu uma palestra de abertura forte, lançando as bases para não haver segurança no pensamento e chegando ao facto de que o ver real e verdadeiro disto era a ação da mudança e da inteligência. Nisto há segurança real. K caminhou pela estrada acima logo a seguir. Scott tinha-me avisado de que a rapariga louca que se tinha deitado na rampa de acesso no verão anterior em Saanen e aparecido nua no Oak Grove após uma palestra de abril, estava à espreita junto ao rio, à espera de "o intercetar no desfiladeiro" — como Scott referiu. Pedi a Scott para caminhar com ele um pedaço e por isso nada aconteceu.

Vanda trouxe Mar de Manziarly ao chalé para o almoço. No carro, K disse: "Não fazia ideia sobre o que ia falar quando comecei". Almoçou no seu quarto, embora se tivesse sentado connosco antes. À tarde, Dorothy trouxe a Sra. Billimoria e a Sra. Puri com coisas que tinham trazido da Índia para K. Mangas também. Ele conversou amavelmente com elas durante um bocado. Levei Mar ao Caprices, onde estava hospedada, depois caminhei com Vanda e K até ao Alpina e de volta. O rosto de K parecia magro à noite, mas ele não aparentava estar excessivamente cansado, apenas normalmente cansado.

A segunda palestra de Saanen, a doze de julho, foi intensa sobre a autoridade, etcetera — uma muito forte. Estava calor na tenda e as luzes do vídeo tornavam-no ainda mais quente. Quando o recolhi na estrada, ele quis ir à sapataria em Saanen. Estava fresco lá dentro e o Sr. Kohli encontrou um par agradável. Voltámos para o chalé e ao almoço estavam Suad al Radi e uma amiga de Vanda que queria que o seu filho e filha fossem para Brockwood. Às 16h, fui buscar Narayan encosta acima para falar com K, e depois os três caminhámos até ao rio e de volta. Narayan ficou para jantar com Vanda e comigo.

Na terceira palestra, a catorze de julho, K falou sobre habilidade, clareza e compaixão — material novo. Mais tarde, disse que era como um triângulo: a base era a compaixão. Hugues, Suzanne e Marjolaine van der

Straten, e Simonetta di Cesaro estavam ao almoço. Chegou uma carta de Erna dizendo que a Comissão de Planeamento de Ventura tinha aprovado uma alteração de zona na propriedade da McAndrew Road para um centro de educação de adultos e retiro religioso, incluindo permissão para acrescentar um anexo à casa de campo. Isto, finalmente, abriu a porta à construção. Também um empreiteiro chamado Max Falk ofereceu-se para "construir uma casa para Krishnamurti" sem honorários, mas quando viu os planos disse que era demasiado extensa para doar o seu tempo. Contudo, Bart Phelps, o arquiteto assistente de Charles Moore, estava no encalço disso, pois Falk era altamente recomendado por outros arquitetos. Narayan veio novamente falar com K sobre Rishi Valley, foi à caminhada e tanto ele como Edgar Graf ficaram para jantar com Vanda e comigo.

A quinze de julho houve a reunião anual dos Comités Internacionais Krishnamurti. Mary Cadogan abriu-a, Dorothy deu um bom relatório sobre Brockwood, os Siddoo falaram de uma abertura em setembro da sua escola no Canadá, eu fiz a Oak Grove School e Narayan falou bem sobre Rishi Valley. K geriu muito bem a questão da sua saúde: "Sobre a minha saúde, estou ótimo. Tive uma operação muito menor — nada que valha a pena mencionar. Os médicos dizem que estou ótimo e espero viver mais dez ou quinze anos". Scott falou sobre assuntos de vídeo. K também falou sobre as reuniões das Fundações K de março, mas não mencionou por que razão apenas quatro Fundações K estavam lá. Adicionei uma nota de rodapé dizendo que era apenas para Fundações com escolas, na esperança de o tornar explicável ao grupo espanhol presente.

Mary C., Jane Hammond e Mar de Manziarly estavam ao almoço. Mais tarde, Graf trouxe duas mulheres da rádio de Lugano e houve uma entrevista gravada com K. Mais tarde ainda, caminhámos. No dia dezasseis, Vanda partiu para Florença. Krishnaji passou o dia a descansar.

Ele deu a sua quarta palestra de Saanen a dezassete de julho, cheia de fogo. À tarde, o Sr. Mirabet veio fazer a sua doação anual de $4000. Krishnaji decidiu dar $3000 a Brockwood e $1000 a um fundo de Rishi Valley que Narayan queria recolher e manter no Ocidente para compras de livros e também para viagens de professores. Eu devia abrir uma conta para isso em Ojai, e K desejou doar $500 do seu dinheiro da Miss Dodge para a mesma. Narayan veio às 16h e foi informado de tudo isto. Krishnaji estava tão cheio de esperança em relação a Narayan para tornar Rishi Valley

naquilo que era suposto ser. Exortou-o, chamando-lhe "velho". Caminhámos todos depois até ao rio, com K a dizer: "Esta operação fez-me bem. Tenho mais energia". Narayan ficou para jantar.

A dezanove de julho, Krishnaji deu a sua quinta palestra de Saanen. Falou com grande intensidade sobre o descontentamento, a necessidade de este conduzir à paixão e à compaixão, que é inteligência, e também sobre o sofrimento, e terá isso a ver com o amor? (Não.) Terminou com a sua história sobre um professor a dirigir-se a uma sala de alunos, um pássaro vem à janela e canta, o professor escuta e, quando o pássaro termina e foge a voar, diz aos alunos: "Ouvistes a lição para hoje". Foi uma das palestras de K que me deixa em lágrimas. Após a palestra, quando entrou no carro, quis ir novamente à sapataria em Saanen para outro par dos sapatos leves. Almoçámos na sala de jantar e depois ele dormiu. Às quatro houve um chá ao qual veio a família Patel — os oito em peso —, bem como Narayan e Edgar Graf. Houve conversa sobre política indiana entre K e o pai Patel, dececionante para dois filhos, duas filhas, um genro e uma nora, que queriam falar sobre outros assuntos. A mãe sentava-se monoliticamente, o pai volúvel. Depois de eles partirem, caminhámos até ao rio com Narayan, que ficou para jantar. K pediu-me para levar Narayan às compras no dia seguinte para comprar sapatos, calças de ganga e uma caneta Lamy. K disse novamente: "Aquela operação deve ter-me feito algo. Sinto uma energia tal!".

A expedição de compras ocupou toda a manhã seguinte, mas foi considerada um grande sucesso, e Narayan partiu com um ar satisfeito. A Dorothy e o Montague deixaram o parque de campismo de Saanen e mudaram-se para o apartamento do andar de baixo em Tannegg. Edgar Graf trouxe um editor suíço de uma estação de rádio e de uma revista para ver K a propósito da realização de um artigo sobre ele e sobre o recém-traduzido *Talks with American Students*. Trouxe um tradutor para a reunião que gravou tudo em fita, mas a maior parte da conversa foi em alemão, com K a olhar fixamente pela janela. A Dorothy veio na caminhada da tarde até ao rio. No regresso, um homem agressivo de Granada chegou a agitar uma carta de Fresia dizendo que a "Princesa Alliata" providenciaria para que ele visse K. O meu esclarecimento de que Topazia Alliata não estava lá apenas aumentou a insistência dele, pelo que finalmente K o viu por escassos minutos. Aparentemente, ele tinha feito todo este caminho para fazer, em nome de uma mulher que K conhecera anos atrás, a

pergunta: “Porque me casei com o meu marido, que está agora morto?”. K respondeu: “Como hei de eu saber?” e o homem partiu, satisfeito. “As pessoas são loucas”, disse K, e eu também.

A vinte e um de julho, K deu uma sexta palestra — uma extraordinária sobre a morte e o amor. Depois, fui buscar a Sra. Billimoria, a Sra. Puri e Narayan ao chalé para o almoço, e os Simmons também estavam lá. Krishnaji entrou antes e depois, mas comeu no seu quarto num tabuleiro. Às 16h, ele falou com as irmãs Siddoo, com Narayan, com a Dorothy e comigo sobre haver um centro de formação de professores em Bangalore. A Dorothy opôs-se a “formação”, dizendo que não podia ser ensinada como um método, etcetera; tinha de ser aprendida fazendo. Ficou tensa com o assunto. “Defensiva”, chama-lhe K. Ele reformulou para um “centro educativo de professores”. Narayan falou entusiasticamente sobre isso. Mais tarde, K pediu-me para falar com a Dorothy sobre esta atitude defensiva, pois ela fica demasiado perturbada se for ele a fazê-lo. Ela tornava-se intensa e algo desafiadora em relação às coisas, e isso apoquentava K. Queria que eu “falasse com ela sobre o assunto”.

Vinte e dois de julho. Jean-Michel Maroger e a sua mãe vieram almoçar, e K juntou-se a nós à mesa. Jean-Michel estava a inventar uma forma de inserir a tradução francesa nos intervalos naturais da voz de K nas fitas de áudio, e funcionava muito bem. Convidou Krishnaji para ir onde ele e a sua esposa, Marie-Bertrande, vivem, perto de Blois. Mais tarde, K disse que seria agradável ir lá. Às 16h, Edgar Graf trouxe uma Mme. Geiser da revista suíça *Femina* para entrevistar K. Ele estava sonolento ao início, algo vago, e depois deu-lhe uma lição absorvente dos seus ensinamentos, conduzindo-a passo a passo ao que é o pensamento, o condicionamento, a religião, a crença, sendo o futuro uma projeção do passado, o observador e o observado. Disse: “Ver o todo é ver mais do que as partes”. Ela perguntou: “Tem falado há cinquenta anos. Não está cansado disso?”. Ele respondeu: “Não estou cansado porque não espero nada”.

No dia seguinte, K recebeu algumas pessoas espanholas e uma doação para o trabalho, que decidiu dividir igualmente entre Saanen e Brockwood. Almoçou na cama e, às 16h, Edgar Graf trouxe uma jornalista alemã, Silvia Schafer, para entrevistar K para o seu jornal. Ele estava cansado nesse dia.

O vinte e quatro foi uma manhã radiante e sem nuvens, e fui às 6 da manhã até ao rio e de volta. Toda a terra estava viva com o cheiro a erva nova no prado e a pinho na floresta; o pequeno ribeiro e o maior lá em baixo no vale estavam mais barulhentos, como se fosse o tempo deles e toda a natureza estivesse acordada. Foi um deleite. Krishnaji tinha dormido bem e sentia-se melhor. Fomos à sua sétima palestra e a final dessa série em Saanen. Foi sobre meditação, mas começou sobre decisões, continuou sobre o que é ser sem ambição, metas, vontade. Falou do espaço da mente condicionada, mas quando não há centro, o espaço é ilimitado. Enquanto ele falava, vi-o a viver nesse espaço infinito, o resto de nós amarrados nos nossos cercados, mas numa palestra assim ele elevava-nos bem acima das montanhas até ao seu céu. No fim, juntou as mãos e disse ao público: "Posso ir-me embora agora?" e partiu. Recolhi-o ao longo da estrada, rodeado de pessoas. Fomos dar uma curta volta de carro até Gsteig, mas depois voltámos para o chalé, pois a Dra. Dagmar Lichti e a sua enfermeira-chefe, a Irmã Laurie, vieram vê-lo por meia hora. Partiram quando Narasimhan e Simonetta vieram almoçar. K dormiu até às 16h, quando deu uma entrevista a um homem sueco que tinha um tumor cerebral que tinha recorrido.

Vinte e cinco de julho. Caminhei das 6 até às 7 montanha acima. Estava selvagem e belo, e dois veados saltaram para fora do bosque, cruzaram um prado e desapareceram. Senti-me maravilhosamente após tudo isso e o ioga. Krishnaji descansou. Anneke, Doris, Dorothy e Montague estiveram ao almoço. K entrou depois e recordou o passado com a Doris. Perguntou por que não tentavam eles travar Rajagopal; ver o que ele estava a fazer. Isto perturbou a Doris, que se tornou argumentativa, interrompendo K, terminando as frases por ele. Cansou o K.

No dia vinte e sete, K começou as suas discussões diárias na tenda. Os Reg Bennett e os Simmons vieram almoçar, e K conversou longamente com eles depois. No dia vinte e nove, o arquiteto Bart Phelps telefonou-me a dizer que o empreiteiro Max Falk tinha apresentado a proposta mais baixa para refazer a Pine Cottage. Pedi-lhe para falar com Louis Blau sobre o assunto, mas que eu era a favor de avançar com isso o mais depressa possível.

A discussão cinco foi a trinta e um de julho. Chovia a potes e pessoas indisciplinadas tornaram as coisas difíceis para K, mas ele lidou com isso.

Anneke veio ao chalé para "mãos". K dormiu até às 16h, quando o Dr. Frederick Leboyer, o autor de *Nascer sem Violência*, que tinha sido enviado por Vanda, viu K brevemente. K e eu caminhámos até ao rio, que troava com a chuva e com calhaus a colidirem. No dia seguinte, K deu a Doris uma entrevista de duas horas à tarde.

Dois de agosto foi uma manhã radiante e apanhámos um comboio cedo para Genebra. Estávamos na cabine ao lado da do maquinista e era permitida a entrada de um passageiro, pelo que K viajou todo o caminho montanha abaixo até Montreux nessa cabine da frente e emergiu a sorrir: "Senti-me como um rapaz". Em Genebra, fomos à Jacquet e ele escolheu padrões para quatro gravatas para Joe Links e quatro para si próprio. Depois fomos à Grand Passage para olhar para relógios de quartzo, e depois atravessámos para o Hotel des Bergues e almoçámos agradavelmente no restaurante Amphitryon. Estava fresco, calmo, com linho nevado e flores à mesa, empregados atentos que serviam boa comida com cuidado — um pequeno reduto de amenidades em vias de desaparecimento.

No dia seguinte, fui com Edgar Graf procurar possíveis alojamentos para o verão seguinte, caso Tannegg não estivesse disponível. Não vimos nada de satisfatório. Chegou uma carta de Bart Phelps dizendo que Max Falk, o empreiteiro, começaria os trabalhos na casa de campo na semana seguinte sem esperar pela minha assinatura no contrato, que ainda estava nas mãos de Louis Blau. Estávamos, assim, lançados, e era interessante que tudo isto parecia fluir por si próprio.

Frances McCann, Padma Mudholkar e os Simmons estiveram ao almoço. Frances descreveu ter visto um filme de Guido Franco com vislumbres de K filmados ilicitamente. No dia sete, Dorothy e Montague partiram no seu Land Rover para Brockwood. Nadia e Nicolas Kossiakof vieram almoçar e K veio à mesa. Para dar algum descanso a Fosca, K e eu almoçámos noutro dia no Park Hotel.

Vanda regressou a dez de agosto. Gentilmente tentou ajudar a minha perna, sempre dorida, com exercícios de alongamento. Seguiram-se dias calmos. Vários amigos vieram almoçar. Os concertos de Menuhin estavam a decorrer e ficou assente que podíamos alugar o Chalet Tannegg para o verão seguinte.

A dezanove de agosto, Krishnaji e eu dissemos adeus a Vanda e a Fosca, e conduzimos sob chuva encosta abaixo via Col du Pillon e Aigle até à autoestrada para Lausana, onde K instou a ir pela *route du lac* para Genebra. O nosso avião da Swissair esteve parado na pista por mais de uma hora devido a uma greve de controlo de tráfego aéreo em Heathrow, mas Dorothy, Doris e Ingrid estavam lá para nos receber, e chegámos a Brockwood pelas 18h. A casa estava calma, quase vazia e muito acolhedora.

**Capítulo Quarenta e Seis**

Vinte de agosto de 1977. Desfazer as malas em Brockwood foi a primeira tarefa para mim, e para K foi descansar na cama e ler um bom romance policial. No segundo dia após o regresso, ele desceu para almoçar. Ele, Dorothy e eu inspecionámos a horta, impecavelmente mantida por Alasdair Coyne e Jean-Michel. K ficou também muito satisfeito com as "salas do jardim" feitas a partir de garagens para salas de aula, mas prestes a serem usadas por hóspedes da casa durante a reunião. Fomos depois com os cães dar uma caminhada através dos campos, belos e amplos com o prazer de estar ali.

Uma viagem a Londres ocupou outro dia com o programa habitual — Huntsman para uma prova, Hatchards para livros, e à Fortnum, onde Mary e Joe almoçaram connosco. Joe conduziu K à sua consulta no dentista com o Sr. Thompson, e mais tarde a Waterloo, onde apanhámos um comboio. K deu a Joe as suas gravatas da Jacquet. Tudo muito agradável.

No sábado, vinte e sete de agosto, Krishnaji começou a sua primeira palestra de Brockwood na tenda grande. Mavis e Reg Bennett estavam lá e Asit e Minakshi Chandmal também. Choveu, o que causou alguma confusão, mas K tomou fruta e salada no andar de cima antes de regressar à tenda grande para comida quente com todos. À noite, a Dorothy e eu rearranjámos as cadeiras na tenda onde Krishnaji falava, e correu de forma mais fluida no dia seguinte para a segunda palestra. Mary e Joe vieram com a sua filha, Amanda Pallandt, e a neta Nikki. Nessa segunda-feira, K manteve uma discussão gravada com David Bohm, Asit e o Dr. P. Krishna, professor de física na Universidade Hindu de Banaras.

Na terça-feira, trinta de agosto, deveria haver uma discussão pública, e K perguntava-se como organizá-la com tanta gente: nomear alguns e deixar

os outros apenas escutar? Falou sobre isto na tenda e depois, subitamente, disse que pensava que ia ter um diálogo consigo próprio. E assim o fez, de forma elevadíssima. O público ficou muito comovido e muitos disseram: "Finalmente ele tem alguém digno com quem discutir".

Na quarta-feira, K conversou com Reg e Mavis Bennett sobre o futuro do trabalho na Austrália e também falou com uma mulher holandesa, paralisada com esclerose múltipla, que assistia às palestras.

Quinta-feira, primeiro de setembro, foi o segundo dia de discussão pública. K aceitou perguntas do público e teceu os assuntos naquilo que desejava dizer. Houve mais duas palestras públicas e depois terminaram.

A nove de setembro, M. S. Subbulakshmi, o seu marido, T. Sadasivam, e a filha Radha Viswanathan com a sua filhinha vieram hospedar-se em Brockwood e para Subbulakshmi cantar para Krishnaji como fazia em Madras. K acolheu-os assim que o carro se aproximou, tanto Subbulakshmi como Radha se prostraram aos seus pés, com a testa no chão. Instalaram-se nos quartos de hóspedes da Ala Oeste e, às 6h, na reunião da escola, ela começou a cantar. Foi de uma beleza extraordinária, profundamente comovente; o som parecia flutuar através da consciência, despertando um sentido de memória esquecida além do que se tinha conhecido. Ela parecia cantar com toda a sua alma para K, e ele acompanhou-o, dizendo-me mais tarde que foi mais do que ela alguma vez tinha cantado em Vasanta Vihar. Partiram na manhã seguinte. Brockwood voltou ao normal e K ficou na cama o dia todo.

Ele teve dificuldades em dormir durante a noite, sentiu uma ligeira tontura brevemente, teve uma dor na coxa direita, que foi aliviada com uma almofada elétrica quente, mas estava tudo bem no dia seguinte, e caminhámos com a Dorothy através dos campos. Havia um sentido de presença tranquila no ar.

Noutro dia, K disse: "Vamos almoçar fora", pelo que ele, a Dorothy e eu conduzimos para sul para olhar para o Canal e depois para o interior um curto trajeto até Wickham onde, numa antiga casa georgiana na praça, tivemos uma boa refeição de vegetais do jardim deles, uma omeleta de cogumelos e gelado de canela. Voltámos, fizémos uma sesta e depois fomos para a caminhada da tarde.

A dezassete de setembro, K falou com o pessoal por mais de duas horas sobre o que é viver com inteligência, embora a pergunta geradora tenha sido sobre que atitudes adotar para falar com os alunos sobre sexo. Mais tarde, viu a criancinha Jenkins que tinha visto no ano anterior. Ela tinha leucemia e ele tinha "posto as mãos", e este ano ela estava melhor.

Vinte de setembro. K falou com o pessoal sobre como transmitir que a inteligência é a ausência do eu. Novos alunos começaram a chegar. Houve um chá de boas-vindas para eles, mas K também falou com o pessoal sobre como dizer aos alunos que o prazer é uma coisa isoladora. Também viu a criancinha Jenkins novamente.

Pelo dia vinte e quatro, todos os alunos tinham chegado, K falou-lhes ao meio-dia com todos presentes, mas no dia seguinte teve uma reunião apenas com os alunos.

A vinte e sete de setembro, voámos para Colónia para visitar a Janker Klinik em Bona. Homens de olhar duro fixavam os passageiros que desembarcavam, procurando chegadas suspeitas. Sentia-se quão próxima a vida comum se tinha tornado da violência e do horror. Fomos de táxi para Bona e para o Hotel Bristol, telefonámos ao Dr. Scheef para confirmar a consulta do dia seguinte, e almoçámos na sala de jantar amplamente vazia, onde o chefe de mesa se revelou ser de Deli, pelo que houve *Namaste*, etcetera. Depois fomos dar uma caminhada para localizar a Klinik, que ficava por perto, e K queria encontrar um relógio Braun para dar a Pama Patwardhan. Deparámo-nos com uma loja da Braun, e o rosto de K iluminou-se de prazer. Voltámos sentindo-nos bem-sucedidos.

Jantámos nos quartos. Muito subitamente, a meio da sopa, o rosto de K mudou. Olhou em redor com uma expressão de quem escuta. "Consegues senti-lo?". Eu não tinha sentido, mas depois o quarto pareceu vibrante, carregado. Ele fechou os olhos e perguntei-me se ele iria desmaiar, mas não desmaiou. Voltou a si, disse que a cabeça lhe começava a doer, mas terminou o jantar. Não quis falar sobre isso.

Vinte e oito de setembro. Tinha dormido bem: "Tive de ser, estava cansado". Foi uma correria, mas encontrámo-nos na Klinik pelas 9h, esperámos um pouco — "Não precisávamos de nos ter apressado" — e ficámos sentados a observar as outras pessoas. Ouvi falar alemão de forma musical em vez do cantarolado do alemão suíço. Depois, subitamente, o Dr.

Scheef estava ali para nos saudar e mostrar o caminho sinuoso até ao seu consultório. Eu tinha escrito um memorando médico para cada um de nós. Ele reviu o de Krishnaji primeiro e depois enviou-o para os exames relevantes e discutiu comigo. Disse-me que K tinha os seios perinasais limpos, mas um pouco de enfisema, normal para a sua idade, e que nos reuniríamos no dia seguinte quando os resultados dos exames fossem conhecidos.

K e eu caminhámos de volta para o hotel às 11h, descansámos e almoçámos, e durante o almoço ele disse: "Não é superstição, mas acho que sei o que foi ontem à noite. Ninguém conhece esta pessoa aqui, exceto alguns loucos, e é como as joias" (colocadas nos alicerces das casas para trazer uma atmosfera). Perguntei se queria dizer que este algo e a sua presença teriam esse efeito, e ele acenou com a cabeça.

Vinte e nove de setembro. Tínhamos uma consulta ao meio-dia com o Dr. Scheef. As radiografias de K mostravam a cabeça e os seios perinasais limpos, apenas um ligeiro enfisema — "fantástico para um homem da sua idade". Deu-lhe alguns medicamentos para tomar e disse que gostaria de nos ver no verão seguinte para saber os resultados do que tinha receitado. Regressámos ao hotel para o almoço e K disse que se estava a dar conta de quanto mais conseguia descansar num local onde ninguém o conhecia. Falou em ir para França, algures no campo, por uma semana ou duas. E disse que não conseguia descansar em Brockwood. Demasiada gente. Pelo que descansámos, caminhámos para olhar para o Reno e depois voltámos para o jantar nos nossos quartos.

No dia seguinte, deixámos o Hotel Bristol e Bona, fomos de táxi para Colónia e voámos para Heathrow com quatro horas de atraso devido a abrandamentos no tráfego aéreo. A Dorothy e a Doris estavam pacientemente à espera, e estávamos de volta a Brockwood pelas 19h.

K descansou mas falou a sós com os alunos também. A cinco de outubro, fomos a Londres para a sua consulta no dentista. Ele tinha um olhar distante, meditativo, mas veio comigo para uma prova que eu tinha, e depois ele fez uma na Huntsman. Almoçámos com Mary Links na Fortnum e contámos-lhe sobre as reuniões médicas em Bona. Ambos sentíamos bons efeitos dos medicamentos receitados pelo Dr. Scheef. Joe passou por cá e conduziu-nos à sessão do dentista de K, e mais tarde fomos de táxi para

Waterloo, folheámos livros de bolso e revistas, e regressámos a Brockwood. K continuava a sentir-se distante.

Nos dias que se seguiram, K falou com os alunos e deu uma entrevista a Maurice Wilkins e outra a Alan Rowlands. Houve outra viagem a Londres para a sua prova.

Jean-Michel e Marie-Bertrande Maroger vieram para um fim de semana, e a Sra. Billimoria de Bombaim veio para o almoço e para a palestra de K à escola.

Não consegui obter o visto italiano de K em Londres porque o seu passaporte estava prestes a caducar a dezasseis de novembro. O Alto Comissariado da Índia disse que precisava de uma semana para emitir um novo, mas K disse que voaria de Londres para Bombaim diretamente. Remarquei o seu bilhete de avião e descobri que o seu voo da Air India parava por uma hora em Roma. Vanda, assim, poderia vê-lo no aeroporto. Telefonei a Vanda sobre tudo isto e também lhe contei o que se tinha apurado em Bona.

## PARTE 5: 1978 – 1979

### Capítulo Quarenta e Sete

1978 começou para mim numa linda manhã em Malibu. Houve quantidades agradáveis de chuva nos dias seguintes. Deslocava-me de um lado para o outro de Ojai por assuntos da casa. Não sei como ele conseguiu o meu número de telefone, mas Rajagopal ligou para desejar um bom ano novo e dizer que não tinha "nenhuma segunda intenção" ao ligar, apenas que "sempre me tinha amado desde há anos". Isto acontecia enquanto Erna escrevia de Madras, dizendo que Krishnaji tinha telegrafado uma resposta a Rajagopal após receber o meu telegrama. Ela acrescentou que as palestras correram maravilhosamente, foram fortes e novas, e K parecia bem e descansado, mas tinha estado na cama o tempo todo em Madras. A doze de janeiro, Krishnaji telegrafou que planeava voar de Londres para Los Angeles a cinco de fevereiro, pelo que lhe reservei o bilhete. Mais tarde no mesmo dia, chegou a sua carta n.º 5, escrita a vinte e sete de dezembro. Dizia que Rajagopal lhe tinha telefonado nesse dia. K foi mais tarde de Madras para Bombaim a dezoito de janeiro, e começou as suas palestras lá a vinte e um de janeiro. A sexta carta de K demorou dezoito dias a chegar.

Mark Lee telefonou para relatar sobre a sua visita e a de Asha a Rajagopal, que tinha pedido para o ver. Ele tinha muitas perguntas sobre as escolas, tanto em Ojai como na Índia, e sobre os edifícios na McAndrew Road.

A trinta e um de janeiro, K chegou a Brockwood vindo de Bombaim. Ao telefone, a sua voz estava forte, entusiasmada e cheia de energia. Era tão extraordinário estar a falar com ele que me esqueci de perguntar mais do que "Estás bem? Estás de saúde?". Ele tinha estado e estava, mas lembrei-o de que era agora um residente dos EUA com o seu "cartão verde" e por isso tinha de preencher uma declaração alfandegária. Pediu-me para encontrar um carregador que no ano anterior tinha dito que podia entrar na zona da alfândega e ajudá-lo com a bagagem.

No domingo, cinco de fevereiro, houve uma chuva ligeira. Fui para o aeroporto bem antes da hora. O voo da TWA de Krishnaji chegou a tempo às 16:15. Vi-o através de um vidro enquanto ele ia para a alfândega — a sorrir, luminoso. Tinha encontrado um carregador e dado-lhe gorjeta para encontrar e ajudar K. Aparentemente tudo correu bem com o cartão verde, e ele saiu a sorrir e abraçou-me no elevador, para onde fomos e tivemos uma longa espera pela mala dele. O carregador que tinha recebido uma grande gorjeta nunca apareceu. Conduzimos para casa sob a chuva, com K a falar sem parar durante todo o caminho. Jantámos em tabuleiros no quarto dele e, cheio de energia, queria contar-me tudo o que tinha acontecido desde que partira para a Índia em novembro. Apesar de se ter levantado cedo, horas atrás em Brockwood, e do longo voo, não estava com sono. Conversámos durante muito tempo sobre tudo.

Krishnaji passou todo o dia seguinte na cama, alternadamente a dormir e a conversar. Havia um fluxo de energia nele que ele disse ter começado em Rishi Valley, como se algo se tivesse aberto na sua cabeça. Senti-o fortemente quando estava com ele. Nos dias seguintes, continuou a descansar enquanto começavam chuvas fortes, bastante selvagens à noite; o rugido do oceano e os ventos tremendos soavam como uma força devoradora. Saí à 1 da manhã com uma lanterna para ver se havia inundação, e K seguiu-me. De manhã, o vento mudou para oeste e a chuva parou, mas tinha havido enormes danos por toda a bacia sul da Califórnia. Enxurradas arrastaram carros e casas. As pontes não estavam seguras, e os Lilliefelt e Mark não conseguiram descer para o almoço. Pelo que ficámos

em casa todo o dia, sossegados, a ler. A televisão não estava a funcionar, o que contribuiu para a paz e para a música.

No dia seguinte, doze de fevereiro, Erna, Theo e Mark conseguiram vir. Ao almoço, K perguntou se "as escolas valiam a pena". Mark deu um sim firme, o mesmo fez Theo, mas Erna não. Eu demostrei reservas. K disse que lhe tinham perguntado na Índia com quem ele falava. Disse que "com ninguém" e, porque estava a falar com ninguém, não procurando um resultado, há maior energia. Era também evidente que, se uma pessoa fosse ninguém, ouve. Perguntou sobre as reuniões de Fritz, mas tanto os Lilliefelt como Mark não quiseram falar sobre isso até que K tivesse falado com o próprio Fritz. Erna trouxe uma declaração escrita por Donald Ingram Smith em Rajghat relatando uma reunião em abril passado com a Sra. Vigeveno e os Blackburn na qual foi dito que os arquivos estavam numa cave com ar condicionado sob a casa de Rajagopal. Nenhuma menção ao seu acordo com a KFA.

A treze de fevereiro, tinha chovido fortemente durante a noite, mas após o almoço em casa fomos à cidade, onde Krishnaji fez um exame médico com a Dra. Bakhtiar. Tudo estava bem. No dia seguinte, o tempo estava límpido e belo. Alain telefonou, acabado de regressar de Londres, onde tinha visitado Mary e Joe, e de Florença, onde tinha ficado com Vanda. K e eu conduzimos para Ojai no seu Mercedes verde, ele próprio ao volante, a sorrir. Os céus sorriam também. Era um dia perfeito para a sua primeira viagem a Ojai e primeiro vislumbre do novo edifício da Pine Cottage. Olhou para ele timidamente. Conheceu Max Falk, o construtor, Erna e Theo estavam lá, e Radha Burnier veio. Ela estava a dar palestras em Krotona. K olhou para tudo. "É estupendo", disse ele. Almoçámos em Arya Vihara com todos ali para o saudar. Depois, falou a sós com Fritz Wilhelm. Falou sobre a casa de campo durante todo o caminho para casa. Estava satisfeito.

No dia quinze, houve outra viagem à cidade, onde ele cortou o cabelo. Almoçámos comida mexicana no mercado dos lavradores e depois, por insistência dele, fomos escolher tecido para roupas para eu usar na Índia — *kurtas*, *bundis*, etcetera — e levámos o resultado à costureira, onde ele explicou como deveriam ser feitas.

No dia dezasseis, ele descansou de manhã e falou da necessidade de as pessoas continuarem o trabalho, especialmente os jovens. Isto tinha-se

tornado urgente para ele. Perguntava-se se Fritz conseguiria fazer o centro de adultos. Falou do Buda ter tido apenas dois disciples que realmente compreenderam o seu ensinamento — e ambos morreram antes do Buda: "Isso é triste". No dia seguinte, Radha Burnier desceu de Ojai para o almoço. Falámos sobre que género de pessoas vêm ouvir as palestras dela e porquê, e a partir daí sobre o que as pessoas esperam de K.

O meu irmão e a sua esposa, Lisa, vieram para uma breve visita e, como era o aniversário dele, celebrámos ao almoço. Os Dunne estavam lá e partiram depois, mas mais tarde, a convite do meu irmão, Artie Shaw e um amigo vieram, e foram todos jantar fora em Malibu, enquanto K e eu tivéssemos o nosso jantar habitual em tabuleiros. No dia seguinte, conduzi o meu irmão e a sua esposa a Ojai, onde nunca tinham estado, e viram a nova casa. Conduzimos de volta para Malibu à tarde e, nessa noite, levei-os ao aeroporto para regressarem a Nova Iorque. O meu irmão ofereceu o uso do seu apartamento em Paris a K e a mim para usarmos sempre que lá estivéssemos.

Após o que tinha sido um fim de semana movimentado, tudo estava calmo, e K disse: "Nos últimos dois ou três dias no meu sono, no cérebro, há uma qualidade de pavorosa seriedade". De manhã, ditou cartas, incluindo uma que eu deveria assinar para Rajagopal dizendo que Krishnaji me tinha pedido para escrever a perguntar quais eram as intenções dele relativamente à troca de telegramas com K em Madras sobre um encontro entre ambos. A sugestão era de que este se realizasse em Malibu ou em Arya Vihara.

Sarjit Siddoo telefonou a propósito da visita de K à escola no Canadá. K disse que voaria para lá a dezanove de abril e regressaria a vinte e quatro de abril, ficando apenas na escola em Vancouver Island.

A vinte e três de fevereiro, tratámos de cartas de manhã, e Krishnaji falou comigo sobre os centros de adultos; a necessidade de pessoas. Enquanto caminhávamos ao redor do relvado, ele falou sobre dar-me "compreensão". Não havia nada que eu pudesse "fazer" para aumentar isso. Parecia primordial na sua mente transmitir algo: uma profunda compreensão dos seus ensinamentos.

No dia seguinte, os Lilliefelt, Evelyne Blau, Ruth Tettemer e Mark Lee vieram para uma reunião de curadores e para o almoço. No dia após

esse, Krishnaji e eu conduzimos até Ojai, onde ele falou com Fritz Wilhelm e outros. Radha Burnier veio almoçar a Arya Vihara, trazendo um Sr. e Sra. Perkins, ambos teosofistas. Ela sentia que eles poderiam influenciar a cedência de uma parte dos terrenos em Adyar para uma escola K.

Na casa de campo, o ladrilho do chão da sala de estar estava pronto e K ficou muito satisfeito com ele. Dava "uma sensação de leveza", disse ele. Também gostou mais dele do que do ladrilho do chão em Malibu e sentiu que já havia uma atmosfera na casa. Às 15h, falou com Fritz, Erna, Theo, Mark e comigo sobre o centro de adultos. Depois, ele e eu conduzimos para casa em Malibu.

Dois dias mais tarde, estávamos em Ojai novamente para falar com os arquitetos. K falou outra vez com Fritz e depois fez com que o Theo fosse buscar Radha Burnier para discutir a aceitação, por parte dela, do convite de Rajagopal para o visitar. Ela realmente o viu no dia primeiro de março e telefonou a K à noite para descrever o que aconteceu. Ao início tinha sido conversa de circunstância sobre a família dela, depois perguntas sobre como ela tinha ido de Krotona para a casa dele. Ele fingiu não saber do portão na sua propriedade das traseiras. Depois Radha perguntou-lhe o que ele estava a fazer.

Rajagopal: "Estou muito ocupado".

Radha: "Está a escrever?".

Rajagopal: "Estou ocupado com os ensinamentos".

Radha: "O que quer dizer com isso?".

Rajagopal: "Ocupado a distribuir livros".

Radha: "Vai ver o Krishnaji?".

Rajagopal: "Ele está cá?".

Radha: "Não recebeu o convite da Sra. Zimbalist para ir a Malibu?".

Rajagopal: "Ah, sim".

Radha: "Eu estava em Madras quando telegrafou ao Krishnaji. Vai vê-lo?".

Rajagopal: "Isso é pessoal entre ele e eu. Não quero falar sobre isso".

Radha: “Quero falar sobre os arquivos. Estive aqui no ano passado quando não os quis mostrar. Tenho provas de que foram enviadas cartas de Adyar. Foram enviadas para o Krishnaji, não para si”.

Rajagopal: “Não quero falar sobre isto consigo. Não sabe nada sobre o assunto. É pessoal entre o K e eu”.

Radha disse a K e a mim que pensou que ele pudesse explodir. Não o fez, mas foi como uma muralha de pedra que ela não conseguiu penetrar. Tinha pequenos subterfúgios na conversa, como fingir que não sabia do portão. Ela também disse a Rajagopal que tinha visto a sua carta recente a K e perguntou o que ele estava a citar. Ele não quis dizer. K perguntou-lhe se ela sentia que a mente dele estava a perder terreno, a ficar demente. Radha disse que estava clara, suficientemente aguçada, mas demente de alguma forma. “Ele está fora do trilho”. Disse que ele estava nervoso quando o telefone tocou duas vezes. Ela esteve lá uma hora, entre as 17h e as 18h. Disse que ele era sem consciência; havia algo de maligno nele. Estava contente por ter ido porque podia dizer aos outros na Índia que tinha tido uma certa esperança de conseguir falar com ele, chegar até ele, e sabia agora que era impossível. Na Índia, tinham sempre tido o sentimento de que nós não sabíamos como lidar com ele porque ele era indiano, e que isso tinha levado a todas as dificuldades. Ela podia agora dizer-lhes, e eles acreditariam nela. Ela partiu no dia seguinte para a Índia.

A chuva dominou os dias seguintes. Casas ao longo da praia foram danificadas, a terra começou a desmoronar-se ao longo do lado do oceano da minha colina, e Malibu ficou cortada das estradas para norte e para sul. Durante as tréguas, conseguíamos caminhar vezes sem conta ao redor do relvado encharcado, mas de resto foi um tempo calmo de descanso para K.

Finalmente, a oito de março, após um almoço cedo, conseguimos partir para Ojai, seguindo por uma estrada do interior, e encontrámo-nos em casa dos Lilliefelt, onde deveríamos ficar até ao dia treze. Todos nós quatro caminhámos até à Pine Cottage. A sua pintura exterior tinha sido terminada e estava agradável; David e Saral Bohm tinham chegado e estavam hospedados no apartamento de hóspedes de cima.

Na manhã seguinte, houve a primeira de uma discussão de grupo de cinco dias entre cerca de vinte pessoas. O seu assunto era “Será que o conhecimento deforma a estrutura psicológica do homem?”. Os curadores,

os Bohm, etcetera, almoçaram em Arya Vihara. À tarde, houve uma reunião com K de David B., dos Lilliefelt, de Evelyne e de Mark para discutir o que estava a ser feito no centro de adultos e as discussões de Fritz. Uma segunda discussão de grupo teve lugar na manhã seguinte.

Para a sala de estar da Pine Cottage, em vez de cortinas, eu tinha planeado portadas de madeira interiores deslizantes nas quais haveria um sol radiante pintado. A esposa de Fritz, Margrete Heising, que era pintora, tinha gentilmente aceitado fazer as pinturas semelhantes a portadas exteriores que eu tinha visto num antigo castelo em Rougemont, na Suíça. K tinha escolhido a cor, um laranja de *sannyasi* para a sala de estar, e ela tinha-o feito muito bem.

K tinha falado a sós com Fritz e Margrete sobre as discussões de adultos. Eles sentiam que nada estava errado e tendeu a rejeitar as implicações das perguntas de K. Mais tarde, fui com Alan Kishbaugh à discussão de grupo de Fritz no Pavilhão. Evelyne, Erna e Theo também estavam lá, e todos os curadores sentiram que estava a ir na direção de terapia de grupo, com problemas pessoais a serem expostos, e não os ensinamentos de Krishnamurti. Falei longamente sobre isso com K ao jantar.

No dia seguinte, houve a terceira discussão de grupo na qual K colocou a pergunta: "Porque fazemos exigências?". Era para ser continuada. Após o almoço, reuni-me com Alan Hooker e Alasdair Coyne para planear a plantação ao redor da casa de campo. Alasdair tinha estado encarregue do jardim em Brockwood e tinha-se mudado para Ojai. Às 16h houve uma reunião em casa dos Lilliefelt com K, David Bohm, Evelyne, Mark, Fritz, Margrete e eu. Todos expuseram os seus pontos de vista e uma relação melhorada pareceu resultar dali. Depois todos foram dar uma caminhada.

No dia doze, houve a quarta reunião de discussão à qual Mar de Manziarly veio. Ela estava a visitar a sua irmã, Mima Porter. Krishnaji aprofundou a incompletude e o que é a completude. A incompletude era a raiz do exigir. À tarde, houve ainda outra reunião sobre o centro de adultos, e ficou mais ou menos decidido continuá-lo com mais participação por parte dos curadores e menos controlo unipessoal por parte de Fritz. A certeza autoconfiante dele de que conseguia gerir tudo estava a deixar K e alguns de nós inquietos.

Na quinta discussão de grupo, no dia seguinte, tive uma sensação curiosa, como se estivesse a flutuar na consciência da voz de K, quase a desmaiar por vezes, e comovida até às lágrimas quando ele falou sobre o *insight* — diferente da compreensão, à qual se chega lentamente por graus —, o *insight* era instantâneo, nada tendo a ver com o pensamento mas sim com a ação da inteligência. Quando ele falou sobre isto, foi como se tivesse levantado voo em direção ao céu, um falcão a pairar, livre do lugar onde as pessoas da Terra caminham penosamente, e isso perfurou algo na minha mente. O *insight* nunca é parcial — é pleno. Mar esteve nesta discussão mas partiu depois. Houve almoço novamente em Arya Vihara. Revi algumas coisas de construção com Max e depois K e eu conduzimos para casa em Malibu. A estrada da costa tinha sido aberta nessa manhã e viemos por ela da forma habitual, com K a conduzir. As margaridas nativas que crescem ao longo de uma parte da estrada tinham rebentado com a chuva num fulgor de amarelo. Chegámos para encontrar que Elfriede tinha feito um trabalho de embalagem enorme, caixas e caixas. Uma fenda que piorava tinha surgido no relvado perto do desmoronamento. O cano de escoamento tinha quebrado. Ao jantar, Krishnaji disse: "A casa parece abandonada", e eu não consegui suportar falar sobre isso.

Seguiu-se algum tempo quente. A quinze de março houve embalagem a manhã inteira. K ficou no seu roupão, mas almoçámos na sala de jantar, a observar o único beija-flor bebé restante no seu ninho minúsculo precisamente do lado de fora da janela. Fui até à casa dos Dunne ao final da tarde. K, a caminhar no relvado, acenou do outro lado do desfiladeiro e depois retomou as suas voltas, uma figura brilhante e nítida no seu roupão de banho de pano atoalhado branco. Voltei para o jantar. Seria esta a nossa última noite naquela casa tão querida? K sentia isto, e disse que estava a pensar nisso enquanto me via a caminhar em direção à casa dos Dunne, e pensava em quantas memórias a casa tinha para mim nos vinte e cinco anos em que existia. Esperava que eu fosse feliz em Ojai. "Nunca nada correrá mal entre nós".

No dia seguinte, a embalagem começou às 5 da manhã para mim, mas tivemos um almoço tranquilo enquanto o beija-flor bebé se sentava na borda do seu ninho. Voaria em poucas horas. Às 16h partimos no carro cinzento para Ojai e para casa dos Lilliefelt a tempo de K ver as notícias da noite na televisão, nas quais o antigo primeiro-ministro italiano tinha sido raptado por terroristas em Roma.

Na casa de campo, pela manhã, calceteiros, um eletricista, um canalizador e um homem do serviço de alarmes estavam todos a trabalhar, cada quarto uma confusão. Num canto da cozinha, limpei gavetas e cortei papel para forrar prateleiras. K veio à hora do almoço, comemos em Arya Vihara e depois voltei para la casa de campo. Ted Cartee e Laura Martin ajudaram a limpar armários, etcetera, e as cortinas foram penduradas nos quartos. Pelas 17h havia o início de alguma ordem. K disse com alguma emoção: "É uma casa maravilhosa", e que havia uma atmosfera especial nela.

No dia seguinte, dezoito de março, preparei o pequeno-almoço de K em casa dos Lilliefelt, onde estávamos alojados, e depois fui para a casa de campo. Ele manteve uma reunião para pais e pessoal da escola, e eu passei o dia com limpezas e forros de papel de prateleira, ajudada por Laura Martin. Os quartos estavam limpos e prontos. Às 17h, Elfriede, o seu marido Fred e Lorry, que cuidava do jardim de Malibu, chegaram com uma carrinha de mudanças enorme. Um trabalho enorme foi feito por eles ao mudarem quase todo o conteúdo da casa de Malibu. Haveria mais uma viagem no dia seguinte. Todos os amigos de Ojai vieram ajudar na descarga, e K veio quando estávamos a terminar. Tudo foi empilhado na casa de campo para ser descompactado no dia seguinte. K declarou novamente: "É uma casa maravilhosa". Ao jantar, ele questionou a qualidade dos professores na escola. "Onde encontramos pessoas? O que está a acontecer aos americanos?".

Dezanove de março para mim foi descompactar, pôr as roupas de K nos armários, etcetera, e K manteve novamente uma reunião com pais e pessoal da escola. Lou Blau veio com Evelyne almoçar àquilo que achámos que deveria então ser chamado "a casa antiga" em vez de Arya Vihara, já que esse nome parecia perturbar algumas pessoas. K disse que significava "morada de pessoas nobres", mas isso parecia despropositado também, pelo que havia de ser "a casa antiga". A Pine Cottage continuou a ser Pine Cottage, e o edifício de escritórios tornou-se "a casa de hóspedes". Lou discutiu várias coisas com Erna e comigo e viu a casa de campo. Elfriede tinha trazido as coisas restantes de Malibu, incluindo vasos de camélias e outras plantas. Fiquei feliz por tê-las a seguir-nos, pois pareciam partes vivas de Malibu. K dormiu toda a tarde e subiu a caminhar com Theo precisamente quando eu estava a trancar la casa de campo.

O dia seguinte foi de descompactar, pôr o quarto de K em ordem, fazer as camas, etcetera, enquanto K manteve reuniões com professores na "casa antiga". Jantámos com os Lilliefelt, depois viemos para la casa de campo e passámos pela sua porta para viver ali. Tínhamo-nos mudado. K pediu-me para o deixar sozinho por uns minutos no meu quarto para fazer o que quer que seja que ele faz para trazer algo sem palavras — proteção? Bênção? "Consegues sentir a atmosfera?". Eu conseguia e sentia-o ainda mais no quarto dele. Assim, dormimos nesta casa abençoada por K, pela sua vida ali e pela sua presença.

**Capítulo Quarenta e Oito**

A vinte e um de março de 1978, Krishnaji e eu tivémos a nossa primeira refeição na cozinha da Pine Cottage. Ele manteve outra reunião na casa antiga com o corpo docente. Renée Weber chegou para fazer uma entrevista com K para a nova revista *Revision*. Rajagopal telefonou para o escritório e deixou uma mensagem para K lhe ligar. Isto K fez no dia seguinte com Erna e eu presentes. Rajagopal disse que o queria ver; K perguntou sobre o que queria falar, e Rajagopal respondeu: "Para o seu próprio bem, e para o meu", e que queria uma conversa de duas horas a sós. K respondeu que, a menos que fosse sobre Rajagopal devolver tudo a K, conforme tinha dito no seu telegrama para Madras, não havia nada para eles discutirem. Rajagopal desligou. Tinha frisado "para o seu próprio bem", o que soava a uma ameaça. K também lhe tinha perguntado se ele estava a gravar a conversa deles.

Às 4h, K manteve uma primeira discussão na Pine Cottage com curadores, professores, os Bohm, Alan Hooker, Frances McCann e Sidney Field. Estas reuniões foram continuadas por K nos dias seguintes. A sala de estar acolhia um bom número de pessoas e a acústica era satisfatória.

No dia vinte e oito fomos a Los Angeles para vários recados e voltámos a Malibu. A casa de Malibu parecia linda apesar do seu vazio, a sua serenidade intocada. Mas parte do relvado tinha afundado um pouco e havia uma grande fenda no terraço. Fomos ver os Dunne e depois regressámos a Ojai, com K a conduzir parte do caminho. Fomos à "casa antiga" saudar David Shainberg, que tinha chegado de Nova Iorque.

No dia primeiro de abril o sol estava descoberto, mas o Oak Grove estava demasiado húmido para ser usado, pelo que Krishnaji deu a sua

palestra pública de abertura no ginásio da escola Nordhoff. Não era um local mau mas "não tão agradável como sob as árvores", disse K, um pouco melancólico. "Não sei sobre o que falar", disse ele no caminho para lá, mas depois, como sempre, veio até ele. Falou sobre a pressão da linguagem: "Ela usa-nos — não nós a usá-la", e também a pressão dos ideais. Almoçámos na Pine Cottage e, mais tarde, David Shainberg veio a uma caminhada. Após o jantar, fui até à "casa antiga" e vi Carol e Joe Zorski de Brockwood, e Michael Mendizza mostrou diapositivos de fotografias fixas que tinha tirado de K numa discussão com professores, usadas sobre a voz de K.

A segunda palestra pública de Ojai teve lugar no dia seguinte, novamente no ginásio Nordhoff, uma intensa, com K a fazer um ponto de subtileza de navalha de que o pensamento é sempre antigo, o conhecimento é do passado, mas a consciência disto deixa o *insight* e a inteligência entrar. Quando o *insight* e a inteligência assumem o comando, é o fio da navalha da transição para fora do pensamento.

A quatro de abril a chuva tornou a discussão pública ao ar livre impossível, pelo que se realizou em espaço interior no Ojai Art Center. Embora fosse um edifício pequeno e algo sombrio, produziu uma atmosfera boa, mais próxima. K deu uma exposição intensa de o observador é o observado. No carro a regressar, disse: "Coloquei muita energia nisso". Dormiu após o almoço e eu lutei com a montanha de papéis na secretária. Mais tarde, na caminhada, perguntou-me se as pessoas que escutavam de manhã compreendiam — que impressão tiravam dali? Tive a sensação de que as sérias escutavam atentamente, algumas pareciam ver, mas a partir de escassos comentários parecia escapar-lhes. Observador é a forma de o dizer, é a forma de K, mas talvez mais difícil de a maioria agarrar. K perguntou de que outra forma se poderia dizer. Disse que a terminologia psicológica era inferior, e não a dele, mas as pessoas pareciam maioritariamente compreender a palavra projeção, a mente a projetar o seu pensamento ou conhecimento acumulado sobre aquilo que observa, colorindo-o com isso e, por conseguinte, não vendo. Disse que usaria a palavra projeção. Voltámos a tempo de Walter Cronkite e das notícias. Subitamente, à noite, enquanto assistia a um filme de Hitchcock, disse: " Devo ter nascido assim. Nunca passei por tudo isso [pensamento, imagens, divisões]. O que me faz ver tudo isto?". Sugeri que ele nunca pensava sobre

esses assuntos exceto quando estava a falar seriamente. Ele acenou com a cabeça.

No dia seguinte, cinco de abril, conduzimos até Carpinteria, com Alan Hooker e Alasdair a seguirem numa carrinha, para escolher plantas para o redor la casa de campo — *vinca*, *pittosporum*, *podocarpus*, etcetera. À tarde, Alasdair, com uma equipa de ajudantes toda de Brockwood, plantou tudo. K disse da sua visita ao viveiro: "Fico absolutamente vago". Teve de se retirar para a sombra do carro quando o sol ficou demasiado forte, mas estava satisfeito com a beleza das colinas, as águas cheias do lago Casitas. As chuvas tinham revestido as colinas de verde como nunca tínhamos visto, o *ceanothus* estava em flor por todo o lado, flores silvestres cor-de-rosa cresciam em encostas íngremes.

Havia inúmeras pessoas para o almoço na casa antiga no dia seguinte. Os Hooker ajudaram Michael com a cozinha. Fui buscar rosas e outras flores, e K ajudou-me a descarregar o carro. Disse: "Apesar de todas as pessoas a trabalhar, consegues sentir a atmosfera desta casa? É extraordinária". Estava satisfeito e, para mim, isto era como a luz do sol.

No dia oito havia neve em Topatopa. A terceira palestra realizou-se no campo de futebol da Nordhoff High School, com K de pé num pequeno estrado em frente às bancadas, um abrigo sobre a sua cabeça mas não do vento cortante. K falou mais sobre pressão e em direção ao fim perguntou como pode a totalidade da consciência ser vista. Apenas quando a mente está quieta, sem pensamento, pode isto ser visto.

Almoçámos a sós. K dormiu toda a tarde enquanto os restantes de nós mantivemos uma reunião de curadores. A demissão de Cynthia Wood como curadora foi aceite e ela foi nomeada curadora honorária com quem os relatórios serão partilhados mas não a responsabilidade. A generosidade dela em doações tinha sido muito grande.

Num, finalmente, belo dia ensolarado, nove de abril, K deu a sua quarta palestra no Libbey Park Bowl. À tarde, vários amigos vieram à Pine Cottage e pareceram gostar das suas alterações. Finalmente, tivémos o nosso jantar sossegados. K disse: "Que vida estranha — a falar o tempo todo".

A treze de abril, K manteve uma quarta discussão pública no Libbey Park Bowl. Estas pareciam árduas para ele. Era como se tivesse de levantar

todo o peso da mente do público. Almoçámos a sós depois e depois Evelyne veio relatar a sua reunião com Rajagopal. Os Lilliefelt e Alan Kishbaugh estavam presentes. A reunião foi por sugestão de Rajagopal e realizou-se na sala de estar do escritório da K&R. Ela nunca o tinha conhecido antes e disse que a sua impressão inicial foi de um homem velho, a arrastar os pés, incapaz de encontrar o interruptor da luz e vestido com um blusão e chinelos. Sentou-se em silêncio, deixando ao critério dela explicar por que tinha vindo, pelo que ela descreveu os planos de construção da KFA e perguntou se a K&R poderia contribuir. Ele escutou, questionou-a sobre detalhes da localização dos edifícios, etcetera, e depois assumiu a conversa. Descreveu o seu "martírio", o seu ser fiel ao "verdadeiro K", ele próprio tinha sido "vilependiado", mas "vós recebereis tudo quando eu estiver morto, mas apenas sobre o meu cadáver". Disse que tem de "resolver assuntos pessoais" com K. Evelyne esteve lá quase duas horas. Terminou com ele a aceitar ponderar se poderia contribuir com algo dentro das regras da K&R. Erna disse que ele não podia porque nós o tínhamos cercado de forma tão minuciosa na resolução do processo judicial. Apenas podia usar fundos conforme especificado — isto é, para doações de livros a bibliotecas, etcetera. À tarde, Ralph Gardner tirou fotografias de K.

No dia catorze, membros da *Fundación* vieram ver K — Alfonso Colon, Armando Riesco e Juan Collel. Também Silvia Cardenas, editora da Orion, Ugo Baldi da Argentina, e a Sra. Raquel Drassinower. K e eu caminhámos até à depressão e de volta; estava frio e cinzento. O jornal dizia que tinha nevado desde a Escócia até ao Canal e estavam dezanove graus em Londres.

A quinze de abril, K deu a sua quinta palestra de Ojai no ginásio da escola Nordhoff. Foi uma profundamente comovente. Estava cansado depois e almoçámos a sós. Dormiu até às cinco, quando houve um chá para todos os que tinham trabalhado na preparação das palestras, e K veio a este por um bocadinho. Enquanto eu estava lá, recebi um telefonema de Jackie Kornfeld em Tuxedo Park, Nova Iorque. Ela estava em grande aflição com a morte do seu marido, Joe. Conversámos longamente, e eu depois voltei para la casa de campo, contei a K sobre o assunto, e ele falou com ela. Era raro ele falar ao telefone e especialmente sobre uma coisa tão séria, mas falou com ela com alguma longevidade.

A sua sexta palestra foi no dia dezasseis e foi novamente no ginásio Nordhoff — uma extraordinária que fez o público sentar-se em silêncio e transfixado no fim. Muitos estavam em lágrimas, tal como eu. Havia um sentido de algo avassalador, sagrado, de ele ter falado a partir da profundeza da verdade. Quando alcançámos a McAndrew Road, caiu granizo e depois uma bátega de chuva, e ficámos encharcados a ir do carro para casa; choveu a tarde inteira mas finalmente parou a tempo de uma curta caminhada. Enquanto K dormia, Evelyne, Erna, Michael Mendizza e eu discutimos um plano para o qual Evelyne disse que conseguia angariar fundos por fora da lista de contatos da KFA. Dizia respeito a Mendizza realizar um filme de 16mm de uma hora sobre K. Mendizza filmaria K onde quer que ele estivesse a falar esse ano, intercalado com fotografias fixas do passado — uma espécie de biografia. Parecia uma ideia promissora, embora para mim houvesse áreas sensíveis, tais como o evento da pimenteira, que deveriam ser tocadas com cautela.

A dezoito de abril, cada um de nós preparou uma mala e deixámos Ojai rumo a Malibu. Theo estava connosco, e tivémos um almoço ligeiro da Elfriede e continuámos para o escritório do IRS para a autorização fiscal de K, que era necessária antes de ele poder deixar o país. Parámos para comprar livros — um livro de arte indiana para Margrete Wilhelm e alguns policiais para K, e conduzimos de volta para Malibu, onde K e eu permanecemos e Theo regressou a Ojai. O jardim dos Dunne, o meu, e o desfiladeiro nunca tinham parecido tão belos. As chuvas tinham feito cada flor silvestre florescer, cada folha de um verde profundo. A casa era linda por si só com quase nenhum mobiliário. Parecia serena, abençoada, e sentia-se como a minha própria pele. Havia ainda uma cama em cada um dos dois quartos, alguns pratos, toalhas, etcetera, pelo que pudemos jantar como sempre e passar a noite. K disse que a sua meditação de Ojai veio às 3 da manhã.

No dia seguinte, acordei com o som suave do oceano; as codornizes vinham apressadas pelo relvado, que tinha afundado curiosamente em alguns pontos. Tanta chuva tinha feito a terra assentar. K disse-me: “Estou contente por terem escolhido você para cuidar de mim. Podia ter sido outra pessoa.” E depois disse: “Este quarto deve ter muitos momentos felizes e infelizes para si.” Vi os pregos romanos nas vigas e lembrei-me de como o Sam os tinha encontrado em Ostia Antica e me tinha dito para os colocar na

casa de Malibu “para que dure mil anos”. Contei isto a K, que disse: “Porque não tira um e o coloca na casa em Ojai?”.

Alan Kishbaugh veio e conduziu-nos ao aeroporto, de onde K e eu voámos ao meio-dia para Seattle. Tivémos lá uma espera de duas horas antes de apanharmos a Pacific Airwest para Victoria. A refeição vegetariana era tão pobre que, no aeroporto, comemos uma salada, um gelado e um bolo dinamarquês. K nunca tinha ouvido falar de tal coisa, mas este veio quando ele pediu um biscoito doce. Falou novamente sobre um prego romano de Malibu para Ojai. Disse: “Quando chegámos lá ontem, senti o Sr. Zimbalist.” Alcançámos Victoria às 17h, ambas as irmãs Siddoo receberam-nos e conduzimos até à escola delas junto ao mar. K conheceu apenas alguns dos professores e alunos e foi para a cama. Levei-lhe o jantar num tabuleiro.

Vinte de abril. Jackie e Sarjit guiaram-me numa visita ao espaço delas — jardins bem cuidados, locais adoráveis acima da margem com os sons do marulhar da água, tão caros aos meus ouvidos de ilhéu. Tinham duas vacas, uma novilha recém-nascida, e a escola tem mais leite e manteiga própria do que consegue usar. E é um leite que sabe a leite. Às 11h, K falou aos alunos e ao pessoal sobre o que é uma escola: aprendizagem, liberdade, e o que isso significa. Os dez alunos eram crianças de aspeto simpático. Pareciam em casa, dando os bons-dias agradavelmente. Havia pedidos de “por favor” e agradecimentos, e escutavam K. A reunião foi gravada em vídeo pela escola, por uma estação de televisão local e por Michael Mendizza, que estava lá para iniciar as suas filmagens de K, a serem continuadas em Brockwood, Saanen, na Índia e em Ojai. K almoçou com as crianças numa mesa, fez uma sesta até às 15h e depois partimos num carro com Jackie e Sarjit, com um segundo carro a seguir com Michael M., Terry — um homem de manutenção na escola — e Mary Whitehouse, que tratava de muitas coisas. Estávamos a caminho de ver o próprio Wolf Lake. Ficava a várias milhas de distância, dentro de uma floresta densa, explorada há trinta anos e densamente arborizada com abetos de Douglas e amieiros. Caminhámos até ao lago, que tinha cerca de uma milha de comprimento, e caminhámos até ao fim dele — uma caminhada de duas milhas para cada lado, que K suportou muito bem e censurou-me por sugerir às Siddoo que era um bocado demais para ele. Parecia uma floresta sobrelotada, talvez por ter sido explorada, e todas as árvores que cresceram desde então eram idênticas, ao contrário de uma floresta natural. Não teria sido a minha

escolha para a localização de uma escola, mas K tendia a gostar de grandes extensões de terra. Esta tinha 5000 frentes, e K falava dela não apenas como uma escola mas como um colégio — um investimento enorme, quando provavelmente custaria meio milhão de dólares apenas para trazer a eletricidade, antes do custo de desbravar, estradas, edifícios, etcetera. “Não se deve pensar no dinheiro, mas sim se é o correto”, disse K. As duas irmãs escutavam de boa vontade; Jackie parecia preparada para ir até às últimas consequências, Sarjit olhava mais para os problemas práticos. Seria uma empresa tremenda. Perguntei-me se estariam à altura e se teriam energia para a levar até ao fim. Não eram jovens, mas as visões de K eram destemidas.

No dia seguinte, K falou com o pessoal de Wolf Lake pela manhã e, à tarde, Saral e David Bohm chegaram. Ele tinha estado a dar conferências em Vancouver. O resto do dia foi passado em discussões. K falou a sós com as crianças e mais tarde, sob um sol leitoso, caminhámos com as Siddoo enquanto Michael Mendizza filmava. Lá em baixo, ao longo da praia de seixos cinzentos, havia belos troncos trazidos pela corrente e o som suave do marulhar da borda do mar. K disse-me: “Uma pessoa só deveria vir aqui no verão.” Sencia o frio, talvez por estar tired.

Após um dia no qual falou a toda a escola e convidados, a vinte e quatro de abril deixámos Wolf Lake às 9h. Jackie e Sarjit conduziram-nos ao aeroporto, voámos para Seattle, mudámos e voámos para Los Angeles, onde Alan Kishbaugh nos recebeu e nos conduziu a Malibu. K e eu mudámos para o seu Mercedes verde e conduzimos para Ojai, chegando pelas 17h. Disse que não tencionava voltar a Wolf Lake e sentia que as Siddoo não compreendiam verdadeiramente do que se tratava tudo aquilo. Tinha feito um trabalho minucioso lá, mas nenhuma das irmãs, como ele lhes chamava, compreendia realmente o que era necessário, nem o pessoal tinha a menor pista.

## Capítulo Quarenta e Nove

De volta a Ojai, havia muito trabalho atrasado a pôr em ordem com a casa. À noite, a certa altura, enquanto assistia à televisão, perguntei a K se o impulso da humanidade em direção à religião era um apelo para tornar as coisas melhores ou algo profundamente inerente. “Acho que é inerente”, disse ele.

A vinte e sete de abril de 1978, tivémos uma reunião de curadores que durou o dia inteiro. K veio a esta e fez uma declaração sobre o uso futuro da Pine Cottage quando ele e eu já não estivermos vivos. Não é para ser habitada, mas sim usada como biblioteca, um local de estudo dos ensinamentos. Na noite anterior, Rosalind Rajagopal tinha telefonado a Mark Lee a dizer que estava a vender a antiga propriedade Weideman, mesmo ao lado, e ofereceu a prioridade de compra à KFA. Tinha dois frentes e duas casas em mau estado. O preço era de $110 000. Foi discutido na reunião e sentiu-se que deveríamos comprá-la. O agente dela tentou depois subir o preço com taxas de juro mais altas e direitos minerais. Ela disse a Mark que era "porque tenho tantos curadores", uma explicação sem sentido porque é propriedade pessoal dela e não pertence à Happy Valley Foundation. A proposta da KFA manteve-se, mas não mudaríamos o preço. K ditou uma declaração para constar na ata da reunião da direção sobre as utilizações da Pine Cottage quando ele e eu morrermos. Ninguém haveria de viver aqui; deve ser uma biblioteca da KFA, um local de estudo e meditação, "conforme cuidadosamente explicado nos meus ensinamentos". Não se deve tornar num santuário e, enquanto a KFA existir, não deve ser vendida.

A quatro de maio estávamos de pé às 5 da manhã. Mark ligou para dizer que Rajagopal lhe tinha telefonado dizendo que tinha de falar com K. Mark disse que K ia partir esta manhã. Rajagopal disse que telefonaria através do escritório às 9h. K fez-me ligar-lhe e dizer que ele estava a ligar. R agradeceu-me de forma algo untuosa, K entrou na linha e a conversa foi curta. R disse que enviava o seu amor e que não tinha tido o privilégio de o ver este ano. K disse que aceitava isso.

Mark tinha a carrinha da escola para nos conduzir ao aeroporto. Toda a gente se despediu e partimos, seguindo pela estrada da costa. Mark perguntou se eu queria parar na casa de Malibu, e K disse: "Vamos", e parámos lá. Elfriede e Lorry estavam a trabalhar ao longo do acesso, pensando ver-nos passar; entrámos na casa e Max, que ia para Brockwood também, viu o interior pela primeira vez. Vi a limpeza parcial do cano partido, etcetera, no desmoronamento, feita maioritariamente por Lorry e Elfriede. A casa parecia novamente serena, bela, tão parte de mim como a minha pele, o seu aspeto, o seu toque, os seus sons — não por causa de memórias, mas porque é para mim algo vivo, tal como cada árvore e planta, uma espécie de depósito de que cuidei desde o início e quando foi

danificada pelo incêndio. O sentimento nesse dia foi provavelmente o absurdo — não o de a perder, mas o de me afastar dela, de já não cuidar dela.

K, Max e eu apanhámos um voo noturno para Londres.

K dormiu um pouco no voo e, quando acordou, observou o nascer do sol e cantarolou um pouco para si próprio, muito calmamente em sânscrito. Aterrámos às 7h. A Dorothy e a Doris receberam-nos no Cortina e Scott veio com a carrinha. A primavera era ainda jovem, as folhas estavam mesmo a começar nas faias e nos carvalhos, e as tílias estavam ainda lá. Toda a gente estava cá fora no acesso para saudar K, que caminhou um pouco e depois foi para a cama. A Dorothy trouxe tabuleiros de almoço. Tomei banho, desfiz as malas e dormi a maior parte da tarde no meu adorável quarto de Brockwood, sentindo quão benditamente afortunada tinha sido nos locais para viver, quão generosa era a vida nisto.

A seis de maio, Mary L. disse que Vanda estava em Inglaterra a visitar a sua filha, Paola, e o marido desta, Jon Cohen, em Cambridge. Telefonei-lhe e ela disse que viria a Brockwood na semana seguinte. K levantou-se para o almoço, mas de resto descansou. Disse que se sentia "esgotado". Eu também, mas demos uma caminhada suave com a Dorothy e os cães de um lado para o outro no acesso.

No dia seguinte, Mary e Joe vieram almoçar e eles, K e eu ficámos sentados à conversa, depois passeámos no jardim. Planeavam passar o verão em Brockwood novamente. Para o jantar, K e eu jantámos como convidados de Dorothy no atelier de teatro, onde os alunos que frequentavam uma aula de gestão hoteleira serviram a refeição. Havia mesas para quatro, luz de velas, um menu excelente, música ao vivo (isto é, cravo e flauta de bisel por dois alunos), e a comida estava muito boa. Vestimo-nos para a ocasião — saias para as mulheres e casacos para os homens. K disse depois: "Observei os rostos deles; é um mundo difícil para os jovens: exames, exames nacionais, o que fazer na vida. Graças a Deus que não sou jovem."

A onze de maio, K, Max e eu apanhámos um comboio em Petersfield; Max saiu em Woking para apanhar um autocarro para Heathrow e um voo de regresso à Califórnia para começar os dois edifícios da escola. Tinha feito amizade com toda a gente em Brockwood e tinha ajudado os alunos a

construir um aquecedor solar para a piscina a partir de dois radiadores velhos. O anúncio ao jantar de que tinha sido feita uma doação por um amigo bondoso de uma cobertura para a piscina fez todos os alunos virarem-se a sorrir e a aplaudir em direção a Max, que corou e fez uma vénia tímida. Levou o sentimento caloroso de todos com ele. K e eu continuámos para Londres, passámos brevemente pela Huntsman, ele cortou o cabelo na Truefitt, e caminhámos depois pela Burlington Arcade, atravessando Piccadilly até à Fortnum, com o seu cheiro a mercearias caríssimas, e assim fomos juntar-nos a Mary na nossa mesa à janela para três, e o invariável almoço de salada de fruta, tarte de queijo, cogumelos grelhados, espinafres frescos para K, e a sua guloseima — gelado. Ele falou, e falámos sobre as incertezas das pessoas: quem será responsável quando ele não estiver lá para manter todo o trabalho unido como fazia então. Mary levantou novamente a necessidade de ele clarificar o seu testamento para que as suas cartas não fiquem sob a jurisdição do comité de publicações. Tudo isto tem de ser analisado. K apanhou um táxi sozinho para Portland Place enquanto fui buscar algum bom queijo, novos livros policiais na Hatchards, e depois segui-o até à consulta do Sr. Thompson. K tinha feito radiografias e ambos vieram dizer-me que eram necessárias reparações consideráveis. K estava preocupado com a despesa. O Sr. Thompson disse que estava desgostoso por aquilo ir rondar as mil libras. Obviamente disse que K não tinha de pensar no custo, apenas no que era melhor. Thompson disse que K ia claramente viver até aos 100 anos, e o novo trabalho dentário duraria esse tempo todo. Pelo que partimos, apanhámos um táxi para Waterloo e chegámos a Brockwood mesmo antes de Vanda chegar de carro com Paola e Jon vindos de Cambridge, onde Jon lecionava economia por um ano. Esta foi a primeira visita de Vanda a Brockwood. K levou-a numa visita imediata antes de ir para a cama. Frances McCann e vários alunos de Brockwood, e Shakuntala e Natasha, que visitaram Vanda em Florença, saudaram-na. Foi bom tê-la aqui. Conversámos longamente.

O dia seguinte era o octogésimo terceiro aniversário de Krishnaji, mas como de costume ele afastou qualquer menção a isso. Preparei o pequeno-almoço para Paola e Jon antes de eles partirem para Devon, onde um dos seus rapazes estava na escola. K falou com a Dorothy e comigo sobre membros de Brockwood que se sentem ser de confiança e responsáveis. Queria falar com eles imediatamente, pelo que às 16h, na sala de jantar da

Ala Oeste, para privacidade, K reuniu-se com a Dorothy, Scott, Harsh, Stephen Smith, Shakuntala, Ingrid e eu. O assunto era a responsabilidade por Brockwood agora e depois de ele partir. Joe Zorski e Carol estavam prestes a sair, pois queriam tentar viver nos Estados Unidos. Mais tarde, houve uma reunião de pessoal e Narayan chegou.

A treze de maio, Pascaline Mallet veio para o fim de semana; expliquei-lhe por que razão Krishnaji tinha decidido não ir para a Bretanha como originalmente planeado. Ela tinha feito indagações sobre locais calmos lá. Os Maroger também chegaram, trazendo a sua filha mais nova, Diane. Este foi o primeiro encontro com Diane, que tinha onze anos mas parecia muito mais jovem devido a uma doença de nascença na qual as células dos ossos os tornam muito frágeis e inibem o seu crescimento. Ela era incapaz de caminhar, mas era uma menina querida, muito inteligente, entusiasmada e amigável. Era esperança dos seus pais que K a conseguisse curar.

À noite, Vanda e eu conversámos. Ela tinha trazido o seu registo dos tempos em Gstaad em 1961 e 1962, quando K desmaiou e uma outra entidade pareceu falar com ela através dele. Mary L. viria no dia seguinte, e Vanda perguntava-se se deveria contar-lhe sobre o assunto. Tinham-se encontrado apenas uma vez num almoço no Chalet Tannegg uns anos antes. Senti que se deveriam conhecer e disse a Vanda que esperava que ela desejasse contar a Mary sobre as notas que tinha guardado. Disse que tinha apenas recentemente deparado com o caderno enquanto se mudava do seu apartamento em Roma e sentia que, embora fosse privado e o tivesse guardado para si, não tinha o direito de o fazer indefinidamente. "Não é meu." Mas não conhecia Mary L. "Consigo sinto-me como uma irmã, posso contar-te."

Assim, no dia seguinte, Mary e a sua filha, Amanda Pallandt, vieram de manhã. Krishnaji conversou com todos e depois, após o almoço, aquilo que eu esperava aconteceu: Vanda começou a contar a Mary sobre os acontecimentos que começaram em julho de 1961 no Chalet Tannegg — o período no início do *Diário de Krishnamurti* —, quando ele estava hospedado com ela. K estava no seu quarto e subitamente desmaiou e depois, conforme Vanda descreveu, os seus olhos tornaram-se enormes e um outro ser falou com ela através do corpo de K. Uma alteração extraordinária tomou conta do rosto. Aconteceu a dezoito de julho de 1961.

A voz disse: “Não me deixes até que ele volte.” Depois: “Ele deve amar-te se te deixa tocar-me, pois ele é muito meticuloso nisso. Não deixes ninguém aproximar-se de mim até que ele volte.” No dia seguinte, aconteceu de novo. K desmaiou após tremer, os olhos ficaram maiores e mais profundos, e a voz disse: “Sinto-me muito estranho, onde estou? Não me deixes. Importas-te de ficar comigo até ele regressar? Estás confortável? Pega numa cadeira. Conhece-lo bem? Vais cuidar dele?”. Foi a esta última pergunta que Vanda disse: “É por isso que estou aqui.” Sentiu que deu a sua palavra sobre isto. Disse que, durante todo o mês, o rosto de K continuou a mudar. Não houve regresso do outro ser, mas um “aspeto diferente” tomava conta do seu rosto. Desmaiou uma vez no bosque numa caminhada ao atravessar o ribeiro de Turbach. Descreveu estes aspetos e o sentimento ao redor de K nessa altura numa linguagem que parecia copiar a do próprio K no *Diário,* que ela lia à medida que ele o escrevia. Vindo dela, e não dele, soava um pouco exagerado, mas ela leu a maior parte a Mary e a mim a partir do seu próprio relato manuscrito. Parte dele descrevia um período um ano mais tarde, a vinte e um de maio de 1962, em Roma, quando K estava doente com febre e ficou delirante. “Foi-te dito para cuidares dele; ele não deveria ter saído, devias ter-lho dito. Conhece-lo? Não o podes conhecer. Como podes conhecer a água que corre? Repetimos uma pergunta mais nova: diz-lhe, pega num lápis, diz-lhe: ‘A morte está sempre ali muito perto de ti, para te proteger. Quando te acolheres, morrerás.’”

Mary e eu adivinhámos que havia quatro entidades em tudo isto: a que se vai embora — presumivelmente K; a que diz o que deve ser feito; a dos grandes olhos; e depois, provavelmente, a de feição infantil que falou comigo em Gstaad quando K estava delirante. Mary e Amanda tiveram de regressar a Londres, mas foi uma boa reunião e formou-se um vínculo. Paola e Jon regressaram de Dorset precisamente antes de elas partirem, pelo que Amanda conheceu-os também pela primeira vez.

Paola e Jon passaram essa noite em Brockwood e, antes de partirem após o almoço no dia seguinte, Jon teve uma longa conversa com K. “Acendi uma bomba sob ele”, disse K. A bomba presumivelmente era para levar Jon a ver que estava a desperdiçar a sua vida a ensinar economia.

Encontrei-me com Mary Cadogan em Petersfield e falámos de trabalho durante a maior parte do dia. Vanda ia ficar mais uns dias. À tarde,

K colocou as suas mãos sobre a criancinha Maroger. “Ela é uma criança extraordinária. Ficou absolutamente imóvel com os olhos fechados”, disse K depois. Ele tanto queria como não queria falar sobre o assunto. “Não se deve falar sobre isso.”

Dezasseis de maio. A casa estava calma, relaxada, com apenas alguns de nós ali. Vanda deu aulas de ioga ao Dr. Parchure e a outros. À noite, leu-me partes das suas notas sobre os acontecimentos de 1961 e 1962, e eu dactilografei-as.

No dia seguinte, Krishnaji colocou as suas mãos na cabeça, braços, pernas e vários ossos da pequena Diane Maroger — algo que nunca fez com tanta longevidade.

No dia dezoito, K, Vanda e eu fomos de comboio para Londres. Almoçámos com Mary L. e Amanda na Fortnum. Depois, de táxi, Vanda deixou K e eu no seu dentista e ela seguiu para apanhar um comboio para Cambridge e para casa de Paola. O Sr. Thompson tinha estudado as radiografias de K e decidiu que cinco dentes deviam ser extraídos, dois deviam levar coroas, e duas pontes eram necessárias. Extraiu dois nessa altura no lado superior esquerdo. Quase não houve sangramento e ele disse que era uma boa coisa, pois havia pus por baixo. K disse que estava bem. Vanda tinha tentado convencê-lo a não levar novocaína e, quando fiz objeções no táxi, K beliscou-me o braço pelo que percebi que não lhe prestaria qualquer atenção. Ele levou a novocaína e disse depois que não teria aguentado de outra forma. Apanhámos um táxi rapidamente para Waterloo e estávamos de volta a Brockwood pelas 17:30.

Na manhã seguinte, ele tinha alguma dor mas nenhum inchaço. Levantou-se para o almoço e tratou Diane Maroger. “Uma criança extraordinária”, dizia ele de cada vez. Novamente foi um tratamento longo. Caminhou com Narayan e foi a uma reunião de pessoal. Chegou uma carta do homem que em dezembro lhe tinha escrito sobre o Padre Pio. Em janeiro, eu tinha respondido que ele estava na Índia, mas que Krishnamurti sabia sobre o Padre Pio. Tinha adicionado um p.s. dizendo que o Padre Pio sabia de Krishnamurti. A nova carta apelava a que eu explicasse a relação dos estados místicos de K e do P.P. Li a carta a K e perguntei-lhe como considerava ele o registo de experiências místicas descritas em tantos escritos religiosos. Estava cético em relação à maioria. Disse: “Questiono

que seja uma visão total. É uma visão parcial, como um pequeno porto, as águas são do mar, mas é sem a largura."

A vinte de maio, K deu outro longo tratamento a Diane, que chorou depois porque disse que se sentia muito feliz com Krishnaji. A casa começou a encher-se com convidados de fim de semana. O Dr. Parchure e K decidiram que este poderia viver até aos 100 anos e, portanto, disse K, "tenho de viver até aos oitenta e dois ou por aí". O Dr. P. trabalhou nas minhas costas e pé todos os dias, ativando nervos, dizia ele. Parecia estar a ajudar. K falou aos alunos a sós. Ficou cansado depois, algo frio ao almoço, e apenas passeámos no bosque. Os seus dentes estavam a doer, comer era difícil, mas estava sem queixas e aceitou tudo como um facto. O seu rosto estava magro e cansado, mas com tudo isto fez-me enviar uma carta a Pama Patwardhan dando o seu acordo a um programa na Índia que incluía Rajghat e Bangalore — mais dois locais do que no ano anterior. Com tanta antecedência ele aceitaria tudo, e depois seria demais quando lá chegasse. Pupul escreveu a dizer que vinha a Brockwood em junho.

No dia vinte e quatro, encontrei-me com Mary Cadogan em Petersfield, e houve uma reunião do comité de publicações, à qual K se juntou após o almoço. Os assuntos muitas vezes melindrosos entre Fundações surgiram; o próximo livro indiano, *Insights*, foi discutido — uma compilação de discussões com K na Índia editada por Pupul e Sunanda. Sentiu-se que o inglês delas era inaceitável; o que fazer? K disse que elas alegavam que o inglês delas "mostrava como a mente indiana funcionava" — o que quer que isso significasse — e por isso não devia ser alterado. Parecia apenas analfabeto e, portanto, uma discussão eterna para aplacar os indianos. Houve também mais discussão sobre se se deviam publicar mais diálogos K–Bohm, aos quais Mary Lutyens continuava oposta. Erna e Theo tinham-se juntado à contenda a favor dos mesmos. K esteve presente à tarde durante toda a discussão do livro indiano. Levei as duas Marys ao comboio depois. Os Links iam em breve para Veneza. Voltei para me juntar a K para uma caminhada suave no bosque.

Houve outra viagem a Londres no dia vinte e cinco, pelas razões habituais: K à Huntsman, eu ao banco, almoço na Fortnum, procura de livros na Hatchards, e com dificuldade apanhámos um táxi para o Sr. Thompson, onde este extraiu um terceiro dente. K disse que a novocaína foi dolorosa; o mesmo aconteceu com a extração. "Gritei", contou-me ele

mais tarde. Eu sofria à parte na sala de espera. Tivemos problemas em conseguir um táxi também. K resistiu ferozmente a todos os esforços para o convencer a esperar até eu apanhar o táxi. Especialmente quando estava cansado, a minha preocupação apoquentava-no, e ele tentava carregar cada embrulho, etcetera. Tinha feito outra marcação com o Sr. Thompson. Ele aceitou deixar-me pedir a Amanda Pallandt para o conduzir a Waterloo depois, mas não quis ser conduzido todo o trajeto até Brockwood. O dente desse dia também tinha pus por baixo. Tinha estado a doer desde que estávamos em Victoria.

K disse da criança Maroger: "Nunca o fiz de forma tão intensa." Ambos os pais disseram que Diane tinha mais energia, mais força. Ele falou à escola no dia vinte e oito, de forma muito comovente, vindo de longe — de que a vida religiosa é ser livre do eu. Fiquei comovida até às lágrimas, mas mais tarde ele sentiu que não tinha sido compreendido. "Eles não são capazes de o ver."

Trinta de maio foi ir a Londres para outra sessão dentária de quase três horas. Quatro dentes foram preparados para coroas; dois dentes foram extraídos. K suportou tudo isto com total fortitude. Amanda Pallandt veio conduzi-lo direto a Waterloo. Apanhámos imediatamente o comboio das 16:20 e, embora houvesse homens de pé nos corredores, encontrámos dois lugares. Sentei-me em frente e senti-me fisicamente espancada pelo rosto dele — desenhado mas suportando tudo calmamente. Eram 20:30 quando alcançámos Brockwood. "Estou tão contente por teres um quarto simpático para onde vir. E não uma daquelas casas horríveis em Wimbledon", disse ele.

Voltámos a Londres a um de junho e, no comboio, ele falou novamente sobre as horas, dois dias antes, na cadeira do dentista, durante as quais a sua mente esteve "vazia". Isso não lhe tinha ocorrido até depois. No táxi, a caminho da Huntsman, disse que apenas quando o Sr. Thompson perguntava se ele estava bem, se doía, é que respondia, mas, de resto, a sua mente estava vazia. Depois disse: "Todo este caminho no táxi, vindo da estação, não tem havido nada na minha cabeça. Está a ficar cada vez mais assim". Disse então que, quando põe a mão nas pessoas, por vezes era como se houvesse uma chama. Uma pequena chama no meio da sua cabeça. E que, quando começou a tratar a pequena Diane Maroger, não houve nenhuma durante uma série de vezes e depois, lentamente, começou

a acontecer, e então sentiu que era capaz de ajudá-la. Disse que, por exemplo, quando colocou as suas mãos em Sacha [de Manziarly], quando ele estava no hospital e a morrer, não houve chama e, a partir daí, percebeu que não podia fazer nada.

Na Huntsman, escolheu tecido para dois pares de calças e depois caminhámos até à Fortnum. Ao almoço, perguntei-lhe sobre a sua própria resposta ao ver o sofrimento na Índia ou um pobre homem curvado que vimos a arrastar os pés ao longo do Strand: seria o que ele sentia uma "reação"? — e eu sabia que ele estava a pensar no facto de me ter repreendido por reagir à sua dor no dentista. Eu não devo fazer isso porque ele sente-o em mim e não quer esse fardo sobre mim. Falou sobre regressar à Índia em 1922 e que os cenários de miséria eram tão horrorosos que ele apenas conseguia caminhar à noite.

Quatro de junho, um homem chamado Jeffrey Nicoletti, em Filadélfia, tinha estado a escrever cartas urgentes para mim, para David Bohm, e chegou uma para Alain Naudé, que eu reencaminhei. Ele estava preocupado em conciliar os ensinamentos de K com a vida e as implicações da vida do Padre Pio, a quem ele reverenciava grandemente, tendo este último sinais físicos — estigmas, a capacidade de curar, estar em dois locais ao mesmo tempo, etcetera, que ele considerava evidência de santidade — e depois a negação de fé de Krishnamurti, etcetera, e tudo o que está envolvido na fé, crença em Jesus, etcetera. Li a última carta a K, e ele sugeriu que ele e eu tivéssemos uma conversa na qual eu apresentasse a questão da carta de Nicoletti e víssemos o que acontecia. Fizémos isso logo ali e gravámo-lo no gravador Uher. K disse que os fenómenos da chamada santidade eram familiares em várias religiões e podiam acontecer sem que a pessoa tivesse verdadeiramente percebido a verdade. Falou das águas num porto e das águas do mar: são as mesmas águas, mas as do porto estão contidas — isto é, ainda dentro de uma estrutura —, enquanto as do mar são sem limites. Questionou qualquer perceção que não descartasse todo o dogma religioso. É parcial e, portanto, não o definitivo. Nicoletti tinha mencionado a *kundalini* e assumido que K a tinha experienciado e que as experiências do Padre Pio podiam ser assim descritas. K objetou ao termo, disse que questionava a maioria das descrições da *kundalini* como não sendo a coisa real. Nicoletti também perguntou se o Padre Pio teria considerado K como um pensador profundo mas incompleto por não ter percebido o significado de Jesus, e consideraria K o Padre Pio como

alguém que tinha ajudado as pessoas (através de curas, etcetera) mas que fundamentalmente lhes tinha feito mal ao instar à fé e à crença? K disse que esta era uma pergunta que não queria responder, avaliar alguém, "dizer que ele é ou não é". E questionou o comparar Krishnamurti e o Padre Pio. Planeei mandar transcrever a fita e enviar uma cópia ao Sr. Nicoletti.

**Capítulo Cinquenta**

A oito de junho de 1978, Krishnaji e eu fomos novamente a Londres. Ao almoço na Fortnum, ele disse: "Há algo na cabeça que está absolutamente quieto, e esse centro de energia olha e vê. E quando isso está a acontecer, o resto do corpo está calmo, como se fosse inexistente". Perguntei: quando esse silêncio olha, regista? Disse que não, e esse é o ponto da questão. Perguntei: "Se eu lhe perguntasse o que vê, sabe o que vê?". Disse que sim. "O centro de energia não regista — a fita regista, a memória regista, mas não o centro de energia". Disse: "Uns dias antes, quando chegou a notícia sobre a casa Weideman em Ojai ter sido vendida, pensei em Rajagopal. Continuava a voltar-me à mente, e disse para mim próprio: 'Porque está isto a acontecer? Nenhum registo!'". E a partir daí não tinha pensado mais nisso. Perguntei-lhe se havia uma ação nisto. Disse: "Sim, há, mas não sei o que é. No centro da cabeça, há um sentido de grande espaço, quietude e energia". Disse: "Descobri quando estava a colocar as minhas mãos na pequena Diane — habitualmente quando faço isso, apenas coloco as minhas mãos na pessoa e olho para o céu ou para as árvores —, mas descobri quando lho estava a fazer a ela, que a energia não o estava a fazer, mas que a energia estava lá e continua ainda". Perguntei-lhe se isto era algo novo, algo diferente, e ele disse: "Inteiramente. Estou apenas a observá-lo a decorrer. É uma espécie extraordinária de quietude. Um sossego que nunca tive antes. Não devo falar demasiado sobre isso". E ao dizer isto, gesticulou com a mão ao longo da testa. "Não deveria falar sobre isso. Falo sobre isso consigo, mas é algo totalmente novo; não o tive antes". Tudo isto gravei à mesa no ditafone. Após o almoço, fomos ao Sr. Thompson, que preparou um quinto dente de K para uma coroa, e instalou uma coroa num já preparado. Demorou duas horas e meia, e estávamos de volta a Brockwood às 19h.

Nove de junho, Dorothy recebeu Pupul que vinha de um voo cedo de Bombaim. Parecia mais relaxada do que no passado. No dia onze, conversámos a manhã inteira e, à tarde, ela e K fizeram um diálogo

gravado no qual ela lhe perguntou se tinha havido alterações no seu ensinamento. Ele disse que não. Este realizou-se na sala de estar da Ala Oeste e contou com a presença de cinco professores, Dorothy, e os Digby, que tinham almoçado em Brockwood e mais cedo conversado com Pupul sobre publicações indianas. Também lá estavam os Maroger e os seus primos, Jean-Claude e Lucie de Grémont.

A catorze de junho, Pupul, Dorothy, Doris e eu conduzimos até Stonehenge, que Pupul nunca tinha visto e queria ver. Apesar dos turistas e de se ser mantido à distância, as pedras retinham a sua atmosfera estranha, presença intemporal e mistério silencioso. Conduzimos em direção a Salisbury, procurando um local para comer o nosso almoço de piquenique, e escolhemos uma pequena encosta junto a um pequeno rio — o Avon. Estendemos mantas e comemos enquanto observávamos a rapidez do rio, um cisne a dormir no seu grande ninho com o seu companheiro de guarda no rio, a fitar-nos severamente. Havia pequenas galinhas-d'água e os seus pintainhos a mergulhar à procura de comida; havia salgueiros e rosas silvestres, e perdi-me novamente no encanto desta terra. Continuámos para Salisbury e a sua catedral. Um dia agradável, que Krishnaji passou na cama.

No dia seguinte K, Pupul e eu fomos a Londres, K à Huntsman, Pupul à Hatchards, e todos depois à Fortnum para almoçar com Mary L. Joe gentilmente veio depois, como estava a chover, para conduzir K ao dentista e a mim à embaixada suíça para o visto de K. Incapaz de encontrar um táxi depois, caminhei até Portland Place, onde Pupul chegou também após chuva e problemas com táxis. K teve quatro coroas e uma nova ponte instaladas. Joe reapareceu e conduziu-nos a Waterloo.

David Bohm veio para uma reunião na tarde do dia dezassete. Pupul deu uma palestra sobre a Índia à escola à noite, e partiu no dia seguinte para Nova Iorque, a caminho de Toronto e de casa da sua filha, Radhika Herzberger. Entretanto, tivémos uma visita de Lailee Bakhtiar, que conheceu o Dr. Parchure, e planeou enviar várias vacinas para este aplicar a Krishnaji antes da Índia.

A dezanove chegou um telegrama de Mavis Bennett dizendo que Reg tinha morrido muito subitamente. K, Dorothy, Doris e eu enviámos-lhe telegramas. Senti que Reg era algo raro no significado original das palavras "um homem bom". Conduzi até à casa de Nelly e George Digby em

Sherborne, Dorset, a oitenta e três milhas de Brockwood. Tinham tornado muito atraente uma estalagem do século XVI que fizera parte da propriedade Digby e onde vivera a mãe de George até à sua morte. Era encantadora, tal como organizada por Nelly e George. Havia outro amigo deles para o almoço e, depois, fomos todos visitar o castelo de Sherborne, construído por Sir Walter Raleigh em 1594 e propriedade do irmão mais velho de George, que não vivia lá, mas estava aberto ao público. Para mim era um local feio e deprimente, com torres e feras heráldicas como gárgulas, quartos longos em forma de corredor com vista para um lago e um grande parque, considerado esplêndido mas para mim despido de árvores. O pai de George tinha sido louco por caça à raposa, com máscaras de raposas por todo o lado e os desenhos desportivos a comemorar cavalos e corridas famosas. Tinha resquícios da minha própria juventude, mas parecia deprimente e deu-me uma triste imaginação do que a infância de George poderia ter sido para ele, uma pessoa de tipo tão diferente. Apoquentei-me também porque tive problemas em fazer saber a Krishnaji que tinha chegado em segurança, conforme dissera que faria. Consegui finalmente transmitir a mensagem de que estava de partida, não fiquei para o chá, mas vim a zunir de volta, passando por Stonehenge novamente com jovens a afluir para lá para o solstício de verão. Alcancei Brockwood em uma hora e quarenta minutos, a tempo de ir buscar o jantar de K, mas tais passeios não eram de desfrutar.

A vinte e dois de junho, o Dr. Rahula, o erudito budista ceilonês, e a Dra. Schlogel, uma mulher socióloga alemã que foi para o Japão e ficou doze anos num mosteiro Zen, vieram para o almoço; e às 4h, K, eles, Narayan e David Bohm tiveram uma discussão, que foi gravada em vídeo por Scott e alunos ajudantes. Rahula falou durante quinze minutos sem pausa no início, foi pedante e não fácil de compreender. Houve uma continuação no dia seguinte, tanto de manhã como à tarde. Muito foi evocado de K, mas menos dos outros.

Houve mais uma viagem de K ao dentista, uma curta, e depois, a vinte e sete de junho, K e eu deixámos Brockwood ao meio-dia com Dorothy e Doris, e Ingrid trouxe a bagagem noutro carro, e mais uma vez parámos para sanduíches de piquenique perto de Heathrow. K e eu voámos para Colónia e fomos de táxi para Bona e para o Hotel Bristol, um hotel totalmente sem encanto com um papel de parede vil no qual eu tendia a ver cabeças de animais feios do teste de Rorschach, mas no entanto era

conveniente e limpo. Confirmei a nossa consulta do dia seguinte com o Dr. Scheef, e fomos dar uma caminhada, com K a lembrar-se mais ou menos de onde tínhamos estado no setembro anterior. Jantámos na sala de jantar, pensando que seria mais rápido. Não foi. O chefe de mesa era indiano e, portanto, tolerante com as nossas peculiaridades vegetarianas. K viu do outro lado da cidade uma estrela da Mercedes enorme, giratória. Ficou satisfeito. Tinha o *Raj Quartet* de Paul Scott para me manter ocupada.

K gostava de dormir sob um edredão nórdico, que o mantinha agradavelmente quente, embora estivesse frio em Colónia. Caminhámos os dois quarteirões até à Janker Klinik pouco depois das 10h. Vimos o Dr. Scheef às 11h — um homem com pressa. Vários exames foram feitos, incluindo uma fosfatase que se dizia mostrar quaisquer células cancerígenas. Estávamos fora dali em pouco mais de meia hora. Enquanto esperava, comecei a perguntar-me o que será que faz as pessoas e toda a natureza apegarem-se tanto à vida. O que quer sobreviver? Falei disso a K, que disse que nunca tinha perguntado isso; deve considerá-lo. Começou a falar sobre o prazer, o voltar-se sempre para ele, e a vida ser vista como prazer ou a sua possibilidade. Perguntei se era a raiz. K disse: "Não estou nisso agora; é uma pergunta demasiado grande agora". Em poucos minutos, disse subitamente: "As estevas devem estar em flor, e a trepadeira deve ter alcançado a treliça". Pelo que falámos um pouco sobre Ojai. Deixámos a clínica e caminhámos até um banco, onde obtive marcos alemães por cheques de viagem, e caminhámos de volta para o hotel para o almoço, servido rapidamente desta vez.

Após as sestas, regressámos à clínica às 15:30. O Dr. Scheef disse que os exames de K estavam bem; pensava que o problema de K era possivelmente um enfraquecimento do esfíncter na bexiga e deu uma receita para fortalecer este, também 350 comprimidos de enzimas. Estava com pressa, com o telefone a tocar constantemente. Ia partir no dia seguinte para a Jamaica. Não tinha as pílulas cor-de-rosa que ajudavam a febre dos fenos de K, mas disse que enviaria algumas para Gstaad. Eu devia continuar com as enzimas e a Vitamina E, e K também, e partimos após pagar a conta de K de 155DM ($73). Tentámos sem sucesso aviar a receita pois a farmácia estava a fechar, mas comprámos algumas cerejas na rua e comemo-las nos nossos quartos antes de descermos para o jantar.

A vinte e nove de junho deixámos o Hotel Bristol e Bona rumo ao aeroporto de Colónia, e um voo da Swissair para Zurique, onde mudámos de avião para Genebra. Houve uma revista muito minuciosa antes de embarcar no avião. Boa segurança. Duas mulheres de aspeto duro passaram as mãos por cada centímetro de mim e, quando o avião levantou voo, não perdeu tempo a ganhar altitude. Zurique sorria à luz do sol de verão. Em Genebra, apanhámos um táxi para o Hotel des Bergues, onde tínhamos quartos simpáticos, adjacentes mas não comunicantes, recém-refeitos num estilo francês antigo. K aprovou. "Gosto deste hotel". Melhor do que o Hôtel du Rhône, onde costumávamos ficar. Almoçámos na sala de jantar Amphitryon onde, mais uma vez, era agradável de uma forma antiga — linhos nevados, dois empregados a servir destramente com estilo, silêncio, maioritariamente homens a almoçar juntos, dignos, sérios. K disse ao empregado: "*Nous sommes en régime*", para amortecer o nosso menu vegetariano. Descansámos um pouco após o almoço e depois caminhámos do outro lado da ponte até à Patek Philippe, onde fomos buscar o relógio de aço de Krishnaji, enviado em março para limpeza e regulação. K observou com fascínio o jovem técnico que verificou o seu relógio de ouro. Caminhámos mais abaixo até à Jacquet para a encomenda anual de gravatas; K escolhendo cuidadosamente dez, primeiro para Joe Links e depois para si próprio. As duas últimas foram por insistência minha. Não queria mais do que Joe tinha e, no fim, a sua atenção sumiu-se, como frequentemente acontecia ao escolher tecido para factos ou outras coisas para si próprio. Mas estava satisfeito com a sua visita, falou da Huntsman ao proprietário da loja que apoiava nestas escolhas anuais e, assim, com cordiais apertos de mão e acompanhamentos até à porta, emergimos na *rue du Rhône*, caminhámos além da peixaria, e do outro lado da ponte até a uma farmácia, onde a receita do Dr. Scheef foi aviada. Descansámos um pouco no hotel. Liguei para Tannegg, atendeu uma Fosca de som feliz e depois Vanda. Tinham acabado de chegar.

Jantámos no Amphitryon e comemos *crème caramel* — a escolha de K para "proteína". Perguntei-lhe ao jantar qual era a sua primeira memória real. Pensou que era estar de pé no seu quarto em Adyar a olhar para o rio, totalmente alheio a tudo o resto. Lembrava-se diretamente de Nitya? Sim, mas, tal como com outros rostos, era difícil de evocar. "Consigo reconhecer uma fotografia e dizer sim, esse é ele". Parecia lembrar-se mais do sentimento da relação. Perguntei-lhe se se lembrava de Rosalind, e disse

que se lembrava de ela lhe bater, agredindo-o "na virilha. Aqueles dois devem ter armado isso. Faziam-me sentir culpado o tempo todo por alguma coisa. Perguntava-me se era minha culpa. Não queria ter aqueles dois na minha consciência".

Na manhã seguinte, trinta de junho, estavam a abrir uma grande escavação fora do hotel, e K estava de pé à janela quando lhe trouxe os seus comprimidos de vitaminas. "Gosto de observar tudo aquilo". Notou também um Ferrari esplêndido. Ficámos em casa toda a manhã. O paquete enviou as nossas malas para a estação e, após um almoço agradável de *vichyssoise* e omeleta, apanhámos um comboio à tarde, com K a observar o lago durante todo o caminho até Montreux, onde mudámos para o pequeno comboio de montanha, e assim subimos para Gstaad. De Montbovon em diante, K reconheceu cada vislumbre da estrada por onde habitualmente conduzíamos. "Agora estamos no nosso país". Tinha estado quente em Genebra e estava também quando chegámos a Gstaad às 18h, mas a neve recente tinha deixado manchas brancas nas montanhas. Fosca, um pouco surda demais para ouvir a campainha, no entanto parecia bem e o seu habitual ser simpático, e Vanda apareceu, acolhedora e calorosa. Logo K teve o seu tabuleiro na cama, Vanda e eu comemos na sala de jantar como sempre, e desfiz as malas antes de ir para a cama. Seria um sinal de idade encontrar alívio na familiaridade das coisas? Pensei que não.

**Capítulo Cinquenta e Um**

Primeiro de julho de 1978. Acordei com a sensação agradável de que não tinha de me levantar, mas levantei-me. Ao meio-dia, um homem da Hertz trouxe de Berna um Renault verde brilhante — a nossa boleia de verão de um lado para o outro da montanha. Pouco depois do meio-dia, o Mini de Brockwood apareceu com Donald Dennis a conduzir e o Dr. Parchure, Narayan e Natasha. Estavam a fazer uma visita antes de irem para um chalé em Schönried organizado por Edgar Graf. "Um local tão saudável", disse o Dr. P., "como pode alguém estar doente aqui?". À tarde, K desceu a caminhar para cortar o cabelo com o Sr. Nicolas, que o fez bem. Conduzi-o montanha acima depois de termos comprado alguma manteiga de amêndoa que ele tinha visto na montra da Pernet. Ele continuava sem laticínios, para o caso de estes estimularem a febre dos fenos. Estava à espera que Scott trouxesse um frasco de Nagari de Brockwood para eu poder fazer tofu.

Instalámo-nos na vida de verão: o Dr. Parchure vindo cada manhã para massajar Krishnaji, e começámos as caminhadas familiares montanha acima e através do bosque até ao rio. Frances McCann veio almoçar com Vanda, e K veio à mesa e conversou com ela por um bocado. Fui à vila para compras variadas, e K interessou-se pelo que estava no cesto das compras. Até um tubo de pasta de dentes foi notado como se fosse um presente. "Em breve as novas gravatas chegarão", disse ele. E: "Pequenas coisas agradam a mentes tacanhas".

A tenda foi montada no vale para as palestras pelos rapazes de Brockwood, que conseguiram espaço gratuito nas camaratas pelos seus esforços. A palestra de abertura foi a nove de julho, uma muito boa sobre o sentido do eu. A tenda estava cheia apesar do frio, da chuva e do valor do franco suíço. Evelyne e Lou Blau chegaram e estavam hospedados no chalé de um amigo. Vieram almoçar no dia seguinte, e o Lou contou-me que tinham ido olhar para a casa de Malibu antes de partirem. Ele queria ver a zona do desmoronamento, o que estava a tornar o lugar difícil de vender. Sentia que eu deveria fazer algo imediatamente e sugeriu que o Max Falk o fizesse. K concordou com isto e disse que, se necessário, eu deveria voar de volta para lá, e o Lou concordou que eu o deveria fazer a fim de organizar o aspeto daquilo. À noite, telefonei a Amanda e a Phil Dunne, e contei-lhes o que o Lou tinha dito e que eu ia pedir ao Max para ir avaliar o problema. Perguntei se eles se reuniriam com ele lá e pensariam no aspeto daquilo por mim. Claro que disseram que sim, e consegui contactar o Max, expliquei-lhe tudo, e ele disse calmamente, à maneira do Max: "Eu trato disso". K ficou satisfeito. "Finalmente!".

A onze de julho, fui buscar o Dr. Parchure como habitualmente às 6:30 da manhã. O tempo estava límpido, para variar. K deu a sua segunda palestra de Saanen na tenda com uma energia enorme. Ao almoço estiveram Simonetta di Cesaro, que tinha acabado de comprar uma casa em Londres, pois sentia que Roma se tinha tornado demasiado perigosa para se viver, o Dr. Parchure e dois amigos de Alain, o Dr. e a Sra. Mustart. Ele era geólogo, a lecionar na San Francisco State. K juntou-se a todos após o almoço e ficou sentado à conversa até às seis horas sobre todo o tipo de coisas, incluindo o movimento das placas continentais, sismos e a antiga história indiana. Quando finalmente partiram, K e eu fomos dar uma curta caminhada colina abaixo e de volta. K disse que era possível que ocorresse algum tipo de desastres no próximo ano, e deveríamos planear onde

deveríamos estar. Ojai, ambos sentíamos, seria o melhor. Poderíamos viver lá tão simplesmente como noutro lado qualquer. Deveríamos planear isso um pouco e falar com os Lilliefelt. Ele disse: “Onde eu estiver, este corpo estiver, estará seguro”.

Na manhã seguinte estava bastante límpido quando fui buscar o Dr. Parchure às 6:30. Mais tarde desci para ver a Dorothy e o Montague, entregar cartas e perguntar-lhes se preferiam ficar no Land Rover no parque de campismo ou mudar-se para Tannegg quando Vanda partisse. A Doris tinha dito que eles preferiam ficar onde estavam. Sugeri que fizessem o que realmente lhes conviesse. Pareciam inclinar-se para ficar no Land Rover. Trouxe a Natasha para o almoço, e Frode e Julie Desnick quando os encontrei a caminhar penosamente colina acima. Vanda tinha-os convidado para almoçar.

Max Falk telefonou para me dizer que tinha estado em Malibu, reunido com a Amanda e o Phil, e também com um homem do Departamento de Construção e Segurança do Condado. Todos tinham concordado em cortar um patamar de três pés e colocar travessas de caminho-de-ferro para suster a zona do desmoronamento. Concordei com isto e com o que quer que ele achasse necessário. Disse que também colocaria degraus para descer até à praia, nos quais os compradores estavam interessados. K ficou muito satisfeito com tudo isto. Levei a Natasha de volta, depois entrevistei uma mulher e o seu filho para a escola de Oak Grove antes de ir para a caminhada da tarde com K. À noite, telefonei a Amanda e a Phil e ouvi o acordo deles sobre o plano para o desmoronamento. O dia terminou com a sensação de que tudo estava bem encaminhado e com admiração por quão prestáveis os amigos conseguem ser.

Treze de julho foi límpido e ensolarado. Fui buscar o Dr. Parchure como habitualmente, e K deu a sua terceira palestra de Saanen. Foi mais sobre o eu e a identidade. “Onde há identidade não há liberdade”. Depois, fomos à sapataria, onde ele recebeu os seus novos sapatos de caminhada. Ao almoço estiveram Suad al Radhi, Evelyne Blau, Narayan, o Dr. P., Vanda e eu. K entrou para o café. Evelyne e eu falámos sobre assuntos da Fundação até às 16h. Mais tarde K usou os seus novos sapatos na caminhada e ficou muito satisfeito. Começou a dizer: “Acha que…?” e eu

disse: “Sim”. “Apanhou o meu pensamento?”, perguntou ele. Apanhei. Ele pensava que deveria ter um par idêntico para Ojai.

No dia seguinte, Vanda partiu para Florença mas regressaria em breve. O Dr. Parchure ajudou a dispor as cadeiras na sala de estar para a reunião anual dos comités internacionais K. Scott veio cedo para regular os relógios de K. Às 11:30, a reunião dos comités começou e K juntou-se. Foram dados os relatórios sobre as escolas: a Dorothy por Brockwood, as Siddoo pelo Canadá, Evelyne por Ojai e Narayan sobre a Índia. Continuou até quase às 14h. K almoçou sozinho, mas Mary Cadogan, Evelyne e o Dr. P. almoçaram no chalé comigo, e falámos sobre angariação de fundos. Fui buscar Narayan para caminhar com K enquanto levei Fosca ao mercado. Um dia quente e cansativo.

O Dr. Parchure mudou-se para Tannegg, e a dezasseis K deu a sua quarta palestra de Saanen a uma tenda lotada. Depois, no carro, disse: “Muita energia. Como aguentaram todos?”. Jean-Michel Maroger e Diane estavam na tenda e subiram mais tarde para o tratamento de cura de K. Ela foi capaz de se manter de pé e caminhar um ou dois passos pelos seus próprios meios, embora ainda estivesse a usar um aparelho ortopédico.

Fui buscar Anneke a Tannegg para um tratamento de K e para almoçar. K deu uma entrevista a Brian Jenkins. Ao jantar, tive uma longa conversa com o Dr. Parchure sobre a saúde de K. Ele estava a vigiar cuidadosamente qualquer alteração para tentar compensar e minimizá-la. Questionou-me sobre quaisquer alterações que eu pudesse notar. O equilíbrio de K não estava muito bom. Parchure disse que isto era controlado pela parte anterior do cérebro e seria causado por uma diminuição do fornecimento de sangue. Tinha perguntado a K sobre isto: continuaria ele ao longo da sua vida a ter faculdades mentais claras? K, que colocava grandes responsabilidades em Parchure pelo resto da saúde do seu corpo, disse que sim, a sua mente seria clara. Algo mais estava a cuidar disso.

Na palestra dessa manhã, K esteve à beira de falar sobre ioga e depois desviou-se do assunto. Mencionei-o após o almoço enquanto tomávamos o que passava por café — isto é, um cereal castanho chamado Pionier, e K disse: “Vou destruí-lo”. Tínhamos falado sobre isso na caminhada. Eu tinha falado do que me parecia uma neurose do ioga: uma preocupação infindável com este, horas a praticá-lo, a ensiná-lo, a falar sobre ele, como

no caso de Vanda, Frances McCann e muitas outras. Parecia quase um narcisismo no ioga, e o ioga tinha-se tornado, de acordo então com K e o Dr. P., uma forma de ginástica, não ioga.

A quinta palestra de Saanen de Krishnaji foi a dezoito de julho. Os Maroger vieram ao chalé logo a seguir para K colocar as suas mãos em Diane. Depois, com K a ampará-la, segurando um braço e o pai o outro, ela caminhou da sala de estar de K, cruzando o corredor, para a sala de estar comum, e subiu para uma poltrona. Pela primeira vez na sua vida, estava a caminhar, a carregar o seu próprio peso. De parar o coração de ver. Pensei, embora como o poderia eu saber, que Krishnaji colocou um poder de cura maior naquela criança do que em qualquer outra de que eu tivesse tido conhecimento. Certamente em Brockwood ele estava determinado a fazê-lo. E ela caminhou nesse dia. Narayan foi testemunha e, após os Maroger partirem, ficou para almoçar e mais tarde partiu para a Índia.

A vinte, K deu a sua sexta palestra de Saanen, uma muito comovente. Disse tudo o que se poderia desejar sobre "Vós Sois o Mundo" — o assunto do filme que estava planeado. Michael Mendizza estava a filmá-lo. K usava um pequeno microfone dentro da sua camisa e uma bateria no seu cinto que transmitia a sua voz para a gravação de som e câmara. Mais tarde, Scott veio e gravou em áudio K a falar sobre o assunto com todos nós a juntarmo-nos à discussão, mas maioritariamente K, o que seria usado na locução editada no filme. Conduzi o pessoal do filme colina acima para lhes mostrar o local da caminhada habitual de K através dos campos para as filmagens do dia seguinte.

Estava cinzento no dia seguinte à tarde, mas após ver Diane às 16h, K subiu a colina e foi filmado pelo Michael, com Evelyne e Scott a ajudarem. Depois K sentou-se no primeiro banco e falou durante um a dois minutos sobre a natureza: "Se não sois sensíveis a ela, como podeis estar relacionados com os seres humanos?". Depois moveu-se para o outro banco à beira do bosque e fez um minuto sobre o que traz as pessoas àquelas montanhas, às palestras — os problemas comuns que toda a humanidade partilha. Estava frio e caíram salpicos de chuva quando terminou, mas, como de costume, fê-lo soberbamente, alterando o que dizia a cada tomada, incapaz de se repetir.

O frio do dia anterior tinha cansado K. Deu um tratamento a Diane à tarde. Eu tinha trazido Anneke e Mar de Manziarly para almoçar. Anneke

trouxe um livro de Rajneesh no qual ele dizia algumas coisas incorretas sobre K, o que ela achou divertido. Eu não achava graça à malícia em relação a K. Mar e Anneke conversaram sobre os velhos tempos, com Mar a pretender entreter, mas a fazer uma fita tal que era desgastante. Havia algo de forçado e um pouco desesperado nisso. É triste quando a idade não traz serenidade. Haveria uma discussão filmada com K, e Jean-Michel Maroger, Anneke e Scott Forbes.

A vinte e três, K deu a sua sétima palestra de Saanen. Falou durante uma hora e meia de forma muito comovente. Jean-Michel trouxe Diane ao chalé logo a seguir. Fui buscar Simonetta di Cesaro, Suad al Radhi e o Dr. Mark Brandes colina acima para almoçar. Este último, um arqueólogo alemão, a lecionar na Universidade de Friburgo, tinha vindo doze anos antes com Suad para almoçar e tinha vindo nesse dia especialmente para ouvir a palestra de K e almoçar novamente. Antes disso, K tinha-se juntado a nós e conversado intensamente com Brandes sobre os sumérios. Brandes descreveu como, antes de 2000 a.C., começaram a escrever, ao início com pequenos objetos de argila, depois colocando a marca desses objetos na argila, depois desenhos dos mesmos objetos na argila. K perguntou a Brandes uma visão da arqueologia sobre onde está a nossa civilização atual. Houve uma resposta pessimista. As civilizações destroem ou tendem a ser destruídas. K perguntou se ele via, ou se alguns viam, o que estava a acontecer: os enormes avanços tecnológicos e a falta de perceção religiosa. Brandes perguntou: "O que faz?". K respondeu: "O que fará? Falar sobre isso? Fazer as pessoas ver?". K comeu no seu quarto e veio para o café. Brandes tinha de apanhar um comboio, pelo que os levei lá abaixo e depois recolhi Scott, encontrei-me com Jean-Michel e Anneke, e guiei-nos até ao chalé de Evelyne, onde discutimos com os Mendizza e Evelyne o conteúdo do diálogo do dia seguinte entre K, Jean-Michel, Anneke e Scott. Voltei quando K estava a regressar de uma caminhada sozinho. Estava bastante cansado devido à duração da palestra da manhã.

No dia seguinte, K estava cansado e não fez exercícios. Teve uma longa conversa com o Dr. Parchure sobre a Índia e o plano de Parchure com K para procurar pessoas interessadas nos ensinamentos. Como financiá-lo? Fiz recados na vila e encontrei livros para K. Às 13:30, Evelyne e Mendizza vieram instalar a câmara e as luzes para o diálogo na sala de estar. Às 15h, Anneke, Jean-Michel e Scott vieram como participantes e discutiram a sua pergunta de abertura sobre o que pode um

indivíduo fazer perante um mundo desordenado de violência, vigarice, etc. Às 15:30, Diane foi trazida para o tratamento de K, após o que os Maroger partiram para casa. Mais tarde, K disse-me que, quando tocou no problema de Diane no cotovelo dela, era como se este se estivesse a dissolver, a ficar brando. Após o diálogo ser filmado, K foi para a sua caminhada enquanto eram feitos grandes planos dos outros.

A vinte e seis de julho, K manteve a sua primeira discussão pública na tenda. Houve grosseria e agressão por parte da Sra. Lulu Ani e do rapaz norueguês, Christian. Houve uma queixa ruidosa do Sr. Edward Ani de que tinha escutado durante quarenta anos sem qualquer mudança em si próprio. A Sra. Ani discursou contra K dizendo que o problema do Sr. Ani era porque K não tinha explicado as coisas corretamente. K, o Dr. Parchure e eu almoçámos calmamente. Falámos sobre uma manchete no *Herald Tribune* que dizia que o mundo tinha gasto $400 mil milhões em 1976 em armamento, e a partir disto ele disse que a pergunta dessa manhã era uma a que tinha de responder. "Chorei uma lágrima interiormente quando a ouvi". Perguntou, tal como Edward Ani fizera: "Escutei durante quarenta anos e nada mudou. O que me fará mover? Uma crise? A tristeza? A dor? Um acontecimento devastador? Estes são todos exteriores. Dependemos de coisas que nos abalem. Como hei de eu dizer 'Sê inteligente sem o acontecimento'? Não escutarão. Perguntarão 'Como hei de ser inteligente quando não o sou?'. Eu diria: 'Acha realmente que não é inteligente agora? Você, Maria, é um exemplo muito bom. Teria escutado há anos, antes de o seu marido morrer? Passou por um acontecimento devastador antes de chegar a isto. Veja a Mima Porter — todo aquele dinheiro. Tomou o rumo oposto por causa do dinheiro e o dinheiro destruiu-a. Olhe para a Signora — o ioga; é a vida dela agora. O que significa que há apenas alguns que conseguem ser inteligentes antes do acontecimento, e não após um acidente de automóvel, para dizer: 'Tenho de conduzir com cuidado'. Como os ajuda antes, e não depois? Apenas caminhando com eles".

O Dr. P. e eu jantámos com a Dorothy e o Montague no Land Rover deles. Foi muito agradável e um jantar delicioso cozinhado pela Dorothy no seu fogão de campismo de dois bicos. Chovia lá fora, mas estávamos aconchegados e quentes, e foi muito agradável. A Dorothy ficou consternada ao descobrir que os Ani tinham reservas para a reunião de Brockwood.

No dia seguinte, na segunda reunião de discussão pública, Krishnamurti começou por falar dos $400 mil milhões gastos em armamento e depois passou a responder a uma pergunta sobre a mudança. "Vede o que está a acontecer sem procurar; então a inteligência pode entrar".

Fui buscar Pascaline Mallet, Gisela Elmenhorst e Magdalina Jasciuska colina acima ao chalé para almoçar. K veio e sentou-se com elas depois. Às 4h, o Sr. Mirabet de Espanha veio, como em anos passados, para sorrir, apertar a mão de K e dar 7000 francos suíços, que K deu depois a Brockwood. Caminhámos colina acima, onde Michael Mendizza e Scott estavam à espera para filmar K a caminhar ao longo do caminho e a sentar-se no banco à beira do bosque. Foi feito para uso com voz de locução.

A vinte e nove de julho, K deu a sua quarta discussão pública na tenda e, depois, fez-me falar com a Sra. Ani. Perguntei-lhe porquê, em vista da sua hostilidade demonstrada na sua agressão para com K e o que ele estava a dizer, por que queria ela vir a Brockwood. Também mencionei a sua associação com U.G. Krishnamurti, e o juntar-se ela à malícia deste para com K. Ela chamou o marido e eu repeti as minhas perguntas, e salientei que o espaço limitado de Brockwood tornava desejável dar quartos a tantas pessoas interessadas quanto possível, pelo que questionei a vinda dela. Disse que não aceitava as minhas descrições. Disse que o comportamento dela na tenda passava como raiva em relação a K e, embora eu soubesse pouco sobre U.G. Krishnamurti, as pessoas inevitavelmente traziam histórias da animosidade dele. Como eu tinha de recolher K a caminhar sob o sol quente na estrada, esta conversa foi curta. O marido dela perguntou se me podia acompanhar até ao carro e disse que a sua esposa era abrasiva. Concordei. O comportamento do rapaz norueguês, Christian, foi desvalorizado como: "Oh, somos todos algo infantis". Disse que somos todos suficientemente velhos para não ser infantis, e a infantilidade do Christian também se pode chamar grosseria comum. Alcancei K e voltei para buscar Frances McCann. Ela e eu almoçámos a sós, e K juntou-se a nós para o café. Mais tarde, levei o Dr. Parchure a uma reunião com Evelyne Blau. Os Mendizza estavam lá, e também a Dorothy Simmons e Suzanne e Hugues van der Straten. Evelyne estava entusiástica com dois filmes sobre as escolas K, mas deixou claro que conseguia angariar fundos apenas para um da KFA. A Dorothy foi cautelosa em relação a Brockwood, e o Dr. Parchure estava duvidoso sobre a Índia.

K terminou as reuniões de Saanen deste ano com uma quinta discussão pública. O Sr. Ani entregou-me uma carta com um cheque para Brockwood de £150 "para o caso de não conseguirmos preencher o quarto" e um monte de outros disparates. A Dorothy e o Montague vieram almoçar. K e eles estavam à conversa antes e eu estava a pensar que tínhamos passado este ano sem nenhuma senhora especialmente louca quando à porta apareceu uma jovem rapariga alemã de sári cor-de-rosa, exigindo ver K. Fiz a conversa habitual. "Mas eu quero vê-lo!", desatou ela a gritar e tentou entrar à força. Foi a primeira vez que tive de travar alguém fisicamente. Segurei a porta e bloqueei-lhe o caminho. Ela estava alternadamente lisonjeira e zangada, depois K enviou a Dorothy para me apoiar, e mantivemo-nos firmes até ela estar lá fora e trancarmos a porta. Fosca relatou que ela ficou por ali durante bastante tempo. Era talvez a "louca" que o Dr. P. tinha relatado na tenda, e K disse que ela o perseguiu e agarrou na estrada.

K disse que era contra a realização de filmes sobre as escolas, achava-os um desperdício de dinheiros necessários para outras coisas. A Dorothy não ficou desapontada, sentindo que seria difícil transmitir a qualidade especial de Brockwood em filme.

A vida tornou-se tranquila nos dias seguintes; rostos familiares vieram despedir-se, e rostos diferentes caminhavam pela aldeia. Edgar Graf veio almoçar e informar que tudo parecia ter corrido bem. Apesar da situação cambial, tinha recebido donativos suficientes para cobrir o encontro do verão seguinte.

Um rapaz francês tímido, músico, veio ao chalet pedindo para ver K. Quando lhe disseram que isso não era possível, perguntou: «Pourai-je parler avec vous?»[1] E assim conversámos durante algum tempo. A timidez é algo que tão raramente se vê. K viu o Sr. Rusu brevemente, e depois fomos passear. Lembrei K do cofre em Gstaad e de que o dinheiro nele guardado lhe pertencia. Ele disse: «Enquanto eu estiver vivo, nada lhe acontecerá, se tiver cuidado.»

A quatro de agosto, Nadia Kossiakof veio durante a tarde. Conversámos e, mais tarde, K juntou-se a nós. Ela descreveu horrores em Beirute, onde membros da Cruz Vermelha eram deliberadamente alvejados, e mulheres idosas e crianças abatidas a tiro. Perguntou qual deveria ser a resposta de uma pessoa perante aquilo. K disse:

— «Que se pode fazer? Se vê uma criança a ser espancada, age; mas está comprometido com alguma coisa? Se houver compromisso, faz parte de tudo isso. Se vê o perigo do compromisso, então está livre, e essa inteligência age.»

No dia seis, chegou uma carta de um homem do Texas que perguntava, entre outras coisas, porque se recaía depois de momentos de clareza. K ditou o seguinte para eu citar numa resposta:

— «Se me permite salientar, o tempo enquanto movimento não está envolvido no ter uma perceção profunda da própria natureza e estrutura. O tempo é o nosso condicionamento, que é essencialmente pensamento. Ao perceber o movimento total do pensamento, nessa própria perceção, o pensamento toma consciência de si próprio como sendo limitado. E qualquer ação nascida dessa limitação deve inevitavelmente gerar conflito, dor e sofrimento. Se alguém realmente, e não filosoficamente, percebe a verdade disto, a verdade da natureza do pensamento, não há afastamento disso nem regresso a isso. Deve-se também ter presente que não existe caminho para a verdade, e ela nunca pode ser cartografada.»

K não dormira muito bem na noite anterior. Saltou os exercícios matinais e descansou toda a manhã. Almoçou com o Dr. P. e comigo e depois fez uma sesta. Eu também dormi depois do almoço. O ar estava húmido e pesado, bastante enervante, mas fomos passear até ao fim do bosque. K parou, como habitualmente, junto das galinhas, inclinou-se sobre o cercado e disse:

— «Pourquoi vous ne sortez-pas?»[2]

Havia um gato branco no campo recentemente ceifado; K aproximou-se dele, mas o animal achatou-se de forma selvagem, preparado para fugir, e disparou em direção ao chalet de Elizabeth Taylor quando K chegou perto. Começou a chover quando alcançámos Tannegg. À noite, Vanda chegou de Florença e Crans, onde deixara o neto num campo de férias. No noticiário da televisão dizia-se que o papa sofrera um ataque cardíaco em Castel Gandolfo e recebera a extrema-unção. K não comentou. Quando me desejou boa-noite, disse:

— «Amanhã enviarei dois anjos consigo, mas só amanhã.»

Eu devia partir para Roma na manhã seguinte, para passar dois dias com Filomena.

O sete de agosto amanheceu cinzento. Krishnaji dormira bem e sentia-se descansado. Sentia-me segura ao deixá-lo aos cuidados de Vanda e do Dr. Parchure, mas havia um mal-estar em partir, por razões exteriores. Ele acenou enquanto eu saía de carro às dez horas. Choveu durante toda a descida da montanha e, a meio caminho, havia um cartaz: *Le Pape est mort*.[3] Em Genebra, li que o papa morrera na noite anterior em Castel Gandolfo, após um ataque cardíaco. O meu voo partiu com uma hora de atraso e atravessou nuvens e chuva até Roma. Filomena e o filho, Mario, estavam lá, apesar de eu ter dito que apanharia um táxi. Filomena parecia um pouco mais velha, mas totalmente ela própria, querida como sempre. Toda a família esperava com uma grande receção. Dei pequenas prendas a cada um; houve sorrisos, piadas e o caloroso falatório da vida familiar italiana. Filomena e eu jantámos sozinhas — a refeição perfeita para mim: fruta, incluindo figos frescos, e depois mozzarella. Falámos e falámos.

Passámos o dia seguinte a conversar longamente, mas depois fomos a São Pedro, pois eu queria ver a *Pietà*, restaurada depois do ataque de um louco. Estava agora atrás de vidro, não muito bem iluminada, mas comovente como sempre. Faziam-se preparativos para o velório do Papa Paulo, cujo corpo seria trazido de Castel Gandolfo para Roma ao fim da tarde. Muitos turistas japoneses circulavam por ali. Filomena tocou no pé da estátua de São Pedro, gasto até desaparecerem os dedos devido aos incontáveis toques. Roma, mais do que qualquer cidade em que eu tivesse estado, parecia alcançar mais longe no tempo, até um passado incomensurável. Miguel Ângelo e Bernini eram mais uma vez uma dádiva para os olhos e o espírito, e os gestos barrocos dos santos e dos *putti*[4] voltavam a fazer-me sorrir. As mortes papais pareciam fazer parte das minhas idas e vindas daquela cidade. Fora Pio quem reinava quando eu partira em 1958, e Sam costumava passar pela praça para ver se saía fumo branco ou negro da chaminé sobre a Capela Sistina.

Filomena e eu seguimos para Ponte Milvio para comprar figos, mozzarella e parmesão para levar para Gstaad. O mercado ao ar livre, ruidoso e alegre, fez-me sentir novamente ali: Filomena, concentrada, desconfiando de cada fruto; os vendedores, jovens, descontraídos, cortejando os clientes.

— «Mesmo que não comprem, *vi ringrazio*!»[5] gritava um.

No balcão dos queijos, Filomena disse:

— «Veja lá se me dá o melhor!»

— «*Si, Signora, pensa a me.*»[6]

Tivemos ainda de ir a outro lugar para encontrar os figos mais frescos. Filomena embalou-os em folhas de videira dentro de uma caixa; os figos e os queijos ficaram embrulhados e acondicionados com tanta perfeição que podiam viajar na minha mala.

De regresso a casa de Filomena, Sofia Sanguinetti, que estivera em Brockwood, veio encontrá-la. Sofia praticava acupressão, que diziam ser muito eficaz, e eu esperava que pudesse aliviar as dores de artrite no pescoço e ombro de Filomena. Sofia era exatamente a pessoa certa para ela: alegre, confiante, fazendo as perguntas certas e explicando apenas o necessário. Depois do exame, disse que a energia de Filomena era boa. A energia era então o ingrediente de tudo. Isso afastava-me um pouco, mas agarrava-me a qualquer esperança de alívio para Filomena. Sofia começaria o tratamento no fim do mês e disse-me que não cobraria nada, ao que respondi que não podíamos permitir tal coisa, embora lhe agradecesse muito; deixei dinheiro suficiente com Filomena para pagar os tratamentos. Depois ficaria entre elas, mas eu tinha esperança. Filomena e eu jantámos agradavelmente e vimos na televisão o cortejo papal atravessar Roma em direção ao Vaticano. A praça estava cheia.

Dez de agosto. Depois do pequeno-almoço, despedi-me da família, e Filomena e Mario levaram-me ao aeroporto, onde, sem atrasos, a Alitalia partiu às 12h50 para Genebra. Sentia-me feliz por ter estado com Filomena e por sentir que a minha visita lhe fizera bem. Estava descontraída e sorridente. Quem parecia mais velho era Mario, não Filomena.

Em Genebra, a Hertz forneceu uma estridente carrinha Opel verde, que conduzi pela estrada de Bulle até Gstaad. Quando parti, K dissera:

— «Vai ser divertido partir sozinho.»

E isso normalmente era verdade para mim, mas afastar-me dele geograficamente por algo fora do comum e, portanto, evitável — havia nisso uma sombra. Agora, porém, regressava em direção a ele; a estrada seguia o seu percurso familiar e cheguei às 16h30. Ele estava acordado, e

fomos passear até ao fim do bosque. Tinha nevado e muita neve permanecia nas montanhas altas; tudo muito branco e limpo. K disse que ele e o Dr. P. tinham demolido grande parte dos disparates acerca do ioga perante Vanda, e Frances, que estivera presente, também ouvira. Parecia satisfeito. E entregou-me a carta que escrevera para mim nos dois dias em que estive ausente.

O Dr. Lichti estava ao almoço a doze de agosto com alguns jovens, mas as perguntas deles eram triviais e um desperdício do tempo de K e, evidentemente, de uma sesta perdida. Passeámos mais tarde e regressámos para ver o funeral do Papa Pio na Praça de São Pedro. K, observando, disse:

— «Não consigo sentir nada, e você?»

Um helicóptero apareceu, minúsculo sobre a cúpula de São Pedro.

— «*Le Saint Esprit*,»[7] disse K.

---

**Notas**

1. **«Pourai-je parler avec vous?»** — francês: «Posso falar consigo?»

2. **«Pourquoi vous ne sortez-pas?»** — francês: «Porque não saem?»

3. **«Le Pape est mort»** — francês: «O Papa morreu».

4. **Putti** — figuras ornamentais barrocas representando crianças aladas, semelhantes a querubins.

5. **«Vi ringrazio!»** — italiano: «Agradeço-vos!» / «Muito obrigado!»

6. **«Si, Signora, pensa a me.»** — italiano coloquial: «Sim, senhora, deixe isso comigo.»

7. **«Le Saint Esprit»** — francês: «O Espírito Santo».

No dia seguinte foi um dia de fazer malas. Um jovem americano apareceu à porta querendo ajuda para um projeto numa ilha grega. Estava

cheio de energia e propósito, mas era ligeiramente louco. K viu-o pela janela e falou um pouco com ele, mas depois passou-o ao Dr. P., pois ele tinha ainda outra ideia de escrever um livro sobre o corpo humano. O Dr. P. disse que nada sabia sobre isso. Levámos pratos de comida ao rapaz; ele falava sem parar e acabou por aceitar quando lhe disse que as Fundações não podiam oferecer dinheiro nem patrocinar o projeto dele. Teria sido agradável se toda aquela energia sincera pudesse ter sido orientada na direção de K, mas ele não conseguia ver para além da sua própria perspetiva e perdeu a oportunidade.

O dia seguinte amanheceu soalheiro, e as montanhas brilhavam. Krishnaji, o Dr. Parchure e eu despedimo-nos de Vanda e Fosca e seguimos de carro por Les Mosses e pela autoestrada até Genebra, deixando o automóvel e voando sobre a Alemanha e a Bélgica para evitar os controladores aéreos franceses em greve. Mary e Joe, Dorothy e Doris vieram receber-nos. Fomos para Brockwood com Mary e Joe, que tinham passado lá o verão, mas ficariam mais uma noite para estarem connosco. Brockwood estava verde e belo depois das fortes chuvas do verão. Jantámos todos no piso de baixo com os poucos que ali se encontravam.

## Capítulo Cinquenta e Dois

**16 de agosto de 1978.** Mary L. e eu conversámos durante quase toda a manhã na cozinha e, depois do almoço, tirámos o Mercedes do celeiro e fomos dar uma pequena volta. Falámos sobre o segundo volume da sua biografia de K. Ela estivera a tomar notas e queria avançar, mas perguntava-se como lidar com a história de Rajagopal. Conversámos sobre isso, e eu disse-lhe que esperava ardentemente que o fizesse. Mary fizera setenta anos no final de julho, o que tornava ainda mais importante o desejo de que continuasse.

K estava acordado da sesta quando regressámos e, no carro deles, fomos com Mary e Joe até Ovington e passeámos junto ao rio. A água límpida e veloz, as ervas aquáticas verdes, os pequenos patos mergulhando e nadando ao longo do fundo, o deslizar lento do cisne e os aromas quentes do verão em crescimento eram coisas que proporcionavam um êxtase. Observei a água e senti-me dissolvida, como se ela corresse através de todos os meus sentidos. Naquele dia, esta paisagem campestre comoveu-me para além do esplendor das montanhas suíças.

Regressámos com a notícia de que o apartamento de Mary e Joe em Londres tinha sido assaltado. Partiram imediatamente; mais tarde, Mary telefonou para dizer que nada desaparecera, que tinham usado um pé-de-cabra para forçar a porta, mas que o alarme disparara e o intruso fugira. Um alívio imenso, pois o apartamento estava cheio de tesouros pessoais recolhidos ao longo da vida com o gosto infalível de ambos.

Na manhã seguinte fomos a Londres, onde Mary e Joe nos encontraram na estação. Joe recebeu de K as gravatas Jacquet tão cuidadosamente escolhidas e encomendadas em Genebra, após o que disse querer que K nunca mais tivesse de apanhar um táxi em Londres; levou-nos então ao Fortnum, onde deixou Mary, K e eu para almoçar. Durante a refeição, Mary interrogou K sobre as escolas. Tinha sabido, através de uma carta de Erna, que a KFA precisaria de 950 000 dólares até à primavera para construir a escola e dos 100 000 dólares anuais que teríamos de angariar para além das propinas, de modo a mantê-la em funcionamento. K ainda não tinha visto a carta sobre isso, mas ouviu Mary falar do esforço que tudo aquilo implicaria. Joe levou-nos depois à consulta do dentista de K, e eu regressei ao apartamento deles, vi a porta danificada, agora equipada com novas fechaduras, e fiquei contente ao verificar que todos os seus encantadores objetos continuavam lá. Mais tarde, Joe levou K e eu a Waterloo, onde comprámos romances policiais e apanhámos o comboio para casa.

No dia seguinte estava calor, por isso K, Dorothy e eu passeámos os cães no bosque. K perguntou:

— «Onde estamos a ir?»

Falou de Erna, que entrara em tudo aquilo por causa dos ensinamentos e agora tinha de passar todo o tempo preocupada com dinheiro. Dorothy, como tantas vezes, ficou imediatamente na defensiva, o que dificultava a investigação de K. Brockwood alcançara uma posição relativamente estável, mas ele perguntava-se se deveríamos avançar com a escola de Ojai — já tão tarde no percurso.

— «Posso estar enganado», disse ele. «Toda a gente está tão ocupada a fazer acontecer todas estas coisas exteriores que já não há tempo nem energia para o interior.»

Há muito tempo ele se impacientara comigo pelas mesmas perguntas que agora fazia. Parecia perturbado, mas, nessa manhã, quando pus discos durante o pequeno-almoço, sorria enquanto ouvia Joan Sutherland cantar Bellini.

— «É sentimental, mas faz vir lágrimas aos olhos.»

Revirava os olhos ao som da música. Um romântico.

No dia 19 de agosto, depois do almoço no andar de cima, disse:

— «Que estou eu aqui a fazer? Estes são crianças. Preciso de alguém com quem falar, alguém que extraia isto de mim. Sinto que há muito mais para sair. Alguém que possa discutir estas coisas, mas eles não conseguem.»

M: «Já houve alguma vez alguém assim?»

K: «Não. Aldous tinha uma formação cristã; depois enveredou pelo budismo, Vedanta e tudo isso. Não conseguiu.»

M: «Mais ninguém?»

K: «Rajagopal não tinha cérebro para isto.» (Encolheu os ombros.)

M: «E na Índia?»

K: «Eles discutem, mas às vezes isso faz emergir algo de mim. Achyut entrou nisto, mas agora está demasiado velho. Diz que me falhou. Talvez eu me vá embora, deixe tudo isto. Tenho de ter cuidado ou farei isso. Farei o que for decidido. Não se preocupe com isto, ou não poderei falar consigo.»

Eu não me preocupei; estava muito quieta por dentro, mas também eu o estava a falhar nisto, e falhar K era como uma faca atravessar-nos.

Na manhã seguinte estava calor e ele não tinha vontade de fazer a caminhada matinal, preferindo dormir. Pensava no que tínhamos falado no dia anterior.

— «Escreverei a Achyut para reunir alguns pandits[8], e teremos uma discussão e faremos um livro disso.»

O meu ânimo elevou-se um pouco. Trabalhei na tenda montada para as palestras públicas e, quando K desceu, ele, Dorothy e eu caminhámos

pelo bosque e podamos arbustos. Fizemos o mesmo no dia seguinte. Ele estava determinado a limpar toda a madeira morta, silvas, urtigas, dedaleiras, etc. Havia trabalho a fazer para preparar a Ala Oeste para o encontro, e depois um grupo de trabalho composto por todos os habitantes da casa, incluindo K, atacou as ervas daninhas do bosque.

A 24 de agosto, Evelyne Blau chegou da Califórnia pouco antes de K e eu irmos para Londres. Joe, fiel à sua resolução, encontrou-nos em Waterloo e levou-nos até Huntsman. K teve a prova da roupa, almoçámos no Fortnum, e depois K teve consulta com o dentista Thompson. Fiz recados e fui às 16 horas para Portland Place, mas K só terminou às 18 horas. Estivera quatro horas na cadeira. O Sr. Thompson preparou mais cinco dentes para coroas. Joe, felizmente, levou-nos diretamente a Waterloo, onde apanhámos rapidamente um comboio e regressámos a Brockwood às 20h30. Um dia extenuante para K, mas ele disse que não tinha «pensado em nada» durante as quatro horas.

O dia 26 de agosto foi claro e belo para a primeira das palestras de Brockwood. A maior das duas tendas, com duas mil cadeiras, estava cheia; tudo decorria de forma muito ordenada, as pessoas entravam em grupos de cinquenta — sem correrias para os lugares. A plataforma de K ficava este ano no lado norte, com um pequeno espaço fechado por cortinas onde ele podia arranjar o cabelo. Estava em excelente forma. Comemos fruta e salada no andar de cima depois da palestra e depois regressámos à tenda para o prato quente. Ele continuava a mover-se para não ficar cercado.

Nos dias seguintes, as palestras, que correram bem, alternavam com prodigiosas sessões contínuas de poda. Houve também um dia em que Mary e Joe vieram almoçar, e K prosseguiu a conversa com Mary e comigo sobre a necessidade de angariar fundos consumir as energias de todos em detrimento dos ensinamentos. Mary sugerira que o projeto da escola de Ojai fosse interrompido, mas K disse que refletira sobre isso e que devia continuar.

A quarta e última palestra teve lugar a 3 de setembro. Falou sobre meditação; a tenda transbordava de pessoas. Fiz um apelo a donativos. K comeu no andar de cima e depois regressou à tenda. Jean-Michel estava presente, e K definiu as datas para uma visita ao lugar deles em França. À noite, vimos na televisão o recém-eleito Papa João Paulo I celebrar missa na Praça de São Pedro. Depois vimos *The Goodies*.

Em setembro, K começou a ditar a primeira de uma nova série de *Cartas às Escolas*, destinadas a Brockwood, Oak Grove, às escolas indianas e à escola canadiana de Wolf Lake. Isto prosseguiu diariamente, e também as mondas. No dia onze houve outra ida a Londres para provas de roupa e vários recados, enquanto K passava mais duas horas no dentista. Joe voltou a ser o amável transportador. Quando chegámos a Brockwood, Maurice Wilkins já tinha chegado com outras pessoas para um seminário.

No dia seguinte, K conduziu a primeira sessão do seminário. Cerca de setenta pessoas participaram. O tema — «O que significa ser uma luz para si próprio?» — deu início aos trabalhos, mas a conversa desviou-se rapidamente. O segundo dia correu melhor. O tema foi o medo. Depois do almoço, K chamou Dorothy para discutir a forma como a organização estava a afogar os ensinamentos — como evitá-lo — mas tudo aquilo parecia excessivo para a equipa depois do encontro. Jean-Michel juntou-se à discussão. Mais tarde, K disse que o seu tempo estava a ser mal aproveitado. Na parte europeia do ano, queria falar menos com estudantes e mais com o público e com pessoas capazes de o acompanhar.

No terceiro dia do seminário abordou-se a questão da relação, mas novamente a conversa incidiu sobretudo sobre o medo. Um tema perene. Uma citação de K:

— «O pensamento é desvio.»

Outro dia em Londres, no dia quinze; sobretudo por causa do dentista. À noite, Maurice Wilkins, David Bohm e David Shainberg discutiram ciência e os ensinamentos de K. O resto do seminário correu bem e, para K e para mim, as tardes eram de poda e mais poda.

A 19 de setembro teve lugar a sexta e última reunião do seminário. K debateu com um painel composto por David Bohm, David Shainberg, Dr. Parchure, Harsh Tankha e eu. Depois tudo terminou, e todos os visitantes partiram.

K passou dois dias na cama a descansar. Fui a Londres no dia 21 tratar de vistos e, nessa noite, levei Frances McCann e Brian Jenkins a uma representação, na Catedral de Chichester, da peça *A Sleep of Prisoners*, de Christopher Fry. No dia seguinte fomos ambos a Londres, onde os nossos convidados para o almoço eram Mary e Joe, Amanda Pallandt — filha de

Mary — e Alain Naudé, que ali estava durante uma semana antes de partir para visitar a mãe na África do Sul.

O Dr. Parchure partiu para a Índia. Mary Cadogan veio a Brockwood discutir questões de publicação; K continuou a ditar as *Cartas às Escolas* e, com Dorothy, prosseguimos a poda no bosque.

A 29 de setembro, o Papa João Paulo I morreu após um reinado de trinta e três dias. K ditava cartas, eu dactilografava; os estudantes regressaram no dia 1 de outubro para o início do novo período, e K falou-lhes de forma muito comovente.

No dia 2 de outubro, Dorothy levou K e eu de carro até Heathrow, parando para o nosso habitual almoço de piquenique no carro, num lugar campestre. Depois K e eu voámos para Paris, onde Jean-Michel nos recebeu e conduziu até à sua casa e à de Marie-Bertrande, em Montrichard, perto de Blois. Diane, Marie-Bertrande e a mãe de Jean-Michel esperavam-nos. Jantámos todos e recolhemo-nos. K dormiu bem e, de manhã, ditou uma *Carta às Escolas*. Era a número onze e tratava da corrupção da mente. A cabeça começou a doer-lhe perto do final. À tarde tratou Diane; depois Jean-Michel e Marie-Bertrande levaram-nos de carro até Amboise. Passeámos pelos bosques e ao longo do Loire. À noite, K jantou num tabuleiro e vimos na televisão parte do funeral do Papa João Paulo I na Praça de São Pedro — um eco do funeral de agosto. No dia seguinte, K continuou os ditados e, à tarde, passeámos todos na Floresta de Chaumont. O tempo quente e suave dos dias seguintes permitiu almoços na esplanada, sob um guarda-sol. Ele fazia os ditados de manhã, tratava Diane e, numa das tardes, Jean-Michel e Marie-Bertrande levaram-nos a Chambord. K entrou no château para ver a escadaria. Regressámos depois para passear nos bosques.

---

**Nota**

8. **Pandits** — eruditos ou sábios hindus, tradicionalmente versados em filosofia, religião e escrituras sânscritas.

Seguiram-se mais dois dias semelhantes e agradáveis e, a 11 de outubro, depois do ditado da manhã, enquanto todos os Maroger almoçavam no jardim, K falou-lhes durante toda a tarde, explicando a sua

história inicial, as teorias teosóficas, etc. Depois houve um passeio por um belo bosque cheio dos primeiros aromas do outono.

No dia 12 de outubro, K e eu deixámos La Mahaudière — o nome da casa deles — com Jean-Michel e a mãe dele; comemos sanduíches no carro e, em Roissy, K e eu voámos para Heathrow, onde Dorothy nos recebeu. Às 18 horas já estávamos em Brockwood. Os dias seguintes foram preenchidos com os seus suaves conteúdos: cartas ditadas, conversas com estudantes, reuniões com o pessoal e passeios vespertinos. Um dia fui sozinha a Londres para ver o meu irmão e a mulher dele, Lisa. À tarde fomos ao Museu Victoria and Albert ver uma exposição que Lisa iria apresentar no seu museu, o Cooper Hewitt, em Nova Iorque, em janeiro. No dia seguinte partiriam para Paris.

A 24 de outubro, K falou sozinho com os estudantes, e Louis Blau telefonou-me para dizer que houvera um incêndio em Malibu, mas que a casa estava intacta. Disse que me enviaria documentos para assinar relativos a uma venda. Falei com Amanda, que disse que o fogo chegara a menos de cinco quilómetros da casa, e telefonei também a Elfriede.

No dia 26 fomos a Londres, onde Joe nos encontrou e levou ao Fortnum para almoçar com Mary. Levei documentos legais de Lou para serem autenticados no consulado dos Estados Unidos e regressei a pé a Bond Street quando K estava a terminar o corte de cabelo na Truefitt. Apanhámos um táxi para Waterloo e regressámos a Brockwood a tempo do jantar.

Os dias seguintes foram passados a tratar das últimas coisas e, a 31 de outubro, com Dorothy ao volante, K e eu deixámos Brockwood rumo a Heathrow e voámos pela Air India, fazendo escala durante uma hora em Roma, onde Vanda, Filomena e outros vieram à sala de trânsito encontrar-se com K antes de o voo prosseguir para a Índia.

## Capítulo Cinquenta e Três

**1 de novembro de 1978.** Aterramos em Deli por volta das quatro da manhã. Sunanda e Pama Patwardhan receberam-nos com um carro junto ao próprio avião e conduziram-nos a uma sala VIP onde K, Sunanda e eu nos sentámos enquanto Pama e o Sr. Murli Rao levavam os passaportes pela

imigração e iam buscar a bagagem. Isto demorou bastante tempo, pois uma das malas só apareceu cerca de uma hora depois. Depois subimos a um piso superior, uma espécie de hotel de trânsito para passageiros, onde havia um quarto e uma casa de banho para cada um de nós descansar enquanto esperávamos pelo voo para Benares. K queria mudar para as roupas indianas que lhe tinham trazido, e eu fiquei contente por poder tomar banho, vestir roupa lavada e deitar-me um pouco. O quarto parecia uma cela de prisão, mas Sunanda trouxera a própria roupa de cama, e, apesar da falta de sono, foi revigorante. Tinham também trazido um pequeno-almoço de piquenique, e depois seguimos para o outro voo. Frances McCann viajava no mesmo avião. Fui dormitando enquanto fazíamos aterragens turbulentas em Agra e Khajuraho, até chegarmos a Benares — agora chamada Varanasi — onde um ar quente e tropical encheu a cabine quando a porta se abriu.

Pupul, Ahalya Chari, Radha Burnier e Upasani estavam lá para receber Krishnaji. K e eu seguimos de carro para Rajghat com Pupul e Upasani. Foi então que senti novamente a Índia. Antes mesmo de os olhos verem, já se sabia: o curioso e intricado cheiro da Índia. De quê? Poeira, especiarias, fumo de lenha, fumo de fogueiras de estrume de vaca, incenso, um leve odor a óleo no ar? Tão complexo como a cozinha indiana, dir-me-ia que estava na Índia mesmo se eu fosse cega. A terra estava muito verde por causa das recentes inundações, o ar muito mais húmido e quente. As crianças, as vacas e búfalos errantes, os rostos escuros, as cores brilhantes, os buracos na estrada, quase todos os rostos voltando-se para observar o carro passar, a presença eterna da pobreza, vidas vividas contra probabilidades que provavelmente me destruiriam. Assim chegámos a Rajghat.

A escola estava de férias; o Diwali começara no dia anterior, mas havia ainda assim uma multidão para receber K. Uma rapariga jovem e tímida ofereceu-me dois ramos de flores fortemente atados. Ahalya, empenhada em compensar-me pela hospedagem de 1965, preparara dois quartos para eu escolher. Ambos ficavam na casa de K, e escolhi um no piso inferior ao dele, que só mais tarde soube ser o próprio quarto de Ahalya. Era o familiar quarto de teto alto e paredes rebocadas, chão de cimento coberto com esteiras de cheiro fresco, cama com rede mosquiteira, toucador, secretária e um armário metálico com fechadura. A casa de banho

tinha um *geyser*[9]; eu podia aquecer a minha própria água e encher um balde — um grande luxo naquele lugar. Havia também um banco onde me podia sentar enquanto me ensaboava e despejava água, que corria pelo chão até um ralo.

Pupul estava na sua própria cabana, não muito longe, e os restantes encontravam-se em várias casas de hóspedes. Parameshwaram, que cozinhava para K em toda a Índia, estava presente e, antes de me deitar nessa noite, dei-lhe a receita e os ingredientes para fazer tofu. Almoçámos tarde. K dormiu, mas eu desfiz as malas e, à hora do jantar, estava a adormecer à mesa. Disseram-me que o rio subira quase até ao topo da falésia nas inundações de setembro, mas agora o Ganges estava tranquilo, adormecido, suave, regressado aos seus antigos modos.

Na manhã seguinte ajudei Parameshwaram na sua primeira experiência a fazer tofu. Depois o Dr. Parchure trouxe a mulher para eu a conhecer — uma mulher tímida, encantadora e adorável. Conheci também a jovem diretora do Colégio Vasanta, uma Sr.ª Sehgal. As nossas refeições, preparadas e servidas por Parameshwaram, tinham lugar numa sala de jantar no piso superior da ala de K. Comíamos saladas e todo o tipo de comida muito boa, impecavelmente limpa e cuidadosamente preparada. Ele era, evidentemente, brâmane.

Ao fim da tarde, Krishnaji, com Ahalya, Upasani e eu, caminhou em volta de uma ravina recentemente cheia de água e depois até ao campo de jogos. Fez cinco voltas, mas eu regressei após três. O Dr. Parchure fez-me uma massagem aos pés, pois ambos estavam inchados devido ao longo voo e ao calor.

A 3 de novembro, K realizou uma pequena discussão em grupo. Estavam presentes Pupul, Sunanda, Pama, Ahalya, Achyut, Radha Burnier, Narayan (que acabara de chegar), Dr. Parchure, Upasani, Rajesh (um jovem simpático e inteligente), Krishnakutty, Frances McCann, a Sr.ª Parchure, alguns professores e o Sr. e a Sr.ª Deshpande. O Sr. Deshpande não conseguia ver a relevância de discutir o eu. Krishnaji atacou-o verbalmente, mas isso apenas o silenciou. K perguntou o que fizéramos todos nós com a dádiva de algo verdadeiro.

No dia seguinte fazia vinte anos desde a morte de Sam. Como a vida fora extraordinária. Eu não conseguia julgá-la nem avaliá-la de fora. Era como se não me pertencesse falar dela; acontecera sem planeamento meu. Saí cedo e fiquei a observar o nascer do Sol sobre o rio, o lento e silencioso lançar das redes pelos barcos de pesca. Havia algo curiosamente imóvel no interior. A mente parecia silenciosa, com pouco movimento, escutando, e de algum modo não era minha. O possuidor estava ausente — ou apenas se afastara?

K descansou de manhã, mas esteve à mesa do almoço. Achyut e ele tinham estado a discutir centros religiosos separados das escolas K, talvez em cidades onde houvesse livros, gravações, etc., e onde pessoas sérias pudessem ser encontradas para ir a pequenos centros de retiro.

À tarde, o Dr. Parchure veio buscar-me para irmos a pé até à casa dele, onde a mulher me serviu chá. Depois do chá, deixou-nos sozinhas a conversar. Parecia muito agradável, insegura da sua capacidade em inglês, embora o falasse bastante bem. Fiquei tocada pelo desejo dela de falar comigo.

No dia 5 de novembro, K realizou outra pequena discussão em grupo com praticamente as mesmas pessoas. Utilizou a analogia:

— «Foi-vos dado um bebé. O que fizeram com ele? Cuidaram dele? É a coisa mais importante da vossa vida?»

Pupul falou do «encobrir-se» — a pessoa tem clareza, depois tudo se torna nebuloso. K disse, em essência, que se deixava isso acontecer porque não se era sério, não se aceitara a responsabilidade do bebé; não se dera o próprio ser, a energia total a isto; isto não era a totalidade da vida da pessoa. Atingiu duramente a maioria dos presentes. Falou com grande força.

Ao almoço demorou-se à mesa, discutindo se Nagarjuna e Shankara tinham tido a perceção profunda do Buda, se o intelecto levava os santos a verem as limitações e a inutilidade do intelecto até surgir uma visão direta. Sobre o Buda, e possivelmente Nagarjuna, disse que não eram intelectuais, embora possuíssem grande intelecto. Sentia que tinham tido uma visão nascida da compaixão e que dessa visão surgira inteligência. Tinha dúvidas

em relação a Shankara. Radha Burnier, Achyut, Sunanda e Pama estavam à mesa. Radha disse que havia demasiado pouca informação clara sobre Shankara, porque todos os Shankaracharyas posteriores escreveram tanto que era difícil saber o que era original.

À tarde chegaram Amru e Nandini, vindos de Bombaim. Nandini parecia um pouco mais velha, mas os seus modos eram, como sempre, suaves, amistosos e graciosos. K estava bastante rouco durante a caminhada, fez apenas duas voltas, disse que estava cansado, regressou e começou a conversar com Nandini, mas desistiu. Mandei chamar o Dr. P., receando febre. Tinha 100 graus[10]. Parchure mobilizou tudo, passou a noite num quarto próximo, preparado para combater a febre se ela aumentasse.

No dia seguinte, a febre de K estava normal. Disse que dormira muito bem, mas que a garganta lhe doía e a voz estava rouca. Interessava-se sobretudo pela visita do alfaiate para uma prova de roupa, mas permaneceu na cama o dia inteiro e, à noite, a febre subiu para 99,8. Passeei pelo campus com Nandini, Amru e a Sr.ª Santhanam. Aproximavam-se eleições, e o país parecia fascinado pela possibilidade de a Sr.ª Gandhi ser eleita para o parlamento. Se isso acontecesse, tornar-se-ia aparentemente líder da oposição.

No dia 7 de novembro fui a Benares com Ahalya, Sunanda, Parchure, Narayan e Upasani comprar tecido para kurtas. A cidade parecia um pesadelo de pessoas, pó, sujidade, multidões, ruído e uma torrente de vida que seria destruição se eu fosse ali largada. Parecia a beira de um vulcão, observando seres mal sobrevivendo no seu interior, um carnaval horrível que não celebrava nada. Havia nuvens de poeira, lixo, todos os veículos com buzinas estridentes a gritarem uns para os outros; carroças com música ensurdecedora percorriam as ruas puxadas por cavalos minúsculos ou por seres humanos; burros carregando gravilha eram conduzidos por rapazes magros. Havia bicicletas por toda a parte. Era um suplício apenas atravessar aquilo de carro.

Parámos na sede da Sociedade Teosófica para ir buscar Radha a Shanti Kunj, onde K e a Dra. Besant tinham vivido. O jardim ali, na sua antiguidade, possuía uma exuberância e um silêncio espantosos depois das ruas terríveis. Radha, calma e limpa no seu sari branco, parecia não se

importar com o pó que entrava no carro na viagem de regresso. Tive de lavar olhos, nariz e garganta antes de continuar o dia. Mas K dormira toda a manhã e não tinha febre. Aprovou os três tecidos de algodão que eu comprara para kurtas. A Sr.ª Gandhi ganhara o seu lugar no parlamento.

---

Notas

9. **Geyser** — termo usado na Índia para designar um aquecedor de água elétrico.
10. **100 graus / 99,8** — temperaturas em graus Fahrenheit (aprox. 37,8 ºC e 37,6 ºC).

No dia 8 de novembro, K estava muito melhor, mas descansou na cama, exceto para assistir a uma reunião dos administradores da KFI, para a qual fui convidada. Expliquei a situação financeira em Ojai; também o ponto de vista das Fundações americana e inglesa de que Krishnamurti e os seus ensinamentos eram inseparáveis e de que a nossa responsabilidade era para com isso.

À tarde fui com Pupul, Nandini, Amru e Sunanda a um chá num colégio agrícola. A rapariga alemã que tentara forçar a entrada no Chalet Tannegg no verão anterior andava pelos portões. Pama ficou para a dissuadir de aparecer ali exceto nas palestras públicas. Seguimos depois por aldeias de entulho, poeira, enxames de pessoas e animais errantes, passando por camelos que pousavam lentamente as grandes patas achatadas na estrada suja. Depois, subitamente, surgiam campos verdes que eram uma onda de beleza. Estávamos na estrada que o Buda outrora percorrera até Sarnath, e pensei como a Índia devia ter sido bela então, com muito poucas pessoas e a terra na sua frescura primordial. Regressei a pé ao crepúsculo usando um par do que Krishnaji chamava *sand shoes*[11] — ténis, na minha infância.

No dia seguinte, K estava completamente restabelecido e realizou uma discussão com todos os estudantes na sala de assembleias. Esta foi precedida pelas crianças entoando cânticos enquanto K permanecia sentado de pernas cruzadas num pequeno estrado diante delas. A beleza crescente do canto e a extraordinária graça e majestade de Krishnaji trouxeram-me

lágrimas aos olhos. Há momentos em que isto é ilimitado. As crianças eram boas a falar apesar da timidez. O inglês cantado delas e as consoantes muito carregadas exigiam que K utilizasse Rajesh como intérprete.

À tarde organizou-se um passeio de barco a motor rio acima, passando pelos *ghats*[12]. Nandini e Amru vieram, tal como a Sr.ª Padma Santhanam, Frances McCann, Rajesh, Krishnakutty e a mulher, a Sr.ª Drassinower, e um Sr. e uma Sr.ª Levitton — ela incapacitada pela poliomielite e tendo de ser transportada ou empurrada numa cadeira, uma mulher muito afável, que tratava toda a gente pelo primeiro nome desde o primeiro instante. O grande e sagrado rio era castanho, e percebia-se que os esgotos da cidade desaguavam nele pouco acima do local onde os *dhobis*[13] da escola lavavam a roupa. Os banhos, a lavagem dos dentes e os mergulhos ao longo dos *ghats* deixavam-me nauseada. Corpos envolvidos em tecidos coloridos estavam alinhados ordenadamente junto aos locais de cremação, esperando a sua vez. Sete fogueiras ardiam enquanto passávamos; o ar estava pesado de fumo. Búfalos eram esfregados pelos donos, meio submersos no rio, enquanto cabras procuravam ervas invisíveis no cimento. Regressámos pelo meio do rio. Não senti mais qualquer impulso para visitar Benares.

A 10 de novembro, uma equipa da televisão indiana que filmara a discussão de Krishnamurti com as crianças (em película de 16 mm a preto e branco) filmou outra sessão de perguntas e respostas com K. Os interlocutores éramos Achyut, Pupul e eu. Eu estava lá para dar um efeito internacional. O homem responsável fizera o trabalho de casa e preparara as perguntas. Cada um de nós recebeu duas para fazer. As minhas eram: «Que lugar ocupa o conhecimento na busca do homem pela iluminação?» e «O senhor diz que o conflito surge do desejo e da escolha; eles estruturam as nossas vidas. Podemos libertar-nos disso?» À tarde filmaram uma sessão semelhante entre K e alguns estudantes. Perdi essa gravação porque, antes do almoço, o Dr. P. deu-me algo «para a alergia ao pó», que afinal era um anti-histamínico que me fez dormir como se tivesse sido atingida na cabeça. Despertei por volta das 16 horas e caminhei com K, Pama e Upasani em torno do perímetro do lugar. K estava cansado à noite e quase não jantou.

No dia seguinte, K realizou a primeira discussão pública de Rajghat na sala de assembleias. Também esta foi parcialmente filmada pela televisão

indiana. Falou sobre a desordem. Depois almoçou à mesa, mas foi rapidamente descansar, levantando-se mais tarde apenas para cumprimentar o governador de Bengala. Mais tarde, enquanto jantava no piso de cima, Nandini — que com Amru tinha comido no Vasantashram — veio a correr escadas acima dizendo que o Sr. Levitton estava furioso por lhe terem dito que ele e a mulher não poderiam ir para Rishi Valley e que entrara exigindo ver K imediatamente. Desci e falei com ele. Estava fora de si. Disse-lhe o óbvio e expliquei que a decisão de Narayan se devia às limitações físicas da escola, etc. Ele argumentou. Perguntei-lhe porque não conseguia aceitar aquilo com elegância, o que pareceu sufocá-lo de raiva, e saiu. Narayan apareceu um pouco mais tarde e explicou que dissera ao Sr. Levitton que em Rishi Valley não poderiam providenciar assistência para a enfermidade da mulher (isto é, alguém para a transportar durante a estadia de K, numa altura em que a escola estava tão ocupada, como acontecia em Rajghat), mas que seriam bem-vindos alguns dias depois, quando fosse possível dar essa ajuda. Foi depois disto, enquanto Narayan jantava, que Levitton veio até à mesa e disse:

— «Espero que tenha um derrame e tenha de aprender a viver numa cadeira de rodas.»

— «Ele amaldiçoou-me», disse Narayan num tom sereno e factual.

No dia 12 de novembro, K deu a sua palestra pública às nove da manhã, numa sala transbordando de todo o tipo de pessoas. Parecia uma audiência superficial, facilmente inclinada ao riso. Por vezes as perguntas eram feitas num inglês tão carregadamente acentuado que K não as conseguia compreender. K falou ainda sobre a desordem, sobre vê-la, e como essa visão pode trazer ordem. Um homem perguntou acerca da morte.

— «Já tentou?» perguntou K.

E repreendeu as gargalhadas, prosseguindo depois para falar sobre morrer para o eu.

Almoçou à mesa, descansou e depois falou com Ahalya, Upasani, Parchure e Rajesh sobre Rajghat. Depois do jantar, Pupul, Nandini e Sunanda recordaram K nos anos 1940, a alegria dele nesses tempos; como

Rajagopal soubera dos estranhos acontecimentos de K em Ootacamund interrogando severamente o criado e depois fazendo Pupul jurar nunca falar disso; da maldade de Rosalind para com K quando ela veio à Índia em 1956, repreendendo-o e gritando-lhe; de como o convencera de que a CID[14] abria a sua correspondência; de como falava mal dele a Pupul quando esta visitava Ojai. Pupul falou de documentos que possuía: notas de encontros entre K e Jawaharlal Nehru; com Indira Gandhi; de coisas maravilhosas que K costumava dizer em discussões e que nunca foram registadas.

No dia seguinte, 13 de novembro, K realizou na sala de assembleias uma discussão com o Rinpoche tibetano e outros três budistas; Achyut traduzia o hindi quando necessário, e Pupul, Radha, Sunanda e Deshpande participavam. O Rinpoche começou com uma pergunta tranquila, quase sussurrada, acerca do observador e do fim do pensamento. Outro budista discursou longamente em hindi, e demorou quarenta e cinco minutos até que a base da sua pergunta fosse aceite por todos. K continuava a perguntar o que realmente acontecia na vida quotidiana nas relações humanas, enquanto os budistas de língua hindi insistiam em afastar-se para teorias. Cada vez mais K enfatizava o real e descartava a teoria, a ideia. Parecia ser precisamente aí que as pessoas hesitavam, escapando para a ideia de algo em vez de enfrentarem a própria coisa.

Evelyne Blau e Michael Mendizza chegaram para filmar K na Índia.

O dia 14 de novembro foi um dia de descanso para K. O professor Krishna, da Universidade Hindu de Benares, veio com a mulher almoçar. Depois conversou com K e contou o que se passava então nas universidades, onde estudantes ameaçavam professores com facas e armas por causa das notas e quando eram apanhados a copiar nos exames. Mais tarde caminhei com K e Upasani à volta do campo de jogos.

Na manhã seguinte, Krishnaji chamou-me antes do pequeno-almoço. Tivera durante a noite a sensação de que eu estava perturbada com alguma coisa. Garanti-lhe que não estava. Às 9h30 realizou uma discussão com os estudantes na sala de assembleias, que parecia acima da compreensão deles. Uma rapariga muçulmana perguntou:

— «Senhor, o que é a religião?»

K respondeu que era aquilo que existe quando se sabe o que ela não é. Eles também tinham dificuldade com a questão da comparação e em compreender que não pode haver amor quando existe medo. Mais uma vez, K teve dificuldade em entender as perguntas deles. Talvez não fosse apenas o forte sotaque indiano, mas também alguma surdez. Falei disso ao Dr. Parchure, e ele disse que sugeriria exames auditivos quando chegássemos a Madrasta. Havia uma certa atitude crítica em relação à escola de Rajghat. K dizia frequentemente:

— «Tudo isto é demasiado difícil para vocês. Não estão habituados a isto.»

O que, naturalmente, era verdade, mas soava como crítica.

À tarde, Michael Mendizza filmou-o com as crianças mais pequenas no exterior da casa e depois numa plantação de árvores. K, Upasani, Nandini e eu caminhámos, regressámos, mudámo-nos de roupa e fomos com K e outros assistir a cânticos entoados por sacerdotes brâmanes.

---

Notas

11. **Sand shoes** — expressão antiga inglesa para sapatos leves de lona e sola de borracha; equivalente aos atuais ténis.
12. **Ghats** — escadarias de pedra que descem até ao rio, especialmente ao Ganges, usadas para banhos rituais, cremações e cerimónias religiosas.
13. **Dhobis** — lavadeiros tradicionais indianos.
14. **CID** — *Criminal Investigation Department*, departamento de investigação criminal da polícia indiana.

No dia seguinte, Nandini e eu visitámos o departamento de arte da escola e, à tarde, Michael Mendizza filmou K caminhando ao longo do caminho com o Ganges à vista. Quando terminaram, K, Nandini e eu caminhámos pela estrada periférica. Um aldeão subiu a falésia vindo do rio, viu K e prostrou-se, tocando com a cabeça nos pés dele. K ergueu-o, saudou-o silenciosamente e continuou a caminhar. Havia nos olhos do pequeno homem um olhar de espanto e emoção selvagens, como se tivesse

visto Deus. Não era adulação, como perante uma pessoa famosa. Era assombro e adoração.

À noite, Oopali, antiga estudante de Rishi Valley e agora bailarina profissional, deu um recital, e assistimos a parte dele.

Na manhã do dia 17, K falou aos professores. Eu não fui, pensando que quanto menos pessoas exteriores houvesse, melhor. À tarde, Michael filmou K caminhando com o seu grande guarda-sol do outro lado do Varuna, o pequeno curso de água que desagua no Ganges, e ao longo dos campos agrícolas. Quando isso terminou, caminhámos até à extremidade oriental das terras da KFI e regressámos passando pelo Hospital Sanjivan, onde Evelyne e eu entrámos. Um Dr. Sharma e a única enfermeira — uma mulher extremamente trabalhadora — mostraram-nos tudo. Era doloroso ver quanto fazia falta. Mais tarde, o Dr. Parchure falou-me longamente sobre o assunto e sobre a sua juventude como médico de província, vivendo com a mulher e o filho de dois anos numa cabana de colmo com lagartas venenosas nas paredes, caranguejos que o bebé tentava agarrar a correr pelo chão e serpentes a cair do teto.

No dia 18 de novembro fui com Achyut, Radha B., Pupul, Nandini e Evelyne ao Museu de Sarnath. Pupul e Nandini partiram para Bombaim antes do almoço. À tarde recebi a Sr.ª Krishni, agora reformada em Poona, para tomar chá. Recordei a sua incansável gentileza ao cuidar das refeições dos hóspedes estrangeiros em 1965. Tinha uma vontade de conversar que fazia parte da sua cordialidade. Entretanto, K recebeu a visita do marajá de Benares. Fiz algumas malas com facilidade e rapidez, pois o *dhobi*[15] trazia a roupa muito bem dobrada.

## Capítulo Cinquenta e Quatro

No dia 19 de novembro de 1978, toda a escola de Rajghat saiu para se despedir de K quando partimos para o aeroporto às 8h45. Michael Mendizza filmou a partida e Evelyne, apesar da febre do dia anterior, também estava presente. K, Achyut e eu voámos para Calcutá. Amigos de Achyut e admiradores de Krishnamurti vieram ao aeroporto com as suas famílias. Trouxeram um almoço de três pratos, servido a K, Achyut e a mim num apartamento privado do aeroporto. Mulheres, filhas e irmãs serviram-nos. Uma mulher baixa e intensa, psicoterapeuta, agarrou a

oportunidade com unhas e dentes e fez a K perguntas intensas, cujas respostas lhe deixavam o rosto crispado de perplexidade. A última foi:

— «Acredita em Deus?»

K respondeu:

— «Quem inventou Deus?»

Silêncio chocado.

Depois acrescentou:

— «Obviamente foi o homem quem inventou Deus.»

Todos ficaram como um fotograma congelado de um filme em movimento. Levaram-nos num grande carro privado até ao avião e, às 14h30, partimos para Madrasta.

Fomos recebidos por Pama e pela Sr.ª Jayalakshmi, que ofereceram a K e a mim enormes grinaldas de rosas e tuberosas, bem como colares de contas. Outras pessoas também estavam presentes, incluindo a Sr.ª Santhanam, que emprestou o seu carro com ar condicionado para nos levar a Vasanta Vihar. Madrasta estava quente e húmida, mas verde e com um aspeto mais limpo do que Benares. O ar era suave e agradável, não poeirento nem poluído. Vasanta Vihar tinha sido pintada de branco, o que lhe conferia uma beleza senhorial, em vez do amarelo manchado de 1965. Havia arbustos e plantas por toda a parte. À espera na varanda estavam Sunanda, Prema Srinivasan e a filha, e Vatsala — esta última magríssima como uma seta, com grandes olhos escuros que se desviavam quando olhavam para ela, e com movimentos e fala rápidos e tensos. Perguntou-me imediatamente se queria ir dar um passeio; assim, descemos a entrada na escuridão e caminhámos um pouco pela estrada antes de regressar.

Os quartos de Krishnaji ficavam acima dos antigos, decorados com muito encanto — uma sala de estar com almofadas azuis e brancas e um quarto para além de um pequeno alpendre. A mim deram-me os antigos quartos dele no rés do chão: uma pequena sala de estar e um grande quarto com casa de banho. Era limpo, atraente e confortável. Tomei um banho luxuoso com água quente abundante para encher o balde. Naquele calor, o

banho tornava-se quase um renascimento. Jantámos no novo edifício da sala de jantar e cozinha, antigamente uma garagem, atrás da casa principal, com K, Achyut, Sunanda, Pama e Vatsala, que ali vivera nos dez meses anteriores. Deitámo-nos cedo depois do dia de viagem.

No dia seguinte, K quis conversar com Achyut, Sunanda, Pama e comigo. Mal tínhamos começado quando o Sr. Santhanam entrou e se sentou no chão com os restantes no quarto de K. K irritou-se e quis vê-lo sair. Levantou-se, e Sunanda e eu pusemos em ordem as roupas dele para Rishi Valley. Achyut e Pama conduziram o Sr. Santhanam para a sala de estar e falaram-lhe das terras da escola dirigida pela mulher dele, mas pertencentes à KFI. Finalmente saiu, e retomámos a conversa. K sentia que as escolas tinham eclipsado a Fundação e os ensinamentos ao absorverem toda a energia e recursos. Queria mudar isso. Discutiu-se Rajghat: a possibilidade de um dia o norte se separar do sul e como evitar tal coisa. Deveria a KFI gerir o hospital, a escola rural, etc.?

Achyut expôs os argumentos favoráveis. Mais tarde, K desceu e falou comigo a sós.

— «Eles sabem do que estou a falar?»

Em Rajghat sentira vontade de «ir-se embora». Disse também que, numa noite de meditação, sentira uma força tremenda descer sobre ele.

Mais tarde voltou a falar comigo, perguntando-se se aquilo de que falava não seriam apenas palavras para as pessoas mais velhas ali presentes, especialmente Pupul. Queria mais jovens na Fundação. Depois levou Pama e eu a um passeio algo atribulado na escuridão ao longo da estrada, passando por um lugar onde ciganos cozinhavam o jantar em fogueiras ao ar livre; tudo estava novamente poeirento e sujo. Ao jantar falou da tradição. Toda a religião se baseia na tradição e, portanto, é destituída de sentido. Perguntei-lhe se era contra a tradição por ela ser algo em segunda mão, um padrão, uma fórmula, etc., ou se negava também a perceção original do primeiro mestre, como o Buda. Negava que tivesse havido verdade para eles, posteriormente corrompida em tradição pelos que ouviram, não compreenderam, mas transmitiram?

— «A verdade não pode ser dada a outro», disse ele.

Perguntei-lhe então sobre uma pessoa que lesse num dos seus livros «o observador é o observado» e instantaneamente percebesse a verdade disso — não intelectualmente, mas realmente a percebesse. A tradição não está nisso.

Achyut falou de uma conversa de anos antes em que K lhe mostrara a falsidade de algo que o atormentava, e ele o abandonara totalmente.

— «Mas tive outras cegueiras.»

K disse então que a perceção profunda numa coisa se manifesta na totalidade das coisas. Isto pareceu perturbar Sunanda.

— «Não é uma coisa de cada vez», disse K.

Perguntou:

— «O que acontece quando digo que o conflito prejudica o cérebro?»

Respondi que instantaneamente vejo isso como verdadeiro, mas que é memória e porque o experimentei. Descobre-se rapidamente que é real porque voltaria a acontecer — mas não precisei de terminar a frase porque, estando K sentado diante de mim, houve a troca não verbal que tantas vezes ocorria.

A afirmação dele de que a verdade não podia ser dada a outro era clara. A pessoa tem de a ver por si mesma, mas a verdade acerca das implicações factuais e psicológicas presentes nos seus escritos só pode ser comunicada por alguém que a tenha visto. Disse ainda que a compreensão — e, portanto, o apagamento — de um impedimento faz a pessoa ver o campo inteiro dos impedimentos, e eles deixam então de existir.

No dia 21 de novembro levantei-me às 3h15, tomei banho, vesti-me e deixei a bagagem pronta para carregar no carro da Sr.ª Santhanam. O Dr. Parchure, que chegara de comboio de Benares na noite anterior, levou as minhas malas. Sunanda, Pama e a Sr.ª Jayalakshmi levantaram-se para se despedirem de Krishnaji. Parameshwaram sentou-se à frente; Achyut, K e eu atrás; e partimos às quatro da manhã, seguindo para oeste por estradas onde camiões vindos de Bangalore transportavam produtos agrícolas, enquanto carroças de bois carregadas de feno avançavam lentamente na

direção oposta. Os olhos dos bois brilhavam na escuridão como os de gatos. À medida que amanhecia, as cabanas de lama e colmo das aldeias, embora muito pobres, não tinham a sordidez do norte. K apreciava os grandes tamarindeiros ao longo da estrada, explicando-me que os aldeões não os cortavam porque davam frutos valiosos, e cada árvore tinha dono. Surgiram campos verde-pálido de arroz e as suaves plumas malva da cana-de-açúcar. Parámos uma vez para abastecer; rapazes magros transportavam potes de água às costas para as cabanas ao longo da estrada. Alguns eram de latão brilhante, mas demasiadas vezes eram cópias de plástico. À medida que nos aproximávamos de Chittoor, a paisagem lembrava partes da Califórnia — colinas baixas e rochosas — mas aqui as monções tinham deixado água nos rios e pequenos lagos. K apontou para um santuário numa colina bastante íngreme e disse que costumava subir ali quando era rapaz, ou pelo menos era isso que lhe contavam. Em Madanapalle havia toda a azáfama de uma cidade mercantil.

— «O belo centro de Madanapalle», disse ele, rindo.

Achyut explicou-me como surgira Rishi Valley: a Sr.ª Besant tinha um colégio teosófico em Madanapalle e ofereceu-o a K, que não queria uma escola urbana; procuraram então e encontraram terras no vale perto da montanha Rishi Konda. O vale não tinha nome, mas a escolha era óbvia. O recinto da escola tornara-se verde com muitas árvores novas. Perto da casa onde K vivera corria um riacho por um canal de pedra.

A escola aguardava em frente da casa de hóspedes para o receber. Frances McCann já chegara. Narayan deu-me um quarto em frente ao de K, no mesmo piso. Era um campo fresco, limpo e tranquilo depois das cidades, e senti-me muito feliz por estar ali. Parameshwaram, com dois ajudantes, preparava as refeições na cozinha e sala de jantar junto ao meu quarto. K estava um pouco rouco quando saímos de Madrasta, e isso agravara-se ao almoço. Foi deitar-se, admitindo relutantemente que a garganta começara a doer-lhe durante o voo para Madrasta. O passeio do dia anterior no calor e no pó fora um grande erro. O Dr. Parchure chegou à tarde e disse que as cordas vocais de K estavam inflamadas. A temperatura era de 99 graus[16], mas baixou para 98,8 ao anoitecer. Mais cedo, durante a tarde, caminhei pela propriedade, conheci Indira, irmã de Narayan, e depois Narayan mostrou-me as novas casas de hóspedes.

Notas

15. **Dhobi** — lavadeiro tradicional indiano.
16. **99 graus / 98,8** — temperaturas em graus Fahrenheit (aprox. 37,2 ºC e 37,1 ºC).

No dia 22 de novembro, K já não tinha febre. Fui a uma assembleia de cânticos com Narayan, caminhei um pouco com Frances e depois regressei para desfazer a mala de roupas de K. Narayan trouxe Prasad, Indira e a Sr.ª Thomas para o almoço e, mais tarde, fomos ver um novo edifício de colmo para a escola primária. Custara apenas mil dólares e era muito bonito.

No dia 24 fui a Madanapalle com Narayan e passei diante da casa onde Krishnaji nascera. Ficava numa rua estreita de casas estreitas e esgotos a céu aberto. A casa parecia muito pequena; um alfaiate vivia e trabalhava nela. No andar de cima, um pequeno letreiro dizia: «Sadhana Tutorial School». A casa devia prolongar-se para trás, porque parecia minúscula. Era difícil imaginar aquele pequeno bebé a nascer ali há mais de oitenta e três anos. Parecia misterioso. Talvez a rua tivesse sido mais agradável naquele tempo. A pequenez de tudo fazia parecer pertencer a outra época e, evidentemente, assim era. K não demonstrou qualquer interesse quando lhe contei onde estivera.

Ao almoço, veio para a mesa com o Sr. Gandhi, um arquiteto, e Narayan. Tive a ideia de transformar a grande sala da extremidade, onde se realizavam reuniões, num belo quarto para K. Teria luz em três lados e poderia ser facilmente adaptada. O quarto atual dele era pequeno e escuro. De manhã precisava de uma lâmpada para ler. Sugeri então ampliar a sala central para incluir ambas as varandas, criando um grande espaço para reuniões. O arquiteto disse que tudo isso era perfeitamente viável. À tarde, Vasanthakumari, uma cantora que iria viver e ensinar em Rishi Valley, cantou para K. Palghat Mani Iyer, o grande tocador de *mridangam*[17], que também então vivia em Rishi Valley, estava presente.

No dia seguinte, Evelyne e Sunanda chegaram de Madrasta. Ao almoço, K insistiu fortemente na questão do que a Fundação estava realmente a fazer; interrogou-se sobre o que ele próprio fazia ali após

quarenta ou mais anos de palestras, sem haver uma única pessoa «que trabalhe verdadeiramente nisto, que transporte esta chama através da Índia». Narayan sugeriu uma ordem semelhante a uma ordem monástica. K disse:

— «Ele não tem discípulos. Não lhe chamem isso. Chamem-lhe um grupo de pessoas.»

Voltou a dizer que provavelmente ainda teria dez ou quinze anos de vida e que não queria apenas continuar a andar de um lado para o outro. Perguntou-se se ele próprio não teria sido «irresponsável» por não se ter dedicado a meia dúzia de pessoas e assegurado que possuíam realmente esta coisa. Foi como uma faca dentro de mim ouvi-lo levantar a hipótese de que pudesse ser culpa dele, depois de tudo o que derramara sobre os outros durante tantos anos. No final da conversa ficou vagamente decidido que dividiria o tempo na Índia entre Rishi Valley, Vasanta Vihar e Bombaim.

Pupul, Nandini e a filha dela, Devi Mangaldas, Achyutji, Nelly Digby e Elinor Hawksley, vindas de Brockwood, chegaram numa carrinha desde Bangalore. K foi passear com Narayan e comigo e encontrou Jayalakshmi, a irmã dela, e Narasimhan, que tinham vindo de Madrasta apenas por uma noite. Continuámos a caminhada, e K viu o novo edifício de colmo do centro rural. O Sr. Naidu, responsável pela quinta, pelas plantações, etc., juntou-se a nós e mostrou-lhe novas árvores, o que agradou a K. Mais tarde, todos exceto K jantaram na sala de jantar dos visitantes.

K esteve doente durante a noite por causa de algo que comera, e outras pessoas também. Ficou na cama. Jayalakshmi e Narasimhan tomaram o pequeno-almoço comigo e partiram depois de verem K brevemente. Ele sentiu-se melhor após repouso e uma espécie de jejum parcial e, à tarde, caminhou um pouco no exterior. Ao anoitecer parecia bem.

Scott e Pama chegaram de Madrasta, tendo conseguido retirar da alfândega o equipamento de vídeo que Frances doara à KFI e que Scott viera instalar e ensinar os outros a utilizar.

No dia 28, K realizou uma discussão com todos os professores e administradores. Depois, Achyut e eu tivemos uma longa conversa sobre problemas na KFI e, à tarde, K realizou uma reunião com todos os

administradores da KFI, para a qual fui convidada. Krishnaji perguntou se deveria tornar-se presidente da Fundação, e Pupul disse desejar demitir-se em favor dele. Declarou que em tempos se opusera a que ele fosse presidente, mas que agora apoiava isso de todo o coração. K disse que, naquele momento, era ele quem mantinha tudo unido, que não existia espírito de cooperação — porquê? Repetiu que as escolas tinham submergido os ensinamentos. Porque havia divisão na Fundação? Pupul tentou trazer a público as suas divergências com Narayan, mas fê-lo de forma tão desafiadora que ele se exaltou. Perguntaram-me como eram tratadas as divergências nos Estados Unidos e em Inglaterra, e respondi que eram discutidas e nunca se transformavam em problemas; que K era presidente tanto nos EUA como no Reino Unido porque, depois do caso KW Inc., tínhamos querido que ele tivesse o máximo poder legal possível e, para além disso, sentíamo-nos totalmente responsáveis perante ele. Ele falou de cooperação — o sentimento de cooperação devia vir primeiro e, a partir daí, tudo teria de fluir.

Na tarde de 29 de novembro, K realizou outra reunião na qual voltou a perguntar-se se não seria responsável por garantir que algumas pessoas chegassem a uma compreensão total. Falou de novo do Buda, que tivera apenas dois discípulos que realmente compreenderam, e ambos morreram antes dele. É doloroso ouvi-lo perguntar-se se seria culpa dele após sessenta anos a derramar luz sobre toda a gente.

Narayan, Nandini, Devi e eu passeámos com ele. Um pequeno rapaz da aldeia trouxe-lhe um cabrito recém-nascido, preto e branco, vacilante nas pernas. K pegou nele enquanto a mãe castanha balia protetoramente. Um som ténue de flauta vinha das rochas da colina, invisível o tocador; era como um fio subtil acompanhando o nosso passeio e, à noite, sentado a conversar com K, ainda conseguia ouvi-lo ao longe.

No dia 30 de novembro, K falou a toda a escola na sala de assembleias. Michael Mendizza filmou tudo. Os estudantes mais novos falavam sem hesitação:

— «Senhor, o que é a força de vontade?»
— «Senhor, o que é o desejo?»

Esta última pergunta veio de um rapazinho minúsculo. K falou sobre aprendizagem e comparação e fez sentar ao lado dele um rapaz e uma rapariga, ambos completamente naturais e sem autoconsciência. Um pequeno rapaz de óculos grossos era absolutamente sério e honesto. Quando K lhe perguntava se compreendia algo, ele recusava-se a responder afirmativamente antes de refletir cuidadosamente. As crianças eram maravilhosas, e K divertia-se.

— «Digam aos vossos professores: NADA DE COMPARAÇÕES!»

Scott, que gravava o som para Michael Mendizza, ria-se depois, porque K tinha um microfone escondido sob a *kurta*[18] e Scott conseguia ouvir as crianças a rodearem K e a queixarem-se dos professores que, naturalmente, faziam comparações.

À tarde, K realizou outra reunião da KFI, que se tornou tão psicologicamente densa que não levou a lado nenhum. Narayan falou de uma área de solidão que resiste a toda a consciência e, ao mesmo tempo, insistia em que nada estava errado nas suas relações. Pupul contou-me antes do pequeno-almoço sobre pesadelos e medos que a afetavam. Parecia haver uma tendência indiana para transformar tudo em abstrações, conceitos filosóficos, sem olhar para os problemas pessoais. Em muitos aspetos, pareciam incapazes de se ver a si próprios.

No passeio estavam K, Scott e, mais tarde, Sunanda e Rajesh. Encontrámos pequenas mulheres ciganas, escuras como galhos, atravessando os campos. Imediatamente começaram a pedir esmola e a tagarelar connosco. K virou os bolsos do avesso e Scott e eu fizemos o mesmo para mostrar que não tínhamos nada; elas riram e continuaram a tagarelar. Surgiu um segundo par e repetiu-se a cena, exceto que K ofereceu a uma delas o seu lenço branco impecável.

Depois do jantar, nove homens da aldeia dançaram diante da sala de jantar. Um homem alto com um chocalho deslocava-se para o centro, marcando a melodia; os outros oito dançavam em círculo, enquanto dois homens mais velhos tocavam flautas adornadas com borlas. Os restantes tinham címbalos. K veio observar e, pouco depois, os estudantes começaram a juntar-se à dança: primeiro as raparigas mais velhas, depois vagas de rapazinhos nos seus pijamas brancos, depois pessoas mais velhas,

alguns estudantes de Brockwood, depois Devi e até Nandini por alguns minutos. K ria-se, com o rosto iluminado de alegria. Incentivou Pupul a juntar-se e, num impulso de entusiasmo, ela dançou durante alguns minutos.

— «Quero dançar!» disse K.

E dançou um pouco, de pé na escuridão atrás do círculo de espectadores. Às 21 horas regressámos a pé à casa de hóspedes, e ele estava contente e cheio de diversão.

No dia 2 de dezembro, K realizou uma discussão com professores, incluindo alguns de Bangalore. Foi sobretudo sobre comparação. Perguntava-me quantos compreenderiam. À tarde houve um concerto: Palghat Mani Iyer no *mridangam*, um pequeno albino tocando um tambor em forma de queijo *camembert*, e Vasanthakumari a cantar, acompanhada por uma jovem violinista. K sentou-se ao centro, numa esteira, rodeado de estudantes jovens.

No dia 3 houve outra discussão com professores. Pareceu-me muito difícil para eles; por exemplo, quando K falava do conhecimento como «um meio de subsistência e estatuto», continuava a colocar a questão:

— «Com dez estudantes diante de si, como fará para garantir que não tenham distrações?»

E, a certa altura, perguntou-lhes como fariam para que os dez estudantes compreendessem a totalidade da existência humana. Também parecia intimidante ao rejeitar quase qualquer resposta com:

— «Não está a responder à minha pergunta.»

Ao fim de hora e meia senti-me agradecida por não ser professora. À tarde, ele, Narayan e eu visitámos o rebanho leiteiro — vacas de olhar gracioso mastigando o feno ritmicamente. Os pequenos vitelos eram timidamente amistosos.

Notas

17. **Mridangam** — tambor tradicional do sul da Índia, essencial na música carnática.
18. **Kurta** — túnica tradicional usada no sul da Ásia.

No quarto dia, ao pequeno-almoço, K falou vigorosamente sobre a formação de pequenos grupos de pessoas religiosamente comprometidas. Desvalorizou por completo a importância das escolas. Foi drástico. À tarde, com Nandini, Devi e Narayan, caminhámos cerca de seis quilómetros.

No dia cinco de dezembro, Krishnaji realizou uma segunda discussão com os estudantes. Scott Forbes tinha instalado o novo equipamento de vídeo e estava a formar três professores para operar as três câmaras e um outro para realizar a direção. Foi utilizado nesse dia pela primeira vez. K voltou a ter um pequeno rapaz chamado Sanjay sentado à sua esquerda e uma menina à sua direita. Eram crianças muito inteligentes. K perguntou o que causa o medo, e Sanjay respondeu: "Está tudo na mente, senhor." As crianças mais velhas não falaram, mas as mais novas respondiam rapidamente e escutavam de facto. No final, K pediu a todos que se sentassem em silêncio e perguntou se compreendiam por que razão o sugerira. Uma menina respondeu prontamente: "Senhor, é para aumentar a nossa energia."

No dia seis, Nandini e Devi partiram para Bombaim, Sunanda e Pama para Madras, e K realizou uma reunião para professores na qual falou de sete coisas a dar aos estudantes:

1. Proteção em liberdade
2. Um sentido do religioso e da conduta justa
3. Expectativa da mais elevada excelência
4. Amor-afeto, que é segurança

Depois acrescentou a lista do ano anterior, que era:

1. Uma perspetiva global
2. Preocupação com o ser humano
3. Sentimento religioso

Continuava a perguntar o que poderíamos fazer como grupo para proporcionar estas coisas às crianças e como alguém poderia possuir uma retidão inabalável. Assinalou que outros grupos possuem uma crença, uma autoridade que os mantém unidos e lhes dá energia, mas afirmou que a própria negação da autoridade dá energia. Narayan falou de uma fraternidade de professores, de uma ausência de medo. K perguntou-lhe como traria isso à existência. "Ao trabalhar, não o conseguirá. Tem primeiro de o possuir e depois trabalhar nisso." Pupul mencionou a compaixão como o elemento central, e Narayan disse: "Se vejo que eu sou o mundo, aí está a raiz da compaixão." K perguntou como impediriam as crianças de serem engolidas pela sociedade. "Têm um profundo sentimento religioso? Isso é uma rocha, e é a partir daí que vivem. Compaixão significa amor, inteligência, fim do sofrimento. Possuem essa inteligência? Não podem dar algo que não possuem. Têm de possuir esta qualidade de criação, de novidade; não inovação nem invenção, mas uma fonte inesgotável. Um rio sem princípio nem fim."

Krishnaji, Narayan e eu atravessámos o vale e subimos um caminho de pedra até um planalto. Já era noite quando regressámos.

No dia oito de dezembro, a senhora Jayalakshmi trouxe o violinista T. Krishnan e este, juntamente com Mani Iyer, deu um concerto. K realizou conversas com professores durante os dois dias seguintes e, a onze de dezembro, Pupul fez uma sessão gravada de perguntas e respostas com Krishnaji. Estavam presentes Ahalya, Upasani, Rajesh, Pama, Scott e eu. Já perto do fim, ele disse que devia haver: 1. nenhuma comparação, 2. os problemas devem ser resolvidos instantaneamente e 3. nenhum sofrimento. E afirmou que, se alguém perguntasse por que razão se deveria continuar a ouvir K, dir-lhe-ia para o ouvir constantemente, sempre que possível, porque "A flor é sempre nova."

À noite, realizou-se o bailado anual da escola sob a árvore banyan. K sentou-se numa esteira com as crianças. Três pequenos rapazes tocaram mrdangam[1] com ferocidade durante o intervalo.

No dia treze de dezembro, às quatro da manhã, eu estava banhada, vestida e pronta para partir com o senhor Anantaswami, que veio conduzir K, Narayan, Pupul e eu até à escola em Bangalore. Evelyne, Michael Mendizza e o doutor Parchure seguiram num carro separado. Partimos às cinco e chegámos às oito, tendo-nos sido servido o pequeno-almoço na

casa de hóspedes da Valley School pela senhora Anantaswami. Fomos para a escola às dez, onde Krishnaji falou aos estudantes, regressando depois à casa de hóspedes, onde falou aos professores. As crianças tinham menos de doze anos, mas falavam sem hesitação.

K: "Gostam da vossa escola?"
Crianças: "Sim."
K: "Têm medo dos vossos professores?"
Crianças: "Não!"
K: "O que gostariam de ter?"
Crianças: "Um internato."
K: "Não querem ir para casa ter com os vossos pais?"
Crianças: "Não! Os pais estão sempre ocupados."

Os professores eram novos naquele trabalho, mas estavam determinados a ter uma boa escola; desconfiavam da ideia de haver um diretor, mas reconheciam a necessidade de um. Enquanto estávamos na escola, Michael Mendizza fotografou K com as crianças. Depois do almoço na casa de hóspedes, houve um breve descanso e, em seguida, o senhor Hari Khoday, que tinha dado o dinheiro para a escola, e Pupul trouxeram o primeiro-ministro do estado para conhecer K. O começo foi constrangedor, pois ninguém falava, mas finalmente K começou a interrogá-lo sobre se existiam pessoas na Índia que percebessem o que estava a acontecer ao mundo e se preocupassem com isso. K falou com encanto e intensidade, e o ministro tinha inteligência suficiente para o apreciar. Depois partimos e regressámos de automóvel a Rishi Valley com o senhor Khoday, que muito gentilmente não permitiu que Evelyne nem eu pagássemos alguns sedas da sua fábrica, que visitámos e quisemos comprar.

No dia seguinte, K, com dois dos estudantes mais novos sentados ao seu lado na pequena plataforma, falou a todos os estudantes, e tudo correu muito bem. Ao almoço estavam a senhora Jayalakshmi e a sua irmã, o doutor e a senhora Parchure, Pama e Narayan. Apesar de um furúnculo no pescoço de Krishnaji, ele desceu para a plantação de coqueiros. Plantou o primeiro junto à piscina. Eu plantei um perto dele; depois conduziu um grupo até à ponte e fez com que cada pessoa plantasse uma árvore ao longo do rio. Jayalakshmi, Ahalya Chari, Upasini, Rita Zampese, o senhor Deshpande, Narayan e a sua irmã Indira, os Parchure — todos plantaram, e

a maioria teve de atravessar o riacho a vau. Apenas Pupul evitou fazê-lo, afastando-se.

Na manhã seguinte, ela partiu para Deli para ver a senhora Gandhi. O furúnculo de K causava-lhe dores. Ficou na cama, mas um doutor Krishnamurti, vindo de Madanapalle, apareceu ao almoço e, juntamente com o doutor Parchure, os dois médicos decidiram administrar um antibiótico, Doxiciclina 100 mg, que K tomou nessa noite. Estava melhor na manhã seguinte, pois o furúnculo amolecera e começara a drenar. Conseguiu sentar-se na outra sala e realizar uma discussão com professores. "Um facto nunca é um fragmento." À tarde, subi a colina atrás do campo de jogos.

No dia dezassete de dezembro, de manhã, K realizou uma discussão com professores e, à tarde, realizou outra diante da casa de hóspedes, filmada por Michael Mendizza. Os participantes eram Narayan, Prasad, Krishnakutty, Indira, a senhora Rajan e Venkatraman. Ahalya e eu arrumámos as roupas de K em baús metálicos para levar para Madras. Alguém disse que os Estados Unidos e a China tinham anunciado a abertura de relações diplomáticas. As notícias pareciam tão remotas como a lua.

No dia dezoito, K realizou uma discussão com estudantes das duas turmas superiores, tendo Narayan como única outra pessoa presente. Depois, o doutor Parchure abriu o furúnculo de K, utilizando um anestésico por congelação tão breve que ele sentiu dores consideráveis. Mas, assim que terminou e foi colocado o penso, disse que a dor desaparecera e que se sentia muito melhor. Permanecia a questão de como o tinha contraído. Passou o resto do dia na cama a ler. Eu também li toda a tarde e depois fui caminhar. O céu estava belo, com nuvens redondas e ondulantes. Um peneireiro[2] pairava imóvel sobre o arrozal, mergulhou, mas voltou a subir sem nada.

No dia dezanove, K falou à escola, eu fiz as malas e soube-se que a senhora Gandhi tinha sido presa durante quatro dias pelo parlamento e impedida de ocupar o lugar que conquistara algumas semanas antes.

## Capítulo Cinquenta e Cinco

No dia vinte de dezembro de 1978, às quatro da manhã, Krishnaji, o doutor Parchure, Parameshwaram e eu deixámos Rishi Valley no carro de

Santhanam rumo a Madras, chegando a Vasanta Vihar às oito e meia, para descobrir que todos os outros — Evelyne, Nelly Digby, Frances, etc. — que deveriam ter partido às sete e meia da manhã, tinham sido impedidos de sair devido ao perigo de motins relacionados com a prisão da senhora Gandhi. Ela era mais forte no sul do que no norte, e os seus seguidores tinham atacado comboios, redações de jornais, etc. Quatro pessoas morreram em Bangalore, onde Achyut Patwardhan, Ahalya Chari, a senhora Parchure, Upasani e Rajesh deveriam ter partido às sete e meia, mas ficaram imobilizados, conseguindo contudo chegar no dia seguinte de comboio. Rajesh contou que interrogara rapazes que causavam distúrbios em Bangalore e lhes perguntara que partido político representavam. A resposta foi: quinze rupias por dia e a garantia de que não seriam presos.

No dia vinte e dois, Dick Clarke esteve ao almoço e ofereceu a K o livro que acabara de escrever sobre os primeiros tempos. Perguntei-lhe o que quisera dizer no final quando afirmava que a Teosofia englobava Krishnamurti, as Fundações K, etc. Respondeu que a Teosofia abrangia tudo.

À tarde, as carrinhas e o carro de Rishi Valley trouxeram as pessoas que faltavam. Parecia que os problemas tinham começado em Madanapalle, quando Ulrich Bruger, Gisèle Balleys e a senhora Ridley chegaram lá de automóvel vindos de Rishi Valley para apanhar um autocarro. Uma multidão cercou o carro de forma ameaçadora. Um homem disse que não circulavam autocarros e que deviam regressar a Rishi Valley, mas outro grupo aproximou-se e tentou forçar as portas, dizendo-lhes para sair. O motorista aproximou lentamente o carro do passeio, como se fosse obedecer, e depois acelerou bruscamente, conseguindo escapar para Rishi Valley.

Depois de todos terem tomado chá, fui passear com Krishnaji e Pama, passando de carro pela entrada da TS[3] e pelos Jardins Damodar, que a KFI[4] estava a pensar arrendar, até à praia. Caminhámos então em direção ao rio, soprando um vento vindo da Baía de Bengala, mas a larga praia não estava totalmente limpa. Os pescadores viviam na praia e faziam as suas necessidades junto à rebentação, de modo que era preciso seguir por uma estrada que conduzia à ponte que outrora atravessava o rio. K caminhava vigorosamente, com um aspeto vital e indomável, passando pela TS, pela parte da praia onde esta estranha história começara e onde o jovem rapaz e

o seu irmão mais novo tinham sido notados. A estrada que seguimos contorna o terreno da TS, pois K não desejava então pôr lá os pés.

De regresso a Vasanta Vihar, Pupul tinha chegado de Bombaim após um período complicado nos aeroportos. Todos, incluindo K, jantaram em mesas instaladas numa cabana de coqueiros erguida fora da sala de jantar, no jardim traseiro.

No dia vinte e três de dezembro, houve uma reunião de administradores da KFI na qual se discutiu a possibilidade de Krishnamurti se tornar presidente em vez de Pupul. Daria a sua resposta no dia seguinte. Também se falou de um pequeno colégio em Rishi Valley. K sublinhou a necessidade de pessoas novas e de qualidade. Rajesh disse que um sentido pleno de responsabilidade parecia esmorecer, talvez devido à enormidade dos ensinamentos. K afirmou que, se percebesse a verdade dos ensinamentos, começaria de forma modesta: "Afinal, [ele próprio] demorara cinquenta anos" e "Não posso fazer nada amanhã. Se quero fazer algo, quero fazê-lo hoje. Se tivesse ouvido o Buda e a sua mente fosse demasiado vasta para mim, tomaria aquilo que compreendesse e continuaria. Ele disse: 'sem tempo'. Eu trabalharia nisso. Não sei o que ele quer dizer. Perguntar-lhe-ia. Ele diz: 'Farei isto.' Eu digo: sem tempo. Se estou zangado, termino com isso agora, não amanhã. Não deixarei que nada entre no campo do tempo. Perguntaria se compreendi isso — a palavra, o significado, a interioridade disso. Não consigo captar a imensidão [de tudo isso], mas posso começar por aí."

No dia seguinte, vinte e quatro de dezembro, Krishnaji aceitou a presidência da KFI, mas desejava que Pupul e Achyut, como vice-presidentes, atuassem como "amortecedores" relativamente a assuntos legais e outros, na sua ausência ou durante quaisquer períodos em que delegasse os seus poderes neles. Achyut hesitou porque aceitara iniciar centros religiosos por toda a Índia e, por isso, sentia que não devia assumir um cargo oficial, mas Pupul insistiu para que aceitasse mesmo assim, porque era singularmente capaz de proteger a KFI nas condições indianas daquela época. Sentia que queria realizar trabalho religioso por conta própria, para que, se cometesse erros, fossem pessoalmente seus. Pupul recusou ser vice-presidente sem ele. K disse que isso era chantagem. E perguntou quais seriam as suas próprias responsabilidades como presidente. Achyut respondeu que faria tudo o que K desejasse, e K afirmou que isso

não bastava. Achyut acabou então por aceitar. Krishnaji perguntou depois o que poderíamos fazer para tornar todas as Fundações K mais responsáveis e ativas, criativas, vivas e vivendo os ensinamentos. Perguntou se haveria demasiados membros envolvidos de forma demasiado superficial. Estava preocupado com a possibilidade de separação após a sua morte. Perguntei sobre os poderes de K como presidente e obtive concordância de que ele poderia, em qualquer momento, estivesse na Índia ou noutro lugar, sobrepor-se aos vice-presidentes. K perguntou longamente quais eram as responsabilidades dos membros da Fundação e o que faziam. "Estarei eu a derramar o meu sangue sobre uma rocha? Não vale a pena." K disse que a nossa confiança estava nos ensinamentos. "E essa confiança é a vossa vida." A nossa responsabilidade era para com os outros, manter contato não apenas verbalmente mas interiormente.

Às cinco horas, Shankar levou Evelyne, Nelly, Julie e eu ao local onde M. S. Subbulakshmi iria cantar. Tivemos de esperar na fila para entrar, e foi um momento para observar o público: uma predominância muito elevada daquilo que eu considerava rostos de brâmanes do sul da Índia — bastante finos e com uma dignidade distinta. O acontecimento era como a abertura da ópera em Nova Iorque — mulheres com os seus saris mais brilhantes, cores lustrosas, diamantes nas orelhas (e lamentavelmente no nariz). Subbulakshmi cantou maravilhosamente durante quase três horas. Assim passou a véspera de Natal.

Vinte e cinco de dezembro. Entre as oito da manhã e as oito da noite, a monção despejou mais de doze centímetros de chuva. Às nove e meia da manhã, Krishnaji realizou a primeira reunião conjunta das Fundações. Os únicos membros não indianos eram Evelyne, Nelly e eu. Falando das responsabilidades das Fundações, K disse: "A mente religiosa está sem ilusão." E mais tarde afirmou: "O sofrimento é ilusão." À tarde, Sunanda, Pupul, Pama, Nelly, Evelyne e eu tivemos uma reunião do comité de publicações. A Índia concordara que a Harper publicasse o livro *Meditations* no outono de 1979, a tempo do Natal, e o seu próprio livro, agora intitulado *Exploration into Insight*, seguir-se-ia no início de 1980.

Às cinco da tarde, quando a chuva abrandou um pouco, Lakshmi Shankar veio cantar para K. O recital realizou-se no salão e cerca de trinta de nós estavam presentes. A senhora Jayalakshmi trouxe Mani Iyer, que se sentou ao lado de Krishnamurti como uma escultura em madeira escura. A

presença combinada dos dois evocou um canto que parecia vir do fundo de um devaneio de devoção, substâncias de anseio, sofrimento, súplica. Lakshmi Shankar, sentada no salão escuro, tornou-se uma figura monumental e antiga. A sua voz parecia provir do que quer que fosse a mente e o coração indianos, uma destilação de séculos. No final, avançou, tocou com a testa no chão diante de Krishnamurti e voltou-se ligeiramente para tocar os pés de Mani Iyer: reverência a Deus e à grandeza. Assim foi esse Natal em Madras.

A chuva continuou durante a noite e todo o dia seguinte. Houve inundações. K queria ter outras pessoas na reunião das nove e meia, mas recordei-lhe que os membros da Fundação K tinham vindo de tão longe para reuniões sobre assuntos da Fundação, pelo que a reunião se realizou apenas com eles.

No dia vinte e sete houve a reunião final conjunta das Fundações. Tratou de subtilezas de interpretação e do significado de divulgar os ensinamentos. Disse que devemos falar a partir daquilo que compreendemos. Pode não ser a totalidade dos ensinamentos, mas aquilo que vimos podemos comunicar. A chuva continuou e, à tarde, terminámos a reunião de publicações.

No dia seguinte, embora a chuva persistisse, Pupul levou Evelyne, Nelly e eu aos grossistas de artesanato, onde mostraram orgulhosamente amostras dos seus belos algodões, embora quase todos estivessem indisponíveis. À tarde, fui novamente à cidade com Evelyne e Scott, que procuravam presentes. A visão das barracas na chuva era entorpecedora. Mulheres lavavam panelas nas águas imundas das ruas. Um velho mendigo diante de uma loja afastou irritadamente um homem e uma criança, querendo manter os estrangeiros (nós) como seus potenciais doadores, e um encantador de serpentes, ao ver-me à porta, ergueu a sua miserável cobra.

Nandini chegou nessa noite, e também David Shainberg e o seu filho Steven. A chuva continuava — tinham caído trinta e oito centímetros durante a semana —, mas K mostrava-se otimista de que mesmo um pouco de sol secaria tudo para a conferência de abertura no dia seguinte. Estava aborrecido com a chuva e a inatividade, e queria falar.

No dia trinta de dezembro, alguns raios de sol deram esperança pela manhã. Caminhei com Krishnaji até à entrada para observar o caminho de

acesso, onde o lago que ali se formara parecia ter diminuído, mas mais tarde a chuva recomeçou e tornou-se evidente que a conferência não poderia realizar-se no jardim, pelo que K realizou uma discussão no salão.

No último dia do ano, o sol regressou finalmente. Ao almoço estavam K, Sunanda, Nandini, eu e um doutor Ravindra, professor de física e religião na Universidade de Halifax. Durante a conversa, K disse que uma pessoa com uma visão total não poderia preocupar-se com o particular — isto é, tal pessoa nunca poderia ser cientista, artista, etc. Estaria apenas preocupada com a totalidade: ensinaria isso; nada mais.

Perguntei sobre uma pessoa de génio, como Beethoven (de quem K gostava tanto), que poderia ser um homem egocêntrico, mas nos momentos de criação o seu ego poderia estar suspenso? Isso levou a uma discussão sobre relação versus realidade. A realidade não pode tocar a verdade, portanto não existe relação, já que K definia relação como algo recíproco. Mas a verdade pode afetar a realidade.

**Capítulo Cinquenta e Seis**

No primeiro de janeiro de 1979, Krishnaji desceu para me desejar um Feliz Ano Novo. Colheu uma pequena flor branca da trepadeira da varanda e ofereceu-ma. Têm um perfume intenso e doce. Foi mais um dia claro, ensolarado e tranquilo, enquanto K descansava até à sua conferência no jardim às cinco da tarde, a segunda em Madras.

Na manhã seguinte, realizou uma discussão no salão com um pequeno grupo sentado em círculo enquanto um grupo maior permanecia como observador. O tema era "O que é uma vida religiosa?" e participaram na discussão com K Achyut, Pupul, Sunanda, David Shainberg, Evelyne Blau, Nelly Digby, Narayan, Rajesh, Krishnakutty e eu.

À tarde, fui com Pupul e Nandini tomar chá em casa da senhora Jayalakshmi. Embora morasse apenas ao virar da esquina, veio buscar-nos de automóvel de forma bastante formal. Havia duas casas, uma para o filho e a nora, e outra para ela própria. As duas casas eram separadas por um bonito jardim de arbustos floridos e estátuas de pedra de Nandi[5], o deus-touro. Parameshwaram estava lá para servir. "Ele pertence-me", disse a senhora Jayalakshmi. Aparentemente, ela empregara-o primeiro, e sentia-se que cada um desempenhava um papel correto e agradável na vida do outro. Parecia também existir alguma barreira entre Jayalakshmi, Pupul e

Nandini, e eu, sem querer, provocara este encontro para chá ao perguntar se poderia visitá-la e levar Nandini comigo. A meu pedido, mostrou-nos com certa formalidade fotografias de Krishnaji, o que levou a admirarmos a sua coleção de estátuas de bronze e pedra; mas aquilo que verdadeiramente quebrou o gelo foi pedirmos para ver a sua coleção de saris. Trouxe magníficos saris de seda pesada de Kancheepuram. Tanto Pupul como ela conheciam até os próprios tecelões de alguns deles; percebeu que o conhecimento de Pupul igualava o seu, e o rosto iluminou-se-lhe ao falar sobre eles. Éramos um público adequado. Falei de um sari que ela usara na semana anterior, uma beleza azul-escura com painéis turquesa, e ela trouxe-o e ofereceu-mo. Era esplendidamente belo e, com a ajuda de Nandini, usei-o nessa noite.

---

**Notas**

1. **Mrdangam** — instrumento de percussão clássico do sul da Índia, semelhante a um tambor de duas faces, muito utilizado na música carnática.

2. **Peneireiro** — pequena ave de rapina conhecida por pairar no ar enquanto caça.

3. **TS** — abreviatura de *Theosophical Society* (Sociedade Teosófica).

4. **KFI** — *Krishnamurti Foundation India*.

5. **Nandi** — touro sagrado associado ao deus Shiva na tradição hindu.

Nandini ajudou-me a vesti-lo e depois subimos para a inspeção de Krishnaji.

Ele observou-me de forma muito crítica, caminhou à minha volta e depois disse: “Excelente. Pode usar saris.” Relaxei com a sensação de estar a usar algo belo e, por isso, senti-me à vontade; os olhos críticos das senhoras disseram-me que eu estava bem, pelo que abandonei as minhas afirmações de que as mulheres ocidentais pareciam mascaradas com um sari, e fui assim vestida jantar a casa de Prema Srinivasan. Todos foram, exceto K. A casa dela poderia ter estado em Beverly Hills, mas refletia o

seu gosto e cuidado. Havia flores e sândalo, uma mulher cantou antes do jantar e jantámos em mesas numa esplanada. A comida era requintada e deliciosa.

O dia três de janeiro trouxe outra discussão com K e o pequeno grupo, enquanto o grupo maior escutava. Ao almoço estavam K, David Shainberg, o professor Ravi Ravindra, Nandini, Pama e eu. Às cinco da tarde, Nandini, Sunanda, Pupul e eu fomos a casa de Prema para ver outra apresentação de saris. Esta consistia em amostras que ela estava a reunir para uma mostra em Bombaim em outubro. Encomendei um muito bonito, e Sunanda ofereceu-me um de algodão creme que tinha da venda anterior.

No dia quatro de janeiro, houve continuação das discussões anteriores, com o tema persistente de "O que é uma vida religiosa?", mas um professor da Universidade de Madras atrasou o ritmo com perguntas sobre técnica. Durante a discussão, Evelyne recebeu um telefonema a informar que a sua irmã morrera subitamente de ataque cardíaco. Ficou profundamente perturbada. O marido insistiu para que regressasse imediatamente de avião, mas ela hesitou, querendo concluir o trabalho cinematográfico sobre K que viera realizar. Arranjei-lhe maneira de telefonar a partir do quarto de Sunanda. K entrou comigo, dizendo-me: "Fique presente quando eu a vir." Falou-lhe segurando-lhe a mão entre as suas duas mãos. Ela não veio ao almoço, mas decidiu concluir ali o seu trabalho e só depois regressar a casa.

À tarde, fomos ver uma extensão de praia a sul de Madras, onde existia terreno para construir uma ampliação da escola da KFI[1]. Era uma vasta extensão plana de areia, sem árvores nem vegetação, e demasiado distante para levar crianças. K não gostou minimamente do local. Regressámos passando pelos Jardins Damodar da TS[2], que estavam à venda, e K mostrou grande interesse por eles. Evelyne juntou-se a nós ao jantar.

No dia seguinte, enquanto K passou o dia a descansar, alguns de nós fomos a Kancheepuram. Eu estava com Nandini, Prema e Scott. Prema era muito esclarecedora em termos históricos e organizara o dia. Visitámos o grande templo, vendo primeiro o elefante do templo. Estava preso com correntes nas patas; atirámos-lhe um grande cacho de bananas, que comeu como se fosse apenas uma, e pareceu sentir a nossa compaixão, levantando

uma pata ferida. Tive um primeiro vislumbre dos sacerdotes brâmanes — cabeças rapadas deixando apenas uma trança ou coque atrás, brinco na orelha direita, evidentemente o cordão sagrado, dhotis complicados envolvendo-os, e depois um grande V de cinza branca com uma linha vermelha vertical nas testas, peitos e braços superiores. À luz de um papel embebido em óleo, que iluminava a estátua de uma divindade num santuário escuro, mostraram-nos o interior; depois o sacerdote principal colocou nas nossas mãos em concha água com açafrão e cânfora para tocarmos com os lábios e derramarmos o restante sobre a cabeça; uma coroa circular foi encostada à cabeça de cada um, e algumas folhas colocadas em cada mão — tudo isto como bênção. Prema organizara uma apresentação das joias do templo, que foram trazidas em baús e retiradas para que as víssemos, embora sem lhes tocar. Havia uma coroa de ouro para o deus, incrustada de diamantes não lapidados e uma enorme esmeralda; coroas menores para deusas; alguns colares longos; e — a peça mais requintada — uma pequena mão de ouro com a palma incrustada de diamantes. Todas estas joias só eram exibidas em determinados festivais, quando adornavam as estátuas das divindades.

Depois fomos a outro templo com um grande e magnífico Nandi[3] diante dele. Nos pátios interiores havia nichos com baixos-relevos de Shiva e Parvati, muitos representando Shiva a dançar, com um sorriso no rosto, a perna direita erguida junto à orelha e uma Parvati tímida ajoelhada ao lado dele. Esta era a dança de Shiva quando venceu a esposa na dança. Tudo o que ele fazia, ela fazia também, até que finalmente ele ganhou levantando a perna completamente. Ela era demasiado recatada para o fazer. Noutro nicho encantador, havia um Nandi a dançar ao lado de Shiva, todos sorridentes.

Depois fomos a uma loja de saris procurar os famosos saris pesados de seda de Kancheepuram, típicos do sul da Índia. Comprei um para a senhora Parchure, outro para Evelyne, que não tinha vindo, e um verde e vermelho para mim. Depois, de forma espantosa, serviram-nos almoço numa sala dos fundos, trazido por Prema. Almoço para catorze pessoas! E até água, sabão e toalhas para lavarmos as mãos.

Depois fomos visitar os tecelões onde estes saris eram feitos, e Pupul foi recebida como uma imperatriz. Conhecia-os a todos desde os tempos

em que trabalhava no artesanato. Chamaram o melhor tecelão de todos, agora reformado, e ele veio rapidamente cumprimentá-la e ser cumprimentado. Mostraram-nos os artigos atuais, e Pupul observou que o nível decaíra desde que ela deixara de estar envolvida. Restavam três saris dos seus desenhos; Nandini comprou dois e eu comprei um para oferecer a Sunanda. Regressámos a Vasanta Vihar, e K veio inspecionar os despojos com interesse e aprovação. Vatsalaji (senhora Parchure) era muito tímida, mas pareceu-me satisfeita com o seu sari. Evelyne também parecia satisfeita com o dela — um vermelho muito tradicional — e usou-o no jantar em casa dos Santhanam, onde todos nós, exceto K, jantámos. Eu usei um sari cinzento estampado, que Nandini trouxera e me ajudou a vestir.

Seis de janeiro. Como parecia ter embarcado no uso de saris, fiquei contente por ir à cidade com Prema tratar da confeção de blusas e saiotes adicionais. À tarde, consegui vestir sozinha um sari de algodão, o que divertiu K quando apareci diante dele, mas aprovou. Às cinco, realizou a sua terceira conferência, que para mim foi extraordinária, parecendo envolver a mente e dissolvê-la. Senti-me silenciosa e sem corpo depois.

No dia seguinte, Ooma, irmã de Narayan, e o marido, Ramaswamy, estavam ao almoço. Ela era tímida, sorria lentamente quando alguém lhe falava, mas depois recolhia-se numa melancolia silenciosa. K provocava-a e tentava persuadi-la a deixar um bom lugar de professora na Universidade de Deli para vir com o marido fundar um colégio em Rishi Valley. Mostrava-se arrebatador no entusiasmo e ignorava todos os problemas práticos envolvidos. Às cinco, realizou a sua quarta conferência sobre "A ordem é sequência no espaço." Tinha problemas de tosse. O doutor Parchure trouxe-lhe água e colocou-a no estrado, mas K não a viu até Kathy a empurrar para a frente. A conferência foi tremenda. Falou do medo, do pensamento, dos fundamentos da ordem.

No dia oito de janeiro, a senhora Gandhi veio a Madras ver Krishnamurti. Chegou com Pupul às 10h45 e passou uma hora com ele. Descansou depois no quarto de Pupul e, antes do almoço, encontrou no salão aqueles que ali iam almoçar — Evelyne, Nelly, Frances, Scott, etc. Depois Pupul levou-a para a sala de jantar do andar de cima e deixou-a comigo enquanto ia falar com K. Perguntei-lhe sobre a recente prisão onde estivera durante uma semana e como tinha sido. Respondeu prontamente:

tratava-se de uma cela para seis pessoas, mas estivera sozinha. As camas eram plataformas de pedra elevadas. A sua não tinha colchão, apenas uma colcha para se deitar e outra para se cobrir. "Estou habituada a uma cama dura, por isso não houve problema." A comida vinha-lhe de casa, permitiam-lhe jornais, e levara livros. As grades nas janelas incomodavam-na, o que era algo surpreendente, pois a maioria das casas na Índia parecia ter janelas gradeadas. Tinha pendurado mantas sobre as da sua cela. Era a cela onde ela própria colocara George Fernandes. No dia de Natal, pensando que a rapariga australiana da cela ao lado pudesse ser cristã, convidou-a para almoçar. A rapariga revelou-se convertida ao islão e estava presa por tráfico de droga.

Krishnaji, a senhora Gandhi, Pupul e eu almoçámos juntos. K esforçou-se por ser anfitrião, entretendo-a e contando algumas das suas melhores histórias engraçadas. Ela escutava sem expressão até ao remate da piada, altura em que sorria. Era como se mal escutasse até surgir o sinal para sorrir. K contava estas histórias com tanto encanto e prazer que era sempre divertido ouvi-lo, mas na senhora Gandhi não havia qualquer descontração. Era uma mulher pequena, muito contida, usava um sari preto e branco — não do gosto de Pupul, mas asseado — e tinha pés bonitos com unhas cuidadas. Hesitou em tirar as sandálias à porta da sala de jantar e seguiu o exemplo de Pupul. Depois do almoço, partiu no seu carro acompanhada por um guarda-costas enorme e de aspeto ameaçador.

Reapareceu pouco depois das cinco no grande salão, quando M. S. Subbulakshmi já começara a cantar. Pupul foi sentar-se junto dela. Escutou sem expressão. Sentia-se nela uma mulher em quem havia pouco prazer ou afeto. Cerca de quarenta minutos depois, saiu discretamente, e K levantou-se para a acompanhar ao carro. De manhã, passara uma hora com ele e K disse que, desse tempo, tinham falado apenas cerca de dez minutos. O resto fora passado em silêncio. Fiquei com a impressão de que, se abandonasse a política, nada lhe restaria, sem recursos interiores. O concerto foi excelente, mas demasiado longo.

No dia dez de janeiro, Pupul partiu para Bombaim. Fui com Nelly Digby ao museu de Madras ver bronzes e esculturas em madeira, de que gostei muito. Nelly tinha tendência para estremecer com críticas, mas em parte parecia apreciá-lo. Parámos para trocar cheques de viagem, o que

demorou muito tempo. Entre o calor e o tempo em pé, a minha perna doía-me. K descansou nesse dia, e Scott partiu para Brockwood. Em breve começaríamos todos a deslocar-nos para oeste.

O dia doze de janeiro trouxe outra expedição; Sunanda, Prema, Nelly e eu fomos no carro de Prema até Mahabalipuram. Pelo caminho parámos para observar um grande hotel chamado Fishermen's Cove numa bela extensão de praia. Havia templos junto ao mar. Passeámos por ali e depois, sentados à sombra de uma enorme rocha, tomámos um pequeno-almoço de piquenique preparado por Prema. Fazia tudo com tanto cuidado e entusiasmo. Também vimos a longa escultura em rocha do Senhor Krishna sustentando uma montanha contra uma tempestade, e uma bela escultura de uma vaca a ser ordenhada enquanto lambia o pequeno vitelo aconchegado junto dela. Havia ainda outras esculturas de deuses, homens praticando austeridades difíceis e um Nandi a imitá-los. Regressámos com ar condicionado no carro, parámos na casa de praia de Prema para beber água de coco e chegámos a Vasanta Vihar a tempo do almoço. Evelyne partiu à tarde para Los Angeles e, às cinco, houve um concerto de Palghat Mani Iyer e do professor Ramanathan, que cantou muito bem e me disse ensinar em Wesleyan.

No dia seguinte, houve uma discussão ao pequeno-almoço entre K, Achyut, Sunanda, Radha e eu sobre o que Krishnamurti queria dizer com "não registar". Perguntei-lhe se queria dizer não recordar. Respondeu que, no insight[4], não existe registo. Perguntei-lhe sobre o seu *Notebook*, em que descrevia acontecimentos ocorridos anteriormente. Disse que não fora escrito usando memória. As palavras aconteciam no momento da escrita.

Antes da quinta conferência de K em Madras, Narayan falou sobre as escolas, e eu fiz um apelo a donativos, explicando um pouco sobre as Fundações Krishnamurti inglesa e americana. K realizou uma conferência profundamente comovente sobre a vida religiosa.

No dia catorze de janeiro, Krishnaji chamou-me, Achyut e Sunanda para falar sobre a TS e os Jardins Damodar, que queria adquirir para ampliar The School KFI. Radha Burnier dissera a Achyut que a TS poderia querer dois dos seus membros no conselho, e K quis saber o que eu pensava. Respondi que, falando por mim e talvez por pessoas como Erna e

Theo Lilliefelt, a presença de um membro da TS no conselho de uma Fundação K poderia parecer um esbatimento da sua rutura com a TS. Mostrou-se impaciente com o que eu disse. Mantive a minha posição e referi a sua afirmação de que não teria permitido a Rajagopal editar os seus livros se soubesse que ele continuava membro da TS. K queria aquele terreno e disse que eu estava a ser estúpida. Respondi que talvez fosse, mas ele perguntara-me o que eu pensava e por isso lho dissera. Achyut tentou minimizar a importância da questão, procurando tornar aceitáveis as exigências deles. Disse que Radha, pelas suas qualidades pessoais, fora aceite apesar de pertencer à TS, mas isso deixava ressentimentos em alguns. Finalmente K perguntou: "Sente-o?", querendo dizer algo mais em ação. Respondi que não possuía a sua perceção e que a decisão era claramente dele, mas ele não aceitou isso, dizendo: "É a sua responsabilidade." Respondi que ele tentava forçar-me a dizer algo que eu não sentia. Ou o dizia ou permanecia calada. Finalmente fomos interrompidos e assim terminou, mas mais tarde contou-me que sentira "uma presença" na sala enquanto falávamos, que se devia permanecer aberto a "algo" em ação. "A TS destinava-se a ajudar o trabalho do Instrutor do Mundo[5]; talvez isto fosse uma abertura."

Ao almoço estavam K, o senhor e a senhora John Coates, Joy Mills, Radha Burnier, Achyut e eu. Só no final do almoço Krishnamurti mencionou o interesse em adquirir algum terreno. John Coats e Joy Mills disseram achar que era uma boa ideia. Ficou combinado que alguns de nós visitariam terrenos no dia seguinte. Ao sair, Joy Mills perguntou a K, com certa afetação, se gostaria de viver nos seus antigos aposentos na TS. Ele pareceu surpreendido e ligeiramente desconfiado.

Às cinco da tarde realizou a sua sexta e última conferência daquela série, longa e profunda, sobre muitos assuntos. A sua voz era grave e parecia vir de longe. Colocou nela uma energia tremenda e, no final, permaneceu sentado em silêncio enquanto a grande multidão parecia não respirar. Quando se dirigiu para a casa, as pessoas avançaram como uma maré em redor dele, tocando-lhe em adoração. Subiu sozinho, e algum impulso levou-me a segui-lo. Estava parado no escuro e abraçou-me quando me aproximei. Senti que ia desmaiar, e deixou-se cair no chão. "Não me toque agora." Sentei-me perto dele e, em poucos segundos, desmaiou lentamente na minha direção. Ficou ali deitado vários minutos,

depois recuperou e disse que estava bem; entrou na casa de banho, lavou-se, trocou o dhoti[6] pelo pijama e disse que queria caminhar. A multidão já se dispersara, e ele saiu para caminhar com a senhora Jayalakshmi. Ao jantar, comeu com todos como de costume e ficou demasiado tempo a conversar com as pessoas da escola de Bangalore — Kabir, Anantaswami e mais outra pessoa.

Ao pequeno-almoço da manhã seguinte estavam K, Nelly, Radha, Achyut, Pama e eu. Houve discussão sobre significados sânscritos, doutrina budista, etc. Às dez horas, Achyut, Pama, Sunanda e eu encontrámo-nos com Radha Burnier e John Coats e fomos ver os Jardins Damodar e depois os Jardins Besant como possíveis locais para escolas. Concluí que a TS precisava de dinheiro e gostaria de vender. O preço então era de dois lakhs[7] por acre, o que seria proibitivo. Os Jardins Damodar tinham treze acres e casas adequadas, mas existia um plano municipal para alargar uma estrada, o que arruinaria o local. Os Jardins Besant eram maiores — cerca de quarenta a cinquenta acres utilizáveis — mas tive a sensação de que as exigências deles seriam duras. Durante tudo isto, K encontrava-se com alguns estudantes. Precisava de descansar, mas não o fazia. Houve um almoço tranquilo.

No dia dezasseis de janeiro, ao pequeno-almoço estavam K, Radha, Sunanda, Pama e eu. Iniciou-se uma discussão sobre reencarnação: existe a corrente onde estão o pensamento, o apego, etc. O pensamento é um processo material. Quando o corpo morre, se o apego não foi compreendido e terminado, esse apego, esse pensamento, continua como parte da corrente. Pode manifestar-se noutro, mas não é a reencarnação de uma pessoa total — do ego. O ego é uma ilusão. O desejo de reencarnação, o querer outra oportunidade, faz parte do apego, do pensamento, da corrente. Karma, causa e efeito, torna-se sem sentido se se compreender isto.

Ao almoço estava um homem do jornal *Indian Express* chamado Goenka. Quando a senhora Gandhi veio a Madras, disse que viera ver Krishnamurti, e isso foi publicado, pelo que as pessoas perguntavam o que ele lhe dissera. Goenka perguntou a K, mas este sorriu e abanou a cabeça.

Mais tarde, às seis da tarde, Sunanda e eu fomos a um bailado de Kalakshetra. Rukmini Arundale, de rosto duro e aspeto inchado, movia-se

pesadamente num sari laranja, parecendo-se um pouco com Marlon Brando em *O Padrinho*. Não correspondeu ao gesto de *namastê*[8] de Sunanda. Não esperava qualquer reconhecimento da parte dela por ter vindo tomar chá à cabana de colmo em Huizen em 1967, mas observou-nos enquanto aguardávamos o início do espetáculo. Saímos após um ato, pois tínhamos jantar em casa de Prema. Krishnaji estava lá, assim como os Parchure e os filhos de Prema. Conhecemos também o marido dela, que era algo inválido.

No dia seguinte, o senhor e a senhora Rex Henry vieram ao pequeno-almoço. Depois apareceram Amru, depois Sivakamu e o irmão, Yadnya, para cumprimentar K. Sunanda e eu fomos com Padma Santhanam visitar The School KFI. Era um edifício agradável, com paredes de reboco até meia altura, depois lados em treliça e teto de folhas de palmeira colmadas. As crianças tinham entre dois anos e meio e dez anos. Cantaram, dançaram e representaram uma pequena peça — crianças encantadoras. Um rapazinho de enormes olhos negros era tão belo como qualquer criança que eu já vira. Uma pequena francesa, olhando sozinha para imagens sem compreender inglês, emocionou-me quando lhe falei em francês e veio sentar-se junto de mim enquanto as outras crianças dançavam. Padma Santhanam era responsável por esta escola e realizava um excelente trabalho. Ela e o marido almoçaram connosco em Vasanta Vihar.

Às quatro da tarde fui tomar chá com o senhor e a senhora Rex Henry no Bungalow Olcott da TS. Sentámo-nos numa varanda e Dick Clarke juntou-se a nós. Mostrou-se mais do que disposto a descrever uma reunião da ES[9] (*Esoteric Section*) quando disse que nada sabia sobre isso. Contou que se reuniam semanalmente, apenas membros, e tinham de ser pontuais às oito da manhã, dar uma palavra-passe para entrar, assinar um livro de presenças e depois, virados para "os Retratos" (dos Mestres), recitar em conjunto uma espécie de saudação, sentar-se e ouvir a pessoa que dirigia a reunião (Radha Burnier) falar durante quarenta e cinco minutos, após o que havia algum tipo de juramento e a reunião terminava pontualmente. Disse que ela falava sobre temas como provação e Mestres, e que uma vez lhe perguntara como conciliava essas coisas com o interesse em Krishnamurti, mas obtivera uma resposta inconclusiva.

No dia seguinte, dezoito de janeiro, Radha veio ao pequeno-almoço e a conversa virou-se para George Arundale e a sua mulher, Rukmini. Radha

descreveu a negligência de Rukmini para com ele quando estava doente e a morrer. Embora diabético, davam-lhe açúcar por indicação de um médico charlatão. Rukmini costumava andar com os músicos nos tempos em que ainda dançava. Arundale acompanhava-a por vezes em digressões, e a jovem Radha era levada para preencher o programa de dança quando Rukmini começava a ficar demasiado pesada. Nesses períodos, era Radha quem tentava ajudar Arundale quando ele adoecia. Nos últimos dias de vida, ele disse a Rukmini: "És uma mulher dura." Assim decorreu o relato de toda esta antiga história. K disse que gostaria de perguntar à única pessoa sobrevivente "que conheceu o rapaz" o que acontecera quando ele foi descoberto, referindo-se, evidentemente, a Dick Clarke, pelo que ficou combinado que Jayalakshmi o convidaria para almoçar.

---

Notas

1. **KFI** — *Krishnamurti Foundation India*.
2. **TS** — *Theosophical Society* (Sociedade Teosófica).
3. **Nandi** — touro sagrado associado ao deus Shiva na tradição hindu.
4. **Insight** — termo frequentemente usado por Krishnamurti para designar uma perceção imediata e direta da verdade, sem mediação do pensamento analítico.
5. **Instrutor do Mundo** (*World Teacher*) — figura messiânica aguardada pela Sociedade Teosófica, papel inicialmente atribuído a Krishnamurti na juventude.
6. **Dhoti** — peça tradicional de vestuário masculino indiano, constituída por um pano comprido enrolado à cintura e pernas.
7. **Lakh** — unidade do sistema numérico indiano correspondente a cem mil.
8. **Namastê** — saudação tradicional indiana feita juntando as palmas das mãos diante do peito.
9. **ES (Esoteric Section)** — secção esotérica da Sociedade Teosófica, reservada a membros iniciados.

Estava um dia muito quente e um pouco mais fresco em casa de Jayalakshmi quando lá fomos às 12h30. K usava um dhoti[1] e tinha um

aspeto resplandecente. Estavam presentes o senhor e a senhora Rex Henry, o senhor e a senhora John Coats, Dick Clarke, o senhor e a senhora Santhanam, Sunanda, Pama e eu. Houve inicialmente canto por um homem de Kalakshetra acompanhado por flauta, mrdangam[2] e tambura[3]. Durante isso, chegaram Subbulakshmi, o marido, Sudarshan, a sobrinha, Radha, e a pequena filha desta última, que tinha deficiência mental, para ouvir. A criança rastejou até mim e sentou-se meio ao meu colo, os pequenos olhos vazios levantados para mim.

Depois do canto, nove sacerdotes brâmanes entoaram cânticos. Usavam dhotis enrolados em pregas, tinham as cabeças rapadas, marcas de Vishnu[4] na testa e nos braços, brincos numa orelha, anéis nas mãos, etc. Pareciam um pouco iroqueses. Os cânticos prosseguiram incessantemente. A certa altura pensei que tinham ultrapassado o ponto de parar e continuariam todo o dia, mas algum tipo de sinal elevado foi dado e o ritmo desacelerou até um "OM" e terminou. K distribuiu as recompensas como diplomas: a cada um um dhoti, uma banana, certas folhas tradicionais e uma nota de dinheiro. Todos puxaram pelo dinheiro. De algum modo, pareceu um negócio. Apesar do aspeto extraordinário, todos poderiam igualmente ter vindo vender seguros. Olhavam em redor, coçavam-se enquanto entoavam os cânticos, tudo era automático, e partiram.

A família de Subbulakshmi foi embora, e o resto de nós sentou-se para uma das sumptuosas refeições de Jayalakshmi. Contei mais de dezanove pratos diferentes, sem incluir doces nem bebidas. Já perto do fim do almoço, Krishnaji começou a perguntar a Dick Clarke como tinha sido quando o encontraram. Clarke parecia recordar tudo claramente. K insistia com perguntas, segurando a mão esquerda de Clarke e enumerando as perguntas nos dedos dele. Sunanda registou toda a conversa em taquigrafia, e ela prolongou-se até às cinco horas. Os Coats escutavam fascinados, mas ele e Radha tiveram de sair a meio para uma reunião da TS[5]. K parecia sentir que aquilo que "o rapaz" era, e aquilo que se passava na sua mente, lhe escapava, pois continuava a fazer perguntas. Mas, para mim, havia uma linha verdadeira em tudo isto: a criança sonhadora que, quando castigada pelo miserável professor da escola, ficava na varanda até lhe dizerem para sair, e que muitas vezes tinha de ser levada para casa pelo irmão mais novo, era o rapaz gentil e obediente que respondia aos mais velhos: "Como quiserem" quando lhe pediam algo. Era educado e conformado, mas não

verdadeiramente tocado pelo mundo deles. Aprendeu coisas exteriores — maneiras, fala, testemunhou os acontecimentos da TS —, mas tudo isso deixou pouca marca; ele estava noutro lugar. Recorda vagamente ficar horas junto ao rio, olhando-o fixamente, vazio. Esse vazio pode ter sido uma espécie de "alteridade" que o protegeu e permitiu que aquilo em que se tornou crescesse e amadurecesse muito lentamente. Protegeu-o de grande parte da fealdade da vida posterior, das brutalidades dos Rajagopal. Está presente ainda hoje quando ele "se ausenta", como quando ficou sentado quatro horas na cadeira do dentista Hamish Thompson sem um pensamento. A sua realidade, o seu lugar natural, está noutro sítio.

Disse-lhe tudo isto mais tarde e também ao jantar, quando todos falámos um pouco sobre o assunto. Sobre os tempos dos Rajagopal, ele disse que por vezes fora fisicamente espancado, mas não resistira à violência deles, tal como não resistira ao ignorante professor da escola quando criança. Nada disso deixara cicatrizes, nem as crenças teosóficas condicionaram a sua mente.

Mais tarde, ao regressarmos de casa de Jayalakshmi, caminhámos perto da praia — K, Sunanda, Pama, Vatsala, que vai ensinar em Rishi Valley, e eu.

O dia dezanove de janeiro foi muito quente. Fiz as malas. Falei com K e sugeri que, embora ele não falasse de forma definitiva sobre o que lhe acontecera em criança e sobre o conceito dos Mestres[6], se não fizer alguma declaração agora, aquilo que supostamente escreveu em rapaz (relatando iniciações, visitas aos Mestres, etc.) permanecerá como o seu testemunho. Perguntei se lhe poderia ler essas palavras e deixá-lo ponderar se desejava comentá-las. Pensou apenas um instante e depois disse: "Está bem. Recorde-me disto tudo quando chegarmos a Ojai, e farei uma declaração."

No dia seguinte levantámo-nos às quatro da manhã, vestidos e prontos para partir às 5h15. Sunanda viria na semana seguinte, mas K, Pama e eu despedimo-nos de Parameshwaram e de todo o pessoal e partimos para o aeroporto. No dia anterior, eu dera a Parameshwaram um dhoti e setecentas rupias, e ele pareceu satisfeito, falando do que compraria para o filho, Mani. Ganesh, que limpava o meu quarto, tocou-me nos pés em despedida. Nataraj já seguira à frente com a bagagem e os bilhetes, por isso, quando

chegámos ao aeroporto, restavam apenas as despedidas. Jayalakshmi tinha mais contas para Krishnaji e para mim. Senti um renovado sentido de amizade para com ela. Os Henry estavam presentes, assim como várias outras pessoas. Embarcámos, aguardámos um pouco até o nevoeiro dissipar e depois levantámos voo. O comandante convidou K — e eu, por estar com ele — a ir à cabine. A vista dali era luminosa. A complexidade dos instrumentos de controlo de um Boeing 707 ultrapassava-me.

Aterramos em Bombaim e numa frescura maravilhosa, revitalizante. Para o receber estavam Nandini, Pupul e outros, e Asit Chandmal, em cujo apartamento iríamos ficar. Asit conduziu-nos até à cidade, que parecia parte do Ocidente, com edifícios de vinte andares e trânsito correspondente. Asit, a mulher Minakshi e a filha Clea, que então estudava em Rishi Valley, viviam num apartamento muito moderno no sexto andar e tinham-no gentilmente cedido a Krishnaji durante a sua estadia em Bombaim. Ele tinha um quarto, eu o outro. Os criados da mãe de Nandini e Pupul, que cozinhavam para K há anos, estavam lá — Vimabhai, uma mulher magra, muito idosa e sorridente, e um homem igualmente idoso e desdentado — e havia também a criada dos Chandmal. Era muito confortável e havia ainda o luxo da frescura. Tivemos um excelente almoço simples e, depois, os filhos de Nandini, Gamchan e Vikram, vieram ver K.

Vinte e um de janeiro. A conversa ao pequeno-almoço incluía Krishnaji, Pupul, Nandini, Achyut, Pama, Asit e eu, e versava sobre se "a chama" dos Ensinamentos poderia ser transmitida. O insight[7] é total ou pode ficar confinado a uma área ou assunto particular? Uma sesta à tarde foi seguida por uma caminhada em volta do hipódromo, um bom lugar para caminhar e o único espaço aberto durante quilómetros.

No dia seguinte, um pequeno grupo de psicanalistas, liderado por um senhor Nathani, veio falar com K. Não pareciam perceber absolutamente nada. Depois, Pupul e Nandini levaram-me às Cottage Industries, onde comprei um sari de seda. Outra sesta à tarde e, novamente, todos caminhámos em volta do hipódromo.

Vinte e quatro de janeiro. A primeira conferência de Krishnaji em Bombaim teve lugar às 18h15. Fui antes com Pupul. Havia uma multidão enorme, com os habituais rostos familiares na frente, seguidores norte-

americanos de Rajneesh[8] a fumar haxixe, pessoas de todos os tipos e idades. Sentei-me com Nandini e membros da família atrás e ao lado de K numa pequena plataforma, para podermos chegar rapidamente ao carro estacionado atrás. K chegou com Asit. Na conferência respondeu à própria pergunta que nos vinha colocando havia dias: "Qual é a causa da degeneração neste país e no mundo?" É o intelecto, o seu uso excessivo. Tudo é reduzido a teoria, conceito. Não vemos as coisas como são, holisticamente, mas como teorias. Quando K terminou de falar, permaneceu sentado em silêncio por alguns momentos. Nandini e eu dirigimo-nos ao carro, a poucos metros, mas quando K se levantou ergueu-se também uma onda de pessoas avançando para lhe tocar. Ficou encurralado contra a parede por pessoas que lhe beijavam as mãos e o tocavam com uma histeria reverencial. Asit lutava para manter a porta aberta e deixá-lo entrar no carro. Demorou minutos e, quando conseguiu, mãos entravam pelas janelas para lhe tocar. K era uma figura de compaixão, tocando o maior número possível de mãos, dizendo: "Cuidado, cuidado." Nandini gritou: "Vai magoar-se!" e a resposta veio em marata: "Não importa!" O motorista avançou lentamente o carro, mas a multidão à frente apagava a estrada. Demorou cerca de dez minutos a percorrer os trinta metros até à rua. De manhã, K dissera: "Sobre o que falarei? Bem, suponho que virá. No dia em que não vier, fecho a loja."

No dia seguinte, vinte e cinco de janeiro, K falou com Pupul, Nandini, Asit, o doutor Parchure, Achyut, Radha Burnier, Pama, Sunanda e eu sobre os acontecimentos em Madras e Ootacamund em 1948 e casos semelhantes em Gstaad e Malibu. Isto em resposta à pergunta: O que significavam estes acontecimentos? Disse que não se lembrava de nada. Pupul descreveu o que ela e Nandini testemunharam em Ootacamund em 1948, e eu descrevi coisas semelhantes que tinham acontecido a Krishnaji na minha presença. K perguntou se poderíamos ter imaginado tudo aquilo, e isso foi descartado. Havia demasiada semelhança nos relatos, e também algo semelhante em Pergine e quando ele esteve com Vanda Scaravelli. A conversa prolongou-se até às 12h45 e foi gravada em cassete por Asit. Considerou-se que era um registo confidencial e deveria permanecer assim durante algum tempo nos três arquivos. Não surgiu resposta clara, mas o tema necessitava de mais discussão, e K parecia disposto a continuá-la.

O senhor e a senhora Patel vieram almoçar, trazendo comida muito picante. Às cinco da tarde fui com Sunanda e Pama dar uma volta de carro e tomar chá num enorme hotel novo, o Oberoi Sheraton. Poderia estar em Los Angeles, Nova Iorque ou Las Vegas. Fiquei atordoada ao encontrar o *Herald Tribune* à venda, a primeira vez desde outubro. Aparentemente, Inglaterra estava coberta de neve; Heathrow e Gatwick estavam fechados. Jantei do outro lado da rua com Sunanda, Pama e Radha na penthouse VIP do vigésimo quinto andar do edifício do *Indian Express*. O apartamento fora emprestado a elas e a Achyut pelo senhor Goenka, proprietário do jornal *Indian Express*.

No dia vinte e seis de janeiro, K realizou uma discussão com cerca de sessenta convidados. Não era um bom grupo para discussão. Ao almoço, Radha entregou-me uma lista dos manuscritos, cartas, etc., enviados a K em 1950 e parte dos arquivos da TS que Rajagopal retinha da KFA[9]. Nandini ofereceu-me um lindo sari de algodão castanho e preto. Houve uma caminhada ao fim da tarde no hipódromo. As pessoas tinham descoberto que K caminhava ali, e uma família determinada de três pessoas marchou dez pés atrás dele durante toda a volta.

No dia vinte e sete de janeiro, Krishnaji realizou a sua segunda conferência em Bombaim ao fim da tarde para uma multidão imensa sobre "O medo baseia-se no pensamento e no tempo." Mais uma vez foi engolido pela multidão no final. Um homem esfregou a mão de K por todo o rosto; outro colocou os dedos de K dentro da boca, de tal modo que, quando finalmente cheguei ao carro, K estava sentado com as palmas voltadas para cima e Nandini teve de lhe pegar no lenço para esfregar a comichão no nariz. Mãos — centenas de mãos — atravessavam-se pelas janelas, e K tocava-as todas pacientemente enquanto o carro avançava lentamente. As pessoas caminhavam atrás com as mãos encostadas ao carro, como se assim mantivessem contato com ele. Antes da conferência, um homem exigira autorização para viver no patamar diante da porta do apartamento. Quando Nandini disse que não era possível, ele respondeu: "Está a afastar-me do meu Deus!"

A terceira conferência em Bombaim foi no dia seguinte, esmagadora, profundamente comovente. A multidão voltou a precipitar-se sobre ele no final, com o que pareciam mil mãos estendidas para lhe tocar. Parecia

atordoado, como tantas vezes após as conferências, mas parecia querer dar algo a cada um deles. Com as palmas unidas, voltou-se para todos e, já dentro do carro, pela janela entreaberta, deixava que as mãos ansiosas tocassem nas suas enquanto o carro avançava lentamente. Senti-me incapaz de falar depois de uma conferência assim, mas mais tarde tive de ir jantar a casa do senhor e da senhora Parekh, pais de alunos de Rishi Valley e anfitriões de Narayan, Prasad, etc. Radha, Achyut, Pama, Sunanda e Frances estavam presentes. Regressei logo depois. K estava na cama a ler e sentia-se bem. A vasta energia que existe nele está para além de qualquer explicação.

No dia vinte e nove de janeiro houve uma reunião de administradores da KFI durante toda a manhã, para a qual fui convidada. K tinha uma carta de Jean-Michel Maroger dizendo que Diane caíra de uma escadaria de pedra na escola em Blois e partira o fémur esquerdo, uma fratura limpa. Como essa perna era mais curta, havia esperança de que a fratura permitisse igualar o comprimento das pernas. Parecia extraordinário que mais nenhum osso se tivesse partido numa queda dessas. Poderia ser que a cura de K tivesse tornado a criança mais forte?

Trinta de janeiro. Devi levou-me às últimas compras de presentes. Almoçámos com os Chandmal e, mais tarde, depois de uma sesta, fomos caminhar à tarde no hipódromo. A voz de K estava a ficar rouca, o hipódromo estava ventoso, mas ele queria caminhar de qualquer forma. No regresso soube que, de manhã, dissera ao conselho da KFI que realizaria seis conferências em Bombaim no ano seguinte em vez de quatro, e permaneceria na Índia até fevereiro. Perguntei porquê tantas conferências em Bombaim como em todos os Estados Unidos? Somei as conferências e discussões com escolas e grupos na Índia (trinta e sete) e disse que não pedia um número igual nos Estados Unidos, mas apenas menos duas em Bombaim. K respondeu: “Veremos”, o que foi evasivo, pelo que pedi a Pupul que reduzisse o programa para bem da saúde dele.

Trinta e um de janeiro. Fui com Nandini, Sunanda e Frances a Bal Anand, a escola de Nandini para crianças pequenas e muito pobres. Rajesh levou-me à casa próxima de duas delas — um quarto com cerca de três metros e meio quadrados onde viviam doze pessoas. Era tão escuro que mal conseguia ver. Uma mulher lavava roupa no passeio debaixo de uma

torneira. A mãe e o pai fizeram gestos de boas-vindas; tinham oferecido comida a Rajesh. Às 18h15, Krishnaji realizou a sua quarta conferência em Bombaim, e novamente a multidão era imensa e cercou-o no final. Em alguns havia delicadeza e reverência ao tocá-lo, não agarrando as suas mãos, mas tocando-as rápida e suavemente.

Depois da conferência, eu teria preferido ficar em silêncio, mas após vários adiamentos houve um jantar para Nandini, Devi e mim em casa do senhor e da senhora Tantia. Já era tarde; a filha mais nova, Sudha, veio buscar-nos de carro. Viviam perto, num grande apartamento escuro. Jantámos numa longa mesa com os homens todos de um lado — o senhor Tantia, Gancham e Vikram — e, do lado oposto, Devi, Nandini, Mina (mulher de Gancham) e eu. Sudha e a mãe estavam nas extremidades. A senhora Tantia, que K está a tratar, emergira de um estado quase totalmente retraído para uma aparência de normalidade. Parecia um pouco um navio à vela dentro do sari, tinha grandes olhos cheios de alma nos quais parecia passar-se muito pouco. As filhas pareciam mais adultas. O senhor Tantia era agradável e conversador. Queriam ir a Brockwood e Saanen. Dei informações, mas receava que imaginassem poder estar constantemente com K, o que talvez lhes causasse desilusão.

Primeiro de fevereiro. Fiz as malas e tive uma longa conversa com o doutor Parchure, que relatou a conversa da manhã com Krishnaji. Como médico responsável pela saúde de K, precisava que ele lhe dissesse se desejava fazer tudo tão intensamente quanto queria e depois "desaparecer", ou se queria viver muito tempo e preservar a força do corpo. Se fosse esta última hipótese, disse o doutor P., então a inteligência do corpo ou não funcionava ou não era escutada. "O seu corpo está a dar-lhe sinais", mas K não lhes prestava atenção. O adoecer com pequenas infeções ali na Índia era sinal de diminuição da resistência física. K não lhe dava o repouso necessário para recuperar forças. Os pés estavam constantemente inchados na Índia, outro sinal de funcionamento diminuído. K mostrava-se algo impaciente com tudo isto, mas escutava. O doutor P. disse que precisava de um dia completo de descanso após cada conferência, sem discussões de duas horas à mesa do pequeno-almoço. Devia fazer pelo menos uma refeição por dia na cama (com os pés elevados, não pendentes) e descansar antes de viajar para um novo local e também à chegada. A voz estava rouca, sinal de excesso de uso. Naquele dia devia ter descansado, mas

vagas de pessoas vieram prestar homenagem e despedir-se, trazendo presentes inúteis como enormes caixas de frutos secos. À tarde encontrei a rapariga alemã louca que tentara forçar entrada em Tannegg sentada na sala de jantar. Expulsei-a. A senhora Billimoria enviou uma mãe com um filho que queria ser mulher, e K falou com ambos. Finalmente todos partiram e apenas Pupul e Nandini ficaram ao jantar. K foi depois para a cama, e eu também. Consegui dormir intermitentemente até à meia-noite.

Dois de fevereiro. Pama levara a bagagem, os bilhetes e os passaportes na noite anterior, por isso pouco restava fazer além de nos vestirmos e estarmos prontos para sair do apartamento à uma da manhã. Asit conduziu K, eu, Pupul, Nandini e Vikram ao aeroporto. Uma multidão aguardava para se despedir de K — Achyut, Ahalya, Upasani, Frances e muitos outros. Foi disponibilizada uma sala VIP. Krishnaji vestia o casaco e as calças Huntsman[10], e eu voltara às calças, camisola, sapatos e meias — o meu traje nativo outra vez. Chamaram o voo, mas não para nós. Quando o avião da British Airways estava carregado e pronto para partir, veio o sinal, e K, Pama e eu fomos conduzidos num carro com motorista até ao pé da escada do avião — muito VIP. Não tínhamos contudo a primeira fila da primeira classe, mas a segunda. Não tão VIP assim!

O voo deveria ser direto para Londres, mas ao fim de três horas descemos no Bahrein para reabastecer. K e eu caminhámos de um lado ao outro do terminal, muito bem cuidado, para fazer exercício. Partíramos de Bombaim às 3h20 da manhã e devíamos chegar a Heathrow às sete da manhã, mas eram 9h30 quando aterramos. Tivemos de lutar com as nossas sete malas — nem um carregador à vista. Fui procurar um carrinho e, na minha ausência, K retirou seis malas da passadeira. Depois encontrou um carrinho e ficou irritado quando não o deixei carregar e empurrar tudo sozinho. Doris esperava-nos no interior, e Dorothy e Ingrid estavam com os carros. Tinham trazido sobretudos para nós. O ar frio e a beleza invernal da paisagem fizeram o meu espírito elevar-se. A neve e o gelo tinham impedido os carros de usar o caminho, mas aquecera e chovera no dia anterior, e o sol brilhava. Restavam apenas manchas de neve e uma calorosa receção em Brockwood. Ambos nos sentíamos atordoados da viagem, mas havia uma sensação de regresso a casa. Tudo parecia tão limpo; era um luxo beber água da torneira, ler notícias do mundo, comer comida simples. Era um deleite estar ali. Dormi à tarde, depois de K ter

almoçado em baixo e ido para a cama. Foi uma felicidade preparar-lhe o tabuleiro do jantar. Todos sorriem, mas, infelizmente, Scott está doente na sua casa com hepatite. Deve tê-la contraído em Damasco no regresso.

## Capítulo Cinquenta e Sete

Três de fevereiro de 1979. Era maravilhoso acordar em Brockwood, acender uma lareira no meu quarto, fazer um pouco de exercício e depois preparar um delicioso pequeno-almoço de torradas com manteiga, papas de aveia, etc., e comê-lo lentamente à mesa da nossa pequena cozinha. As árvores altas estavam despidas e belas, e o sol veio passar o dia, dissipando a geada prateada que cobria os campos ao amanhecer. Todo o meu organismo se sentia diferente, de algum modo regressado ao normal, o inchaço e a dor da perna e do pé a desaparecerem. O calor constante era um ataque físico implacável na Índia, ou pelo menos assim era para mim. Como é estreita a margem da saúde nestas questões e obviamente diferente para cada corpo. O inchaço do pé de K estava a desaparecer. Ele pensa que se deve ao sumo de cenoura que agora bebe. Eu penso que se deve à ausência de calor. Levantou-se para almoçar, depois dormiu uma longa sesta e, mais tarde, com Dorothy e os dois cães, caminhámos para cima e para baixo no caminho de entrada. O ar frio parecia limpar-me o sangue. Telefonei a Filomena em Roma, e foi bom ouvir a sua voz. Também telefonei a Vanda em Roma, e K falou igualmente com ela. Mais cedo falara com Phyl Fry. O som das vozes dos amigos faz sorrir por dentro.

Quatro de fevereiro. O sol do dia anterior desapareceu atrás das nuvens, mas o dia manteve-se seco. Mary e Joe vieram de carro a meio da manhã e conversámos longamente. K juntou-se a nós e fomos almoçar. Depois sentámo-nos na pequena cozinha do andar de cima, com café, bolachas e conversa. Depois de partirem, K dormiu a sesta, e nenhum de nós teve vontade de sair para caminhar.

---

## Notas

1. **Dhoti** — peça tradicional de vestuário masculino indiano, enrolada à cintura e pernas.

2. **Mrdangam** — instrumento clássico de percussão do sul da Índia.
3. **Tambura** — instrumento de cordas indiano utilizado para produzir um bordão contínuo de acompanhamento.
4. **Vishnu** — uma das principais divindades do hinduísmo.
5. **TS** — *Theosophical Society* (Sociedade Teosófica).
6. **Mestres** — referência aos "Mestres Ascensos" ou "Mahatmas" da tradição teosófica.
7. **Insight** — perceção direta e imediata, conceito central nos ensinamentos de Krishnamurti.
8. **Rajneesh** — Bhagwan Shree Rajneesh, posteriormente conhecido como Osho.
9. **KFA** — *Krishnamurti Foundation of America*.
10. **Huntsman** — célebre alfaiataria londrina de Savile Row.

No dia seguinte, Doris emprestou-me o seu pequeno carro, e fui até Petersfield apanhar o comboio das 9h20 para Londres. Havia uma greve dos lixeiros, mas os ingleses são asseados e empilhavam o lixo ordenadamente em sacos pretos de plástico. A cidade parecia, de resto, normal, mais descontraída e silenciosa naquela época invernal do ano. Tinha aquele ar cinzento de que me lembrava dos dois Invernos que Sam e eu passámos em Londres, quando eu tinha o prazer íntimo de explorar a cidade naquela névoa húmida que parecia o próprio hálito de Londres.

Nesse dia encontrei-me com Paul Anstee, que tratou da decoração da Ala Oeste quando adquirimos Brockwood, e, na Christie's, fomos ver um vaso japonês que ele tinha encontrado para servir de base de candeeiro, conforme eu lhe pedira para Ojai. Comemos uma sanduíche num sítio subterrâneo ali perto, regressámos ao leilão, licitámos e comprámos o vaso, e eu trouxe-o de volta para Brockwood num saco de compras, a tempo do passeio da tarde.

No dia seis de Fevereiro, Jean-Michel e Marie-Bertrande Maroger chegaram para passar dois dias. Mary Cadogan veio almoçar. Conversámos com todos, e Krishnaji concordou em ir a França algures nesse ano, provavelmente em Outubro, para fazer uma entrevista em vídeo respondendo a perguntas de estudantes franceses. Discutimos assuntos da

Índia com Mary Cadogan. Ao almoço, ela descreveu o encontro que tivera com Rajagopal, juntamente com o marido, quando estiveram em Ojai. Ele era o velho cavalheiro amável e só falava bem de K. Passei o resto do dia a fazer malas, lavar, passar a ferro, e estava tudo em ordem à hora de deitar.

No dia sete de Fevereiro houve uma manhã enevoada. Preparei o nosso pequeno-almoço e estava pronta para sair cedo. Os Maroger despediram-se, pois iam a Londres antes de regressarem a França. Elinor Hawksley providenciou um saco de compras com rodas para transportar à mão o vaso acabado de comprar até Ojai. Dorothy levou-me a mim e a Krishnaji de carro, e os Carnese seguiram-nos com a bagagem. Partimos às 11h30 e passámos pela casa de campo para que Scott, isolado por hepatite, pudesse acenar-nos em despedida.

Em Heathrow soubemos que o nosso voo da 13h00 estava atrasado devido ao nevoeiro que impedia a aterragem do avião. Ficámos sentados na sala da TWA a ler e a sobreviver com duas sanduíches de queijo até o voo chegar às 15h30, levantando depois voo uma hora mais tarde. Tínhamos os dois lugares individuais na dianteira do avião de que K gosta, e ele ficou com o da esquerda, que prefere. Lemos jornais, revistas e romances policiais durante todo o voo de dez horas e meia, mas também dormimos de forma inquieta. Aterramos em Los Angeles às 9h30, mas demorámos uma hora a recuperar a bagagem e passar pela alfândega. Mark Lee esperava-nos com a carrinha da escola e levou-nos pela estrada costeira através de Malibu. Eu estava demasiado entorpecida da viagem para sentir qualquer diferença, se é que havia alguma, por já não regressar a casa em Malibu. Erna, Theo, Michael e Ted esperavam para dar as boas-vindas a K em Ojai. A casa estava cheia de flores, preparada com um requinte impecável, obra de Elfriede.

Eles partiram bastante cedo, e K, completamente desperto, caminhou de divisão em divisão:
— «Sentes a atmosfera? Estou contente por teres uma casa bonita para viver. É mais bonita do que Malibu. E tens um quarto lindo para viver — como se chama aquele sítio de onde acabámos de vir? — Brockwood.»
E assim tínhamos regressado.

Dez de Fevereiro. Ao princípio, K ficou na cama a maior parte do tempo, e ambos éramos assaltados por sestas a horas estranhas até os relógios internos se reajustarem. K disse que sentira a atmosfera da casa tão intensamente que quase desmaiara na cama no dia anterior. Disse que, quando entra na sala de estar, aquilo é tão forte que:
— «É como um templo: entra-se muito silenciosamente.»

É interessante que seja a sala de estar — uma construção nova, ao contrário do quarto e da sala dele, que pertencem à velha casa onde viveu durante tanto tempo. A sala de estar é a nova ala, construída em 1976/77.

No dia seguinte, Krishnaji quis falar com Erna e Theo, e assim fizemos toda a manhã; à tarde visitámos os novos edifícios da escola, elegantes, maiores e melhores do que tínhamos imaginado. As salas de aula estavam dispersas entre os carvalhos de forma irregular, podendo ampliar-se sem parecer institucionais. Vimos a nova horta e passeámos pelo Oak Grove. Jackie Kornfeld insistia para que K falasse em Nova Iorque. Repeti o que o Dr. Parchure dissera em Bombaim acerca da saúde de K, e K permitiu-nos concordar em recusar.

No dia treze, conduzi até Malibu e conversei longamente com Amanda e Phil Dunne; foi uma alegria tranquila voltar a vê-los após nove meses. Depois atravessei o desfiladeiro para ver o que tinha sido feito para criar socalcos no relvado após o deslizamento de terras. Parecia bonito, mas havia novas fendas inquietantes no solo. Elfriede mostrou-me fissuras finíssimas nos azulejos da sala de estar. Comoveu-me até às lágrimas voltar a ver a tão amada casa, mas tinha sido bem cuidada por Elfriede e por Lorry, o jardineiro, que estava a mondar junto à entrada. O jardim estava saudável e arranjado. Continuava a ser um lugar abençoado, independentemente das estranhezas geológicas que ali ocorriam.

Saí e fui à cidade tratar de recados, regressando a Ojai debaixo de chuva. Já era escuro, mas K saiu com um guarda-chuva, vestido com o roupão, e ajudou-me a levar os embrulhos para dentro. Disse que ao almoço houvera uma conversa interessante. O meu irmão e a mulher dele, Lisa, telefonaram quando cheguei para me desejarem feliz aniversário. K não se lembra nem liga a aniversários, como deve ser. Michael deixara salada e sopa, por isso jantámos isso. Enquanto lavávamos a loiça na

cozinha, Krishnaji disse que se sentira inquieto sozinho em casa quando escureceu, tendo fechado todas as portas e janelas.
— «Não sei do que tinha medo, mas desapareceu no momento em que chegaste.»

Depois, pouco mais tarde, ficou subitamente imóvel e disse que a cabeça estava muito mal, soltando um grito:
— «O que está a acontecer? Porque está tão mau?»

Observei-o com receio de que desmaiasse, enquanto regressava ao quarto. Sentou-se na cama, parecendo por várias vezes prestes a perder os sentidos, recuperando depois. Em seguida ficou enjoado várias vezes, vomitando na casa de banho.
— «Isto vai começar outra vez? Porquê?»

A certa altura quis voltar à cozinha para acabar de lavar a loiça, para interromper o que estava a acontecer, mas foi persuadido a não o fazer. Ainda conseguiu lavar os dentes, lavar-se, etc., e depois foi deitar-se, prometendo chamar-me se piorasse.

Catorze de Fevereiro. A cabeça de K esteve muito mal todo o dia. Levantou-se para o almoço e mais tarde foi passear com Erna e Theo. Lou Blau telefonou-me para falar de uma oferta pela casa de Malibu. Vai fazer uma contraproposta. A cabeça de K estava demasiado mal para que ele se levantasse à noite. Viu televisão, parecendo cansado e com dores. Disse que não estava tão mal há anos.

Dezassete de Fevereiro. A cabeça de K estava melhor, embora a dor permanecesse em segundo plano. Diminuía quando estava ocupado e regressava quando ficava quieto. Mas, de manhã, sugeriu iniciar uma nova série nas suas Cartas às Escolas, e assim se dedicou a isso, ditando-me a carta número 25, que seria enviada no primeiro de Setembro seguinte. Tinha concluído a vigésima quarta, completando um ano inteiro de cartas, antes de deixarmos Brockwood rumo à Índia, em Outubro.

Os novos professores e os Hooker estavam ao almoço em Arya Vihara. Depois da sesta da tarde, descemos a pé até casa dos Lilliefelt. K dissera-me:
— «Devíamos vê-los mais vezes e conversar juntos.»

Por isso levámos-lhes a panela de sopa que Michael entregava todas as noites, e jantámos agradavelmente lá. A conversa derivou para a TS e a ES (Secção Esotérica) e para o que o jovem Krishnamurti pensava — Mestres ou não, etc. K disse, acerca da sua memória, que sobretudo não se lembrava de coisas relativas a si próprio. Lembrava-se, e corrigiu Erna, acerca de onde certas pessoas viviam na sede da TS, mas disse que isso não dizia respeito a si mesmo. Repetiu a vaga memória que descrevera na Índia, de estar junto ao rio Adyar,
— «completamente vazio e a divertir-me.»

Perguntei-lhe se conseguia recordar-se directamente da Dra. Besant, e respondeu que um pouco, mas apenas nos últimos anos dela.

No dia dezoito de Fevereiro, K estava a ditar a Carta às Escolas número 26 quando a campainha tocou e apareceu o professor russo de Física que Vanda levara ao aeroporto de Roma para conhecer K, quando estávamos em trânsito para Nova Deli em Outubro. Chamava-se Alexander Ledigenski. Telefonei a Theo, que veio imediatamente e falou com ele em russo até todos nos reunirmos para almoçar em Arya Vihara. Sentou-se ao lado de K, que o interrogou sobre a Rússia. Depois, Fritz Wilhelm levou-o a procurar alojamento e a conhecer outros russos.

No dia vinte, o Sr. G. N. Dalal, de Bombaim, que estivera ali dois dias, partiu, e o Professor Ravi Ravindra e a sua mulher canadiana, Sally, que outrora leccionara em Rajghat, chegaram a casa dos Lilliefelt. Tinham-lhes mostrado as redondezas, e todos almoçámos em Arya Vihara. Fritz gravou uma discussão à mesa sobre o significado de «saber». Depois da sesta de K, todos deram um passeio em redor do quarteirão. Os Ravindra partiriam na manhã seguinte para regressar a Halifax, onde ele lecciona e onde vivem com os dois filhos.

No dia vinte e cinco de Fevereiro, Krishnaji almoçou com os Lilliefelt e passou a tarde a observar os edifícios da escola e a caminhar por toda a propriedade. Eu saí após o pequeno-almoço rumo a Malibu e à casa dos Dunne. Passámos uma manhã feliz sentados no terraço a conversar, depois almoçámos sanduíches de queijo tostado, que Amanda disse que eu lhe ensinara a fazer anos antes em Los Angeles. Malibu estava belíssima, o céu e o oceano tranquilamente azuis sob um ar claro e dourado. Do outro lado

do desfiladeiro, tudo estava verde e silencioso. Foi um dia muito feliz. Parti às 15h00, fui às compras, e estava a preparar sopa para o nosso jantar quando K regressou da tarde passada com os Lilliefelt.

No dia seguinte ocorreu o último eclipse solar deste século, por volta das oito da manhã. O jardim estava mergulhado numa penumbra estranha. Da janela da cozinha vi Krishnaji, descalço e apenas com a camisa de dormir, no caminho exterior.
— «Queria ver o eclipse!»

Convenci-o a voltar para o calor e a ver uma versão menos autêntica mas mais próxima pela televisão. Mais tarde, nessa manhã, falou a sós com as irmãs Siddoo, que tinham chegado na noite anterior. À tarde, elas, K, os Lilliefelt, Mark, Fritz e eu discutimos os problemas do Canadá e da Escola Wolf Lake. Aquilo estava a custar-lhes muito do próprio dinheiro, tal como eu previra, e, com apenas doze alunos, a escola não poderia expandir-se no terreno actual sem gastarem milhões adicionais em terras e edifícios; exactamente o que eu antecipara — e como é irritante ter razão nessas previsões. Elas não faziam ideia do que implica manter uma escola. Ao resumir a situação, K disse que não as pressionava a fazer fosse o que fosse, mas as suas descrições de:
— «Se forem sérias, perguntarão o que é correcto, não quanto custa»

carregavam uma pressão esmagadora. Mostrou-se impaciente quando lhe chamei a atenção para isso e negou que fosse pressão; depois deu o exemplo de ter dito a Narayan que devia estar disposto a dedicar a vida inteira a Rishi Valley:
— «ou então não importa, morrer, passar fome, não interessa.»

As Siddoo disseram que podiam suportar financeiramente a continuação, mas que, se depois fracassassem, ficariam arruinadas.

Durante os dias seguintes, K realizou discussões com pais da Oak Grove, e fomos até Santa Barbara pelo interior, onde K ficou satisfeito ao ver o lago Casitas cheio de água. As Siddoo partiram, continuando a querer fazer alguma coisa pela escola. Louis Blau telefonou-me dizendo que eu precisava de «fazer alguma coisa» para melhorar a situação do terreno do lado do oceano da casa de Malibu. Mas como?

No dia sete de Março fui a Malibu e encontrei-me com um geólogo, Richard Ramirez, acerca do movimento de terras. Disse que existiam duas soluções: uma enorme remoção de terra para aliviar o peso, ou a drenagem da água subterrânea através de tubos semelhantes, mas mais extensos, aos já usados anteriormente. Disse que elaboraria planos e conseguiria uma perfuradora para executar o trabalho. O condado tinha planos para fazer algo, mas isso poderia demorar três anos. As minhas necessidades eram imediatas. Ele foi-se embora. A casa estava silenciosa, bela e viva. Os sons familiares — os passos nos degraus que descem para os quartos, os ruídos das portas — apertavam-se em torno do meu coração. Fred, marido de Elfriede, estava lá, e juntos colocaram no carro uma das pedras do oceano do jardim, que trouxe de volta para Ojai, encontrando K a passear com os Lilliefelt.

No dia seguinte houve uma reunião dos administradores da KFA, toda dedicada a finanças, por isso K permaneceu na cama. Continuámos à tarde. O Professor Ravi Ravindra chegou de Halifax. K pedira-lhe que regressasse, pois queria falar-lhe sobre um possível envolvimento no trabalho, embora não tivesse especificado em quê; devolveu a questão aos Lilliefelt e a mim — o que pensávamos que ele poderia fazer? K conversou a sós com Ravindra.

Falei com Louis Blau sobre permitir que Ramirez avançasse com o plano geológico, e assim a casa foi temporariamente retirada do mercado.

No dia nove de Março, Krishnaji, Ravindra e eu tomámos o pequeno-almoço na cozinha; depois K disse que continuariam a conversa na sala de estar. Acendi a lareira da sala pela primeira vez desde que nos mudáramos para ali; e quando K entrou e a viu, o rosto iluminou-se-lhe com uma surpresa satisfeita, que é um prazer para mim contemplar. Por volta das 11 horas chamou os Lilliefelt e a mim para nos juntarmos à conversa e, enquanto falávamos, ficou de pé a folhear a biografia de Mary Lutyens com aquele familiar ar de criança absorta. Às 16 horas houve uma discussão entre K, os professores e os pais, e depois fomos passear.

No dia seguinte, Ravindra tomou aqui o pequeno-almoço. Não achei que estivesse suficientemente interessado para mudar de vida e juntar-se a nós em Ojai, e partiu depois do almoço para Inglaterra, embora tenha

concordado com a sugestão de K de se tornar administrador da Fundação K canadiana, já que vivia em Halifax. Isso surpreenderia as Siddoo. Disse que «ajudaria» a encontrar cientistas para discutir com Krishnaji. Ia visitar Brockwood nesta viagem a Inglaterra e falaria com David Bohm, que conhecia superficialmente. K disse:
— «Não queremos perder-te.»

O dia treze de Março encontrou-nos aos dois, sem pequeno-almoço, a caminho da nossa médica, Lailee Bakhtiar, para fazermos análises anuais de sangue em jejum. K tinha uma ligeira dor de ouvidos, e ela receitou-lhe gotas. Quando lhe perguntei no regresso a casa como estava o ouvido, respondeu:
— «Melhor; acho que o antibiótico assusta-o.»

Depois das análises, tomámos o pequeno-almoço prescrito no Lindberg's, suficientemente sossegado, e passámos o intervalo obrigatório de duas horas antes da segunda recolha de sangue a comprar livros. Quando tudo terminou, fomos de carro até Malibu encontrar o geólogo, que disse ser necessário perfurar quatro ou cinco poços no relvado para bombear a água. Disse-lhe para avançar. Parecia que tudo correra mal ali desde que deixáramos a casa. Depois de passarmos pela casa dos Dunne, regressámos a Ojai, com Krishnaji a conduzir o percurso habitual e aparentando satisfação e familiaridade ao volante. Apesar do longo dia, disse que não estava cansado. Talvez o passeio o tivesse distraído.

No dia catorze de Março houve boas notícias políticas: Israel e Egipto concordaram finalmente com propostas de paz. Parecia que o Presidente Carter merecia enorme crédito por se ter empenhado ao máximo para alcançar esse resultado.

Levei K à Escola Oak Grove, onde falou com as crianças; entretanto fui buscar Mar de Manziarly, que estava a passar um mês com a irmã, para se juntar a Erna, Theo e a nós no almoço. Houve vários telefonemas acerca das perfurações necessárias em Malibu. No dia seguinte, Elfriede telefonou dizendo que o geólogo, Sr. Ramirez, avisara da chegada de chuva e da necessidade de cobrir o relvado com plástico. Queria autorização para ir à loja de ferragens comprar o material, e felizmente ela e Lorry, o jardineiro, conseguiram estendê-lo a tempo. Entretanto, em Ojai, Krishnaji voltou a

falar com as crianças da escola, sendo filmado por Michael Mendizza. Ao almoço em Arya Vihara estava presente Jerry Dunn, que entrevistou K para uma revista de Santa Barbara.

No dia dezasseis, o Dr. Rahula e o Professor Jacques Maquet, diretor de Antropologia da UCLA, juntamente com a mulher, vieram almoçar, e depois houve uma discussão gravada.

No dia vinte de Março, K e eu fomos de carro até Malibu, onde Elfriede nos serviu almoço. Philippa Dunne apareceu para se despedir antes de regressar ao Connecticut. Observei-a subir o caminho, como ela e as irmãs tinham feito toda a vida. Saímos e fomos ao consultório da Dra. Bakhtiar, onde ambos concluímos os exames médicos anuais. A tensão arterial de K era 130/80, colesterol 190, ácido úrico 7 (tinha sido 10 no ano anterior), glicemia 90 em jejum e 110 após comer. A contagem sanguínea estava óptima, tal como o ECG. A única questão era uma dor de estômago ocasional. Quando mostrou a Lailee onde sentia a dor, ela disse que era na zona da vesícula e sugeriu uma radiografia gastrointestinal superior. Ele resistiu, afirmando que engolir bário o faria adoecer. Terminámos por volta das 16 horas, mas K quis ainda comprar calças de ganga e outro facto de treino para usar nos exercícios matinais. Regressámos a Ojai pela estrada da praia, com K a conduzir o trajecto habitual. Tinha sido um dia exigente, mas ele afirmou não estar minimamente cansado.

Nos dias seguintes chegaram os Bohm; K e David retomaram as suas discussões, com alguma participação de um grupo vindo de São Francisco seleccionado por Fritz. Houve sete desses encontros. E em Malibu continuava a cair muita chuva. Mas o primeiro de Abril amanheceu belo e límpido, simultaneamente quente e fresco, limpo e resplandecente. K planeava acompanhar-me a Malibu. Queria vaguear pela propriedade enquanto eu atravessava o desfiladeiro para ver Miranda, que acabara de chegar; mas na noite anterior sentira-se cansado, como seria natural após a semana de discussões de grupo com pessoas que pouco contribuíam, por isso ficou em casa, almoçou com os Lilliefelt e os Bohm e conversou com eles até às 16 horas. Entretanto, conduzi calmamente o Mercedes verde, pois sentia-me indisposta e, além disso, não tinha o depósito cheio. Devido à escassez de gasolina, muitas bombas estavam fechadas aos domingos,

mas um pressentimento de que encontraria uma aberta em Oxnard permitiu-me abastecer e seguir para Malibu.

Embora não visse Miranda havia quase dois anos, pareceu-nos a ambas que não passara tempo algum. Sentámo-nos no terraço a conversar sobre a vida dela como repórter televisiva em Buffalo, Nova Iorque, onde investigava o despejo de produtos químicos no Love Canal, que afectara desastrosamente os habitantes da região. Sentei-me algum tempo com Amanda e Phil e depois fui observar a situação do terreno. Fred, marido de Elfriede, tentava retirar por sifão a água da chuva acumulada na cobertura de plástico da semana anterior. As fendas no terreno estavam mais profundas e largas, e nada estabilizara, apesar de uma semana ter passado desde a instalação de novos tubos de drenagem para encaminhar a água para o fundo do desfiladeiro. Apesar disso, Malibu estava no auge da beleza, a encosta coberta de margaridas silvestres e capuchinhas nascidas das sementes que tínhamos plantado anos antes. O oceano e o ar brilhavam e, não fossem as fissuras da terra, tudo era paz e beleza, um silencioso convite a permanecer num transe de luz e Primavera naquele limite enganadoramente belo do continente. Em vez disso, parti, comprei alimentos de que precisávamos e regressei de carro a Ojai. K discutira a situação de Fritz com os Lilliefelt e os Bohm. Ainda nada era claro. Fiz sopa e alcachofras para o nosso jantar.

No dia sete de Abril, Krishnaji proferiu a conferência de abertura em Ojai, no Oak Grove. Embora estivesse nublado, não choveu e, pela primeira vez em dois anos, pôde falar ali. Estava magnífico. Consultou-me sobre o que devia vestir, e eu sugeri as pesadas calças de bombazina cor de mostarda da Huntsman, uma camisa indiana de algodão creme e um casaco taupe; tudo muito elegante. A idade desaparece-lhe, o rosto fica sem rugas. Começou a palestra de forma diferente, falando da bondade, do que ela não é, de porque o homem não a possui, de como nenhum sistema, crença, etc., a poderá produzir; de como apenas na compreensão de si mesmo pode surgir uma dimensão diferente e o homem ultrapassar-se. Falou calmamente, com aquela profundidade de voz que normalmente só aparece no final das palestras, mas naquele dia estava presente desde o início. Um grande público, apesar da escassez de gasolina, compareceu e ouviu atentamente. Sentei-me no chão onde devo ter estado sentada anos antes, quando o ouvi pela primeira vez. A presença dele, a voz, a atmosfera do

Grove fizeram-me sentir que a minha vida começara ali, tantos anos antes — seriam trinta e cinco? — naquele dia. Mais tarde a minha vida aproximou-se da dele. Não sei explicar como aconteceu; aconteceu. Não o imaginei nem procurei; aconteceu, e fui abençoada para além do que consigo descrever. No caminho de regresso, no carro, ele disse:
— «Estava tão cheio daquilo que tremia.»

E, ao atravessarmos a aldeia, acrescentou:
— «Conduz devagar, quero desmaiar.»

Inclinou-se lentamente para a frente, mas não chegou a desmaiar. Ficou bem quando chegámos a casa. Alan Kishbaugh almoçou connosco. Eu tinha cozinhado cedo — o primeiro almoço desde que regressáramos da Índia. Era agradável voltar a cozinhar; faz parte do ritual do lar. Mais tarde, passeámos com Erna, Theo e Alan.

A segunda conferência no Oak Grove teve lugar a oito de Abril. Terminou pontualmente ao fim de uma hora, e o nosso foi o primeiro carro a sair. Regressámos pelas estradas sinuosas e mais tranquilas, e K disse:
— «No instante em que deixo de falar, a cabeça começa.»

Parecia prestes a desmaiar, mas não chegou a fazê-lo. Eu já tinha preparado o almoço, e novamente os Lilliefelt e Alan comeram connosco. Apesar de cansado, fomos passear, mas no caminho sentiu-se enjoado e disse que tinha comido demais. Em casa dos Lilliefelt tomou bicarbonato de sódio, vomitou e sentiu-se melhor. Apenas um pouco de sumo de legumes ao jantar.

A terceira conferência de K em Ojai realizou-se perante uma grande multidão no Grove, no dia catorze de Abril. Sentei-me no chão, mais acima da colina, e conseguia ouvi-lo tão perfeitamente como se estivesse a um metro de distância. A beleza das árvores, a erva fresca, o ar vivo com o amadurecer do Verão, e algo de abençoado naquele Grove eram a substância da qual emergiam as suas palavras. Regressámos lentamente de carro e, como de costume, ele deitou-se para descansar enquanto eu terminava de preparar o almoço. Pela primeira vez, Alan Kishbaugh trouxe uma amiga, Stella Resnick, psicóloga. K falou-lhe um pouco sobre o seu trabalho. Às 16 horas, alguns membros sul-americanos da KFL passaram por ali. À noite, vimos na televisão um filme de Virginia McKenna e Bill

Travers sobre o jovem leão que tínhamos visto na propriedade deles em Sussex.

O dia quinze de Abril foi Domingo de Páscoa, e K deu a quarta conferência no Grove, noutro dia primaveril perfeito. Lakshmi Shankar e o seu grupo deveriam ter chegado para a conferência, e Evelyne organizara o regresso dela das actuações em Chicago para cantar em Ojai num espectáculo de beneficência para a Escola Oak Grove. Depois da conferência, Krishnaji pareceu prestes a desmaiar no carro, embora não chegasse a acontecer. Deitou-se em casa enquanto eu terminava de cozinhar. Erna, Theo, Alan e Stella Resnick almoçaram connosco, mas Theo teve de sair para resolver a situação de Lakshmi Shankar, que fora por engano para casa de Rajagopal. Mark trouxe-a, juntamente com a filha e o genro, um homem mais velho que tocava tabla, e a mulher dele, para cumprimentarem brevemente K. Tocaram-lhe nos pés, e todos nos sentámos durante algum tempo antes de Mark os levar à casa de campo de Evelyne para se recomporem. K e eu fomos de carro até ao pavilhão da Oak Grove, onde, às 16 horas, Lakshmi cantou maravilhosamente para Krishnaji e para uma audiência que contribuíra para a escola. Depois serviram-se refrescos sob as árvores, e K permaneceu até Lakshmi partir. Pareceu-me uma mulher agradável. Cantou shlokas e bhajans que sabia que K apreciaria.[12]

No dia dezassete de Abril, Krishnaji realizou uma terceira discussão pública no Oak Grove. Michael Mendizza filmou-a e pediu a David Moody que colocasse a questão:
— «Qual é a relação entre amor e liberdade?»

a que K acrescentou:
— «responsabilidade».

Ao sair, K passou por Austin Bee, que estava atrás da banca das cassetes. K parou e perguntou:
— «Quem é o senhor?»

Bee deu o nome, e K apertou-lhe a mão. Quando cheguei ao carro, havia uma figura parada à sombra atrás dele. À primeira vista não percebi quem era, mas, ao abrir a porta, vi que era Rajagopal, bastante envelhecido,

o rosto mais mirrado e simiesco. Fitou-me, e eu disse:
— «Como está, Rajagopal?»,

mas não me aproximei. K vinha a aproximar-se e, antes de chegar ao carro, cumprimentou um francês que esperava para o saudar. Depois dirigiu-se ao carro, viu Rajagopal, mas não o reconheceu.
— «Quem é o senhor?»
— «Sou Rajagopal.»

Entregou a K um embrulho.
— «Isto é para si.»

K pegou-lhe na mão e segurou-a, e então R disse que tinha de ir, porque as pessoas estavam a observar. Subiu a estrada, e K ficou ali, de pé, parecendo chocado e desorientado, como às vezes acontecia depois de uma conferência. Tinha mandado chamar Blackburn para falar com ele, mas agora disse-lhe para ir até à casa de campo. Entrou no carro e pediu-me que arrancasse rapidamente. Olhava para a mão, impregnada de algum perfume usado por R, e aquilo repugnava-o.
— «O que se passa com a minha mão? Não é a minha mão.»

Estendeu-a pela janela e repetiu várias vezes:
— «Não é a minha mão. Tocou em algo impuro. Aquele homem é mau!»

Mantinha a mão afastada de qualquer contato, tal como fizera em Bombaim quando a multidão lhe «sujara» as mãos. Ambos os Blackburn esperavam-nos quando chegámos a casa. Krishnaji pediu-lhes que aguardassem e fomos para a lavandaria, onde lavou cuidadosamente as mãos. Depois falou com Blackburn e pediu-lhe que não utilizasse o seu nome ao dar conferências.

Ao almoço, com Erna, Theo, Alan e Michael presentes, ditou uma carta a Rajagopal sugerindo que conversassem e resolvessem as coisas. Só então abriu o embrulho, que continha um relógio de quartzo de pulso.
— «Ele sabe que eu não uso relógio de pulso. Vou dá-lo ao Narayan.»

Sentiu-se limpo outra vez depois de lavar as mãos, e mais tarde fomos passear.

Na manhã seguinte, enquanto eu estava fora, Rajagopal telefonou e voltou a ligar durante o almoço; quando atendi, disse apenas querer salientar que as instruções para usar o relógio de quartzo estavam na caixa. Perguntei-lhe se desejava falar com Krishnaji depois do almoço. Disse que não. Perguntei-lhe se recebera a carta de K. Respondeu:
— «Que carta?»

Expliquei que tinha sido enviada no dia anterior e que, se ainda não a recebera, provavelmente estaria na caixa do correio. K obrigou-me a descansar depois do almoço. Dizia que eu estava excessivamente cansada, e isso parecia irritá-lo. Mais tarde afirmou que eu fazia gestos e caretas. Talvez fosse verdade, mas a irritabilidade dele parecia-me também sinal da própria fadiga.

O dia dezanove de Abril foi outro belo dia para a quarta discussão pública de K no Grove. Durou hora e meia. Depois de um almoço tranquilo, cerca de quarenta pessoas apareceram mais tarde para um chá, sobretudo pessoas vindas de longe para as conferências — do Canadá, Nova Iorque, América do Sul. Chegou uma carta de Rajagopal, ou melhor, um envelope endereçado a mim, mas com as iniciais JK escritas sob o meu nome. Continha um folheto sobre o relógio.

Vinte e um de Abril. K disse que eu continuava a mexer as mãos e a boca desnecessariamente e que estava decidido a pôr fim a isso. Sentou-se em frente de mim no chão e permaneceu absolutamente imóvel durante alguns minutos. Disse que os rapazes brâmanes eram ensinados assim. Achei muito fácil. Às 11h30 deu a quinta conferência de Ojai no Oak Grove. Almoçámos sozinhos em casa. Fez uma breve sesta e, às 16 horas, fomos à cerimónia formal de inauguração dos edifícios da Escola Oak Grove. Percorremos a casa principal com Mark e o arquitecto, Sr. Gammel. Depois, perante uma grande multidão que observava e ajudava, K plantou uma figueira de grande porte, da espécie *ficus macrophyla*, que cresce enormemente. Em seguida, acompanhado da arquitecta Zelma Wilson e do construtor Max Falk, percorreu o edifício das salas de aula. K quis e indicou o local onde deveria ser colocada uma vedação de madeira em torno do próprio Oak Grove. Disse que faria uma declaração para a posteridade estipulando que aquela parte do terreno nunca deveria ser

construída nem utilizada para fins que não fossem tranquilos, sérios, etc. Regressámos e mostrámos Pine Cottage ao Sr. Gammel e aos colegas.

No dia seguinte, vinte e dois de Abril, K deu a sexta conferência no Oak Grove, concluindo a série daquele ano. Uma conferência belíssima. A Sra. Vigeveno estava atrás do carro quando saí. Aproximei-me dela e perguntei-lhe como estava. Disse que queria cumprimentar K e entregar-lhe uma nota de Rajagopal, onde dizia que ele, Rajagopal, não sabia de nada que precisasse de ser resolvido entre ambos, mas que desejava ver K «mais uma vez».

Às 16 horas realizou-se uma reunião de administradores, principalmente para discutir Fritz Wilhelm e o centro para adultos. Estavam presentes K, Erna e Theo, Ruth Tettemer, Alan Kishbaugh, Mark Lee, David Bohm e eu. K mostrava-se inquieto relativamente a Fritz; não tivera contato com ele, receava que tudo fosse apenas intelectual da parte dele, que pudesse levar os ensinamentos a sério mas sem paixão. Sugeriu que Margrete, a mulher, diminuíra o espírito que Fritz parecera ter quando se juntara a nós. No dia seguinte, K teve uma conversa de uma hora com Fritz. Eu fui à primeira reunião na casa principal da escola, onde pais e funcionários conversaram com as pessoas de Brockwood que ali estavam.

No dia vinte e quatro de Abril, Krishnaji ditou cartas, incluindo uma para Rajagopal, dizendo lamentar que R tivesse voltado a fechar uma porta entre ambos; que K desejara conversar, entre outros assuntos, sobre os arquivos, que eram dele e não de R. Acrescentou que a porta estaria sempre aberta «onde quer que eu esteja».

O Dr. Balasundaram chegara a Ojai para as duas últimas conferências e estava hospedado em casa do Coronel Noyes. Mark Lee convidara-o para almoçar em Arya Vihara. Krishnaji teve outra conversa com Fritz no dia vinte e cinco.

No dia seguinte, durante o almoço, Rajagopal telefonou-me para perguntar o que K faria «nos próximos dias; quando partiria». Disse-lhe que sairia a quinze de Maio.
— «Espero vê-la», disse Rajagopal, antes de desligar.

À tarde, K conduziu uma discussão sobretudo com David Bohm, embora os administradores e funcionários da Escola Oak Grove estivessem presentes e alguns participassem. Uma das questões era saber se a separação era causada pelo desejo.

No dia vinte e sete de Abril, Krishnaji pediu a Erna e Theo que viessem depois do pequeno-almoço para falar sobre a questão Fritz Wilhelm. Sentia fortemente que aquilo não resultaria, que Fritz não tinha sensibilidade «para tudo isto», não tinha comunicação com ele e que tudo não passava de conversa. Questionámos toda a actividade do centro para adultos.

No dia vinte e oito realizou-se uma reunião de administradores, à qual K assistiu, assim como Mark Lee, Fritz e Margrete. Discutiu-se Arya Vihara, quem ali viveria e que actividades decorreriam. Quando Mark e a mulher, Asha, se mudassem para a Escola Oak Grove, Fritz e a mulher ocupariam o apartamento do andar superior. Michael Krohnen permaneceria onde estava; a sala oeste tornar-se-ia uma biblioteca com livros de Krishnamurti disponíveis para visitantes; a sala leste destinava-se à audição de gravações; e a sala central transformar-se-ia numa sala de silêncio. Falou-se da necessidade de uma determinada atmosfera. K levantou também a questão de decidir se visitantes ou professores poderiam partilhar quartos com parceiros não casados, e decidiu-se que não. Depois ficou estabelecido que apenas residentes permanentes — isto é, Fritz, Margrete e Michael — poderiam viver ali, exceto durante os períodos de conferências de Krishnamurti, quando haveria visitantes de outras Fundações K. Fritz e Margrete concordaram com tudo isto, talvez demasiado prontamente. Mais tarde, K mostrou-se cheio de dúvidas acerca deles e sentia cada vez mais que Fritz não compreendia os ensinamentos, vendo tudo apenas intelectualmente.

No dia seguinte, vinte e nove de Abril, K pediu novamente a Erna e Theo que viessem depois do pequeno-almoço para falar sobre a situação de Fritz. Sentia fortemente que aquilo não resultaria, que Fritz não tinha verdadeira sensibilidade para aquilo, não comunicava com ele, que tudo era conversa. Erna e eu achávamos que se devia dar uma oportunidade a Fritz e Margrete. Theo mostrava-se mais pessimista. Fritz e Margrete não estavam ao almoço e, ao regressarmos de Arya Vihara, David Bohm disse

confidencialmente a K que Fritz estava bastante perturbado e que, embora não o tivesse dito explicitamente, Dave suspeitava que talvez quisessem partir. K contou isso a Erna e Theo, para ponderarmos o que fazer caso fossem embora. Às 16 horas, K conduziu uma discussão com Dave, o resto de nós e professores da Oak Grove — continuação do tema:
— «O pensamento baseia-se no desejo? Existe uma ação que não assente nisso?»

Primeiro de Maio. Todas as manhãs K sentava-se em frente de mim no chão para me ensinar a ficar quieta, sem mover desnecessariamente as mãos e o rosto. Depois fazia-me uma vigorosa massagem no pescoço e nas costas para ajudar a circulação na minha perna e evitar dores de cabeça. Às vezes brincava comigo quando eu lhe agradecia.
— «Tenho de ajudar a minha benfeitora.»

Nessa manhã em particular disse:
— «Não o faria se não gostasse de ti. Lembra-te disso.»

Pausa.
— «Bem, suponho que faria na mesma, mas percebes o que quero dizer.»

Evelyne e os Mendizza estavam ao almoço e, às 16 horas, K e eu juntámo-nos a eles na escola, onde K foi filmado a caminhar no Oak Grove. Estava aborrecido com tantas filmagens, mas felizmente aquela seria a última obrigação desse género, embora tivesse durado quase duas horas. Chegou uma nota para K de Rajagopal contendo um poema sentimental sobre amizade, com duas linhas azuis sublinhadas, afirmando que era assim que ele se sentiria toda a vida «e depois dela». K ficou tão enojado que mal olhou para aquilo. Era um daqueles cartões do género «Amizade é quando…», etc. Resistiu-se à tentação de responder «amizade não é quando se rouba». Balasundaram viera no dia anterior falar uma hora com K. Tinha visto Rajagopal e disse-lhe que o instara a devolver os arquivos e a reconciliar-se antes de morrer. Disse que Rajagopal se recusara a discutir os arquivos, guardando coisas para se defender «caso me ataquem» e afirmando:
— «Eles esperam a minha morte.»

O próprio Balasundaram antecipou-se ao pedido de Krishnaji para devolver as gravações de Rishi Valley que levara consigo quando partiu,

desatando a chorar e dizendo que K e os seus ensinamentos significavam tudo para ele.

No dia três de Maio, Krishnaji falou com Fritz e depois juntaram-se Margrete, Mark Lee, Erna, Theo e eu; voltámos a discutir o centro para adultos e o uso de Arya Vihara. Havia uma atmosfera diferente e uma conversa mais construtiva. K disse que «trabalhara realmente» para chegar até Fritz, e tudo parecia melhor.

No dia seguinte soubemos que as eleições britânicas tinham resultado na derrota dos Trabalhistas e na vitória dos Conservadores, com Margaret Thatcher a tornar-se primeira-ministra. K viu a situação com pessimismo. A meio da manhã fomos com Erna e Theo até Santa Barbara onde, em menos de cinco minutos no escritório do IRS, obtivemos a autorização fiscal de K, necessária sempre que deixava o país enquanto residente. Regressámos pela estrada da praia e depois pelas montanhas, passando pelo lago Casitas.

Ao almoço, K perguntou o que cada um de nós faria se tivesse muito dinheiro,
— «algo extravagante!»

Nenhum de nós conseguiu dar uma resposta suficientemente frívola; boas obras estavam excluídas. K, a rir, disse:
— «Provavelmente continuaria a comprar o Mercedes mais recente, sem ir a lado nenhum, apenas para o lavar todas as semanas.»

Eu pensei que talvez mantivesse Rajagopal preso em batalhas judiciais até entregar tudo e fazer penitência.

Ficámos na fila para gasolina em Ojai atrás de cerca de dez carros. A escassez começava a paralisar a Califórnia. Já em casa, Balasundaram telefonou para se despedir e disse que Rajagopal lhe ligara seis vezes na noite anterior, perguntando se nós o tínhamos enviado como emissário.

Eu devia ir a Malibu no dia seguinte para o início das obras de movimentação de terras na minha colina, e K queria vir. Queria conduzir o carro verde, mas no dia anterior sentira-se inibido de o fazer com os

Lilliefelt, porque
— «eles poderiam preocupar-se.»

Tive de saltar o almoço para ir ao banco buscar um cheque visado destinado ao engenheiro do condado como garantia para as estacas que seriam colocadas na «base» da encosta em Malibu. Amanda e Phil Dunne vieram à tarde, e passámos um momento agradável a conversar. Phil levou o cheque para o entregar por mim nos serviços do condado em Malibu. Tudo aquilo se tornara um problema interminável.

Cinco de Maio. Partimos na manhã seguinte no carro verde, com Krishnaji a conduzir o troço de que gostava desde os choupos da Pacific Coast Highway. Fomos directamente a casa dos Dunne e descemos ao desfiladeiro, onde discuti e assinei um acordo para a movimentação de terras. Regressei ao terraço dos Dunne, onde comemos, com Amanda e Phil, a salada de arroz e fruta que leváramos. K divertiu-se com um artigo de jornal que Phil leu acerca das extravagâncias do «Governador Moonbeam» da Califórnia.[3]

Vimos o Kentucky Derby na televisão, ganho por Spectacular Bid, e depois fomos até ao nosso lado do desfiladeiro observar a degradação do terreno. Em certos pontos, as fendas tinham entre dois e três metros de largura e metro e meio de profundidade. Era difícil saber como lidar com aquilo até o deslizamento estabilizar. Tirando a zona devastada, o lugar parecia belíssimo. As rosas estavam em plena floração. Colhemos um braçado delas e regressámos a Ojai, com Krishnaji novamente ao volante durante a primeira parte do percurso.
— «Posso falar seriamente?», perguntou quando já seguíamos pela estrada silenciosa e vazia. «Porque gosto de ti, nunca poderia deixar-te. Isso nunca poderá mudar. Há algo de sagrado nisso. As pessoas não compreendem isto.»

Pensava no que diria no dia seguinte na discussão com o pessoal acerca da questão da relação. Tinha estado a ordenar em conversa as diferenças de seriedade dentro das relações.

Na tarde de seis de Maio houve uma discussão com o pessoal, continuação da reunião da semana anterior, examinando a relação em que não existe o eu. Depois, Theo trouxe a K cinco pequenas caixas de prata,

douradas por dentro, colocando em cada uma minúsculos fragmentos de pedras preciosas. Era o presente e o projeto de Theo, e ele estava muito empenhado nisso. Sentámo-nos à volta da mesa enquanto dispunha tudo diante de K; depois K ficou sozinho com as caixas cerca de cinco minutos e fez aquilo que quer que fosse que fazia, enquanto nós esperávamos na sala de estar. K fechou as caixas, chamou-nos de novo, e as caixas foram colocadas num saco, que K conservaria consigo durante alguns dias. Mais tarde, uma seria colocada num local secreto do edifício da escola e outra no Oak Grove; as restantes seriam guardadas para o futuro. Existia já, naturalmente, uma em Pine Cottage, colocada por Theo nas fundações durante a construção, e outra fora colocada da mesma maneira na casa principal da escola. Trata-se de uma antiga noção indiana de trazer uma certa atmosfera, uma qualidade religiosa, a um lugar. K brincava levemente com isso, mas a ideia partira dele e Theo aceitara-a entusiasticamente como missão.

No dia nove de Maio, K ditou cartas, incluindo uma para Rajagopal em resposta ao recorte que este lhe enviara sobre amizade. Alain Naudé telefonou dizendo que tivera de voltar para trás quando vinha de carro para Ojai por falta de gasolina. Acabara de obter a cidadania norte-americana.

Mais tarde nesse dia, K recebeu outra carta de Rajagopal e pediu-me que lhe telefonasse para refutar a acusação de que a KFI publicara uma obra completa «em completa violação da letra e do espírito do acordo», bem como a afirmação de que ele não retirara nada dos arquivos. Seguiu-se uma conversa interminável e impossível. Entre os pontos abordados, expliquei que a KFI não publicara qualquer obra completa, que a única edição desse tipo de que eu tinha conhecimento era da Chetana, editora de Bombaim. Eu conhecera o diretor em Bombaim e perguntara-lhe se publicava com autorização de Rajagopal, ao que respondera que a tinha «até certo ponto». R não insistiu nesse assunto e disse:
— «Não importa.»

Falei então da negação dele quanto à retirada de arquivos; isso significava que restauraria o material desaparecido? Respondeu:
— «Todas as cartas que você e outros têm reivindicado não pertencem aos arquivos. Tudo o que pertence aos arquivos está lá.»

Disse que os arquivos não estavam definidos. Retorqui que, pelo contrário, estavam claramente especificados no acordo. Negou que as cartas e o material enviado por Jinarajadasa para K pertencessem aos arquivos. Acrescentou que, se houvesse algo específico que K quisesse consultar, deveria listá-lo exactamente, e ele faria uma cópia. Negou ter ocultado parte do relato de Pupul sobre os acontecimentos em Ootacamund, apesar de Pupul afirmar que muito faltava nas cópias que ele fornecera. R respondeu que, se K desejasse algo de que se lembrasse, faria uma cópia, caso ainda existisse, mas que eles teriam de saber exactamente o que era, e mesmo assim poderia já não existir.
— «Não reivindico nada como meu, mas tudo o que foi enviado para os arquivos já está nos arquivos.»

Perguntei-lhe se, conforme afirmara certa vez, destruíra originais. Respondeu:
— «Talvez o tenha feito. Se desapareceram, não os tenho; não os posso apresentar. Há cinquenta anos que faço este trabalho. Porque razão me interrogam agora?»

Disse-lhe que não estava a dar respostas razoáveis; se tinha os manuscritos, estaria disposto a permitir que K os consultasse?

---

**Notas**

1. *Shloka* — verso ou hino em sânscrito, geralmente de carácter religioso ou filosófico.
2. *Bhajan* — canção devocional indiana, normalmente associada à tradição hindu.
3. "Governor Moonbeam" era a alcunha satírica do governador da Califórnia Jerry Brown, usada devido às suas ideias consideradas excêntricas ou idealistas.

Respondeu:
— «Ele pode ver tudo o que quiser em minha casa.»

Disse que apenas existiam manuscritos dactilografados que não estavam na letra de Krishnaji. Perguntei o que acontecera aos originais;

eram a parte mais valiosa e preciosa de qualquer arquivo. Rajagopal respondeu:
— «Ele pode ver tudo o que existe, mas tem de pedir exactamente qual manuscrito, não isto ou aquilo em geral. Tem de ser específico. O que não estiver lá não pode ser apresentado. Se não acredita em mim, lamento.»

Voltei a perguntar acerca da declaração de Pupul, e ele respondeu:
— «Porque haveria de aceitar a declaração dela? Talvez ela se tenha esquecido. De qualquer modo, nada pode ser feito quanto a isso. Não os posso apresentar. Se não acredita, e ele não acredita no que lhe estou a dizer, paciência. Não quero falar com ele indirectamente. Não faz sentido falar. Há dez anos que tento falar com ele sem ser em ligação com estas coisas. Tenho sido tratado como alguém que fez algo de errado. Não me aproximo dele como um penitente. É disso que estou a falar. Não é possível separar o trabalho que faço e viver completamente isolado; há coisas que dizem respeito a ambos.»

Respondi que todos nós tentávamos encontrar uma forma de resolver as questões amigavelmente e estabelecer uma relação cordial entre todos.

O dia doze de Maio foi o aniversário de Krishnamurti, embora, como de costume, afastasse qualquer menção ao assunto. Estava muito calor, mas as paredes de adobe mantinham confortável a nova ala da casa. Fiz trabalho de secretária, incluindo uma carta para Rajagopal, colocando por escrito vários pontos que eu lhe tinha referido na nossa última conversa.

No dia catorze, K lavou o Mercedes cinzento antes de este ser colocado sobre suportes na garagem durante o Verão, e no dia seguinte eu terminei de fazer as malas quando o telefone tocou; era Rajagopal, dizendo que estava a «acusar verbalmente a recepção» da minha carta. Perguntou também se K e eu iríamos a Nova Iorque.
— «Pergunto apenas no caso de querer telefonar.»

No dia seguinte, partimos depois do almoço em Arya Vihara e fomos com Mark para o LAX. Fizemos o check-in, e eu fiquei a guardar a bagagem de mão enquanto Krishnaji vagueava com Mark até à janela, observando o nosso Boeing 747. Reparou numa fenda junto de uma das portas. Pouco depois, alguns elementos da equipa de terra também a detectaram e, em vez de embarcarmos e levantarmos voo às 17h30, ficámos

à espera até às 21 horas e partimos às 22 horas num avião substituto, que fez escala em Nova Iorque às 5 da manhã para reabastecimento. K e eu passeámos pelo aeroporto para fazer exercício, voltámos a embarcar e seguimos viagem até chegar a Heathrow às 18 horas — uma hora relativamente calma — recuperando rapidamente a bagagem e encontrando Dorothy. Eram 21 horas quando chegámos a Brockwood, mas ainda havia luz. Estudantes e funcionários estavam na entrada para cumprimentar K. Jantámos sozinhos na nossa pequena cozinha.
— «Como isto é silencioso», disse K.

E como Brockwood estava verde, embora a Primavera tivesse sido fria e tardia. Fomos directamente para a cama e dormimos profundamente.

**Capítulo Cinquenta e Oito**

Era bom acordar em Brockwood. Embora fossem apenas pouco mais de quatro da manhã, apeteceu-me levantar, por isso desfiz as malas, tomei banho, vesti-me e deixei tudo em ordem antes de preparar o pequeno-almoço — uma satisfação. Krishnaji dormiu quase toda a manhã, mas levantou-se para o almoço. Narayan estava presente, tal como Venkatachalam e a Sra. Premilla Rajan. O Dr. Parchure chegou de Bombaim ao fim da tarde. Falei com Mary L. Ela e Joe tinham acabado de regressar de Veneza.

No dia seguinte, dezoito de Maio de 1979, conversei longamente com o Dr. Parchure. Mais tarde, Krishnaji, Dorothy, os cães e eu passeámos pelos campos. Voltei a sentir o amor sem palavras e a beleza daquela terra. Fui a uma reunião do pessoal às 17 horas e reintegrei-me na vida de Brockwood como se fosse um fio contínuo vindo de Ojai — o que, naturalmente, era.

No dia vinte de Maio, K falou à escola durante a manhã. John McGreevy, que realizara o filme da Canadian Broadcasting sobre K, e a colega Jennifer Pancher vieram conversar e ficaram para o almoço. Tinha acabado de concluir uma série sobre cidades do mundo vistas através dos olhos de diferentes pessoas: Leninegrado com Peter Ustinov e uma recentemente concluída sobre Londres com Jonathan Miller. McGreevy disse que Miller faria uma série própria e deveria falar com Krishnamurti. Às 18 horas, os estudantes apresentaram *Antígona*, de Anouilh, no salão de

assembleias. Daphné Maroger interpretou Antígona. K assistiu e permaneceu até ao fim. Achou-os
— «muito bons».

Depois houve um jantar grego. Toda a escola parecia feliz e unida.

No dia vinte e quatro tivemos um dia em Londres onde, após vários recados, almoçámos com Mary L., e ela disse a Krishnaji que faria uma continuação da biografia dele depois de terminar um livro sobre o avô, Lytton, quando fora vice-rei da Índia, depois outro sobre o pai, e só então o de K. Disse ter descoberto uma forma de o fazer sem branquear os problemas com Rajagopal. Centrar-se-ia nos ensinamentos de Krishnamurti, com muito menos material pessoal do que o livro anterior. K ficou satisfeito, e eu senti um grande alívio por algo de bom acontecer, pois receara que ela não quisesse continuar. Joe encontrara-nos em Waterloo e, gentilmente, regressou depois do almoço para levar K ao dentista e depois conduzir-nos novamente até Waterloo.

Nos dias seguintes, K falou à escola, ditou mais *Cartas às Escolas* e realizou uma reunião com toda a comunidade escolar — estudantes e funcionários — discutindo intercâmbios estudantis entre Brockwood e a Índia com Dorothy, Narayan, Dr. Parchure, Venkataraman, Sra. Rajan, Scott, Julie Desnick e Kathy Harris.

Entretanto, falei com o Dr. Scheef, em Bona. Não planeávamos ir lá nesse ano, mas ele disse que enviaria medicamentos para a Suíça. Houve outra ida a Londres e ao dentista, onde foi tratado algum pus na gengiva de K. Almoçámos com Mary e Joe no apartamento deles, e K falou com Mary sobre a biografia e a questão do que lhe dava perceção interior. Seria a teoria do Maitreya, o desenvolvimento pessoal de K, ou outra coisa qualquer a manifestar-se? K disse não saber; tinha a sensação de que não deveria perguntar, mas talvez, explorando isso com Mary e comigo, pudesse encontrar uma resposta. Mary mostrava-se ansiosa por discutir estas questões com ele e planeava ir a Brockwood dentro de alguns dias.[1]

No dia primeiro de Junho, Radha Burnier chegou para passar quinze dias. Krishnaji ainda tinha algumas dores devido aos tratamentos dentários, mas estava alegre e ria ao ler na revista *Time* que alguns chamavam à Sra.

Thatcher «Átila, a Galinha». Nessa tarde conduziu uma discussão com o pessoal sobre o que é opinião.[2]

No dia seguinte, Dorothy levou K, Radha Burnier e eu a Londres com um cesto de piquenique para almoçarmos no carro, no Hyde Park, mas como estava cheio encontrámos um local sombrio numa rua lateral. Depois do almoço fomos ver um filme indiano muito recomendado por Pupul: *The Chess Players*. No regresso, Krishnaji interrogou-nos intensamente:
— «O que fez o homem durante estes milhares de anos?»

Desenvolveu-se exteriormente, mas não interiormente.

No dia três de Junho chegaram os Maroger, acompanhados da filha Diane. K falou a toda a escola ao meio-dia e, à tarde, tratou Diane e depois teve uma longa conversa com Jean-Michel, Marie-Bertrande e comigo acerca dela. Os ossos estavam a fortalecer-se, mas ela não crescera em altura, enquanto os colegas de escola cresciam rapidamente. A situação tornava-se dolorosa para Diane; ela perguntara à irmã Ariane:
— «Irei casar e ter filhos?»

Marie-Bertrande receava que ela viesse a sofrer uma depressão grave mais tarde. K estava muito intenso:
— «Daria a minha vida por ela, se pudesse.»

Eu pensava silenciosamente o mesmo. K falou inicialmente como se estivesse a explicar aos pais aquilo que Diane enfrentava — algo que eles próprios enfrentavam e receavam havia anos. Contou-lhes acerca de Isabelle Mallet, que era deficiente e se apaixonara por ele.
— «Eu era demasiado novo para compreender o que ela realmente queria. Gostava dela, ia vê-la todos os dias, mas era demasiado inocente nessa altura para perceber.»

Falou de uma mulher em Madrasta com a anca partida que tinha visto e que fora curada. Havia também Fresia, cujas radiografias cardíacas mudaram de um dia para o outro.
— «O que precisamos é de um milagre», disse.

No dia quatro, Mary L. e a filha Amanda chegaram às 11 horas. K, Mary e eu sentámo-nos no quarto dele, e ele falou da biografia — o que o

mantivera «vazio» em criança? Seria algum poder que desejava manifestar-se — a teoria do Maitreya — ou algo no rapaz, uma evolução através de encarnações (o que K dizia abrir a porta à superstição), ou uma força de bondade que entrara no rapaz?
— «Sempre senti que estava protegido», disse. «Se entrar num avião, ele não cairá.»

Mas continuava a fazer a mesma pergunta: como era possível que o rapaz estivesse vazio, e o que o mantinha assim? Fizemos uma pausa enquanto ele se vestia, e Mary e eu conversámos sozinhas na sala de estar. Depois do almoço retomámos a conversa ali, com K a prosseguir a mesma investigação. Tomei notas. Perto do fim da discussão, disse que talvez não conseguisse responder à questão, mas talvez Mary ou eu conseguíssemos, e se o fizéssemos ele saberia se a resposta era correcta. Disse que as teorias do Maitreya ou da reencarnação eram
— «suspeitas».

Isso significaria que tudo estaria limitado a ele, e os ensinamentos
— «afirmam que todos podem alcançar isto; de outro modo não valeria a pena.»

À noite falou com Narayan, na presença do Dr. Parchure e de mim. K preocupava-se com a possibilidade de Narayan se tornar autoritário, rígido nos seus hábitos, como acontecera com outros antes dele.

Sete de Junho. K e eu fomos a Londres, onde Joe Links gentilmente encontrou K e nos levou à Huntsman. Comprámos presentes para Vanda — uma camisola bege de jersey da Peal's — e livros na Hatchards. Depois fomos à Fortnum, onde almoçámos com Mary L. e Alain Naudé, recém-chegado de São Francisco. Ia visitar Vanda em Florença e depois encontrar-se com o Dr. Kunzlie acerca da tradução de um livro de homeopatia. Foi um almoço agradável e conversador, mas K sentia que perdera contato com Alain.
— «Ele afastou-se de nós.»

Pensei que K se referia aos ensinamentos, assim como a nós, embora à superfície estivéssemos amistosos e houvesse muito de que rir e conversar. Joe, novamente o homem incansavelmente gentil, levou K e eu ao dentista, Sr. Thompson, que retirou os pontos da operação à gengiva realizada na

semana anterior e, quinze minutos depois, já seguíamos para a estação de Waterloo.

K continuou a tratar Diane todos os dias. No dia dez de Junho falou à escola e Balasundaram chegou. Ele e Narayan não falavam há alguns anos, desde que Narayan assumira a direção de Rishi Valley em substituição dele. Pareceu-me positivo que fossem obrigados a conviver. K pediu aos Maroger que permanecessem mais três dias. Disse-me que, quando tratava Diane, o quarto ficava
— «cheio de algo».

Nos dias seguintes, K ditou mais *Cartas às Escolas*, falou à escola e realizou conversas filmadas em vídeo com professores. Mary L. também veio discutir e falar com K sobre o que escreveria na continuação da biografia, enquanto eu tomava notas. No dia vinte e oito de Junho realizou uma conversa gravada em vídeo com Shakuntala, Scott Forbes e comigo.

Depois chegou novamente o tempo de fazer malas e, no dia primeiro de Julho, voámos para Genebra e para o Hotel des Bergues. Telefonámos a Vanda em Chalet Tannegg, onde ela e Fosca acabavam de chegar. Na manhã seguinte tratámos dos recados anuais em Genebra e depois, num Ford Fiesta alugado, seguimos ao longo do lago até Lausanne e daí, via Bulle, subimos às montanhas até Gstaad e Chalet Tannegg.

K descansou nos dias imediatos. O Dr. Parchure chegou e vinha diariamente supervisionar os exercícios de K. Trouxe notícias tristes acerca de Verna Kruger, em Brockwood, que sofria de um tumor maligno que piorava. K escreveu-lhe, tal como eu.

No dia oito de Julho, Krishnamurti deu a conferência de abertura em Saanen sobre «pensar em conjunto». Mais tarde, nesse mesmo dia, Dorothy, que entretanto já estava em Saanen, telefonou para Brockwood e foi informada de que o médico julgava que Verna teria apenas mais alguns dias de vida. Ingrid foi transmitir-lhe mensagens de Dorothy e contou-lhe que as cartas de K e a minha estavam a caminho. Ela reagiu e depois morreu serenamente.

Dez de Julho. Krishnaji deu a segunda conferência em Saanen. Centrou-se sobretudo na questão:
— «o que é uma boa sociedade?»

Estava incomodado com febre dos fenos. À tarde viu Diane, que estava mais forte e conseguia caminhar e manter-se de pé sem apoio. Apesar de sofrer de bronquite no dia seguinte, viu Diane e também Anneke Korndorffer. O Dr. Parchure chegou ao fim da tarde e dormiu no quarto ao lado.

No dia doze, K não tinha febre, a voz estava muito rouca, mas recusou cancelar a conferência. A voz melhorou um pouco. Diane caiu da bicicleta e fracturou a parte superior da perna direita. Jean-Michel telefonou a dizer que ela estava em tração e que permaneceriam ali até poder ser transportada para casa, em França.

No dia treze realizou-se a reunião anual de todos os comités Krishnamurti de diferentes países em Chalet Tannegg, durante a qual K falou sobre o papel dos comités e sobre a necessidade de evitar interpretações. A reunião prosseguiu à tarde, sem K, mas em Chalet Haldi. Jean-Michel veio ver o apartamento do rés-do-chão em Chalet Tannegg para Diane e a mãe. Alugou-o, e disponibilizámos um quarto intermédio por cuja porta exterior pudesse passar a cama de tração. Uma carrinha trouxe Diane na cama, e os jovens de Brockwood transportaram-na cuidadosamente escada abaixo, onde ela coube exactamente. K desceu para a ver. No dia seguinte deu a quarta conferência em Saanen, e a Dra. Dagmar Lichti almoçou connosco e com o Dr. Parchure.

No dia dezasseis, as irmãs Siddoo vieram ver K, e ele descartou a ideia de Sarjit Siddoo de um aspecto monástico numa escola: o celibato não era necessário.

K deu a quinta conferência em Saanen no dia dezassete e, à tarde, foi entrevistado para a rádio holandesa. Uma carta de Erna trazia notícias de uma generosa doação da Sra. Essie Bates para iniciar uma escola em Ojai, e uma Sra. Abravanel veio dizer a K que desejava fundar uma escola K na Grécia. Mar de Manziarly e Anneke vieram almoçar com K. O Dr. P. também estava presente, e mais tarde Pascaline Mallet apareceu para o chá.

No dia dezanove de Julho, K deu a sexta conferência em Saanen. Nela perguntou:
— «Podemos descobrir um facto central que responda a todos os nossos problemas?»

e:
— «O conhecimento faz parte da ignorância porque é sempre incompleto.»

Falou de observação, ação e inteligência:
— «destas surgem amor e compaixão. Quando existe compaixão não existe dor, conflito nem sofrimento.»

Mais tarde, a caminho da tenda para a sétima conferência, perguntou:
— «Sobre o que falarei?»

E, quando começou, perguntou:
— «Porque estão tão silenciosos?»,

continuando depois a falar sobre isso, sobre aquilo que se procura, e sobre o facto de uma mente saudável ser uma mente silenciosa.

As conferências terminaram, mas no dia vinte e cinco de Julho começaram na tenda as cinco discussões diárias. Na segunda falou sobre o amor, o que ele é e o que não é, e depois sobre escutar e aquilo que impede a escuta. Na quinta e última reunião, um jovem norueguês mostrou-se ruidoso e insultuoso, exigindo que Krishnamurti «revelasse o seu segredo», algo que supostamente ocultava. Foi desagradável, mas K conseguiu manter a reunião unida e prosseguiu. Assim terminaram os encontros de Saanen desse ano.

No dia seguinte, trinta de Julho, Jackie Siddoo veio despedir-se de K, que lhe disse para não hesitar em fechar a escola no Canadá caso ela não funcionasse. Os Maroger, que tinham permanecido em Saanen durante todos os encontros, vieram almoçar. K continuava a ver Diane diariamente, e uma radiografia mostrava que a perna sarava bem.

No dia cinco de Agosto, uma manhã luminosa sem nuvens, K «tratou» o meu pé e disse que estava menos inchado. Atribuiu isso ao exercício do dia anterior, quando eu subira o Wasserngrat com os Maroger, e afirmou

que eu devia caminhar mais. Disse que sim. Ele respondeu:
— «Dizes sim — quando?»

Por isso subi a colina e entrei na floresta, onde estava tanto frio que as mãos ficaram dormentes; depois, ao sol, estendi-as e a luz aqueceu-mas.

Ao pequeno-almoço tivera uma longa conversa com o Dr. Parchure acerca da saúde de K. Tem tensão baixa e pulso lento; com a idade o metabolismo abranda, e o Dr. P. tenta manter o corpo de K em forma e estimulado através de exercício, sem o cansar. K tinha tendência para exagerar, para forçar o corpo; deixara de ser bom juiz das suas capacidades. Raramente interromperia um exercício por iniciativa própria. O Dr. P. observava-lhe o rosto. Se K lhe lançasse um olhar, ele interpretava-o como sinal de que devia mandar parar. Explicou-me o que poderia causar os desmaios de Krishnamurti: o nervo vago controla os batimentos cardíacos. Como a tensão e o pulso de K eram baixos, fadiga, choque, uma atmosfera desgastante, etc., podiam provocar insuficiente irrigação sanguínea no cérebro, precipitando um estado abaixo da consciência e, por fim, inconsciência. Falou também sobre a forma provável da morte de K: não julgava que fosse causada por doença nem por um ataque cardíaco súbito, mas antes por um lento enfraquecimento do corpo. Disse-me que, se K perdesse a consciência com mãos e pés frios, eu deveria esfregá-los para estimular a circulação, para evitar que ele «partisse», mas acreditava que K saberia a hora da própria morte e me avisaria, e então não deveria haver interferência. Durante a massagem desse dia, o Dr. P. falou de algumas destas questões e K retomou o assunto ao almoço. O Dr. P. conseguiu levar Krishnaji a reconhecer o problema de compreender as próprias limitações, de preservar as suas forças e energias.

Voltámos ao tema das discussões públicas. K começara a pensar que fora a desagradável situação na tenda, na última palestra, que o deixara tão cansado, e concordou que deveríamos regressar ao antigo método de perguntas escritas pelo público e respostas dele, em vez dos recentes
— «diálogos que não funcionam com mil pessoas».

Falámos também do problema da «interpretação» — o facto de ele ter pedido aos administradores que falassem criava o perigo de interpretações erradas. Contei-lhe a minha recente conversa com um homem que parecera

satisfeito quando eu o advertira de que falava sem qualquer autoridade, e eu já o imaginava a sair dali dizendo que as pessoas à volta de K não sabiam do que ele falava. K riu-se e disse:
— «Não se consegue ganhar!»

Voltou à questão da saúde e afirmou ter-se sempre sentido protegido. Algo — «eles» — cuidava dele em função dos ensinamentos. Sentia que «eles» decidiriam o momento e a forma da sua morte, e que ele saberia. Perguntou ao Dr. P. como morrera o Buda — aparentemente devido a comida estragada, mas quem sabe realmente.

K dormiu à tarde e eu também. Fomos passear até ao rio e, depois do jantar, li-lhe excertos do diário de Mar de Manziarly, que ela me entregara para os arquivos. Havia passagens de cartas de Nitya, uma delas em que falava de coisas cansativas:
— «E a mais cansativa de todas é a Teosofia»,

e as suas descrições dos rapazes de Leadbeater na Austrália:
— «Todos tinham sido reis e santos em vidas anteriores, mas agora, infelizmente, eram australianos.»

O rosto de K iluminou-se de riso e juventude.
— «É estranho eu não me conseguir lembrar dele», disse,

mas o seu riso tinha um lampejo luminoso de reconhecimento.
— «Pergunto-me o que teria feito se tivesse vivido. Mas isso é especulação, e não devemos especular.»

Para mim, há um sentimento de tristeza quando leio ou penso em Nitya, que nunca conheci, mas por quem sinto uma profunda perda.

---

**Notas:**

1. *Maitreya* — figura messiânica do budismo e também conceito adoptado pela Sociedade Teosófica, associado à ideia de um instrutor espiritual mundial.

2. “Attila the Hen” (“Átila, a Galinha”) era um trocadilho satírico aplicado a Margaret Thatcher, aludindo a “Attila the Hun” (“Átila, o Huno”), para sugerir dureza e agressividade política.

No dia seis de Agosto, gravei em fita as respostas de K a uma carta de Pupul, que queria saber sobre os seus «anos desaparecidos» — os anos da guerra, de 1939 a 1947, quando esteve em Ojai — o que fez, quem viu, etc. Ela dizia que ele reaparecera na Índia, em 1947, «diferente».

Vanda regressou no dia nove de Agosto e, no dia dez, voei para Roma para ver Filomena, regressando a Gstaad no dia doze. Ao chegar a Tannegg, K estava à janela da casa de banho, que dava para a entrada.
— «Sabia que vinhas; o Deva disse-mo.»[1]

O dia treze amanheceu belo, mas eu sentia mais vontade de me mover lentamente do que de subir a colina, por isso comecei a fazer as malas para a nossa partida no dia quinze. O Dr. Parchure disse que voltara a falar com Krishnaji sobre cuidar da saúde, e K concordara em prestar atenção às correntes de ar, etc., e em ouvir-me quando eu sugerisse que cobrisse a garganta ao passear em Brockwood.

À tarde, levei K de carro à aldeia para cortar o cabelo, e regressámos depois para caminhar até ao rio. Ele disse:
— «Quero falar contigo seriamente. Escuta, por favor. Tens de sobreviver-me. Vou viver muito tempo, e tens de estar bem. Não posso ter outra pessoa a cuidar de mim, por isso tens de cuidar de ti. Eu sou protegido» — apontou para cima — «pelas nuvens. Compreendes? Precisas de descansar, de estar sozinha. Vejo que isso te faz bem; por isso, quando regressares a Ojai, tens de organizar as coisas e deixar de escrever à máquina assuntos da Fundação, de lidar com as cartas intermináveis. Eu escrever-te-ei, mas não deves ter de tratar das cartas absurdas que as pessoas enviam. Darei isso à Sunanda.»

Perguntei-lhe se, além de cuidar dele, havia outra razão para eu lhe sobreviver.
— «Não tenho ninguém além de ti; não estou a ser egoísta.»

Perguntei então se, para além disso, existia algo que eu tivesse de fazer quando ele já não estivesse vivo.

— «Pode ser», respondeu. «Alguém tem de assegurar que isto não se desmorona.»

Falámos sobre a responsabilidade dos membros das Fundações em falar ou não falar. Ele não tornou a questão mais clara. Não deveria haver proibição de falar, mas não podia haver interpretação dos ensinamentos. Outras pessoas fariam interpretações, mas os membros das Fundações não deveriam fazê-lo — mas onde estava a linha divisória? Mostrou-se crítico em relação a Pama Patwardhan por ter falado numa digressão recente que fizera com Sunanda apresentando os vídeos, porque sentia que Pama não compreendia os ensinamentos. Sunanda podia falar. Pupul não falaria. Mas ela estava prestes a escrever um livro. Inevitalmente, seria visto como um livro escrito por alguém próximo de K e da Fundação: onde estava a linha divisória em tudo isto? Disse que iria aprofundar o assunto e que mudara de opinião quanto a encorajar as pessoas a falar, mas depois pareceu abandonar o tema.

Falando de Ojai, disse que gostaria que encontrássemos um pequeno lugar para onde pudéssemos fugir e onde ninguém soubesse onde ele estava. Algures perto da praia? Talvez perto de Santa Barbara.

No dia seguinte, catorze de Agosto, foi o habitual fazer malas. Depois do almoço com Vanda e o Dr. Parchure, e de uma pequena sesta, fomos fazer o último passeio daquele Verão até ao fim do bosque. Parou junto ao banco na orla do campo, fitou as montanhas e disse:
— «À l'année prochaine.»[2]

As malas estavam prontas, e preparámo-nos para partir na manhã seguinte.

Essa manhã estava clara. Despedimo-nos de Vanda e Fosca e partimos às 10 horas para Genebra, passando por Les Mosses, Aigle e pela auto-estrada. Voámos para Londres e tivemos uma longa espera na imigração, entre multidões de turistas de regresso das férias. Dorothy estava lá para nos receber, e Jim seguia noutro carro com a bagagem. Brockwood encontrava-se na plenitude do Verão. Jantámos todos juntos no piso inferior, e K quis levar o Mercedes pelas estradas secundárias para garantir que a bateria ficava carregada. Ambos sentíamos o bem-estar de estar de volta.

No dia seguinte, Krishnaji, o Dr. Parchure e eu apanhámos o comboio da manhã para Londres. Joe foi buscar-nos. Parchure seguiu o seu caminho, e K veio comigo ao banco e à Culpepper para comprar algumas coisas, depois do que almoçámos com Mary e Joe no Fortnum. Era bom estar com eles. Depois, Joe levou K ao dentista enquanto eu cortava o cabelo, e em seguida conduziu-nos de volta a Waterloo.

Os dias seguintes foram tranquilos. Fizemos alguma monda e poda no Grove, K deu uma entrevista a John Briggs para um artigo, os Digby vieram almoçar e discutir publicações. Houve outro dia em Londres por razões dentárias e, ao regressarmos, Scott e Kathy chegaram dos Estados Unidos, acabados de casar no Maine. Os preparativos para as conferências de K em Brockwood mantinham a casa ocupada e, no dia vinte e quatro, havia cento e quarenta pessoas às refeições em Brockwood.

No dia vinte e cinco de Agosto, após a habitual massagem com óleo dada pelo Dr. P. antes do pequeno-almoço, Krishnaji deu a primeira das conferências de Brockwood de 1979. Depois de fruta e salada na cozinha da Ala Oeste, regressámos à tenda para uma segunda sessão, e anunciei uma alteração no plano das discussões, pedindo perguntas escritas que seriam entregues a K. Mais tarde passeámos com Dorothy, e à noite fiz iogurte.

No dia seguinte, o tempo estava melhor, e K deu a segunda conferência de Brockwood, profundamente comovente, sobre:
— «Os sentidos não têm passado e o conhecimento faz parte da ignorância, porque é sempre incompleto.»

Mary Links e Amanda estavam presentes, assim como Hamish Thompson e John Briggs. K, Mary, Amanda e eu tomámos café na nossa cozinha antes de um pequeno passeio às 17 horas. O Dr. Parchure pedira-me para observar os exercícios de K, o que K considerava desnecessário.

No dia vinte e sete fiz exercícios com K. Mais tarde, ele e eu seleccionámos as mais de noventa perguntas entregues para as discussões, e eu dactilografei as que escolheu. As notícias estavam cheias do atentado do IRA que matou Lord Mountbatten e um neto num barco, na Irlanda.[3]

No dia seguinte, K realizou a primeira discussão pública daquele ano em Brockwood, usando o novo formato de ler uma pergunta, responder-lhe e passar à seguinte. Tratou cinco perguntas nesse dia, e correu muito bem.

No dia vinte e nove houve uma reunião dos administradores da KFT com K, Dorothy, David Bohm, os Digby, Mary Cadogan, o Dr. Parchure e eu. Discutimos o que K queria que fizéssemos quanto a falar sobre os ensinamentos. A decisão foi falar apenas a partir da própria compreensão, deixando claro aos outros que se tratava apenas disso. As Fundações não são organizações espirituais e não possuem qualquer autoridade espiritual.

K deu a terceira conferência no dia primeiro de Setembro, não almoçou por ter o estômago indisposto, mas sentou-se com Mary e Joe enquanto tomávamos café na cozinha. Às 14h30 realizou-se uma reunião do comité de publicações, onde se decidiu não publicar, por enquanto, o restante das conversas K–Bohm, mas disponibilizá-las nos centros para leitura mediante pedido. Provisoriamente, o próximo livro publicado poderia ser sobre perguntas e respostas. K entrou às 17 horas para levar Dorothy e eu a passear.

As conferências de Brockwood terminaram no dia dois e, no dia quatro, Dorothy e eu levámos o Dr. Parchure a Heathrow para apanhar o voo para Bombaim. No dia cinco realizou-se o funeral de Mountbatten na Abadia de Westminster, transmitido pela televisão. Assisti na televisão de K enquanto ele lia um romance policial na cama, lançando ocasionalmente um olhar ao ecrã e fazendo comentários mordazes sobre como tudo aquilo era ridículo. A única coisa que via era a sua objecção à realeza. Eu achei comovente no sentido de representar algo profundamente entranhado nos modos e sentimentos britânicos, magnificamente expresso numa linguagem de forma que faz parte deste país, uma majestade da tradição perante a sordidez do mal do assassinato e um afecto pelo próprio homem, um cortejo de honra a um inglês invulgar. K não tinha qualquer apreço por aquilo, mas suportou que eu visse a transmissão com comentários ocasionais. Passeámos à tarde.

Voltámos a Londres no dia seis de Setembro. Olhando pela janela do comboio para os edifícios de escritórios, K abanou a cabeça:
— «Nunca conseguiria fazer aquilo, não conseguiria.»

Perguntei-lhe o que faria então.
— «Não sei», respondeu. «Outra coisa qualquer!»

Continuei:
— «E se não houvesse escolhas? E se estivesses no desemprego, ou fosses um negro de dezoito anos incapaz de arranjar trabalho?»

— «Faria alguma coisa. Sou um revolucionário.»

Joe foi buscar-nos e deixou-nos na Huntsman. K experimentou duas calças, fomos a pé até à Hatchards e depois juntámo-nos a Mary L. para almoçar no Fortnum. Discutiu-se o segundo volume da biografia, a questão de como ele se tornara aquilo que era. Disse que as hipóteses eram:

1. um fenómeno biológico;
2. um médium;
3. uma mente de maturação tardia.

Disse que, se fosse ele a escrever, consideraria tudo com muito cuidado; ou então seria algo diferente? Estaria com a pessoa, estudá-la-ia, interrogá-la-ia. Ele próprio descartaria a hipótese do fenómeno biológico e do médium. Disse que amadurecera muito tarde, realmente apenas aos sessenta e cinco anos! Depois disso, nunca mais toleraria o que Rajagopal e Rosalind fizeram. Tê-los-ia expulsado. Mary comentou que Rajagopal não percebera como K mudara e, por isso, atribuía os problemas a «más influências» — as minhas. Mais tarde fomos à Truefitt, onde K cortou o cabelo. Comprei café, queijos e chocolates para K, e Joe levou-nos de volta a Waterloo.

Nos dias seguintes, Krishnamurti ditou mais *Cartas às Escolas*, trabalhámos nos rododendros do Grove e passeámos. No dia onze de Setembro, após o ditado, contou-me que nessa manhã estivera sentado muito direito na cama, com a mente vazia, quando sentira
— «como se algo estivesse a entrar pela minha cabeça. Durou quase um minuto e não foi imaginação.»

À tarde fomos passear mais cedo do que habitualmente e depois Dorothy, K e eu fomos jantar ao Old House Hotel, em Wickham, sentindo-nos muito festivos. Encomendei previamente o nosso jantar vegetariano:

comemos uma salada elaborada, depois uma quiche de espinafres e tomates, batatas novas, feijão-verde da horta deles e, como sobremesa, K escolheu *crème brûlée* com um entusiasmo extraordinário e sem quaisquer efeitos desagradáveis. Regressámos às 21h30. Uma noite excelente.

No dia treze de Setembro, Krishnaji iniciou um seminário sobre:
— «O mundo está a tornar-se cada vez mais violento e desordenado. O que podemos fazer, enquanto seres humanos, para o mudar?»

Cerca de oitenta pessoas participaram. À tarde, K falou com David Bohm e comigo sobre a sugestão de Erna Lilliefelt de que reconsiderasse aceitar o Prémio Templeton. Continuava a sentir que seria errado aceitar um prémio pelo ensino. Falou também longamente sobre os problemas financeiros da KFA com a Escola Oak Grove. Continuou o seminário todos os dias, mas no dia dezassete mudou o tema para:
— «O que acontece quando não existe sentido de individualidade? O que é a ação sem atores?»

Nessa manhã dissera que uma sensação curiosa o invadira.
— «Senti-me como um rapaz novo.»

O sexto seminário, no dia dezoito de Setembro, encerrou o ciclo.

No dia vinte e um ditou uma longa carta para Erna acerca da escola de Ojai, do trabalho nos Estados Unidos e da sua contínua aversão a aceitar o Prémio Templeton. Continuámos o trabalho nos rododendros. No dia vinte e sete Jean-Michel Maroger chegou com a filha Daphné — ela para a escola e ele para ajudar numa discussão filmada em vídeo a realizar no dia seguinte entre K e Jean-Louis Dewez. Foi uma conversa de uma hora em que as perguntas eram feitas em francês e K respondia sobretudo em inglês. Jean-Michel traduziria as respostas para transmissão em França. À tarde gravaram uma segunda hora sobre educação.

No dia trinta de Setembro começou o período lectivo em Brockwood, e K falou sobre o verdadeiro sentido da escola; no dia seguinte falou sozinho com os estudantes. Voltou a fazê-lo no dia quatro de Outubro. Eu fui a reuniões do pessoal. No dia sete de Outubro, K falou a toda a escola e, à tarde, quando passeávamos com Whisper, disse:
— «Como temos sorte por viver neste lugar tão belo.»

Nos dias seguintes houve algumas viagens a Londres, motivadas pelo dentista de K, e no dia dezasseis Pama Patwardhan telefonou de Bangalore dizendo que o encontro de K em Benares fora cancelado devido à falta de electricidade e água. Os planos eram K seguir para Madrasta e depois para Rishi Valley.

No dia dezanove de Outubro, Mary L. veio passar o fim-de-semana connosco e, às 11 horas, ela, K e eu estávamos sentados à volta da mesa da cozinha para aprofundar as questões que Mary tinha para o segundo volume da biografia de K, que começaria assim que terminasse o livro de Lutyens sobre o pai dela. Eu estava a ler *The Lyttons in India*, recentemente publicado. K falou com Mary e comigo sobre material para a biografia, em particular sobre o facto de os ensinamentos serem para toda a gente. Mary percorreu muitos aspectos da vida dele, mas um esclarecimento importante foi K explicar novamente que, embora talvez tivesse nascido com um certo temperamento, aparentemente sem ego e livre da maioria das limitações humanas habituais, e embora tivesse passado pelo sofrimento do «processo», isso não significava que tivesse de ser igual para os outros. A partir do que quer que ele fosse, falara, e se alguém compreendesse isso, poderia ocorrer uma transformação. Falou-se muito sobre o «vazio» do rapaz e porque a adoração e tudo o resto não o corromperam. Tentámos perceber o que queria dizer com «sem memória». Ficou claro que tinha muito pouca memória no sentido habitual, mas parecia querer dizer «sem reação» mais do que uma ausência total. Também recordava episódios da sua vida por lhe terem sido contados por outras pessoas. À noite, Mary e eu conversámos longamente. Era bom tê-la connosco, e no dia seguinte K, ela e eu voltámos às questões da biografia. A linguagem dos primeiros tempos era teosófica, não necessariamente as crenças dele. Mais tarde encontrou a sua própria linguagem. Almoçámos na sala de jantar da Ala Oeste e depois passeámos pelos campos. David Bohm chegou à hora do jantar. Na manhã seguinte tivemos mais uma conversa sobre a vida de K, e depois Joe veio buscar Mary para regressar a Londres.

Voltámos a ver Mary no dia vinte e três de Outubro, quando almoçámos juntos em Londres, no Fortnum. Mary insistiu bastante em que, enquanto Radha Burnier permanecesse simultaneamente chefe da Secção Esotérica e administradora da KFI, especialmente numa altura em que Damodar Gardens e parte de Besant Gardens estavam arrendados à KFI

para uma escola, ninguém acreditaria que Krishnamurti não estava ligado à TS. K disse que discutiria o assunto na Índia e que não queria essa ligação na mente de ninguém. Entreguei a Mary as notas dactilografadas que tomara das conversas dela e de K em Brockwood acerca da biografia. A conversa durante o almoço desenvolveu ainda a ideia de que, na opinião de Mary, Rosalind e Rajagopal não se importavam se Krishnamurti vivia ou morria. K contou então um episódio novo para mim: Rosalind empurrara-o pelas escadas de cimento do pátio de Arya Vihara, deixando-o inconsciente. Parecia não haver fim para a fealdade a que fora submetido.

Dois dias depois recebeu uma carta de Mary voltando a questionar fortemente a permanência de Radha Burnier como administradora da KFI enquanto também chefiava a ES. K continuou a ditar *Cartas às Escolas*.

No dia vinte e seis de Outubro, K permaneceu na cama, almoçámos em tabuleiros e depois conduzi sob nevoeiro e chuva até East Dean para tomar chá com Phyl e Christopher Fry. Christopher veio ao carro receber-me, mostrando-me as alterações no jardim, florido de dálias, bocas-de-lobo e rosas. Phyl, querida como sempre, talvez estivesse um pouco mais abstraída, mas recordava todo o tipo de detalhes. Era a maneira dela que por vezes fazia parecer que falava de muito longe. Tinham novos quadros para me mostrar e planeavam ir a Viena na Primavera de 1981 para Christopher encenar *The Lady's Not For Burning*. Como sempre, senti uma profunda felicidade por estar com eles. As nossas tardes ocasionais, tomando chá junto à lareira, significavam muito para mim.

Regressei cuidadosamente pela chuva. Krishnaji insistira intensamente para que eu conduzisse com cuidado. Parecia querer-me cada vez mais vigilante.
— «Não faças nada desnecessário e tem cuidado.»

Às 20 horas Mary Cadogan telefonou. Erna ligara-lhe ao regressar do Canadá com Theo e recebera o texto de um livro de poemas de Krishnamurti que Rajagopal estava a preparar para publicação. Ficaram perturbados ao ver incluído *The Path* (1924), apesar de o acordo estipular que K não queria nada anterior a 1926 em novas edições; além disso, havia alterações «insanas» no texto — mudanças de sequência e palavras. Queriam uma carta de protesto do comité de publicações, caso K

concordasse. Ele estava ao meu lado enquanto Mary Cadogan me transmitia tudo isto e disse que não concordaria absolutamente com quaisquer alterações. Mary Cadogan telefonou imediatamente a Erna para lho dizer. Entretanto, parecia que Rajagopal soubera por Clayton Carlson, editor da Harper's, que Erna vira o texto e protestara. Rajagopal afirmava ter direito a editar. Erna respondeu que ele adulterara o texto, não tinha direito a mudar palavras, etc.
— «Estão a tentar frustrar-me. Teremos de consultar os nossos advogados», respondeu ele.

No dia seguinte, vinte e sete de Outubro, Krishnaji ditou uma carta a Rajagopal recusando autorização para quaisquer alterações. Ambos falámos também com Mary Links sobre este assunto e sobre a carta dela a K acerca da presença de Radha Burnier na administração da KFI e simultaneamente na ES.

Disse nessa manhã que as três últimas semanas de descanso tinham sido extraordinárias.
— «Algo extraordinário tem estado a acontecer. Não consigo descrevê-lo.»

Disse que precisava de se lembrar disso e voltar a fazê-lo no futuro. Fazer os exercícios de manhã, passar o resto do dia na cama, incluindo o almoço num tabuleiro, levantar-se apenas para um bom passeio e voltar depois para a cama parecia ser a receita. Ler, dormir, ver televisão — tudo isso parecia permitir-lhe relaxar e descansar a um nível mais profundo. Contudo, afirmou a certa altura que, assim que descansava verdadeiramente, a cabeça começava com as dores habituais. Ainda assim, vê-lo reconhecer e dizer como o descanso lhe fazia bem deixou-me feliz até às lágrimas.

Vinte e oito de Outubro. Havia geada no relvado, e o meu quarto estava a quinze graus. Mantinha o aquecedor eléctrico na casa de banho de K para o ligar às 6 da manhã e aquecer o espaço para o banho dele. No meu quarto acendi uma pequena lareira. Era agradável se nos sentássemos mesmo em frente dela, e K gostava quando vinha pedir-me ajuda para dois dos seus exercícios. Sentava-se enquanto eu lhe esticava os cotovelos por cima da cabeça e lhe puxava os braços para cima enquanto pressionava as costas dele com o meu joelho.

Falei com Mary L., que sugeriu que *The Path* talvez fosse aceitável para K, já que fora escrito em Ojai depois do início das suas experiências ali. Fui buscar um exemplar aos arquivos e entreguei-lho. Folheou algumas páginas e ouviu-me ler uma carta da biografia que escrevera a Lady Emily em 1922. Mais tarde li o livro inteiro — uma estranha e bela torrente de expressão. K concordou, e eu também, que poderia ser republicado desde que Rajagopal não alterasse qualquer texto. Telefonei a Mary Cadogan para lho dizer, para que ela informasse Erna quando esta ligasse. K almoçou no piso inferior com a escola. O horário de Verão terminara nessa manhã, por isso passeámos às 16 horas pelos campos. Estava frio e escureceu pouco depois do nosso regresso. A terra cheirava a Outono, a erva dos campos estava seca como cabelo; ouvimos o apito do Watercress Express, o comboio a vapor entre Alton e Alresford. Comecei a fazer as malas.

K descansou na cama no dia seguinte. Almoçámos em tabuleiros. Grande parte da manhã foi passada em conversas telefónicas com Mary L. acerca de Rajagopal, *The Path*, etc. K reviu o rascunho da carta a Rajagopal, que eu devia enviar a Erna e na qual afirmava que o acordo exigia ausência total de alterações ao texto e que, embora *The Path* tivesse sido escrito antes de 1926, talvez consentisse a sua republicação desde que não fosse alterada qualquer das suas palavras. Mary Cadogan soubera por Erna que R transformara *The Path* em formato de poema. Mary Links sugeriu que K me nomeasse responsável pelas decisões relativas a publicações durante a ausência dele dos Estados Unidos. K deu-me então uma carta escrita de nomeação.

No dia seguinte, trinta de Outubro, K pediu-me que anotasse para fazermos uma *Carta às Escolas* quando regressasse, sobre:
— «Quando a atenção é profunda, inclui tudo.»

Sugeri que escrevesse uma sobre o impulso humano para adorar — o que é? O dia estava cinzento e, embora a rouquidão de K tivesse desaparecido, era melhor não sair. Ele fez as malas, eu fiz as minhas e organizei com Edna Cleeve, a governanta, tudo o que precisava de ser tratado; continuei a arrumar, lavar roupa, passar a ferro e pôr tudo em ordem até terminar pelas 22 horas. K entrou, como sempre, antes de dormir para colocar as mãos sobre a minha cabeça e olhos — a delicada bênção do seu toque. Foi dormir às 20h30.

No dia seguinte levantei-me às 5 da manhã, preparei o nosso habitual chá de urtiga, esterilizei a loiça, como fazíamos diariamente, K fez os exercícios e eu também, preparando-me para as longas horas sentada no céu; tomei banho, vesti-me e tinha as malas prontas às 7h30. Também embalei dois grandes queijos cheddar para Krishnaji oferecer; a Índia, naquela época, não era propriamente rica em queijos. Tomámos o pequeno-almoço na cozinha. Ele vinha dizendo que eu devia ser extremamente cuidadosa, muito atenta ao conduzir. Perguntei-lhe se tinha a sensação de que eu iria sofrer um acidente. Respondeu que, enquanto estivesse com ele, nada aconteceria, mas que eu devia ter cuidado porque existia perigo para alguém muito próximo dele.
— «Onde há bem, o mal quer atingi-lo; não consegue tocar-lhe, mas tentará ferir quem lhe está próximo.»

Por isso eu devia manter-me vigilante e atenta. Ao pequeno-almoço disse:
— «Dedica quinze minutos por dia a sentares-te em silêncio, descobrindo o que é a atenção. Vai profundamente nisso.»

Entregou-me uma carta para ler durante o voo. O voo dele para Nova Deli, pela British Air, partiria às 13h45, com Dorothy e Doris a acompanhá-lo. O meu voo para Boston saía duas horas antes, e Ingrid ofereceu-se gentilmente para me levar no carro dela. Tudo o que pertencia a Krishnaji estava em ordem. Abençoou-me. Toda a minha vida com ele fora uma bênção. Algumas pessoas da escola estavam na entrada a despedirem-se, e Krishnamurti permanecia à janela da cozinha, no andar de cima, vestido com o roupão branco. Era uma dor lancinante deixá-lo.

O voo de K deveria chegar a Deli sem escalas, onde seria recebido por Pama e Pupul. Depois seguiriam para Madrasta, chegando por volta das 9h30 locais. O meu voo da TWA saiu apenas ligeiramente atrasado e, já no ar, pude ler a carta de K, como ele instruíra. Era curta e dizia tudo o que me importava. Escrevera:
— «Partir est un peu mourir. Sê extraordinariamente vigilante. Sê muito atenta ao conduzir. Esta atenção deve fluir do interior para o exterior. Que dia horrível. *Stia bene e sempre sia benedetta.*»[45]

Era como se a mão dele me tocasse, viesse comigo; aquele pedaço de papel transportava o seu cuidado e a sua bênção.

Ao aterrar em Boston às 14 horas, via-se lá em baixo a nova Biblioteca Kennedy, inaugurada dez dias antes. Foi um esforço transportar três malas até ao inspetor alfandegário. Havia apenas um carregador para todo o átrio, mas consegui que um taxista me ajudasse a chegar à Air New England, onde o meu irmão reservara um voo para Martha's Vineyard. Já estava escuro quando o pequeno avião fez escala em Nantucket e prosseguiu até Vineyard. A minha prima Lorna Livingston recebeu-me e instalou-me confortavelmente na sua pequena casa. Fui ver o meu padrasto, que estava acamado no andar de cima e tristemente mais deteriorado do que da última vez que o vira, dois anos antes. Estava quase cego e parecia apenas vagamente consciente, tal como o meu próprio pai nos últimos dias de vida. Lynn, uma enfermeira muito simpática, cuidava dele, e havia também uma jovem cozinheira e enfermeira suplente.

É aqui que Mary interrompeu o seu livro inacabado. Concluiu este capítulo em 2007, aos noventa e dois anos, tendo trabalhado diligentemente nesta obra desde pouco depois da morte de Krishnamurti, em 1986. Expressara como, ao longo dos anos, se tornara fisicamente difícil escrever (a visão a falhar-lhe, a perna doente a não suportar as cadeiras direitas de dactilografia), mas sentia-se satisfeita por tudo o que quisera dizer sobre a experiência de estar na presença de Krishnamurti ter sido expresso nas entrevistas connosco e nas leituras dos seus diários. Para ler essas entrevistas e leituras, consulte:

Este capítulo encerra o projeto de *In the Presence of Krishnamurti,* iniciado sem que o soubesse em Agosto de 1994.

---

**Notas:**

1. *Deva* — termo sânscrito usado nas tradições hindus e budistas para designar uma entidade divina ou espiritual.
2. Em francês: «Até ao próximo ano.»
3. Referência ao atentado do IRA de 27 de Agosto de 1979, que matou Lord Louis Mountbatten e membros da sua família.

4. Em francês: «Partir é morrer um pouco.»
5. Em italiano: «Esteja bem e seja sempre abençoada.»